﻿The Project Gutenberg EBook of O Primo Bazilio, by José Maria Eça de Queirós

This eBook is for the use of anyone anywhere at no cost and with

almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or

re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included

with this eBook or online at www.gutenberg.org

Title: O Primo Bazilio

Episodio Domestico

Author: José Maria Eça de Queirós

Release Date: June 13, 2013 [EBook #42942]

Language: Portuguese

\*\*\* START OF THIS PROJECT GUTENBERG EBOOK O PRIMO BAZILIO \*\*\*

Produced by Rita Farinha, Alberto Manuel Brandão Simões

and the Online Distributed Proofreading Team at

http://www.pgdp.net (This file was produced from images

generously made available by National Library of Portugal

(Biblioteca Nacional de Portugal).)

\*Nota de editor:\* Devido à existência de erros tipográficos neste

texto, foram tomadas várias decisões quanto à versão final. Em caso

de dúvida, a grafia foi mantida de acordo com o original. No final

deste livro encontrará a lista de erros corrigidos.

Rita Farinha (Junho 2013)

O PRIMO BAZILIO

PORTO: TYPOGRAPHIA DE A. J. DA SILVA TEIXEIRA

Rua da Cancella Velha, 70

[Figura: Assinatura]

EÇA DE QUEIROZ

O PRIMO BAZILIO

EPISODIO DOMESTICO

SEGUNDA EDIÇÃO, REVISTA

[Figura]

LIVRARIA INTERNACIONAL

DE

ERNESTO CHARDRON

Porto

EUGENIO CHARDRON

Braga

1878

Porto: 1878--Typ. do A. J. da Silva Teixeira, Cancella Velha, 62

O PRIMO BAZILIO

I

Tinham dado onze horas no \_cuco\_ da sala de jantar. Jorge fechou o

volume de Luiz Figuier que estivera folheando devagar, estirado na

velha \_voltaire\_ de marroquim escuro, espreguiçou-se, bocejou e disse:

--Tu não te vaes vestir, Luiza?

--Logo.

Ficára sentada á mesa, a lêr \_o Diario de Noticias\_, no seu roupão de

manhã de fazenda preta, bordado a \_soutache\_, com largos botões de

madreperola; o cabello louro um pouco desmanchado, com um tom secco do

calor do travesseiro, enrolava-se, torcido no alto da cabeça pequenina,

de perfil bonito; a sua pelle tinha a brancura tenra e lactea das

louras: com o cotovêlo encostado á mesa acariciava a orelha, e, no

movimento lento e suave dos seus dedos, dous anneis de rubis miudinhos

davam scintillações escarlates.

Tinham acabado d'almoçar.

A sala esteirada, alegrava, com o seu tecto de madeira pintado a

branco, o seu papel claro de ramagens verdes. Era em julho, um

domingo: fazia um grande calor; as duas janellas estavam cerradas, mas

sentia-se fóra o sol faiscar nas vidraças, escaldar a pedra da varanda;

havia o silencio recolhido e somnolento de manhã de missa; uma vaga

\_quebreira\_ amollentava, trazia desejos de séstas, ou de sombras fôfas

debaixo d'arvoredos, no campo, ao pé d'agua; nas duas gaiolas, entre

as bambinellas de cretone azulado, os canarios dormiam; um zumbido

monotono de moscas arrastava-se por cima da mesa, pousava no fundo das

chavenas sobre o assucar mal derretido, enchia toda a sala d'um rumor

dormente.

Jorge enrolou um cigarro, e muito repousado, muito fresco na sua camisa

de chita, sem collete, o jaquetão de flanella azul aberto, os olhos

no tecto, pôz-se a pensar na sua jornada ao Alemtejo. Era engenheiro

de minas, no dia seguinte devia partir para Beja, para Evora, mais

para o sul até S. Domingos; e aquella jornada, em julho, contrariava-o

como uma interrupção, affligia-o como uma injustiça. Que massada

por um verão d'aquelles! Ir dias e dias sacudido pelo chouto d'um

cavallo d'aluguel, por esses descampados do Alemtejo que não acabam

nunca, cobertos d'um rastolho escuro, abafados n'um sol baço, onde os

moscardos zumbem! Dormir nos montados, em quartos que cheiram a tijolo

cozido, ouvindo em redor, na escuridão da noite torrida, grunhir as

varas dos porcos! A todo o momento sentir entrar pelas janellas, passar

no ar o bafo quente das queimadas! E só!

Tinha estado até então no ministerio, em commissão. Era a primeira vez

que se separava de Luiza; e perdia-se já em saudades d'aquella salinha,

que elle mesmo ajudára a forrar de papel novo nas vesperas do seu

casamento, e onde, depois das felicidades da noite, os seus almoços se

prolongavam em tão suaves preguiças!

E cofiando a barba curta e fina, muito frisada, os seus olhos iam-se

demorando, com uma ternura, n'aquelles moveis intimos, que eram do

tempo da mamã: o velho guarda-louça envidraçado, com as pratas muito

tratadas a gesso-cré, resplandecendo decorativamente; o velho painel a

oleo, tão querido, que vira desde pequeno, onde apenas se percebiam,

n'um fundo lascado, os tons avermelhados de cobre d'um bojo de

cassarola e os rosados desbotados d'um mólho de rabanetes! Defronte, na

outra parede, era o retrato de seu pai: estava vestido á moda de 1830,

tinha a physionomia redonda, o olho luzidio, o beiço sensual; e sobre a

sua casaca abotoada reluzia a commenda de Nossa Senhora da Conceição.

Fôra um antigo empregado do ministerio da fazenda, muito divertido,

grande tocador de flauta. Nunca o conhecera, mas a mamã affirmava-lhe

«que o retrato só lhe faltava fallar». Vivera sempre n'aquella casa com

sua mãi. Chamava-se Isaura: era uma senhora alta, de nariz afilado,

muito apprehensiva; bebia ao jantar agua quente; e ao voltar um dia do

lausperenne da Graça, morrera de repente, sem um ai!

Physicamente Jorge nunca se parecera com ella. Fôra sempre robusto,

d'habitos viris. Tinha os dentes admiraveis de seu pai, os seus hombros

fortes.

De sua mãi herdára a placidez, o genio manso. Quando era estudante

na Polytechnica, ás 8 horas recolhia-se, accendia o seu candieiro

de latão, abria os seus compendios. Não frequentava botequins, nem

fazia noitadas. Só duas vezes por semana, regularmente, ia vêr uma

rapariguita costureira, a Euphrasia, que vivia ao Borratem, e nos dias

em que o Brazileiro, o seu homem, ia jogar o boston ao club, recebia

Jorge com grandes cautelas e palavras muito exaltadas; era engeitada,

e no seu corpinho fino e magro havia sempre o cheiro relentado d'uma

pontinha de febre. Jorge achava-a \_romanesca\_, e censurava-lh'o. Elle,

nunca fôra sentimental: os seus condiscipulos, que liam Alfred de

Musset suspirando e desejavam ter amado Margarida Gautier, chamavam-lhe

\_proseirão, burguez\_: Jorge ria; não lhe faltava um botão nas camisas,

era muito escarolado, admirava Luiz Figuier, Bastiat e Castilho, tinha

horror a dividas, e sentia-se feliz.

Quando sua mãi morreu, porém, começou a achar-se só: era no inverno,

e o seu quarto nas trazeiras da casa, ao sul, um pouco desamparado,

recebia as rajadas do vento na sua prolongação uivada e triste;

sobretudo á noite, quando estava debruçado sobre o compendio, os pés no

capacho, vinham-lhe melancolias languidas; estirava os braços, com o

peito cheio d'um desejo; quereria enlaçar uma cinta fina e dôce, ouvir

na casa o frou-frou d'um vestido! Decidiu casar. Conheceu Luiza, no

verão, á noite, no Passeio. Apaixonou-se pelos seus cabellos louros,

pela sua maneira d'andar, pelos seus olhos castanhos muito grandes. No

inverno seguinte foi despachado, e casou. Sebastião, o seu intimo, o

bom Sebastião, o Sebastiarrão, tinha dito, com uma oscillação grave da

cabeça, esfregando vagarosamente as mãos:

--Casou no ar! casou um bocado no ar!

Mas Luiza, a Luizinha, sahiu muito boa dona de casa: tinha cuidados

muito sympathicos nos seus arranjos; era aceada, alegre como um

passarinho, como um passarinho amiga do ninho e das caricias do macho:

e aquelle serzinho louro e meigo veio dar á sua casa um encanto serio.

--É um anjinho cheio de dignidade!--dizia então Sebastião, o bom

Sebastião, com a sua voz profunda de \_basso\_.

Estavam casados havia tres annos. Que bom que tinha sido! Elle proprio

melhorára; achava-se mais intelligente, mais alegre... E recordando

aquella existencia facil e dôce, soprava o fumo do charuto, a perna

traçada, a alma dilatada, sentindo-se tão bem na vida como no seu

jaquetão de flanella!

--Ah!--fez Luiza de repente, toda admirada para o jornal, sorrindo.

--Que é?

--É o primo Bazilio que chega!

E leu alto, logo:

«Deve chegar por estes dias a Lisboa, vindo de Bordeus, o snr. Bazilio

de Brito, bem conhecido da nossa sociedade. S. exc.^a que, como é

sabido, tinha partido para o Brazil, onde se diz reconstituira a sua

fortuna com um honrado trabalho, anda viajando pela Europa desde o

começo do anno passado. A sua volta á capital é um verdadeiro jubilo

para os amigos de s. exc.^a que são numerosos».

--E são!--disse Luiza, muito convencida.

--Estimo, coitado!--fez Jorge, fumando, anediando a barba com a palma

da mão.--E vem com fortuna, hein?

--Parece.

Olhou os annuncios, bebeu um gole de chá, levantou-se, foi abrir uma

das portadas da janella.

--Oh Jorge, que calor que lá vai fóra, santo Deus!--Batia as palpebras

sob a radiação da luz crua e branca.

A sala, nas trazeiras da casa, dava para um terreno vago, cercado d'um

taboado baixo, cheio d'hervas altas e d'uma vegetação d'acaso; aqui,

alli, n'aquella verdura crestada do verão, largas pedras faiscavam,

batidas do sol perpendicular; e uma velha figueira brava, isolada

no meio do terreno, estendia a sua grossa folhagem immovel, que, na

brancura da luz, tinha os tons escuros do bronze. Para além eram as

trazeiras d'outras casas, com varandas, roupas seccando em cannas,

muros brancos de quintaes, arvores esguias. Uma vaga poeira embaciava,

tornava espesso o ar luminoso.

--Cahem os passaros!--disse ella cerrando a janella.--Olha tu pelo

Alemtejo, agora!

Veio encostar-se á \_voltaire\_ de Jorge, passou-lhe lentamente a

mão sobre o cabello preto e annelado. Jorge olhou-a, triste já da

separação: os dous primeiros botões do seu roupão estavam desapertados;

via-se o começo do peito de uma brancura muito tenra, a rendinha da

camisa: muito castamente Jorge abotoou-lh'os.

--E os meus colletes brancos?--disse.

--Devem estar promptos.

Para se certificar chamou Juliana.

Houve um ruido domingueiro de saias engommadas, Juliana entrou,

arranjando nervosamente o collar e o broche. Devia ter quarenta

annos, era muitissimo magra. As feições, miudas, espremidas, tinham a

amarellidão de tons baços das doenças de coração. Os olhos grandes,

encovados, rolavam n'uma inquietação, n'uma curiosidade, raiados de

sangue, entre palpebras sempre debruadas de vermelho. Usava uma cuia de

retroz imitando tranças, que lhe fazia a cabeça enorme. Tinha um \_tic\_

nas azas do nariz. E o vestido chato sobre o peito, curto da roda,

tufado pela gomma das saias--mostrava um pé pequeno, bonito, muito

apertado em botinas de duraque com ponteiras de verniz.

Os colletes não estavam promptos, disse com uma voz muito lisboeta, não

tivera tempo de os metter em gomma.

--Tanto lhe recommendei, Juliana!--disse Luiza.--Bem, vá. Veja como se

arranja! Os colletes hão-de ficar á noite na mala!

E apenas ella sahiu:

--Estou a tomar odio a esta creatura, Jorge!

Ha dous mezes que a tinha em casa, e não se podera acostumar á sua

fealdade, aos seus tregeitos, á maneira aflautada de dizer \_chapieu\_,

\_tisoiras\_, de arrastar um pouco os \_rr\_, ao ruido dos seus tacões que

tinham laminasinhas de metal: ao domingo, a cuia, o pretencioso do pé,

as luvas de pellica preta arripiavam-lhe os nervos.

--Que antipathica!

Jorge ria:

--Coitada, é uma pobre de Christo!--E depois que engommadeira

admiravel! No ministerio examinavam com espanto os seus peitilhos!--O

Julião diz bem, eu não ando engommado, ando esmaltado! Não é

sympathica, não, mas é aceada, é apropositada...

E levantando-se, com as mãos nos bolsos das suas largas calças de

flanella:

--E, emfim, minha filha, a maneira como ella se portou na doença da tia

Virginia... Foi um anjo para ella!--Repetiu com solemnidade:--De dia,

de noite, foi um anjo para ella! Estamos-lhe em divida, minha filha!--E

começou a enrolar um cigarro, com a physionomia muito séria.

Luiza, calada, fazia saltar com a pontinha da chinella a orla do

roupão; e examinando fixamente as unhas, a testa um pouco franzida,

poz-se a dizer:

--Mas emfim, se eu embirro com ella, não me importa, posso bem mandal-a

embora.

Jorge parou, e raspando um phosphoro na sola do sapato:

--Se eu consentir, minha rica. É que é uma questão de gratidão, para

mim!

Ficaram calados. O \_cuco\_ cantou meio dia.

--Bem, vou á vida--disse Jorge. Chegou-se ao pé d'ella, tomou-lhe a

cabeça entre as mãos.

--Viborasinha!--murmurou, fitando-a muito meigamente.

Ella riu. Ergueu para elle os seus magnificos olhos castanhos,

luminosos e meigos. Jorge enterneceu-se, poz-lhe sobre as palpebras

dous beijos chilreados. E torcendo-lhe o beicinho, com uma meiguice:

--Queres alguma cousa de fóra, amor?

Que não viesse muito tarde.

Ia deixar uns bilhetes, ia n'uma tipoia, era um pulo...

E sahiu, feliz, cantando com a sua boa voz de barytono:

Dio del oro,

Del mondo signor.

La la ra, la ra.

Luiza espreguiçou-se. Que sécca ter de se ir vestir! Desejaria estar

n'uma banheira de marmore côr de rosa, em agua tepida, perfumada,

e adormecer! Ou n'uma rede de sêda, com as janellas cerradas,

embalar-se, ouvindo musica! Sacudiu a chinellinha: esteve a olhar

muito amorosamente o seu pé pequeno, branco como leite, com veias

azues, pensando n'uma infinidade de cousinhas:--em meias de sêda que

queria comprar, no farnel que faria a Jorge para a jornada, em tres

guardanapos que a lavadeira perdera...

Tornou a espreguiçar-se. E saltando na ponta do pé descalço, foi buscar

ao aparador por detraz d'uma compota um livro um pouco enxovalhado,

veio estender-se na \_voltaire\_, quasi deitada, e, com o gesto

acariciador e amoroso dos dedos sobre a orelha, começou a lêr, toda

interessada.

Era a \_Dama das Camelias\_. Lia muitos romances; tinha uma assignatura,

na Baixa, ao mez. Em solteira, aos 18 annos, enthusiasmára-se por

Walter-Scott e pela Escocia; desejára então viver n'um d'aquelles

castellos escocezes, que teem sobre as ogivas os brazões da \_clan\_,

mobilados com arcas gothicas e tropheus d'armas, forrados de largas

tapecerias, onde estão bordadas legendas heroicas, que o vento do

lago agita e faz viver: e amára Ervandálo, Morton e Ivanhoé, ternos

e graves, tendo sobre o gorro a penna d'aguia, presa ao lado pelo

cardo d'Escocia d'esmeraldas e diamantes. Mas agora era o \_moderno\_

que a captivava, Paris, as suas mobilias, as suas sentimentalidades.

Ria-se dos trovadores, exaltára-se por Mr. de Camors; e os homens

ideaes appareciam-lhe de gravata branca, nas hombreiras das salas de

baile, com um magnetismo no olhar, devorados de paixão, tendo palavras

sublimes. Havia uma semana que se interessava por Margarida Gautier: o

seu amor infeliz dava-lhe uma melancolia ennevoada: via-a alta e magra,

com o seu longo chale de cachemira, os olhos negros cheios da avidez da

paixão e dos ardores da tisica; nos nomes mesmo do livro--Julia Duprat,

Armando, Prudencia, achava o sabor poetico d'uma vida intensamente

amorosa; e todo aquelle destino se agitava, como n'uma musica triste,

com ceias, noites delirantes, afflicções de dinheiro, e dias de

melancolia no fundo d'um coupé, quando nas avenidas do Bois, sob um céo

pardo e elegante, silenciosamente cahem as primeiras neves.

--Até logo, Zizi--gritou Jorge do corredor, ao sahir.

--Olha!

Elle veio, com a bengala debaixo do braço, apertando as luvas.

--Não appareças muito tarde, hein? Escuta, traze-me uns bolos do

Baltresqui para a D. Felicidade. Ouve. Vê se passas pela madame

François que me mande o chapéo. Escuta.

--Que mais, bom Deus?

--Ah! não! Era para ires pelo livreiro que me mande mais romances...

Mas está fechado!

Foi com duas lagrimas a tremer-lhe nas palpebras que acabou as paginas

da \_Dama das Camelias\_. E estendida na \_voltaire\_, com o livro cahido

no regaço, fazendo recuar a pellicula das unhas, pôz-se a cantar

baixinho, com ternura, a aria final da \_Traviata\_:

Addio, del passato...

Lembrou-lhe de repente a noticia do jornal, a chegada do primo

Bazilio...

Um sorriso vagaroso dilatou-lhe os beicinhos vermelhos e cheios.--Fôra

o seu primeiro namoro, o primo Bazilio! Tinha ella então 18 annos!

Ninguem o sabia, nem Jorge, nem Sebastião...

De resto fôra uma criancice: ella mesmo, ás vezes, ria, recordando

as pieguices ternas d'então, certas lagrimas exageradas! Devia estar

mudado o primo Bazilio. Lembrava-se bem d'elle--alto, delgado, um

ar fidalgo, o pequenino bigode preto levantado, o olhar atrevido, e

um geito de metter as mãos nos bolsos das calças fazendo tilintar

o dinheiro e as chaves! \_Aquillo\_ começára em Cintra, por grandes

partidas de bilhar muito alegres, na quinta do tio João de Brito,

em Collares. Bazilio tinha chegado então d'Inglaterra: vinha muito

\_bife\_, usava gravatas escarlates passadas n'um annel d'ouro, fatos

de flanella branca, espantava Cintra! Era na sala de baixo pintada a

oca, que tinha um ar antigo e morgado; uma grande porta envidraçada

abria para o jardim, sobre tres degraus de pedra. Em roda do repuxo

havia romanzeiras, onde elle apanhava flôres escarlates. A folhagem

verde-escura e polida dos arbustos de camelias fazia ruasinhas

sombrias; pedaços de sol faiscavam, tremiam na agua do tanque; duas

rôlas, n'uma gaiola de vime, arrulhavam dôcemente;--e, no silencio

aldeão da quinta, o ruido secco das bolas de bilhar tinha um tom

aristocratico.

Depois, vieram todos os episodios classicos dos amores lisboetas

passados em Cintra: os passeios em Sitiaes ao luar, devagar,

sobre a relva pallida, com grandes descanços calados no Penedo da

Saudade, vendo o valle, as arêas ao longe, cheias d'uma luz saudosa,

idealisadora e branca; as séstas quentes, nas sombras da Penha Verde,

ouvindo o rumor fresco e gottejante das aguas que vão de pedra em

pedra; as tardes na varzea de Collares, remando n'um velho bote, sobre

a agua escura da sombra dos freixos,--e que risadas quando iam encalhar

nas hervagens altas, e o seu chapéo de palha se prendia aos ramos

baixos dos choupos!

Sempre gostára muito de Cintra! Logo ao entrar os arvoredos escuros e

murmurosos do Ramalhão lhe davam uma melancolia feliz!

Tinham muita liberdade, ella e o primo Bazilio. A mamã, coitadinha,

toda scismatica, com rheumatismo, egoista, deixava-os, sorria,

dormitava: Bazilio era rico, então, chamava-lhe tia Jójó, trazia-lhe

cartuchos de dôce...

Veio o inverno, e aquelle amor foi-se abrigar na velha sala forrada

de papel \_sangue-de-boi\_ da rua da Magdalena. Que bons serões alli! A

mamã resonava baixo, com os pés embrulhados n'uma manta, o volume da

\_Bibliotheca das Damas\_ cahido sobre o regaço. E elles, muito chegados,

muito felizes no sophá! O \_sophá\_! Quantas recordações! Era estreito e

baixo, estofado de casimira clara, com uma tira ao centro, bordada por

ella, amores perfeitos amarellos e roxos sobre um fundo negro. Um dia

veio o \_final\_. João de Brito, que fazia parte da firma Bastos & Brito,

falliu. A casa d'Almada, a quinta de Collares foram vendidas.

Bazilio estava pobre, partiu para o Brazil. Que saudades! Passou

os primeiros dias sentada no sophá querido, soluçando baixo, com a

photographia d'elle entre as mãos. Vieram então os sobresaltos das

cartas esperadas, os recados impacientes ao escriptorio da Companhia,

quando os paquetes tardavam...

Passou um anno. Uma manhã, depois d'um grande silencio de Bazilio,

recebeu da Bahia uma longa carta, que começava: «Tenho pensado muito e

entendo que devemos considerar a nossa inclinação como uma criancice...»

Desmaiou logo. Bazilio affectava muita dôr em duas laudas cheias

d'explicações: que estava ainda pobre; que teria de luctar muito antes

de ter para dous; o clima era horrivel; não a queria sacrificar, pobre

anjo; chamava-lhe minha «pomba» e assignava o seu nome todo, com uma

firma complicada.

Viveu triste durante mezes. Era no inverno; e sentada á janella, por

dentro dos vidros, com o seu bordado de lã, julgava-se desilludida,

pensava no convento, seguindo com um olhar melancolico os guarda-chuvas

gottejantes que passavam sob as cordas d'agua; ou sentando-se ao piano,

ao anoitecer, cantava Soares de Passos:

Ai! adeus, acabaram-se os dias

Que ditoso vivi a teu lado...

ou o final da \_Traviata\_, ou o fado do Vimioso, muito triste, que elle

lhe ensinára.

Mas então o catarrho da mamã aggravou-se; vieram os sustos, as noites

veladas. Na convalescença foram para Bellas: ligou-se alli muito com

as Cardosos, duas irmãs magras, estouvadas e esguias, sempre colladas

uma á outra, com um passinho trotado e secco, como um casal de galgos.

O que riam, Jesus! O que fallavam dos homens! Um tenente de artilheria

tinha-se apaixonado por ella. Era vesgo, mandou-lhe uns versos, \_Ao

Lyrio de Bellas\_:

Sobre a encosta da collina

Cresce o lyrio virginal...

Foi um tempo muito alegre, cheio de consolações.

Quando voltaram no inverno tinha engordado, trazia boas côres. E um

dia, tendo achado n'uma gaveta uma photographia que logo ao principio

Bazilio lhe mandára da Bahia, de calça branca e chapéo \_panamá\_,

fitou-a, encolhendo os hombros:

--E o que eu me ralei por esta figura! Que tôla!

Tinham passado tres annos quando conheceu Jorge. Ao principio não lhe

agradou. Não gostava dos homens barbados: depois percebeu que era a

primeira barba, fina, rente, muito macia de certo; começou a admirar

os seus olhos, a sua frescura. E sem o amar, sentia ao pé d'elle como

uma fraqueza, uma dependencia e uma quebreira, uma vontade d'adormecer

encostada ao seu hombro, e de ficar assim muitos annos, confortavel,

sem receio de nada. Que sensação quando elle lhe disse: Vamos casar,

hein! Viu de repente o rosto barbado, com os olhos muito luzidios,

sobre o mesmo travesseiro, ao pé do seu! Fez-se escarlate. Jorge

tinha-lhe tomado a mão: ella sentia o calor d'aquella palma larga

penetral-a, tomar posse d'ella: disse que \_sim\_, ficou como idiota,

e sentia debaixo do vestido de merino dilatarem-se dôcemente os seus

seios. Estava noiva, emfim! Que alegria, que descanço para a mamã!

Casaram ás oito horas, n'uma manhã de nevoeiro. Foi necessario

accender luz para lhe pôr a corôa e o véo de tulle. Todo aquelle dia

lhe apparecia como ennevoado, sem contornos, á maneira d'um sonho

antigo--onde destacava a cara balofa e amarellada do padre, e a figura

medonha d'uma velha, que estendia a mão adunca, com uma sofreguidão

colerica, empurrando, rogando pragas, quando, á porta da igreja,

Jorge commovido distribuia patacos. Os sapatos de setim apertavam-na.

Sentira-se enjoada da madrugada, fôra necessario fazer-lhe chá verde

muito forte. E tão cançada á noite n'aquella casa nova, depois de

desfazer os seus bahus!--Quando Jorge apagou a véla, com um sopro

tremulo, SS luminosos faiscavam, corriam-lhe diante dos olhos.

Mas era o seu marido, era novo, era forte, era alegre: pôz-se a

adoral-o. Tinha uma curiosidade constante da sua pessoa e das suas

cousas, mexia-lhe no cabello, na roupa, nas pistolas, nos papeis.

Olhava muito para os maridos das outras, comparava, tinha orgulho

n'elle. Jorge envolvia-a em delicadezas d'amante, ajoelhava-se

aos seus pés, era muito \_dengueiro\_. E sempre de bom humor, com

muita graça: mas nas cousas da sua profissão ou do seu brio tinha

severidades exageradas, e punha então nas palavras, nos modos uma

solemnidade carrancuda. Uma amiga d'ella romanesca, que via em tudo

dramas, tinha-lhe dito: é homem para te dar uma punhalada. Ella que

não conhecia ainda então o temperamento placido de Jorge acreditou,

e isso mesmo creou uma exaltação no seu amor por elle. Era o seu

\_tudo\_,--a sua força, o seu fim, o seu destino, a sua religião, o

seu homem!--Pôz-se a pensar, o que teria succedido se tivesse casado

com o primo Basilio. Que desgraça, hein! Onde estaria? Perdia-se em

supposições d'outros destinos, que se desenrolavam, como pannos de

theatro: via-se no Brazil, entre coqueiros, embalada n'uma rede,

cercada de negrinhos, vendo voar papagaios!

--Está alli a snr.^a D. Leopoldina--veio dizer Juliana.

Luiza ergueu-se surprehendida.

--Hein? A snr.^a D. Leopoldina? Para que mandou entrar?

Poz-se a abotoar á pressa o roupão. Jesus! Olha se Jorge soubesse! Elle

que lhe tinha dito tantas vezes «que a não queria em casa!» Mas se já

estava na sala, agora, coitada!

--Está bom, diga-lhe que já vou.

Era a sua intima amiga. Tinham sido visinhas, em solteiras, na rua

da Magdalena, e estudado no mesmo collegio, á Patriarchal, na Rita

Pessoa, a côxa. Leopoldina era a filha unica do visconde de Quebraes,

o devasso, o cachetico, que fôra pagem de D. Miguel. Tinha feito

um casamento infeliz com um João Noronha, empregado da alfandega.

Chamavam-lhe a «Quebraes»; chamavam-lhe tambem a «Pão e queijo».

Sabia-se que tinha amantes, dizia-se que tinha vicios. Jorge odiava-a.

E dissera muitas vezes a Luiza: Tudo, menos a Leopoldina!

Leopoldina tinha então vinte e sete annos. Não era alta, mas passava

por ser a mulher mais bem feita de Lisboa. Usava sempre os vestidos

muito collados, com uma justeza que accusava, modelava o corpo como uma

pellica, sem largueza de roda, apanhados atraz. Dizia-se d'ella, com

os olhos em alvo: é uma estatua, é uma Venus! Tinha hombros de modêlo,

d'uma redondeza descahida e cheia; sentia-se nos seus seios, mesmo

através do corpete, o desenho rijo e harmonioso de duas bellas metades

de limão; a linha dos quadris rica e firme, certos quebrados vibrantes

de cintura faziam voltar os olhares accesos dos homens. A cara era um

pouco grosseira; as asas do nariz tinham uma dilatação carnuda; na

pelle, muito fina, d'um trigueiro quente e córado, havia signaesinhos

desvanecidos d'antigas bexigas. A sua belleza eram os olhos, d'uma

negrura intensa, afogados n'um fluido, muito \_quebrados\_, com grandes

pestanas.

Luiza veio para ella com os braços abertos, beijaram-se muito. E

Leopoldina, sentada no sophá, enrolando devagarinho a sêda clara

do guarda-sol, começou a queixar-se: Tinha estado adoentada, muito

seccada, com tonturas. O calor matava-a. E que tinha ella feito?

Achava-a mais gorda.

Como era um pouco curta de vista, para se affirmar piscava ligeiramente

os olhos, descerrando os beiços gordinhos, d'um vermelho calido.

--A felicidade dá tudo, até boas côres!--disse, sorrindo.

O que a trazia era perguntar-lhe a morada da franceza que lhe fazia os

chapéos. E ha tanto tempo que a não via, já tinha saudades, tambem!

--Mas não imaginas! Que calor! Venho morta.

E deixou-se cahir sobre a almofada do sophá, encalmada, com um sorriso

aberto, mostrando os dentes brancos e grandes.

Luiza disse-lhe a morada da franceza, gabou-lh'a; era barateira e

tinha bom gosto. Como a sala estava escura foi entre-abrir um pouco

as portadas da janella. Os estofos das cadeiras e as bambinellas eram

de reps verde-escuro; o papel e o tapete com desenhos de ramagens

tinham o mesmo tom, e n'aquella decoração sombria destacavam muito--as

molduras douradas e pesadas de duas gravuras (a \_Medea\_ de Delacroix e

a \_Martyr\_ de Delaroche), as encadernações escarlates dos dois vastos

volumes do Dante de G. Doré, e entre as janellas o oval d'um espelho

onde se reflectia um napolitano de \_biscuit\_ que, na console, dançava a

\_tarantella\_.

Por cima do sophá pendia o retrato da mãi de Jorge, a oleo. Estava

sentada, vestida ricamente de preto, direita no seu corpete

espartilhado e secco: uma das mãos, d'um livido morto, pousava nos

joelhos sobrecarregada d'anneis; a outra perdia-se entre as rendas

muito trabalhadas d'um mantelete de setim; e aquella figura longa,

macilenta, com grandes olhos carregados de negro, destacava sobre uma

cortina escarlate, corrida em pregas copiosamente quebradas, deixando

vêr para além céos azulados e redondezas d'arvoredos.

--E teu marido?--perguntou Luiza, vindo sentar-se muito junto de

Leopoldina.

--Como sempre. Pouco divertido--respondeu, rindo. E, com um ar serio, a

testa um pouco franzida:--Sabes que acabei com o Mendonça?

Luiza fez-se ligeiramente vermelha.

--Sim?

Leopoldina deu logo detalhes.

Era muito indiscreta, fallava muito de si, das suas sensações, da

sua alcova, das suas contas. Nunca tivera segredos para Luiza; e na

sua necessidade de fazer confidencias, de gozar a admiração d'ella,

descrevia-lhe os seus amantes, as opiniões d'elles, as maneiras

d'amar, os \_tics\_, a roupa, com grandes exagerações! Aquillo era

sempre muito picante, cochichado ao canto d'um sophá, entre risinhos:

Luiza costumava escutar, toda interessada, as maçãs do rosto um pouco

envergonhadas, pasmada, saboreando, com um arzinho beato. Achava tão

curioso!

--D'esta vez é que bem posso dizer que me enganei, minha rica

filha!--exclamou Leopoldina erguendo os olhos desoladamente.

Luiza riu.

--Tu enganas-te quasi sempre!

Era verdade! Era infeliz!

--Que queres tu? De cada vez imagino que é uma paixão, e de cada vez me

sahe uma massada!

E picando o tapete com a ponta da sombrinha:

--Mas se um dia acerto!

--Vê se acertas--disse Luiza.--Já é tempo!

Ás vezes na sua consciencia achava Leopoldina «indecente»; mas tinha

um fraco por ella: sempre admirára muito a belleza do seu corpo, que

quasi lhe inspirava uma attracção physica. Depois desculpava-a: era tão

infeliz com o marido! Ia atraz da Paixão, coitada! E aquella grande

palavra, faiscante e mysteriosa, d'onde a felicidade escorre como a

agua d'uma taça muito cheia, satisfazia Luiza como uma justificação

sufficiente: quasi lhe parecia uma heroina; e olhava-a com espanto como

se consideram os que chegam d'alguma viagem maravilhosa e difficil,

d'episodios excitantes. Só não gostava de certo cheiro de tabaco

misturado de \_feno\_, que trazia sempre nos vestidos. Leopoldina fumava.

--E que fez elle, o Mendonça?

Leopoldina encolheu os hombros, com um grande tedio:

--Escreveu-me uma carta muito tôla, que a final bem considerado era

melhor que acabasse tudo, porque não estava para se metter em camisa

d'onze varas! Que imbecil! Até devo ter aqui a carta.

Procurou na algibeira do vestido: tirou o lenço, uma carteirinha,

chaves, uma caixinha de pó de arroz; mas encontrou apenas um programma

do \_Price\_.

Fallou então do circo.--Uma semsaboria. O melhor era um rapaz que

trabalhava no trapezio. Lindo rapaz, bem feito, uma perfeição!

E de repente:

--Então teu primo Bazilio chega?

--Assim li hoje no \_Diario de Noticias\_. Fiquei pasmada!

--Ah! outra cousa que te queria perguntar antes que me esqueça. Com que

guarneceste tu aquelle teu vestido de xadrezinho azul? Vou mandar fazer

um assim.

Tinha-o guarnecido d'azul tambem, um azul mais escuro.--Vem vêr. Vem cá

dentro.

Entraram no quarto. Luiza foi descerrar a janella, abrir o

guarda-vestidos. Era um quarto pequeno, muito fresco, com \_cretones\_

d'um azul pallido. Tinha um tapete barato, de fundo branco, com

desenhos azulados. O toucador, alto, estava entre as duas janellas,

sob um docel de renda grossa, muito ornado de frascos facetados. Entre

as bambinellas, em mesas redondas de pé de gallo, plantas espessas,

Begonias, Makoamas, dobravam decorativamente a sua folhagem rica e

forte, em vasos de barro vermelho vidrado.

Aquelles arranjos confortaveis lembraram de certo a Leopoldina

felicidades tranquillas. Pôz-se a dizer devagar, olhando em roda:

--E tu, sempre muito apaixonada por teu marido, hein? Fazes bem, filha,

tu é que fazes bem!

Foi defronte do toucador, applicar pó d'arroz no pescoço, nas faces:

--Tu é que fazes bem!--repetia--Mas vá lá uma mulher prender-se a um

homem como o meu!

Sentou-se na \_causeuse\_ com um ar muito abandonado; vieram as queixas

habituaes sobre seu marido: era tão grosseiro! era tão egoista!

--Acreditarás que ha tempos para cá, se não estou em casa ás quatro

horas, não espera, põe-se á mesa, janta, deixa-me os restos! E depois

desleixado, enxovalhado, sempre a cuspir nas esteiras... O quarto

d'elle--nós temos dous quartos, como tu sabes--é um chiqueiro!

Luiza disse com severidade:

--Que horror! A culpa tambem é tua.

--Minha!--e endireitou-se, luziam-lhe os olhos, mais largos, mais

negros.--Não me faltava mais nada senão occupar-me do quarto do homem!

Ah! era muito desgraçada, era a mulher mais desgraçada que havia no

mundo!

--Nem ciumes tem, o bruto!

Mas Juliana entrou, tossiu, e arranjando ainda o collar e o broche:

--A senhora sempre quer que engomme os colletes todos?

--Todos, já lhe disse. Hão-de ficar á noite na mala antes de se ir

deitar.

--Que mala? Quem parte?--perguntou Leopoldina.

--O Jorge. Vai ás minas, ao Alemtejo.

--Então estás só, posso vir vêr-te! Ainda bem!

E sentou-se logo ao pé d'ella, com um olhar que se fizera dôce.

--É que tenho tanto que te contar! Se tu soubesses, filha!

--O quê? Outra paixão?--fez Luiza rindo.

A face de Leopoldina tornou-se grave.

Não era p'ra rir. Estava de todo! Era por isso até que tinha vindo.

Sentira-se tão só em casa, tão nervosa!--Vou até Luiza, vou palrar um

bocado!

E com a voz mais baixa, quasi solemne:

--D'esta vez é serio, Luiza!--Deu os detalhes. Era um rapaz alto,

louro, lindo! E que talento! É poeta!--Dizia a palavra com devoção,

prolongando o som das syllabas.--É poeta!

Desapertou devagar dous botões do corpete, tirou do seio um papel

dobrado. Eram versos.

E muito chegada para Luiza, com as narinas dilatadas pela delicia da

sensação, leu baixo, com orgulho, com pompa:

A TI

\_Pharol da Guia, 5 de junho.\_

Quando scismo á hora do poente

Sobre os rochedos onde brame o mar...

Era uma elegia. O rapaz contava, em quadras, as longas contemplações

em que a via a ella, Leopoldina, \_visão radiosa que deslisas leve\_,

nas aguas dormentes, nas vermelhidões do occaso, na brancura das

espumas. Era uma composição delambida, d'um sentimentalismo reles, com

um ar tisico, muito lisboeta, cheia de versos errados. E terminando

dizia-lhe, que não era «nos esplendores das salas» ou nos «bailes

febricitantes» que gostava de a vêr: era alli, n'aquelles rochedos,

Onde todos os dias ao sol posto

Eu vejo adormecer o mar gigante.

--Que bonito, hein!

Ficaram caladas, com uma commoçãosinha.

Leopoldina, com os olhos perturbados, repetia a data, amorosamente:

--Pharol da Guia, 5 de junho!

Mas o relogio do quarto deu quatro horas. Leopoldina ergueu-se logo,

atarantada, metteu o poema no seio.

Tinha de se ir já! Fazia-se tarde, senão o outro, punha-se á mesa.

Tinha um ruivo assado para o jantar. E peixe frio era a cousa mais

estupida!

--Adeus. Até breve, não?--E agora que Jorge ia para fóra, havia de vir

muito.--Adeus. Então a franceza, rua do Ouro, por cima do estanque?

Luiza foi com ella até ao patamar. Leopoldina já no fundo da escada,

ainda parou, gritou:

--Sempre te parece que guarneça o vestido d'azul, hein?

Luiza debruçou-se sobre o corrimão:

--Eu assim fiz, é o melhor...

--Adeus! Rua do Ouro, por cima do estanque.

--Sim. Rua do Ouro. Adeus.--E com um gritinho:--Porta á direita, Madame

François.

Jorge voltou ás cinco horas, e logo da porta do quarto, pondo a bengala

a um canto:

--Já sei que tiveste cá uma visita.

Luiza voltou-se, um pouco córada. Estava diante do toucador já

penteada, com um vestido de linho branco, guarnecido de rendas.

Era verdade, tinha vindo a Leopoldina. Juliana mandára-a entrar...

Ficára mais contrariada! Era por causa da \_adresse\_ da franceza dos

chapéos. Tinha-se demorado dez minutos.--Quem te disse?

--Foi a Juliana: que a snr.^a D. Leopoldina tinha estado toda a tarde.

--Toda a tarde! que tolice, esteve dez minutos, se tanto!

Jorge tirava as luvas, calado. Chegou-se á janella, pôz-se a sacudir

as duras folhas d'uma Begonia malhada d'um vermelho doente, com uma

baba prateada. Assobiava baixo; e parecia todo occupado em conchegar

um botão d'Amarilis aninhado entre a sua folhagem luzidia, como um

pequenino coração assustado.

Luiza ia passando o seu medalhão d'ouro n'uma longa fita de velludo

preto: tinha uma tremura nas mãos, estava vermelha.

--O calor tem-lhes feito mal--disse.

Jorge não respondeu. Assobiou mais alto, foi á outra janella, bateu

com os dedos nas folhas elasticas d'uma Makoama de tons verdes e

sanguineos, e, alargando impacientemente o collarinho como um homem

suffocado:

--Ouve lá, é necessario que deixes por uma vez de receber essa

creatura. É necessario acabar por uma vez!

Luiza fez-se escarlate.

--É por causa de ti! é por causa dos visinhos! é por causa da decencia!

--Mas foi a Juliana...--balbuciou Luiza.

--Mandasse-l'a sahir outra vez. Que estavas fóra! que estavas na China!

que estavas doente!

Parou, com um tom desconsolado, abrindo os braços:

--Minha rica filha, é que todo o mundo a conhece. É a Quebraes! É a

\_Pão e queijo\_! É uma vergonha!

Citava-lhe os seus amantes, exasperado: O Carlos Viegas, o magro, de

bigode cahido, que escrevia comedias para o Gymnasio! O Santos Madeira,

o picado das bexigas, com uma gaforinha! O Melchior Vadio, um \_gingão\_

desossado, com um olhar de carneiro morto, sempre a fumar n'uma enorme

boquilha! O Pedro Camara, o bonito! O Mendonça dos callos! \_Tutti

quanti!\_

E encolhendo os hombros, exasperado:

--Como se eu não percebesse que ella esteve aqui! Só pelo cheiro! Este

horrivel cheiro de feno! Vossês foram creadas juntas, etc., tudo isso

é muito bom. Has-de desculpar, mas se a encontro na escada, corro-a!

Corro-a!

Parou um momento, e commovido:

--Ora, vamos, Luiza, confessa. Tenho ou não razão?

Luiza punha os brincos, ao espelho, atarantada:

--Tens--disse.

--Ah! bem!

E sahiu, furioso.

Luiza ficou immovel. Uma lagrimasinha redonda, clara, rolava-lhe pela

aza do nariz. Assoou-se muito doloridamente. Aquella Juliana! Aquella

bisbilhoteira! De má! Para fazer sizania!

Veio-lhe então uma colera. Foi ao quarto dos engommados, atirou com a

porta:

--Para que foi vossê dizer quem esteve ou quem deixou d'estar?

Juliana, muito surprehendida, pousou o ferro:

--Pensei que não era segredo, minha senhora.

--Está claro que não! Tola! quem lhe diz que era segredo? E para que

mandou entrar? Não lhe tenho dito muitas vezes que não recebo a snr.^a

D. Leopoldina?

--A senhora nunca me disse nada--replicou, toda offendida, cheia de

verdade.

--Mente! Cale-se!

Voltou-lhe as costas; veio para o quarto, muito nervosa, foi

encostar-se á vidraça.

O sol desapparecera; na rua estreita havia uma sombra igual, de tarde

sem vento: pelas casas, de uma edificação velha, escuras, estavam

abertas as varandas onde em vasos vermelhos se mirrava alguma velha

planta miseravel, manjaricão ou cravo; ouvia-se, no teclado melancolico

d'um piano, a \_Oração de uma virgem\_, tocada por alguma menina, no

sentimentalismo vadio do domingo; e na sua janella, defronte, as quatro

filhas do Teixeira Azevedo, magrinhas, com os cabellos muito riçados,

as olheiras pisadas, passavam a sua tarde de dia santo, olhando para a

rua, para o ar, para as janellas visinhas, cochichando se viam passar

um homem--ou debruçadas, com uma attenção idiota, faziam pingar saliva

sobre as pedras da calçada.

Jorge tinha razão, coitado! pensava Luiza. Mas, tambem, que podia ella

fazer? Já não ia a casa de Leopoldina, tirára o seu retrato do album

da sala, vira-se obrigada a confessar-lhe a repugnancia de Jorge,

tinham chorado ambas, até! Coitada! Só a recebia de longe a longe, uma

raridade, um momento! E emfim, depois d'ella estar na sala, não a havia

d'ir empurrar pela escada abaixo!

Um homem grosso, de pernas tortas, curvado sob um realejo, appareceu

então ao alto da rua; as suas barbas pretas tinham um aspecto feroz;

parou, poz-se a voltear a manivella, levantando em redor, para as

janellas, um sorriso triste de dentes brancos, e a \_Casta Diva\_! com

uma sonoridade metallica e secca, muito tremida, espalhou-se pela rua.

Gertrudes, a criada e a concubina do doutor de mathematica, veio

encostar logo aos caixilhos estreitos da janella a sua vasta face

trigueira de quarentona farta e estabelecida; adiante, na sacada

aberta d'um segundo andar, debruçou-se a figura do Cunha Rosado, magro

e chupado, com um boné de borla, o aspecto desconsolado do doente

d'intestinos, conchegando com as mãos transparentes o robe-de-chambre

ao ventre. Outras faces enfastiadas mostraram-se entre as bambinellas

de caça.

Na rua, a estanqueira chegou-se á porta, vestida de luto, estendendo

o seu carão viuvo, os braços cruzados sobre o chale tingido de preto,

esguia nas longas saias escoadas. Da loja, por baixo da casa Azevedo,

veio a carvoeira, enorme de gravidez bestial, o cabello esguedelhado

em repas seccas, a cara oleosa e enfarruscada, com tres pequenos meio

nús, quasi negros, chorões e hirsutos, que se lhe penduravam da saia

de chita. E o Paula, com loja de trastes velhos, adiantou-se até ao

meio da rua; a pala de verniz do seu boné de pano preto nunca se

erguia de cima dos olhos; escondia sempre as mãos, como para ser mais

reservado, por traz das costas, debaixo das abas do seu casaco de

cotim branco; o calcanhar sujo da meia sahia-lhe para fóra da chinella

bordada a missanga; e fazia roncar o seu pigarro chronico de um modo

despeitado. Detestava os reis e os padres. O estado das cousas publicas

enfurecia-o. Assobiava frequentemente a \_Maria da Fonte\_; e mostrava-se

nas suas palavras, nas suas attitudes, um patriota exasperado.

O homem do realejo tirou o seu largo chapéo desabado e, tocando sempre,

ia-o estendendo em redor para as janellas, com um olhar necessitado.

As Azevedos tinham logo fechado violentamente a vidraça. A carvoeira

deu-lhe uma moeda de cobre; mas interrogou-o; quiz de certo saber de

que paiz era, por que estradas tinha vindo, e quantas peças tinha o

instrumento.

Gente endomingada começava a recolher, com um ar derreado do longo

passeio, as botas empoeiradas: mulheres de chale, vindas das hortas,

traziam ao collo as crianças adormecidas da caminhada e do calor:

velhos placidos, de calça branca, o chapéo na mão, gozavam a frescura,

dando um giro no bairro: pelas janellas, bocejava-se: o céo tomava

uma côr azulada e polida, como uma porcelana: um sino repicava a

distancia o fim d'alguma festa d'igreja: e o domingo terminava, com uma

serenidade cançada e triste.

--Luiza--disse a voz de Jorge.

Ella voltou-se, com um vago--hein?

--Vamos jantar, filha; são sete horas.

No meio do quarto, tomou-a pela cinta, e fallando-lhe baixo, junto á

face:

--Tu zangaste-te ha bocado?

--Não! Tu tens razão. Conheço que tens razão.

--Ah!--fez elle com um tom victorioso, muito satisfeito.--Está claro,

Quem melhor conselheiro e bom amigo

Que o marido que a alma m'escolheu?

E com uma ternura grave:

--Minha querida filha, esta nossa casinha é tão honesta, que é uma dôr

d'alma vêr entrar essa mulher aqui, com o cheiro do \_feno\_, do cigarro,

e do resto!... \_Mà, di questo no parlaremo più, o donna mia!\_ Á sopa!

II

Aos domingos á noite havia em casa de Jorge uma pequena reunião, uma

\_cavaqueira\_, na sala, em redor do velho candieiro de porcelana côr de

rosa. Vinham apenas os intimos. «O Engenheiro», como se dizia na rua,

vivia muito ao seu canto, sem visitas. Tomava-se chá, palrava-se. Era

um pouco \_á estudante\_. Luiza fazia crochet, Jorge cachimbava.

O primeiro a chegar era Julião Zuzarte, um parente muito afastado de

Jorge, e seu antigo condiscipulo nos primeiros annos da Polytechnica.

Era um homem secco e nervoso, com lunetas azues, os cabellos compridos

cahidos sobre a gola. Tinha o curso de cirurgião da Escóla. Muito

intelligente, estudava desesperadamente, mas, como elle dizia, era

um \_tumba\_. Aos trinta annos, pobre, com dividas, sem clientella,

começava a estar farto do seu quarto andar na Baixa, dos seus jantares

de doze vintens, do seu paletot coçado d'alamares; e entalado na

sua vida mesquinha, via os outros, os mediocres, os superficiaes,

\_furar\_, subir, installar-se á larga na prosperidade! «Falta de

\_chance\_», dizia. Podia ter aceitado um partido da camara n'uma villa

da provincia, com pulso livre, ter uma casa \_sua\_, a \_sua\_ creação no

quintal. Mas tinha um orgulho resistente, muita fé nas suas faculdades,

na sua sciencia, e não se queria ir enterrar n'uma terriola adormecida

e lugubre, com tres ruas onde os porcos fossam. Toda a provincia o

aterrava; via-se lá obscuro, jogando a manilha na Assembléa, morrendo

de cachexia. Por isso não «arredava pé»; e esperava, com a tenacidade

do plebeu sofrego, uma clientella rica, uma cadeira na Escóla, um

coupé para as visitas, uma mulher loura com dote. Tinha certeza do

seu direito a estas felicidades, e como ellas tardavam a chegar ia-se

tornando despeitado e amargo; andava amuado com a vida; cada dia se

prolongavam mais os seus silencios hostis, roendo as unhas: e, nos dias

melhores, não cessava de ter ditos sêccos, \_tiradas\_ azedadas--em que a

sua voz desagradavel cahia como um gume gelado.

Luiza não gostava d'elle; achava-lhe um \_ar nordeste\_, detestava o seu

tom de pedagogo, os reflexos negros da luneta, as calças curtas que

mostravam o elastico roto das botas. Mas disfarçava, sorria-lhe, porque

Jorge admirava-o, dizia sempre d'elle: Tem muito espirito! tem muito

talento! grande homem!

Como vinha mais cedo ia á sala de jantar, tomava a sua chavena de café;

e tinha sempre um olhar de lado para as pratas do aparador e para as

\_toilettes\_ frescas de Luiza. Aquelle parente, um \_mediocre\_, que

vivia confortavelmente, bem casado, com a carne contente, estimado no

ministerio, com alguns contos de reis em inscripções--parecia-lhe uma

injustiça e pezava-lhe como uma humilhação. Mas affectava estimal-o; ia

sempre ás noites, aos domingos; escondia então as suas preoccupações,

cavaqueava, tinha pilherias,--mettendo a cada momento os dedos pelos

seus cabellos compridos, seccos e cheios de caspa.

Ás nove horas, ordinariamente, entrava D. Felicidade de Noronha. Vinha

logo da porta com os braços estendidos, o seu bom sorriso dilatado.

Tinha cincoenta annos, era muito nutrida, e, como soffria de dyspepsia

e de gazes, áquella hora não se podia espartilhar e as suas fórmas

transbordavam. Já se viam alguns fios brancos nos seus cabellos

levemente annelados, mas a cara era lisa e redonda, cheia, d'uma alvura

baça e molle de freira; nos olhos papudos, com a pelle já engelhada em

redor, luzia uma pupilla negra e humida, muito mobil; e aos cantos da

bocca uns pellos de buço pareciam traços leves e circumflexos d'uma

penna muito fina. Fôra a intima amiga da mãi de Luiza, e tomára aquelle

habito de vir vêr a \_pequena\_ aos domingos. Era fidalga, dos Noronhas

de Redondella, bastante aparentada em Lisboa, um pouco devota, muito da

Encarnação.

Mal entrava, ao pôr um beijo muito cantado na face de Luiza,

perguntava-lhe baixo, com inquietação:

--Vem?

--O conselheiro? Vem.

Luiza sabia-o. Porque o conselheiro, o conselheiro Accacio, nunca

vinha aos \_chás de D. Luiza\_, como elle dizia, sem ter ido na vespera

ao ministerio das obras publicas procurar Jorge, declarar-lhe com

gravidade, curvando um pouco a sua alta estatura:

--Jorge, meu amigo, ámanhã lá irei pedir a sua boa esposa a minha

chavena de chá.

Ordinariamente acrescentava:

--E os seus valiosos trabalhos progridem? Ainda bem! Se vir o ministro,

os meus respeitos a s. exc.^a Os meus respeitos a esse formoso talento!

E sahia, pisando com solemnidade os corredores enxovalhados.

Havia cinco annos que D. Felicidade o amava. Em casa de Jorge riam-se

um pouco com aquella \_chamma\_. Luiza dizia: Ora! é uma caturrice

d'ella! Viam-na córada e nutrida, e não suspeitavam que aquelle

sentimento concentrado, irritado semanalmente, queimando em silencio,

a ia devastando como uma doença e desmoralisando como um vicio. Todos

os seus ardores até ahi tinham sido inutilisados. Amára um official de

lanceiros que morrêra, e apenas conservava o seu daguerreotypo. Depois

apaixonára-se muito occultamente por um rapaz padeiro, da visinhança,

e vira-o casar. Dera-se então toda a um cão, o \_Bilro\_; uma criada

despedida deu-lhe por vingança rolha cozida; o \_Bilro\_ rebentou, e

tinha-o agora empalhado na sala de jantar. A pessoa do conselheiro

viera de repente, um dia, pegar fogo áquelles desejos, sobrepostos

como combustiveis antigos. Accacio tornára-se a sua \_mania\_: admirava

a sua figura e a sua gravidade, arregalava grandes olhos para a sua

eloquencia, achava-o n'uma «linda posição». O conselheiro era a sua

ambição e o seu vicio! Havia sobretudo n'elle uma belleza, cuja

contemplação demorada a estonteava como um vinho forte: era a calva.

Sempre tivera o gosto perverso de certas mulheres pela calva dos

homens, e aquelle appetite insatisfeito inflammára-se com a idade.

Quando se punha a olhar para a calva do conselheiro, larga, redonda,

polida, brilhante ás luzes, uma transpiração anciosa humedecia-lhe

as costas, os olhos dardejavam-lhe, tinha uma vontade absurda, avida

de lhe deitar as mãos, palpal-a, sentir-lhe as fórmas, amassal-a,

penetrar-se d'ella! Mas disfarçava, punha-se a fallar alto com um

sorriso parvo, abanava-se convulsivamente, e o suor gottejava-lhe nas

rôscas anafadas do pescoço. Ia para casa rezar estações, impunha-se

penitencias de muitas corôas á Virgem; mas apenas as orações findavam,

começava o temperamento a latejar. E a boa, a pobre D. Felicidade

tinha agora pesadêlos lascivos, e as melancolias do hysterismo velho!

A indifferença do conselheiro irritava-a mais: nenhum olhar, nenhum

suspiro, nenhuma revelação amorosa o commovia! Era para com ella

glacial e polido. Tinham-se ás vezes encontrado a sós, á parte, no

vão favoravel d'uma janella, no isolamento mal alumiado d'um canto

do sophá,--mas apenas ella fazia uma demonstração sentimental, elle

erguia-se bruscamente, afastava-se, severo e pudico. Um dia ella

julgára perceber que, por traz das suas lunetas escuras, o conselheiro

lhe deitava de revés um olhar apreciador para a abundancia do seio;

fôra mais clara, mais urgente, fallára em \_paixão\_, disse-lhe baixo:

Accacio!... Mas elle com um gesto gelou-a--e de pé, grave:

--Minha senhora,

As neves que na fronte se accumulam

Terminam por cahir no coração...

É inutil, minha senhora!

O martyrio de D. Felicidade era muito occulto, muito disfarçado;

ninguem o sabia; conheciam-lhe as infelicidades do sentimento,

ignoravam-lhe as torturas do desejo. E um dia Luiza ficou attonita,

sentindo D. Felicidade agarrar-lhe o pulso com a mão humida, e

dizer-lhe baixo, os olhos cravados no conselheiro:

--Que regalo d'homem!

Fallava-se n'essa noite do Alemtejo, d'Evora e das suas riquezas, da

capella dos ossos, quando o conselheiro entrou com o paletot no braço.

Foi-o dobrar solicitamente n'uma cadeira a um canto, e no seu passo

aprumado e official, veio apertar as mãos ambas de Luiza, dizendo-lhe

com uma voz sonora, de \_papo\_:

--Minha boa snr.^a D. Luiza, de perfeita saude, não? O nosso Jorge

tinha-m'o dito. Ainda bem! Ainda bem!

Era alto, magro, vestido todo de preto, com o pescoço entalado n'um

collarinho direito. O rosto aguçado no queixo ia-se alargando até á

calva, vasta e polida, um pouco amolgada no alto; tingia os cabellos

que d'uma orelha á outra lhe faziam collar por traz da nuca--e aquelle

preto lustroso dava, pelo contraste, mais brilho á calva; mas não

tingia o bigode: tinha-o grisalho, farto, cahido aos cantos da bocca.

Era muito pallido; nunca tirava as lunetas escuras. Tinha uma covinha

no queixo, e as orelhas grandes muito despegadas do craneo.

Fôra, outr'ora, director geral do ministerio do reino, e sempre que

dizia--El-rei! erguia-se um pouco na cadeira. Os seus gestos eram

medidos, mesmo a tomar rapé. Nunca usava palavras triviaes; não dizia

\_vomitar\_, fazia um gesto indicativo e empregava \_restituir\_. Dizia

sempre «o nosso Garrett, o nosso Herculano». Citava muito. Era author.

E sem familia, n'um terceiro andar da rua do Ferregial, amancebado

com a criada, occupava-se d'economia politica: tinha composto os

Elementos genericos da sciencia da riqueza e sua distribuição, \_segundo

os melhores authores\_, e como sub-titulo: \_Leituras do serão!\_ Havia

apenas mezes publicára a Relação de todos os ministros d'estado desde

o grande marquez de pombal até nossos dias, com datas cuidadosamente

averiguadas de seus nascimentos e obitos.

--Já esteve no Alemtejo, conselheiro?--perguntou-lhe Luiza.

--Nunca, minha senhora--e curvou-se.--Nunca! E tenho pena! sempre

desejei lá ir, porque me dizem que as suas curiosidades são de primeira

ordem.

Tomou uma pitada d'uma caixa dourada, entre os dedos, delicadamente, e

acrescentou com pompa:

--De resto, paiz de grande riqueza suina!

--Ó Jorge, averigua quanto é o partido da camara em Evora--disse Julião

do canto do sophá.

O conselheiro acudiu, cheio de informações, com a pitada suspensa:

--Devem ser seiscentos mil reis, snr. Zuzarte, e pulso livre. Tenho-o

nos meus apontamentos. Porquê, snr. Zuzarte, quer deixar Lisboa?

--Talvez!...

Todos desapprovaram.

--Ah! Lisboa sempre é Lisboa!--suspirou D. Felicidade.

--Cidade de marmore e de granito, na phrase sublime do nosso grande

historiador!--disse solemnemente o conselheiro.

E sorveu a pitada com os dedos abertos em leque, magros, bem tratados.

D. Felicidade disse então:

--Quem não era capaz de deixar Lisboa, nem á mão de Deus Padre, era o

conselheiro!

O conselheiro, voltando-se vagarosamente para ella, um pouco curvado,

replicou:

--Nasci em Lisboa, D. Felicidade, sou lisboeta d'alma!

--O conselheiro--lembrou Jorge--nasceu na rua de S. José.

--Numero setenta e cinco, meu Jorge. Na casa pegada áquella em que

viveu, até casar, o meu prezado Geraldo, o meu pobre Geraldo!

Geraldo, o seu pobre Geraldo, era o pai de Jorge. Accacio fôra o seu

intimo. Eram visinhos. Accacio tocava então rebeca, e, como Geraldo

tocava flauta, faziam duos, pertenciam mesmo á Philarmonica da rua de

S. José. Depois Accacio, quando entrou nas repartições do Estado, por

escrupulo e por dignidade, abandonou a rebeca, os sentimentos ternos,

os serões joviaes da Philarmonica. Entregou-se todo á estatistica. Mas

conservou-se muito leal a Geraldo; continuou mesmo a Jorge aquella

amizade vigilante; fôra padrinho do seu casamento, vinha vêl-o todos os

domingos, e, no dia de seus annos, mandava-lhe pontualmente, com uma

carta de felicitações, uma lampreia d'ovos.

--Aqui nasci--repetiu, desdobrando o seu bello lenço de sêda da

India--e aqui conto morrer.

E assoou-se discretamente.

--Isso ainda vem longe, conselheiro!

Elle disse, com uma melancolia grave:

--Não me arreceio d'\_ella\_, meu Jorge. Até já fiz construir, sem

vacillar, no Alto de S. João, a minha ultima morada. Modesta, mas

decente. É ao entrar, no arruamento á direita, n'um lugar abrigado, ao

pé da choça dos Verissimos amigos.

--E já compoz o seu epitaphio, snr. conselheiro?--perguntou Julião, do

canto, ironico.

--Não o quero, snr. Zuzarte. Na minha sepultura não quero elogios.

Se os meus amigos, os meus patricios entenderem que eu fiz alguns

serviços, teem outros meios para os commemorar; lá teem a imprensa,

o communicado, o necrologio, a poesia mesmo! Por minha vontade quero

apenas sobre a lapide lisa, em letras negras, o meu nome--com a minha

designação de conselheiro--a data do meu nascimento e a data do meu

obito.

E com um tom demorado, de reflexão:

--Não me opponho todavia a que inscrevam por baixo, em letras menores:

\_Orai por elle!\_

Houve um silencio commovido, e á porta uma voz fina, disse:

--Dão licença?

--Oh Ernestinho!--exclamou Jorge.

Com um passo miudinho e rapido, Ernestinho veio abraçal-o pela cintura:

--Eu soube que tu que partias, primo Jorge... Como está, prima Luiza?

Era primo de Jorge. Pequenino, lymphatico, os seus membros franzinos,

ainda quasi tenros, davam-lhe um aspecto debil de collegial; o buço,

delgado, empastado em cêra-mostache, arrebitava-se aos cantos em pontas

afiadas como agulhas; e na sua cara chupada, os olhos repolhudos

amorteciam-se com um quebrado langoroso. Trazia sapatos de verniz com

grandes laços de fita; sobre o collete branco, a cadêa do relogio

sustentava um medalhão enorme, d'ouro, com fructos e flôres esmaltadas

em relevo. Vivia com uma actrizita do Gymnasio, uma magra, côr de

melão, com o cabello muito riçado, o ar tisico,--e escrevia para o

theatro. Tinha traducções, dous originaes n'um acto, uma comedia em

\_calembourgs\_. Ultimamente trazia em ensaios nas Variedades uma obra

consideravel, um drama em cinco actos, a \_Honra e Paixão\_. Era a sua

estreia séria. E desde então, viam-no sempre muito atarefado, os bolsos

inchados de manuscriptos, com localistas, com actores, muito prodigo

de cafés e de \_cognacs\_, o chapéo ao lado, descórado, e dizendo a

todos: Esta vida, mata-me! Escrevia todavia por paixão entranhada pela

Arte--porque era empregado na alfandega, com bom vencimento, e tinha

quinhentos mil reis de renda das suas inscripções. A Arte mesmo, dizia,

obrigava-o a desembolsos: para o acto do baile da \_Honra e Paixão\_

mandára fazer, á sua custa, botas de verniz para o \_galan\_, botas de

verniz para o \_pai-nobre\_! O seu nome de familia era Ledesma.

Deram-lhe um lugar, e Luiza notou logo, pousando o bordado, que estava

abatido! Queixou-se então das suas fadigas: os ensaios arrazavam-no,

tinha turras com o empresario: na vespera, vira-se forçado a refazer

todo o final d'um acto! todo!

--E tudo isto--acrescentou muito exaltado--porque é um pelintra, um

parvo, e quer que se passe n'uma sala, o acto que se passava n'um

abysmo!

--N'um quê?--perguntou surprehendida D. Felicidade.

O conselheiro, muito cortez, explicou:

--N'um abysmo, D. Felicidade, n'um despenhadeiro. Tambem se diz, em bom

vernaculo, um \_vortice\_.--Citou: \_N'um espumoso vortice se arroja...\_

--N'um abysmo?--perguntaram.--Porquê?

O conselheiro quiz conhecer o \_lance\_.

Ernestinho, radioso, esboçou largamente o enredo:--Era uma mulher

casada. Em Cintra tinha-se encontrado com um homem fatal, o conde de

Monte-Redondo. O marido arruinado, devia cem contos de reis ao jogo!

Estava deshonrado, ia ser preso. A mulher, louca, corre a umas ruinas

acastelladas, onde habita o conde, deixa cahir o véo, conta-lhe a

catastrophe. O conde lança o seu manto aos hombros, parte, chega no

momento em que os beleguins vão levar o homem.--É uma scena muito

commovente, dizia, é de noite, ao luar!--O conde desembuça-se, atira

uma bolsa d'ouro aos pés dos beleguins, gritando-lhes: Saciai-vos,

abutres!...

--Bello final!--murmurou o conselheiro.

--Emfim--acrescentou Ernesto, resumindo--aqui ha um enredo complicado:

o conde de Monte-Redondo e a mulher amam-se, o marido descobre,

arremessa todo o seu ouro aos pés do conde, e mata a esposa.

--Como?--perguntaram.

--Atira-a ao abysmo. É no quinto acto. O conde vê, corre, atira-se

tambem. O marido cruza os braços, e dá uma gargalhada infernal. Foi

assim que eu imaginei a cousa!

Calou-se, offegante: e, abanando-se com o lenço, rolava em redor os

seus olhos langorosos, prateados como os d'um peixe morto.

--É uma obra de cunho, embatem-se grandes paixões!--disse o

conselheiro, passando as mãos sobre a calva.--Os meus parabens, snr.

Ledesma!

--Mas que quer o empresario?--perguntou Julião, que escutára de pé,

attonito--que quer elle? Quer o abysmo n'um primeiro andar, mobilado

pelo Gardé?

Ernestinho voltou-se, muito affectuosamente:

--Não, snr. Zuzarte,--a sua voz era quasi meiga--quer o desfecho n'uma

sala. De modo que eu--e fazia um gesto resignado--a gente tem de

condescender, tive d'escrever outro final. Passei a noite em claro.

Tomei tres chavenas de café!...

O conselheiro acudiu, com a mão espalmada:

--Cuidado, snr. Ledesma, cuidado! Prudencia com esses excitantes! Por

quem é, prudencia!

--A mim não me faz mal, snr. conselheiro--disse sorrindo.--Escrevi-o em

tres horas! Venho de lh'o mostrar agora. Até o tenho aqui...

--Leia, snr. Ernesto, leia!--exclamou logo D. Felicidade.

Que lêsse! que lêsse! porque não lia?

Era uma massada!... Era um rascunho!... Emfim, como queriam!... E

radiante desdobrou, no silencio, uma grande folha de papel azul pautado.

--Eu peço desculpa. Isto é um borrão. A cousa não está ainda com todos

os FF e RR.--Fez então voz theatral:--Agatha!... É a mulher; isto aqui

é a scena com o marido, o marido já sabe tudo...

AGATHA (cahindo de joelhos nos pés de Julio)

«Mas mata-me! Mata-me, por piedade! Antes a morte, que vêr, com esses

desprezos, o coração rasgado fibra a fibra!»

JULIO

«E não me rasgaste tu tambem o coração? Tiveste tu piedade? Não.

Retalhaste-m'o! Meu Deus, eu que a julgava pura, n'essas horas em que

arrebatados...»

O reposteiro franziu-se. Sentiu-se um fino tilintar de chavenas. Era

Juliana, d'avental branco, com o chá.

--Que pena!--exclamou Luiza.--Depois do chá se lê. Depois do chá.

Ernesto dobrou o papel, e, com um olhar de lado para Juliana, rancoroso:

--Não vale a pena, prima Luiza!

--Ora essa! É lindo!--affirmou D. Felicidade.

Juliana pousava sobre a mesa o prato das fatias, os biscoutos d'Oeiras,

os bolos do Cócó.

--Aqui tem o seu chá fraco, conselheiro--dizia Luiza.--Sirva-se,

Julião. As torradas ao snr. Julião! Mais assucar! Quem quer? Uma

torrada, conselheiro?

--Estou amplamente servido, minha prezada senhora--replicou,

curvando-se.

E declarou, voltado para Ernestinho, que achava o dialogo opulento.

Mas, perguntaram, o que quer o empresario mais agora? Já tem a sala...

Ernestinho, de pé, excitado, com um bolo d'ovos na ponta dos dedos,

explicou:

--O que o empresario quer é que o marido lhe perdôe...

Foi um espanto:

--Ora essa! É extraordinario! Porque?

--Então!--exclamou Ernestinho, encolhendo os hombros,--diz que o

publico que não gosta! Que não são cousas cá para o nosso paiz.

--A fallar a verdade--disse o conselheiro--a fallar a verdade, snr.

Ledesma, o nosso publico não é geralmente affecto a scenas de sangue.

--Mas não ha sangue, snr. conselheiro!--protestava Ernestinho,

erguendo-se sobre os bicos dos sapatos--mas não ha sangue! É com um

tiro. É com um tiro pelas costas, snr. conselheiro!

Luiza fez a D. Felicidade--\_pst!\_ e, n'um áparte, com um sorriso:

--D'esses bolinhos d'ovos. São muito frescos!

Ella respondeu, com uma voz lamentosa:

--Ai, filha, não!

E indicou o estomago, compungidamente.

No entanto o conselheiro aconselhava a Ernestinho a clemencia:

tinha-lhe posto a mão no hombro paternalmente, e com uma voz persuasiva:

--Dá mais alegria á peça, snr. Ledesma. O espectador sahe mais

alliviado! Deixe sahir o espectador alliviado!

--Mais um bolinho, conselheiro?

--Estou repleto, minha prezada senhora.

E, então, invocou a opinião de Jorge. Não lhe parecia que o bom Ernesto

devia perdoar?

--Eu, conselheiro? De modo nenhum. Sou pela morte. Sou inteiramente

pela morte! E exijo que a mates, Ernestinho!

D. Felicidade acudiu, toda bondosa:

--Deixe fallar, snr. Ledesma. Está a brincar. E elle então que é um

coração d'anjo!

--Está enganada, D. Felicidade--disse Jorge, de pé, diante

d'ella.--Fallo serio e sou uma fera! Se enganou o marido, sou pela

morte. No abysmo, na sala, na rua, mas que a mate. Posso lá consentir

que, n'um caso d'esses, um primo meu, uma pessoa da minha familia,

do meu sangue, se ponha a perdoar como um lamecha! Não! Mata-a! É um

principio de familia. Mata-a quanto antes!

--Aqui tem um lapis, snr. Ledesma--gritou Julião, estendendo-lhe uma

lapiseira.

O conselheiro, então, interveio, grave:

--Não--disse--não creio que o nosso Jorge falle serio. É muito

instruido para ter idéas tão...

Hesitou, procurou o adjectivo. Juliana poz-se-lhe diante com uma

bandeja, onde um macaco de prata se agachava comicamente, sob um vasto

guarda-sol erriçado de palitos. Tomou um, curvou-se, e concluiu:

--...Tão anti-civilisadoras.

--Pois está enganado, conselheiro, tenho-as--affirmou Jorge.--São as

minhas idéas. E aqui tem, se em lugar de se tratar d'um final d'acto,

fosse um caso da vida real, se o Ernesto viesse dizer-me: sabes,

encontrei minha mulher...

--Oh Jorge!--disseram, reprehensivamente.

--...Bem, supponhamos, se elle m'o viesse dizer, eu respondia-lhe o

mesmo. Dou a minha palavra d'honra, que lhe respondia o mesmo: mata-a!

Protestaram. Chamaram-lhe \_tigre\_, \_Othello\_, \_Barba-Azul\_. Elle ria,

enchendo muito socegadamente o seu cachimbo.

Luiza bordava, calada: a luz do candieiro, abatida pelo \_abat-jour\_,

dava aos seus cabellos tons de um louro quente, resvalava sobre a sua

testa branca como sobre um marfim muito polido.

--Que dizes tu a isto?--disse-lhe D. Felicidade.

Ella ergueu o rosto, risonha, encolheu os hombros...

E o conselheiro logo:

--A snr.^a D. Luiza diz com orgulho o que dizem as verdadeiras mães de

familia:

Impurezas do mundo não me roçam

Nem a fimbria da tunica sequer.

--Ora muito boas noites--disse, á porta, uma voz grossa.

Voltaram-se.

Ó Sebastião! Ó snr. Sebastião! ó Sebastiarrão!

Era elle, Sebastião, o grande Sebastião, o Sebastiarrão, Sebastião

\_tronco d'arvore\_,--o intimo, o camarada, o \_inseparavel\_ de Jorge,

desde o latim, na aula de frei Liborio, aos Paulistas.

Era um homem baixo e grosso, todo vestido de preto, com um chapéo molle

desabado na mão. Começava a perder um pouco na frente, os seus cabellos

castanhos e finos. Tinha a pelle muito branca, a barba alourada e curta.

Veio sentar-se ao pé de Luiza.

--Então d'onde vem? d'onde vem?

Vinha do Price. Rira muito com os palhaços. Houvera a brincadeira da

pipa.

O seu rosto, em plena luz, tinha uma expressão honesta, simples,

aberta: os olhos pequenos, azues d'um azul claro, d'uma suavidade

séria, adoçavam-se muito quando sorria: e os beiços escarlates, sem

pelliculas seccas, os dentes luzidios, revelavam uma vida saudavel

e habitos castos. Fallava devagar, baixo, como se tivesse medo de

se manifestar ou de fatigar. Juliana trouxera-lhe a sua chavena, e

remexendo o assucar com a colhér direita, os olhos ainda a rir, um

sorriso bom:

--A pipa tem muita graça. Muita graça!

Sorveu um gole de chá e depois d'um momento:

--E tu, maroto, sempre partes ámanhã? Não ha umas tentaçõesinhas d'ir

por ahi fóra com elle, minha cara amiga?

Luiza sorriu. Tomára ella! Quem dera! Mas era uma jornada tão

incommoda! Depois a casa não podia ficar só, não havia que fiar em

criados...

--Está claro, está claro--disse elle.

Jorge, então, que abrira a porta do escriptorio, chamou-o:

--Ó Sebastião! Fazes favor?

Elle foi logo com o seu andar pesado, o largo dorso curvado: as abas do

seu casaco mal feito tinham um comprimento ecclesiastico.

Entraram para o escriptorio.

Era uma saleta pequena, com uma estante alta e envidraçada, tendo

em cima a estatueta de gesso, empoeirada e velha, d'uma bacchante

em delirio. A mesa, com um antigo tinteiro de prata que fôra de seu

avô, estava ao pé da janella: uma collecção empilhada de \_Diarios do

Governo\_, branquejava a um canto: por cima da cadeira de marroquim

escuro, pendia, n'um caixilho preto, uma larga photographia de Jorge: e

sobre o quadro, duas espadas encruzadas reluziam. Uma porta, no fundo,

coberta com um reposteiro de baeta escarlate, abria para o patamar.

--Sabes quem esteve ahi de tarde?--disse logo Jorge, accendendo o

cachimbo--Aquella desavergonhada da Leopoldina! Que te parece, hein?

--E entrou?--perguntou Sebastião, baixo, correndo por dentro o pesado

reposteiro de fazenda listrada.

--Entrou, sentou-se, esteve, demorou-se! Fez o que quiz! A Leopoldina,

a \_Pão e queijo\_!

E arremessando o phosphoro violentamente:

--Quando penso que aquella desavergonhada vem a minha casa! Uma

creatura que tem mais amantes que camisas, que anda pelo Dá-fundo em

troças, que passeava nos bailes, este anno, de dominó, com um tenor! A

mulher do Zagallão, um devasso que falsificou uma letra!

E quasi ao ouvido de Sebastião:

--Uma mulher que dormiu com o Mendonça dos callos! Aquelle sebento do

Mendonça dos callos!

Teve um gesto furioso, exclamou:

--E vem aqui, senta-se nas minhas cadeiras, abraça minha mulher,

respira o meu ar!... Palavra d'honra, Sebastião, se a pilho--procurou

mentalmente, com o olhar acceso, um castigo sufficiente--dou-lhe

açoutes!

Sebastião disse devagar:

--E o peor é a visinhança.

--Está claro que é!--exclamou Jorge.--Toda essa gente ahi pela rua

abaixo sabe quem ella é! Sabem-lhe os amantes, sabem-lhe os sitios. É a

\_Pão e queijo\_! Todo o mundo conhece a \_Pão e queijo\_.

--Má visinhança--disse Sebastião.

--De tremer.

Mas então! estava acostumado á casa, era sua, tinha-a arranjado, era

uma economia...

--Senão! Não parava aqui um dia!

Era um horror de rua! Pequena, estreita, acavallados uns nos outros!

Uma visinhança a postos, avida de mexericos! Qualquer bagatella, o

trotar d'uma tipoia, e apparecia por traz de cada vidro um par d'olhos

repolhudos a cocar! E era logo um badalar de linguas por ahi abaixo, e

conciliabulos, e opiniões formadas! fulano é indecente, fulana é bebeda!

--É o diabo!--disse Sebastião.

--A Luiza é um anjo, coitada--dizia Jorge, passeando pela saleta--mas

tem cousas em que é criança! Não vê o mal. É muito boa, deixa-se ir.

Com este caso da Leopoldina, por exemplo; foram creadas de pequenas,

eram amigas, não tem coragem agora para a pôr fóra. É acanhamento, é

bondade. Elle comprehende-se! Mas emfim as leis da vida tem as suas

exigencias!...

E depois d'uma pausa:

--Por isso, Sebastião, em quanto eu estiver fóra, se te constar que a

Leopoldina vem por cá, avisa a Luiza! Porque ella é assim: esquece-se,

não reflexiona. É necessario alguem que a advirta, que lhe diga:--Alto

lá, isso não póde ser! Que então cahe logo em si, e é a primeira!...

Vens por ahi, fazes-lhe companhia, fazes-lhe musica, e se vires que a

Leopoldina apparece ao largo, tu logo:--Minha rica senhora, cuidado,

olhe que isso não! Que ella, sentindo-se apoiada, tem decisão. Senão,

acanha-se, deixa-a vir. Soffre com isso, mas não tem coragem de lhe

dizer: Não te quero vêr, vai-te! Não tem coragem p'ra nada: começam

as mãos a tremer-lhe, a seccar-se-lhe a bocca... É mulher, é muito

mulher!... Não te esqueças, hein, Sebastião?

--Então havia de me esquecer, homem?

Sentiram então o piano na sala, e a voz de Luiza ergueu-se, fresca e

clara, cantando a \_Mandolinata\_:

Amici, la notte é bella,

La luna va spontari...

--Fica tão só, coitada!...--disse Jorge.

Deu alguns passos pelo escriptorio, fumando, com a cabeça baixa:

--Todo o casal bem organisado, Sebastião, deve ter dous filhos! Deve

ter pelo menos um!...

Sebastião coçou a barba em silencio--e a voz de Luiza, elevando-se com

um certo esforço aspero, nos \_altos\_ da melodia :

Di cà, di là, per la cità

Andiami a transnottari...

Era uma tristeza secreta de Jorge--não ter um filho! Desejava-o tanto!

Ainda em solteiro, nas vesperas do casamento, já sonhava aquella

felicidade: o seu filho! Via-o de muitas maneiras: ou gatinhando com as

suas perninhas vermelhas, cheias de rôscas, e os cabellos annelados,

finos como fios de sêda; ou rapaz forte, entrando da escóla com os

livros, alegre e d'olho vivo, vindo mostrar-lhe as boas notas dos

mestres: ou, melhor, rapariga crescida, clara e rosada, com um vestido

branco, as duas tranças cahidas, vindo pousar as mãos nos seus cabellos

já grisalhos...

Vinha-lhe, ás vezes, um medo de morrer sem ter tido aquella felicidade

completadora!

Agora, na sala, a voz aguda de Ernestinho perorava, depois, no piano

Luiza recomeçou a \_Mandolinata\_, com um \_brio\_ jovial.

A porta do escriptorio abriu-se, Julião entrou:

--Que estão vossês aqui a conspirar? Vou-me safar, que é tarde! Até

á volta, meu velho, hein? Tambem ia comtigo tomar ar, respirar, vêr

campos, mas...

E sorriu com amargura.--\_Addio! Addio!\_

Jorge foi alumiar-lhe ao patamar, abraçal-o outra vez. Se quizesse

alguma cousa do Alemtejo!...

Julião carregou o chapéo na cabeça:

--Dá cá outro charuto, por despedida! Dá cá dous!

--Leva a caixa! Eu em viagem só fumo cachimbo. Leva a caixa, homem!

Embrulhou-lh'a n'um \_Diario de Noticias\_; Julião metteu-a debaixo do

braço, e descendo os degraus:

--Cuidado com as sezões, e descobre uma mina d'ouro!

Jorge e Sebastião entraram na sala. Ernestinho, encostado ao piano,

torcia as guias do bigodinho, e Luiza começava uma valsa de Strauss--o

\_Danubio Azul\_.

Jorge disse, rindo, estendendo os braços:

--Uma valsa, D. Felicidade?

Ella voltou-se, com um sorriso. E porque não? Em nova era fallada!

Citou logo a valsa que dançára com o sr. D. Fernando, no tempo da

Regencia, nas Necessidades. Era uma valsa linda, d'essa época: \_A

Perola d'Ophir\_.

Estava sentada ao pé do conselheiro, no sophá. E como retomando um

dialogo mais querido--continuou, baixo para elle, com uma voz meiga:

--Pois creia, acho-o com optimas côres.

O conselheiro enrolava vagarosamente o seu lenço de sêda da India.

--Na estação calmosa passo sempre melhor. E D. Felicidade?

--Ai! Estou outra, conselheiro! Muito boas digestões, muito livre de

gazes... Estou outra!

--Deus o queira, minha senhora, Deus o queira--disse o conselheiro,

esfregando lentamente as mãos.

Tossiu, ia levantar-se, mas D. Felicidade pôz-se a dizer:

--Espero que esse interesse seja verdadeiro...

Córou. O corpete flaccido do vestido de sêda preta enchia-se-lhe com o

arfar do peito.

O conselheiro recahiu lentamente no sophá,--e com as mãos nos joelhos:

--D. Felicidade sabe que tem em mim um amigo sincero...

Ella levantou para elle seus olhos pisados, d'onde sahiam revelações de

paixão e supplicas de felicidade:

--E eu, conselheiro!...

Deu um grande suspiro, pôz o leque sobre o rosto.

O conselheiro ergueu-se seccamente. E com a cabeça alta, as mãos atraz

das costas, foi ao piano, perguntou a Luiza curvando-se:

--É alguma canção do Tyrol, D. Luiza?

--Uma valsa de Strauss--murmurou-lhe Ernestinho, em bicos de pés, ao

ouvido.

--Ah! Muita fama! Grande author!

Tirou então o relogio. Eram horas, disse, de ir coordenar alguns

apontamentos. Aproximou-se de Jorge, com solemnidade:

--Jorge, meu bom Jorge, adeus! Cautela com esse Alemtejo! O clima é

nocivo, a estação traiçoeira!

E apertou-o nos braços com uma pressão commovida.

D. Felicidade punha a sua manta de renda negra.

--Já, D. Felicidade?--disse Luiza.

Ella explicou-lhe, ao ouvido:

--Já, sim, filha, que tenho estado a abarrotar, comi umas bajes e tenho

estado!... E aquelle homem, aquelle gêlo! O snr. Ernesto vem para os

meus sitios, hein?

--Como um fuso, minha senhora!

Tinha vestido o seu paletot d'alpaca clara, fumava chupando, com as

faces encovadas, por uma boquilha enorme, onde uma Venus se torcia

sobre o dorso d'um leão domado.

--Adeus, primo Jorge, saudinha e dinheiro, hein? Adeus. Quando fôr a

\_Honra e Paixão\_ cá mando um camarote á prima Luiza. Adeus! Saudinha!

Iam a sahir. Mas o conselheiro, á porta, voltando-se subitamente, com

as abas do paletot deitadas para traz, a mão pomposamente apoiada no

castão de prata da bengala que representava uma cabeça de mouro, disse,

com gravidade:

--Esquecia-me, Jorge! Tanto em Evora, como em Beja, visite os

governadores civis! E eu lhe digo porquê: deve-lh'o como primeiros

funccionarios do districto, e podem-lhe ser de muita utilidade nas suas

peregrinações scientificas!

E curvando-se profundamente:

--\_Al rivedere\_, como se diz em Italia.

Sebastião tinha ficado. Para arejar do fumo de tabaco Luiza foi abrir

as janellas; a noite estava quente e immovel, de luar.

Sebastião pozera-se ao piano, e com a cabeça curvada, corria devagar o

teclado.

Tocava admiravelmente, com uma comprehensão muito fina da musica.

Outr'ora, compozera mesmo uma \_Meditação\_, duas \_Valsas\_,

uma \_Ballada\_: mas eram estudos muito trabalhados, cheios de

reminiscencias, sem estylo.--Da cachimonia não me sahe nada--costumava

elle dizer com bonhomia, batendo na testa, sorrindo--mas lá com os

dedos!...

Pôz-se a tocar um \_Nocturno\_ de Choppin. Jorge sentára-se no sophá ao

pé de Luiza.

--Já tens prompto o teu farnelzinho!--disse-lhe ella.

--Bastam umas bolachas, filha. O que quero é o cantil com \_cognac\_.

--E não te esqueças de mandar um telegramma logo que chegues!

--Pudera!

--Tu d'aqui a quinze dias, vens!

--Talvez...

Ella teve um gesto amuado.

--Ah, bem! Se não vieres, vou ter comtigo! A culpa é tua.

E olhando em redor:

--Que só que vou ficar!

Mordeu o beicinho, fitou o tapete. E de repente, com a voz ainda triste:

--Pst, Sebastião! A \_malaguenha\_, faz favor?

Sebastião começou a tocar a \_malaguenha\_. Aquella melodia calida, muito

arrastada, encantava-a. Parecia-lhe estar em Malaga, ou em Granada,

não sabia: era sob as laranjeiras, mil estrellinhas luzem; a noite é

quente, o ar cheira bem; por baixo d'um lampeão suspenso a um ramo, um

cantador sentado na tripeça mourisca faz gemer a guitarra; em redor as

mulheres com os seus corpetes de velludilho encarnado batem as mãos

em cadencia: e ao largo dorme uma Andaluzia de romance e de zarzuela,

quente e sensual, onde tudo são braços brancos que se abrem para o

amor, capas romanticas que roçam as paredes, sombrias viellas onde luz

o nicho do santo e se repenica a viola, serenos que invocam a Virgem

Santissima cantando as horas...

--Muito bem, Sebastião! Gracias!

Elle sorriu, ergueu-se, fechou cuidadosamente o piano, e indo buscar o

seu chapéo desabado:

--Então ámanhã ás sete? Cá estou, e vou-te acompanhar até ao Barreiro.

Bom Sebastião!

Foram debruçar-se na varanda para o vêr sahir. A noite fazia um

silencio alto, d'uma melancolia placida; o gaz dos candieiros parecia

mortiço; a sombra que se recortava na rua, com uma nitidez brusca,

tinha um tom quente e dôce; a luz punha nas fachadas brancas claridades

vivas, e nas pedras da calçada faiscações vidradas; uma clara-boia

reluzia, a distancia, como uma velha lamina de prata; nada se movia; e

instinctivamente os olhos erguiam-se para as alturas, procuravam a lua

branca, muito séria.

--Que linda noite!

A porta bateu, e Sebastião de baixo, na sombra:

--Dá vontade de passear, hein?

--Linda!

Ficaram á varanda preguiçosamente, olhando, detidos pela

tranquillidade, pela luz. Puzeram-se a fallar baixo da jornada. Áquella

hora onde estaria elle? Já em Evora, n'um quarto d'estalagem, passeando

monotonamente sobre um chão de tijolo. Mas voltaria breve; esperava

fazer um bom negocio com o Paco, o hespanhol das minas de Portel,

trazer talvez alguns centos de mil reis, e teriam então a doçura do

mez de setembro; poderiam fazer uma jornada ao Norte, irem ao Bussaco,

trepar aos altos, beber a agua fresca das rochas, sob a espessura

humida das folhagens: irem a Espinho, e pelas praias, sentar-se na

arêa, no bom ar cheio d'azote, vendo o mar unido, d'um azul metallico

e faiscante, o mar do verão, com algum fumo de paquete que passa para

o Sul ao longe muito adelgaçado. Faziam outros planos com os hombros

muito chegados: uma felicidade abundante enchia-os deliciosamente. E

Jorge disse:

--Se houvesse um pequerrucho, já não ficavas tão só!

Ella suspirou. Tambem o desejava tanto! Chamar-se-hia Carlos Eduardo. E

via-o no seu berço dormindo, ou no collo, nú, agarrando com a mãosinha

o dedo do pé, mamando a ponta rosada do seu peito... Um estremecimento

d'um deleite infinito correu-lhe no corpo. Passou o braço pela cinta

de Jorge. Um dia seria, teria um filho de certo! E não comprehendia

o seu filho homem nem Jorge velho: via-os ambos do mesmo modo: um

sempre amante, novo, forte; o outro sempre dependente do seu peito,

da maminha, ou gatinhando e palrando, louro e côr de rosa. E a vida

apparecia-lhe infindavel, d'uma doçura igual, atravessada do mesmo

enternecimento amoroso, quente, calma e luminosa como a noite que os

cobria.

--A que horas quer a senhora que a venha acordar?--disse a voz secca de

Juliana.

Luiza voltou-se:

--Ás sete, já lhe disse ha pouco, creatura.

Fecharam a janella. Em torno das velas uma borboleta branca esvoaçava.

Era bom agouro!

Jorge prendeu-a nos braços:

--Vai ficar sem o seu maridinho, hein?--disse tristemente.

Ela deixou pesar o corpo sobre as mãos d'elle cruzadas, olhou-o com um

longo olhar que se ennevoava e escurecia, e envolvendo-lhe o pescoço

com o gesto lento, harmonioso e solemne dos braços, pousou-lhe na bocca

um beijo grave e profundo. Um vago soluço levantou-lhe o peito.

--Jorge! Querido!--murmurou.

III

Havia doze dias que Jorge tinha partido e, apesar do calor e da poeira,

Luiza vestia-se para ir a casa de Leopoldina. Se Jorge soubesse, não

havia de gostar, não! Mas estava tão farta de estar só! Aborrecia-se

tanto! De manhã, ainda tinha os arranjos, a costura, a \_toilette\_,

algum romance... Mas de tarde!

Á hora em que Jorge costumava voltar do ministerio, a solidão parecia

alargar-se em torno d'ella. Fazia-lhe tanta falta o \_seu\_ toque da

campainha, os seus passos no corredor!...

Ao crepusculo, ao vêr cahir o dia, entristecia-se sem razão, cahia

n'uma vaga sentimentalidade: sentava-se ao piano, e os fados tristes,

as cavatinas apaixonadas gemiam instinctivamente no teclado, sob os

seus dedos preguiçosos, no movimento abandonado dos seus braços molles.

O que pensava em tolices então! E á noite, só, na larga cama franceza,

sem poder dormir com o calor, vinham-lhe de repente terrores, palpites

de viuvez.

Não estava acostumada, não podia estar só. Até se lembrára de chamar a

tia Patrocinio, uma velha parenta pobre que vivia em Belem: ao menos

era \_alguem\_: mas receou aborrecer-se mais ao pé da sua longa figura de

viuva taciturna, sempre a fazer meia, com enormes oculos de tartaruga

sobre um nariz d'aguia.

N'aquella manhã pensára em Leopoldina, toda contente d'ir tagarellar,

rir, segredar, passar as horas do calor. Penteava-se em collete e

saia branca: a camisinha decotada descobria os ombros alvos d'uma

redondeza macia, o collo branco e tenro, azulado de vêasinhas finas; e

os seus braços redondinhos, um pouco vermelhos no cotovêlo, descobriam

por baixo, quando se erguiam prendendo as tranças, fiosinhos louros,

frisando e fazendo ninho.

A sua pelle conservava ainda o rosado humido da agua fria: havia no

quarto um cheiro agudo de vinagre de \_toilette\_: os transparentes de

linho branco descidos davam uma luz baça, com tons de leite.

Ah! positivamente devia escrever a Jorge, que voltasse depressa!

Que o que tinha graça era ir surprehendel-o a Evora, cahir-lhe no

Tabaquinho, um dia, ás tres horas! E quando elle entrasse empoeirado e

encalmado, de lunetas azues, atirar-se-lhe ao pescoço! E á tardinha,

pelo braço d'elle, ainda quebrada da jornada, com um vestido fresco,

ir vêr a cidade. Pelas ruas estreitas e tristes admiravam-na muito.

Os homens vinham ás portas das lojas. Quem seria? É de Lisboa. É a do

Engenheiro.--E diante do toucador, apertando o corpete do vestido,

sorria áquellas imaginações, e ao seu rosto, no espelho.

A porta do quarto rangeu devagarinho.

--Que é?

A voz de Juliana, plangente, disse:

--A senhora dá licença que eu vá logo ao medico?

--Vá, mas não se demore. Puxe-me essa saia atraz. Mais. O que é que

vossê tem?

--Enjôos, minha senhora, peso no coração. Passei a noite em claro.

Estava mais amarella, o olhar muito pisado, a face envelhecida. Trazia

um vestido de merino preto escoado, e a cuia da semana de cabellos

velhos.

--Pois sim, vá--disse Luiza.--Mas arranje tudo antes. E não se demore,

hein ?

Juliana subiu logo á cozinha. Era no segundo andar, com duas janellas

de sacada para as trazeiras, larga, ladrilhada de tijolo diante do

fogão.

--Diz que sim, snr.^a Joanna--disse á cozinheira--que podia ir. Vou-me

vestir. Ella tambem está quasi prompta. Fica vossemecê com a casa por

sua!

A cozinheira fez-se vermelha, poz-se a cantar, foi logo sacudir,

estender na varanda um velho tapete esfiado; e os seus olhos não

deixavam, defronte, uma casa baixa, pintada d'amarello, com um portal

largo,--a loja de marceneiro do tio João Galho, onde trabalhava o

Pedro, o seu amante. A pobre Joanna «babava-se» por ele. Era um

rapazola pallido e afadistado; Joanna era minhota, de Avintes, de

familia de lavrador, e aquella figura delgada de lisboeta anemico

seduzia-a com uma violencia abrazada. Como não podia sahir á semana,

mettia-o em casa, pela porta de traz, quando estava só; estendia então

na varanda para dar signal o velho tapete desbotado, onde ainda se

percebiam os paus de um veado.

Era uma rapariga muito forte, com peitos d'ama, o cabello como

azeviche, todo lustroso do oleo de amendoas dôces. Tinha a testa curta

de plebêa teimosa. E as sobrancelhas cerradas faziam-lhe parecer o

olhar mais negro.

--Ai!--suspirou Juliana.--A snr.^a Joanna é que a leva!

A rapariga ficou escarlate.

Mas Juliana acudiu logo:

--Olha o mal! fosse eu! Boa! faz muito bem!

Juliana lisongeava sempre a cozinheira: dependia d'ella: Joanna

dava-lhe caldinhos ás horas de debilidade, ou, quando ella estava mais

adoentada, fazia-lhe um bife ás escondidas da senhora. Juliana tinha

um grande medo de «cair em fraqueza», e a cada momento precisava tomar

a «sustancia». De certo, como feia e solteirona detestava aquelle

«escandalo do carpinteiro»; mas protegia-o, porque elle valia muitos

regalos aos seus fracos de gulosa.

--Fosse eu!--repetiu--dava-lhe o melhor da panella! Se a gente ia a

ter escrupulos por causa dos amos, boa! Olha quem! Vêem uma pessoa a

morrer, e é como fosse um cão.

E com um risinho amargo:

--Diz que me não demorasse no medico. É como quem diz, cura-te depressa

ou espicha depressa!

Foi buscar a vassoura a um canto, e com um suspiro agudo:

--Todas o mesmo, uma récua!

Desceu, começou a varrer o corredor.--Toda a noite estivera doente: o

quarto no sotão, debaixo das telhas, muito abafado, com um cheiro de

tijolo cozido, dava-lhe enjôos, faltas d'ar, desde o começo do verão:

na vespera até vomitára! E já levantada ás seis horas, não descançára,

limpando, engommando, despejando, com a pontada no lado e todo o

estomago embrulhado!--Tinha escancarado a cancella, e com grandes ais,

atirava vassouradas furiosas contra as grades do corrimão.

--A snr.^a D. Luiza está em casa?

Voltou-se. Nos ultimos degraus da escada estava um sujeito, que lhe

pareceu «estrangeirado». Era trigueiro, alto, tinha um bigode pequeno

levantado, um ramo na sobrecasaca azul, e o verniz dos seus sapatos

resplandecia.

--A senhora vai sahir--disse ela olhando-o muito.--Faz favor de dizer

quem é?

O individuo sorriu.

--Diga-lhe que é um sujeito para um negocio. Um negocio de minas.

Luiza, diante do toucador, já de chapéo, mettia n'uma casa do corpete

dous botões de rosa de chá.

--Um negocio!--disse muito surprehendida--Deve ser algum recado para o

snr. Jorge, de certo! Mande entrar. Que especie de homem é?

--Um janota!

Luiza desceu o véo branco, calçou devagar as luvas de \_peau de suède\_

claras, deu duas pancadinhas fofas ao espelho na gravata de renda, e

abriu a porta da sala. Mas quasi recuou, fez \_ah!\_ toda escarlate.

Tinha-o reconhecido logo. Era o primo Bazilio.

Houve um \_shake-hands\_ demorado, um pouco tremulo. Estavam ambos

calados:--ella com todo o sangue no rosto, um sorriso vago; elle

fitando-a muito, com um olhar admirado. Mas as palavras, as perguntas

vieram logo, muito precipitadamente:--Quando tinha elle chegado? Se

sabia que elle estava em Lisboa? Como soubera a morada d'ella?

Chegára na vespera no paquete de Bordeus. Perguntára no ministerio:

disseram-lhe que Jorge estava no Alemtejo, deram-lhe a \_adresse\_...

--Como tu estás mudada, Santo Deus!

--Velha?

--Bonita!

--Ora!

E elle, que tinha feito? Demorava-se?

Foi abrir uma janella, dar uma luz larga, mais clara. Sentaram-se. Elle

no sophá muito languidamente; ella ao pé, pousada de leve á beira d'uma

poltrona, toda nervosa.

Tinha deixado o \_degredo\_--disse elle.--Viera respirar um pouco á

velha Europa. Estivera em Constantinopla, na Terra Santa, em Roma.

O ultimo anno passára-o em Paris. Vinha de lá, d'aquella aldeola de

Paris!--Fallava devagar, recostado, com um ar intimo, estendendo sobre

o tapete, commodamente, os seus sapatos de verniz.

Luiza olhava-o. Achava-o mais varonil, mais trigueiro. No cabello

preto annelado havia agora alguns fios brancos: mas o bigode pequeno

tinha o antigo ar moço, orgulhoso e intrepido; os olhos, quando ria, a

mesma doçura amollecida, banhada n'um fluido. Reparou na ferradura de

perola da sua gravata de setim preto, nas pequeninas estrellas brancas

bordadas nas suas meias de sêda. A Bahia não o vulgarisára. Voltava

mais interessante!

--Mas tu, conta-me de ti--dizia elle com um sorriso, inclinado para

ela.--És feliz, tens um pequerrucho...

--Não--exclamou Luiza rindo.--Não tenho! Quem te disse?

--Tinham-me dito. E teu marido demora-se?

--Tres, quatro semanas, creio.

Quatro semanas! Era uma viuvez! Offereceu-se logo para a vir vêr mais

vezes, palrar um momento, pela manhã...

--Pudera não! És o unico parente, que tenho, agora...

Era verdade!... E a conversação tomou uma intimidade melancolica:

fallaram da mãi de Luiza, a \_tia Jójó\_, como lhe chamava Bazilio. Luiza

contou a sua morte, muito dôce, na poltrona, sem um ai...

--Onde está sepultada?--perguntou Bazilio com uma voz grave; e

acrescentou, puxando o punho da camisa de chita:--Está no nosso jazigo?

--Está.

--Hei-de ir lá. Pobre tia Jójó!

Houve um silencio.

--Mas tu ias sahir!--disse Bazilio de repente, querendo erguer-se.

--Não!--exclamou--Não! Estava aborrecida, não tinha nada que fazer. Ia

tomar ar. Não saio, já.

Elle ainda disse:

--Não te prendas...

--Que tolice! Ia a casa d'uma amiga passar um momento.

Tirou logo o chapéo; n'aquelle movimento os braços erguidos repuxaram o

corpete justo, as fórmas do seio accusaram-se suavemente.

Bazilio torcia a ponta do bigode devagar; e vendo-a descalçar as luvas:

--Era eu antigamente quem te calçava e descalçava as luvas...

Lembras-te?... Ainda tenho esse privilegio exclusivo, creio eu...

Ella riu-se.

--De certo que não...

Bazilio disse então, lentamente, fitando o chão:

--Ah! Outros tempos!

E poz-se a fallar de Collares: a sua primeira idéa, mal chegára, tinha

sido tomar uma tipoia e ir lá: queria vêr a quinta; ainda existiria o

balouço debaixo do castanheiro? ainda haveria o caramanchão de rosinhas

brancas, ao pé do Cupido de gesso que tinha uma aza quebrada?...

Luiza ouvira dizer que a quinta pertencia agora a um brazileiro: sobre

a estrada havia um mirante com um tecto chinez, ornado de bolas de

vidro; e a velha casa morgada fôra reconstruida e mobilada pelo Gardé.

--A nossa pobre sala de bilhar, côr d'oca, com grinaldas de

rosas!--disse Bazilio; e fitando-a:--Lembras-te das nossas partidas de

bilhar?

Luiza, um pouco vermelha, torcia os dedos das luvas; ergueu os olhos

para elle, disse, sorrindo:

--Eramos duas crianças!

Bazilio encolheu tristemente os hombros, fitou as ramagens do tapete:

parecia abandonar-se a uma saudade remota, e com uma voz sentida:

--Foi o bom tempo! Foi o meu bom tempo!

Ella via a sua cabeça bem feita, descahida n'aquella melancolia

das felicidades passadas, com uma risca muito fina, e os cabellos

brancos--que lhe dera a separação. Sentia tambem uma vaga saudade

encher-lhe o peito: ergueu-se, foi abrir a outra janella, como para

dissipar na luz viva e forte aquella perturbação. Perguntou-lhe então

pelas viagens, por Paris, por Constantinopla.

Fôra sempre o seu desejo viajar--dizia--ir ao Oriente. Quereria andar

em caravanas, balouçada no dorso dos camêlos; e não teria medo, nem do

deserto, nem das feras...

--Estás muito valente!--disse Bazilio.--Tu eras uma maricas, tinhas

medo de tudo... Até da adega, na casa do papá, em Almada!

Ella córou. Lembrava-se bem da adega, com a sua frialdade subterranea

que dava arripios! A candêa d'azeite pendurada na parede alumiava com

uma luz avermelhada e fumosa as grossas traves cheias de têas d'aranha,

e a fileira tenebrosa das pipas bojudas. Havia alli ás vezes, pelos

cantos, beijos furtados...

Quiz saber então o que tinha feito em Jerusalém, se era bonito.

Era curioso. Ia pela manhã um bocado ao Santo Sepulchro; depois

d'almoço montava a cavallo... Não se estava mal no hotel, inglezas

bonitas... Tinha algumas intimidades illustres...

Fallava d'ellas, devagar, traçando a perna: o seu amigo o patriarcha

de Jerusalém, a sua velha amiga a princeza de La Tour d'Auvergne! Mas

o melhor do dia era de tarde--dizia--no Jardim das Oliveiras, vendo

defronte as muralhas do templo de Salomão, ao pé a aldêa escura de

Bethania onde Martha fiava aos pés de Jesus, e mais longe, faiscando

immovel sob o sol, o mar Morto! E alli passava sentado n'um banco,

fumando tranquillamente o seu cachimbo!

Se tinha corrido perigos?

De certo. Uma tempestade de arêa no deserto de Petra! Horrivel! Mas

que linda viagem, as caravanas, os acampamentos! Descreveu a sua

\_toilette\_:--uma manta de pelle de camêlo ás listras vermelhas e

pretas, um punhal de Damasco n'uma cinta de Bagdad, e a lança comprida

dos Beduinos.

--Devia-te ficar bem!

--Muito bem. Tenho photographias.

Prometteu dar-lhe uma, e acrescentou:

--Sabes que te trago presentes?

--Trazes?--E os seus olhos brilhavam.

O melhor era um rosario...

--Um rosario?

--Uma reliquia! Foi benzido primeiro pelo patriarcha de Jerusalém sobre

o tumulo de Christo, depois pelo papa...

Ah! Porque tinha estado com o papa! Um velhinho muito aceado, já todo

branquinho, vestido de branco, muito amavel!

--Tu d'antes não eras muito devota--disse.

--Não, não sou muito caturra n'essas cousas--respondeu rindo.

--Lembras-te da capella de nossa casa em Almada?

Tinham passado alli lindas tardes! Ao pé da velha capella morgada

havia um adro todo cheio de altas hervas floridas,--e as papoulas,

quando vinha a aragem, agitavam-se como azas vermelhas de borboletas

pousadas...

--E a tilia, lembras-te, onde eu fazia gymnastica?

--Não fallemos no que lá vai!

Em que queria ella então que elle fallasse? Era a sua mocidade, o

melhor que tivera na vida...

Ella sorriu, perguntou:

--E no Brazil?

Um horror! Até fizera a côrte a uma mulata.

--E porque te não casaste?...

Estava a mangar! Uma mulata!

--E de resto--acrescentou com a voz d'um arrependimento

triste--já que me não casei quando devia,--encolheu os hombros

melancolicamente--acabou-se... Perdi a vez. Ficarei solteiro.

Luiza fez-se escarlate. Houve um silencio.

--E qual é o outro presente, então, além do rosario?

--Ah! Luvas. Luvas de verão, de \_peau de suède\_, de oito botões. Luvas

decentes. Vossês aqui usam umas luvitas de dous botões, a vêr-se o

punho, um horror!

De resto pelo que tinha visto, as mulheres em Lisboa cada dia se

vestiam peor! Era atroz! Não dizia por ella; até aquelle vestido tinha

\_chic\_, era simples, era honesto. Mas em geral, era um horror. Em

Paris! Que deliciosas, que frescas as \_toilettes\_ d'aquelle verão!

Oh! mas em Paris!... Tudo é superior! Por exemplo, desde que chegára

ainda não pudera comer. Positivamente não podia comer!--Só em Paris se

come--resumiu.

Luiza voltava entre os dedos o seu medalhão de ouro, preso ao pescoço

por uma fita de velludo preto.

--E estiveste então um anno em Paris?

Um anno divino. Tinha um \_appartamento\_ lindissimo, que pertencera a

lord Falmouth, rue Saint Florentin, tinha tres cavallos...

E recostando-se muito, com as mãos nos bolsos:

--Emfim, fazer este valle de lagrimas o mais confortavel possivel!...

Dize cá, tens algum retrato n'esse medalhão?

--O retrato de meu marido.

--Ah! deixa vêr!

Luiza abriu o medalhão. Elle debruçou-se; tinha o rosto quasi sobre o

peito d'ella. Luiza sentia o aroma fino que vinha de seus cabellos.

--Muito bem, muito bem!--fez Bazilio.

Ficaram calados.

--Que calor que está!--disse Luiza.--Abafa-se, hein!

Levantou-se, foi abrir um pouco uma vidraça. O sol deixára a varanda.

Uma aragem suave encheu as pregas grossas das bambinellas.

--É o calor do Brazil--disse elle.--Sabes que estás mais crescida?

Luiza estava de pé. O olhar de Bazilio corria-lhe as linhas do corpo; e

com a voz muito intima, os cotovêlos sobre os joelhos, o rosto erguido

para ella:

--Mas, francamente, dize cá, pensaste que eu te viria vêr?

--Ora essa! Realmente, se não viesses zangava-me. És o meu unico

parente... O que tenho pena é que meu marido não esteja...

--Eu--acudiu Bazilio--foi justamente por elle não estar...

Luiza fez-se escarlate. Bazilio emendou logo, um pouco corado tambem:

--Quero dizer... talvez elle saiba que houve entre nós...

Ella interrompeu:

--Tolices! Eramos duas crianças. Onde isso vai!

--Eu tinha vinte e sete annos--observou elle, curvando-se.

Ficaram calados, um pouco embaraçados. Bazilio cofiava o bigode,

olhando vagamente em redor.

--Estás muito bem installada aqui--disse.

Não estava mal... A casa era pequena, mas muito commoda. Pertencia-lhes.

--Ah! estás perfeitamente! Quem é esta senhora, com uma luneta d'ouro?

E indicava o retrato por cima do sophá.

--A mãi de meu marido.

--Ah! vive ainda?

--Morreu.

--É o que uma sogra póde fazer de mais amavel...

Bocejou ligeiramente, fitou um momento os seus sapatos muito aguçados,

e com um movimento brusco, ergueu-se, tomou o chapéo.

--Já? Onde estás?

--No Hotel Central. E até quando?

--Até quando quizeres. Não disseste que vinhas ámanhã com o rosario?

Elle tomou-lhe a mão, curvou-se:

--Já se não póde dar um beijo na mão d'uma velha prima?

--Porque não?

Pousou-lhe um beijo na mão, muito longo, com uma pressão dôce.

--Adeus!--disse.

E á porta, com o reposteiro meio erguido, voltando-se:

--Sabes, que eu, ao subir as escadas, vinha a perguntar a mim mesmo,

como se vai isto passar?

--Isto quê? Vêrmo-nos outra vez? Mas, perfeitamente. Que imaginaste tu?

Elle hesitou, sorriu:

--Imaginei que não eras tão boa rapariga. Adeus. Ámanhã, hein?

No fundo da escada accendeu o charuto, devagar.

--Que bonita que ella está!--pensou.

E arremessando o phosphoro, com força:

--E eu, pedaço d'asno, que estava quasi decidido a não a vir vêr!

Está de appetite! Está muito melhor! E sósinha em casa, aborrecidinha

talvez!...

Ao pé da Patriarchal fez parar um \_coupé\_ vazio; e estendido, com o

chapéo nos joelhos, em quanto a parelha esfalfada trotava:

--E tem-me o ar de ser muito aceada, cousa rara na terra! As mãos muito

bem tratadas! O pé muito bonito!

Revia a pequenez do pé, poz-se a fazer por elle o desenho mental de

outras bellezas, despindo-a, querendo adivinhal-a... A amante que

deixára em Paris era muito alta e magra, d'uma elegancia de tisica;

quando se decotava viam-se as saliencias das suas primeiras costellas.

E as fórmas redondinhas de Luiza decidiram-no:

--A ella!--exclamou com appetite:--A ella, como S. Thiago aos mouros!

Luiza, quando o sentiu em baixo fechar a porta da rua, entrou no

quarto, atirou o chapéo para a \_causeuse,\_ e foi-se logo vêr ao

espelho. Que felicidade estar vestida! Se elle a tivesse apanhado em

roupão, ou mal penteada!... Achou-se muito afogueada, cobriu-se de pós

de arroz. Foi á janella, olhou um momento a rua, o sol que batia ainda

nas casas fronteiras. Sentia-se cançada. Áquellas horas, Leopoldina

estava a jantar já, de certo... Pensou em escrever a Jorge «para

matar o tempo», mas veio-lhe uma preguiça; estava tanto calor! Depois

não tinha que lhe dizer! Começou então a despir-se devagar diante do

espelho, olhando-se muito, gostando de se vêr branca, acariciando a

finura da pelle, com bocejos languidos d'um cansaço feliz.--Havia

sete annos que não via o primo Bazilio! Estava mais trigueiro, mais

queimado, mas ia-lhe bem!

E depois de jantar ficou junto á janella, estendida na \_voltaire\_, com

um livro esquecido no regaço. O vento cahira, e o ar, de um azul forte

nas alturas, estava immovel; a poeira grossa pousára, a tarde tinha

uma transparencia calma de luz; passaros chilreavam na figueira brava;

da serralheria proxima sahia o martellar continuo e sonoro de folhas

de ferro. Pouco a pouco o azul desbotou; sobre o poente, laivos de côr

de laranja desmaiada esbateram-se como grandes pinceladas desleixadas.

Depois tudo se cobriu de uma sombra diffusa, calada e quente, com uma

estrellinha muita viva que luzia e tremia. E Luiza deixára-se ficar na

\_voltaire\_ esquecida, absorvida, sem pedir luz.

--Que vida interessante a do primo Bazilio!--pensava.--O que elle tinha

visto! Se ella podesse tambem fazer as suas malas, partir, admirar

aspectos novos e desconhecidos, a neve nos montes, cascatas reluzentes!

Como desejaria visitar os paizes que conhecia dos romances--a Escocia e

os seus lagos taciturnos, Veneza e os seus palacios tragicos; aportar

ás bahias, onde um mar luminoso e faiscante morre na arêa fulva; e das

cabanas dos pescadores, de tecto chato, onde vivem as Graziellas, vêr

azularem-se ao longe as ilhas de nomes sonoros! E ir a Paris! Paris

sobretudo! Mas, qual! Nunca viajaria de certo; eram pobres; Jorge era

caseiro, tão lisboeta!

Como seria o patriarcha de Jerusalém? Imaginava-o de longas barbas

brancas, recamado d'ouro, entre instrumentações solemnes e rolos de

incenso! E a princeza de La Tour d'Auvergne? Devia ser bella, de uma

estatura real, vivia cercada de pagens, namorára-se de Bazilio.--A

noite escurecia, outras estrellas luziam.--Mas de que servia viajar,

enjoar nos paquetes, bocejar nos wagons, e, n'uma diligencia muita

sacudida, cabecear de somno pela serra nas madrugadas frias? Não era

melhor viver n'um bom conforto, com um marido terno, uma casinha

abrigada, colxões macios, uma noite de theatro ás vezes, e um bom

almoço nas manhãs claras quando os canarios chalram? Era o que ella

tinha. Era bem feliz! Então veio-lhe uma saudade de Jorge; desejaria

abraçal-o, tel-o alli, ou quando descesse ir encontral-o fumando o seu

cachimbo no escriptorio, com o seu jaquetão de velludo. Tinha tudo,

elle, para fazer uma mulher feliz e orgulhosa: era bello, com uns

olhos magnificos, terno, fiel. Não gostaria de um marido com uma vida

sedentaria e caturra: mas a profissão de Jorge era interessante; descia

aos poços tenebrosos das minas, um dia aperrára as pistolas contra

uma malta revoltada; era valente, tinha talento! Involuntariamente,

porém, o primo Bazilio fazendo fluctuar o seu \_burnous\_ branco pelas

planicies da Terra Santa; ou em Paris, direito na almofada, governando

tranquillamente os seus cavallos inquietos--davam-lhe a idéa d'uma

outra existencia mais poetica, mais propria para os episodios do

sentimento.

Do céo estrellado cahia uma luz diffusa: janellas alumiadas sobresahiam

ao longe, abertas á noite abafada: vôos de morcegos passavam diante da

vidraça.

--A senhora não quer luz?--perguntou á porta a voz fatigada de Juliana.

--Ponha-a no quarto.

Desceu. Bocejava muito, sentia-se quebrada.

--É trovoada--pensou.

Foi á sala, sentou-se ao piano, tocou ao acaso bocados da \_Lucia\_, da

\_Somnambula\_, o \_Fado\_; e parando, os dedos pousados de leve sobre

o teclado, poz-se a pensar que Bazilio devia vir no dia seguinte:

vestiria o roupão novo de \_foulard\_ côr de castanho! Recomeçou o

\_Fado\_, mas os olhos cerravam-se-lhe.

Foi para o quarto.

Juliana trouxe o rol e a lamparina. Vinha arrastando as chinellas, com

um casabeque pelos hombros, encolhida e lugubre. Aquella figura com um

ar de enfermaria irritou Luiza:

--Credo, mulher! Vossê parece a imagem da morte!

Juliana não respondeu. Pousou a lamparina; apanhou, placa a placa,

sobre a commoda, o dinheiro das compras; e com os olhos baixos:

--A senhora não precisa mais nada, não?

--Vá-se, mulher, vá!

Juliana foi buscar o candieiro de petroleo, subiu ao quarto. Dormia em

cima, no sotão, ao pé da cozinheira.

--Pareço-te a imagem da morte!--resmungava, furiosa.

O quarto era baixo, muito estreito, com o tecto de madeira inclinado;

o sol, aquecendo todo o dia as telhas por cima, fazia-o abafado

como um forno; havia sempre á noite um cheiro requentado de tijolo

escandecido. Dormia n'um leito de ferro, sobre um colxão de palha

molle coberto d'uma colcha de chita; da barra da cabeceira pendiam os

seus \_bentinhos\_ e a rêde enxovalhada que punha na cabeça; ao pé tinha

preciosamente a sua grande arca de pau, pintada de azul, com uma grossa

fechadura. Sobre a mesa de pinho estava o espelho de gaveta, a escova

de cabello ennegrecida e despellada, um pente d'osso, as garrafas de

remedio, uma velha pregadeira de setim amarello, e, embrulhada n'um

jornal, a \_cuia\_ de retroz dos domingos. E o unico adorno das paredes

sujas, riscadas da cabeça de phosphoros,--era uma lithographia de Nossa

Senhora das Dôres por cima da cama, e um daguerreotypo onde se percebia

vagamente, no reflexo espelhado da lamina, os bigodes encerados e as

divisas de um sargento.

--A senhora já se deitou, snr.^a Juliana?--perguntou a cozinheira do

quarto pegado, d'onde sahia uma barra de luz viva cortando a escuridão

do corredor.

--Já se deitou, snr.^a Joanna, já. Está hoje com os azeites. Falta-lhe

o homem!

Joanna, ás voltas, fazia ranger as madeiras velhas da cama. Não podia

dormir! Abafava-se! Ouf!

--Ai! e aqui!--exclamou Juliana.

Abriu o postigo que dava para os telhados, para deixar arejar; calçou

as chinellas de tapete, e foi ao quarto de Joanna. Mas não entrou,

ficou á porta; era \_criada de dentro\_, evitava familiaridades. Tinha

tirado a \_cuia\_, e com um lenço preto e amarello amarrado na cabeça, o

seu rosto parecia mais chupado, e as orelhas mais despegadas do craneo;

a camisa decotada descobria as claviculas descarnadas; a saia curta

mostrava as canellas muito brancas, muito seccas. E com o casabeque

pelos hombros, coçando devagarinho os cotovêlos agudos:

--Diga-me cá, snr.^a Joanna--disse com a voz discreta--aquelle sujeito

demorou-se muito? Reparou?

--Tinha sahido n'aquelle instantinho, quando vossemecê entrou. Ouf!

Encalmada, quasi descoberta, com as pernas muito abertas, Joanna

coçava-se furiosamente por baixo da grossa camisa com folhos á minhota

que lhe descobria os peitos. Não podia parar com os persevejos! O raio

do quarto tinha ninhos! Até sentia o estomago embrulhado.

--Ai! é um inferno!--disse com lastima Juliana.--Eu só adormeço com

dia. Mas ainda eu agora reparo... Vossemecê tem S. Pedro á cabeceira. É

devoção?

--É o santo do meu rapaz--disse a outra. Sentou-se na cama. Ouf! E

então tinha estado toda a noite com uma sêde!...

Saltou para o chão, com passadas rijas que faziam tremer o soalho, foi

ao jarro, pôl-o á bocca, bebeu uma tarraçada. A camisa justa, feita de

pouca fazenda, mostrava as fórmas rijas e valentes.

--Pois eu fui ao medico--disse Juliana. E com um grande suspiro:--Ai!

isto só Deus, snr.^a Joanna! Isto só Deus!

Mas porque se não resolvia a snr.^a Juliana a ir á mulher de virtude?

Era a saude certa. Morava ao Poço dos Negros; tinha orações e unguentos

para tudo. Levava meia moeda pelo \_preparo\_...

--Que isso são humores, snr.^a Juliana. O que vossemecê tem, são

humores.

Juliana tinha dado dous passos para dentro do quarto. Quando se tratava

de doenças, de remedios, tornava-se mais familiar.

--Eu já me tenho lembrado... eu já me tenho lembrado de ir á mulher.

Mas, meia moeda!

E ficou a olhar, tristemente, reflectindo.

--É o que eu tenho junto para umas botinas de gaspia!

Eram o seu vicio, as botinas! Arruinava-se com ellas: tinha-as de

duraque com ponteiras de verniz, de cordovão com laço, de pellica

com pespontos de côr, embrulhadas em papeis de sêda, na arca,

fechadas--guardadas para os domingos!

Joanna censurou-a.

--Ai! eu, em se tratando do corpo, do interior, que o diabo leve os

arrebiques!

Queixou-se tambem da sua miseria. Tinha pedido á senhora um mez

adiantado! Estava sem camisas! As duas que tinha eram uns trapos! Pelo

gosto da que trazia, a desfazerem-se!

--Mas, então!--suspirou--O meu rapaz precisou um dinheiro...

--Vossemecê tambem, snr.^a Joanna, deixa-se cardar pelo homem!

Joanna sorriu.

--Ainda que eu tivesse de roer ossos, snr.^a Juliana, a ultima migalha

havia de ser p'ra elle!

Juliana teve um risinho secco, e com a voz arrastada:

--Vale lá a pena!

Mas invejava asperamente a cozinheira pela posse d'aquelle amor, pelas

suas delicias. Repetiu, contrafeita:

--Vale lá a pena! Perfeito rapaz--continuou--o que veio hoje vêr a

senhora! Melhor que o homem!

E depois d'uma pausa:

--Então esteve mais de duas horas?

--Tinha sahido quando vossemecê entrou.

Mas o candieiro de petroleo apagava-se, com um cheiro fetido e uma

fumarada negra.

--Boa noite, snr.^a Joanna. Ainda vou rezar a minha corôa.

--Ó snr.^a Juliana!--disse a outra d'entre os lençoes--Se vossemecê

quer rezar tres salvè-rainhas pela saude do meu rapaz que tem estado

adoentado, eu cá lhe rezava tres pelas melhoras do peito.

--Pois sim, snr.^a Joanna!

Mas reflectindo:

--Olhe. Eu do peito vou melhor; dê-m'as antes p'ra allivio das dôres de

cabeça. A Santa Engracia!

--Como vossemecê quizer, snr.^a Juliana.

--Se faz favor. Boa noite! Fica-lhe ahi um cheiro! Credo!

Foi para o quarto. Rezou, apagou a luz. Um calor molle continuo cahia

do forro; começou a faltar-lhe o ar: tornou a abrir o postigo, mas o

bafo quente que vinha dos telhados enjoava-a; e era assim todas as

noites, desde o começo do estio! Depois as madeiras velhas fervilhavam

de bicharia! Nunca, nunca, nas casas que servira, tinha tido um quarto

peor. Nunca!

A cozinheira começou a resonar ao lado. E acordada, ás voltas, com

afflicções no coração, Juliana sentia a vida pesar-lhe, com uma

amargura maior!

Nascera em Lisboa. O seu nome era Juliana Couceiro Tavira. Sua mãi

fôra engommadeira; e desde pequena tinha conhecido em casa um sujeito,

a quem chamavam na visinhança--\_o fidalgo\_, a quem sua mãi chamava--o

snr. D. Augusto. Vinha todos os dias, de tarde no verão, no inverno

de manhã, para a saleta onde sua mãi engommava, e alli estava horas

sentado no poial da janella que dava para um quintalejo, fumando

cachimbo, cofiando em silencio um enorme bigode preto. Como o poial era

de pedra, punha-lhe em cima, com muito methodo, uma almofada de vento,

que elle mesmo soprava. Era calvo, e trazia ordinariamente uma quinzena

de velludo castanho e chapéo alto branco. Ás seis horas levantava-se,

esvaziava a almofada, estava um bocado a esticar as calças para cima,

e sahia, com a sua grossa bengala de cana da India debaixo do braço,

gingando da cinta. Ella e sua mãi iam então jantar na mesinha de pinho

da cozinha debaixo d'um postigo, diante do qual se balouçavam, de verão

e d'inverno, galhos magros d'uma arvore triste.

Á noite o snr. D. Augusto voltava; trazia sempre um jornal; sua mãi

fazia-lhe chá e torradas, servia-o, toda enlevada n'elle. Muitas vezes

Juliana a vira chorar de ciumes.

Um dia uma visinha má, a quem ella não quizera ajudar a lavar a roupa,

enfureceu-se, e atirando-lhe injurias dos degraus da porta,--gritou-lhe

que sua mãi era uma desavergonhada, e que seu pai estava na Africa por

ter morto o \_Rei de Copas\_!

Pouco tempo depois foi servir. Sua mãi morreu d'ahi a mezes, com uma

doença d'utero. Juliana só uma vez tornou a vêr o snr. D. Augusto,--uma

tarde, com uma opa rôxa, lugubre, na procissão de Passos!

Servia, havia vintes annos. Como ella dizia, mudava de amos, mas não

mudava de sorte. Vinte annos a dormir em cacifros, a levantar-se

de madrugada, a comer os restos, a vestir trapos velhos, a soffrer

os repellões das crianças e as más palavras das senhoras, a fazer

despejos, a ir para o hospital quando vinha a doença, a esfalfar-se

quando voltava a saude!... Era de mais! Tinha agora dias em que só de

vêr o balde das aguas sujas e o ferro d'engommar se lhe embrulhava o

estomago. Nunca se acostumára a servir. Desde rapariga a sua ambição

fôra ter um negociosito, uma tabacaria, uma loja de capellista ou de

quinquilherias, dispôr, governar, ser patrôa: mas, apesar d'economias

mesquinhas e de calculos sôfregos, o mais que conseguira juntar foram

sete moedas ao fim d'annos: tinha então adoecido; com o horror do

hospital fôra tratar-se para casa d'uma parenta; e o dinheiro, ai!

derretera-se! No dia em que se trocou a ultima libra, chorou horas com

a cabeça debaixo da roupa.

Ficou sempre adoentada desde então, perdeu toda a esperança de se

estabelecer. Teria de servir até ser velha, sempre, d'amo em amo! Essa

certeza dava-lhe uma desconsolação constante. Começou a azedar-se.

E depois não tinha \_geito\_, não sabia tirar partido das casas: via

companheiras divertir-se, visinhar, janellar, bisbilhotar, sahir aos

domingos ás hortas e aos retiros, levar o dia cantando, e quando as

patrôas iam ao theatro, abrir a porta aos derriços--e patuscar pelos

quartos! Ella não. Sempre fôra embezerrada. Fazia a sua obrigação,

comia, ia estirar-se sobre a cama; e aos domingos, quando não passeava,

encostava-se a uma janella, com o lenço sobre o peitoril para não

roçar as mangas, e alli estava immovel, a olhar, com o seu broche de

filigrana e a cuia dos dias santos! Outras companheiras eram muito das

amas, faziam-se muito humildes, sabujavam, traziam de fóra as historias

da rua, e cartinhas levadas e recadinhos e p'ra dentro e p'ra fóra,

muito confidentes,--muito presenteadas tambem! Ella não podia. Era

\_minha senhora isto! minha senhora aquillo!\_ E cada uma no seu lugar!

Era genio.

Desde que servia, apenas entrava n'uma casa sentia logo, n'um relance,

a hostilidade, a malquerença: a senhora fallava-lhe com seccura, de

longe; as crianças tomavam-lhe birra; as outras criadas, se estavam

chalrando, calavam-se, mal a sua figura esguia apparecia; punham-lhe

alcunhas--\_a isca sêcca\_, \_a fava torrada\_, \_o saca-rolhas\_;

imitavam-lhe os trejeitos nervosos; havia risinhos, cochichos pelos

cantos; e só tinha encontrado alguma sympathia nos gallegos taciturnos,

cheios d'uma saudade morrinhenta, que veem de manhã quando ainda os

quartos estão escuros, com as suas grossas passadas, encher os barris,

engraxar o calçado.

Lentamente, começou a tornar-se desconfiada, cortante como um nordeste;

tinha respostadas, questões com as companheiras; não se havia de deixar

pôr o pé no pescoço!

As antipathias que a cercavam faziam-na assanhada, como um circulo

d'espingardas enraivece um lobo. Fez-se má; beliscava crianças até lhe

ennodoar a pelle; e se lhe ralhavam, a sua colera rompia em rajadas.

Começou a ser despedida. N'um só anno esteve em tres casas. Sahia com

escandalo, aos gritos, atirando as portas, deixando as amas todas

pallidas, todas nervosas...

A inculcadeira, a sua velha amiga, a tia Victoria, disse-lhe:

--Tu acabas por não ter onde te arrumar, e falta-te o bocado do pão!

O pão! Aquella palavra que é o terror, o sonho, a difficuldade do pobre

assustou-a. Era fina, e dominou-se. Começou a fazer-se «uma pobre

mulher», com affectações de zelo, um ar de soffrer tudo, os olhos

no chão. Mas roia-se por dentro: veio-lhe a inquietação nervosa dos

musculos da face, o \_tic\_ de franzir o nariz: a pelle esverdeou-se-lhe

de bilis.

A necessidade de se constranger trouxe-lhe o habito d'odiar: odiou

sobretudo as patrôas, com um odio irracional e pueril. Tivera-as ricas,

com palacetes, e pobres, mulheres d'empregados, velhas e raparigas,

colericas e pacientes;--odiava-as a todas, sem differença. É patrôa

e basta! Pela mais simples palavra, pelo acto mais trivial! Se as

via sentadas:--Anda, refestela-te, que a moura trabalha! Se as via

sahir:--Vai-te, a negra cá fica no buraco! Cada riso d'ellas era uma

offensa á sua tristeza doentia; cada vestido novo uma affronta ao seu

velho vestido de merino tingido. Detestava-as na alegria dos filhos

e nas prosperidades da casa. Rogava-lhes pragas. Se os amos tinham

um dia de contrariedade, ou via as caras tristes, cantarolava todo o

dia em voz de falsete a \_Carta adorada\_! Com que gosto trazia a conta

retardada d'um credor impaciente, quando presentia embaraços na casa!

«Este papel!--gritava com uma voz estridente--diz que não se vai embora

sem uma resposta!» Todos os lutos a deleitavam,--e sob o chale preto,

que lhe tinham comprado, tinha palpitações de regosijo. Tinha visto

morrer criancinhas, e nem a afflicção das mães a commovera; encolhia os

hombros: «Vai d'alli, vai fazer outro. Cabras!»

As boas palavras mesmo, as condescendencias eram perdidas com ella,

como gotas d'agua lançadas no fogo. Resumia as patrôas na mesma

palavra--\_uma récua\_! E detestava as boas pelos vexames que soffrera

das más. A ama era para ella o Inimigo, o Tyranno. Tinha visto morrer

duas,--e de cada vez sentira, sem saber porquê, um vago allivio, como

se uma porção do vasto peso, que a suffocava na vida, se tivesse

desprendido e evaporado!

Sempre fôra invejosa; com a idade aquelle sentimento exagerou-se de

um modo aspero. Invejava tudo na casa: as sobremesas que os amos

comiam, a roupa branca que vestiam. As noites de \_soirée\_, de theatro,

exasperavam-na. Quando havia passeios projectados, se chovia de

repente, que felicidade! O aspecto das senhoras vestidas e de chapéo,

olhando por dentro da vidraça com um tedio infeliz, deliciava-a,

fazia-a loquaz:

--Ai minha senhora! É um temporal desfeito! É a cantaros, está para

todo o dia! Olha o ferro!

E muito curiosa: era facil encontral-a, de repente, cosida por detraz

de uma porta com a vassoura a prumo, o olhar aguçado. Qualquer carta

que vinha era revirada, cheirada... Remexia subtilmente em todas as

gavetas abertas, vasculhava em todos os papeis atirados. Tinha um modo

de andar ligeiro e surprehendedor. Examinava as visitas. Andava á busca

de um \_segredo\_, de um \_bom segredo\_! Se lhe cahia um nas mãos!

Era muito gulosa. Nutria o desejo insatisfeito de comer bem, de

petiscos, de sobremesas. Nas casas em que servia ao jantar, o seu olho

avermelhado seguia avidamente as porções cortadas á mesa; e qualquer

bom appetite que repetia exasperava-a, como uma diminuição da sua

parte. De comer sempre os restos ganhára o ar aguado,--o seu cabello

tomára tons seccos, côr de rato. Era lambareira: gostava de vinho;

em certos dias comprava uma garrafa de oitenta reis, e bebia-a só,

fechada, repimpada, com estalos da lingua, a orla do vestido um pouco

erguida, revendo-se no pé.

E nunca tivera um homem, era virgem. Fôra sempre feia, ninguem a

tentára: e, por orgulho, por birra, com receio de uma desfeita, não se

offerecera, como vira muitas, claramente. O unico homem que a olhára

com desejo tinha sido um criado de cavalhariça, atarracado e immundo,

de aspecto facinora: a sua magreza, a sua \_cuia\_, o seu ar domingueiro

tinham excitado o bruto. Fitava-a com um ar de \_bull-dog\_. Causára-lhe

horror,--mas vaidade. E o primeiro homem por quem ella sentira, um

criado bonito e alourado, rira-se d'ella, pozera-lhe o nome da \_Isca

sêcca\_! Não contou mais com os homens, por despeito, por desconfiança

de si mesma. As rebelliões da natureza, suffocava-as; eram \_fogachos,

flatos\_. Passavam. Mas faziam-na mais secca; e a falta d'aquella grande

consolação aggravava a miseria da sua vida.

Um dia teve, emfim, uma grande esperança. Entrára para o serviço

da snr.^a D. Virginia Lemos, uma viuva rica, tia de Jorge, muito

doente, quasi a morrer com um catarrho de bexiga. A tia Victoria, a

inculcadeira, preveniu-a:

--Tu trata a velha, apaparica-a, que ella o que quer é uma enfermeira

que a soffra. É rica, não é nada apegada ao dinheiro, é capaz de te

deixar uma independencia!

Durante um anno Juliana, roída de ambição, foi a enfermeira da velha.

Que zelos! que mimos!

Virginia era muito rabugenta, a idéa de morrer enfurecia-a; quanto mais

ella ralhava com a sua voz guttural, mais Juliana se fazia serviçal. A

velha, por fim, estava enternecida: gabava-a ás pessoas que a vinham

vêr, chamava-lhe a sua \_providencia\_. Tinha-a recommendado muito a

Jorge.

--Não ha outra! não ha outra!--exclamava.

--Pois apanhaste!--dizia-lhe a tia Victoria.--Pelo menos deixa-te o teu

conto de reis.

Um conto de reis! Juliana, de noite, em quanto a velha gemia no seu

antigo leito de pau santo, via o conto de reis á claridade morbida que

dava a lamparina, reluzir em pilhas de ouro inesgotavel e prodigioso.

Que faria com o dinheiro? E, á cabeceira da doente, com um cobertor

pelos hombros, os olhos dilatados e fixos, planeava: poria uma loja de

capellista! Vinham-lhe logo lampejos vivos de outras felicidades: um

conto de reis era um dote, poderia casar, teria um homem!

Estavam acabadas as canceiras. Ia jantar, emfim, o \_seu\_ jantar!

Mandar, emfim, a \_sua\_ criada! A \_sua\_ criada! Via-se a chamal-a,

a dizer-lhe, de cima para baixo:--Faça, vá, despeje, sáia!--Tinha

contracções no estomago, de alegria. Havia de ser boa ama. Mas que lhe

andassem direitas! Desmazelos, más respostas, não havia de soffrer a

criadas!--E, impellida por aquellas imaginações, arrastava subtilmente

as chinellas pelo quarto, fallando só.--Não, desmazelos, não havia de

soffrer! Mantel-as bem, de certo, porque quem trabalha precisa metter

p'ra dentro! Mas havia de lh'o tirar do corpo. Ah! lá isso, haviam de

lhe andar direitas...--A velha tinha então um gemido mais afflicto.

--É agora!--pensava--Morre!

E o seu olhar ancioso ia logo para a gaveta da commoda, onde estava

de certo o dinheiro, os papeis. Mas não! a velha queria beber, ou

voltar-se...

--Como se sente?--perguntava Juliana, com uma voz plangente.

--Melhor, Juliana, melhor--murmurava.

Suppunha-se sempre melhor.

--Mas a senhora tem estado desinquieta!--dizia Juliana, despeitada da

melhora.

--Não--suspirava--dormi bem!

--Isso não tem dormido... Tenho-a ouvido gemer! Tem estado toda a noite

a gemer!

Queria argumentar com ella, convencel-a que estava peor! Convencer-se a

si mesma que o allivio era ephemero, que ia morrer depressa! E todas as

manhãs seguia o dr. Pinto até á porta, com os braços cruzados, a face

triste:

--Então, snr. doutor, não ha esperança?

--Está por dias!

Queria saber os dias: dous? cinco?

--Sim, snr.^a Juliana--dizia o velho, calçando as suas luvas

pretas--uns dias, sete, oito.

--Oito dias!

E como a felicidade se aproximava, já tinha de olho tres pares de

botinas que vira na vidraça do Manoel Lourenço!

A velha, emfim, morreu. Nem a mencionava no testamento!

Veio-lhe uma febre. Jorge, agradecido pelos cuidados d'ella com a tia

Virginia, pagou-lhe um quarto no hospital, e prometteu tomal-a para

criada de dentro. A que tinha, uma Emilia muito bonita, ia casar.

Quando sahiu do hospital para casa de Jorge, começava a queixar-se

mais do coração. Vinha desilludida de tudo, tinha ás vezes vontade de

morrer. Ouviam-se todo o dia pela casa os seus \_ais\_. Luiza achava-a

funebre.

Quiz despedil-a ao fim de duas semanas. Jorge não consentiu,

estava em divida com ella, dizia. Mas Luiza não podia disfarçar a

sua antipathia;--e Juliana começou a detestal-a: poz-lhe logo um

nome:--a \_piorrinha\_! depois, d'ahi a semanas viu vir os estofadores:

renovava-se a mobilia da sala! A tia Virginia deixára tres contos de

reis a Jorge,--e ella, ella que durante um anno fôra a enfermeira,

humilde como um cão e fixa como uma sombra, aturando o monstrengo,

tinha em paga ido para o hospital, com uma febre, das noitadas, das

canceiras! Julgava-se vagamente roubada. Começou a odiar a casa.

Tinha para isso muitas razões, dizia: dormia n'um cubiculo abafado; ao

jantar não lhe davam vinho, nem sobremesa; o serviço dos engommados

era pesado; Jorge e Luiza tomavam banho todos os dias, e era um

trabalhão encher, despejar todas as manhãs as largas bacias de folha:

achava despropositada aquella mania de se pôrem a chafurdar todos os

dias que Deus deitava ao mundo; tinha servido vinte amos, e nunca

vira semelhante desproposito! A unica vantagem--dizia ella á tia

Victoria--era não haver pequenos; tinha horror a crianças! Além d'isso

achava que o bairro era saudavel; e como tinha a cozinheira «na mão»,

não é verdade? havia aquelle regalo dos caldinhos, de algum prato

melhor de vez em quando! Por isso ficava; senão, não era ella!

Fazia no entanto o seu serviço, ninguem tinha nada que lhe dizer. O

olho aberto sempre e o ouvido á escuta, já se vê! E como perdera a

esperança de se estabelecer, não se sujeitava ao rigor de economisar:

por isso ia-se consolando com algumas pinguinhas, de vez em quando; e

satisfazia o seu vicio,--trazer o pé catita. O pé era o seu orgulho, a

sua mania, a sua despeza. Tinha-o bonito e pequenino.

--Como poucos--dizia ella--não vai outro ao Passeio!

E apertava-o, aperreava-o; trazia os vestidos curtos, lançava-o muito

para fóra. A sua alegria era ir aos domingos para o Passeio Publico,

e alli, com a orla do vestido erguida, a cara sob o guarda-solinho de

sêda, estar a tarde inteira na poeira, no calor, immovel, feliz,--a

mostrar, a expôr o pé!

IV

Pelas tres horas da tarde, Juliana entrou na cozinha e atirou-se para

uma cadeira, derreada. Não se tinha nas pernas de debilidade! Desde as

duas horas que andava a arrumar a sala! Estava um chiqueiro. O peralta

na vespera até deixára cinza de tabaco por cima das mesas! A negra é

que as pagava. E que calor! Era de derreter! Ouf!

--O caldinho ha-de estar prompto, hein!--disse, adocicando a

voz.--Tira-m'o, snr.^a Joanna, faz favor?

--Vossemecê hoje está com outra cara--notou a cozinheira.

--Ai! sinto-me outra, snr.^a Joanna! Pois olhe que adormeci com dia. Já

luzia o dia!

--E eu!--Tinha tido cada sonho! Credo! Uma avantesma côr de fogo a

passear-lhe por cima do corpo, e cada pancada na bocca do estomago,

como quem pisava uvas n'um lagar!

--Enfartamento--disse sentenciosamente Juliana, e repetiu:

--Pois eu sinto-me outra. Ha mezes que me não sinto tão bem!

Sorria com os seus dentes amarellados. O caldo que Joanna deitava na

malga branca, com um vapor cheiroso, cheio de hortaliça, dava-lhe uma

alegria gulosa. Estendeu os pés, recostou-se, feliz, na boa sensação

da tarde quente e luminosa, entrando largamente pelas duas janellas

abertas.

O sol retirára-se da varanda, e sobre a pedra, em vasos de barro,

plantas pobres encolhiam a sua folhagem chupada do calor: sobre

uma táboa a um canto, n'uma velha panella bojuda, verdejava um pé

de salsa muito tratado: o gato dormia sobre um esteirão: esfregões

seccavam n'uma corda: e para além alargava-se o azul vivo como um

metal candente, as arvores dos quintaes tinham tons ardentes do sol,

os telhados pardos com as suas vegetações esguias coziam no calor, e

pedaços de paredes caiadas despediam uma rebrilhação dura.

--Está de appetite, snr.^a Joanna, está de appetite!--dizia Juliana,

remexendo o caldo devagarinho, com gula. A cozinheira de pé, com os

braços cruzados sobre o seu peito abundante, regosijava-se:

--O que se quer é que esteja a gosto.

--Está a preceito.

Sorriam, contentes da intimidade, das boas palavras.--E a campainha da

porta que já tinha tocado, tornou a tilintar discretamente.

Juliana não se mexeu. Bafos de aragem quente entravam: ouvia-se ferver

a panella no fogão, e fóra o martellar incessante da forja: ás vezes o

arrulhar triste de duas rôlas que viviam na varanda, n'uma gaiola de

vime, punha na tarde abrazada uma sensação de suavidade.

A campainha retilintou, sacudida com impaciencia.

--Com a cabeça, burro!--disse Juliana.

Riram. Joanna fôra sentar-se á janella, n'uma cadeira baixa; estendia

os seus grossos pés, calçados de chinellas de ourêlo; coçava-se

devagarinho no sovaco, toda repousada.

A campainha retiniu violentamente.

--Fóra, besta!--rosnou Juliana, muito tranquilla.

Mas a voz irritada de Luiza chamou de baixo:

--Juliana!

--Que nem uma pessoa póde tomar a sustancia socegada! Raio de casa!

Irra!

--Juliana!--gritou Luiza.

A cozinheira voltou-se, já assustada:

--A senhora zanga-se, snr.^a Juliana.

--Que a leve o diabo!

Limpou os beiços gordurosos ao avental, desceu furiosa.

--Vossê não ouve, mulher? Estão a bater ha uma hora!

Juliana arregalou os olhos espantada: Luiza tinha vestido o roupão novo

de \_foulard\_ côr de castanho, com pintinhas amarellas!

--Temos novidade! Temol-a grossa!--pensou Juliana pelo corredor.

A campainha repicava. E no patamar, vestido de claro, com uma rosa ao

peito, um embrulho debaixo do braço, estava o \_sujeito do negocio das

minas\_!

--Aquelle sujeito de hontem!--veio dizer, toda pasmada.

--Mande entrar...

--Viva!--pensou.

Galgou a escada da cozinha, disse logo da porta, com a voz aguda de

jubilo:

--Está cá o peralta de hontem! Está cá outra vez! Traz um

embrulho!--Que lhe parece, snr.^a Joanna? Que lhe parece?

--Visitas...--disse a cozinheira.

Juliana teve um risinho secco. Sentou-se, acabou o seu caldo, á pressa.

Joanna indifferente cantarolava pela cozinha; o arrulhar das rôlas

continuava langoroso e debil.

--Pois, senhores, isto vai rico!--disse Juliana.

Esteve um momento a limpar os dentes com a lingua, o olhar fixo,

reflectindo. Sacudiu o avental, e desceu ao quarto de Luiza: o seu

olhar esquadrinhador avistou logo sobre o toucador as chaves esquecidas

da dispensa: podia subir, beber um trago de bom vinho, engulir dous

ladrilhos de marmelada... Mas possuia-a uma curiosidade urgente, e, em

bicos de pés, foi agachar-se á porta que dava para a sala, espreitou. O

reposteiro estava corrido por dentro: podia apenas sentir a voz grossa

e jovial do sujeito. Foi de volta, pelo corredor, á outra porta, ao

pé da escada; poz o olho á fechadura, collou o ouvido á frincha. O

reposteiro dentro estava tambem cerrado.

--Os diabos calafetaram-se!--pensou.

Pareceu-lhe que se arrastava uma cadeira, depois que se fechava uma

vidraça. Os olhos faiscavam-lhe. Uma risada de Luiza sobresahiu, em

seguida um silencio; e as vozes recomeçaram n'um tom sereno e continuo.

De repente o sujeito ergueu a falla, e entre as palavras que dizia, de

pé de certo, passeando, Juliana ouviu claramente: \_Tu, foste tu!\_

--Oh que bebeda!

Um tlim-tlim timido da campainha, ao lado, assustou-a. Foi abrir. Era

Sebastião, muito vermelho do sol, com as botas cheias de pó.

--Está?--perguntou, limpando a testa suada.

--Está com uma visita, snr. Sebastião!

E cerrando a porta sobre si, mais baixo:

--Um rapaz novo que já cá esteve hontem, um janota! Quer que vá dizer?

--Não, não, obrigado, adeus.

Desceu discretamente. Juliana voltou logo a encostar-se á porta, a

orelha contra a madeira, as mãos atraz das costas: mas a conversação,

sem saliencia de vozes, tinha um rumor tranquillo e indistincto. Subiu

á cozinha.

--Tratam-se por tu!--exclamou.--Tratam-se por tu, snr.^a Joanna!

E muita excitada:

--Isto vai á vela! Caspitè! assim é que eu gosto d'ellas!

O sujeito sahiu ás cinco horas. Juliana, apenas sentiu abrir-se a

porta, veio a correr; viu Luiza no patamar, debruçada no corrimão,

dizendo para baixo, com muita intimidade:

--Bem, não falto. Adeus.

Ficou então tomada d'uma curiosidade que a alterava como uma febre.

Toda a tarde, na sala de jantar, no quarto, esquadrinhou Luiza com

olhares de lado. Mas Luiza, com um roupão de linho mais velho, parecia

serena, muito indifferente.

--Que sonsa!

Aquella naturalidade despertava a sua bisbilhotice.

--Eu hei-de-t'apanhar, desavergonhada!--calculava.

Afigurou-se-lhe que Luiza tinha os olhos um pouco pisados! Estudava-lhe

as posições, os tons de voz. Viu-a repetir o assado,--pensou logo:

--Abriu-lhe o appetite!

E quando Luiza ao fim do jantar se estendeu na \_voltaire\_ com um ar

quebrado:

--Ficou derreada.

Luiza que nunca tomava café, quiz n'essa tarde «meia chavena, mas

forte, muito forte».

--Quer café!--veio ella dizer á cozinheira, toda excitada.--Tudo á

grande! E do forte. Quer do forte! Ora o diabo!

Estava furiosa.

--Todas o mesmo! Uma récua de cabras!

Ao outro dia era domingo. Logo pela manhã cedo, quando Juliana ia

para a missa, Luiza chamou-a da porta do quarto, deu-lhe uma carta

para levar a D. Felicidade. Ordinariamente mandava um recado;--e a

curiosidade de Juliana accendeu-se logo diante d'aquelle sobrescripto

fechado e lacrado com o sinete de Luiza, um L gothico dentro d'uma

corôa de rosas.

--Tem resposta?

--Tem.

Quando voltou ás dez horas, com um bilhete de D. Felicidade, Luiza quiz

saber se havia muito calor, se fazia poeira. Sobre a mesa estava um

chapéo de palha escuro, que ella estivera a enfeitar com duas rosas de

musgo.

Fazia um bocadinho de vento, mas p'ra a tarde abrandava, de certo. E

pensou logo:--Temos passeata, vai ter com o gajo!

Mas durante todo o dia, Luiza em roupão não sahiu do seu quarto ou

da sala, ora estendida na \_causeuse\_ lendo aos bocados, ora batendo

distrahidamente no piano pedaços de valsas. Jantou ás quatro horas. A

cozinheira sahiu, e Juliana pôz-se a passar a sua tarde á janella da

sala de jantar. Tinha o vestido novo, as salas muito rijas de gomma, a

cuia dos dias santos--e pousava solemnemente os cotovêlos n'um lenço,

estendido sobre o peitoril da varanda. Defronte os passaros chilreavam

na figueira brava. Dos dous lados do tabique que cercava o terreno

vago, agachavam-se os tectos escuros das duas ruasitas parallelas:

eram casas pobres onde viviam mulheres, que pela tarde, em chambre

ou de garibaldi, os cabellos muito oleosos, faziam meia á janella,

fallando aos homens, cantarolando com um tedio triste. Do outro lado do

terreno, verduras de quintaes, muros brancos davam áquelle sitio um ar

adormecido de villa pacata. Quasi ninguem passava. Havia um silencio

fatigado; e só ás vezes o som distante d'um realejo, que tocava a

\_Norma\_ ou a \_Lucia\_, punha uma melancolia na tarde.--E Juliana alli

estava immovel, até que os tons quentes da tarde empallideciam, e os

morcegos começavam a voar.

Pelas oito horas entrou no quarto de Luiza,--ficou pasmada de a vêr

vestida toda de preto, de chapéo! Tinha accendido as serpentinas na

parede, os castiçaes no toucador; e sentada á beira da \_causeuse\_

calçava as luvas devagar, com a face muito séria, um pouco esbatida de

pó d'arroz, o olhar cheio de brilho.

--O vento abrandou?--disse.

--Está a noite muito bonita, minha senhora.

Um pouco antes das nove horas uma carruagem parou á porta. Era D.

Felicidade, muito encalmada. Abafára todo o dia! E á noite nem uma

aragem! Até tinha mandado buscar uma carruagem descoberta, que n'um

coupé, credo, morria-se!

Juliana pelo quarto arrumava, dobrava, toda curiosa. Onde iriam? onde

iriam? D. Felicidade, amplamente sentada, de chapéo, tagarellava: uma

indigestão que tivera na vespera com umas bajes; a cozinheira que a

tinha querido «comer» em quatro vintens; uma visita que lhe fizera a

condessa de Arruella...

Emfim, Luiza, disse, baixando o seu véo branco:

--Vamos, filha. Faz-se tarde.

Juliana foi-lhes alumiar, furiosa. Olha que proposito, irem duas

mulheres sós por ahi fóra, n'uma tipoia! E se uma criada então se

demorava na rua mais meia hora, credo, que alarido! Que duas bebedas!

Foi á cozinha desabafar com a Joanna. Mas a rapariga estirada n'uma

cadeira, dormitava.

Fôra com o seu Pedro ao Alto de S. João. E toda a tarde tinham passeado

no cemiterio, muito juntos, admirando os jazigos, soletrando os

epitaphios, beijocando-se nos recantos que os chorões escureciam, e

regalando-se do ar dos cyprestes e das relvas dos mortos. Voltaram por

casa da Serena, entraram a beberricar um quartilho no Espregueira...

Tarde cheia! e estava derreada da soalheira, do pó, da admiração de

tanto tumulo rico, do homem, e da pinguita de vinho.

O que ia, era refastelar-se para a cama!

--Credo, snr.^a Joanna, vossemecê está-se a fazer uma dorminhôca! Olha

que mulher! Com pouco arrêa! Cruzes!

Desceu ao quarto de Luiza, apagou as luzes, abriu as janellas, arrastou

a poltrona para a varanda,--e, repimpada, os braços cruzados, pôz-se a

passar a noite.

O estanque ainda não se fechára, e a sua luzita lugubre como a

estanqueira, estendia-se tristemente sobre a pedra miuda da rua; as

janellas ao pé estavam abertas; por algumas, mal alumiadas, viam-se

dentro serões melancolicos; n'outras, onde havia vultos immoveis,

luzia ás vezes a ponta d'um cigarro; aqui, além tossia-se; e o moço do

padeiro, no silencio quente da noite, harpejava baixinho a guitarra.

Juliana pozera um vestido de chita claro; dous sujeitos que estavam

á porta do estanque riam, erguiam de vez em quando os olhos para a

janella, para aquelle vulto branco de mulher: Juliana, então, gozou!

Tomavam-na de certo pela senhora, pela do Engenheiro; faziam-lhe

«olho», diziam brejeirices... Um tinha calça branca e chapéo alto, eram

janotas... E com os pés muito estendidos, os braços cruzados, a cabeça

de lado, saboreava, longamente, aquella consideração.

Passos fortes que subiam a rua, pararam á porta; a campainha retiniu de

leve.

--Quem é?--perguntou muito impaciente.

--Está?--disse a voz grossa de Sebastião.

--Sahiu com a D. Felicidade, foram de carruagem.

--Ah!--fez elle.

E acrescentou:

--Muito bonita noite!

--D'appetite, snr. Sebastião! d'appetite!--exclamou alto.

E quando o viu descer a rua, gritou, affectadamente:

--Recados a Joanna! Não se esqueça!--mostrando-se intima, madama, com

olho terno para os homens.

Áquella hora D. Felicidade e Luiza chegavam ao Passeio.

Era beneficio; já de fóra se sentia o \_brouhaha\_ lento e monotono, e

via-se uma nevoa alta de poeira, amarellada e luminosa.

Entraram. Logo ao pé do tanque encontraram Bazilio. Fez-se muito

surprehendido, exclamou:

--Que feliz acaso!

Luiza corou, apresentou-o a D. Felicidade.

A excellente senhora teve muitos sorrisos. Lembrava-se d'elle, mas se

não lhe dissessem talvez o não conhecesse! Estava muito mudado!

--Os trabalhos, minha senhora...--disse Bazilio curvando-se.

E acrescentou rindo, batendo com a bengala na pedra do tanque:

--E a velhice! Sobretudo a velhice!

Na agua escura e suja as luzes do gaz torciam-se até uma grande

profundidade. As folhagens em redor estavam immoveis, no ar parado,

com tons d'um verde livido e artificial. Entre os dous longos renques

parallelos d'arvores mesquinhas, entremeadas de candieiros de gaz,

apertava-se, n'um empoeiramento de macadam, uma multidão compacta e

escura; e através do rumor grosso, as saliencias metallicas da musica

faziam passar no ar pesado, compassos vivos de valsa.

Tinham ficado parados, conversando.

Que calor, hein? Mas a noite estava linda! Nem uma aragem! que enchente!

E olhavam a gente que entrava: moços muito frisados, com calças côr de

flôr d'alecrim, fumando ceremoniosamente os charutos do dia santo; um

aspirante com a cinta espartilhada e o peito enchumaçado; duas meninas

de cabello riçado, de movimentos gingados que lhe desenhavam os ossos

das omoplatas sob a fazenda do vestido atabalhoado; um ecclesiastico

côr de cidra, o ar molle, o cigarro na bocca, e lunetas defumadas; uma

hespanhola com dous metros de saia branca muita rija, fazendo ruge-ruge

na poeira; o triste Xavier, poeta; um fidalgo de jaquetão e bengalão,

de chapéo na nuca, o olho avinhado; e Bazilio ria muito de dous

pequenos que o pai conduzia com um ar hilare e compenetrado--vestidos

d'azul claro, a cinta ligada n'uma facha escarlate, barretinas de

lanceiro, botas á hungara, cretinos e somnambulos.

Um sujeito alto então passou rente d'elles, e voltando-se, revirou para

Luiza dous grandes olhos langorosos e prateados: tinha uma pera longa

e aguçada; trazia o collete decotado mostrando um bello peitilho, e

fumava por urna boquilha enorme que representava um zuavo.

Luiza quiz-se sentar.

Um garoto de blusa, sujo como um esfregão, correu a arranjar cadeiras;

e acommodaram-se ao pé d'uma familia acabrunhada e taciturna.

--Que fizeste tu hoje, Bazilio?--perguntou Luiza.

Tinha ido aos touros.

--E que tal? Gostaste?

--Uma semsaboria. Se não fosse pelo trambolhão do Peixinho tinha-se

morrido de pasmaceira. Gado fraco, cavalleiros infelizes, nenhuma

sorte! Touros em Hespanha! Isso sim!

D. Felicidade protestou. Que horror! Tinha-os visto em Badajoz,

quando estivera de visita em Elvas á tia Francisca de Noronha, e ia

desmaiando. O sangue, as tripas dos cavallos... Pouh! É muito cruel!

Bazilio disse, com um sorriso:

--Que faria se visse os combates de gallos, minha senhora!

D. Felicidade tinha ouvido contar,--mas achava todos esses

divertimentos barbaros, contra a religião.

E recordando um gozo que lhe punha um riso na face gorda:

--P'ra mim não ha nada como uma boa noite de theatro! Nada!

--Mas aqui representam tão mal!--replicou Bazilio com uma voz

desolada.--Tão mal, minha rica senhora!

D. Felicidade não respondeu; meio erguida na cadeira, o olhar avivado

d'um brilho humido, saudava desesperadamente com a mão:

--Não me viu--disse desconsolada.

--Era o conselheiro?--perguntou Luiza.

--Não. Era a condessa d'Alviella. Não me viu! Vai muito á Encarnação,

sou muito d'ella. É um anjo! Não me viu. Ia com o sogro.

Bazilio não tirava os olhos de Luiza. Sob o véo branco, á luz falsa

do gaz, no ar ennevoado da poeira, o seu rosto tinha uma fórma alva

e suave, onde os olhos que a noite escurecia punham uma expressão

apaixonada; os cabellinhos louros, frisados, tornando a testa

mais pequena, davam-lhe uma graça ameninada e amorosa; e as luvas

\_gris-perle\_ faziam destacar sobre o vestido negro o desenho elegante

das mãos, que ella pousára no regaço, sustentando o leque, com uma fofa

renda branca em torno dos seus pulsos finos.

--E tu, que fizeste hoje?--perguntou-lhe Bazilio.

Tinha-se aborrecido muito. Estivera todo o santo dia a lêr.

Tambem elle passára a manhã deitado no sophá a lêr a \_Mulher de fogo\_

de Belot. Tinha lido, ella?

--Não, que é?

--É um romance, uma novidade.

E acrescentou sorrindo:

--Talvez um pouco picante; não t'o aconselho!

D. Felicidade andava a lêr o \_Rocambole\_. Tanto lh'o tinham apregoado!

Mas era uma tal trapalhada! Embrulhava-se, esquecia-se... E ia deixar,

porque tinha percebido que a leitura lhe augmentava a indigestão.

--Soffre?--perguntou Bazilio, com um interesse bem educado.

D. Felicidade contou logo a sua dyspepsia. Bazilio aconselhou-lhe o

uso do gelo.--De resto felicitava-a, porque as doenças d'estomago,

ultimamente, tinham muito \_chic\_. Interessou-se pela d'ella, pediu

pormenores.

D. Felicidade prodigalisou-os; e, fallando, via-se-lhe crescer no

olhar, na voz a sua sympathia por Bazilio. Havia de usar o gelo!

--Com o vinho, já se sabe?

--Com o vinho, minha senhora!

--E olha que talvez!--exclamou D. Felicidade, batendo com o leque no

braço de Luiza, já esperançada.

Luiza sorriu, ia responder--mas viu o sujeito pallido da pera longa que

fitava n'ella os seus olhos langorosos, com obstinação. Voltou o rosto

importunada. O sujeito afastou-se, retorcendo a ponta da pera.

Luiza sentia-se molle; o movimento rumoroso e monotono, a noite calida,

a accumulação da gente, a sensação de verdura em redor davam ao seu

corpo de mulher caseira um torpor agradavel, um bem estar d'inercia,

envolviam-na n'uma doçura emolliente de banho morno. Olhava com um vago

sorriso, o olhar frouxo; quasi tinha preguiça de mexer as mãos, d'abrir

o leque.

Bazilio notou o seu silencio.--Tinha somno?

D. Felicidade sorriu com finura.

--Ora, vê-se sem o seu maridinho! Desde que o não tem está esta mona

que se vê.

Luiza respondeu, olhando Bazilio instinctivamente:

--Que tolice! Até estes dias tenho andado bem alegre!

Mas D. Felicidade insistia:

--Ora, bem sabemos, bem sabemos. Esse coraçãosinho está no Alemtejo!

Luiza disse, com impaciencia:

--Não has-de querer que me ponha aos pulos e ás gargalhadas no Passeio.

--Está bem, não te enfureças!--exclamou D. Felicidade. E para

Bazilio:--Que geniosinho, hein!

Bazilio pôz-se a rir.

--A prima Luiza antigamente era uma vibora. Agora não sei...

D. Felicidade acudiu:

--É uma pomba, coitada, é uma pomba! Não, lá isso, é uma pomba.

E envolvia-a n'um olhar maternal.

Mas a familia taciturna ergueu-se, sem ruido,--e as meninas adiante, os

paes atraz, afastaram-se lugubremente, succumbidos.

Bazilio immediatamente apossou-se da cadeira ao pé de Luiza,--e vendo

D. Felicidade a olhar distrahida:

--Estive para te ir vêr de manhã--disse baixinho a Luiza.

Ella ergueu a voz, muito naturalmente, com indifferença:

--E porque não foste? Tinhamos feito musica. Fizeste mal. Devias ter

ido...

D. Felicidade quiz então saber as horas. Começava a enfastiar-se.

Tinha esperado encontrar o conselheiro: por elle, para lhe parecer

bem, fizera o sacrificio de se apertar; Accacio não vinha, os gazes

começavam a affrontal-a; e o despeito d'aquella ausencia augmentava-lhe

a tortura da digestão. Na sua cadeira, com o corpo molle, ia seguindo a

multidão que girava incessantemente, n'uma nevoa empoeirada.

Mas a musica, no coreto, bateu de repente, alto, a grande ruido de

cobres, os primeiros compassos impulsivos da marcha do \_Fausto\_.

Aquillo reanimou-a. Era um \_pot-pourri\_ da opera,--e não havia musica

de que gostasse mais. Estaria para a abertura de S. Carlos, o snr.

Bazilio?

Bazilio disse, com uma intenção, voltando-se para Luiza:

--Não sei, minha senhora, depende...

Luiza olhava, calada. A multidão crescera. Nas ruas lateraes mais

espaçosas, frescas, passeavam apenas, sob a penumbra das arvores, os

acanhados, as pessoas de luto, os que tinham o fato coçado. Toda a

burguezia domingueira viera amontoar-se na rua do meio, no corredor

formado pela filas cerradas das cadeiras do asylo: e alli se movia

entalada, com a lentidão espessa d'uma massa mal derretida, arrastando

os pés, raspando o macadam, n'um amarfanhamento plebeu, a garganta

secca, os braços molles, a palavra rara. Iam, vinham, incessantemente,

para cima e para baixo, com um bamboleamento relaxado e um rumor

grosso, sem alegria e sem bonhomia, no arrebanhamento passivo que

agrada ás raças mandrionas: no meio da abundancia das luzes e das

festividades da musica, um tedio morno circulava, penetrava como uma

nevoa: a poeirada fina envolvia as figuras, dava-lhes um tom neutro; e

nos rostos que passavam sob os candieiros, nas zonas mais directas de

luz, viam-se desconsolações de fadiga e aborrecimentos de dia santo.

Defronte as casas da rua Occidental tinham na sua fachada o reflexo

claro das luzes do Passeio; algumas janellas estavam abertas; as

cortinas de fazenda escura destacavam sobre a claridade interior dos

candieiros. Luiza sentia como uma saudade de outras noites de verão, de

serões recolhidos. Onde? Não se lembrava. O movimento então retrahia-a;

e encontrava em face, fitando-a n'uma attitude lugubre, o sujeito da

pera longa. Debaixo do véo sentia a poeira arder-lhe nos olhos: em

redor d'ella gente bocejava.

D. Felicidade propoz uma volta. Levantaram-se, foram rompendo devagar;

as filas das cadeiras apertavam-se compactamente, e uma infinidade de

faces a que a luz do gaz dava o mesmo tom amarellado olhavam de um modo

fixo e cançado, n'um abatimento de pasmaceira. Aquelle aspecto irritou

Bazilio, e como era difficil andar lembrou--«que se fossem d'aquella

semsaboria».

Sahiram. Em quanto elle ia comprar os bilhetes, D. Felicidade,

deixando-se quasi cahir n'um banco sob a folhagem d'um chorão, exclamou

afflicta:

--Ai filha! Estou que arrebento!

Passava a mão no estomago, tinha a face envelhecida.

--E o conselheiro, que me dizes? Olha que já é pouca sorte! Hoje que eu

vim ao Passeio...

Suspirou, abanando-se. E com o seu sorriso bondoso:

--É muito sympathico, teu primo! E que maneiras! Um verdadeiro fidalgo.

Que elles conhecem-se, filha!

Declarou-se muito fatigada, apenas sahiram o portão. Era melhor tomarem

um trem.

Bazilio achava preferivel subirem a pé até ao largo do Loreto. A noite

estava tão agradavel! E o andar fazia bem á snr.^a D. Felicidade!

Depois diante do Martinho, fallou em irem tomar neve; mas D. Felicidade

receava a frialdade, Luiza tinha vergonha. Pelas portas do café

abertas, viam-se sobre as mesas jornaes enxovalhados; e algum raro

individuo, de calça branca, tomava placidamente o seu sorvete de

morango.

No Rocio, sob as arvores, passeava-se: pelos bancos, gente immovel

parecia dormitar; aqui e além pontas de cigarro reluziam; sujeitos

passavam, com o chapéo na mão, abanando-se, o collete desabotoado; a

cada canto se apregoava agua fresca «do Arsenal»; em torno do largo,

carruagens descobertas rodavam vagarosamente. O céo abafava,--e na

noite escura, a columna da estatua de D. Pedro tinha o tom baço e

pallido de uma vela de estearina colossal e apagada.

Bazilio, ao pé de Luiza, ia calado. Que horror de cidade!--pensava--Que

tristeza! E lembrava-lhe Paris, de verão: subia, á noite, no seu

phaeton, os Campos Elyseos devagar: centenares de victorias descem,

sobem rapidamente, com um trote discreto e alegre; e as lanternas fazem

em toda a avenida um movimento jovial de pontos de luz; vultos brancos

e mimosos de mulheres reclinam-se nas almofadas, balançadas nas molas

macias; o ar em redor tem uma doçura avelludada, e os castanheiros

espalham um aroma subtil. Dos dous lados, d'entre os arvoredos, saltam

as claridades violentas dos cafés cantantes, cheios do \_brouhaha\_

das multidões alegres, dos \_brios\_ impulsivos das orchestras; os

restaurantes flammejam; ha uma intensidade de vida amorosa e feliz;

e, para além, sahe das janellas dos palacetes, através dos \_stores\_

de sêda, a luz sobria e velada das existencias ricas. Ah! se lá

estivesse!--Mas ao passar junto dos candieiros olhava de lado para

Luiza: o seu perfil fino sob o véo branco tinha uma grande doçura; o

vestido prendia bem a curva do seu peito; e havia no seu andar uma

lassidão que lhe quebrava a linha da cinta de um modo languido e

promettedor.

Veio-lhe uma certa idéa, começou a dizer: Que pena que não houvesse

em toda a Lisboa um restaurante, onde se podesse ir tomar uma aza de

perdiz e beber uma garrafa de \_champagne frappée\_!

Luiza não respondeu. Devia ser delicioso--pensava.--Mas D. Felicidade

exclamou:

--Perdiz, a esta hora!

--Perdiz ou outra qualquer cousa.

--Fosse o que fosse, era para estourar! Credo!

Subiam pela rua Nova do Carmo. Os candieiros davam uma luz mortiça: as

altas casas dos dous lados, apagadas, entalavam, carregavam a sombra;

e a patrulha muito armada, descia passo a passo, sem ruido, sinistra e

subtil.

Ao Chiado um garoto de barrete azul perseguiu-os com cautelas de

loteria; a sua voz aguda e chorosa promettia a fortuna, muitos contos

de reis. D. Felicidade ainda parou, com uma tentação... Mas uma troça

de rapazes bebedos que descia de chapéo na nuca, fallando alto, aos

tropeções, assustou muito as duas senhoras. Luiza encolheu-se logo

contra Bazilio, D. Felicidade enfiada agarrou-lhe anciosamente o braço,

quiz-se metter n'uma carruagem; e até ao Loreto foi explicando o seu

medo aos borrachos, com a voz atarantada, contando casos, facadas, sem

largar o braço de Bazilio. Da fileira de tipoias, ao lado das grades

da praça de Camões, um cocheiro lançou logo a sua caleche descoberta,

de pé na almofada, apanhando confusamente as rédeas, com grandes

chicotadas na parelha, muito excitado, gritando:

--Prompto, meu amo, prompto!

Demoraram-se um momento ainda conversando. Um homem então passou,

rondou,--e Luiza desesperada reconheceu os olhos acarneirados do

sujeito da pera.

Entraram para a caleche. Luiza ainda se voltou para vêr Bazilio

immovel no largo, com o seu chapéo na mão: depois accommodou-se, pôz

os pésinhos no outro assento e balançada pelo trote largo viu passar,

calada, as casas apagadas da rua de S. Roque, as arvores de S. Pedro

de Alcantara, as fachadas estreitas do Moinho de Vento, os jardins

adormecidos da Patriarchal. A noite estava immovel, de um calor molle:

e desejava, sem saber porque, rolar assim sempre, infinitamente, entre

ruas, entre grades cheias de folhagem de quintas nobres, sem destino,

sem cuidados, para alguma cousa de feliz que não distinguia bem! Um

grupo defronte da Escóla ia tocando o \_Fado do Vimioso\_; aquelles sons

entraram-lhe na alma como um vento dôce, que fazia agitar brandamente

muitas sensibilidades passadas: suspirou baixo.

--Um suspirosinho que vai para o Alemtejo--disse D. Felicidade,

tocando-lhe o braço.

Luiza sentiu todo o sangue abrazar-lhe o rosto. Davam onze horas quando

entrou em casa.

Juliana veio alumiar.--O chá estava prompto, quando a senhora

quizesse...

Luiza subiu d'ahi a pouco com um largo roupão branco, muito fatigada,

estendeu-se na \_voltaire\_; sentia vir-lhe uma somnolencia, a cabeça

pendia-lhe, cerrava as palpebras... E Juliana tardava tanto com o chá!

Chamou-a. Onde estava? credo!

Tinha descido, pé ante pé, ao quarto de Luiza. E ahi tomando o

vestido, as saias engommadas que ella despira e atirára para cima da

\_causeuse\_, desdobrou-as, revirou-as, examinou-as, e com uma certa

idéa, cheirou-as! Havia o vago aroma de um corpo lavado e quente,

com uma pontinha de suor e de agua de colonia. Quando a sentiu

chamar, impacientar-se em cima, subiu, correndo.--Fôra abaixo dar uma

arrumadella. Era o chá? Estava prompto...

E entrando com as torradas:

--Veio ahi o snr. Sebastião, haviam de ser nove horas...

--Que lhe disse?

--Que a senhora tinha sahido com a snr.^a D. Felicidade. Como não

sabia, não disse para onde.

E acrescentou:

--Esteve a conversar commigo, o snr. Sebastião... Esteve a conversar

mais de meia hora!...

Luiza recebeu, na manhã seguinte, da parte de Sebastião, um ramo de

rosas, magenta-escuro, magnificas. Cultivava-as elle na quinta de

Almada, e chamavam-se rosas \_D. Sebastião\_. Mandou-as pôr nos vasos da

sala, e como o dia estava encoberto, de um calor baixo e suffocante:

--Olhe--disse a Juliana--abra as janellas.

--Bem--pensou Juliana--temos cá o melro.

O \_melro\_ veio com effeito ás tres horas. Luiza estava na sala, ao

piano.

--Está alli o sujeito do costume--foi dizer Juliana.

Luiza voltou-se corada, escandalisada da expressão:

--Ah! meu primo Bazilio? Mande entrar.

E chamando-a:

--Ouça, se vier o snr. Sebastião, ou alguem, que entre.

Era o primo! O \_sujeito\_, as suas visitas perderam de repente para ella

todo o interesse picante. A sua malicia cheia, enfunada até ahi, cahiu,

engelhou-se como uma vela a que falta o vento. Ora, adeus! Era o primo!

Subiu á cozinha, devagar,--lograda.

--Temos grande novidade, snr.^a Joanna! O tal peralta é primo. Diz que

é o primo Bazilio.

E com um risinho:

--É o Bazilio! Ora o Bazilio! Sahe-nos primo á ultima hora! O diabo tem

graça!

--Então que havia de o homem ser senão parente?--observou Joanna.

Juliana não respondeu. Quiz saber se estava o ferro prompto, que tinha

uma carga de roupa para passar! E sentou-se á janella, esperando. O céo

baixo e pardo pesava, carregado de electricidade; ás vezes uma aragem

subita e fina punha nas folhagens dos quintaes um arripio tremulo.

--É o primo!--reflectia ella.--E só vem então quando o marido se vai.

Boa! E fica-se toda no ar quando elle sahe, e é roupa branca e mais

roupa branca, e roupão novo, e tipoia para o passeio, e suspiros e

olheiras! Boa bebeda! Tudo fica na familia!

Os olhos luziam-lhe. Já se não sentia tão lograda. Havia alli muito

«para vêr e para escutar». E o ferro, estava prompto?

Mas a campainha, em baixo, tocou.

--Boa! isto agora é um fadario! Estamos na casa do despacho!

Desceu; e exclamou logo, vendo Julião com um livro debaixo do braço:

--Faz favor d'entrar, snr. Julião! A senhora está com o primo, mas diz

que mandasse entrar!

Abriu a porta da sala bruscamente, de surpreza.

--Está aqui o snr. Julião--disse com satisfação.

Luiza apresentou os dous homens.

Bazilio ergueu-se do sophá languidamente, e, n'um relance, percorreu

Julião desde a cabelleira desleixada até ás botas mal engraxadas, com

um olhar quasi horrorisado.

--Que pulha!--pensou.

Luiza, muito fina, percebeu, e córou, envergonhada de Julião.

Aquelle homem de collarinho enxovalhado e com um velho casaco de pano

preto mal feito--que idéa daria a Bazilio das relações, dos amigos

da casa! Sentia já o seu \_chic\_ diminuido. E instinctivamente, a sua

physionomia tornou-se muito reservada,--como se semelhante visita a

surprehendesse! semelhante \_toilette\_ a indignasse!

Julião percebeu o constrangimento d'ella, disse, já embaraçado,

ageitando a luneta:

--Passei por aqui por acaso, entrei a saber se ha algumas noticias de

Jorge...

--Obrigada. Sim, tem escripto. Está bem...

Bazilio, recostado no sophá, como um parente intimo, examinava a

sua meia de sêda bordada de estrellinhas escarlates, e cofiava

indolentemente o bigode, arrebitando um pouco o dedo minimo,--onde

brilhavam, em dous grossos anneis d'ouro, uma saphira e um rubi.

A affectação da attitude, o reluzir das joias irritaram Julião.

Quiz mostrar tambem a sua intimidade, os seus direitos, disse:

--Eu não tenho vindo fazer-lhe um bocado de companhia, porque tenho

estado muito occupado...

Luiza acudiu para desauthorisar logo aquella familiaridade:

--Eu tambem não me tenho achado bem. Não tenho recebido ninguem,--a não

ser meu primo, naturalmente!

Julião sentiu-se renegado! E todo vermelho, de surpreza, d'indignação,

ficou a balançar a perna, calado, com o livro sobre o joelho; como a

calça era curta, via-se o elastico esfiado das botas velhas.

Houve um silencio difficil.

--Bonitas rosas!--disse emfim Bazilio, preguiçosamente.

--Muito bonitas!--respondeu Luiza.

Estava agora compadecida de Julião, procurava uma palavra; disse-lhe

emfim muito precipitadamente:

--E que calor! É de morrer! Tem havido muitas doenças?

--Colerinas--respondeu Julião.--Por causa das frutas. Doenças de ventre.

Luiza baixou os olhos. Bazilio então começou a fallar da viscondessinha

d'Azeias: tinha-a achado acabada; e que era feito da irmã, da grande?

Aquella conversação sobre fidalgas que elle não conhecia isolava mais

Julião: sentia o suor humedecer-lhe o pescoço; procurava um dito, uma

ironia, uma agudeza; e machinalmente abria e fechava o seu grosso livro

de capa amarella.

--É algum romance?--perguntou-lhe Luiza.

--Não. É o tratado do dr. Lee sobre doenças d'utero.

Luiza fez-se escarlate: Julião tambem, furioso da palavra que lhe

escapára. E Bazilio, depois de sorrir, perguntou por uma certa D.

Raphaela Grijó, que costumava ir á rua da Magdalena, que usava luneta,

e tinha um cunhado gago...

--Morreu-lhe o marido. Casou com o cunhado.

--Com o gago?

--Sim. Tem um filhito d'elle, gago tambem.

--Que conversação, em familia! E a D. Eugenia, a de Braga?

Julião, exasperado, ergueu-se; e com uma voz de garganta secca:

--Estou com pressa, não me posso demorar. Quando escrever a Jorge, os

meus recados, hein?

Abaixou bruscamente a cabeça a Bazilio. Mas não achava o chapéo,

tinha rolado para debaixo d'uma cadeira. Embrulhou-se no reposteiro,

topou violentamente contra a porta fechada, e sahiu emfim

desesperado, desejando vingar-se, odiando Luiza, Jorge, o luxo, a

vida,--transbordando agora d'ironias, de ditos, de réplicas. Devia-os

ter achatado, o asno e a tola... E não lhe acudira nada!

Mas apenas elle tinha fechado a cancella, Bazilio pôz-se de pé, e

cruzando os braços:

--Quem é este pulha?

Luiza córou muito, balbuciou:

--É um rapaz medico...

--É uma creatura impossivel, é uma especie d'estudante!

--Coitado, não tem muitos meios...

Mas não era necessario ter meios para escovar o casaco e limpar a

caspa! Não devia receber semelhante homem! Envergonha uma casa. Se seu

marido gostava d'elle, que o recebesse no escriptorio!...

Passeava pela sala, excitado, com as mãos nos bolsos, fazendo tilintar

o dinheiro e as chaves.

--São frescos os amigos da casa!...--continuou.--Que diabo! tu não

foste educada assim. Nunca tiveste gente d'este genero na rua da

Magdalena.

Não tivera: e pareceu-lhe que as ligações do casamento lhe tinham

trazido um pouco o plebeismo das convivencias. Mas um respeito pelas

opiniões, pelas sympathias de Jorge fez-lhe dizer:

--Diz que tem muito talento...

--Era melhor que tivesse botas.

Luiza, por cobardia, concordou.

--Tambem o acho exquisito!--disse.

--Horrivel, minha filha!

Aquella palavra fez-lhe bater o coração. Era assim que elle lhe

chamava, outr'ora! Houve um momento de silencio:--e a campainha da

porta retiniu fortemente.

Luiza ficou assustada. Jesus! Se fosse Sebastião! Bazilio achal-o-hia

ainda mais reles! Mas Juliana veio dizer:

--O snr. conselheiro. Mando entrar?

--De certo--exclamou.

E a alta figura d'Accacio adiantou-se, com as bandas do casaco d'alpaca

deitadas para traz, a calça branca muito engommada cahindo sobre

sapatos de entrada abaixo, de laço.

Apenas Luiza lhe apresentou o primo Bazilio, disse logo, respeitoso:

--Já sabia que v. exc.^a tinha chegado, vi-o nas interessantes noticias

do nosso \_high-life\_. E do nosso Jorge?

Jorge estava em Beja... Diz que se aborrece muito...

Bazilio, mais amavel, deixou cahir:

--Eu realmente não tenho a menor idéa do que se possa fazer em Beja.

Deve ser horroroso!

O conselheiro, passando sobre o bigode a sua mão branca onde destacava

o annel d'armas, observou:

--É todavia a capital do districto!

Mas se já em Lisboa se não podia fazer nada, e era a capital do

reino!--E Bazilio puxava, todo recostado, o punho da camisa.--Morria-se

positivamente de pasmaceira!

Luiza, muito contente da affabilidade de Bazilio, pôz-se a rir:

--Não digas isso diante do conselheiro. É um grande admirador de Lisboa.

Accacio curvou-se:

--Nasci em Lisboa, e aprecio Lisboa, minha rica senhora.

E com muita bonhomia:

--Conheço porém que não é para comparar aos Parizes, ás Londres, ás

Madrids...

--De certo--fez Luiza.

E o conselheiro continuou com pompa:

--Lisboa porém tem bellezas sem igual! A entrada, ao que me dizem

(eu nunca entrei a barra), é um panorama grandioso, rival das

Constantinoplas e das Napoles. Digno da penna d'um Garrett ou d'um

Lamartine! Proprio para inspirar um grande engenho!...

Luiza, receando citações ou apreciações litterarias, interrompeu-o,

perguntou-lhe o que tinha feito? Tinham estado domingo no Passeio, ella

e D. Felicidade, tinham esperado vêl-o, e nada!

Nunca ia ao Passeio, ao domingo--declarou.--Reconhecia que era muito

agradavel, mas a multidão entontecia-o. Tinha notado,--e a sua voz

tomou o tom espaçado d'uma revelação,--tinha notado que muita gente,

n'um local, causa vertigens aos homens d'estudo. De resto queixou-se da

sua saude e do peso dos seus trabalhos. Andava compilando um livro e

usando as aguas de Vichy.

--Pódes fumar--disse Luiza de repente, sorrindo, a Bazilio.--Queres

lume?

Ella mesmo lhe foi buscar um phosphoro, toda ligeira, feliz. Tinha um

vestido claro, um pouco transparente, muito fresco. Os seus cabellos

pareciam mais louros, a sua pelle mais fina.

Bazilio soprou o fumo do charuto, e declarou muito reclinado:

--O Passeio ao domingo é simplesmente idiota!...

O conselheiro reflectiu e respondeu:

--Não serei tão severo, snr. Brito!--Mas parecia-lhe que com

effeito antigamente era uma diversão mais agradavel.--Em primeiro

lugar--exclamou com muita convicção, endireitando-se--nada, mas

nada, absolutamente nada póde substituir a charanga da Armada!--Além

d'isso havia a questão dos preços... Ah! tinha estudado muito o

assumpto! Os preços diminutos favoreciam a agglomeração das classes

subalternas... Que longe do seu pensamento lançar desdouro n'essa parte

da população... As suas idéas liberaes eram bem conhecidas.--Appéllo

para a snr.^a D. Luiza!--disse.--Mas emfim, sempre era mais agradavel

encontrar uma roda escolhida! Em quanto a si nunca ia ao Passeio.

Talvez não acreditassem, mas nem mesmo quando havia fogo de vistas!

N'esses dias, sim, ia vêr por fóra das grades. Não por economia! De

certo não. Não era rico, mas podia fazer face a essa contribuição

diminuta. Mas é que receava os accidentes! É que os receava muito!

Contou a historia d'um sujeito, cujo nome lhe escapava, a quem uma cana

de foguete furára o craneo.--E além d'isso nada mais facil que cahir

uma fagulha accesa na cara, n'um paletot novo...--É conveniente ter

prudencia--resumiu, compenetrado, limpando os beiços com o lenço de

sêda da India muito enrolado.

Fallaram então da estação: muita gente fôra para Cintra: de resto,

Lisboa no verão era tão seccante!... E o conselheiro declarou que

Lisboa só era imponente, verdadeiramente imponente, quando estavam

abertas as camaras e S. Carlos!

--Que estavas tu a tocar quando eu entrei?--perguntou Bazilio.

O conselheiro acudiu logo:

--Se estavam fazendo musica, por quem são... Sou um velho assignante de

S. Carlos, ha dezoito annos...

Bazilio interrompeu-o:

--Toca?

--Toquei. Não o occulto. Em rapaz fui dado á flauta.

E acrescentou, com um gesto benevolo:

--Rapaziadas!... Alguma novidade, o que estava tocando, D. Luiza?

--Não! Uma musica muito conhecida, já antiga: a \_Filha do Pescador\_, de

Meyerbeer! Tenho a letra traduzida.

Tinha cerrado as vidraças, sentára-se ao piano.

--O Sebastião é que toca isto bem, não é verdade, conselheiro?

--O nosso Sebastião--disse o conselheiro com authoridade--é um rival

dos Thalbergs e dos Litz. Conhece o nosso Sebastião?--perguntou a

Bazilio.

--Não, não conheço.

--Uma perola!

Bazilio tinha-se aproximado do piano devagar, frisando o bigode.

--Tu ainda cantas?--perguntou-lhe Luiza, sorrindo.

--Quando estou só.

Mas o conselheiro pediu-lhe logo um «trecho». Bazilio ria. Tinha medo

d'escandalisar um velho assignante de S. Carlos...

O conselheiro animou-o; disse mesmo paternalmente:

--Coragem, snr. Brito, coragem!

Luiza então preludiou.

E Bazilio soltou logo a voz, cheia, bem timbrada, de barytono; as suas

notas altas faziam a sala sonora. O conselheiro, direito na poltrona,

escutava concentrado; a sua testa, franzida n'um vinco, parecia

curvar-se sob uma responsabilidade de juiz; e as lunetas defumadas

destacavam, com reflexos escuros, n'aquella physionomia de calvo, que o

calor tornava mais pallida.

Bazilio dizia com uma melancolia grave a primeira phrase, tão larga, da

canção:

Igual ao mar sombrio

Meu coração profundo...

Um poeta, com uma dedicação obscura, traduzira a letra no \_Almanach das

Senhoras\_. Luiza pela sua propria mão a tinha copiado nas entrelinhas

da musica. E Bazilio debruçado sobre o papel sempre torcendo as pontas

do bigode:

Tem tempestades, coleras,

Mas perolas no fundo!

Os olhos largos de Luiza affirmavam-se para a musica--ou a espaços, com

um movimento rapido, erguiam-se para Bazilio. Quando, na nota final,

prolongada como a reclamação d'um amor supplicante, Bazilio soltou a

voz d'um modo appellativo:

Vem! vem

Pousar, ó dôce amada,

Teu peito contra o meu...

os seus olhos fixaram-se n'ella com uma significação de tanto desejo,

que o peito de Luiza arfou, os seus dedos embrulharam-se no teclado.

O conselheiro bateu as palmas.

--Uma voz admiravel!--exclamava--Uma voz admiravel!

Bazilio dizia-se envergonhado.

--Não, senhor, não, senhor!--protestou Accacio, levantando-se.--Um

excellente orgão! Direi, o melhor orgão da nossa sociedade!

Bazilio riu. Uma vez que tinha successo, então ia dizer-lhes uma

modinha brazileira da Bahia. Sentou-se ao piano, e depois de ter

preludiado uma melodia muito balançada, d'um embalado tropical, cantou:

Sou negrinha, mas meu peito

Sente mais que um peito branco.

E interrompendo-se:

--Isto fazia furor nas reuniões da Bahia quando eu parti.

Era a historia d'uma «negrinha» nascida na roça, e que contava, com

lyrismos d'almanach, a sua paixão por um feitor branco.

Bazilio parodiava o tom sentimental d'alguma menina bahiana; e a sua

voz tinha uma preciosidade comica, quando dizia o \_ritornello\_ choroso:

E a negra p'ra os mares

Seus olhos alonga;

No alto coqueiro

Cantava a araponga.

O conselheiro achou «delicioso»; e, de pé na sala, lamentou a proposito

da cantiga a condição dos escravos. Que lhe affirmavam amigos do Brazil

que os negros eram muito bem tratados. Mas emfim a civilisação era

a civilisação! E a escravatura era um estigma! Tinha todavia muita

confiança no imperador...

--Monarcha de rara illustração...--acrescentou respeitosamente.

Foi buscar o seu chapéo, e collando-lhe as abas ao peito, curvando-se,

jurou que--havia muito tempo não tinha passado uma manhã tão completa.

De resto para elle nada havia como a boa conversação e a boa musica...

--Onde está v. exc.^a alojado, snr. Brito?

Pelo amor de Deus! Que não se incommodasse! Estava no Hotel Central.

Não havia considerações que o impedissem de cumprir o seu

dever--declarou.--Cumpril-o-hia! Elle era uma pessoa inutil, a snr.^a

D. Luiza bem o sabia.--Mas se necessitar alguma cousa, uma informação,

uma apresentação nas regiões officiaes, licença para visitar algum

estabelecimento publico, creia que me tem ás suas ordens!

E conservando na sua mão a mão de Bazilio:

--Rua do Ferregial de Cima numero tres, terceiro. O modesto tugurio

d'um ermita.

Tornou a curvar-se diante de Luiza:

--E quando escrever ao nosso viajante, que faço sinceros votos pela

prosperidade dos seus emprehendimentos. Por quem é! Criado de v. exc.^a!

E direito, grave, sahiu.

--Este ao menos é limpo--resmungou Bazilio, com o charuto ao canto da

bocca.

Sentára-se outra vez ao piano, corria os dedos pelo teclado. Luiza

aproximou-se:

--Canta alguma cousa, Bazilio!

Bazilio pôz-se então a olhar muito para ella.

Luiza córou, sorriu; através da fazenda clara e transparente do

vestido, entrevia-se a brancura macia e lactea do collo e dos braços;

e nos seus olhos, na côr quente do rosto havia uma animação e como uma

vitalidade amorosa.

Bazilio disse-lhe, baixo:

--Estás hoje nos teus dias felizes, Luiza.

O olhar d'elle, tão avido, perturbava-a; insistiu:

--Canta alguma cousa.

O seu seio arfava.

--Canta tu--murmurou Bazilio.

E devagarinho, tomou-lhe a mão. As duas palmas um pouco humidas, um

pouco tremulas, uniram-se.

A campainha, fóra, tocou. Luiza desprendeu a mão bruscamente.

--É alguem--disse agitada.

Vozes baixas fallavam á cancella.

Bazilio teve um movimento d'hombros contrariado, foi buscar o chapéo.

--Vaes-te?--exclamou ella toda desconsolada.

--Pudera! Não posso estar só comtigo um momento!

A cancella fechou-se com ruido.

--Não é ninguem, foi-se--disse Luiza.

Estavam de pé, no meio da sala.

--Não te vás! Bazilio!

Os seus olhos profundos tinham uma supplicação dôce. Bazilio pousou o

chapéo sobre o piano; mordia o bigode um pouco nervoso.

--E para que queres tu estar só commigo?--disse ella.--Que tem que

venha gente?--E arrependeu-se logo d'aquellas palavras.

Mas Bazilio, com um movimento brusco, passou-lhe o braço sobre os

hombros, prendeu-lhe a cabeça, e beijou-a na testa, nos olhos, nos

cabellos, vorazmente.

Ella soltou-se a tremer, escarlate.

--Perdôa-me--exclamou elle logo, com um impeto apaixonado.--Perdôa-me.

Foi sem pensar. Mas é porque te adoro, Luiza!

Tomou-lhe as mãos com dominio, quasi com direito.

--Não. Has-de ouvir. Desde o primeiro dia que te tornei a vêr estou

doudo por ti, como d'antes, a mesma cousa. Nunca deixei de me morrer

por ti. Mas não tinha fortuna, tu bem o sabes, e queria-te vêr rica,

feliz. Não te podia levar para o Brazil. Era matar-te, meu amor! Tu

imaginas lá o que aquillo é! Foi por isso que te escrevi aquella carta,

mas o que eu soffri, as lagrimas que chorei!

Luiza escutava-o immovel, a cabeça baixa, o olhar esquecido; aquella

voz quente e forte, de que recebia o bafo amoroso, dominava-a,

vencia-a; as mãos de Bazilio penetravam com o seu calor febril a

substancia das suas; e, tomada d'uma lassidão, sentia-se como adormecer.

--Falla, responde!--disse elle anciosamente, sacudindo-lhe as mãos,

procurando o seu olhar avidamente.

--Que queres que te diga?--murmurou ella.

A sua voz tinha um tom abstracto, mal acordado.

E desprendendo-se devagar, voltando o rosto:

--Fallemos n'outras cousas!

Elle balbuciava com os braços estendidos:

--Luiza! Luiza!

--Não, Bazilio, não!

E na sua voz havia o arrastado d'uma lamentação, com a molleza d'uma

caricia.

Elle então não hesitou, prendeu-a nos braços.

Luiza ficou inerte, os beiços brancos, os olhos cerrados--e Bazilio,

pousando-lhe a mão sobre a testa, inclinou-lhe a cabeça para traz,

beijou-lhe as palpebras devagar, a face, os labios depois muito

profundamente; os beiços d'ella entreabriram-se, os seus joelhos

dobraram-se.

Mas de repente todo o seu corpo se endireitou, com um pudor indignado,

afastou o rosto, exclamou afflicta:

--Deixa-me, deixa-me!

Viera-lhe uma força nervosa; desprendeu-se, empurrou-o; e passando as

mãos abertas pela testa, pelos cabellos:

--Oh meu Deus! É horrivel!--murmurou.--Deixa-me! É horrivel!

Elle adiantava-se com os dentes cerrados; mas Luiza recuava, dizia:

--Vai-te. Que queres tu? Vai-te! Que fazes tu aqui? Deixa-me!

Elle então tranquillisou-a com a voz subitamente serena e humilde. Não

percebia. Porque se zangava? Que tinha um beijo? Elle não pedia mais.

Que tinha ella imaginado, então? Adorava-a, de certo, mas puramente.

--Juro-t'o!--disse com força, batendo no peito.

Fel-a sentar no sophá, sentou-se ao pé d'ella. Fallou-lhe muito

sensatamente:--Via as circumstancias, e resignar-se-hia. Seria como uma

amizade d'irmãos, nada mais.

Ella escutava-o, esquecida.

De certo, dizia elle, aquella paixão era uma tortura immensa. Mas

era forte, dominar-se-hia. Só queria vir vêl-a, fallar-lhe. Seria um

sentimento ideal.--E os seus olhos devoravam-na.

Voltou-lhe a mão, curvou-se, pôz-lhe um beijo cheio na palma. Ella

estremeceu, ergueu-se logo:

--Não! Vai-te!

--Bem, adeus.

Levantou-se com um movimento resignado e infeliz. E limpando devagar a

sêda do chapéo:

--Bem, adeus--repetiu melancolicamente.

--Adeus.

Bazilio disse então com muita ternura:

--Estás zangada?

--Não!

--Escuta--murmurou, adiantando-se.

Luiza bateu com o pé.

--Oh que homem! Deixa-me! Ámanhã. Adeus. Vai-te! Ámanhã!

--Ámanhã!--disse elle, baixinho.

E sahiu rapidamente.

Luiza entrou no quarto toda nervosa. E ao passar diante do espelho

ficou surprehendida: nunca se vira tão linda! Deu alguns passos calada.

Juliana arrumava roupa branca n'um gavetão do guarda-vestidos.

--Quem tocou ha bocado?--perguntou Luiza.

--Foi o snr. Sebastião. Não quiz entrar; disse que voltava.

Tinha dito, com effeito, «que voltava». Mas começava quasi a

envergonhar-se de vir assim todos os dias, e encontral-a sempre «com

uma visita»!

Logo no primeiro dia ficára muito surprehendido quando Juliana lhe

disse: «Está com um sujeito! Um rapaz novo que já cá esteve hontem!»

Quem seria? Conhecia todos os amigos da casa... Seria algum empregado

da secretaria ou algum proprietario de minas, o filho do Alonso,

talvez, um negocio de Jorge de certo...

Depois no domingo, á noite, trazia-lhe a partitura de \_Romeu e

Julieta\_, de Gounod, que ella desejava tanto ouvir, e quando Juliana

lhe disse da varanda «que tinha sahido com D. Felicidade de carruagem»,

ficou muito embaraçado com o grosso volume debaixo do braço, coçando

devagar a barba. Onde teriam ido? Lembrou-se do enthusiasmo de D.

Felicidade pelo theatro de D. Maria. Mas irem sós, n'aquelle calor de

julho, ao theatro! Emfim, era possivel. Foi a D. Maria.

O theatro, quasi vazio, estava lugubre; aqui e além, n'algum camarote,

uma familia feia perfilava-se, com cabellos negrissimos carregados de

postiços, gozando soturnamente a sua noite de domingo: na platéa, á

larga nas bancadas vazias, pessoas avelhadas e inexpressivas escutavam

com um ar encalmado e farto, limpando a espaços, com lenços de sêda,

o suor dos pescoços; na geral, gente de trabalho arregalava olhos

negros em faces trigueiras e oleosas; a luz tinha um tom dormente;

bocejava-se. E no palco, que representava uma sala de baile amarella,

um velhote condecorado fallava a uma magrita de cabellos riçados, sem

cessar, com o tom diluido de uma agua gordurosa e morna que escorre.

Sebastião sahiu. Onde estariam? Soube-o na manhã seguinte.--Descia

o Moinho de Vento, e um visinho, o Netto, que subia curvado sob o

seu guarda-sol, com o cigarro ao canto do bigode grisalho, deteve-o

bruscamente, para lhe dizer:

--Ó amigo Sebastião, ouça cá. Vi hontem á noite no Passeio a D. Luiza

com um rapaz que eu conheço. Mas d'onde conheço eu aquella cara? Quem

diabo é?

Sebastião encolheu os hombros.

--Um rapaz alto, bonito, com um ar estrangeirado. Eu conheço-o. N'outro

dia vi-o entrar para lá. Vossê não sabe?

Não sabia.

--Eu conheço aquella cara. Tenho estado a vêr se me recordo...--Passava

a mão pela testa.--Eu conheço aquella cara! Elle é de Lisboa. De Lisboa

é elle!

E depois d'um silencio, fazendo girar o guarda-sol:

--E que ha de novo, Sebastião?

Tambem não sabia.

--Nem eu!

E bocejando muito:

--Isto está uma pasmaceira, homem!

N'essa tarde, ás quatro horas, Sebastião voltou a casa de Luiza. Estava

com «o sujeito!» Ficou então preoccupado. De certo era algum negocio de

Jorge; porque não comprehendia que ella fallasse, sentisse, vivesse,

que não fosse no interesse da casa e para maior felicidade de Jorge.

Mas devia ser grave então--para reclamar visitas, encontros, tantas

relações. Tinham pois interesses importantes que elle não conhecia! E

aquillo parecia-lhe uma ingratidão, e como uma diminuição d'amizade.

A tia Joanna tinha-o achado «macambusio».

Foi ao outro dia que soube que o sujeito era o primo Bazilio, o Bazilio

de Brito. O seu vago desgosto dissipou-se, mas um receio mais definido

veio inquietal-o.

Sebastião não conhecia Bazilio pessoalmente, mas sabia a chronica da

sua mocidade. Não havia n'ella certamente, nem escandalo excepcional,

nem romance pungente. Bazilio tinha sido apenas um \_pandigo\_ e, como

tal, passára methodicamente por todos os episodios classicos da

estroinice lisboeta:--partidas de monte até de madrugada com ricaços

do Alemtejo; uma tipoia despedaçada n'um sabbado de touros; ceias

repetidas com alguma velha Lola e uma antiga salada de lagosta; algumas

\_pégas\_ applaudidas em Salvaterra ou na Alhandra; noitadas de bacalhau

e Collares nas tabernas fadistas; muita guitarra; sôcos bem jogados á

face attonita d'um policia; e uma profusão de gemas d'ovos nas glorias

do entrudo. As unicas mulheres mesmo que appareciam na sua historia,

além das Lolas e das Carmens usuaes, eram a Pistelli, uma dançarina

allemã cujas pernas tinham uma musculatura d'athleta, e a condessinha

d'Alvim, uma douda, grande cavalleira, que se separára de seu marido

depois de o ter chicotado, e que se vestia d'homem para bater ella

mesmo em trem de praça do Rocio ao Dá-fundo. Mas isto bastava para

que Sebastião o achasse um \_debochado\_, um \_perdido\_; ouvira que elle

tinha ido para o Brazil para fugir aos credores; que enriquecera por

acaso, n'uma especulação, no Paraguay; que mesmo na Bahia, com a corda

na garganta, nunca fôra um trabalhador; e suppunha que a posse da

fortuna para elle, seria apenas um desenvolvimento dos vicios. E este

homem agora vinha vêr a Luizinha todos os dias, estava horas e horas,

seguia-a ao Passeio...

Para que?... Era claro, para a desinquietar!

Ia justamente descendo a rua, dobrado sob a pesada desconsolação

d'estas idéas, quando uma voz encatarrhoada disse com respeito:

--Ó snr. Sebastião!

Era o Paula dos moveis.

--Viva, snr. João.

O Paula atirou para as pedras da rua um jacto escuro de saliva, e com

as mãos cruzadas debaixo das abas do comprido casaco de cotim, o tom

grave:

--Ó snr. Sebastião, ha doença cá por casa do snr. Engenheiro?

Sebastião todo surprehendido:

--Não. Porque?

O Paula fez roncar a garganta, cuspilhou:

--É que tenho visto entrar para cá todos os dias um sujeito. Imaginei

que fosse o medico.

E puxando o escarro:

--D'esses novos da hom[oe]opathia!

Sebastião tinha córado.

--Nada--disse.--É o primo de D. Luiza.

--Ah!--fez o Paula.--Pois pensei... Queira desculpar, snr. Sebastião.

E curvou-se, respeitosamente.

--Já temos fallatorio!--foi pensando Sebastião.

E entrou em casa, descontente.

Morava ao fundo da rua, n'um predio seu, de construcção antiga, com

quintal.

Sebastião era só. Tinha uma fortuna pequena em inscripções, terras de

lavoura para o lado do Seixal, e a quinta em Almada,--o Rozegal. As

duas criadas eram muito antigas na casa. A Vicencia, a cozinheira, era

uma preta de S. Thomé já do tempo da mamã. A tia Joanna, a governanta,

servia-o havia trinta e cinco annos; chamava ainda a Sebastião o

«menino»; tinha já as tontices d'uma criança, e recebia sempre os

respeitos d'uma avó. Era do Porto, do \_Poârto\_, como ella dizia,

porque nunca perdera o seu accento minhôto. Os amigos de Sebastião

chamavam-lhe uma velha de comedia. Era baixinha e gorda, com um sorriso

muito bondoso; tinha os cabellos alvos como uma estriga, atados no

alto n'um rolinho com um antigo pente de tartaruga; trazia sempre um

vasto lenço branco muito aceado, traçado sobre o peito. E todo o dia

passarinhava pela casa, com o seu passinho arrastado, fazendo tilintar

os mólhos de chaves, resmungando proverbios, tomando rapé de uma caixa

redonda, em cuja tampa se lascava o desenho abonecado da ponte pensil

do Porto.

Em toda a casa havia um tom caturra e dôce: na sala de visitas, quasi

sempre fechada, o vasto canapé, as poltronas tinham o ar empertigado

do tempo do snr. D. José I, e os estofos de damasco vermelho desbotado

lembravam a pompa d'uma côrte decrepita; das paredes da casa de jantar

pendiam as primeiras gravuras das batalhas de Napoleão, onde se vê

invariavelmente, n'uma eminencia, o cavallo branco, para o qual galopa

desenfreadamente do primeiro plano um hussard, brandido um sabre.

Sebastião dormia os seus somnos de sete horas, sem sonhos, n'uma velha

barra de pau preto torneado; e n'uma saleta escura, sobre uma commoda

de fecharias de metal amarello, conservava-se, havia annos, o padroeiro

da casa, S. Sebastião--que se torcia, cravado de settas, nas cordas que

o atavam ao tronco, á luz d'uma lampada muito cuidada pela tia Joanna,

sob os ruidos subtis dos ratos pelo forro.

A casa condizia com o dono. Sebastião tinha um genio antiquado. Era

solitario e acanhado. Já no latim lhe chamavam o \_pelludo\_; punham-lhe

rabos, roubavam-lhe impudentemente as merendas. Sebastião, que tinha a

força d'um gymnasta, offerecia a resignação d'um martyr.

Foi sempre reprovado nos primeiros exames do lyceu. Era intelligente,

mas uma pergunta, o reluzir dos oculos d'um professor, a grande lousa

negra immobilisavam-o; ficava muito embezerrado, a face inchada e

rubra, a coçar os joelhos, o olhar vazio.

Sua mãi, que era da aldêa e que fôra padeira, muito vaidosa agora das

suas inscripções, da sua quinta, da sua mobilia de damasco, sempre

vestida de sêda, carregada d'anneis, costumava dizer:

--Ora! tem que comer e beber! Estar a affligir a criança com estudos!

Deixa lá, deixa lá!

A inclinação de Sebastião era pela musica. Sua mãi, por conselhos da

mãi de Jorge, sua visinha e sua intima, tomou-lhe um mestre de piano;

logo desde as primeiras lições, a que ella assistia com enfeites de

velludo vermelho e cheia de joias, o velho professor Achilles Bentes,

d'oculos redondos e cara de coruja, exclamou excitado com a sua voz

nasal:

--Minha rica senhora! o seu menino é um genio! É um genio! Ha-de ser um

Rossini! É puxar por elle! É puxar por elle!

Mas era justamente o que ella não queria, era puxar por elle,

coitadinho! Por isso não foi um Rossini. E todavia o velho Bentes

continuava a dizer, por habito:

--Ha-de ser um Rossini! Ha-de ser um Rossini!

Sómente em lugar de o gritar, brandindo papeis de musica, murmurava-o,

com bocejos enormes de leão enfastiado.

Já então os dous rapazes visinhos, Jorge e Sebastião, eram intimos.

Jorge mais vivo, mais inventivo, dominava-o. No quintal, a brincar,

Sebastião era sempre o \_cavallo\_ nas imitações da diligencia, o

\_vencido\_ nas guerras. Era Sebastião que carregava os pesos, que

offerecia o dorso para Jorge trepar; nas merendas comia todo o pão,

deixava a Jorge toda a fruta. Cresceram. E aquella amizade sempre

igual, sem amúos, tornou-se na vida d'ambos um interesse essencial e

permanente.

Quando a mãi de Jorge morreu, pensaram mesmo em viver juntos;

habitariam a casa de Sebastião, mais larga e que tinha quintal; Jorge

queria comprar um cavallo; mas conheceu Luiza no Passeio, e d'ahi a

dous mezes passava quasi todo o seu dia na rua da Magdalena.

Todo aquelle plano jovial da \_Sociedade Sebastião e

Jorge\_--chamavam-lhe assim, rindo--desabou, como um castello de cartas.

Sebastião teve um grande pezar.

E era elle, depois, que fornecia os ramos de rosas que Jorge levava a

Luiza, sem espinhos, com cuidados devotos embrulhados n'um papel de

sêda. Era elle que tratava dos arranjos do «ninho», ia apressar os

estofadores, discutir preços de roupas, vigiar o trabalho dos homens

que pregavam os tapetes, conferenciar com a inculcadeira, cuidar dos

papeis do casamento!

E á noite, fatigado como um procurador zeloso, tinha ainda de escutar

com um sorriso as expansões felizes de Jorge, que passeava pelo quarto

até ás duas horas da noite em mangas de camisa, namorado, loquaz,

brandindo o cachimbo!

Depois do casamento Sebastião sentiu-se muito só. Foi a Portel visitar

um tio, um velho exquisito, com um olhar de doudo, que passava a

existencia combinando enxertos no pomar, e lendo, relendo o \_Eurico\_.

Quando voltou, passado um mez, Jorge disse-lhe radioso:

--E sabes, hein? Isto agora é que é a tua casa! Aqui é que tu vives!

Mas nunca obteve de Sebastião que fosse a sua casa com uma inteira

intimidade. Sebastião batia á porta, timidamente. Corava diante de

Luiza; o antigo \_pelludo\_ de latim reapparecia. Jorge luctára para que

elle cruzasse sem ceremonia as pernas, fumasse cachimbo diante d'ella,

não lhe dissesse a todo o momento:--V. exc.^a, v. exc.^a--meio erguido

na cadeira.

Nunca vinha jantar senão arrastado. Quando Jorge não estava, as suas

visitas eram curtas, cheias de silencio. Julgava-se gebo, tinha medo de

massar!

N'essa tarde, quando elle foi para a sala de jantar, a tia Joanna

veio-lhe perguntar pela Luizinha.

Adorava-a, achava-a um \_anjinho\_, uma \_açucena\_.

--Como está ella? viu-a?

Sebastião corou, não quiz dizer, como na vespera, «que estava gente,

que não tinha entrado»; e abaixando-se, pondo-se a brincar com as

orelhas do \_Trajano\_, o seu velho perdigueiro:

--Está boa, tia Joanna, está boa. Então como ha-de d'estar? Está optima!

Áquella hora Luiza recebia uma carta de Jorge. Era de Portel, com

muitas queixas sobre o calor, sobre as más estalagens, historias sobre

o extraordinario parente de Sebastião,--saudades e mil beijos...

Não a esperava, e aquella folha de papel cheia d'uma letra miudinha,

que lhe fazia reapparecer vivamente Jorge, a sua figura, o seu olhar,

a sua ternura, deu-lhe uma sensação quasi dolorosa. Toda a vergonha

dos seus desfallecimentos cobardes, sob os beijos de Bazilio, veio

abrazar-lhe as faces. Que horror deixar-se abraçar, apertar! No

sophá o que elle lhe dissera, com que olhos a devorára!... Recordava

tudo,--a sua attitude, o calor das suas mãos, a tremura da sua voz... E

machinalmente, pouco e pouco, ia-se esquecendo n'aquellas recordações,

abandonando-se-lhe, até ficar perdida na deliciosa lassidão que ellas

lhe davam, com o olhar languido, os braços frouxos. Mas a idéa de

Jorge vinha então outra vez fustigal-a como uma chicotada. Erguia-se

bruscamente, passeava pelo quarto toda nervosa, com uma vaga vontade de

chorar...

--Ah! não! é horroroso, é horroroso!--dizia só, fallando alto.--É

necessario acabar!

Resolveu não receber Bazilio, escrever-lhe, pedir-lhe que não voltasse,

que partisse! Meditava mesmo as palavras; seria sêcca e fria, não diria

\_meu querido primo\_, mas simplesmente \_primo Bazilio\_.

E que faria elle, quando recebesse a carta? Choraria, coitado!

Imaginava-o só, no seu quarto d'hotel, infeliz e pallido; e d'aqui,

pelos declives da sensibilidade, passava á recordação da sua pessoa, da

sua voz convincente, das turbações do seu olhar dominante, e a memoria

demorava-se n'aquellas lembranças com uma sensação de felicidade, como

a mão se esquece acariciando a plumagem dôce d'um passaro raro. Sacudia

a cabeça com impaciencia, como se aquellas imaginações fossem os

ferrões d'insectos importunos: esforçava-se por pensar só em Jorge; mas

as idéas más voltavam, mordiam-na: e achava-se desgraçada, sem saber

o que queria, com vontades confusas de estar com Jorge, de consultar

Leopoldina, de fugir para longe, ao acaso. Jesus, que infeliz que

era!--E do fundo da sua natureza de preguiçosa vinha-lhe uma indefinida

indignação contra Jorge, contra Bazilio, contra os sentimentos, contra

os deveres, contra tudo o que a fazia agitar-se e soffrer. Que a não

seccassem, Santo Deus!

Depois de jantar, á janella da sala, ficou a relêr a carta de Jorge.

Pôz-se a recordar de proposito tudo o que a encantava n'elle, do

seu corpo e das suas qualidades. E juntava ao acaso argumentos, uns

de honra, outros de sentimento, para o amar, para o respeitar. Tudo

era por elle estar fóra, na provincia! Se elle alli estivesse ao pé

d'ella! Mas tão longe, e demorar-se tanto! E ao mesmo tempo, contra

sua vontade, a certeza d'aquella ausencia dava-lhe uma sensação

de liberdade; a idéa de se poder mover á vontade nos desejos, nas

curiosidades, enchia-lhe o peito d'um contentamente largo, como uma

lufada de independencia.

Mas emfim, vamos, de que lhe servia estar livre, só?--E de repente tudo

o que poderia fazer, sentir, possuir, lhe apparecia n'uma perspectiva

longa que fulgurava: aquillo era como uma porta, subitamente aberta e

fechada, que deixa entrever, n'um relance, alguma cousa de indefinido,

de maravilhoso, que palpita e faisca.--Oh! estava douda, de certo!

Escureceu. Foi para a sala, abriu a janella; a noite estava quente e

espessa, com um ar d'electricidade e de trovoada. Respirava mal, olhava

para o céo, desejando alguma cousa fortemente, sem saber o quê.

O moço do padeiro em baixo, como sempre, tocava o fado; aquelles sons

banaes entravam-lhe agora na alma, com a brandura d'um bafo quente e a

melancolia de um gemido.

Encostou a cabeça á mão com uma lassidão. Mil pensamentosinhos

corriam-lhe no cerebro como os pontos de luz que correm n'um papel que

se queimou; lembrava-lhe sua mãi, o chapéo novo que lhe mandára madame

François, o tempo que faria em Cintra, a doçura das noites quentes sob

a escuridão das ramagens...

Fechou a janella, espreguiçou-se; e sentada na \_causeuse\_, no seu

quarto, ficou alli, n'uma immobilidade, pensando em Jorge, em lhe

escrever, em lhe pedir que viesse. Mas bem depressa aquelle scismar

começou a quebrar-se a cada momento como uma tela que se esgaça em

rasgões largos, e por traz apparecia logo com uma intensidade luminosa

e forte a idéa do primo Bazilio.

As viagens, os mares atravessados tinham-no tornado mais trigueiro;

a melancolia da separação dera-lhe cabellos brancos. Tinha soffrido

por ella!--dissera.--E no fim onde estava o mal? Elle jurára-lhe que

aquelle amor era casto, passando-se todo na alma. Tinha vindo de Paris,

o pobre rapaz, assim lh'o jurára, para a vêr, uma semana, quinze dias.

E havia de dizer-lhe:--Não voltes, vai-te?

--Quando a senhora quizer o chá...--disse da porta do quarto Juliana.

Luiza deu um suspiro alto como acordando. Não; que trouxesse a

lamparina, mais tarde.

Eram dez horas. Juliana foi tomar o seu chá, á cozinha. O lume ia-se

apagando, o candieiro de petroleo estendia nos cobres dos tachos

reflexos avermelhados.

--Hoje houve cousa, snr.^a Joanna--disse Juliana sentando-se.--Está

toda no ar! E é cada suspiro! Alli houve-a e grossa.

Joanna, do outro lado, com os cotovêlos na mesa e a face sobre os

punhos, pestanejava de somno.

--A snr.^a Juliana, tambem, deita tudo para o mal--disse.

--É que era necessario ser tola, snr.^a Joanna!

Calou-se, cheirou o assucar; era um dos seus despeitos; gostava d'elle

bem refinado--e aquelle assucar mascavado e grosso, que punha no chá um

gosto de formigas, exasperava-a.

--Este é peor que o do mez passado! Para uma pobre de Christo tudo é

bom!--rosnou muito amargamente.

E depois d'uma pausa repetiu:

--É que era necessario ser tola, snr.^a Joanna!

A cozinheira disse preguiçosamente:

--Cada um sabe de si...

--E Deus de todos--suspirou Juliana.

E ficaram caladas.

Luiza tocou a campainha em baixo.

--Que teremos nós agora? Está com as cocegas!

Desceu. Voltou com o regador, muito enfastiada:

--Quer mais agua! Olha a mania, pôr-se agora a chafurdar á meia noite!

Sempre a gente as vê...

Foi encher o regador, e em quanto a agua da torneira cantava no fundo

de lata:

--E diz que lhe faça ámanhã ao almoço um bocado de presunto frito, do

salgado. Quer picantes!

E com muito escarneo:

--Sempre a gente vê cousas! Quer picantes!

Á meia noite a casa estava adormecida e apagada. Fóra, o céo

ennegrecera mais; relampejou, e um trovão secco estalou, rolou.

Luiza abriu os olhos estremunhada; começára a cahir uma chuva grossa

e sonora; a trovoada arrastava-se, ao longe. Esteve um momento

escutando as goteiras que cantavam sobre o lagedo; a alcova abafava,

descobriu-se; o somno tinha fugido, e de costas, o olhar fixo na vaga

claridade que vinha de fóra da lamparina, seguia o tic-tac do relogio.

Espreguiçou-se, e uma certa idéa, uma certa visão foi-se formando

no seu cerebro, completando-se, tão nitida, quasi tão visivel, que

se revirou na cama devagar, estirou os braços, lançou-os em roda do

travesseiro, adiantando os beiços seccos--para beijar uns cabellos

negros onde reluziam fios brancos.

Sebastião tinha dormido mal. Acordou ás seis horas e desceu ao quintal

em chinellas. Uma porta envidraçada da sala de jantar abria para um

terraçosinho, largo apenas para tres cadeiras de ferro pintado e

alguns vasos de cravos; d'alli, quatro degraus de pedra desciam para

o quintal; era uma horta ajardinada, muito cheia, com canteirinhos de

flôres, saladas muito regadas, pés de roseiras junto dos muros, um poço

e um tanque debaixo d'uma parreirita, e arvores; terminava por outro

terraço assombreado d'uma tilia, com um parapeito para uma rua baixa

e solitaria; defronte corria um muro de quintal muito caiado. Era um

sitio recolhido, d'uma paz aldeã. Muitas vezes Sebastião, de madrugada,

ia para alli fumar o seu cigarro.

Era uma manhã deliciosa. Havia um ar transparente e fino; o céo

arredondava-se a uma grande altura com o azulado de certas porcelanas

velhas e, aqui e além, uma nuvemzinha algodoada, mollemente enrolada,

côr de leite; a folhagem tinha um verde lavado, a agua do tanque uma

crystallinidade fria; passaros chilreavam de leve, com vôos rapidos.

Sebastião estava debruçado para a rua, quando a ponteira d'uma bengala,

passos vagarosos cortaram o silencio fresco. Era um visinho de Jorge,

o Cunha Rosado, o doente d'intestinos; arrastava-se, curvado, abafado

n'um cachenez e n'um paletot côr de pinhão, com a barba grisalha

desmazelada, a crescer.

--Já a pé, visinho!--disse Sebastião.

O outro parou, ergueu a cabeça lentamente.

--Oh Sebastião!--disse com uma voz plangente--Ando a passear os meus

leites, homem!

--A pé?

--Ao principio ia na burrita até fóra de portas, mas diz que me fazia

bem o passeiosito a pé...

Encolheu os hombros com um gesto triste de duvida, de desconsolação.

--E como vai isso?--perguntou Sebastião, muito debruçado para a rua,

com affecto.

O Cunha teve um sorriso desolado nos seus beiços brancos:

--A desfazer-se!

Sebastião tossiu, embaraçado, sem achar uma consolação.

Mas o doente, com as duas mãos apoiadas á bengala, uma subita radiação

d'interesse no olhar amortecido:

--Ó Sebastião, um rapaz alto, que eu tenho visto todos estes dias

entrar para casa do Jorge, é o Bazilio de Brito, pois não é? O primo da

mulher? o filho do João de Brito?

--É, sim, porque?

O Cunha fez: \_Ah! ah!\_ com uma grande satisfação.

--Bem dizia eu!--exclamou.--Bem dizia eu! E aquella teimosa que não!

que não!...

E então explicou com uma tagarellice subita, e cansaços de voz:

--O meu quarto é para a rua, e todos os dias, como eu estou quasi

sempre pela janella para espairecer... tenho visto aquelle rapaz, a

modo estrangeirado, entrar para lá... todos os dias! Este é o Bazilio

de Brito! disse eu. Mas minha mulher que não! que não!... Que diabo,

homem! Eu tinha quasi a certeza... Não conheço eu outra cousa!... Até

elle esteve para casar com a D. Luiza. Oh! Eu sei essa historia na

ponta dos dedos... Morava ella na rua da Magdalena!...

Sebastião disse vagamente:

--Pois é, é o Brito...

--Bem dizia eu!

Ficou um momento immovel, fitando o chão, e refazendo uma voz dolente:

--Pois, vou-me arrastando até casa.

Suspirou. E arregalando os olhos:

--Quem me dera a sua saude, Sebastião!

E dizendo adeus, com um gesto da mão calçada de luva de casimira

escura, afastou-se, curvado, rente do muro, conchegando com o braço ao

ventre, o seu largo paletot côr de pinhão.

Sebastião entrou preoccupado. Todo o mundo começava a reparar, hein!

Pudera! Um rapaz novo, janota, vir todos os dias de trem, estar duas,

tres horas! Uma visinhança tão chegada, tão maligna!...

Ao começo da tarde sahiu. Teve vontade de procurar Luiza; mas sem saber

porque, sentia um grande acanhamento; como que receava encontral-a

differente ou com outra expressão... E subia a rua devagar, sob o seu

guarda-sol, hesitando, quando um coupé que descia a trote largo veio

parar á porta de Luiza.

Um sujeito saltou rapidamente, atirou o charuto, entrou. Era alto,

com um bigode levantado, trazia uma flôr no peito; devia ser o primo

Bazilio, pensou. O cocheiro limpou o suor da testa, e, cruzando as

pernas, pôz-se a enrolar o cigarro.

Ao ruido do trem o Paula postou-se logo á porta, de boné carregado, as

mãos enterradas no bolso, com olhares de revés: a carvoeira defronte,

immunda, disforme de obesidade e de prenhez, veio embasbacar com um

pasmo lôrpa na face oleosa; a criada do doutor abriu precipitadamente

a vidraça. Então o Paula atravessou rapidamente a rua faiscante de

sol, entrou no estanque; d'ahi a um momento appareceu á porta, com a

estanqueira, de carão viuvo; e cochichavam, cravavam olhares perfidos

nas varandas de Luiza, no coupé! O Paula, d'alli, arrastando as

chinellas de tapete, foi segredar com a carvoeira, provocou-lhe uma

risada que lhe sacudia a massa do seio; e foi emfim estacar á sua

porta entre um retrato de D. João VI e duas velhas cadeiras de couro,

assobiando com jubilo. No silencio da rua ouvia-se n'um piano, a

compasso de estudo, a \_Oração d'uma virgem\_.

Sebastião ao passar olhou machinalmente para as janellas de Luiza.

--Rico calor, snr. Sebastião!--observou o Paula curvando-se--É um

regalo estar á fresca!

Luiza e Bazilio estavam muito tranquillos, muito felizes na sala, com

as portadas meio cerradas, n'uma penumbra dôce. Luiza tinha apparecido

de roupão branco, muito fresca, com um bom cheiro de agua d'alfazema.

--Eu venho assim mesmo--disse ella.--Não faço ceremonias.

Mas assim é que ella estava linda! Assim é que a queria

sempre!--exclamava Bazilio muito contente, como se aquelle roupão de

manhã fosse já uma promessa da sua nudez.

Vinha muito tranquillo, affectava um tom de parente. Não a inquietou

com palavras vehementes, nem com gestos desejosos: fallou-lhe do calor,

d'uma \_zarzuela\_ que vira na vespera, de velhos amigos que encontrára,

e disse-lhe apenas que tinha sonhado com ella.

O que? Que estavam longe, n'uma terra distante, que devia ser a Italia,

tantas as estatuas que havia nas praças, tantas as fontes sonoras

que cantavam nas bacias de marmore; era n'um jardim antigo, sobre um

terraço classico; flôres raras transbordavam de vasos florentinos;

pousando sobre as balaustradas esculpidas, pavões abriam as caudas; e

ella arrastava devagar sobre as lages quadradas a cauda longa do seu

vestido de velludo azul. De resto, dizia, era um terraço como o de S.

Donato, a \_villa\_ do principe Demidoff,--porque lembrava sempre as suas

intimidades illustres, e não se descuidava de fazer reluzir a gloria

das suas viagens.

E ella, tinha sonhado?

Luiza córou.--Não, tinha tido muito medo da trovoada. Tinha ouvido a

trovoada, elle?

--Estava a cear no Gremio, quando trovejou.

--Costumas cear?

Elle teve um sorriso infeliz.--Cear! se se podia chamar cear ir ao

Gremio rilhar um bife corneo e tragar um Collares peçonhento!

E fitando-a:

--Por tua causa, ingrata!

Por sua causa?

--Por quem, então? Porque vim eu a Lisboa? Porque deixei Paris?

--Por causa dos teus negocios...

Elle encarou-a severamente:

--Obrigado--disse, curvando-se até ao chão.

E a grandes passadas pela sala soprava violentamente o fumo do seu

charuto.

Veio sentar-se bruscamente ao pé d'ella.--Não, realmente era injusta.

Se estava em Lisboa, era por ella. Só por ella!

Fez uma voz meiga, perguntou-lhe se lhe tinha realmente um bocadinho

d'amor muito pequenino, assim...--Mostrava o comprimento da unha.

Riram.

--Assim, talvez.

E o peito de Luiza arfava.

Elle então examinou-lhe as unhas; admirou-lh'as e aconselhou-lhe o

verniz que usam as \_cocottes\_, que lhes dá um lustre polido; ia-se

apossando da sua mão, pôz-lhe um beijo na ponta dos dedos; chupou o

dedo minimo, jurou que era muito dôce; arranjou-lhe com um contacto

muito timido uns fios de cabello que se tinham soltado,--e, disse,

tinha um pedido a fazer-lhe!

Olhava-a com uma supplicação.

--Que é?

--É que venhas commigo ao campo. Deve estar lindo no campo!

Ella não respondeu; dava pancadinhas leves nas pregas molles do roupão.

--É muito simples--acrescentou elle.--Tu vaes-me encontrar a qualquer

parte, longe d'aqui, está claro. Eu estou á espera de ti com uma

carruagem, tu saltas para dentro e \_fouette\_, \_cocher\_!

Luiza hesitava.

--Não digas que não.

--Mas onde?

--Onde tu quizeres. A Paço d'Arcos, a Loires, a Queluz. Dize que sim.

A sua voz era muito urgente, quasi ajoelhára.

--Que tem? É um passeio d'amigos, d'irmãos.

--Não! isso não!

Bazilio zangou-se, chamou-lhe \_beata\_. Quiz sahir. Ella veio tirar-lhe

o chapéo da mão, muito meiga, quasi vencida.

--Talvez, veremos--dizia.

--Dize que sim!--insistia.--Sê boa rapariga!

--Pois sim, ámanhã veremos, ámanhã fallaremos.

Mas no dia seguinte, muito habilmente, Bazilio não fallou no passeio,

nem no campo. Não fallou tambem do seu amor, nem dos seus desejos.

Parecia muito alegre, muito superficial; tinha-lhe trazido o romance de

Belot, \_A mulher de fogo\_. E sentando-se ao piano, disse-lhe canções de

\_café concerto\_, muito picantes; imitava a rouquidão acre e canalha das

cantoras; fel-a rir.

Depois fallou muito de Paris, contou-lhe a moderna chronica amorosa,

anecdotas, paixões \_chics\_. Tudo se passava com duquezas, princezas,

d'um modo dramatico e sensibilisador, ás vezes jovial, sempre cheio de

delicias. E, de todas as mulheres de que fallava, dizia recostando-se:

Era uma mulher distinctissima, tinha naturalmente o seu amante...

O adulterio apparecia assim um dever aristocratico. De resto a virtude

parecia ser, pelo que elle contava, o defeito d'um espirito pequeno, ou

a occupação reles d'um temperamento burguez...

E quando sahiu, disse, como recordando-se:

--Sabes que estou com minhas idéas de partir?...

Ella perguntou, um pouco descorada:

--Porque?

Bazilio disse, muito indifferente:

--Que diabo faço eu aqui?...

Esteve um momento a fitar o tapete, deu um suspiro, e como dominando-se:

--Adeus, meu amor...

E sahiu.

Quando n'essa tarde Luiza entrou na sala de jantar, levava os olhos

vermelhos.

Foi ella no dia seguinte que fallou do campo. Queixou-se do contínuo

calor, da \_sécca\_ de Lisboa. Como devia estar lindo em Cintra!

--És tu que não queres--acudiu elle. --Podiamos fazer um passeio

adoravel.

Mas tinha medo, podiam vêr...

--O quê! N'um coupé fechado? Com os \_stores\_ descidos?

Mas então era peor que estar n'uma sala, era abafar n'uma bocêta!

Mas não! Iam a uma quinta. Podiam ir ás \_Alegrias\_, á quinta d'um amigo

d'elle que estava em Londres. Só viviam lá os caseiros, era ao pé dos

Olivaes, era lindo! Bellas ruas de loureiros, sombras adoraveis. Podiam

levar gelo, champagne...

--Vem!--disse bruscamente, tomando-lhe as mãos.

Ella córou.--Talvez. No domingo veria.

Bazilio conservava-lhe as mãos presas. Os seus olhos encontraram-se,

humedeceram-se. Ella sentiu-se muito perturbada; desprendeu as mãos;

foi abrir as vidraças ambas, dar á sala uma claridade larga como

uma publicidade; sentou-se n'uma cadeira ao pé do piano, receando a

penumbra, o sophá, todas as cumplicidades; e pediu-lhe que cantasse

alguma cousa, porque já temia as palavras, tanto como os silencios!

Bazilio cantou a \_Medjé\_, a melodia de Gounod, tão sensual e

perturbadora. Aquellas notas quentes passavam-lhe na alma como bafos

d'uma noite electrica. E quando Bazilio sahiu, ficou sentada, quebrada,

como depois d'um excesso.

Sebastião tinha estado nos ultimos tres dias em Almada, na quinta do

Rozegal, onde trazia obras. Voltára na segunda-feira cedo, e, pelas

dez horas, sentado no poial da janella de jantar que abria para o

terraçosinho, esperava o seu almoço, brincando com o \_Rolim\_--o seu

gato, amigo e confidente da illustre Vicencia, nedio como um prelado,

ingrato como um tyranno.

A manhã começava a aquecer; o quintal estava já cheio de sol; na agua

do tanque, sob a parreira, claridades espelhadas e tremulas faiscavam.

Nas duas gaiolas os canarios cantavam estridentemente.

A tia Joanna, que andava a arranjar a mesa do almoço muito calada,

poz-se então a dizer com a sua vozinha arrastada e minhôta:

--Ora esteve ahi hontem a Gertrudes, a do doutor, com uns palratorios,

com umas tontices!...

--A respeito de quê, tia Joanna?--perguntou Sebastião.

--A respeito d'um rapaz, que diz que vai agora todos os dias a casa da

Luizinha.

Sebastião ergueu-se logo:

--Que disse ella, tia Joanna?

A velha assentava a toalha devagar com a sua mão gorducha espalmada:

--Esteve ahi a palrar. Quem seria, quem não seria? Diz que é um

perfeito rapaz. Vem todos os dias. Vem de trem, vai de trem... No

sabbado que estivera até quasi á noitinha. E cantou-se na sala, diz que

uma voz que nem no theatro...

Sebastião interrompeu-a, impaciente:

--É o primo, tia Joanna. Então quem havia de ser? É o primo que chegou

do Brazil.

A tia Joanna teve um bom sorriso.

--Eu logo vi que era cousa de parente. Pois diz que é um perfeito

rapaz! E todo janota!

E sahindo para a cozinha, devagar:

--Eu logo vi que era parente, logo disse!...

Sebastião almoçou inquieto. Positivamente a visinhança já se punha a

mexericar, a commentar! Estava-se a armar um escandalo!--E, assustado,

decidiu-se logo a ir consultar Julião.

Descia a rua de S. Roque para casa d'elle, quando o viu, que subia

devagar pela sombra, com um rolo de papel debaixo do braço, uma calça

branca enxovalhada, o ar suado.

--Ia a tua casa, homem!--disse Sebastião logo.

Julião estranhou a excitação desusada da sua voz.

Havia alguma novidade? Que era?

--Uma do diabo!--exclamou, baixo, Sebastião.

Estavam parados ao pé da confeitaria. Na vidraça, por traz d'elles,

emprateleirava-se uma exposição de garrafas de malvasia com os seus

letreiros muito coloridos, transparencias avermelhadas de gelatinas,

amarellidões enjoativas de dôces d'ovos, e quéques d'um castanho escuro

tendo espetados cravos tristes de papel branco ou côr de rosa. Velhas

natas lividas amollentavam-se no ôco dos folhados; ladrilhos grossos de

marmelada esbeiçavam-se ao calor; as empadinhas de marisco agglomeravam

as suas crôstas resequidas. E no centro, muito proeminente n'uma

travessa, enroscava-se uma lampreia d'ovos medonha e bojuda, com o

ventre d'um amarello ascoroso, o dorso malhado d'arabescos d'assucar, a

bocca escancarada: na sua cabeça grossa esbogalhavam-se dous horriveis

olhos de chocolate; os seus dentes d'amendoa ferravam-se n'uma

tangerina de chila; e em torno do monstro espapado moscas esvoaçavam.

--Vamos alli para o café--disse Julião.--Aqui na rua arde-se!

--Tenho estado apoquentado--ia dizendo Sebastião.--Muito apoquentado!

Quero fallar-te.

No café o papel azul ferrete e as meias portas fechadas abatiam a

aspera intensidade da luz, davam uma frescura calada.

Foram-se sentar ao fundo. Do outro lado da rua as fachadas muito

caiadas brilhavam com uma radiação faiscante. Por traz do balcão, onde

reluziam garrafas de crystal, um criado de jaquetão, estremunhado

e esguedelhado, cabeceava de somno. Um passaro chilreava dentro;

sentia-se o bater espaçado das bolas do bilhar através d'uma porta de

baeta verde; ás vezes o pregão de um cangalheiro na rua sobresahia,

e--todos estes sons, por momentos, se perdiam no ruido forte do descer

d'um trem travado.

Defronte d'elles um sujeito de ar debochado lia um jornal; as suas

melenas grisalhas collavam-se a um craneo amarellado; o bigode tinha

tons queimados do cigarro; e das noitadas ficára-lhe uma vermelhidão

inflammada nas palpebras. De vez em quando erguia preguiçosamente a

cabeça, atirava para o chão areado um jacto escuro de saliva, dava uma

sacudidella triste ao jornal e tornava a fital-o com um olhar infeliz.

Quando os dous entraram e pediram carapinhadas, abaixou-lhes gravemente

a cabeça.

--Mas o que é então?--perguntou logo Julião.

Sebastião chegou-se mais para elle:

--É por causa lá da nossa gente. Por causa do primo--disse baixo.

E acrescentou:

--Tu vistel-o, hein?

A lembrança repentina da sua humilhação na sala de Luiza trouxe um

rubor ás faces de Julião. Mas muito orgulhoso, disse seccamente:

--Vi.

--E então?

--Pareceu-me um asno!--exclamou, não se contendo.

--E um extravagante--disse com terror Sebastião--Não te pareceu, hein?

--Pareceu-me um asno--repetiu.--Umas maneiras, uma affectação, um

alambicado, a olhar muito para as meias, umas meias ridiculas de

mulher...

E com um certo sorriso azedado:

--Eu mostrei-lhe francamente as minhas botas. Estas--disse, apontando

para os botins mal engraxados--tenho muita honra n'ellas, são de quem

trabalha...

Porque publicamente costumava gloriar-se d'uma pobreza, que intimamente

não cessava de o humilhar.

E remexendo devagar a sua carapinhada:

--Uma besta!--resumiu.

--Tu sabes que elle foi namoro da Luiza?--disse Sebastião, baixo, como

assustado da gravidade da confidencia.

E respondendo logo ao olhar surprehendido de Julião:

--Sim. Ninguem o sabe. Nem Jorge. Eu soube-o ha pouco, ha mezes. Foi.

Estiveram para casar. Depois o pai falliu, elle foi para o Brazil, e de

lá escreveu a romper o casamento.

Julião sorriu, e encostando a cabeça á parede:

--Mas isso é o enredo da \_Eugenia Grandet\_, Sebastião! Estás-me a

contar o romance de Balzac! Isso é a \_Eugenia Grandet\_!

Sebastião fitou-o espantado.

--Ora! não se póde fallar serio comtigo. Dou-te a minha palavra

d'honra--acrescentou vivamente.

--Vá, Sebastião, vá, dize.

Houve um silencio. O sujeito calvo, agora, contemplava o estuque do

tecto sujo do fumo dos cigarros e do pousar das moscas; e, com a mão

sapuda, de tom pegajoso, cofiava amorosamente as rêpas. No bilhar vozes

altercavam.

Sebastião então, como tomado d'uma resolução, disse bruscamente:

--E agora vai lá todos os dias, não sahe de lá!

Julião afastou-se na banqueta e encarou-o:

--Tu queres-me dar a entender alguma cousa, Sebastião?

E com uma vivacidade quasi jovial:

--O primo atira-se?

Aquella palavra escandalisou Sebastião.

--Ó Julião!--E severamente:--Com essas cousas não se brinca!

Julião encolheu os hombros.

--Mas está claro que se atira!--exclamou.--És de bom tempo ainda! Está

claro que sim! Namorou-a solteira, agora quel-a casada!

--Falla baixo--acudiu Sebastião.

Mas o criado dormitava, e o sujeito calvo tinha recahido na sua leitura

funebre.

Julião baixou a voz:

--Mas é sempre assim, Sebastião. O primo Bazilio tem razão; quer o

prazer sem a responsabilidade!

E quasi ao ouvido d'elle:

--É de graça, amigo Sebastião! É de graça! Tu não imaginas que

influencia isto tem no sentimento!

Riu-se. Estava radioso; as palavras, as pilherias vinham-lhe com

abundancia:

--Ha um marido que a veste, que a calça, que a alimenta, que a engomma,

que a vela se está doente, que a atura se ella está nervosa, que tem

todos os encargos, todos os tedios, todos os filhos, todos, todos os

que vierem, sabes a lei... Por consequencia o primo não tem mais que

chegar, bater ao ferrolho, encontra-a aceada, fresca, appetitosa á

custa do marido, e...

Teve um risinho, recostou-se com uma grande satisfação, enrolando

deliciosamente o cigarro, regosijando-se no escandalo.

--É optimo!--acrescentou.--Todos os primos raciocinam assim. Bazilio

é primo, logo... Sabes o syllogismo, Sebastião! Sabes o syllogismo,

menino!--gritou, dando-lhe uma palmada na perna.

--É o diabo--murmurou Sebastião cabisbaixo.

Mas revoltando-se contra a suspeita que o ia dominando:

--Mas tu suppões que uma rapariga de bem...

--Eu não supponho nada!--acudiu Julião.

--Falla baixo, homem!

--Eu não supponho nada--repetiu Julião baixinho.--Eu affirmo o que elle

faz. Agora ella...

E acrescentou com seccura:

--Como é uma rapariga honesta...

--Se é!--exclamou Sebastião, batendo uma punhada na pedra da mesa.

--Prompto!--cantou arrastadamente o moço.

O velho calvo ergueu-se logo; mas vendo que o criado se recolhia

ao balcão bocejando, e que os dous continuavam a remexer a sua

carapinhada, encostou os cotovêlos á mesa, salivou para longe, e

puxando o jornal deixou-lhe cahir em cima um olhar desolado.

Sebastião disse, então, com tristeza:

--A questão não é por ella. A questão é pela visinhança.

Ficaram um momento calados. A altercação de vozes no bilhar crescia.

--Mas--disse Julião, como sahindo d'uma reflexão--a visinhança? Como a

visinhança?

--Sim, homem! Vêem entrar para lá o rapaz. Vem de tipoia, faz um

escandalo na rua. Já se falla. Já vieram com mexericos á tia Joanna.

Ha dias encontrei o Netto que reparou. O Cunha tambem. O homem dos

trastes, em baixo, não se faz nada que elle não dê fé: são umas linguas

de tremer. Ha dias ia eu a passar quando o primo se apeou da carruagem

para entrar, e foram logo conciliabulos na rua, olhadellas para a

janella, o diabo! Vai lá todos os dias. Sabem que o Jorge está no

Alemtejo... Está duas e tres horas. É muito serio, é muito serio!

--Mas ella então é tola!

--Não vê o mal...

Julião encolheu os hombros, duvidando.

Mas a porta de baeta do bilhar abriu-se; um homem herculeo, de bigode

negro, muito escarlate, sahiu bruscamente, e parando, segurando a porta

aberta, gritou para dentro:

--E fique sabendo que havia d'encontrar homem!

Uma voz grossa, do bilhar, respondeu-lhe uma obscenidade.

O sujeito herculeo atirou a porta, furioso; atravessou o café

resfolegando, apopletico; um rapaz chupado, de jaquetão de inverno e

calça branca, seguia-o, com um ar gingado.

--O que eu devia fazer--exclamava o agigantado, brandindo o punho--era

quebrar a cara áquelle pulha!

O rapaz chupado, dizia, com doçura e servilismo, bamboleando-se:

--Questões não servem para nada, sô Corrêa!

--É que sou muito prudente--berrou o herculeo.--É que me lembro que

tenho mulher e filhos! Senão bebia-lhe o sangue!

E sahindo, a sua voz roncante perdeu-se no rumor da rua.

O criado muito pallido, tremia dentro do balcão; e o sujeito calvo, que

erguera a cabeça, teve um sorriso de tedio, e retomou tristemente o

jornal.

Sebastião, então, disse reflectindo:

--Não te parece que seria bom avisal-a?

Julião encolheu os hombros, soltou uma baforada de fumo.

--Dize alguma cousa!--implorou Sebastião--Tu não ias fallar-lhe, hein?

--Eu?--exclamou Julião com um aspecto que repellia a idéa.--Eu! Estás

doudo!

--Mas que te parece, emfim?

E a voz de Sebastião tinha quasi uma afflicção.

Julião hesitou:

--Vai, se queres. Dize-lhe que se tem reparado... Emfim, eu não sei,

meu amigo!

E pôz-se a chupar o seu cigarro.

Aquelle mutismo affectou Sebastião. Disse com desconsolação:

--Homem, vim-te pedir um conselho...

--Mas que diabo queres tu?--E a voz de Julião irritava-se.--A culpa é

d'ella. É d'ella!--insistiu, vendo o olhar de Sebastião.--É uma mulher

de vinte e cinco annos, casada ha quatro, deve saber que se não recebe

todos os dias um peralvilho, n'uma rua pequena, com a visinhança a

postos! Se o faz, é porque lhe agrada.

--Ó Julião!--disse muito severamente Sebastião.

E dominando-se, com a voz commovida:

--Não tens razão, não tens razão!

Calou-se muito magoado.

Julião levantou-se.

--Amigo Sebastião, eu digo o que penso, tu fazes o que entendes.

Chamou o criado.

--Deixa--disse Sebastião precipitadamente, pagando.

Iam sahir. Mas então o sujeito calvo, atirando o jornal, arremessou-se

para a porta, abriu-a, curvou-se, e estendeu a Sebastião um papel

enxovalhado.

Sebastião, surprehendido, leu alto, machinalmente:

«O abaixo assignado, antigo empregado da nação, reduzido á miseria...»

--Fui intimo amigo do nobre duque de Saldanha!--gemeu chorosamente, com

uma rouquidão, o sujeito calvo.

Sebastião córou, comprimentou, metteu-lhe na mão duas placas de cinco

tostões, discretamente.

O sujeito dobrou profundamente o espinhaço, e declamou com uma voz cava:

--Mil agradecimentos a v. exc.^a, snr. conde!

V

A manhã estava abrazadora. Um pouco depois do meio dia, Joanna,

estirada n'uma velha cadeira de vime da ilha da Madeira que havia na

cozinha, dormitava a sésta. Como madrugava muito, áquella hora da calma

vinha-lhe sempre uma quebreira.

As janellas estavam cerradas ao sol faiscante; as panellas no lume

faziam um \_ron-ron\_ dormente; e toda a casa, muito silenciosa, parecia

amodorroada no amollecimento do calor torrido, quando Juliana entrou

como uma rajada, atirou para o chão, furiosa, uma braçada de roupa

suja, e gritou:

--Raios me partam se não ha um escandalo n'esta casa que vai tudo raso!

Joanna deu um salto estremunhada.

--Quem quer as cousas em ordem olha por ellas!--berrava a outra com

os olhos injectados.--Não é estar todo o dia na sala a palrar com as

visitas!

A cozinheira foi fechar a porta precipitadamente, já assustada.

--Que foi, snr.^a Juliana, que foi?

--Está com a mosca! Tem o sangue a ferver! Sangrias! sangrias! Tem

peguilhado por tudo! Não estou para a aturar, não estou!

E batia o pé com phrenesi.

--Mas que foi? que foi?

--Diz que os collarinhos tinham pouca gomma, pôz-se a despropositar!

Estou farta de a aturar! Estou farta! Estou até aqui!--bradava, puxando

a pelle engelhada da garganta.--Pois que me não faça sahir de mim! Que

me vou, e pespego-lhe na cara por quê! Desde que aqui temos homem e

pouca vergonha, boas noites!... Quem quizer que se metta em alhadas...

--Ó snr.^a Juliana, pelo amor de Deus! Jesus!--E a Joanna apertava a

cabeça nas mãos.--Ai, se a senhora ouve!

--Que ouça, digo-lh'o na cara! Estou farta! estou farta!

Mas, de repente, fez-se branca como a cal, cahiu sobre a cadeira de

vime com as duas mãos contra o coração, os olhos em alvo.

--Snr.^a Juliana!--gritou Joanna--Snr.^a Juliana! Falle!

Borrifou-a d'agua; sacudia-a, anciosamente.

--Nossa Senhora nos valha! Nossa Senhora nos valha! Está melhor? Falle!

Juliana deu um suspiro longo, d'allivio, cerrou as palpebras. E

arquejava devagarinho, muito prostrada.

--Como se sente? Quer um caldinho? É fraqueza, ha-de ser fraqueza...

--Foi a pontada--murmurou Juliana.

Ai! aquelles phrenesis matavam-na!--dizia a cozinheira, remexendo-lhe

o caldo, muito pallida tambem.--A gente tinha d'aturar os amos! Que

tomasse a sustancia, que socegasse!...

N'aquelle momento Luiza abriu a porta. Vinha em collete e saia branca.

Que barulho era aquelle?

--A snr.^a Juliana que lhe tinha dado uma cousa, quasi desmaiára...

--Foi a pontada--balbuciou Juliana.

E erguendo-se, com um esforço:

--Se a senhora não precisa nada, vou ao medico...

--Vá, vá!--disse Luiza logo. E desceu.

Juliana pôz-se a tomar o seu caldo com um vagar moribundo. Joanna

consolava-a baixo:--Tambem, a snr.^a Juliana arrenegava-se por

qualquer cousa. E quando a gente tem pouca saude não ha nada peor que

emphrenesiar-se...

--É que não imagina!--e abafava a voz arregalando os olhos--Tem estado

de não se poder aturar! Está-se a vestir que nem para uma partida!

Amarfanhou uns poucos de collares, atirou-os para o chão, que eu

engommava que era uma porcaria, que não servia para nada... Ai! Estou

farta!--repetia--Estou farta!

--É ter paciencia! Todos tem a sua cruz!

Juliana teve um sorriso livido, ergueu-se com um grande \_ai!\_,

escabichou os dentes, apanhou a roupa suja, e subiu ao sotão.

D'ahi a pouco, de luvas pretas, muito amarella, sahiu.

Ao dobrar a esquina da rua, defronte do estanque, parou indecisa. Até

ao medico era um estirão!... E estava, que lhe tremiam as pernas!...

Mas tambem, largar tres tostões para trem!...

--Pst, pst!--fez do lado uma voz dôce.

Era a estanqueira, com o seu longo vestido de luto tingido, o seu

sorriso desconsolado.

Que era feito da snr.^a Juliana? a dar o seu passeio, hein?

Gabou-lhe a sombrinha preta de cabo d'osso.--De muito gosto--disse.--E

como ia de saude?

Mal. Dera-lhe a pontada. Ia ao medico...

Mas a estanqueira não tinha fé nos medicos. Era dinheiro deitado á

rua... Citou a doença do seu homem, os gastos, um \_rôr\_ de moedas. E

para que? para o vêr penar e morrer como se nada fosse! Era um dinheiro

que sempre chorava!

E suspirou. Emfim, fosse feita a vontade de Deus! E lá por casa do snr.

Engenheiro?

--Tudo sem novidade.

--Ó snr.^a Juliana, quem é aquelle rapaz que vai agora por lá todos os

dias?

Juliana respondeu logo:

--É o primo da senhora.

--Dão-se muito!...

--Parece.

Tossiu, e com um comprimentosinho:

--Pois, muito boas tardes, snr.^a Helena.

E foi resmungando:

--Ora, fica-te a chuchar no dedo, lêsma!

Juliana detestava a visinhança; sabia que a escarneciam, que a

imitavam, que lhe chamavam a \_tripa velha\_!...--Pois tambem d'ella

não haviam de saber nada! Podiam rebentar de curiosidade! Vinham de

carrinho! Boa! Tudo o que visse ou que lhe cheirasse havia de ficar

guardadinho, lá dentro.--Para uma occasião!--pensava com rancor,

sacudindo os quadris.

A estanqueira ficou á porta, despeitada. E o Paula dos moveis, que as

vira conversar, veio logo, deslisando subtilmente nas suas chinellas de

tapete:

--Então a \_tripa velha\_ escorregou-se?

--Ai! não se lhe tira nada!

O Paula enterrou as mãos nos bolsos, com tedio:

--Aquillo, a do Engenheiro besunta-lhe as mãos... É ella quem leva a

cartinha, quem abre a portita de noite...

--Tanto não direi! Credo!

O Paula fitou-a com superioridade:

--A snr.^a Helena está ahi ao seu balcão... Mas eu é que as conheço,

as mulheres da alta sociedade! Conheço-as nas pontas dos dedos. É uma

cambada!

Citou logo nomes, alguns illustres; tinham amantes innumeraveis: até

trintanarios! Algumas fumavam, outras \_entortavam-se\_. E peor! E peor!

--E passeiam por ahi, muito repimpadas de carrinho, á barba da gente de

bem!

--Falta de religião!--suspirou a estanqueira.

O Paula encolheu os hombros:

--A religião é que é, snr.^a Helena! C'os padres é que é!

E agitando furioso o punho fechado:

--C'os padres é uma \_choldra\_ viva!

--Credo, snr. Paula, que até lhe fica mal!...

E o carão amarellado da estanqueira tinha uma severidade de devota

offendida.

--Ora, historias, snr.^a Helena!--exclamou o homem com desprezo.

E bruscamente:

--Porque é que acabaram os conventos? Diga-me! Porque era um desaforo

lá dentro!

--Oh snr. Paula! oh snr. Paula!--balbuciava a Helena, recuando,

encolhendo-se.

Mas o Paula atirava-lhe as impiedades como punhaladas.

--Um desaforo! De noite as freiras vinham por um subterraneo ter c'os

frades. E era vinhaça e mais vinhaça. E batiam o fandango em camisa!

Anda isso por ahi em todos os livros.

E erguendo-se nas chinellas:

--E os jesuitas, se vamos a isso! Sim! diga!

Mas recuou, e levando a mão á pala do boné:

--Um criado da senhora--disse com respeito.

Era Luiza que passava, vestida de preto, o véo descido. Ficaram

calados, a olhal-a.

--Que ella é muito bonita!--murmurou a estanqueira, com admiração.

O Paula franziu a testa.

--Não é mau bocado...--disse. E acrescentou, com desdem:--P'ra quem

gosta d'aquillo!...

Houve um silencio. E o Paula rosnou:

--Não são as saias que me levam o tempo, nem d'isto!...

E bateu no bolso do collete, fazendo tilintar dinheiro.

Tossiu, pigarreou, e ainda aspero:

--Venha de lá um pataco de Xabregas.

Foi para a porta do estanco enrolar o cigarro, assobiar; mas os seus

olhos arregalaram-se indignados; n'uma das janellas de cima na casa do

Engenheiro, tinha avistado, por entre as vidraças abertas, a figura

enfesada do Pedro, o carpinteiro.

Voltou-se para a estanqueira, e cruzando dramaticamente os braços:

--E agora que a patrôa vai á vida, lá está o rapazola a entender-se com

a criada!

Soltou uma larga baforada de fumo, e com uma voz soturna:

--Aquella casa vai-se tornando um prostibulo!

--Um quê, snr. Paula?

--Um prostibulo, snr.^a Helena! É como se dissesse um alcouce!

E, com passos escandalisados, o patriota afastou-se.

Luiza ia emfim ao campo com Bazilio. Consentira na vespera, declarando

logo «que era só um passeio de meia hora, de carruagem, sem se

apearem». Bazilio ainda insistiu, fallando em «sombras d'alamedas,

uma merendinha, relvas...» Mas ella recusou, muito teimosa, rindo,

dizendo:--Nada de relvas!...

E tinham combinado encontrar-se na praça da Alegria. Chegou tarde, já

depois das duas e meia, com o guarda-solinho muito carregado sobre o

rosto, toda assustada.

Bazilio esperava, fumando, n'um coupé, á esquina, debaixo d'uma

arvore. Abriu rapidamente a portinhola, e Luiza entrou fechando

atrapalhadamente a sombrinha; o vestido prendeu-se ao estribo,

esgaçou-se no rufo de sêda; e achou-se ao lado d'elle, muito nervosa,

offegante, com o rosto abrazado, murmurando:

--Que tolice, que tolice esta!

Mal podia fallar. O coupé partiu logo a trote. O cocheiro era o

Pintéos, um batedor.

--Tão cançada, coitadinha!--disse-lhe Bazilio muito meigo.

Levantou-lhe o véo; estava suada; os seus largos olhos brilhavam da

excitação, da pressa, do medo...

--Que calor, Bazilio!

Quiz descer um dos vidros do coupé.

Não, isso não! Podiam vêl-os! Quando passassem as portas...

--Para onde vamos nós?

E espreitava, levantando o \_store\_.

--Vamos para o lado do Lumiar, é o melhor sitio. Não queres?

Encolheu os hombros. Que lhe importava? Ia socegando: tinha tirado o

véo e as luvas: sorria, abanando-se com o lenço, d'onde sahia um aroma

fresco.

Bazilio prendeu-lhe o pulso, pôz-lhe muitos beijos longos, delicados,

na pelle fina, azulada de veiasinhas.

--Tu prometteste ter juizo!--fez ella com um sorriso calido, olhando-o

de lado.

Ora! mas um beijo, no braço! Que mal havia? Tambem era necessario não

ser beata!

E olhava-a avidamente.

Os velhos \_stores\_ do coupé corridos eram de sêda vermelha, e a luz que

os atravessava envolvia-a n'um tom igual, côr de rosa e quente. Os seus

beiços tinham um escarlate molhado, a lisura sã d'uma petala de rosa; e

ao canto do olho um ponto de luz movia-se n'um fluido dôce.

Não se conteve, passou-lhe os dedos um pouco tremulos nas fontes, nos

cabellos, com uma caricia fugitiva e assustada; e com a voz humilde:

--Nem um beijo na face, um só?

--Um só?...--fez ella.

Pousou-lh'o delicadamente ao pé da orelha. Mas aquelle contacto

exasperou-lhe o desejo brutalmente; teve um som de voz soluçado;

agarrou-a com sofreguidão, e atirava-lhe beijos tontos pelo pescoço,

pela face, pelo chapéo...

--Não! não!--balbuciava ella, resistindo.--Quero descer! Dize que pare!

Batia nos vidros; esforçava-se por correr um, desesperada, magoando os

dedos na dura corrêa suja.

Bazilio pôz-se a supplicar, que lhe perdoasse! Que doudice, zangar-se

por um beijo! Se ella estava tão linda!... Fazia-o doudo. Mas jurava ir

quieto, muito quieto...

A carruagem, ao pé das portas, rolava sacudida na calçada miuda; nas

terras, aos lados, as oliveiras de um verde empoeirado estavam immoveis

na luz branca; e sobre a herva crestada o sol batia duramente n'uma

fulguração continua.

Bazilio tinha descido um dos vidros; o \_store\_ corrido palpitava

brandamente; pôz-se então a fallar-lhe ternamente de si, do seu

amor, dos seus planos. Estava resolvido a vir estabelecer-se em

Lisboa--dizia.--Não tencionava casar-se; amava-a e não comprehendia

nada melhor do que viver ao pé d'ella, sempre. Dizia-se desilludido,

enfastiado. Que mais lhe podia offerecer a vida? Tinha tido as

sensações dos amores ephemeros, as aventuras das longas viagens.

Ajuntára alguma cousa de seu,--e sentia-se velho.

Repetia, fitando-a, tomando-lhe as mãos:

--Não é verdade que estou velho?

--Não muito--e os seus olhos humedeciam-se.

Ah! estava! estava! O que lhe appetecia agora era viver para ella,

vir descançar nas doçuras da sua intimidade. Ella era a sua unica

familia.--Fazia-se muito \_parente\_.--A familia no fim de tudo é o que

ha de melhor ainda. Não te incommoda que eu fume?

E acrescentou, raspando o phosphoro:

--O que ha de bom na vida é uma affeição profunda como a nossa. Não

é verdade? Contento-me com pouco, de resto. Vêr-te todos os dias,

conversar muito, saber que me estimas...--Por dentro do campo, ó

Pintéos!--gritou com força pela portinhola.

O coupé entrou a passo no Campo Grande. Bazilio ergueu os \_stores\_; um

ar mais vivo penetrou. O sol cahia sobre o arvoredo, traspassando-o

d'uma luz faiscante, formando no chão poeirento e branco sombras

quentes de ramagens. Tudo tinha em redor um aspecto resequido e

exhausto. Na terra gretada, a herva curta, crestada, fazia tons

cinzentos. Na estrada, ao lado, arrastava-se uma poeira amarellada.

Saloios passavam, amodorroados sobre o albardão, bamboleando as pernas,

abrigados sob os vastos guarda-soes escarlates; e a luz que vinha de

um céo azul ferrete, acabrunhador, fazia reluzir com uma radiação crua

as paredes muito caiadas, as aguas d'algum balde esquecido ás portas,

todas as brancuras de pedras.

E Bazilio continuava:

--Vendo tudo o que tenho lá fóra, alugo aqui uma casinha em Lisboa, em

Buenos-Ayres, talvez... Não te agrada? Dize...

Ella calava-se; aquellas palavras, as promessas, a que a voz d'elle

metallica e velada dava um vigor mais amoroso, iam-na perturbando como

a inebriação d'um licôr forte. O seu seio arfava.

Bazilio baixou a voz, disse:

--Quando estou ao pé de ti sinto-me tão feliz, parece-me tudo tão

bom!...

--Se isso fosse verdade!--suspirou ella, encostando-se para o fundo do

coupé.

Bazilio prendeu-lhe logo a cintura; jurou-lhe que sim! Ia pôr a sua

fortuna em inscripções. Começou a dar-lhe provas: já fallára a um

procurador; citou-lhe o nome, um sêcco, de nariz agudo...

E apertando-a contra si, os olhos muito vorazes:

--E se fosse verdade, dize, que fazias?

--Nem eu sei--murmurou ella.

Iam entrando no Lumiar, e por prudencia desceram os \_stores\_. Ella

afastou um, e, espreitando, via fóra passar rapidamente, ao lado do

trem, arvores empoeiradas; um muro de quinta d'uma côr de rosa sujo;

fachadas de casas mesquinhas; um omnibus desatrellado; mulheres

sentadas ao portal, á sombra, catando os filhos; e um sujeito vestido

de branco, de chapéo de palha, que estacou, arregalou os olhos para as

cortinas fechadas do coupé. E ia desejando habitar alli n'uma quinta,

longe da estrada; teria uma casinha fresca com trepadeiras em roda das

janellas, parreiras sobre pilares de pedra, pés de roseiras, ruasinhas

amaveis sob arvores entrelaçadas, um tanque debaixo d'uma tilia, onde

de manhã as criadas ensaboariam, bateriam a roupa, palrando. E ao

escurecer, ella e elle, um pouco quebrados das felicidades da sésta,

iriam pelos campos, ouvindo calados, sob o céo que se estrella, o

coaxar triste das rãs.

Cerrou os olhos. O movimento muito lançado do coupé, o calor, a

presença d'elle, o contacto da sua mão, do seu joelho, amolleciam-na.

Sentia um desejo a alargar-se dentro do peito.

--Em que vaes tu a pensar?--perguntou-lhe elle baixo, muito terno.

Luiza fez-se vermelha. Não respondeu. Tinha medo de fallar, de lhe

dizer...

Bazilio tomou-lhe a mão devagarinbo, com respeito, com cuidado, como

uma cousa preciosa e santa; e beijou-lh'a de leve, com a servilidade

d'um negro e a unção d'um devoto. Aquella caricia tão humilde, tão

tocante, quebrou-a; os seus nervos distenderam-se; deixou-se cahir para

o canto do coupé, rompeu a chorar...

Que era? Que tinha? Prendera-a nos braços, beijava-a, dizia-lhe

palavras loucas.

--Queres que fujamos?

As suas lagrimasinhas redondas e luminosas, rolando devagarinho sobre

aquella face mimosa, enterneciam-no, e davam aos seus desejos uma

vibração quasi dolorosa.

--Foge commigo, vem, levo-te! Vamos para o fim do mundo!

Ella soluçou, murmurou muito doridamente:

--Não digas tolices.

Elle calou-se; pôz a mão sobre os olhos com uma attitude melancolica,

pensando:--Estou a dizer tolices, não ha que vêr!

Luiza limpava as lagrimas, assoando-se devagarinho.

--É nervoso--disse.--É nervoso. Voltamos, sim? Não me sinto bem. Dize

que volte.

Bazilio mandou «bater» para Lisboa.

Ella queixava-se de um ameaço d'enxaqueca. Elle tinha-lhe tomado a mão,

repetia-lhe as mesmas ternuras: chamava-lhe «sua pomba», «seu ideal». E

pensava baixo:--Estás cahida!

Pararam na praça da Alegria. Luiza espreitou, saltou depressa, dizendo:

--Ámanhã, não faltes, hein?

Abriu o guarda-solinho, carregou-o sobre o rosto, subiu rapidamente

para a Patriarchal.

Bazilio então desceu os vidros, e respirou com satisfação. Accendeu

outro charuto, estendeu as pernas, gritou:

--Ao Gremio, ó Pintéos!

Na sala de leitura, o seu amigo o visconde Reynaldo, que havia annos

vivia em Londres, e muito em Paris tambem, lia o \_Times\_ languidamente,

enterrado n'uma poltrona. Tinham vindo ambos de Paris, com promessa

de voltarem juntos por Madrid. Mas o calor desolava Reynaldo; achava

a temperatura de Lisboa \_reles\_; trazia lunetas defumadas; e andava

saturado de perfumes, por causa «do cheiro ignobil de Portugal». Apenas

viu Bazilio deixou escorregar o \_Times\_ no tapete, e com os braços

molles, a voz desfallecida:

--E então essa questão da prima, vai ou não vai? Isto está horrivel,

menino! Eu morro! Preciso o Norte! Preciso a Escocia! Vamos embora!

Acaba com essa prima. Viola-a. Se ella te resiste, mata-a!

Bazilio, que se estendera n'uma poltrona, disse, estirando muito os

braços:

--Oh! Está cahidinha!

--Pois avia-te, menino, avia-te!

Apanhou moribundamente o \_Times\_, bocejou, pediu soda--soda ingleza!

«Não havia», veio dizer o criado. Reynaldo fitou Bazilio com espanto,

com terror, e murmurou soturnamente:

--Que abjecção de paiz!

Quando Luiza entrou, Juliana, ainda vestida, disse-lhe logo á porta:

--O snr. Sebastião está na sala. Tem estado um \_rôr\_ de tempo á

espera... Já cá estava quando eu cheguei.

Tinha vindo com effeito havia meia hora. Quando a Joanna lhe veio

abrir, muito encarnada, com o ar estremunhado, e resmungou «que a

senhora estava para fóra», Sebastião ia logo descer, com o allivio

delicioso d'uma difficuldade adiada. Mas reagiu, retesou a vontade,

entrou, pôz-se a esperar... Na vespera tinha decidido fallar-lhe,

avisal-a que aquellas visitas do primo, tão repetidas, com espalhafato,

n'uma rua maligna, podiam compromettel-a... Era o diabo, dizer-lh'o!...

Mas era um dever! Por ella, pelo marido, pelo respeito da casa!

Era forçoso acautelal-a!... E não se sentia acanhado. Perante as

reclamações do dever, vinham-lhe as energias da decisão. O coração

batia-lhe um pouco, sim, e estava pallido... Mas, que diabo, havia de

lh'o dizer!...

E passeando pela sala com as mãos nos bolsos, ia arranjando as suas

phrases, procurando-as muito delicadas, bem amigas...

Mas a campainha retiniu, um \_frou-frou\_ de vestido roçou o corredor,--e

a sua coragem engelhou-se como um balão furado. Foi-se logo sentar ao

piano, pôz-se a bater vivamente no teclado. Quando Luiza entrou, sem

chapéo, descalçando as luvas, ergueu-se, disse embaraçado:

--Tenho estado aqui a trautear um bocado... Estava á espera... Então

d'onde vem?

Ella sentou-se, cançada. Vinha da modista--disse. Fazia um calor!

Porque não tinha entrado as outras vezes? Não estava com visitas de

ceremonia! Era familia, era seu primo que viera de fóra.

--Está bom, seu primo?

--Bom. Tem estado aqui, bastante. Aborrece-se muito em Lisboa, coitado!

Ora, quem vive lá fóra!

Sebastião repetiu, esfregando devagar os joelhos:

--Está claro, quem vive lá fóra!

--E Jorge, tem-lhe escripto?--perguntou Luiza.

--Recebi carta hontem.

Tambem ella. Fallaram de Jorge, dos tedios da jornada, do que contava

do phantastico parente de Sebastião, da demora provavel...

--Faz-nos uma falta, aquelle maroto!--disse Sebastião.

Luiza tossiu. Estava um pouco pallida, agora. Passava ás vezes a mão

pela testa, cerrando os olhos.

Sebastião de repente, teve uma decisão:

--Pois eu vinha, minha rica amiga...--começou.

Mas viu-a ao canto do sophá, com a cabeça baixa, a mão sobre os olhos.

--Que tem? Está incommodada?

--É a enxaqueca que me veio de repente. Já tinha tido ameaços na rua. E

com uma força!

Sebastião tomou logo o chapéo:

--E eu a massal-a! É necessario alguma cousa? Quer que vá chamar o

medico?

--Não! Vou-me deitar um momento, passa logo.

Que não apanhasse ar, ao menos, recommendava elle. Talvez sinapismos

ou rodellas de limão nas fontes... E em todo o caso, se não estivesse

melhor que o mandasse chamar...

--Isto passa! E appareça, Sebastião! Não se esconda...

Sebastião desceu, respirou largamente; e pensava:--Eu não me atrevo,

santo Deus!... Mas á porta, ao levantar os olhos, viu no fundo escuro

da loja de carvão o vulto enorme da carvoeira, de chambre branco,

estendendo o olhar, cocando; por cima, tres das Azevedos, entre as

velhas cortinas de cassa, juntavam as suas cabecinhas riçadas n'algum

conciliabulo maligno: por traz dos vidros a criada do doutor costurava,

com olhares de lado, a cada momento, que lambiam a rua; e ao lado, na

loja de moveis, sentiam-se as expectorações do patriota.

--Não passa um gato que esta gente não dê fé!--pensou Sebastião.--E que

linguas! Que linguas! Devo fazel-o, ainda que estoure! Se ella ámanhã

está melhor, digo-lhe tudo!

Estava com effeito já boa, ás nove horas, no dia seguinte, quando

Juliana a foi acordar, com «uma cartinha da snr.^a D. Leopoldina».

A criada de Leopoldina, a Justina, uma magrita muito trigueira, de

buço e olho vesgo, esperava na sala de jantar. Era amiga de Juliana,

beijocavam-se muito, diziam-se sempre finezas. E depois de ter guardado

a resposta de Luiza n'um cabazinho que trazia no braço, traçou o chale,

e muito risonha:

--Então que ha por cá de novo, snr.^a Juliana?

--Tudo velho, snr.^a Justina.

E mais baixo:

--O primo da senhora, agora; vem todos os dias. Perfeito rapaz!

Tossiram ambas, baixinho, com malicia.

--E por lá, snr.^a Justina, quem vai por lá?

Justina fez um aceno de desprezo.

--Um rapazola, um estudante. Fraca cousa!...

--Sempre pinga!--disse Juliana com um risinho.

A outra exclamou:

--Olha quem! o pelintra! Nem cheta!

E erguendo o olhar com saudade:

--Ai, como o Gama não ha! Quando era do tempo do Gama, isso sim! Nunca

ia que me não désse os seus dez tostões, ás vezes meia libra. Ai,

devo dizel-o, foi elle que me ajudou para o meu vestido de sêda! Este

agora!... é um fedelho. Eu nem sei como a senhora supporta aquillo! E

amarellado, enfesado! Aquillo póde prestar para nada!

Juliana disse então:

--Pois olhe, snr.^a Justina, eu agora é que começo a considerar: é onde

se está bem, é em casas em que ha pôdres! Encontrei hontem a Agostinha,

a que está em casa do commendador, ao Rato... Pois senhor, não se

imagina. É tudo o que se póde! Tudo! Annel, vestido de sêda, sombrinha,

chapéo! E de roupa branca diz que é um enxoval. E tudo o Couceiro,

o que está com a ama. E pelas festas sua moeda. Diz que é um homem

rasgado. Ella tambem, verdade seja, tem um trabalhão: fal-o entrar pelo

jardim, e para o fazer sahir tem d'esperar...

--Ah, lá não!--acudiu a Justina.--Lá é pela escada.

Riram baixinho, saboreando o escandalo.

--Genios...--disse Juliana.

--Ai, lá isso, o nosso tem estomago--affirmou Justina.--Encontra-os na

escada, e tanto se lhe dá!...

E muito affectuosamente, arranjando o chale:

--E adeusinho, que se faz tarde, snr.^a Juliana. Ella vem hoje cá

jantar, a senhora. Estive toda a manhã a engommar uma saia; desde as

sete!

--Tambem eu por cá--disse Juliana.--Ellas é o que tem; quando ha amante

sempre ha mais que engommar.

--Deitam mais roupa branca, deitam--observou a Justina.

--As que deitam!--exclamou Juliana, com desprezo.

Mas Luiza tocou a campainha dentro.

--Adeus, snr.^a Juliana--disse logo a outra, ageitando o chapéo.

--Adeus, snr.^a Justina.

Foi acompanhal-a ao patamar. Beijocaram-se. Juliana voltou muito

apressada ao quarto de Luiza; estava já a pé, vestindo-se, muito

alegre, cantarolando.

O bilhete de Leopoldina dizia na sua letra torta:

«Meu marido vai hoje para o campo. Eu vou-te pedir de jantar, mas não

posso ir antes das seis. Convem-te?»

Ficou muito contente. Havia semanas que a não via... O que iam rir,

palrar! E Bazilio devia vir ás duas. Era um dia divertido, bem

preenchido...

Foi logo á cozinha dar as suas ordens para o jantar. Quando descia,

o criadito de Sebastião tocava a campainha, com um ramo de rosas, «a

saber se a senhora estava melhor».

--Que sim, que sim!--gritou logo Luiza.--E para o tranquillisar, para

que elle não viesse:--Que estava boa, que até talvez sahisse...

As rosas, sim, é que vinham a proposito. Foi ella mesma pôl-as nos

vasos, cantarolando sempre, o olhar vivo, satisfeita de si, da sua vida

que se tornava interessante, cheia de incidentes...

E ás duas horas, vestida, veio para a sala, pôz-se ao piano a estudar a

\_Medjé\_ de Gounod, que Bazilio trouxera, e que a encantava agora muito,

com os seus accentos suspirados e calidos.

Ás duas e meia, porém, começou a estar impaciente; os dedos

embrulhavam-se-lhe no teclado.--Já devia ter vindo, Bazilio!--pensava.

Foi abrir as janellas, debruçar-se para a rua; mas a criada do doutor,

que costurava por dentro dos vidros, ergueu logo olhos tão sofregos

que Luiza fechou rapidamente as vidraças. Veio recomeçar a melodia, já

nervosa.

Uma carruagem rolou. Ergueu-se agitada, batia-lhe o coração. A

carruagem passou...

Tres horas já! O calor parecia-lhe maior, insupportavel; sentia-se

afogueada, foi cobrir-se de pó d'arroz. Se Bazilio estivesse doente! E

n'um quarto d'hotel! Só, com criados desleixados! Mas não, ter-lhe-hia

escripto n'esse caso!... Não viera, não se importára! Que grosseiro,

que egoista!

Era bem tola em se affligir. Melhor! Mas, abafava-se, positivamente!

Foi buscar um leque, e as suas mãos enraivecidas sacudiram n'um

phrenesi a gaveta, que não se abriu logo, um pouca perra. Pois bem, não

o tornaria a receber! E acabava tudo!

E o seu grande amor, de repente, como um fumo que uma rajada dissipa,

desappareceu! Sentiu um allivio, um grande desejo de tranquillidade.

Era absurdo, realmente, com um marido como Jorge, pensar n'outro homem,

um leviano, um estroina!...

Deram quatro horas. Veio-lhe uma desesperação, correu ao escriptorio de

Jorge, agarrou uma folha de papel, escreveu á pressa:

«Querido Bazilio.

«Porque não vens? Estás doente? Se soubesses os tormentos por que me

fazes passar...»

A campainha retiniu. Era elle! Amarrotou o bilhete, metteu-o no bolso

do vestido, ficou esperando, palpitante. Passos d'homem pisaram o

tapete da sala. Entrou, com o olhar faiscante... Era Sebastião.

Sebastião, um pouco pallido, que lhe apertou muito as mãos. Estava

melhor? Tinha dormido bem?

Sim, obrigada, estava melhor. Sentára-se no sophá, muito vermelha. Mal

sabia que dizer.

Repetiu com um sorriso vago:--Estou muito melhor!--E pensava:--Não me

deixa agora a casa, este massador!

--Então, não sahiu?--perguntou Sebastião, sentado na poltrona, com o

chapéo desabado nas mãos.

Não, estava um pouco fatigada ainda.

Sebastião passou devagar a mão pelos cabellos, e com uma voz que o

embaraço engrossava:

--Tambem agora tem sempre companhia pela manhã...

--Sim, meu primo Bazilio tem apparecido. Ha tanto tempo que nos não

viamos! Fomos creados de pequenos, quasi... Tenho-o visto quasi todos

os dias.

Sebastião fez logo rolar um pouco a poltrona, e curvando-se, baixando a

voz:

--Eu mesmo tinha vindo para lhe fallar a esse respeito...

Luiza abriu um olhar surprehendido.

--A respeito de quê?

--É que se repara... A visinhança é a peor cousa que ha, minha rica

amiga. Repara em tudo. Já se tem fallado. A criada do lente, o Paula.

Até já vieram á tia Joanna. E como o Jorge não está... O Netto tambem

reparou. Como não sabem o parentesco... E como vem todos os dias...

Luiza ergueu-se bruscamente, com o rosto alterado:

--Então eu não posso receber os meus parentes sem ser

insultada?--exclamou.

Sebastião levantou-se tambem. Aquella colera subita n'ella, uma pessoa

tão dôce, atarantou-o como um trovão que estala n'um céo claro de verão.

Pôz-se a dizer, quasi anciosamente:

--Oh minha rica senhora! mas repare, eu não digo... É por causa da

visinhança!...

--Mas que póde dizer a visinhança?

A sua voz tinha uma vibração aguda. E batendo com as mãos,

apertando-as, exaltada:

--Isto é curioso! Tenho um parente unico, com quem fui creada, que não

vejo ha uns poucos d'annos, vem-me fazer tres ou quatro visitas, está

um momento, e já querem deitar maldade!

Fallava convencida, esquecendo as palavras de Bazilio, os beijos, o

\_coupé\_...

Sebastião, acabrunhado, enrolava o chapéo nas mãos tremulas. E com uma

voz abafada:

--Eu tinha-me parecido prudente avisar; o Julião tambem...

--O Julião!--exclamou ella.--Mas que tem o Julião com isso? Com que

direito se mettem no que se passa em minha casa? O Julião!

A intervenção, as decisões de Julião pareciam-lhe um acrescimo

d'affronta. Cahiu n'uma cadeira, com as mãos contra o peito, os olhos

no tecto.

--Oh! Se o Jorge aqui estivesse! Oh! se elle aqui estivesse, Santo Deus!

Sebastião balbuciou aniquilado:

--Era para seu bem...

--Mas que mal me póde succeder?

E erguendo-se, indo d'um movel a outro, n'uma excitação:

--É o meu unico parente. Fomos creados ambos, brincavamos juntos. Em

casa da mamã, na rua da Magdalena, estava lá sempre. Ia lá jantar todos

os dias. É como se fossemos irmãos. Em pequena trazia-me ao collo...

E amontoava detalhes d'aquella fraternidade, exagerando uns, inventando

outros ao acaso, na improvisação da colera.

--Vem aqui--acrescentava--está um bocado, fazemos musica, elle toca

admiravelmente, fuma um charuto, vai-se...

Instinctivamente justificava-se.

Sebastião estava sem idéa, sem resolução. Parecia-lhe aquella uma outra

Luiza, differente, que o assustava; e quasi curvava os hombros sob a

estridencia da sua voz, que nunca conhecera tão forte, vibrando n'uma

loquacidade trapalhona.

Erguendo-se emfim, disse com uma dignidade melancolica:

--Eu entendi que era o meu dever, minha senhora.

Fez-se um silencio grave. Aquelle tom sobrio, quasi severo, obrigou-a a

córar um pouco dos seus espalhafatos: baixou os olhos: disse embaraçada:

--Perdôe, Sebastião! Mas realmente!... Não, acredite, juro-lhe,

estou-lhe muito obrigada em me avisar. Fez muito bem, Sebastião!

Elle exclamou logo, vivamente:

--Para evitar qualquer calumnia d'essas linguas damnadas! Pois não é

verdade?

Justificou então a sua intervenção, com muita amizade: ás vezes por uma

palavra, arma-se uma intriga, e quando uma pessoa está prevenida...

--De certo, Sebastião!--repetiu ella.--Fez perfeitamente bem em me

avisar. De certo!...

Tinha-se sentado; o olhar reluzia-lhe febrilmente; e a cada momento

limpava com o lenço os cantos seccos da bocca.

--Mas que hei-de eu fazer, Sebastião! Diga!

Elle commovia-se agora de a vêr assim ceder, aconselhar-se; quasi

lamentava vir, com a gravidade das suas advertencias, perturbar a

alegria das suas intimidades. Disse:

--Está claro que deve vêr seu primo, recebel-o... Mas emfim, sempre

é bom uma certa reserva, com esta visinhança! Eu se fosse a si

contava-lhe... explicava-lhe...

--Mas, por fim, que diz essa gente, Sebastião?

--Repararam. Quem seria? quem não seria? Que vinha, que estava, o diabo!

Luiza ergueu-se impetuosamente:

--Eu bem tenho dito a Jorge! Tantas vezes lh'o tenho dito! Isto é

uma rua impossivel! Não se mexe um dedo que não espreitem, que não

cochichem!

--Não teem que fazer...

Houve um silencio. Luiza passeava pela sala, com a cabeça baixa, a

testa franzida; e parando, olhando quasi anciosamente para Sebastião:

--O Jorge se soubesse é que tinha um desgosto! Santo Deus!

--Escusa de saber!--exclamou logo Sebastião.--Isto fica entre nós!

--Para o não affligir, não é verdade?--acudiu ella.

--Está claro! Isto fica entre nós.

E Sebastião estendendo-lhe a mão, quasi humildemente:

--Então não está zangada commigo, hein?

--Eu, Sebastião! Que tolice!

--Bem, bem. Acredite!--e espalmou a mão sobre o peito--eu entendi que

era o meu dever. Porque emfim, a minha rica amiga não sabia nada...

--Estava bem longe!...

--De certo. Bem, adeus. Não a quero massar mais.--E com uma voz

profunda, commovida:--Cá estou ás ordens, hein!

--Adeus, Sebastião... Mas que gente! Por vêr entrar o pobre rapaz tres

ou quatro vezes!...

--Uma canalha, uma canalha!--disse Sebastião, arregalando os olhos.

E sahiu.

Apenas elle fechou a porta:

--Que desafôro!--exclamou Luiza--Isto só a mim!

Porque a intervenção de Sebastião, no fundo, irritava-a mais que os

mexericos da visinhança! A sua vida, as suas visitas, o interior da

sua casa era discutido, resolvido por Sebastião, por Julião, por

\_tutti quanti\_! Aos vinte e cinco annos tinha mentores! Não estava má!

E porque, Santo Deus? Porque seu primo, o seu unico parente, vinha

vel-a!...

Mas então, de repente, emmudecia interiormente. Lembravam-lhe os

olhares de Bazilio, as suas palavras exaltadas, aquelles beijos, o

passeio ao Lumiar. A sua alma corava baixo, mas o seu despeito seguia

declamando alto:--de certo, havia um sentimento, mas era honesto,

ideal, todo platonico!... Nunca seria \_outra cousa\_! Podia ter lá

dentro, no fundo, uma fraqueza... Mas seria sempre uma mulher de bem,

fiel, só d'um!...

E esta certeza irritava-a então contra os «palratorios» da rua! Que de

resto era lá possivel, que só por verem entrar Bazilio, quatro ou cinco

vezes, ás duas horas da tarde, começassem logo a murmurar, a cortar na

pelle?... Sebastião era um caturra, com terrores d'ermitão! E que idéa,

ir consultar Julião! Julião! Era elle, de certo, que o instigára a vir

prégar, assustal-a, humilhal-a!... Porque? Azedume, inveja! Porque

Bazilio tinha belleza, \_toilette\_, maneiras, dinheiro!... Se tinha!

As qualidades de Bazilio appareciam-lhe então magnificas e abundantes

como os attributos d'um deus. E estava apaixonado por ella! E queria

vir viver junto d'ella! O amor d'aquelle homem, que tinha esgotado

tantas sensações, abandonado de certo tantas mulheres, parecia-lhe como

a affirmação gloriosa da sua belleza e da irresistibilidade da sua

seducção.

A alegria que lhe dava aquelle culto trazia-lhe o receio de o perder.

Não o queria vêr diminuido; queria-o sempre presente, crescendo,

balouçando sem cessar, diante d'ella, o murmurio languido das ternuras

humildes! Podia lá separar-se de Bazilio! Mas se a visinhança, as

relações começavam a commentar, a cochichar... Jorge podia saber!...

Áquella supposição o coração arrefecia-lhe...--Sebastião tinha razão,

no fundo, era evidente!

N'uma rua pequena, com doze casas, vir todos os dias, aquelle

lindo rapaz, tão elegante, agora que seu marido não estava... Era

terrivel!--Que havia de fazer, Santo Deus!...

A campainha retiniu com força; Lepoldina entrou.

Vinha furiosa com o cocheiro: que imaginasse ella, hein! Tinha parado

ao Correio, e o homem queria duas corridas. Uma canalha assim!...

--E que calor, ouf!--Atirou a sombrinha, as luvas; agitou as mãos no ar

para descer o sangue, dar-lhes pallidez; e diante do toucador, compondo

ligeiramente os frisados do cabello, com uma côr na pelle, muito

espartilhada, admiravel no seu corpete couraçado:

--Que tens tu, filha? Estás toda no ar!

Nada. Tinha-se zangado com as criadas...

--Ai! estão insupportaveis!--Contou as exigencias da Justina, os seus

desmazelos.--E muito agradecida ainda que ella se me não vá! Quando a

gente depende d'ellas!...--E pondo pó d'arroz no rosto, com uma voz

lenta:--Lá o meu senhor foi para o Campo Grande. Eu estive para ir

jantar fóra com...--Suspendeu-se, sorriu, e voltada para Luiza, mais

baixo, com um tom alegre, muito sincero:--Mas olha, a fallar a verdade,

nem sabia onde, nem tinha dinheiro... Que elle coitado com a sua mezada

mal lhe chega. Disse commigo: nada, vou vêr a Luiza. Tambem os homens

sempre, sempre, seccam!...--Que tens tu para jantar? Não fizeste

ceremonia, hein?

E com uma idéa subita:

--Tens tu bacalhau?

Devia haver, talvez. Que extravagancia! Porque?

--Ai!--exclamou--Manda-me assar um bocadinho de bacalhau! Meu marido

detesta o bacalhau! aquelle animal! Eu é a minha paixão. Com azeite e

alho!--Mas calou-se, contrariada.--Diabo!

--O que?

--É que hoje não posso comer alho...

E entrou para a sala a rir. Foi tirar uma rosa do ramo de Sebastião,

pôl-a n'uma casa do corpete. Desejava ter uma sala assim,--pensava,

olhando em redor. Queria-a de reps azul, com dous grandes espelhos, um

lustre de gaz, e o seu retrato a oleo de corpo inteiro, decotada, ao

pé d'um rico vaso de flôres... Sentou-se ao piano, bateu rijamente o

teclado, tocou motivos do \_Barba Azul\_.

E vendo Luiza entrar:

--Mandaste arranjar o bacalhau?

--Mandei.

--Assado?

--Sim.

--Gracias!--E atirou, com a sua voz mordente, a sua canção querida da

\_Gran-Duqueza\_:

Ouvi dizer que meu avô de vinho,

Era um tal amador...

Mas Luiza achava aquella musica «espalhafatona»; queria alguma cousa

triste, dôce... O fado! que tocasse o fado!...

Leopoldina exclamou logo:

--Ai, o fado novo! Tu não ouviste? É lindo! Os versos são divinos!

Preludiou, cantando com um balouçar languido da cabeça, o olhar erguido

e turvo:

O rapaz que eu hontem vi

Era moreno e bem feito...

--Tu não sabes isto, Luiza? Oh filha! É o ultimo! É de chorar!

Recomeçou, com o tom muito quebrado. Era a historia rimada d'um amor

infeliz. Fallava-se nas «raivas do ciume, nas rochas de Cascaes, nas

noites de luar, nos suspiros da saudade», todo o palavriado morbido do

sentimentalismo lisboeta. Leopoldina dava tons dolentes á voz, revirava

um olhar expirante; uma quadra sobre tudo enternecia-a; repetiu-a com

paixão:

Vejo-o nas nuvens do céo,

Nas ondas do mar sem fim,

E por mais longe que esteja

Sinto-o sempre ao pé de mim.

--Lindo!--suspirava Luiza.

E Leopoldina terminava com \_ais\_! em que a sua voz se arrastava n'uma

extensão desafinada.

Luiza, de pé junto do piano, sentia o cheiro do \_feno\_ que ella usava;

o fado, os versos entristeciam-na um pouco; e com o olhar saudoso

seguia sobre o teclado os dedos ageis e magros de Leopoldina, onde

reluziam as pedras dos anneis que lhe tinha dado o Gama.

Mas Juliana entrou, vestida de passeio, com a sua cuia nova. Estava o

jantar na mesa!

Leopoldina declarou que vinha a cahir de fome! E a sala de jantar com

as vidraças abertas, as verduras dos terrenos vagos defronte, um azul

d'horisonte onde se algodoavam nuvemzinhas muito brancas--alegrou-a:

a sala de jantar d'ella tirava-lhe até o appetite, era uma tristeza,

deitava para o saguão!

Pôz-se a depenicar bagos d'uvas, a trincar bocadinhos de conserva--e

reparando no retrato do pai de Jorge, desdobrando o guardanapo:

--Havia de ser divertido teu sogro! Tem cara de pandigo!...

E ha que tempos que não jantavam juntas! Desde quando?

--Desde o meu primeiro anno de casada--lembrou Luiza.

Leopoldina fez-se um pouco vermelha. Viam-se muito n'esse tempo;

Jorge deixava-as ir ás lojas ambas, aos confeiteiros, á Graça...

A lembrança d'aquella camaradagem levou-a ás recordações mais

distantes do collegio. Tinha visto, havia dias, a Rita Pessoa, com o

sobrinho.--Lembras-te d'elle?

--O \_Espinafre\_?

\_Espinafre\_ ou não era no collegio o homem, o ideal, o heroe; todas lhe

escreviam bilhetes, desenhavam-lhe corações d'onde sahia uma fogueira,

mettiam-lhe no boné muito sebento ramos de flôres de papel... E quando

a Michaela foi apanhada, no cacifro dos bahús, a devoral-o de beijos!...

Luiza disse:

--Que horror!

--Não que a Michaela era douda!

Coitada! Tinha casado com um alferes, um homem que a espancava. Estava

cheia de filhos...

--Isto é um valle de lagrimas!--resumiu Leopoldina, recostando-se.

Estava loquaz. Servia-se muito, com gula; depois picava um bocadinho na

ponta do garfo, provava, deixava, punha-se a comer côdeas de pão que

barrava de manteiga. E deleitava-se nas recordações do collegio! Que

bom tempo!

--Lembraste quando estivemos de mal?

Luiza não se lembrava...

--Por tu teres dado um beijo na Thereza, que era o meu

\_sentimento\_--disse Leopoldina.

Pozeram-se a fallar dos \_sentimentos\_. Leopoldina tivera quatro; a

mais bonita era a Joanninha, a Freitas. Que olhos! E que bem feita!

Tinha-lhe feito a côrte um mez!...

--Tolices!--disse Luiza córando um pouco.

--Tolices! Porque?

Ai! era sempre com saudade que fallava dos \_sentimentos\_. Tinham sido

as primeiras sensações, as mais intensas. Que agonia de ciumes! Que

delirio de reconciliações! E os beijos furtados! E os olhares! E os

bilhetinhos, e todas as palpitações do coração, as primeiras da vida!

--Nunca--exclamou--nunca, depois de mulher, senti por um homem o que

senti pela Joanninha!... Pois pódes crêr...

Um olhar de Luiza deteve-a.--A Juliana!... Diabo! tinha-se esquecido!

Constrangia-as muito, com o seu sorrisinho torcido, a figura de peito

chato, o tic-tac metallico dos tacões.

--E que foi feito da Joanninha?--perguntou Luiza.

Morrêra tisica--e a voz de Leopoldina fez-se saudosa. Uma doença bem

triste, não era? Mas não lhe tinha medo, ella! Batia no seio, bem

formado:

--Isto é rijo, isto é são!

Juliana sahiu, e Luiza observou logo:

--Vê no que fallas, filha! Tem cuidado!

Leopoldina curvou-se:

--Ah! a respeitabilidade da casa! Tens razão!--murmurou.

E como Juliana entrava com o bacalhau assado, fez-lhe uma ovação!

--Bravo! Está soberbo!

Tocou-lhe com a ponta do dedo, gulosa; vinha louro, um pouco tostado,

abrindo em lascas.

--Tu verás--dizia ella.--Não te tentas? Fazes mal!

Teve então um movimento decidido de bravura, disse:

--Traga-me um alho, snr.^a Juliana! Traga-me um bom alho!

E apenas ella sahiu:

--Eu vou ter logo com o Fernando, mas não me importa!...--Ah! Obrigada,

snr.^a Juliana! Não ha nada como o alho!...

Esborrachou-o em roda do prato, regou as lascas do bacalhau d'um fio

molle d'azeite, com gravidade.--Divino!--exclamou.--Tornou a encher o

copo, achava aquillo «uma pandiga».

--Mas que tens tu?

Luiza com effeito parecia preoccupada. Tinha suspirado baixo. Duas

vezes, endireitando-se na cadeira, dissera a Juliana, inquieta:

--Parece que tocaram a campainha, vá vêr.

Não era ninguem.

--Quem havia de ser? Não esperas teu marido, de certo.

--Ah! não!

E então Leopoldina, com os olhos no prato, partindo devagar, muito

attenta, lascasinhas de bacalhau:

--E teu primo veio vêr-te?

Luiza fez-se vermelha.

--Sim, tem vindo. Tem vindo varias vezes.

--Ah!

E depois d'um silencio:

--Ainda está bonito?

--Não está feio...

--Ah!

Luiza apressou-se a perguntar se tinha encommendado o vestido de

xadrezinho? Não. E começaram a fallar de \_toilettes\_, fazendas,

lojas, e preços... Depois, de conhecidas, d'outras senhoras, de

boatos--perdendo-se n'uma conversa de mulheres sós, miudinha e

divagada, semelhante ao ramalhar de folhagens.

Viera o assado. Leopoldina já ia tendo uma côr quente nas faces. Pediu

a Juliana que lhe fosse buscar o leque;--e recostada, abanando-se,

declarou que se sentia como um principe! E ia beberricando golinhos de

vinho. Que boa idéa, jantarem juntas!...

Apenas Juliana dispôz os pratos de fruta, Luiza disse-lhe logo: «que

chamaria para o café, que podia ir». Foi ella mesmo fechar a porta da

sala, correr o reposteiro de cretone:

--Estamos á vontade, agora! Faço-me velha só d'olhar para esta

creatura! Estou morta pela vêr pelas costas.

--Mas porque a não pões na rua?

Era Jorge que não queria, senão...

Leopoldina protestou. Boa! os maridos não deviam ter vontade!... Era o

que faltava!...

--E o teu, então?--disse Luiza, rindo.

--Obrigada!--exclamou Leopoldina.--Um homem que faz quarto á parte!

De resto detestava os homens que se occupam de criadas, de roes,

d'azeites e vinagres...

--Que lá o meu cavalheiro até pesa a carne!--Sorriu, com odio.--Tambem

é o que vale, senão!... Eu só d'ir á cozinha me dão enjôos...

Quiz deitar vinho, mas a garrafa estava vazia.

Luiza acudiu:

--Queres tu champagne?--Tinha-o muito bom, que o mandava a Jorge um

hespanhol, um proprietario de minas.

Foi ella mesmo buscar a garrafa, desembrulhou-a do seu papel azul;--e

com risinhos, sustos, fizeram estalar a rolha. A espuma encantou-as:

olhavam os copos, caladas, com um bem-estar feliz. Leopoldina gabou-se

de saber abrir muito bem o champagne; fallava vagamente de cêas

passadas...

--Em terça-feira gorda, ha dous annos!...

E toda recostada na cadeira, com um sorriso calido, as azas do nariz

dilatadas, a pupilla humida, olhava com sensualidade os globulosinhos

vivos que subiam, sem cessar, no copo esguio.

--Se fosse rica, bebia sempre champagne--disse.

Luiza não: ambicionava um coupé; e queria viajar, ir a Paris, a

Sevilha, a Roma... Mas os desejos de Leopoldina eram mais vastos:

invejava uma larga vida, com carruagens, camarotes d'assignatura, uma

casa em Cintra, cêas, bailes, \_toilettes\_, jogo... Porque gostava do

\_monte\_--dizia--fazia-lhe bater o coração. E estava convencida que

havia de adorar a roleta.

--Ah!--exclamou--Os homens são bem mais felizes que nós! Eu nasci para

homem! O que eu faria!

Levantou-se, foi-se deixar cahir muito languidamente na \_voltaire\_, ao

pé da janella. A tarde descia serenamente; por traz das casas, para lá

dos terrenos vagos, nuvens arredondavam-se, amarelladas, orladas de

côres sanguineas ou de tons alaranjados.

E voltando-lhe a mesma idéa d'acção, d'independencia:

--Um homem póde fazer tudo! Nada lhe fica mal! Póde viajar, correr

aventuras... Sabes tu, fumava agora um cigarrito...

O peor é que Juliana podia sentir o cheiro. E parecia tão mal!...

--É um convento, isto!--murmurou Leopoldina.--Não tens má prisão, minha

filha!

Luiza não respondeu; tinha encostado a cabeça á mão: e com o olhar

vago, como continuando alguma idéa:

--São tolices, no fim, andar, viajar! A unica cousa n'este mundo é a

gente estar na sua casa, com o seu homem, um filho ou dous...

Leopoldina deu um salto na \_voltaire\_. Filhos! Credo, que nem fallasse

em semelhante cousa! Todos os dias dava graças a Deus em os não ter!

--Que horror!--exclamou com convicção.--O incommodo todo o tempo que se

está!... as despezas! os trabalhos, as doenças! Deus me livre! É uma

prisão! E depois quando crescem, dão fé de tudo, palram, vão dizer...

Uma mulher com filhos está inutil para tudo, está atada de pés e mãos!

Não ha prazer na vida. É estar alli a atural-os... Credo! Eu? Que Deus

não me castigue, mas se tivesse essa desgraça parece-me que ia ter com

a velha da travessa da Palha!

--Que velha?--perguntou Luiza.

Leopoldina explicou. Luiza achava uma «infamia». A outra encolheu os

hombros, acrescentou:

--E depois, minha rica, é que uma mulher estraga-se: não ha belleza de

corpo que resista. Perde-se o melhor. Quando se é como a tua amiga, a

D. Felicidade, emfim!... Mas quando se é direitinha e arranjadinha!...

Nada, minha rica! Embaraços não faltam!

Por baixo, na rua, o realejo do bairro, no seu giro da tarde, veio

tocar o final da \_Traviata\_; ia escurecendo; já as verduras dos

quintaes tinham uma igual côr parda; e as casas para além esbatiam-se

na sombra.

A \_Traviata\_ lembrou a Luiza a \_Dama das Camelias\_: fallaram do

romance: recordaram episodios...

--Que paixão que eu tive por Armando em rapariga!--disse Leopoldina.

--E eu foi por d'Artagnan--exclamou ingenuamente Luiza.

Riram muito.

--Começamos cedo--observou Leopoldina.--Dá-me uma gotinha mais.

Bebeu, pousou o calix--e encolhendo os hombros:

--Oh! Começamos cedo? Começam todas! Aos treze annos já a gente vai na

sua quarta paixão. Todas são mulheres, todas sentem o mesmo!--E batendo

o compasso com o pé, cantou, no tom do fado:

O amor é uma doença

Que costuma andar no ar;

Só d'ir á janella, ás vezes

S'apanha a febre d'amar!

Estou hoje com uma telha!--E espreguiçando-se muito languidamente:--No

fim de contas é o que ha de melhor n'este mundo: o resto é uma

semsaboria! Não é verdade? Dize, tu! Não é verdade?

Luiza murmurou:

--Se é!--E acrescentou logo:--Creio eu!

Leopoldina ergueu-se, e escarnecendo-a:

--Crê ella! Pobre innocentinha! Vejam o anjinho!

Foi-se encostar á janella; ficou a olhar pelos vidros o descer do

crepusculo; de repente pôz-se a dizer devagar:

--Realmente vale bem a pena estar uma pobre de Christo a privar-se, a

passar uma vida de coruja, a mortificar-se, para vir um dia uma febre,

um ar, uma soalheira, e boas noites, vai-se para o Alto de S. João! Tó

rola!

A sala agora estava um pouco escura.

--Pois não te parece?--perguntou ella.

Aquella conversa embaraçava Luiza: sentia-se córar; mas o crepusculo,

as palavras de Leopoldina davam-lhe como o enfraquecimento d'uma

tentação. Declarou todavia \_immoral\_ semelhante idéa.

--Immoral, porque?

Luiza fallou vagamente nos \_deveres\_, na \_religião\_. Mas os \_deveres\_

irritavam Leopoldina. Se havia uma cousa que a fizesse sahir de

si--dizia--era ouvir fallar em deveres!...

--Deveres? Para com quem? Para um maroto como meu marido?

Calou-se, e passeando pela sala excitada:

--E em quanto a religião, historias! A mim me dizia o padre Estevão, o

de luneta, que tem os dentes bonitos, que me dava todas as absolvições,

se eu fosse com elle a Carriche!

--Ah, os padres...--murmurou Luiza.

--Os padres quê? São a religião! Nunca vi outra. Deus, esse, minha

rica, está longe, não se occupa do que fazem as mulheres.

Luiza achava horrivel «aquelle modo de pensar». A felicidade, a

verdadeira, segundo ella, era ser honesta...

--E a bisca em familia!--resmungou Leopoldina, com odio.

Luiza disse, animada:

--Pois olha que com as tuas paixões, umas atraz das outras...

Leopoldina estacou:

--O que?

--Não te podem fazer feliz!

--Está claro que não!--exclamou a outra.--Mas...--procurou a

palavra; não a quiz empregar de certo; disse apenas com um tom

secco:--Divertem-me!

Calaram-se. Luiza pediu o café.

Juliana entrou com a bandeja, trouxe luz; d'ahi a pouco foram para a

sala.

--Sabes quem me fallou hontem de ti?--disse Leopoldina, indo

estender-se no divan.

--Quem?

--O Castro.

--Que Castro?

--O d'oculos, o banqueiro.

--Ah!

--Muito apaixonado por ti sempre.

Luiza riu.

--Doudo, palavra!--affirmou Leopoldina.

A sala estava ás escuras, com as janellas abertas; a rua esbatia-se

n'um crepusculo pardo: um ar languido e dôce amaciava a noite.

Leopoldina esteve um momento calada; mas o champagne, a meia

obscuridade deram-lhe bem depressa a necessidade de cochichar

confidenciasinhas. Estirou-se mais no divan, n'uma attitude toda

abandonada; pôz-se a fallar «d'elle». Era ainda o Fernando, o poeta.

Adorava-o.

--Se tu soubesses!--murmurava com um ar de extase.--É um amor de rapaz!

A sua voz velada tinha inflexões d'uma ternura calida. Luiza sentia-lhe

o halito e o calor do corpo, quasi deitada tambem, enervada; a sua

respiração alta tinha por vezes um tom suspirado: e a certos detalhes

mais picantes de Leopoldina soltava um risinho quente e curto, como

de cocegas... Mas passos fortes de botas de taxas subiram a rua, e no

candieiro defronte o gaz saltou com um jacto vivo. Uma branda claridade

pallida penetrou na sala.

Leopoldina ergueu-se logo.--Tinha d'ir já, já, ao accender do gaz.

Estava á espera, o pobre rapaz! Entrou no quarto, mesmo ás escuras, a

pôr o chapéo, buscar a sombrinha.--Tinha-lhe promettido, coitado, não

podia faltar. Mas realmente embirrava d'ir só. Era tão longe! Se a

Juliana podesse vir acompanhal-a...

--Vai, sim, filha!--disse Luiza.

Ergueu-se preguiçosamente com um grande \_ai!\_ foi abrir a porta, e deu

de cara com Juliana, na sombra do corredor.

--Credo, mulher, que susto!

--Vinha saber se queriam luz...

--Não. Vá pôr um chale para acompanhar a snr.^a D. Leopoldina! Depressa!

Juliana foi correndo.

--E quando appareces tu, Leopoldina?--perguntou Luiza.

Logo que podesse. Para a semana estava com idéas d'ir ao Porto vêr a

tia Figueiredo, passar quinze dias na Foz...

A porta abriu-se.

--Quando a senhora quizer...--disse Juliana.

Fizeram grandes \_adeuses\_, beijaram-se muito. Luiza disse rindo ao

ouvido de Leopoldina:--Sê feliz!

Ficou só. Fechou as janellas, accendeu as velas, começou a passear pela

sala, esfregando devagar as mãos. E, sem querer, não podia desprender a

idéa de Leopoldina que ia vêr o seu amante! O seu amante!...

Seguia-a mentalmente:--caminhava depressa de certo fallando com

Juliana; chegava; subia a escada, nervosa; atirava com a porta--e que

delicioso, que avido, que profundo o primeiro beijo! Suspirou. Tambem

ella amava--e \_um\_ mais bello, mais fascinante. Porque não tinha vindo?

Sentou-se ao piano preguiçosamente; pôz-se a cantar baixo, triste, o

fado de Leopoldina:

E por mais longe que esteja

Vejo-o sempre ao pé de mim!...

Mas um sentimento de solidão, d'abandono, veio impaciental-a. Que

sécca, estar alli tão sósinha! Aquella noite calida, bella e dôce,

attrahia-a, chamava-a para fóra, para passeios sentimentaes, ou para

contemplações do céo, n'um banco de jardim, com as mãos entrelaçadas.

Que vida estupida, a d'ella! Oh! aquelle Jorge! Que idéa ir para o

Alemtejo!

As conversas de Leopoldina e a lembrança das suas felicidades

voltavam-lhe a cada momento; uma pontinha de champagne agitava-se-lhe

no sangue. O relogio do quarto começou lentamente a dar nove horas--e

de repente a campainha retiniu.

Teve um sobresalto: não podia ser ainda Juliana! Poz-se a escutar,

assustada. Vozes fallavam á cancella.

--Minha senhora--veio dizer Joanna baixo--é o primo da senhora que diz

que se vem despedir...

Abafou um grito, balbuciou:

--Que entre!

Os seus olhos dilatados cravavam-se febrilmente na porta. O reposteiro

franziu-se, Bazilio entrou, pallido, com um sorriso fixo.

--Tu partes!--exclamou ella surdamente, precipitando-se para elle.

--Não!--E prendeu-a nos braços.--Não! Imaginei que me não recebias a

esta hora, e tomei este pretexto.

Apertou-a contra si, beijou-a; ella deixava, toda abandonada; os seus

labios prendiam-se aos d'elle. Bazilio deitou um olhar rapido, em

redor, pela sala, e foi-a levando abraçada, murmurando: Meu amor! minha

filha! Mesmo tropeçou na pelle de tigre, estendida ao pé do divan.

--Adoro-te!

--Que susto que tive!--suspirou Luiza.

--Tiveste?

Ella não respondeu; ia perdendo a percepção nitida das cousas;

sentia-se como adormecer; balbuciou: Jesus! não! não! Os seus olhos

cerraram-se.

Quando a campainha retiniu fortemente ás dez horas, Luiza, havia

momentos, sentára-se á beira do divan. Mal teve força de dizer a

Bazilio:

--Ha-de ser a Juliana, tinha ido fóra...

Bazilio cofiou o bigode, deu duas voltas na sala, foi accender um

charuto. Para quebrar o silencio sentou-se ao piano, tocou alguns

compassos ao acaso, e, erguendo um pouco a voz, começou a cantarolar a

aria do 3.^o acto do \_Fausto\_:

Al pallido chiarore

Del astri d'oro...

Luiza, através das ultimas vibrações dos seus nervos, ia entrando

na realidade; os seus joelhos tremiam. E então, ouvindo aquella

melodia, uma recordação foi-se formando no seu espirito, ainda

estremunhado:--era uma noite, havia annos, em S. Carlos, n'um camarote

com Jorge; uma luz electrica dava ao jardim, no palco, um tom livido

de luar legendario; e n'uma altitude extatica e suspirante o tenor

invocava as estrellas; Jorge tinha-se voltado, dissera-lhe: Que lindo!

E o seu olhar devorava-a. Era no segundo mez do seu casamento. Ella

estava com um vestido azul-escuro. E á volta, na carruagem, Jorge,

passando-lhe a mão pela cinta, repetia:

Al pallido chiarore

Del astri d'oro...

E apertava-a contra si...

Ficára immovel á beira do divan, quasi a escorregar, os braços frouxos,

o olhar fixo, a face envelhecida, o cabello desmanchado. Bazilio então

veio sentar-se devagarinho junto d'ella.--Em que estava a pensar?

--Nada.

Elle passou-lhe o braço pela cinta, começou a dizer que havia de

procurar uma casinha para se verem melhor, estarem mais á vontade; não

era mesmo prudente alli em casa d'ella...

E fallando, voltava a cada momento o rosto, soprava para o lado o fumo

do charuto.

--Não te parece que vir eu aqui, todos os dias, póde ser reparado?

Luiza ergueu-se bruscamente, lembrára-lhe Sebastião!... E com uma voz

um pouco desvairada:

--Já é tão tarde!--disse.

--Tens razão.

Foi buscar o chapéo em bicos de pés, veio beijal-a muito, sahiu.

--Luiza sentiu-o accender um phosphoro, fechar devagarinho a cancella.

Estava só; pôz-se a olhar em roda, como idiota. O silencio da sala

parecia-lhe enorme. As velas tinham uma chamma avermelhada. Piscava os

olhos, tinha a bocca sêcca. Uma das almofadas do divan estava cahida,

apanhou-a.

E com um ar somnambulo entrou no quarto. Juliana veio trazer o rol. E

já vinha com a lamparina, estava a arranjal-a...

Tinha tirado a cuia; subiu á cozinha quasi a correr. A Joanna, que

estivera dormitando, espreguiçava-se com bocejos enormes.

Juliana pôz-se a arranjar a torcida da lamparina; os dedos tremiam-lhe;

tinha no olhar um brilho agudo; e depois de tossir, devagarinho, com um

sorriso para Joanna:

--E então a que horas veio o primo da senhora?

--Veio logo que vossemecê sahiu, estavam a dar as nove.

--Ah!

Desceu com a lamparina; e sentindo Luiza na alcova despir-se:

--A senhora não quer chá?--perguntou, com muito interesse.

--Não.

Foi á sala, fechou o piano. Havia um forte cheiro de charuto. Pôz-se

a olhar em redor, devagar, andando com um passo subtil... De repente

agachou-se, anciosamente: ao pé do divan uma cousa reluzia. Era uma

travessa de Luiza, de tartaruga, com o aro dourado. Tornou a entrar

no quarto em pontas de pés, pousou-a no toucador, entre os rôlos de

cabello.

--Quem anda ahi?--perguntou da alcova a voz somnolenta de Luiza.

--Sou eu, minha senhora, sou eu, estive a fechar a sala. Muito boas

noites, minha senhora!

Áquella hora Bazilio entrava no Gremio. Procurou pelas salas. Estavam

quasi desertas. Dous sujeitos, com os rostos entre os punhos, curvados

em attitudes lugubres, ruminavam os jornaes: aqui, além, junto a

mesinhas redondas, pessoas de calça branca mastigavam torradas com uma

satisfação placida; as janellas estavam fechadas, a noite quente, e o

calor molle do gaz abafava. Ia descer quando de uma saleta de jogo,

de repente, sahiu o ruido irritado de uma altercação; trocavam-se

injurias, gritava-se:--Mente! O asno é vossê!

Bazilio estacou, escutando. Mas, subitamente, fez-se um grande

silencio; uma das vozes disse com brandura:

--Paus!

A outra respondeu com benevolencia:

--É o que devia ter feito ha pouco.

E immediatamente a questão rebentou de novo, estridente. Praguejavam,

diziam obscenidades.

Bazilio foi ao bilhar. O visconde Reynaldo, de pé, apoiado ao taco,

seguia com uma immobilidade grave o jogo do seu parceiro; mas apenas

viu Bazilio, veio para elle rapidamente, e muito interessado:

--Então?

--Agora mesmo--disse Bazilio mordendo o charuto.

--Emfim, hein?--exclamou Reynaldo, arregalando os olhos, com uma grande

alegria.

--Emfim!

--Ainda bem, menino! Ainda bem!

Batia-lhe no hombro, commovido.

Mas chamaram-no para jogar; e todo estirado sobre o bilhar, com uma

perna no ar, para dar com mais segurança o \_effeito\_, dizia com a voz

constrangida pela attitude:

--Estimo, estimo, porque essa cousa começava a arrastar...

Tac! Falhou a carambola.

--Não dou meia!--murmurou com rancor.

E chegando-se a Bazilio, a dar giz no taco:

--Ouve cá...

Fallou-lhe ao ouvido.

--Como um anjo, menino!--suspirou Bazilio.

VI

Foi Juliana que na manhã seguinte veio acordar Luiza, dizendo á porta

da alcova com a voz abafada, em confidencia:

--Minha senhora! Minha senhora! É um criado com esta carta, diz que vem

do hótel.

Foi abrir uma das janellas, em bicos de pés; e voltando á alcova com

uma cautela mysteriosa:

--E está á espera da resposta, está á porta.

Luiza, estremunhada, abriu o largo enveloppe azul com um

monogramma--dous BB, um purpura, outro ouro, sob uma corôa de conde.

--Bem, não tem resposta.

Não tem resposta--foi dizer Juliana ao criado, que esperava encostado

ao corrimão, fumando um grande charuto, e cofiando as suiças pretas.

--Não tem resposta? Bem, muito bom dia.--Levou o dedo seccamente á aba

do «côco», e desceu, gingando.

Perfeito homem! foi pensando Juliana, pela escada da cozinha.

--Quem bateu, snr.^a Juliana?--perguntou-lhe logo a cozinheira.

Juliana resmungou:

--Ninguem, um recado da modista.

Desde pela manhã a Joanna achava-lhe o «ar exquisito». Sentira-a desde

as sete horas varrer, espanejar, sacudir, lavar as vidraças da sala

de jantar, arrumar as louças no aparador. E com uma azafama! Ouvira-a

cantar a \_Carta adorada\_, ao mesmo tempo que os canarios, nas varandas

abertas, chilreavam estridentemente ao sol. Quando veio tomar o seu

café á cozinha não palestrou como de costume; parecia preoccupada e

ausente.

Joanna até lhe perguntou:

--Sente-se peor, snr.^a Juliana?

--Eu? Graças a Deus, nunca me senti tão bem.

--Como a vejo tão calada...

--A malucar cá por dentro... A gente nem sempre está para grulhar.

Apesar de serem nove horas não quizera acordar a senhora. Deixal-a

descançar, coitada--disse. Foi em pontas de pés encher devagarinho a

bacia grande do banho, no quarto; para não fazer ruido, sacudiu no

corredor as saias, o vestido da vespera: e os seus olhos brilharam

avidamente quando sentiu na algibeirinha um papel amarrotado! Era

o bilhete que Luiza escrevera a Bazilio: «Porque não vens?... Se

soubesses o que me fazes soffrer!...» Teve-o um momento na mão,

mordendo o beiço, o olhar fixo n'um calculo agudo; por fim tornou a

mettel-o na algibeira de Luiza, dobrou o vestido, foi estendel-o com

muito cuidado na \_causeuse\_.

Enfim, mais tarde, sentindo o \_cuco\_ dar horas, decidiu-se a ir dizer a

Luiza, com uma voz meiga:

--São dez e meia, minha senhora!

Luiza, na cama, tinha lido, relido o bilhete de Bazilio: «Não

pudera--escrevia ele--estar mais tempo sem lhe dizer que a adorava.

Mal dormira! Erguera-se de manhã muito cêdo para lhe jurar que estava

louco, e que punha a sua vida aos pés d'ella.» Compozera aquella prosa

na vespera, no Gremio, ás tres horas, depois de alguns \_robbers\_

d'\_whist\_, um bife, dous copos de cerveja e uma leitura preguiçosa da

\_Illustração\_. E terminava, exclamando:--«Que outros desejem a fortuna,

a gloria, as honras, eu desejo-te a ti! Só a ti, minha pomba, porque

tu és o unico laço que me prende á vida, e se ámanhã perdesse o teu

amor, juro-te que punha um termo, com uma boa bala, a esta existencia

inutil!»--Pedira mais cerveja, e levára a carta para a fechar em casa,

n'um enveloppe com o seu monogramma, «porque sempre fazia mais effeito».

E Luiza tinha suspirado, tinha beijado o papel devotamente! Era a

primeira vez que lhe escreviam aquellas sentimentalidades, e o seu

orgulho dilatava-se ao calor amoroso que sahia d'ellas, como um corpo

resequido que se estira n'um banho tepido: sentia um acrescimo de

estima par si mesma, e parecia-lhe que entrava emfim n'uma existencia

superiormente interessante, onde cada hora tinha o seu encanto

differente, cada passo conduzia a um extase, e a alma se cobria d'um

luxo radioso de sensações!

Ergueu-se d'um salto, passou rapidamente um roupão, veio levantar os

transparentes da janella... Que linda manhã! Era um d'aquelles dias

do fim d'agosto em que o estio faz uma pausa; ha prematuramente, no

calor e na luz, uma certa tranquillidade outonal; o sol cahe largo,

resplandecente, mas pousa de leve; o ar não tem o embaciado canicular,

e o azul muito alto reluz com uma nitidez lavada; respira-se mais

livremente; e já se não vê na gente que passa o abatimento molle da

calma enfraquecedora. Veio-lhe uma alegria: sentia-se ligeira, tinha

dormido a noite d'um somno são, continuo, e todas as agitações, as

impaciencias dos dias passados pareciam ter-se dissipado n'aquelle

repouso. Foi-se vêr ao espelho; achou a pelle mais clara, mais fresca,

e um enternecimento humido no olhar;--seria verdade então o que dizia

Leopoldina, que «não havia como uma maldadesinha para fazer a gente

bonita?» Tinha um amante, ella!

E immovel no meio do quarto, os braços cruzados, o olhar fixo, repetia:

Tenho um amante! Recordava a sala na vespera, a chamma aguçada das

velas, e certos silencios extraordinarios em que lhe parecia que a

vida parára, em quanto os olhos do retrato da mãi de Jorge, negros na

face amarella, lhe estendiam da parede o seu olhar fixo de pintura.

Mas Juliana entrou com um taboleiro de roupa passada. Eram horas de se

vestir...

Que requintes teve n'essa manhã! Perfumou a agua com um cheiro de

\_Lubin\_, escolheu a camisinha que tinha melhores rendas. E suspirava

por ser rica! Queria as bretanhas e as hollandas mais caras, as

mobilias mais apparatosas, grossas joias inglezas, um coupé forrado

de setim... Porque nos temperamentos sensiveis as alegrias do coração

tendem a completar-se com as sensualidades do luxo: o primeiro erro

que se installa n'uma alma até ahi defendida, facilita logo aos outros

entradas tortuosas;--assim, um ladrão que se introduz n'uma casa vai

abrindo subtilmente as portas á sua quadrilha esfomeada.

Subiu para o almoço, muito fresca, com o cabello em duas tranças, um

roupão branco. Juliana precipitou-se logo a fechar as janellas, «porque

apesar de não estar calor, as portadas cerradas sempre davam mais

frescura!» E, vendo que lhe esquecera o lenço, correu a buscar-lhe um,

que perfumou com agua de colonia. Servia-a com ternura. Viu-a comer

muitos figos:

--Não lhe vão fazer mal, minha senhora!--exclamou quasi lacrimosamente.

Andava em redor d'ella com um sorriso servil, sem ruido: ou defronte da

mesa, com os braços cruzados, parecia admiral-a com orgulho, como um

sêr precioso e querido, todo seu, a \_sua ama!\_ O seu olhar esbugalhado

apossava-se d'ella.

E dizia consigo:

--Grande cabra! Grande bebeda!

Luiza, depois de almoço, veio para o quarto estender-se na \_causeuse\_,

com o seu \_Diario de Noticias\_. Mas não podia lêr. As recordações

da vespera redemoinhavam-lhe n'alma a cada momento, como as folhas

que um vento d'outono levanta a espaços d'um chão tranquillo: certas

palavras d'elle, certos impetos, toda a sua maneira d'amar... E ficava

immovel, o olhar afogado n'um fluido, sentindo aquellas reminiscencias

vibrarem-lhe muito tempo, dôcemente, nos nervos da memoria. Todavia a

lembrança de Jorge não a deixava; tivera-a sempre no espirito, desde

a vespera; não a assustava, nem a torturava; estava alli, immovel mas

presente, sem lhe fazer medo, nem lhe trazer remorso; era como se elle

tivesse morrido, ou estivesse tão longe que não podesse voltar, ou a

tivesse abandonado! Ela mesmo se espantava de se sentir tão tranquilla.

E todavia impacientava-a ter constantemente aquella idéa no espirito,

impassivel, com uma obstinação espectral; punha-se instinctivamente a

accumular as justificações: Não fôra culpa sua. Não abrira os braços a

Bazilio voluntariamente!... Tinha sido uma \_fatalidade\_: fôra o calor

da hora, o crepusculo, uma pontinha de vinho talvez... Estava douda,

de certo. E repetia comsigo as attenuações tradicionaes: não era a

primeira que enganára seu marido; e muitas era apenas por vicio, ella

fôra por paixão... Quantas mulheres viviam n'um amor illegitimo e eram

illustres, admiradas! Rainhas mesmo tinham amantes. E elle amava-a

tanto!... Seria tão fiel, tão discreto! As suas palavras eram tão

captivantes, os seus beijos tão estonteadores!... E emfim que lhe havia

de fazer agora? \_Já agora\_!...

E resolveu ir responder-lhe. Foi ao escriptorio. Logo ao entrar o seu

olhar deu com a photographia de Jorge--a cabeça de tamanho natural,--no

seu caixilho envernizado de preto. Uma commoção comprimiu-lhe o

coração; ficou como \_tolhida\_--como uma pessoa encalmada de ter

corrido, que entra na frieza d'um subterraneo; e examinava o seu

cabello frisado, a barba negra, a gravata de pontas, as duas espadas

encruzadas que reluziam por cima. Se elle soubesse matava-a!... Fez-se

muito pallida. Olhava vagamente em redor o casaco de velludo de

trabalho dependurado n'um prego, a manta em que elle embrulhava os pés

dobrada a um lado, as grandes folhas de papel de desenho na outra mesa

ao fundo, e o pótesinho do tabaco, e a caixa das pistolas!... Matava-a

de certo!

Aquelle quarto estava tão penetrado da personalidade de Jorge, que lhe

parecia que elle ia voltar, entrar d'ahi a bocado... Se elle viesse

de repente!... Havia tres dias que não recebia carta--e quando ella

estivesse alli a escrever ao seu amante, n'um momento o \_outro\_ podia

apparecer e apanhal-a!... Mas eram tolices, pensou. O vapor do Barreiro

só chegava ás cinco horas; e depois elle dizia na ultima carta que

ainda se demorava um mez, talvez mais...

Sentou-se, escolheu uma folha de papel, começou a escrever, na sua

letra um pouco gorda:

«\_Meu adorado Bazilio\_.

Mas um terror importuno tolhia-a; sentia como um \_palpite\_ de que

elle vinha, ia entrar... Era melhor não se pôr a escrever, talvez!...

Ergueu-se, foi á sala devagar, sentou-se no divan; e, como se o

contacto d'aquelle largo sophá e o ardor das recordações que elle lhe

trazia da vespera lhe tivesse dado a coragem das acções amorosas e

culpadas, voltou muito decidida ao escriptorio, escreveu rapidamente:

«Não imaginas com que alegria recebi esta manhã a tua carta...»

A penna velha escrevia mal; molhou-a mais, e ao sacudil-a, como

lhe tremia um pouco a mão, um borrão negro cahiu no papel. Ficou

toda contrariada, pareceu-lhe aquillo um \_mau agouro\_. Hesitou um

momento,--e coçando a cabeça, com os cotovêlos sobre a mesa, sentia

Juliana varrer fóra o patamar, cantarolando a \_Carta adorada\_. Emfim,

impaciente, rasgou a folha muitas vezes em pedacinhos miudos--e

atirou-os para um caixão de pau envernizado com duas argolas de metal,

que estava ao canto junto á mesa, onde Jorge deitava os rascunhos

velhos e os papeis inuteis: chamavam-lhe o \_sarcophago\_; Juliana, de

certo, descuidára-se de o esvaziar no lixo, porque transbordava de

papelada.

Escolheu outra folha, recomeçou:

«\_Meu adorado Bazilio\_.

«Não imaginas como fiquei quando recebi a tua carta, esta manhã, ao

acordar. Cobri-a de beijos...»

Mas o reposteiro franziu-se n'uma prega molle, a voz de Juliana disse

discretamente:

--Está alli a costureira, minha senhora.

Luiza, sobresaltada, tinha tapado a folha de papel com a mão.

--Que espere.

E continuou:

«...Que tristeza que fosse a carta e que não fosses tu que alli

estivesses! Estou pasmada de mim mesma, como em tão pouco tempo te

apossaste do meu coração, mas a verdade é que nunca deixei de te amar.

Não me julgues por isto leviana, nem penses mal de mim, porque eu

desejo a tua estima, mas é que nunca deixei de te amar e ao tornar

a vêr-te, depois d'aquella estupida viagem para tão longe, não fui

superior ao sentimento que me impellia para ti, meu adorado Bazilio.

Era mais forte que eu, meu Bazilio. Hontem, quando aquella maldita

criada me veio dizer que tu te vinhas despedir, Bazilio, fiquei

como morta; mas quando vi que não, nem eu sei, adorei-te! E se tu

me tivesses pedido a vida dava-t'a, porque te amo, que eu mesma, me

estranho... Mas para que foi aquella mentira, e para que vieste tu?

Mau! tinha vontade de te dizer adeus para sempre, mas não posso, meu

adorado Bazilio! É superior a mim. Sempre te amei, e agora que sou

tua, que te pertenço corpo e alma, parece-me que te amo mais, se é

possivel...»

--Onde está ella? Onde está ella?--disse uma voz na sala.

Luiza ergueu-se, com um salto, livida. Era Jorge! Amarrotou

convulsivamente a carta, quiz escondel-a no bolso,--o roupão não tinha

bolso! E desvairada, sem reflexão, arremessou-a para o \_sarcophago\_.

Ficou de pé, esperando, as duas mãos apoiadas á mesa, a vida suspensa.

O reposteiro ergueu-se,--e reconheceu logo o chapéo de velludo azul de

D. Felicidade.

--Aqui mettida, sua brejeira! Que estavas tu aqui a fazer? Que tens tu,

filha, estás como a cal...

Luiza deixou-se cahir no \_fauteuil\_, branca e fria, disse com um

sorriso cançado:

--Estava a escrever, deu-me uma tontura...

--Ai! Tonturas, eu!--acudiu logo D. Felicidade--É uma desgraça, a cada

momento a agarrar-me aos moveis, até tenho medo d'andar só. Falta de

purgas!

--Vamos para o quarto!--disse logo Luiza.--Estamos melhor no quarto.

Ao erguer-se, as pernas tremiam-lhe.

Atravessaram a sala: Juliana começava a arrumar. Luiza, ao passar, viu

na pedra da \_console\_, debaixo do espelho oval, uma pouca de cinza: era

da vespera, do charuto d'\_elle\_! Sacudiu-a--e ao erguer os olhos, ficou

pasmada de se vêr tão pallida.

A costureira vestida de preto, com um chapéo de fitas rôxas, esperava

sentada á beira da \_causeuse\_, com um olhar infeliz e o seu embrulho

nos joelhos; vinha provar o corpete d'um vestido composto; assentou,

pregou, alinhavou, fallando baixo, com uma humildade triste e uma

tossinha sêcca ; e apenas ella sahiu, de leve, com o seu andar de

sombra, o chale tinto muito cingido ás omoplatas magras,--D. Felicidade

começou logo a fallar d'\_elle\_, do Conselheiro. Tinha-o encontrado no

Moinho de Vento. Pois, senhores, nem lhe viera fallar! Fizera-lhe uma

cortezia muito sêcca, por demais, e tic-tic por alli fóra, que se diria

que ia fugido! Que te parece? Ai! aquellas indifferenças matavam-na. E

não as comprehendia, não, realmente não as comprehendia...

--Porque emfim--exclamava--eu bem me conheço, não sou nenhuma criança,

mas tambem não sou nenhum caco! Pois não é verdade?

--Certamente--disse Luiza distrahida. Lembrava-lhe a carta.

--Olha que aqui onde me vês com os meus quarenta, decotada, ainda

valho! O que são hombros e collo é do melhor!

Luiza ia erguer-se. Mas D. Felicidade repetiu:

--Do melhor! Tomaram-no muitas novas!

--Creio bem--concordou Luiza, sorrindo vagamente.

--E elle tambem não é nenhum rapazinho novo...

--Não...

--Mas muito bem conservado!--E os olhos luziam-lhe--Para fazer ainda

uma mulher muito feliz!

--Muito...

--Um homem d'appetecer!--suspirou D. Felicidade.

E Luiza, então:

--Tu esperas um instantinho! Vou lá dentro e volto já.

--Vai, filha, vai.

Luiza correu ao escriptorio, direita ao \_sarcophago\_. Estava vazio! E a

carta d'ella, Santo Deus!

Chamou logo Juliana, aterrada.

--Vossê despejou o caixão dos papeis?

--Despejei, sim, minha senhora--respondeu muito tranquillamente.

E com interesse:

--Porquê, perdeu-se algum papel?

Luiza fazia-se pallida.

--Foi um papel que eu atirei para o caixão. Onde o despejou vossê?

--No barril do lixo, como é costume, minha senhora; imaginei que nada

servia...

--Ah! deixe vêr!

Subiu rapidamente á cozinha.

Juliana, atraz, ia dizendo:

--Ora esta! Pois ainda não ha cinco minutos! O caixão estava mais

cheio... Andei a dar uma arrumadella no escriptorio... Valha-me Deus,

se a senhora tem dito...

Mas o barril do lixo estava vazio. Joanna tinha-o ido despejar abaixo

n'aquelle instantinho; e vendo a inquietação de Luiza:

--Porquê, perdeu-se alguma cousa?

--Um papel--disse Luiza, que olhava em redor, pelo chão, muito branca.

--Elle iam uns poucos de papeis, minha senhora--disse a rapariga--eu

deitei tudo ao despejo.

--Podia ter ficado algum cahido por fóra, snr.^a Joanna--lembrou

timidamente Juliana.

--Vá vêr, vá vêr, Joanna--acudiu Luiza com uma esperança.

Juliana parecia afflicta:

--Jesus, Senhor! Eu podia lá adivinhar! Mas para que não disse a

senhora...?

--Bem, bem, a culpa não é sua, mulher...

--Credo, que até se me está a embrulhar o estomago... E é cousa de

importancia, minha senhora?

--Não, é uma conta...

--Valha-me Deus!...

Joanna voltou, sacudindo um papel enxovalhado. Luiza agarrou-o,

leu:--«... o diametro do primeiro poço de exploração...»

--Não, não é isto!--exclamou toda contrariada.

--Então foi p'ra baixo p'ra o cano, minha senhora, não está mais nada.

--Viu bem?

--Esquadrinhei tudo...

E Juliana continuava, desolada:

--Antes queria perder dez tostões! Uma assim! Eu, minha senhora, podia

lá adivinhar...

--Bem, bem!--murmurou Luiza descendo.

Mas estava assustada, sentia mesmo uma suspeita indefinida...

Lembrou-lhe o bilhete que escrevera na vespera a Bazilio, e que

mettera, todo amarrotado, no bolso do vestido... Entrou no quarto,

agitada.

D. Felicidade tirára o chapéo, acommodára-se na \_causeuse\_.

--Tu desculpas, hein?--fez Luiza.

--Anda, filha, anda! Que é?

--Perdi uma conta--respondeu.

Foi ao guarda-vestidos, achou logo o bilhete na algibeira... Aquillo

serenou-a. A carta tinha ido para o lixo de certo. Mas que imprudencia!

--Bem, acabou-se!--disse, sentando-se resignada.

E D. Felicidade immediatamente, baixando a voz muito confidencialmente:

--Ora eu vinha-te fallar n'uma cousa. Mas vê lá! Olha que é segredo.

Luiza ficou logo sobresaltada.

--Tu sabes--continuou D. Felicidade, devagar, com pausas--que a minha

criada, a Josepha, está para casar com o gallego... O homem é de ao pé

de Tuy, e diz que na terra d'elle ha uma mulher que tem uma virtude

para fazer casamentos que é uma cousa milagrosa... Diz que é o mais que

ha... Em deitando a sorte a um homem,--o homem entra-lhe uma tal paixão

que se arranja logo o casamento, e é a maior felicidade.

Luiza tranquillisada, sorriu.

--Escuta--acudiu D. Felicidade--não te ponhas já com as tuas cousas...

No seu tom grave havia um respeito supersticioso.

--Diz que tem feito milagres. Homens que tinham desamparado raparigas,

outros que não faziam caso d'ellas, maridos que tinham amigas, emfim

toda a sorte de ingratidão... Em a mulher deitando o encanto, os homens

começam a esmorecer, a arrepender-se, a apaixonar-se, e estão pelo

beiço... A rapariga contou-me isto. Eu lembrei-me logo...

--De deitar uma sorte ao Conselheiro!--exclamou Luiza.

--Que te parece?

Luiza deu uma risada sonora. Mas D. Felicidade quasi se escandalisou.

Contou outros casos: um fidalgo que deshonrára uma lavadeira; um

homem que abandonou a mulher e os filhos, fugira com uma \_bebeda\_...

Em todos a \_sorte\_ operára d'um modo fulminante, produzindo um amor

subito e fogoso pela pessoa desprezada. Appareciam logo rendidos, se

estavam perto; se estavam longe, voltavam, avidos, a pé, a cavallo,

na mala-posta, apressando-se, ardendo... E entregavam-se, mansos e

humildes como escravos acorrentados...

--Mas o gallego--continuava ella muito excitada--diz que para ir á

terra, fallar á mulher, levar o retrato do Conselheiro, é necessario o

retrato d'elle, o meu, é necessario o meu, ir fallar, voltar--quer sete

moedas!...

--Oh D. Felicidade!--fez Luiza reprehensivamente.

--Não me digas, não venhas com as tuas! Olha que eu sei de casos...

E erguendo-se:

--Mas são sete moedas! Sete moedas!--exclamou, arregalando os olhos.

Juliana appareceu á porta, e muito baixinho, com um sorriso:

--A senhora faz favor?

Chamou-a para o corredor, em segredo:

--Esta carta. Que vem do hótel.

Luiza fez-se escarlate.

--Credo, mulher! não é necessario fazer mysterios!

Mas não entrou no quarto, abriu-a logo no corredor; era a lapis,

escripta á pressa:

«Meu amor--dizia Bazilio--por um feliz acaso descobri o que

precisavamos, um ninho discreto para nos vêrmos...» E indicava a rua, o

numero, os signaes, o caminho mais perto. «... Quando vens, meu amor?

Vem ámanhã. Baptisei a casa com o nome de \_Paraiso\_: para mim, minha

adorada, é com effeito o paraiso. Eu espero-te lá desde o meio dia:

logo que te aviste, desço.»

Aquella precipitação amorosa em arranjar o \_ninho\_--provando uma paixão

impaciente, toda occupada d'ella--produziu-lhe uma dilatação dôce

do orgulho; ao mesmo tempo que aquelle \_Paraiso\_ secreto, como n'um

romance, lhe dava a esperança de felicidades excepcionaes; e todas as

suas inquietações, os sustos da carta perdida se dissiparam de repente

sob uma sensação calida, como flocos de nevoa sob o sol que se levanta.

Voltou ao quarto, com o olhar risonho.

--Que te parece, hein?--perguntou logo D. Felicidade, a quem a sua idéa

occupava tyrannicamente.

--O que?

--Achas que mande o homem a Tuy?

Luiza encolheu os hombros; veio-lhe um tedio de taes enredos de

bruxaria, misturados a amores caturras. Na vaidade da sua intriga

romantica achava repugnante aquelle sentimentalismo senil.

--Tolices!--disse com muito desdem.

--Oh filha! não me digas, não me digas!--acudiu desolada D. Felicidade.

--Bem, então manda, manda!--fez Luiza, já impaciente.

--Mas são sete moedas!--exclamou D. Felicidade, quasi chorosa.

Luiza poz-se a rir.

--Por um marido? Acho barato...

--E se a sorte falha?

--Então é caro!

D. Felicidade deu um grande \_ai!\_ Estava muito infeliz, n'aquella

hesitação entre os impulsos da concupiscencia e as prudencias da

economia. Luiza teve pena d'ella, e, tirando um vestido do guarda-roupa:

--Deixa lá, filha! Não hão-de ser necessarias bruxarias!...

D. Felicidade ergueu os olhos ao céo.

--Vaes sahir?--perguntou melancolicamente.

--Não.

D. Felicidade propoz-lhe então que viesse com ella á Encarnação.

Visitavam a Silveira, coitada, que tinha um furunculo! E viam a armação

da igreja para a festa, estreava-se o frontal novo, um primor!

--E estou tambem com vontade de ir rezar uma estaçãosinha, para

alliviar cá por dentro--ajuntou, suspirando.

Luiza aceitou. Appetecia-lhe ir vêr altares alumiados, ouvir o ciciar

de rezas no côro, como se os requintes devotos dissessem bem com as

suas disposições sentimentaes. Começou a vestir-se depressa.

--Como tu estás gorda, filha!--exclamou D. Felicidade admirada,

vendo-lhe os hombros, o collo.

Luiza diante do espelho olhava-se, sorria com o seu sorriso quente,

contente das suas linhas, acariciando devagarinho, voluptuosamente, a

pelle branca e fina.

--Redondinha--disse, namorando-se.

--Redondinha? Vaes-te a fazer uma bola!

E acrescentou, tristemente:

--Tambem com a tua vida, um marido como o teu, regaladinha, sem filhos,

sem cuidados...

--Vamos lá, minha rica--disse Luiza--que as tristezas não te tem feito

emmagrecer...

--Pois sim, pois sim! Mas...--e parecia desolada, como curvada sob as

suas proprias ruinas--cá por dentro é uma desgraça, estomago, figado...

--Se a mulher de Tuy faz o milagre, põe tudo isso como novo!

D. Felicidade sorriu, com uma duvida desconsolada.

--Sabes que tenho um chapéo lindo?--exclamou de repente Luiza--Não

viste? Lindo!

Foi logo buscal-o ao guarda-vestidos. Era de palha fina, guarnecido de

myosotis.

--Que te parece?

--É um primor!

Luiza mirava-o dando pancadinhas com as pontas dos dedos nas florzinhas

azues.

--Dá frescura--fez D. Felicidade.

--Não é verdade?

Pôl-o com muito cuidado, toda séria. Ficava-lhe bem! Bazilio se a visse

havia de gostar, pensou. Era bem possivel que o encontrassem...

Veio-lhe, sem motivo, uma felicidade exuberante: achava tão delicioso

viver, sahir, ir á Encarnação, pensar no seu amante!... E toda no ar,

procurava pelo quarto as chavinhas do toucador.

Onde tinha deixado as chaves? Na sala de jantar, talvez! Ia vêr! Sahiu

correndo, tontinha, cantarolando:

Amici, la notte è bella...

La ra la la...

Quasi topou com Juliana, que varria o corredor.

--Não deixe de engommar a saia bordada para ámanhã, Juliana!

--Sim, minha senhora. Está em gomma!

E seguindo-a com um olhar feroz:

--Canta, piorrinha, canta, cabrasinha, canta, bebedasinha!...

E ella mesma, tomada subitamente d'um jubilo agudo, atirou vassouradas

rapidas, soltando na sua voz rachada:

Além d'ámanhã termina a campanha,

P-o-o-or aqui se diz...

Se tal fôr verdade, se não fôr patranha...

E com um espremido emphatico:

Se-e-rei bem feliz!

Ao outro dia, pelas duas horas da tarde, Sebastião e Julião passeavam

em S. Pedro de Alcantara.

Sebastião estivera contando a sua «scena» com Luiza, e como desde então

a sua estima por ella crescera. Ao principio escabreára-se, sim...

--Mas teve razão! Assim de surpreza, ouvir uma d'aquellas! E eu levei a

cousa mal, fui muito á bruta...

Depois, coitadinha, concordára logo, mostrára-se muito desgostosa, toda

zelosa do seu pudor, pedira-lhe conselhos... Até tinha as lagrimas nos

olhos.

--Eu disse-lhe logo que o melhor era fallar ao primo, dizer o que se

passava... Que te parece?

--Sim--disse vagamente Julião.

Tinha-o escutado distrahido, chupando a ponta do cigarro. O seu rosto

terreo cavava-se, com uma côr mais biliosa.

--Então achas que fiz bem, hein?

E depois d'uma pausa:

--Que ella é uma senhora de bem ás direitas! Ás direitas, Julião!

Continuaram calados. O dia estava encoberto e abafado, com um ar

de trovoada: grossas nuvens pesadas e pardas iam-se accumulando,

ennegrecendo para o lado da Graça por traz das collinas: um vento

rasteiro passava por vezes, pondo um arripio nas folhas das arvores.

--De maneira que agora estou descançado--resumiu Sebastião.--Não te

parece?

Julião encolheu os hombros com um sorriso triste:

--Quem me dera os teus cuidados, homem!--disse.

E fallou então com amargura nas suas preoccupações.--Havia uma semana

que se abrira concurso para uma cadeira de substituto na Escóla,

e preparava-se para elle. Era a sua taboa de salvação, dizia: se

apanhasse a cadeira, ganhava logo nome, a clientella podia vir, e a

fortuna... E, que diabo, sempre era estar de dentro!... Mas a certeza

da sua superioridade não o tranquillisava--porque emfim em Portugal,

não é verdade? n'estas questões a sciencia, o estudo, o talento são

uma historia, o principal são os padrinhos! Elle não os tinha--e o seu

concorrente, um semsaborão, era sobrinho d'um director geral, tinha

parentes na camara, era um colosso! Por isso elle trabalhava a valer,

mas parecia-lhe indispensavel metter tambem as suas cunhas! Mas quem?

--Tu não conheces ninguem, Sebastião?...

Sebastião lembrava-se d'um primo seu, deputado pelo Alemtejo, um

gordo, da maioria, um pouco fanhoso. Se Julião queria, fallava-lhe...

Mas sempre ouvira dizer que a Escóla não era gente de empenhos e de

intriga... De resto tinham o conselheiro Accacio...

--Uma besta!--fez Julião--Um parlapatão! Quem faz lá caso d'aquillo?

O teu primo, hein! O teu primo parece-me bom! É necessario alguem que

falle, que trabalhe...--Porque acreditava muito nas influencias dos

empenhos, no dominio dos «personagens», nas docilidades da fortuna

quando dirigida pelas habilidades da intriga. E com um orgulho raiado

d'ameaça:--Que eu hei-de-lhes mostrar o que é saber as cousas,

Sebastião!

Ia explicar-lhe o assumpto da these, mas Sebastião interrompeu-o:

--Ella ahi vem.

--Quem?

--A Luiza.

Passava com effeito, por fóra do Passeio, toda vestida de preto,

só.--Respondeu á cortezia dos dous homens com um sorriso, \_adeusinhos\_

da mão, um pouco corada.

E Sebastião immovel, seguindo-a devotamente com os olhos:

--Se aquillo não respira mesmo honestidade! Vai ás lojas... Santa

rapariga!

Ia encontrar Bazilio no \_Paraiso\_ pela primeira vez. E estava muito

nervosa: não pudera dominar, desde pela manhã, um medo indefinido que

lhe fizera pôr um véo muito espêsso, e bater o coração ao encontrar

Sebastião. Mas ao mesmo tempo uma curiosidade intensa, multipla,

impellia-a, com um estremecimentosinho de prazer.--Ia, emfim, ter

ella propria aquella aventura que lêra tantas vezes nos romances

amorosos! Era uma fórma nova do amor que ia experimentar, sensações

excepcionaes! Havia tudo--a casinha mysteriosa, o segredo illegitimo,

todas as palpitações do perigo! Porque o apparato impressionava-a mais

que o sentimento; e a \_casa\_ em si interessava-a, attrahia-a mais que

Bazilio! Como seria? Era para os lados d'Arroios, adiante do largo de

Santa Barbara: lembrava-se vagamente que havia alli uma correnteza de

casas velhas... Desejaria antes que fosse no campo, n'uma quinta, com

arvoredos murmurosos e relvas fôfas; passeariam então, com as mãos

enlaçadas, n'um silencio poetico; e depois o som d'agua que cahe nas

bacias de pedra daria um rhythmo languido aos somnos amorosos... Mas

era n'um terceiro andar,--quem sabe como seria dentro? Lembrava-lhe um

romance de Paulo Féval em que o heroe, poeta e duque, fórra de setins e

tapeçarias o interior d'uma choça; encontra alli a sua amante; os que

passam, vendo aquelle casebre arruinado, dão um pensamento compassivo

á miseria que de certo o habita--em quanto dentro, muito secretamente,

as flôres se esfolham nos vasos de Sèvres e os pés nús pisam Gobelins

veneraveis! Conhecia o gosto de Bazilio,--e o \_Paraiso\_ de certo era

como no romance de Paulo Féval.

Mas no largo de Camões reparou que o sujeito de pera comprida, o do

Passeio, a vinha seguindo, com uma obstinação de gallo; tomou logo

um coupé. E ao descer o Chiado, sentia uma sensação deliciosa em ser

assim levada rapidamente para o seu amante, e mesmo olhava com certo

desdem os que passavam, no movimento da vida trivial--em quanto ella ia

para uma hora tão romanesca da vida amorosa! Todavia á maneira que se

aproximava vinha-lhe uma timidez, uma contracção d'acanhamento, como um

plebeu que tem de subir, entre alarbadeiros solemnes, a escadaria d'um

palacio. Imaginava Bazilio esperando-a estendido n'um divan de sêda: e

quasi receava que a sua simplicidade burgueza, pouco experiente, não

achasse palavras bastante finas ou caricias bastante exaltadas. Elle

devia ter conhecido mulheres tão bellas, tão ricas, tão educadas no

amor! Desejava chegar n'um coupé seu, com rendas de centos de mil reis,

e ditos tão espirituosos como um livro...

A carruagem parou ao pé d'uma casa amarellada, com uma portinha

pequena. Logo á entrada um cheiro molle e salobre enojou-a. A escada,

de degraus gastos, subia ingrememente, apertada entre paredes onde a

cal cahia, e a humidade fizera nodoas. No patamar da sobre-loja, uma

janella com um gradeadosinho d'arame, parda do pó accumulado, coberta

de teias d'aranha, coava a luz suja do saguão. E por traz d'uma

portinha, ao lado, sentia-se o ranger d'um berço, o chorar doloroso

d'uma criança.

Mas Bazilio desceu logo, com o charuto na bocca, dizendo baixo:

--Tão tarde! sóbe! Pensei que não vinhas. O que foi?

A escada era tão esguia, que não podiam subir juntos. E Bazilio,

caminhando adiante, d'esguelha:

--Estou aqui desde a uma hora, filha! imaginei que te tinhas esquecido

da rua...

Empurrou uma cancella, fêl-a entrar n'um quarto pequeno, forrado de

papel ás listras azues e brancas.

Luiza viu logo, ao fundo, uma cama de ferro com uma colcha amarellada,

feita de remendos juntos de chitas differentes: e os lençoes

grossos, d'um branco encardido e mal lavado, estavam impudicamente

entreabertos...

Fez-se escarlate, sentou-se, calada, embaraçada. E os seus olhos, muito

abertos, iam-se fixando--nos riscos ignobeis da cabeça dos phosphoros,

ao pé da cama; na esteira esfiada, comida, com uma nodoa de tinta

entornada; nas bambinellas da janella, d'uma fazenda vermelha, onde

se viam passagens; n'uma lithographia, onde uma figura, coberta d'uma

tunica azul fluctuante, espalhava flôres voando... Sobre tudo uma larga

photographia, por cima do velho canapé de palhinha, fascinava-a: era um

individuo atarracado, d'aspecto hilare e alvar, com a barba em collar,

o feitio d'um piloto ao domingo: sentado, de calças brancas, com as

pernas muito afastadas, pousava uma das mãos sobre um joelho, e a outra

muito estendida assentava sobre uma columna truncada: e por baixo do

caixilho, como sobre a pedra d'um tumulo, pendia d'um prego de cabeça

amarella, uma corôa de perpetuas!

--Foi o que se pôde arranjar--disse-lhe Bazilio.--E foi um acaso: é

muito retirado, é muito discreto... Não é muito luxuoso...

--Não--fez ella, baixo.--Levantou-se, foi á janella, ergueu uma ponta

da cortininha de cassa fixada á vidraça: defronte eram casas pobres: um

sapateiro grisalho, batia a sola a uma porta; á entrada d'uma lojita

balouçava-se um ramo de carqueja ao pé d'um maço de cigarros pendente

d'um barbante; e, a uma janella, uma rapariga esguedelhada embalava

tristemente no collo uma criança doente que tinha crostas grossas de

chagas na sua cabecinha côr de melão.

Luiza mordia os beiços, sentia-se entristecer. Então nós de dedos

bateram discretamente á porta. Ella assustou-se, desceu rapidamente o

véo. Bazilio foi abrir. Uma voz adocicada, cheia de \_ss\_ mellifluos,

ciciou baixo. Luiza ouviu vagamente: Socegadinhos, suas chavesinhas...

--Bem, bem!--disse Bazilio apressado, batendo com a porta.

--Quem é?

--É a patrôa.

O céo pozera-se a ennegrecer; já a espaços grossas gôtas de chuva se

esmagavam nas pedras da rua; e um tom crepuscular fazia o quarto mais

melancolico.

--Como descobriste tu isto?--perguntou Luiza, triste.

--Inculcaram-m'o.

Outra gente, então, tinha vindo alli, «amado» alli? pensou ella. E a

cama pareceu-lhe repugnante.

--Tira o chapéo--disse Bazilio, quasi impaciente--estás-me a fazer

afflicção com esse chapéo na cabeça.

Ella soltou devagar o elastico que o prendia, foi pôl-o no canapé de

palhinha, desconsoladamente.

Bazilio tomou-lhe as mãos, e attrahindo-a, sentando-se na cama:

--Estás tão linda!--Beijou-lhe o pescoço, encostou a cabeça ao peito

d'ella. E com a vista muito quebrada:

--O que eu sonhei comtigo esta noite!

Mas, de repente, uma forte pancada de chuva fustigou os vidros. E

immediatamente bateram á porta, com pressa.

--Que é?--bradou Bazilio furioso.

A voz cheia de \_ss\_ explicou que esquecera um cobertor na varanda que

estava a seccar. Se se encharcasse, que perdição!...

--Eu lhe pagarei o cobertor, deixe-me!--berrou Bazilio.

--Dá-lhe o cobertor...

--Que a leve o diabo!

E Luiza, sentindo um arripio de frio nos seus hombros nús,

abandonava-se com uma vaga resignação, entre os joelhos de

Bazilio--vendo constantemente voltada para si a face alvar do piloto.

Assim um \_yacht\_ que apparelhou nobremente para uma viagem romanesca

vai encalhar, ao partir, nos lodaçaes do rio baixo; e o mestre

aventureiro que sonhava com os incensos e os almiscares das florestas

aromaticas, immovel sobre o seu tombadilho, tapa o nariz aos cheiros

dos esgotos.

Apenas Luiza começou a sahir todos os dias, Juliana pensou logo: Bem,

vai ter com o \_gajo\_!

E a sua attitude tornou-se ainda mais servil. Era com um sorriso de

baixeza que corria a abrir a porta, alvoroçada, quando Luiza voltava

ás cinco horas. E que zelo! Que exactidões! Um botão que faltasse, uma

fita que se extraviava, e eram «mil perdões, minha senhora», «desculpe

por esta vez», muitas lamentações humildes. Interessava-se com devoção

pela saude d'ella, pela sua roupa, pelo que tinha para jantar...

Todavia, desde as idas ao \_Paraiso\_, o seu trabalho augmentára: todos

os dias agora tinha d'engommar; muitas vezes era preciso ensaboar á

noite collares, rendinhas, punhos, n'uma bacia de latão, até ás onze

horas. Ás seis da manhã, mais cedo, já estava com o «ferro ás voltas».

E não se queixava, até dizia a Joanna:

--Ai! é um regalo vêr assim uma senhora aceada!... Que as ha! credo!

Não, não é por dizer, mas até me dá gosto. Depois, graças a Deus, agora

tenho saude, o trabalho não me assusta!

Não tornára a resmungar da «patrôa». Affirmava mesmo á Joanna

repetidamente:

--A senhora! ai, é uma santa! Muito boa d'aturar... Não a ha melhor!

O seu rosto perdera alguma cousa do tom bilioso, da contracção amarga.

Ás vezes, ao jantar ou á noite, costurando calada ao pé de Joanna, á

luz do petroleo, vinham-lhe sorrisos subitos, o olhar clareava-se-lhe

n'uma dilatação jovial.

--A snr.^a Juliana tem o ar de quem está a pensar em cousas boas...

--A malucar cá por dentro, snr.^a Joanna!--respondia com satisfação.

Parecia perder a inveja; ouviu mesmo fallar com tranquillidade do

vestido de sêda que estreou n'um dia de festa, em setembro, a Gertrudes

do doutor. Disse apenas:

--Tambem um dia hei-de estrear vestidos, e dos bons! Dos da modista!

Já outras vezes revelára por palavras vagas a idéa d'uma abundancia

proxima. Joanna até lhe dissera:

--A snr.^a Juliana espera alguma herança?

--Talvez!--respondeu seccamente.

E cada dia detestava mais Luiza. Quando pela manhã a via arrebicar-se,

perfumar-se com agua de colonia, mirar-se ao toucador cantarolando,

sahia do quarto porque lhe vinham venetas d'odio, tinha medo

d'estourar! Odiava-a pelas \_toilettes\_, pelo ar alegre, pela roupa

branca, pelo \_homem\_ que ia vêr, por todos os seus regalos de senhora.

«A cabra!» Quando ella sahia ia espreitar, vêl-a subir a rua, e

fechando a vidraça com um risinho rancoroso:

--Diverte-te, piorrinha, diverte-te, que o meu dia ha-de chegar! Oh se

ha-de!

Luiza com effeito divertia-se. Sahia todos os dias ás duas horas. Na

rua já se dizia que «a do Engenheiro tinha agora o seu S. Miguel».

Apenas ella dobrava a esquina o conciliabulo juntava-se logo a

cochichar. Tinham a certeza que se ia encontrar com o «peralta». Onde

seria?--era a grande curiosidade da carvoeira.

--No hótel--murmurava o Paula.--Que nos hóteis é escandalo bravio. Ou

talvez--acrescentava com tedio--n'alguma d'essas possilgas da baixa!

A estanqueira lamentava-a: uma senhora que era tão apropositada!

--Vacca solta lambe-se toda, snr.^a Helena!--rosnava o Paula.--São

todas o mesmo!

--Menos isso!--protestava a estanqueira--Que eu sempre fui uma mulher

honesta!

E ella?--reclamava a carvoeira--ninguem tinha que lhe dizer!

--Fallo da alta sociedade, das fidalgas, das que arrastam sêdas! É

uma cambada. Eu é que o sei!--E acrescentava gravemente:--No povo ha

mais moralidade. O povo é outra raça!--E com as mãos enterradas nos

bolsos, as pernas muito abertas, ficava absorto, com a cabeça baixa,

o olhar cravado no chão.--Se é!--murmurava--Se é!--Como se estivesse

positivamente achando as pedrinhas da calçada menos numerosas que as

virtudes do povo!

Sebastião, que tinha estado na quinta d'Almada quasi duas semanas,

ficou aterrado quando, ao voltar, a Joanna lhe deu as grandes

«novidades»: que a Luizinha agora sahia todos os dias ás duas horas,

que o primo não voltára; a Gertrudes é que lh'o dissera; não se fallava

na rua n'outra cousa...

--Então a pobre senhora nem sequer póde ir ás lojas, aos seus

arranjos!--exclamou Sebastião.--A Gertrudes é uma desavergonhada, e

nem sei como a tia Joanna consente que ella ponha aqui os pés. Vir com

esses mexericos!...

--Cruzes! Olha o destempero!--replicou muito escandalisada a tia

Joanna.--Oh menino, realmente... A pobre mulher disse o que ouviu na

rua! Que ella até a defende, até ella é que a defende! Até se esteve

a queixar que se falla! que se falla! Boa!--E a tia Joanna sahiu,

resmungando:--Olha o destempero, credo!

Sebastião chamou-a, aplacou-a:

--Mas quem falla, tia Joanna?

--Quem?--E muito emphaticamente:--Toda a rua! Toda a rua! Toda a rua!

Sebastião ficou aniquilado. Toda a rua! Pudera! Se ella agora se

punha a sahir todos os dias, uma senhora, que quando estava Jorge não

sahia do buraco! A visinhança que murmurára das visitas do outro,

naturalmente começava a commentar as sahidas d'ella! Estava-se a

desacreditar! E elle não podia fazer nada! Ir advertil-a? Ter outra

«scena»? Não podia.

Procurou-a. Não lhe queria de certo tocar em nada, ia só vêl-a. Não

estava. Voltou d'ahi a dous dias. Juliana veio-lhe dizer á cancella,

com o seu sorriso amarellado: «Foi-se agora mesmo, ha um instantinho.

Ainda a apanha á Patriarchal». Emfim, um dia encontrou-a ao principio

da rua de S. Roque. Luiza pareceu muito contente em o vêr:--Porque se

tinha demorado tanto em Almada? Que deserção!

Trazia carpinteiros, era necessario vigiar as obras. E ella?

--Bem. Um bocado aborrecida. O Jorge diz que ainda se demora. Tenho

estado muito só. Nem Julião, nem Conselheiro, ninguem. A D. Felicidade

é que tem apparecido ás vezes de fugida. Está agora sempre mettida na

Encarnação... Isto gente devota!--E riu.

Então aonde ia?

A umas comprasitas, á modista depois...--E appareça agora, Sebastião,

hein?

--Hei-d'apparecer.

--Á noite. Estou tão só! Tenho tocado muito, é o que me vale é o piano!

N'essa mesma tarde Sebastião recebeu uma carta de Jorge. «Tens visto a

Luiza? Estive quasi com cuidado, porque estive mais de cinco dias sem

carta d'ella. De resto está preguiçosa como uma freira; quando escreve

são quatro linhas porque está o correio a partir. Vai dizer ao correio

que espere, que diabo! Queixa-se de se aborrecer, de estar só, que

todos a abandonaram, que tem vivido como n'um deserto. Vê se lhe vaes

fazer companhia, coitada, etc.»

No dia seguinte ao anoitecer foi a casa d'ella. Appareceu-lhe muito

vermelha, com os olhos estremunhados, de roupão branco. Tinha chegado

muito cançada de fóra, tinha-lhe dado o somno depois de jantar,

adormecera sobre a \_causeuse\_... Que havia de novo? E bocejava.

Fallaram das obras d'Almada, do Conselheiro, de Julião; e ficaram

calados. Havia um constrangimento.

Luiza então accendeu as velas no piano, mostrou-lhe a nova musica

que estudava, a \_Medjé\_ de Gounod; mas havia uma passagem em que se

embrulhava sempre; pediu a Sebastião que a tocasse, e junto do piano,

batendo o compasso com o pé, acompanhava baixo a melodia, a que a

execução de Sebastião dava um encanto penetrante. Quiz tentar depois,

mas enganou-se, zangou-se, atirou a musica para o lado, veio sentar-se

no sophá, dizendo:

--Quasi nunca tóco! Estão-se-me a enferrujar os dedos!...

Sebastião não se atrevia a perguntar pelo primo Bazilio. Luiza não lhe

pronunciou sequer o nome. E Sebastião, vendo n'aquella reserva uma

diminuição de confiança ou um resto persistente de despeito, disse que

tinha d'ir á Associação Geral d'Agricultura, e sahiu muito desconsolado.

Cada dia que se seguiu trouxe-lhe a sua inquietação differente. Ás

vezes era a tia Joanna que lhe dizia á tarde: «A Luizinha lá sahiu hoje

outra vez! Por este calor, até póde apanhar alguma! Credo!» Outras era

o conciliabulo dos visinhos, que avistava de longe, e que de certo

«estavam a cortar na pelle da pobre senhora»!

Parecia-lhe tudo aquillo exactamente a \_aria da Calumnia\_ no \_Barbeiro

de Sevilha\_: a calumnia ao principio leve como o fremito das azas d'um

passaro, subindo n'um crescendo aterrador até estalar como um trovão!

Dava agora voltas para não passar na rua, diante do Paula e da

estanqueira: tinha vergonha d'elles! Encontrára o Teixeira Azevedo, que

lhe perguntára:

--Então o Jorge quando vem? Que diabo! o rapaz fica por lá!

E aquella observação trivial aterrou-o.

Emfim, um dia, mais apoquentado, foi procurar Julião. Encontrou-o no

seu quarto andar, em mangas de camisa e em chinellas, enxovalhado e

esguedelhado, rodeado de papelada, com uma chocolateirinha de café ao

pé, trabalhando. O soalho negro estava cheio de pontas de cigarro;

ao canto estava embrulhada roupa suja; sobre a cama desfeita havia

livros abertos;--e um cheiro relentado sahia do desmazêlo das cousas.

A janella de peitoril dava para o saguão, d'onde vinha o cantar

estridente d'uma criada, e o ruido areado do esfregar de tachos.

Julião, apenas elle entrou, ergueu-se, espreguiçou-se, enrolou um

cigarro, e declarou que estava a trabalhar desde as sete!... Hein? Era

bonito! Para que soubesse o snr. Sebastião!

--De resto chegaste a proposito. Estava para mandar a tua casa... Devia

receber ahi um dinheiro e não veio. Dá cá uma libra.

E immediatamente começou a fallar da these. A cousa sahia!

Leu-lhe paragraphos do prologo com uma deleitação paternal, e, muito

satisfeito, na abundancia de confiança que dá a excitação do trabalho,

com grandes passadas pelo quarto:

--Hei-de-lhes mostrar que ainda ha portuguezes em Portugal, Sebastião!

Hei-de-os deixar de bocca aberta! Tu verás!

Sentou-se, pôz-se a numerar as folhas escriptas, assobiando. Sebastião,

então, com timidez, quasi vexado de perturbar com as suas preoccupações

domesticas aquelles interesses scientificos, disse baixo:

--Pois eu vim-te fallar por causa lá da nossa gente...

Mas a porta abriu-se com força, e um rapaz de barba desleixada, e olhar

um pouco doudo, entrou; era um estudante da Escóla, amigo de Julião;

e quasi immediatamente os dous recomeçaram uma discussão que tinham

travado de manhã, e que fôra interrompida ás onze horas, quando o rapaz

d'olhar doudo descêra a almoçar á Aurea.

--Não, menino!--exclamava o estudante exaltado.--Estou na minha! A

medicina é uma meia sciencia, a physiologia é outra meia sciencia! São

sciencias conjecturaes, porque nos escapa a base, conhecer o principio

da vida!

E cruzando os braços diante de Sebastião, bradou-lhe:

--Que sabemos nós do principio da vida?

Sebastião, humilhado, baixou os olhos.

Mas Julião indignava-se:

--Estás desmoralisado pela doutrina vitalista, miseravel! Trovejou

contra o Vitalismo, que declarou «contrario ao espirito scientifico».

Uma theoria que pretende que as leis que governam os corpos brutos

não são as mesmas que governam os corpos vivos--é uma heresia

grotesca!--exclamava.--E Bichat que a proclama é uma besta!

O estudante, fóra de si, bradou--que chamar a Bichat uma besta era

simplesmente d'um alarve.

Mas Julião desprezou a injuria, e continuou, exaltado nas suas idéas:

--Que nos importa a nós o principio da vida? Importa-me tanto como

a primeira camisa que vesti! O principio da vida é como outro

qualquer principio: um segredo! Havemos d'ignoral-o eternamente!

Não podemos saber nenhum principio. A vida, a morte, as origens, os

fins, mysterios! São causas primarias com que não temos nada a fazer,

nada! Podemos batalhar seculos, que não avançamos uma pollegada. O

physiologista, o chimico, não tem nada com os principios das cousas;

o que lhes importa são os phenomenos! Ora os phenomenos e as suas

causas immediatas, meu caro amigo, podem ser determinadas com tanto

rigor nos corpos brutos, como nos corpos vivos--n'uma pedra, como n'um

desembargador! E a physiologia e a medicina são sciencias tão exactas

como a chimica! Isto já vem de Descartes!

Travaram então um berreiro sobre Descartes. E immediatamente, sem que

Sebastião attonito tivesse descoberto a transição, encarniçaram-se

sobre a idéa de Deus.

O estudante parecia necessitar Deus para explicar o universo. Mas

Julião atacava Deus com cólera: chamava-lhe «uma hypothese safada»,

«uma velha caturrice do partido miguelista»! E começaram a assaltar-se

sobre a questão social, como dous gallos inimigos.

O estudante, com os olhos esgazeados, sustentava, dando punhadas sobre

a mesa, o principio da authoridade! Julião berrava pela «anarchia

individual»! E depois de citarem com furia Proudhon, Bastiat, Jouffroy

romperam em personalidades. Julião, que dominava pela estridencia da

voz, censurou violentamente ao estudante--as suas inscripções a seis

por cento, o ridiculo de ser filho d'um corretor de fundos, e o bife de

proprietario que vinha de comer na Aurea!

Olharam-se, então, com rancor.

Mas d'ahi a momentos o estudante deixou cahir com desdem algumas

palavras sobre Claude Bernard, e a questão recomeçou, furiosa.

Sebastião tomou o chapéo.

--Adeus--disse baixo.

--Adeus, Sebastião, adeus--disse promptamente Julião.

Acompanhou-o ao patamar.

--E quando quizeres que eu falle a meu primo...--murmurou Sebastião.

--Pois sim, veremos, eu pensarei--disse Julião com indifferença, como

se o orgulho do trabalho lhe tivesse dissipado o terror da injustiça.

Sebastião foi descendo as escadas, pensando: Não se lhe póde fallar em

nada, agora!

De repente veio-lhe uma idéa: se fosse ter com D. Felicidade, abrir-se

com ella! D. Felicidade era espalhafatona, um pouco tonta, mas era

uma mulher d'idade, intima de Luiza; tinha mais authoridade, mais

habilidade mesmo...

Decidiu-se logo, tomou um trem, foi á rua de S. Bento.

A criada de D. Felicidade appareceu-lhe, desolada, e lacrimosa:

--Pois não sabe?

--Não.

--Ai! até admira!

--Mas o que?

--A senhora! Uma desgraça assim! Torceu um pé na Encarnação, deu uma

quéda. Tem estado muito mal, muito mal.

--Aqui?

--Na Encarnação. Nem pôde sahir. Está com a snr.^a D. Anna Silveira.

Uma desgraça assim! E está n'um phrenesi!

--Mas quando foi?

--Antes d'hontem á noite.

Sebastião saltou para o trem, mandou «bater» para casa de Luiza.

A D. Felicidade, doente, na Encarnação! Mas então Luiza podia bem sahir

todos os dias! Ia vêl-a, fazer-lhe companhia, tratar d'ella!...

A visinhança não tinha que rosnar! Ia vêr a pobre doente!...

Eram duas horas quando a parelha estacou á porta de Luiza. Encontrou-a,

que descia a escada, vestida de preto, de luva \_gris perle\_, com um véo

negro.

--Ah! suba, Sebastião, suba! Quer subir?

Parára, nos degraus, com uma côrzinha no rosto, um pouco embaraçada.

--Não, obrigado. Vinha dizer-lhe... Não sabe? A D. Felicidade...

--O quê?

--Torceu um pé. Está mal.

--Que me diz?

Sebastião deu os pormenores.

--Vou já lá.

--Deve ir. Eu não posso ir, não entram homens. Coitada! Diz que

está mal.--Acompanhou-a até á esquina da rua, offereceu-lhe mesmo

a tipoia:--E muitos recados, que tenho pena de a não vêr!... Pobre

senhora! E diz que está n'um phrenesi!

Viu-a afastar-se para a Patriarchal, e, admirando a graça da sua

figura, esfregava as mãos satisfeito.

Estavam justificadas, santificadas mesmo aquellas passeatas todos

os dias! Ia ser a enfermeira da pobre D. Felicidade! Era necessario

que todos soubessem, o Paula, a estanqueira, a Gertrudes, as

Azevedos, todos, de modo que quando a vissem de manhã, subir a rua,

dissessem:--Lá vai fazer companhia á doente! Santa senhora!

O Paula estava á porta da loja--e Sebastião com uma idéa subita,

entrou. Estava-se estimando de se sentir tão fecundo em expedientes,

tão habil!

Deitou um pouco o chapéo para a nuca, e mostrando com o guarda-sol o

painel que representava D. João VI:

--Quanto quer vossemecê por isto, ó snr. Paula?

O Paula ficou surprehendido:

--O snr. Sebastião está a brincar?

Sebastião exclamou:

--A brincar?--Fallava muito sério! queria uns quadros para a sala

d'entrada, em Almada: mas velhos, sem caixilho, para dizerem bem sobre

um papel escuro.--Como isto! Estou a brincar! Ora essa, homem!

--Desculpe, snr. Sebastião... Pois n'esse caso ha por ahi alguns

paineis a calhar.

--Este D. João VI agrada-me. Quanto custa isto?

O Paula disse, sem hesitar:

--Sete mil e duzentos. Mas é obra de mestre.

Era uma téla desbotada de tom defumado, onde uns restos de face

avermelhada, com uma cabelleira em cachos, sobresahiam vagamente sobre

um fundo sombrio. Um vermelhão baço indicava o velludo de uma casaca

de côrte: a pança saliente e ostentosa enchia um collete esverdeado. E

a parte mais conservada da téla era, ao lado sobre um coxim, a corôa

real--que o artista trabalhára com uma minuciosidade enthusiasta, ou

por preoccupação d'idiota, ou por adulação de cortezão.

Sebastião achava caro; mas o Paula mostrou-lhe o preço escripto por

traz, n'uma tirinha de papel; espanejou a téla com amor; indicou as

bellezas, fallou na sua honestidade; deprimiu outros vendedores de

moveis, «que tinham a consciencia nas palmilhas»; jurou que o retrato

pertencera ao paço de Queluz, e ia atacar as questões publicas--quando

Sebastião disse resumindo:

--Bem, pois mande-m'o logo, fico com elle. E mande a conta.

--Leva uma rica obra!

Sebastião agora olhava em redor. Queria fallar do «pé torcido de D.

Felicidade», e procurava uma transição. Examinou umas jarras da India,

um tremó; e avistando uma poltrona de doente:

--Aquillo é que era bom para a D. Felicidade!--exclamou logo--aquella

cadeira! Boa cadeira!

O Paula arregalou os olhos.

--Para a D. Felicidade Noronha--repetiu Sebastião.--Para estar

deitada... Pois não sabia, homem? Partiu um pé, tem estado muito mal.

--A D. Felicidade, a amiga \_de cá\_?--e indicou com o pollegar a casa do

Engenheiro.

--Sim, homem! Quebrou um pé na Encarnação. Até lá ficou. A D. Luiza vai

para lá fazer-lhe companhia todos os dias. Agora ia ella para lá...

--Ah!--fez o Paula lentamente. E depois de uma pausa:--Mas eu ainda a

vi entrar \_para cá\_ ha-de haver oito dias.

--Foi antes d'hontem.--Tossiu e acrescentou, voltando o rosto, olhando

muito umas gravuras:--De resto a D. Luiza já ia todos os dias á

Encarnação, mas era para vêr a Silveira, a D. Anna Silveira, que esteve

mal. Coitada, ha tres semanas que tem passado uma vida d'enfermeira.

Não sahe da Encarnação! E agora é a D. Felicidade. Não é má massada!

--Pois não sabia, não sabia--murmurava o Paula, com as mãos enterradas

nos bolsos.

--Mande-me o D. João VI, hein?

--Ás ordens, snr. Sebastião.

Sebastião foi para casa. Subiu á sala; e atirando o chapéo

para o sophá: Bem, pensou, agora ao menos estão salvas as

apparencias!--Passeou algum tempo com a cabeça baixa; sentia-se triste;

porque o ter conseguido, por um acaso, justificar aquelles passeios

para com a visinhança, fazia-lhe parecer mais cruel a idéa de que os

não podia justificar para comsigo. Os commentarios dos visinhos iam

findar por algum tempo, mas \_os seus\_?... Queria achal-os falsos,

pueris, injustos: e, contra sua vontade, o seu bom senso e a sua

rectidão estavam sempre a revolvel-os baixo. Emfim, tinha feito o que

devia! E com um gesto triste, fallando só, no silencio da sala:

--O resto é com a sua consciencia!

N'essa tarde, na rua, sabia-se já que a D. Felicidade de Noronha

torcera um pé na Encarnação, (outros diziam quebrára uma perna), e

que a D. Luiza não lhe sahia da cabeceira... O Paula declarára com

authoridade:

--É de boa rapariga, é de muito boa rapariga!

A Gertrudes do doutor foi logo, á noitinha, perguntar á tia Joanna,

«se era verdade da perna quebrada». A tia Joanna corrigiu: era o pé,

torcera o pé! E a Gertrudes veio dizer ao doutor, ao chá, que a D.

Felicidade déra uma queda que ficára em pedaços.--Foi na Encarnação,

acrescentou. Diz que anda tudo lá n'uma roda viva. A Luizinha até lá

tem dormido...

--Pieguices de beatas!--rosnou com tedio o doutor.

Mas na rua todos a elogiavam. Mesmo, d'ahi a dias, o Teixeira Azevedo

(que apenas comprimentava Luiza), tendo-a encontrado na rua de S.

Roque, parou, e com uma cortezia profunda:

--Desculpe vossencia. Como vai a sua doente?

--Melhor, agradecida.

--Pois, minha senhora, tem sido de muita caridade, ir todos os dias por

este calor á Encarnação...

Luiza corou.

--Coitada! Não lhe falta companhia, mas...

--É de muita caridade, minha senhora--exclamou com emphase--Tenho-o

dito por toda a parte. É de muita caridade. Um criado de vossencia!

E afastou-se commovido.

Luiza fôra logo, com effeito, vêr D. Felicidade. Tinha uma luxação

simples; e deitada nos quartos da Silveira, com o pé em compressas

d'arnica, cheia de terror de «perder a perna», passava o dia rodeada

d'amigas, chorando-se, saboreando os mexericos do Recolhimento, e

debicando petiscos.

Apenas alguem entrava para a vêr, redobrava d'exclamações e de queixas;

vinha logo a historia miuda, incidentada, prolixa da «desgraça»: ia a

descer, a pôr o pé no degrau; escorregára; sentiu que ia a cahir; ainda

se sustentou, e pôde dizer: Ai Nossa Senhora da Saude! Ao principio a

dôr não foi grande; mas podia ter morrido; tinha sido um milagre!

Todas as senhoras concordavam «que era realmente um milagre».

Olhavam-na compungidas, e iam ao côro alternadamente prostrar-se, e

pedir aos santos especiaes o allivio da Noronha!

A primeira visita de Luiza foi para D. Felicidade uma consolação,

«deu-lhe melhoras»; porque se ralava de estar alli de cama, sem saber

noticias d'\_elle\_, sem poder fallar d'\_elle\_!

E nos dias seguintes, apenas ficava só no quarto com Luiza, chamava-a

logo para a cabeceira, e n'um murmurio mysterioso: Tinha-o visto?

Sabia d'\_elle\_?--A sua afflicção era que o Conselheiro não soubesse

que ella estava doente, e não lhe podesse dar aquelles pensamentos

compassivos--a que o seu pé tinha direito, e que seriam um conforto

para o seu coração! Mas Luiza não \_o\_ vira--e D. Felicidade, remexendo

a chásada, exhalava suspiros agudos.

Ás duas horas Luiza sahia da Encarnação--e ia tomar um trem ao Rocio:

para não parar á porta do \_Paraiso\_ com espalhafato de tipoia,

apeava-se ao largo de Santa Barbara; e fazendo-se pequenina, cosida com

a sombra das casas, apressava-se com os olhos baixos, e um vago sorriso

de prazer.

Bazilio esperava-a deitado na cama, em mangas de camisa: para não se

enfastiar, só, tinha trazido para o \_Paraiso\_ uma garrafa de cognac,

assucar, limões--e com a porta entreaberta fumava, fazendo \_grogs\_

frios. O tempo arrastava-se, via a todo o momento as horas, e sem

querer ia escutando, notando todos os ruidos intimos da familia da

proprietaria que vivia nos quartos interiores: a rabuje d'uma criança,

uma voz acatarrhoada que ralhava, e de repente uma cadellinha que

começava a ladrar furiosa. Bazilio achava aquillo burguez e reles,

impacientava-se. Mas um \_frou-frou\_ de vestido roçava a escada--e os

tedios d'elle, bem como os receios d'ella, dissipavam-se logo no calor

dos primeiros beijos. Luiza vinha sempre com pressa; queria estar

em casa ás cinco horas, «e era um estirão depois!» Entrava um pouco

suada, e Bazilio gostava da transpiraçãosinha tepida que havia nos seus

hombros nús.

--E teu marido?--perguntava elle.--Quando vem?

--Não falla em nada.--Ou então:--Não recebi carta, não sei nada.

Parecia ser aquella a preoccupação de Bazilio, na alegria egoista da

posse recente. Tinha então caricias muito extaticas; ajoelhava-se aos

pés d'ella; fazia voz de criança:

--Lili não ama Bibi...

Ella ria, meio despida, com um riso cantado e libertino.

--Lili adora Bibi!... É douda por Bibi!

E queria saber se pensava n'ella, o que tinha feito na vespera. Fôra ao

Gremio, jogára uns \_robbers\_, viera para casa cedo, sonhára com ella...

--Vivo para ti, meu amor, acredita!

E deixava-lhe cahir a cabeça no regaço, como sob uma felicidade

excessiva.

Outras vezes, mais serio, dava-lhe certos conselhos de gôsto, de

\_toilette\_: pedira-lhe que não trouxesse postiços no cabello, que não

usasse botinhas de elastico.

Luiza admirava muito a sua experiencia do luxo; obedecia-lhe,

amoldava-se ás suas idéas:--até affectar, sem o sentir, um desdem pela

gente virtuosa, para imitar as suas opiniões libertinas.

E lentamente, vendo aquella docilidade, Bazilio não se dava ao

incommodo de se constranger; usava d'ella, \_como se a pagasse\_!

Acontecera uma manhã escrever-lhe duas palavras a lapis que «não podia

ir ao \_Paraiso\_», sem outras explicações! Uma occasião mesmo não foi,

sem a avisar--e Luiza achou a porta fechada. Bateu timidamente, olhou

pela fechadura, esperou palpitante--e voltou muito desconsolada,

quebrada do calor, com a poeirada nos olhos, e vontade de chorar.

Não aceitava o menor incommodo, nem para lhe causar um contentamento.

Luiza tinha-lhe pedido que fosse de vez em quando aos domingos a sua

casa, passar a noite: viria Sebastião, o Conselheiro, D. Felicidade

quando estivesse melhor: era uma alegria para ella, e depois dava ás

suas relações um ar mais parente, mais legitimo.

Mas Bazilio pulou:

--O quê! ir cabecear de somno com quatro caturras... Ah! não!...

--Mas conversa-se, faz-se musica...

--\_Merci!\_ Conheço-a, a musica das \_soirées\_ de Lisboa! A valsa do

\_Beijo\_ e o \_Trovador\_. Safa!

Depois duas ou tres vezes fallára de Jorge com desdem. Aquillo

offendera-a.

Ultimamente mesmo, quando ella entrava no \_Paraiso\_, já não tinha a

delicadeza amorosa de se levantar alvoroçado: sentava-se apenas na

cama, e tirando preguiçosamente o charuto da bocca:

--Ora viva a minha flôr!--dizia.

E um ar de superioridade quando lhe fallava! Um modo de encolher os

hombros, de exclamar:--Tu não percebes nada d'isso! Chegava a ter

palavras cruas, gestos brutaes. E Luiza começou a desconfiar que

Bazilio não a estimava,--apenas a desejava!

Ao principio chorou. Resolveu explicar-se com elle, romper se fosse

necessario. Mas adiou, não se atrevia: a figura de Bazilio, a sua voz,

o seu olhar dominavam-na; e accendendo-lhe a paixão tiravam-lhe a

coragem de a perturbar com queixas. Porque estava convencida então que

o adorava: o que lhe dava tanta exaltação no \_desejo\_, se não era a

grandeza do \_sentimento\_?... Gozava tanto, é porque o amava muito!...

E a sua honestidade natural, os seus pudores refugiavam-se n'este

raciocinio subtil.

Elle tinha ás vezes uma seccura aspera de maneiras, era verdade; certos

tons de indifferença, era certo... Mas n'outros momentos, quantas

denguices, que tremuras na voz, que phrenesi nas caricias!... Amava-a

tambem, não havia duvida. Aquella certeza era a sua justificação. E

como era o Amor que os produzia, não se envergonhava dos alvoroços

voluptuosos com que ia todas as manhãs ao \_Paraiso\_!

Duas ou tres vezes, ao voltar, tinha encontrado Juliana que subia

tambem apressada o Moinho de Vento.

--D'onde vinha vossê?--perguntára-lhe em casa.

--Do medico, minha senhora, fui ao medico.

Queixava-se de pontadas, palpitações, faltas d'ar.

--Flatos! flatos!

Com effeito, Juliana agora fazia todos os arranjos pela manhã; depois

apenas Luiza, pela uma hora, dobrava a esquina, ia-se vestir, e muito

espartilhada no seu vestido de merino, de chapéo e sombrinha, vinha

dizer a Joanna:

--Até logo, vou ao medico.

--Até logo, snr.^a Juliana--dizia a cozinheira radiante.

E ia logo fazer signal ao carpinteiro.

Juliana descia por S. Pedro de Alcantara, e tomando para o largo do

Carmo ia á ruasita, defronte do quartel. Alli morava n'um terceiro

andar a sua intima amiga, a tia Victoria.

Era uma velha que fôra inculcadeira. Ainda tinha mesmo na cancella,

n'uma placa de metal, com letras negras: «Victoria Soares,

inculcadeira.» Mas nos ultimos annos a sua industria tornou-se mais

complicada, muito tortuosa.

Exercia-a n'uma saleta esteirada, com mosquiteiros de papel pendentes

do tecto encardido, alumiada por duas tristes janellas de peito. Um

vasto sophá occupava quasi a parede do fundo: fôra de certo de reps

verde, mas o estofo coçado, comido, remendado, tinha agora, sob largas

nodoas, uma vaga côr parda; as molas partidas, rangiam com estalidos

melancolicos; a um dos cantos, n'uma cova que o uso cavára, dormia todo

o dia um gato; e um dos lados da madeira queimada revelava que fôra

salvo d'um incendio. Sobre o sophá pendia a lithographia do senhor D.

Pedro IV. Entre as duas janellas havia uma commoda alta; e em cima,

entre um Santo Antonio e um cofre feito de buzios, um macaquinho

empalhado, com olhos de vidro, equilibrava-se sobre um galho d'arvore.

Ao entrar via-se logo, junto da janella fronteira á porta, a uma mesa

coberta de oleado, um dorso magro e curvado, e um barretinho de sêda

com uma borla arrebitada. Era o snr. Gouvêa, o escripturario!

O ar abafado tinha um cheiro complexo, indefinido--em que se sentia

a cavalhariça, a graxa e o refogado. Havia sempre gente: grossas

matronas de capote e lenço, face gordalhufa e buço; cocheiros com

o cabello acamado, muito lustroso de oleo, e blusa de riscadinho:

pesados gallegos côr de greda, de passadas retumbantes e fórmas lôrpas:

criadinhas de dentro, amarelladas, de olheiras, sombrinha de cabo

d'osso, e as luvas de pellica com passagens nas pontas dos dedos.

Defronte da sala abria-se um quarto que deitava para o saguão,--por

cuja portinha verde se viam ás vezes desapparecer dorsos respeitaveis

de proprietarios, ou caudas espalhafatosas de vestidos suspeitos.

Em certas occasiões, aos sabbados, juntavam-se cinco, seis pessoas:

velhas fallavam baixo, com gestos mysteriosos: uma altercação mal

abafada roncava no patamar: rapariguitas de repente desatavam a

chorar; e, impassivel, o snr. Gouvêa escrevinhava os seus registos,

arremessando para o lado jactos melancolicos de saliva.

A tia Victoria, no entanto, com a sua touca de renda negra, um vestido

rôxo,--ia, vinha, cochichava, gesticulava, fazia tilintar dinheiro,

tirando a cada momento da algibeira rebuçados de avenca para o catarrho.

A tia Victoria era uma grande utilidade, tornára-se um centro! A

criadagem reles, mesmo a criadagem fina, tinha alli para tudo o

seu \_despacho\_. Emprestava dinheiro aos desempregados; guardava

as economias dos poupados; fazia escrever pelo snr. Gouvêa as

correspondencias amorosas ou domesticas dos que não tinham ido á

escóla; vendia vestidos em segunda mão; alugava casacas; aconselhava

collocações, recebia confidencias, dirigia intrigas, entendia de

partos. Nenhum criado era inculcado por ella; mas, arranjados ou

despedidos, nunca deixavam de subir, descer as escadas da tia Victoria.

Tinha além d'isso muitas relações, infinitas condescendencias:

celibatarios maduros iam entender-se com ella, para o confortosinho

d'uma sopeira gordita e nova: era ella quem inculcava as serventes ás

mulheres policiadas; sabia de certos agiotas discretos. E dizia-se: a

tia Victoria tem mais manhas que cabellos!

Mas, ultimamente, apesar dos seus «afazeres», apenas Juliana

entrava--levava-a para o quarto nas trazeiras, fechava a porta, e

«havia para meia hora»!

E Juliana sahia sempre vermelha, os olhos accesos, feliz! Voltava

depressa para casa; e mal entrava:

--A senhora ainda não voltou, snr.^a Joanna?

--Ainda não.

--Está na Encarnação. Coitada! não tem má cruz, ir aturar a velha!

E depois naturalmente vai dar o seu passeio! Faz ella muito bem!

Espairecer!

Joanna era de certo espessa e obtusa; além d'isso a paixão animal pelo

rapazola emparvecia-a. Todavia, percebera que a snr.^a Juliana andava

«muito derretida pela senhora»: disse-lh'o mesmo um dia:

--Vossemecê agora, snr.^a Juliana, parece mais na bola da senhora!

--Na bola?

--Sim, quero dizer, mais aquella, mais...

--Mais apegada á senhora?

--Mais apegada.

--Sempre o estive. Mas então! ás vezes a gente tem os seus repentes...

Que olhe, snr.^a Joanna, não se acha melhor que aqui. Senhora de muito

bom genio, nada de exquisitices, nenhumas prisões... Ai, é dar louvores

ao céo de estarmos n'este descanço.

--E é!

A casa com effeito tinha um aspecto jovial de felicidade tranquilla:

Luiza sahia todos os dias e achava tudo bom; nunca se impacientava;

a sua antipathia por Juliana parecia dissipada, considerava-a uma

pobre de Christo! Juliana tomava os seus caldinhos, dava os seus

passeios, ruminava. Joanna, muito livre, muito só em casa, regalava-se

com o carpinteiro. Não vinham visitas. D. Felicidade, na Encarnação,

inundava-se d'arnica. Sebastião fôra para Almada vigiar as obras. O

Conselheiro partira para Cintra, «dar umas ferias ao espirito, tinha

elle dito a Luiza, e deliciar-se nas maravilhas d'aquelle Eden». O snr.

Julião, «o doutor», como dizia a Joanna, trabalhava a sua these. As

horas eram muito regulares, havia sempre um silencio pacato. Juliana,

um dia, na cozinha, impressionada por aquelle recolhimento satisfeito

de toda a casa, exclamou para Joanna:

--Não se póde estar melhor! A barca vai n'um mar de rosas!

E acrescentou, com uma risadinha:

--E eu ao leme!

VII

Por esse tempo, uma manhã que Luiza ia para o \_Paraiso\_, viu de repente

sahir d'um portal, um pouco adiante do largo de Santa Barbara, a figura

azafamada d'Ernestinho.

--Por aqui, prima Luiza!--exclamou elle logo muito surprehendido.--Por

estes bairros! Que faz por aqui? Grande milagre!

Vinha vermelho, trazia as bandas do casaco d'alpaca todas deitadas para

traz, e agitava com excitação um rolo grosso de papeis.

Luiza ficou um pouco embaraçada; disse que viera fazer uma visita a uma

amiga.--Oh! elle não conhecia, tinha chegado do Porto...

--Ah, bem! bem! E que é feito, como tem passado? Quando vem o

Jorge?--Desculpou-se logo de a não ter ido vêr; mas é que não tinha uma

migalha livre! De manhã a alfandega, á noite os ensaios...

--Então sempre vai?--perguntou Luiza.

--Vai.

E enthusiasmado:

--E como vai! Um primor! Mas que trabalhão, que trabalhão!--Agora vinha

elle de casa do actor Pinto, que fazia o papel de amante, de conde de

Monte Redondo; tinha-o ouvido dizer as palavras finaes do terceiro

acto: \_Maldição, a sorte funesta esmaga-me! Pois bem, arcarei braço a

braço com a sorte. Á lucta!\_ Era uma maravilha! Vinha tambem de lhe dar

parte que alterára o monologo do segundo acto. O empresario achava-o

longo...

--Então continúa a implicar, o empresario?

Ernestinho fez uma visagem d'hesitação.

--Implica um bocado...--E com um rosto radioso:--Mas está delirante!

Estão todos delirantes! Hontem me dizia elle: «Lesminha»... É o nome

que me dão por pandiga. Tem graça, não é verdade? Dizia-me elle:

«Lesminha, na primeira representação cahe ahi Lisboa em peso! Vossê

enterra-os a todos!» É bom homem! E agora vou-me a casa do Bastos, o

folhetinista da \_Verdade\_. Não conhece?

Luiza não se lembrava bem.

--O Bastos, o da \_Verdade\_!--insistia elle.

E vendo que Luiza parecia alheia ao nome, ao individuo:

--Ora não conhece outra cousa!--Ia descrever-lhe as feições, citar-lhes

as obras...

Mas Luiza, impaciente, para findar:

--Ah! sim, lembro-me agora. Perfeitamente... Bem sei!

--Pois é verdade, vou a casa d'elle.--Tomou um tom compenetrado:--Somos

muito amigos, é muito bom rapaz, e tem um pequerrucho lindo!...--E

apertando-lhe muito a mão:--Adeusinho, prima Luiza, que não posso

perder um momento. Quer que a vá acompanhar?

--Não, é aqui perto.

--Adeus, recados ao Jorge!

Ia a afastar-se, atarefado, mas voltando-se rapidamente, correu atraz

d'ella.

--Ah! esquecia-me dizer-lhe, sabe que lhe perdoei?

Luiza abriu muito os olhos.

--Á condessa, á heroina!--exclamou Ernestinho.

--Ah!

--Sim, o marido perdôa-lhe, obtem uma embaixada, e vão viver no

estrangeiro. É mais natural...

--De certo!--disse vagamente Luiza.

--E a peça acaba, dizendo o amante, o conde de Monte Redondo: \_E

eu irei para a solidão morrer d'esta paixão funesta!\_ É de muito

effeito!--Esteve um momento a olhal-a, e bruscamente:--Adeus, prima

Luiza, recadinhos ao Jorge!

E abalou.

Luiza entrou no \_Paraiso\_ muito contrariada. Contou o encontro a

Bazilio. Ernestinho era tão tolo! Podia mais tarde fallar n'aquillo,

citar a hora, perguntarem-lhe quem era a amiga do Porto...

E tirando o véo, o chapéo:

--Não, realmente é imprudente vir assim tantas vezes. Era melhor não

vir tanto. Póde-se saber...

Bazilio encolheu os hombros, contrariado:

--Se queres não venhas.

Luiza olhou-o um momento, e curvando-se profundamente:

--Obrigada!

Ia a pôr o chapéo, mas elle veio prender-lhe as mãos, abraçou-a,

murmurando:

--Pois tu fallas em não vir! E eu, então? Eu que estou em Lisboa por

tua causa...

--Não, realmente dizes ás vezes cousas... tens certos modos...

Bazilio abafou-lhe as palavras com beijos.

--Ta, ta, ta! Nada de questões! Perdôa. Estás tão linda...

Luiza, ao voltar para casa, veio a reflectir n'aquella «scena».

Não--pensava--já não era a primeira vez que elle mostrava um

desprendimento muito secco por ella, pela sua reputação, pela sua

saude! Queria-a alli todos os dias, egoistamente. Que as más linguas

fallassem, que as soalheiras a matassem, que lhe importava? E para

que?... Porque emfim, saltava aos olhos, elle amava-a menos... As suas

palavras, os seus beijos arrefeciam cada dia, mais e mais!... Já não

tinha aquelles arrebatamentos do desejo em que a envolvia toda n'uma

caricia palpitante, nem aquella abundancia de sensação que o fazia

cahir de joelhos com as mãos tremulas como as d'um velho!... Já se

não arremessava para ella, mal ella apparecia á porta, como sobre uma

presa estremecida!... Já não havia aquellas conversas pueris, cheias de

risos, divagadas e tontas, em que se abandonavam, se esqueciam, depois

da hora ardente e physica, quando ella ficava n'uma lassitude dôce, com

o sangue fresco, a cabeça deitada sobre os braços nús!--Agora! trocado

o ultimo beijo, accendia o charuto, como n'um restaurante ao fim do

jantar! E ia logo a um espelho pequeno que havia sobre o lavatorio dar

uma penteadella no cabello com um pentesinho d'algibeira! (O que ella

odiava o pentesinho!) Ás vezes até olhava o relogio!... E em quanto

ella se arranjava não vinha, como nos primeiros tempos, ajudal-a,

pôr-lhe o collarinho, picar-se nos seus alfinetes, rir em volta d'ella,

despedir-se com beijos apressados da nudez dos seus hombros antes que

o vestido se apertasse. Ia rufar nos vidros,--ou sentado, com um ar

macambuzio, bamboleava a perna!

E depois positivamente não a respeitava, não a considerava... Tratava-a

por cima do hombro, como uma burguezinha, pouco educada e estreita,

que apenas conhece o seu bairro. E um modo de passear, fumando, com a

cabeça alta, fallando no «espirito de madame de tal», nas \_toilettes\_

da «condessa de tal»! Como se ella fosse estupida, e os seus vestidos

fossem trapos! Ah, era seccante! E parecia, Deus me perdôe, parecia que

lhe fazia uma honra, uma grande honra em a possuir... Immediatamente

lembrava-lhe Jorge, Jorge que a amava com tanto respeito! Jorge,

para quem ella era de certo a mais linda, a mais elegante, a mais

intelligente, a mais captivante!... E já pensava um pouco que

sacrificára a sua tranquillidade tão feliz a um amor bem incerto!

Emfim, um dia que o viu mais distrahido, mais frio, explicou-se

abertamente com elle. Direita, sentada no canapé de palhinha, fallou

com bom senso, devagar, com um ar digno e preparado: «Que percebia bem

que elle se aborrecia, que o seu grande amor tinha passado, que era por

tanto humilhante para ella verem-se n'essas condições, e que julgava

mais digno acabarem...»

Bazilio olhava-a, surprehendido da sua solemnidade; sentia um estudo,

uma affectação n'aquellas phrases; disse muito tranquillamente,

sorrindo:

--Trazias isso decorado!

Luiza ergueu-se bruscamente, encarou-o, teve um movimento desdenhoso

dos labios.

--Tu estás douda, Luiza?

--Estou farta! Faço todos os sacrificios por ti, venho aqui todos os

dias, comprometto-me, e para que? Para te vêr muito indifferente, muito

seccado...

--Mas, meu amor...

Ella teve um sorriso d'escarneo.

--\_Meu amor!\_ Oh! são ridiculos esses fingimentos!

Bazilio impacientou-se.

--Já isso cá me faltava, essa scena!--exclamou impetuosamente. E

cruzando os braços diante d'ella:--Mas que queres tu? Queres que te

ame como no theatro, em S. Carlos? Todas sois assim! Quando um pobre

diabo ama naturalmente, como todo o mundo, com o seu coração, mas

não tem gestos de tenor, aqui d'el-rei que é frio, que se aborrece,

é ingrato... Mas que queres tu? Queres que me atire de joelhos, que

declame, que revire os olhos, que faça juras, outras tolices?...

--São tolices que tu fazias...

--Ao principio!--respondeu elle brutalmente.--Já nos conhecemos muito

para isso, minha rica.

E havia apenas cinco semanas!

--Adeus!--disse Luiza.

--Bem. Vaes zangada?

Ella respondeu, com os olhos baixos, calçando nervosamente as luvas:

--Não.

Bazilio pôz-se diante da porta, e estendendo os braços:

--Mas sê razoavel, minha querida. Uma ligação como a nossa não é o

duetto do \_Fausto\_. Eu amo-te; tu, creio, gostas de mim; fazemos os

sacrificios necessarios, encontramo-nos, somos felizes... Que diabo

queres tu mais? Porque te queixas?

Ella respondeu com um sorriso ironico e triste:

--Não me queixo. Tens razão.

--Mas não vás zangada, então.

--Não...

--Palavrinha?

--Sim...

Bazilio tomou-lhe as mãos.

--Dê então um beijinho em Bibi...

Luiza beijou-o de leve na face.

--Na boquinha, na boquinha!--E ameaçando-a com o dedo, fitando-a

muito:--Ah geniosinho! Tens bem o sangue do snr. Antonio de Brito,

nosso extremoso tio, que arrepellava as criadas pelos cabellos!--E

sacudindo-lhe o queixo:--E vens ámanhã?

Luiza hesitou um momento:

--Venho.

Entrou em casa exasperada, humilhada. Eram seis horas. Juliana veio

logo dizer-lhe, muito quisilada: que a Joanna tinha sahido ás quatro

horas, não tinha voltado, o jantar estava por acabar...

--Onde foi?

Juliana encolheu os hombros com um sorrisinho.

Luiza percebeu. Tinha ido a algum amante, a algum amor... Teve um gesto

de piedade desdenhosa.

--Ha-de lucrar muito com isso. Boa tôla!--disse.

Juliana olhou-a espantada.

--Está bebeda!--pensou.

--Bem, que se lhe ha-de fazer?--exclamou Luiza.--Esperarei...

E passeando pelo quarto, excitada, revolvendo o seu despeito:

--Que egoista, que grosseiro, que infame! E é por um homem assim que

uma mulher se perde! É estupido!

Como elle supplicava, se fazia pequenino, humilde ao principio! O que

são os amores dos homens! Como teem a fadiga facil!

E immediatamente lhe veio a idéa de Jorge! \_Esse\_ não! Vivia com

ella havia tres annos--e o seu amor era sempre o mesmo, vivo, meigo,

dedicado. Mas o \_outro\_! Que indigno! \_Já a conhecia muito!\_ Ah! estava

bem certa agora, nunca a amára, elle! Quizera-a por vaidade, por

capricho, por distracção, para ter uma mulher em Lisboa! É o que era!

Mas amor? Qual!

E ella mesmo, por fim? Amava-o, ella? Concentrou-se, interrogou-se...

Imaginou casos, circumstancias: se elle a quizesse levar para longe,

para França, iria? Não! Se por um acaso, por uma desgraça enviuvasse,

antevia alguma felicidade casando com elle? Não!

Mas então!... E como uma pessoa que destapa um frasco muito guardado, e

se admira vendo o perfume evaporado, ficou toda pasmada de encontrar o

seu coração vazio. O que a levára então para elle?... Nem ella sabia;

não ter nada que fazer, a curiosidade romanesca e morbida de ter um

amante, mil vaidadesinhas inflammadas, um certo desejo physico... E

sentira-a por ventura, essa felicidade, que dão os amores illegitimos,

de que tanto se falla nos romances e nas operas, que faz esquecer

tudo na vida, affrontar a morte, quasi fazel-a amar? Nunca! Todo o

prazer que sentira ao principio, que lhe parecera ser o amor--vinha

da novidade, do saborzinho delicioso de comer a maçã prohibida, das

condições do mysterio do \_Paraiso\_, d'outras circumstancias talvez, que

nem queria confessar a si mesma, que a faziam corar por dentro!

Mas que sentia d'extraordinario \_agora\_? Bom Deus, começava a estar

menos commovida ao pé do seu amante, do que ao pé de seu marido! Um

beijo de Jorge perturbava-a mais, e viviam juntos havia tres annos!

Nunca se seccára ao pé de Jorge, nunca! E seccava-se positivamente ao

pé de Bazilio! Bazilio, no fim, o que se tornára para ella? era como

um marido pouco amado, que ia amar fóra de casa! Mas então, valia a

pena?...

Onde estava o defeito? No amor mesmo talvez! Porque emfim, ella e

Bazilio estavam nas condições melhores para obterem uma felicidade

excepcional: eram novos, cercava-os o mysterio, excitava-os a

difficuldade... Porque era então que quasi bocejavam? É que o amor

é essencialmente perecivel, e na hora em que nasce começa a morrer.

Só os começos são bons. Ha então um delirio, um enthusiasmo, um

bocadinho do céo. Mas depois!... Seria pois necessario estar sempre a

\_começar\_, para poder sempre sentir?... Era o que fazia Leopoldina. E

apparecia-lhe então nitidamente a explicação d'aquella existencia de

Leopoldina, inconstante, tomando um amante, conservando-o uma semana,

abandonando-o como um limão espremido, e renovando assim constantemente

a flôr da sensação!--E, pela logica tortuosa dos amores illegitimos, o

seu primeiro amante fazia-a vagamente pensar no segundo!

Logo no dia seguinte pôz-se a dizer comsigo que era bem longe o

\_Paraiso\_! Que massada, por aquelle calor, vestir-se, sahir! Mandou

saber de D. Felicidade por Juliana, e ficou em casa, de roupão branco,

preguiçosa, saboreando a sua preguiça.

N'essa tarde recebeu uma carta de Jorge: «que ainda se demorava, mas

que a sua viuvez começava a pezar-lhe. Quando se veria emfim na sua

casinha, na sua alcovinha?...»

Ficou muito commovida. Um sentimento de vergonha, de remorso, uma

compaixão terna por Jorge, tão bom, coitado! um indefinido desejo de o

vêr e de o beijar, a recordação de felicidades passadas perturbaram-na

até ás profundidades do seu sêr. Foi logo responder-lhe, jurando-lhe

«que tambem já estava farta de estar só, que viesse, que era estupida

semelhante separação...» E era sincera n'aquelle momento.

Tinha fechado o enveloppe, quando Juliana lhe veio trazer «uma carta

do hotel». Bazilio mostrava-se desesperado: «...Como não vieste, vejo

que estás zangada; mas é de certo o teu orgulho, não o teu amor que te

domina: não imaginas o que senti quando vi que não vinhas hoje. Esperei

até ás cinco horas; que supplicio! Fui talvez secco, mas tu tambem

estavas implicativa. Devemos perdoar-nos ambos, ajoelharmos um diante

do outro, e esquecer todo o despeito no mesmo amor... Vem ámanhã.

Adoro-te tanto! Que outra prova queres, que esta que te dou d'abandonar

os meus interesses, as minhas relações, os meus gostos, e enterrar-me

aqui em Lisboa, etc.»

Ficou muito nervosa, sem saber o que havia de fazer, o que havia de

querer. Aquillo era verdade. Porque estava elle em Lisboa? Por ella.

Mas se reconhecia agora,--que o não amava, ou tão pouco! E depois

era vil trahir assim Jorge, tão bom, tão amoroso, vivendo todo para

ella. Mas se Bazilio realmente estivesse tão apaixonado!... As suas

idéas redemoinhavam, como folhas d'outono, violentadas por ventos

contradictorios. Desejava estar tranquilla, «que a não perseguissem».

Para que voltára aquelle homem? Jesus! que havia de fazer? Tinha os

seus pensamentos, os seus sentimentos n'uma dolorosa trapalhada.

E na manhã seguinte estava na mesma hesitação. Iria, não iria? O

calor fóra, a poeirada da rua faziam-lhe appetecer mais a casa!

Mas que desapontamento, o do pobre rapaz tambem! Atirou ao ar uma

moeda de cinco tostões. Era cunho, devia ir. Vestiu-se, sem vontade,

seccada,--tendo todavia um certo desejo dos refinamentos de prazer que

dão as expansões da reconciliação...

Mas que surpreza! esperava encontral-o humilde e de joelhos, achou-o

com a testa franzida e muito aspero.

--Luiza, parece incrivel, porque não vieste hontem?

Na vespera, Bazilio, quando viu que ella faltava, teve um grande

despeito e um medo maior; a sua concupiscencia receou perder aquelle

lindo corpo de rapariga, e o seu orgulho escandalisou-se de vêr

libertar-se aquella escravasinha docil. Resolveu portanto, a todo o

custo, «chamal-a ao rego». Escreveu-lhe; e mostrando-se submisso para a

attrahir, decidiu ser severo para a castigar.--E acrescentou:

--É uma criancice ridicula. Porque não vieste?

Aquelle modo enraiveceu-a:

--Porque não quiz.

Mas emendou logo:

--Não pude.

--Ah! é essa a maneira por que respondes á minha carta, Luiza?

--E tu, é esse o modo com que me recebes?

Olharam-se um momento, detestando-se.

--Bem, queres uma questão? És como as outras.

--Que outras?

E toda escandalisada:

--Ah! é de mais! Adeus!

Ia sahir.

--Vaes-te, Luiza?

--Vou. É melhor acabarmos por uma vez...

Elle segurou o fecho da porta rapidamente.

--Fallas serio, Luiza?

--De certo. Estou farta!

--Bem. Adeus.

Abriu a porta para a deixar passar, curvou-se silenciosamente.

Ella deu um passo, e Bazilio com a voz um pouco tremula:

--Então, é para sempre? Nunca mais?

Luiza parou, branca. Aquella triste palavra \_nunca mais\_ deu-lhe uma

saudade, uma commoção. Rompeu a chorar.

As lagrimas tornavam-na sempre mais linda. Parecia tão dolorida, tão

fragil, tão desamparada!...

Bazilio cahiu-lhe aos pés: tinha tambem os olhos humidos.

--Se tu me deixares, morro!

Os seus labios uniram-se n'um beijo profundo, longo, penetrante. A

excitação dos nervos deu-lhes momentaneamente a sinceridade da paixão;

e foi uma manhã deliciosa.

Ella prendia-o nos braços nús, pallida como cêra, balbuciava:

--Não me deixas nunca, não?

--Juro-t'o! Nunca, meu amor!

Mas fazia-se tarde, era necessario ir-se! E a mesma idéa de certo

acudiu-lhes--porque se olharam avidamente, e Bazilio murmurou:

--Se podesses aqui passar a noite!

Ella disse aterrada, quasi supplicante:

--Oh! não me tentes, não me tentes...

Bazilio suspirou, disse:

--Não, é uma tolice. Vai.

Luiza começou a arranjar-se, á pressa. E de repente, parando, com um

sorriso:

--Sabes tu uma cousa?

--O que, meu amor?

--Estou a cahir com fome! Não almocei nada, estou a cahir!

Elle ficou desolado:

--Coitadinha, minha pobre filha! Se eu soubesse...

--Que horas são, filho?

Bazilio viu o relogio, disse quasi envergonhado:

--Sete!

--Ai, Santo Deus!

Punha o chapéo, o véo, atrapalhadamente:

--Que tarde! Jesus! Que tarde!

--E ámanhã, quando?

--Á uma.

--Com certeza?

--Com certeza.

Ao outro dia foi muito pontual. Bazilio veio esperal-a ao fundo da

escada; e apenas entraram no quarto, devorando-a de beijos:

--Que me fizeste tu? Desde hontem que estou doudo!

Mas Luiza estava muito intrigada com um cesto que via em cima da cama.

--Que é aquillo?

Elle sorriu, levou-a pela mão junto da barra de ferro, e destampando o

cesto, com uma cortezia grave:

--Provisões, festins, bacchanaes! Não dirás depois que tens fome!

Era um \_lunch\_. Havia sandwichs, um \_pâté de foie gras\_, fruta, uma

garrafa de champagne, e, envolto em flanella, gelo.

--É brilhante!--disse ella, com um sorriso quente, rubra de prazer.

--Foi o que se pôde arranjar, minha querida prima! Já vê que pensei em

si!

Pôz o cesto no chão, e vindo para ella com os braços abertos:

--E tu pensaste em mim, meu amor?

Os olhos d'ella responderam--e a pressão apaixonada dos seus braços.

Ás tres horas lancharam. Foi delicioso; tinham estendido um guardanapo

sobre a cama; a louça tinha a marca do Hotel Central; aquillo parecia a

Luiza muito estroina, adoravel--e ria de sensualidade, fazendo tilintar

os pedacinhos de gelo contra o vidro do copo, cheio de \_champagne\_.

Sentia uma felicidade exuberante que transbordava em gritinhos, em

beijos, em toda a sorte de gestos buliçosos. Comia com gula; e eram

adoraveis os seus braços nús movendo-se por cima dos pratos.

Nunca achára Bazilio tão bonito; o quarto mesmo parecia-lhe muito

conchegado para aquellas intimidades da paixão; quasi julgava possivel

viver alli, n'aquelle cacifro, annos, feliz com elle, n'um amor

permanente, e \_lunchs\_ ás tres horas... Tinham as pieguices classicas:

mettiam-se bocadinhos na bocca; ella ria com os seus dentinhos brancos;

bebiam pelo mesmo copo, devoravam-se de beijos,--e elle quiz-lhe

ensinar então a verdadeira maneira de beber \_champagne\_. Talvez ella

não soubesse!

--Como é?--perguntou Luiza erguendo o copo.

--Não é com o copo! Horror! Ninguem que se preza bebe \_champagne\_ por

um copo. O copo é bom para o Collares...

Tomou um gole de \_champagne\_, e n'um beijo passou-o para a bocca

d'ella. Luiza riu muito, achou «divino», quiz beber mais assim. Ia-se

fazendo vermelha, o olhar luzia-lhe.

Tinham tirado os pratos da cama; e sentada á beira do leito, os seus

pésinhos calçados n'uma meia côr de rosa pendiam, agitavam-se, em

quanto um pouco dobrada sobre si, os cotovêlos sobre o regaço, a

cabecinha de lado, tinha em toda a sua pessoa a graça languida d'uma

pomba fatigada.

Bazilio achava-a irresistivel: quem diria que uma burguezinha podia ter

tanto \_chic\_, tanta \_queda\_? Ajoelhou-se, tomou-lhe os pésinhos entre

as mãos, beijou-lh'os; depois, dizendo muito mal das ligas «tão feias,

com fechos de metal», beijou-lhe respeitosamente os joelhos; e então

fez-lhe baixinho um pedido. Ella córou, sorriu, dizia: não! não!--E

quando sahiu do seu delirio tapou o rosto com as mãos, toda escarlate,

murmurou reprehensivamente:

--Oh Bazilio!

Elle torcia o bigode, muito satisfeito. Ensinára-lhe uma sensação nova:

tinha-a na mão!

Só ás seis horas se desprendeu dos seus braços. Luiza fez-lhe jurar

que havia de pensar n'ella toda a noite:--não queria que elle sahisse;

tinha ciumes do Gremio, do ar, de tudo! E já no patamar voltava,

beijava-o, louca, repetia:

--E ámanhã mais cedo, sim? para estarmos todo o dia.

--Não vaes vêr a D. Felicidade?

--Que me importa a D. Felicidade! Não me importa ninguem! Quero-te a

ti! só a ti!

--Ao meio dia?

--Ao meio dia!

Quanto lhe pezou á noite a solidão do seu quarto! Tinha uma impaciencia

que a impellia a prolongar a excitação da tarde, agitar-se. Ainda quiz

lêr, mas bem depressa arremessou o livro: as duas velas accesas sobre

o toucador pareciam-lhe lugubres; foi vêr a noite,--estava tepida e

serena. Chamou Juliana:

--Vá pôr um chale, vamos a casa da snr.^a D. Leopoldina.

Quando chegaram foi a Justina que veio abrir, depois d'uma grande

demora, esguedelhada, em chambre branco. Pareceu muito espantada:

--A senhora foi p'ra o Porto!

--P'ra o Porto!

Sim. Demorava-se quinze dias.

Luiza ficou muito desconsolada. Mas não queria voltar, o seu quarto

solitario aterrava-a.

--Vamos um bocado até alli abaixo, Juliana. A noite está tão bonita!

--Rica, minha senhora!

Foram pela rua de S. Roque. E como guiados pelas duas linhas de pontos

de gaz, que desciam a rua do Alecrim, o seu pensamento, o seu desejo

foram logo para o \_Hotel Central\_.

Estaria em casa? Pensaria n'ella? Se podesse ir surprehendel-o de

repente, atirar-se-lhe aos braços, vêr as suas malas... Aquella idéa

fazia-a arfar. Entraram na praça de Camões. Gente passeava devagar; sob

a sombra mais escura que faziam as arvores cochichava-se pelos bancos;

bebia-se agua fresca; claridades cruas de vidraças, de portas de lojas

destacavam em redor no tom escuro da noite: e no rumor lento das ruas

em redor, sobresahiam as vozes agudas dos vendedores de jornaes.

Então um sujeito com um chapéo de palha passou tão rente d'ella, tão

intencionalmente que Luiza teve medo.--Era melhor voltarem--disse.

Mas ao meio da rua de S. Roque o chapéo de palha reappareceu, roçou

quasi o hombro de Luiza; dous olhos repolhudos dardejaram sobre ella.

Luiza ia desesperada: o tic-tac das suas botinas batia vivamente a lage

do passeio; de repente, ao pé de S. Pedro d'Alcantara, de sob o chapéo

de palha sahiu uma voz adocicada e brazileira, dizendo-lhe junto ao

pescoço:

--Aonde mora, ó menina?

Agarrou aterrada o braço de Juliana.

A voz repetiu:

--Não se agaste, menina, aonde mora?

--Seu malcriado!--rugiu Juliana.

O chapéo de palha immediatamente desappareceu entre as arvores.

Chegaram a casa a arquejar. Luiza tinha vontade de chorar; deixou-se

cahir na \_causeuse\_, esfalfada, infeliz. Que imprudencia, pôr-se

a passear pelas ruas de noite, com uma criada! Estava douda,

desconhecia-se. Que dia aquelle! E recordava-o desde pela manhã: o

\_lunch\_, o \_champagne\_ bebido pelos beijos de Bazilio, os seus delirios

libertinos, que vergonha! e ir a casa de Leopoldina, de noite, e ser

tomada na rua por uma mulher do Bairro Alto!... De repente lembrou-lhe

Jorge no Alemtejo trabalhando por ella, pensando n'ella... Escondeu o

rosto entre as mãos, detestou-se, os seus olhos humedeceram-se.

Mas na manhã seguinte acordou muito alegre. Sentia, sim, uma vaga

vergonha de todas as suas «tolices» da vespera, e como a sensação

indefinida, palpite ou presentimento, de que não devia ir ao \_Paraiso\_.

O seu desejo, porém, que a impellia para lá vivamente, forneceu-lhe

logo razões: era desapontar Bazilio, a não ir hoje não devia voltar, e

então romper... Além d'isso a manhã muito linda attrahia para a rua:

chovera de noite, o calor cedera; havia nos tons da luz e do azul uma

frescura lavada e dôce.

E ás onze e meia descia o Moinho de Vento, quando viu a figura digna do

conselheiro Accacio que subia da rua da Rosa, devagar, com o guarda-sol

fechado, a cabeça alta.

Apenas a avistou apressou-se, curvou-se profundamente:

--Que encontro verdadeiramente feliz!...

--Como está, Conselheiro? Ditosos olhos que o vêem!

--E v. exc.^a, minha senhora? Vejo-a com excellente aspecto!

Passou-lhe á esquerda com um movimento solemne, pôz-se a caminhar ao

lado d'ella.

--Permitte-me de certo que a acompanhe na sua excursão?

--De certo, com o maior prazer. Mas que tem feito? Tenho muito que lhe

ralhar...

--Estive em Cintra, minha querida senhora.--E parando:--Não sabia? O

\_Diario de Noticias\_ especificou-o!

--Mas depois de vir de Cintra?

Elle acudiu:

--Ah! tenho estado occupadissimo! Occupadissimo! Inteiramente absorvido

na compilação de certos documentos que me eram indispensaveis para o

meu livro...--E depois d'uma pausa:--Cujo nome não ignora, creio.

Luiza não se recordava inteiramente. O Conselheiro então expôz o

titulo, os fins, alguns nomes de capitulos, a utilidade da obra: era

a DESCRIPÇÃO PITORESCA DAS PRINCIPAES CIDADES DE PORTUGAL E SEUS MAIS

FAMOSOS ESTABELECIMENTOS.

--É um guia, mas um guia scientifico. Illustrarei com um exemplo: V.

exc.^a quer ir a Bragança: sem o meu livro é muito natural (direi, é

certo) que volta sem ter gozado das curiosidades locaes; com o meu

livro percorre os edificios mais notaveis, recolhe um fundo muito

solido d'instrucção, e tem ao mesmo tempo o prazer.

Luiza mal o escutava, sorrindo vagamente sob o seu véo branco.

--Está hoje muito agradavel!--disse ella.

--Agradabilissimo! Um dia creador!

--Que bom fresco aqui!

Tinham entrado em S. Pedro d'Alcantara; um ar dôce circulava entre as

arvores mais verdes; o chão compacto, sem pó, tinha ainda uma ligeira

humidade; e, apesar do sol vivo, o céo azul parecia leve e muito remoto.

O Conselheiro então fallou do estio; tinha sido torrido! na sua sala

de jantar tinha havido 48 graus á sombra! 48 graus!--E com bonhomia,

querendo logo desculpar a sala d'aquella exageração canicular:--Mas é

que está exposta ao sul! façamos essa justiça! Está muito exposta ao

sul. Hoje porém está verdadeiramente restaurador.

Convidou-a mesmo a dar uma volta em baixo no jardim. Luiza hesitava.

E o Conselheiro puxando o relogio, fitando-o de longe, declarou logo

que ainda não era meio dia. Estava certo pelo Arsenal, era um relogio

inglez.--Muito preferiveis aos suissos!--acrescentou com ar profundo.

Cobardemente, por inercia, enervada pela voz pomposa do Conselheiro,

Luiza foi descendo, contrariada, as escadinhas para o jardim. De

resto--pensava--tinha tempo, tomaria um trem...

Foram encostar-se ás grades. Através dos varões viam, descendo n'um

declive, telhados escuros, intervallos de pateos, cantos de muro com

uma ou outra magra verdura de quintal resequido; depois, no fundo do

valle, o Passeio estendia a sua massa de folhagem prolongada e oblonga,

onde a espaços branquejavam pedaços da rua areada. Do lado de lá

erguiam-se logo as fachadas inexpressivas da rua Oriental, recebendo

uma luz forte que fazia faiscar as vidraças: por traz iam-se elevando

no mesmo plano terrenos d'um verde crestado fechados por fortes muros

sombrios, a cantaria da Encarnação de um amarello triste, outras

construcções separadas, até ao alto da Graça coberta d'edificios

ecclesiasticos, com renques de janellinhas conventuaes e torres

d'igrejas, muito brancas sobre o azul: e a Penha de França, mais para

além, punha em relevo o vivo do muro caiado, d'onde sobresahia uma tira

verde-negra d'arvoredo. Á direita, sobre o monte pellado, o castello

assentava, atarracado, ignobilmente sujo: e a linha muito quebrada

de telhados, d'esquinas de casas da Mouraria e d'Alfama descia com

angulos bruscos até ás duas pesadas torres da Sé, d'um aspecto abbacial

e secular. Depois viam um pedaço do rio, batido da luz: duas velas

brancas passavam devagar: e na outra banda, á base de uma collina baixa

que o ar distante azulava, estendia-se a correnteza de casarias d'uma

povoaçãosinha d'um branco de cré luzidio. Da cidade um rumor grosso e

lento subia, onde se misturavam o rolar dos trens, o pesado rodar dos

carros de bois, a vibração metallica das carretas que levam ferraria, e

algum grito agudo de pregão.

--Grande panorama!--disse o Conselheiro com emphase.--E encetou logo o

elogio da cidade. Era uma das mais bellas da Europa, de certo, e como

entrada, só Constantinopla! Os estrangeiros invejavam-na immenso. Fôra

outr'ora um grande emporio, e era uma pena que a canalisação fosse tão

má, e a edilidade tão negligente!

--Isto devia estar na mão dos inglezes, minha rica senhora!--exclamou.

Mas arrependeu-se logo d'aquella phrase impatriotica. Jurou que «era

uma maneira de dizer». Queria a independencia do seu paiz; morreria por

ella, se fosse necessario; nem inglezes nem castelhanos!... Só nós,

minha senhora!--E acrescentou com uma voz respeitosa:--E Deus!

--Que bonito está o rio!--disse Luiza.

Accacio affirmou-se, e murmurou em tom cavo:

--O Tejo!

Quiz então dar uma volta pelo jardim. Sobre os canteiros borboletas

brancas, amarellas, esvoaçavam; um gotejar d'agua fazia no tanque um

rhythmosinho de jardim burguez; um aroma de baunilha predominava; sobre

a cabeça dos bustos de marmore, que se elevam d'entre os maciços e as

moitas de dhalias, passaros pousavam.

Luiza gostava d'aquelle jardimzinho, mas embirrava com as grades tão

altas...

--Por causa dos suicidios!--acudiu logo o Conselheiro.--E

todavia, segundo a sua opinião, os suicidios em Lisboa diminuiam

consideravelmente; attribuia isso á maneira severa e muito louvavel

como a imprensa os condemnava...

--Porque em Portugal, creia isto, minha senhora, a imprensa é uma força!

--Se fossemos andando...?--lembrou Luiza.

O Conselheiro curvou-se, mas vendo-a a ir colher uma flôr, reteve-lhe

vivamente o braço:

--Ah, minha rica senhora, por quem é! os regulamentos são muito

explicitos! Não os infrinjamos, não os infrinjamos!--E acrescentou:--O

exemplo deve vir de cima.

Foram subindo, e Luiza pensava:--Vai para casa, larga-me ao Loreto.

Na rua de S. Roque espreitou o relogio d'uma confeitaria: era meia hora

depois do meio dia! Já Bazilio esperava!

Apressou o passo, ao Loreto parou. O Conselheiro olhou-a, sorrindo,

esperando.

--Ah! pensei que ia para casa, Conselheiro!

--Já agora quero acompanhal-a, se v. exc.^a m'o permitte. De certo não

sou indiscreto?

--Ora essa! De modo nenhum.

Uma carruagem da Companhia passava, seguida d'um correio a trote.

O Conselheiro, com um movimento ancioso, tirou profundamente o chapéo.

--É o presidente do conselho. Não viu? Fez-me um signal de

dentro.--Começou logo o seu elogio: Era o nosso primeiro parlamentar;

vastissimo talento, uma linguagem muito castigada!--E ia de certo

fallar das cousas publicas, mas Luiza atravessou para os Martyres,

erguendo um pouco o vestido por causa d'uns restos de lama. Parou á

porta da igreja, e sorrindo:

--Vou aqui fazer uma devoçãosinha. Não o quero fazer esperar. Adeus,

Conselheiro, appareça.--Fechou a sombrinha, estendeu-lhe a mão.

--Ora essa, minha rica senhora! Esperarei, se vir que não se demora

muito. Esperarei, não tenho pressa.--E com respeito:--Muito louvavel

esse zelo!

Luiza entrou na igreja desesperada. Ficou de pé debaixo do côro,

calculando:--Demoro-me aqui, elle cança-se d'esperar e vai-se! Por

cima reluziam vagamente os pingentes de crystal dos lustres. Havia

uma luz velada, igual, um pouco fôsca. E as architecturas caiadas,

a madeira muito lavada do soalho, as balaustradas lateraes de pedra

davam uma tonalidade clara e alvadia, onde destacavam os dourados da

capella, os frontaes rôxos dos pulpitos, ao fundo dous reposteiros d'um

rôxo mais escuro, e sob o docel côr de violeta os ouros do Throno. Um

silencio fresco e alto repousava. Diante do Baptisterio um rapaz de

joelhos, com um balde de zinco ao pé, esfregava o chão com uma rodilha,

discretamente: dorsos de beatas, encapotados ou cobertos de chales

tingidos, curvavam-se, aqui e além, diante d'um altar: e um velho, de

jaqueta de saragoça, prostrado no meio da igreja, rosnava rezas n'uma

molopéa lugubre; via-se a sua cabeça calva, as tachas enormes dos

sapatos, e a cada momento, dobrando-se, batia no peito com desespero.

Luiza subiu ao altar-mór. Bazilio impacientava-se, de certo, pobre

rapaz! Perguntou então, timidamente, as horas a um sacristão que

passava. O homem ergueu a sua face côr de cidra para uma janela na

cupula, e olhando Luiza de lado:

--Vai indo p'ra as duas.

Para as duas! Era capaz de não esperar, Bazilio! Veio-lhe um receio

de perder a sua manhã amorosa, um desejo aspero de se achar no

\_Paraiso\_ nos braços d'elle! E olhava vagamente os santos, as virgens

trespassadas d'espadas, os Christos chagados,--cheia de impaciencias

voluptuosas, revendo o quarto, a caminha de ferro, o pequeno bigode de

Bazilio!... Mas demorou-se, queria «fatigar o Conselheiro, deixal-o

ir». Quando pensou que elle teria partido, sahiu devagarinho.--Viu-o

logo á porta, direito, com as mãos atraz das costas, lendo a pauta dos

jurados.

Começou immediatamente a louvar a sua devoção. Não entrára porque não

quizera perturbar o seu recolhimento. Mas approvava-a muito! A falta de

religião era a causa de toda a immoralidade que grassava...

--E além d'isso é de boa educação. V. exc.^a ha-de reparar que toda a

nobreza cumpre...

Calou-se; aprumava a estatura, todo satisfeito de descer o Chiado com

aquella linda senhora, tão olhada. Mesmo, ao passar por um grupo,

curvou-se para ella mysteriosamente, disse-lhe ao ouvido, sorrindo:

--Está um dia apreciavel!

E offereceu-lhe bolos á porta do Baltreschi. Luiza recusou.

--Sinto. Todavia acho muito sensata a regularidade nas comidas.

A sua voz vinha agora a Luiza com a impertinencia d'um zumbido; apesar

de não fazer calor, abafava, picava-lhe o sangue no corpo; tinha

vontade de deitar a correr, de repente; e todavia caminhava devagar,

infeliz, como somnambula, cheia da necessidade de chorar.

Sem razão, ao acaso, entrou no Valente. Era hora e meia! Depois

d'hesitar pediu gravatas de \_foulard\_ a um caixeiro louro e jovial.

--Brancas? de côr? de riscas? com pintinhas?

--Sim, verei, sortidas.

Não lhe agradavam. Desdobrava-as, sacudia-as, punha-as de lado; e

olhava em roda vagamente, pallida... O caixeiro perguntou-lhe se estava

incommodada: offereceu-lhe agua, qualquer cousa...

Não era nada; o ar é que lhe fazia bem; voltaria. Sahiu. O Conselheiro,

muito solicito, promptificou-se a acompanhal-a a uma boa pharmacia

tomar agua de flôr de laranja... Desciam então a rua Nova do Carmo,

e o Conselheiro ia affirmando que o caixeiro fôra muito polido: não

se admirava, porque no commercio havia filhos de boas familias: citou

exemplos.

Mas vendo-a calada:

--Ainda soffre?

--Não, estou bem.

--Temos dado um delicioso passeio!

Foram ao comprido do Rocio, até ao fim. Voltaram, atravessaram-no

em diagonal. E pelo lado do Arco do Bandeira, aproximaram-se para a

rua do Ouro. Luiza olhava em redor, afflicta, procurava uma idéa,

uma occasião, um acontecimento--e o Conselheiro, grave a seu lado,

dissertava. A vista do theatro de D. Maria levára-o para as questões

da arte dramatica: tinha achado que a peça do Ernestinho era talvez

demasiado forte. De resto só gostava de comedias. Não que se não

enthusiasmasse com as bellezas d'um \_Frei Luiz de Sousa\_! mas a sua

saude não lhe permittia as agitações fortes. Assim por exemplo...

Mas Luiza tivera uma idéa, e immediatamente:

--Ah! esquecia-me! Tenho d'ir ao Vitry. Vou fazer chumbar um dente.

O Conselheiro, interrompido, fitou-a. E Luiza, estendendo-lhe a mão,

com a voz rapida:

--Adeus, appareça, hein?--E precipitou-se para o portal do Vitry.

Subiu até ao primeiro andar, correndo, com os vestidos apanhados:

parou, arquejando: esperou: desceu devagar, espreitou á porta... A

figura do Conselheiro afastava-se direita, digna, para os lados das

secretarias.

Chamou um trem.

--A quanto puder!--exclamou.

A carruagem entrou quasi a galope na ruasinha do \_Paraiso\_. Figuras

pasmadas appareceram á janella. Subiu, palpitante. A porta estava

fechada--e logo a cancella do lado abriu-se, e a voz dôce da patrôa

segredou:

--Já sahiu. Ha-de haver meia hora.

Desceu. Deu a sua morada ao cocheiro, e atirando-se para o fundo

do coupé, rompeu n'um chôro hysterico. Correu os \_stores\_ para se

esconder; arrancou o véo, rasgou uma luva, sentindo em si violencias

inesperadas, Então veio-lhe um desejo phrenetico de vêr Bazilio! Bateu

nos vidros desesperadamente, gritou:

--Ao Hotel Central!

Porque estava n'um d'aquelles momentos em que os temperamentos

sensiveis teem impulsos indomaveis; ha uma delicia colerica em

espedaçar os deveres e as conveniencias; e a alma procura sofregamente

o mal com estremecimentos de sensualidade!

A parelha estacou, resvalando á porta do hotel. «O snr. Bazilio de

Brito não estava, o snr. visconde Reynaldo, sim».

--Bem, para casa, para onde eu disse!

O cocheiro bateu. E Luiza, sacudida por uma irritabilidade febril,

insultava o Conselheiro, o estafermo, o imbecil! maldizia a vida que

lh'os fizera conhecer, a elle e a todos os amigos da casa! vinha-lhe

uma vontade acre de mandar o casamento ao diabo, de fazer o que lhe

viesse á cabeça!...

Á porta não tinha troco para o cocheiro. Espere!--disse, subindo

furiosa--Eu lhe mandarei pagar!

--Que bicha!--pensou o cocheiro.

Foi Joanna que veio abrir; e quasi recuou, vendo-a tão vermelha, tão

excitada.

Luiza foi direita ao quarto: o \_cuco\_ cantava tres horas. Estava tudo

desarrumado; vasos de plantas no chão, o toucador coberto com um lençol

velho, roupa suja pelas cadeiras. E Juliana, com um lenço amarrado na

cabeça, varria tranquillamente, cantarolando.

--Então vossê ainda não arrumou o quarto!--gritou Luiza.

Juliana estremeceu áquella colera inesperada.

--Estava agora, minha senhora!

--Que estava agora vejo eu!--rompeu Luiza.--São tres horas da tarde e

ainda o quarto n'este estado!

Tinha atirado o chapéo, a sombrinha.

--Como a senhora costuma vir sempre mais tarde...--disse Juliana.

E seus beiços faziam-se brancos.

--Que lhe importa a que horas eu venho? Que tem vossê com isso? A

sua obrigação é arrumar logo que eu me levante. E não querendo, rua,

fazem-se-lhe as contas!

Juliana fez-se escarlate e cravando em Luiza os olhos injectados:

--Olhe, sabe que mais? não estou para a aturar!

E arremessou violentamente a vassoura.

--Sáia!--berrou Luiza--Sáia immediatamente! Nem mais um momento em casa!

Juliana poz-se diante d'ella, e com palmadas convulsivas no peito, a

voz rouca:

--Hei-de sahir se eu quizer! Se eu quizer!

--Joanna!--bradou Luiza.

Queria chamar a cozinheira, um homem, um policia, alguem! Mas Juliana

descomposta, com o punho no ar, toda a tremer:

--A senhora não me faça sahir de mim! A senhora não me faça perder a

cabeça!--E com a voz estrangulada através dos dentes cerrados:--Olhe

que nem todos os papeis foram p'ra o lixo!

Luiza recuou, gritou:

--Que diz vossê?

--Que as cartas que a senhora escreve aos seus amantes, tenho-as eu

aqui!--E bateu na algibeira, ferozmente.

Luiza fitou-a um momento com os olhos desvairados, e cahiu no chão,

junto á \_causeuse\_, desmaiada.

VIII

A primeira impressão, mal acordada, de Luiza foi que duas figuras,

que não conhecia, estavam debruçadas sobre ella. Uma, a mais forte,

afastou-se; o som frio d'um frasco de vidro, pousado sobre o marmore do

toucador, despertou-a. Sentiu então uma voz dizer abafadamente:

--Está muito melhor. Mas deu-lhe de repente, snr.^a Juliana?

--De repente.

--Eu vi-a entrar tão afogueada...

Passos subtis pisaram o tapete, a voz de Joanna perguntou-lhe junto do

rosto:

--Está melhor, minha senhora?

Abriu os olhos, a percepção nitida das cousas foi-lhe voltando; estava

estendida na \_causeuse\_, tinham-lhe desapertado o vestido, e havia no

quarto um forte cheiro de vinagre. Ergueu-se sobre o cotovêlo, devagar,

com um olhar errante, vago:

--E a outra?...

--A snr.^a Juliana? Foi-se deitar. Tambem se não achava bem. Foi de vêr

a senhora, coitada... Está melhorzinha?

Sentou-se. Sentia uma fadiga em todo o corpo; tudo no quarto lhe

parecia oscillar brandamente:

--Póde ir, Joanna, póde ir--disse.

--A senhora não precisa mais nada? Talvez um caldinho lhe fizesse bem...

Luiza, só, pôz-se a olhar em roda, espantada. Estava já tudo arrumado,

as janellas cerradas. Uma luva ficára cahida no chão: ergueu-se, ainda

tropega, foi apanhal-a, esteve a esticar-lhe os dedos machinalmente,

como somnambula, pôl-a na gaveta do toucador. Alisou o cabello;

achava-se mudada, com \_outra\_ expressão como se fosse \_outra\_; e o

silencio do quarto impressionava-a, como extraordinario.

--Minha senhora--disse a voz timida de Joanna.

--Que é?

--É o cocheiro.

Luiza voltou-se, sem comprehender:

--Que cocheiro?

--Um cocheiro; diz que a senhora que não tinha troco, que o mandou

esperar...

--Ah!

E como a uma luz de gaz que salta subitamente e alumia uma decoração,

viu, n'um relance, toda a «sua desgraça»!

Ficou tão tremula que mal podia abrir a gavetinha da commoda:

--Tinha-me esquecido, tinha-me esquecido...--balbuciava.

Deu o dinheiro a Joanna; e vindo cahir sobre a \_causeuse\_:

--Estou perdida!--murmurou, apertando as mãos na cabeça.

Tudo descoberto! E representaram-se-lhe logo no espirito, com a

intensidade de desenhos negros sobre um muro branco, o furor de Jorge,

o espanto dos seus amigos, a indignação d'uns, o escarneo dos outros;

e estas imagens cahindo com ruido na sua alma, como combustiveis n'uma

fogueira, ateavam-lhe desesperadamente o terror.

Que lhe restava?--Fugir com Bazilio!

Aquella idéa, a primeira, a unica, apossou-se d'ella impetuosamente,

trespassou-a--como a agua d'uma inundação que subitamente alaga um

campo.

Elle tinha-lhe tantas vezes jurado que seriam tão felizes em Paris, no

seu \_appartamento\_ da rua Saint Florentin! Pois bem, iria! Não levaria

malas, poria no seu pequeno sacco de marroquim alguma roupa branca, as

joias da mamã... E os criados? a casa? Deixaria uma carta a Sebastião

para que viesse, fechasse tudo!... Levaria na viagem o vestido de

riscadinho azul--ou o preto! Mais nada. O resto compral-o-hia longe,

n'outras cidades...

--Se a senhora quer vir jantar...--disse Joanna á porta do quarto.

Tinha posto um avental branco, e acrescentou:

--A snr.^a Juliana está deitada, diz que está com a dôr, não póde

servir á mesa.

--Já vou.

Tomou apenas uma colhér de sopa, bebeu um grande gole d'agua; e

erguendo-se:

--Que tem ella?

--Diz que é uma dôr muito forte no coração.

Se morresse! Estava salva, ella! Podia ficar, então! E com uma

esperança perversa:

--Vá vêr, Joanna, vá vêr como está!

Tinha ouvido de tantas pessoas que morrem de uma dôr! Iria logo ao

quarto d'ella rebuscar-lhe a arca, apossar-se da carta! E não teria

medo do silencio da morte, nem da lividez do cadaver...

--Está mais descançada, minha senhora--veio dizer a Joanna--diz que

logo que se levanta. Então a senhora não come mais nada? Credo!

--Não.

E entrou para o quarto, pensando:--de que serve estar a imaginar

cousas? Só me resta fugir.

Decidiu-se logo a escrever a Sebastião; mas não pôde acertar com outras

palavras além do começo, no alto, n'uma letra muito trémula: \_Meu

amigo!\_

Para que havia de escrever? Quando ao outro dia ella não voltasse, nem

á tarde, nem á noite--as criadas, a \_outra\_, a infame! iriam logo a

Sebastião. Era o intimo da casa. Que espanto o d'elle! Imaginaria algum

accidente, correria á Encarnação, depois á policia, esperaria n'uma

angustia até de madrugada! Todo o dia seguinte seriam outras esperanças

de a vêr chegar, decepções aterradas,--até que telegrapharia a Jorge!

E a essa hora de certo, ella, encolhida no canto do wagon, rolaria, ao

ruido offegante da machina, para um destino novo!...

Mas porque se affligia, por fim? Quantas invejariam a sua desgraça!

O que havia de infeliz em abandonar a sua vida estreita entre quatro

paredes, passada a examinar roes de cozinha e a fazer \_crochet\_, e

partir com um homem novo e amado, ir para Paris! para Paris! viver nas

consolações do luxo, em alcovas de sêda, com um camarote na Opera!...

Era bem tola em se affligir! Quasi fôra uma felicidade aquelle

«desastre»! Sem elle nunca teria tido a coragem de se desembaraçar da

sua vida burgueza; mesmo quando um alto desejo a impellisse, haveria

sempre uma timidez maior para a reter!

E depois, fugindo, o seu amor tornava-se digno! Seria só d'um homem;

não teria de amar em casa e amar fóra de casa!

Veio-lhe mesmo a idéa de ir ter immediatamente com Bazilio, «acabar com

aquillo por uma vez». Mas era tarde para ir ao hotel; temia as ruas

escuras, a noite, e os bebedos...

Foi logo arranjar o sacco de marroquim. Metteu lenços, alguma roupa

branca, o estojo das unhas, o rosario que lhe dera Bazilio, pós

d'arroz, algumas joias que tinham pertencido á mamã... Quiz levar as

cartas de Bazilio tambem... Tinha-as guardadas n'um cofre de sandalo,

no gavetão do guarda-vestidos. Espalhou-as no regaço; abriu uma, d'onde

cahiu uma florzinha sêcca; outra que tinha, na dobra, a photographia

de Bazilio. De repente, pareceu-lhe que não estavam completas! Tinha

\_sete\_: \_cinco\_ bilhetes curtos, e \_duas\_ cartas--a primeira que elle

lhe escrevêra, tão terna! e a ultima no dia do arrufo! Contou-as...

Faltava, com effeito, a \_primeira\_, e \_dous\_ bilhetes! Tinha-lh'as

roubado, tambem!... Ergueu-se livida. Ah que infame! veio-lhe uma raiva

de subir ao sotão, luctar com ella, arrancar-lh'as, esganal-a!...

Que lhe importava, por fim!--E deixou-se cahir na \_causeuse\_,

aniquilada--Que ella tivesse uma, duas, todas--era a mesma desgraça!

E muito excitada, foi preparar o vestido preto que devia levar, o

chapéo, um chale-manta...

O \_cuco\_ cantou dez horas. Entrou então na alcova; pôz o castiçal

sobre a mesinha, ficou a olhar o largo leito com o seu cortinado de

fustão branco. Era a ultima vez que alli dormia! Fôra ella que bordára

aquella coberta de \_crochet\_ no primeiro anno de casada: não havia uma

malha que não correspondesse a uma alegria. Jorge ás vezes vinha vêl-a

trabalhar, e, calado, considerava-a com um sorriso, ou fallava-lhe

baixo enrolando devagar nos dedos o fio de algodão grosso! Alli dormira

com elle tres annos: o seu lugar era de lá, do lado da parede... Fôra

n'aquella cama que ella estivera doente, com a pneumonia. Durante

semanas elle não se deitára--a velal-a, a conchegar-lhe a roupa, a

dar-lhe os caldos, os remedios, com toda a sorte de palavras dôces

que lhe faziam tão bem!... Fallava-lhe como a criancinha pequena:

dizia-lhe: «isso vai passar, ámanhã estás boa, vamos passear». Mas o

seu olhar ancioso estava marejado de lagrimas! Ou então pedia-lhe:

«Melhora, sim? Faze-me a vontade, minha querida, melhora!...» E ella

queria tanto melhorar, que sentia como uma ligeira onda de vida que

voltava, lhe refrescava o sangue!

Nos primeiros dias da convalescença era elle que a vestia; ajoelhava-se

para lhe calçar os sapatos, embrulhava-a no roupão, vinha estendel-a na

\_causeuse\_, sentava-se ao pé d'ella a lêr-lhe romances, desenhar-lhe

paizagens, recortar-lhe soldados de papel. E dependia toda d'elle,

não tinha mais ninguem no mundo para a tratar, para soffrer, chorar

por ella--senão elle! Adormecia sempre com as mãos nas suas, porque

a doença deixára-lhe um vago medo dos pesadêlos da febre; e o pobre

Jorge, para a não acordar, alli ficava com a mão presa, horas, sem se

mover. Deitava-se vestido n'um colxãosito ao pé d'ella. Muitas vezes,

acordando de noite, o tinha visto a limpar as lagrimas; d'alegria, de

certo, porque ella então estava salva! o medico, o bom dr. Caminha,

tinha-o dito: «Está livre de perigo, agora é refazer esse corpinho». E

Jorge, o pobre Jorge, coitado, sem dizer nada, tinha tomado as mãos do

velho,--tinha-as coberto de beijos!

E agora, quando elle soubesse, quando elle voltasse! Quando ao entrar

alli na alcova--visse os dous travesseirinhos, ainda! Ella iria longe,

com outro, por caminhos estranhos, ouvindo outra lingua. Que horror! E

elle alli estaria, n'aquella casa só, chorando, abraçado a Sebastião.

Quantas memorias d'ella para o torturar! Os seus vestidos, as suas

chinellinhas, os seus pentes, toda a casa! Que vida triste, a d'elle!

Dormiria alli \_só\_! Já não teria ninguem para o acordar de manhã com um

beijinho, passar-lhe o braço pelo pescoço, dizer-lhe: \_é tarde, Jorge!\_

Tudo acabára para ambos. Nunca mais!--Rompeu a chorar, de bruços sobre

a cama...

Mas a voz de Juliana fallou alto no corredor com Joanna. Ergueu-se

aterrada. Viria ter com ella, aquella infame? Os passos achinellados

afastaram-se devagar, e Joanna entrou com o rol e com a lamparina.

--A snr.^a Juliana--disse--levantou-se um momento, mas diz que ainda

está mal, coitada. Foi-se deitar. A senhora não precisa mais nada?

--Não--disse da alcova.

Despiu-se; e, prostrada, adormeceu profundamente.

Juliana em cima não dormia. A dôr passára-lhe--e agitava-se sobre o

enxergão, «com o diabo da espertina»! como tantas outras noites, nas

ultimas semanas. Porque desde que apanhára a carta no \_sarcophago\_

vivia n'uma febre; mas a alegria era tão aguda, a esperança tão larga

que a sustentavam, lhe davam saude! Deus emfim tinha-se lembrado

d'ella! Desde que Bazilio começára a vir a casa, tivera logo um

palpite, uma cousa que lhe dizia que tinha chegado emfim a sua vez!

A primeira satisfação fôra n'aquella noite em que achára, depois

de Bazilio sahir ás dez horas, a travéssinha de Luiza cahida ao pé

do sophá. Mas que explosão de felicidade, quando, depois de tanta

espionagem, de tanta canceira, apanhou emfim a carta no \_sarcophago\_!

Correu ao sotão, leu-a avidamente, e quando viu a importancia da

«cousa» arrasaram-se-lhe os olhos de lagrimas, arremessou a sua alma

perversa para as alturas, bradando em si, n'um triumpho:

--Bemdito seja Deus! Bemdito seja Deus!

E que havia de fazer \_áquillo\_?--foi então a sua inquietação. Ora

pensava em a vender a Luiza por uma forte somma... mas onde tinha ella

o dinheiro? Não; o melhor era esperar a volta de Jorge, e com ameaças

de a publicar, extorquir-lhe \_um rôr\_ de libras por meio d'outra

pessoa, já se vê, e ella á capa! E em certos dias em que a figura, as

\_toilettes\_, as passeatas de Luiza a irritavam mais, vinham-lhe venetas

de sahir p'ra a rua, chamar os visinhos, lêr o papel, pôl-a mais rasa

que a lama, vingar-se da «cabra»!

Foi a tia Victoria que a calmou, e a dirigiu. Disse-lhe logo «que para

a armadilha ser completa era necessario uma carta do janota». Começára

então o lento trabalho de lh'a apanhar! Fôra preciso muita finura,

muita chave experimentada, duas feitas por moldes de cêra, paciencia

de gato, habilidades de ratoneiro! Mas pilhou-a, e que carta! Tinha-a

lido com a tia Victoria--que rira, rira!... Sobre tudo o bilhete em

que Bazilio lhe dizia: «Hoje não posso ir, mas espero-te ámanhã ás

duas; mando-te essa rosinha, e peço-te que faças o que fizeste á outra,

trazel-a no seio, porque é tão bom quando vens assim, sentir-te o

peitinho perfumado!...» A tia Victoria, suffocada, quil-a mostrar á sua

velha amiga, a Pêdra, a Pêdra gorda, que estava na saleta.

A Pêdra torceu-se! Os seus enormes seios, pendentes como odres mal

cheios, tinham sacudidellas furiosas de hilaridade. E com as mãos nas

ilhargas, rubra, roncando, com o seu vozeirão de trombone:

--Essa é das boas, tia Victoria! Essa é de mestre. Não, isso merece ir

para os papeis! Ai os bebedos! Raios do diabo!

A tia Victoria, então, disse muito seriamente a Juliana:

--Bem; agora tens a faca e o queijo! Com isso já pódes fallar d'alto.

É esperar a occasião. Muito bons modos, cara prazenteira, sorrisos a

fartar para ella não desconfiar, e o olho álerta. Tens o rato seguro,

deixa-o dar ao rabo!

E desde esse dia Juliana saboreava com delicias, com gula, muito

comsigo--aquelle gozo de a ter «na mão», a Luizinha, a senhora, a

patroa, a \_piorrinha\_! Via-a aperaltar-se, ir ao homem, cantarolar,

comer bem--e pensava com uma voluptuosidade felina: Anda, folga, folga,

que eu cá t'a tenho armada! Aquillo dava-lhe um orgulho perverso.

Sentia-se vagamente \_senhora da casa\_. Tinha alli fechada na mão a

felicidade, o bom nome, a honra, a paz dos patrões! Que desforra!

E o futuro estava certo! \_Aquillo\_ era dinheiro, o pão da velhice. Ah!

tinha-lhe chegado o seu dia! Todos os dias rezava uma \_Salvè-rainha\_ de

graças a Nossa Senhora, mãi dos homens!

Mas agora, depois d'aquella \_scena\_ com Luiza--não podia ficar de

braços cruzados, com as cartas na algibeira. Devia sahir de casa,

pôr-se em campo, fazer \_alguma cousa\_. O que? A tia Victoria é que

havia de dizer...

Logo pela manhã ás sete horas, sem tomar o seu café, sem fallar a

Joanna, desceu devagar, sahiu.

A tia Victoria não estava em casa. Gente na saleta esperava. O snr.

Gouvêa, com a borla do barretinho muito arrebitada, escrevinhava,

dobrado, cuspilhando o seu catarrho. Juliana deu os \_bons dias\_ em

redor, e sentou-se a um canto, direita, com a sua sombrinha nos joelhos.

Conversava-se: e uma mulher de trinta annos, picada das bexigas, que

estava sentada no canapé, depois de ter dado um sorriso a Juliana,

continuou, voltada para uma gordita com um chale de quadrados vermelhos:

--Pois não imagina, snr.^a Anna, não faz idéa! É uma desgraça! É todas

as noites como um carro. Ás vezes até acordo com o barulho que elle faz

a fallar só, a tropeçar na escada... Eu, do que tenho mais medo, é que

o demonio adormeça com a luz e haja um fogo. Ah! é de todo!

--Quem?--perguntou um rapazola bonito, com uma blusa de trintanario,

que fallava de pé a um criado alto, de suiças e gravata branca

enxovalhada.

--O Cunha, o filho do meu patrão. É uma desgraça!

--Piteireiro, hein?--disse o rapazola, enrolando o cigarro.

--Um horror! Eu pela manhã nem posso entrar no quarto, que é um

cheiro... A mãi, coitadinha, chora, rala-se; o rapaz já esteve para ser

posto fóra do emprego. Ai! não estou nada contente, nada contente!

--Pois olhe que por lá tambem ha desgosto grande--disse, baixando a

voz, a do chale de quadrados.

Os dous homens aproximaram-se.

--O senhor--continuou ella com gestos aterrados--é um desafôro com a

cunhada!... A senhora sabe, e aquillo são questões de dia e de noite!

As duas irmãs andam n'uma bulha pegada. O homem toma as dôres da

rapariga, a mulher põe-se aos gritos... Ai! aquillo vem a acabar mal!

--E então se a gente tem lá o seu descuido--disse o da gravata branca

com indignação--é aqui d'el-rei, e d'aqui e d'alli!

--Lá a sua gente é socegada, snr. João--observou a picada das bexigas.

--É boa gente. As raparigas namoradeiras... Proveito das criadas,

apanham o seu vestidito, a sua placa... Mas os velhotes é uma santa

gente, a verdade é a verdade! E come-se bem!

E voltando-se para o trintanario, batendo-lhe no hombro, com uma voz

que o admirava e que o invejava:

--Mas isto sim! Isto é que é leval-a!

O rapazola sorriu com satisfação:

--Ora! são mais as vozes do que as nozes!

--Vá lá, mostra lá--disse o da gravata branca tocando-lhe com o

cotovêlo--mostra lá!

O rapaz fez-se rogado, e depois de gingar da cintura, arregaçando a

blusa, tirou do bolso do collete de riscadinho um relogio d'ouro.

--Muito bonito! Rica prenda!--disseram as duas mulheres.

--Suor do meu rosto--fez elle, acariciando o queixo.

O da gravata branca indignou-se:

--Ora seu marôto!--E baixo para as raparigas:--Suor do seu rosto,

hein!--É o seraphim da patrôa, uma senhora da alta que aquillo são tudo

sêdas, muitissimo boa mulher, um bocado entradota, mas muitissimo boa

mulher, recebe d'estas lembranças, um relogio d'um par de moedas--e

ainda falla!

O rapazola disse então, enterrando as mãos na algibeira:

--E se quizer agora, ha-de largar a corrente!

--Ha-de-lhe custar muito!--exclamou o da gravata branca.--Uma gente que

tem ahi pela baixa correntezas de casas! Metade da rua dos Retrozeiros

é d'ella!

--Mas muito agarrada!--disse o rapazola. E bamboleando o corpo, com o

cigarro ao canto da bocca:--Estou com ella ha dous mezes, e ainda se

não desabotoou senão com o relogio e tres libras em ouro!... Que eu,

como quem diz, um dia passo-lhe o pé!--E cofiando o cabello para a

testa:--Não faltam mulheres! e das que tem \_Dom\_!

Mas a tia Victoria entrou, muito azafamada, com o chale no braço; e

vendo Juliana:

--Olá! por cá! Tive que dar umas voltas, estou na rua desde as seis.

Bons dias, snr.^a Theodosia; bons dias, Anna. Viva, temos por cá o

alfenim! Entra cá p'ra dentro, Juliana! Eu já venho, meus pombinhos, é

um instante!

Levou-a para o outro quarto, para o lado do saguão:

--E então, que ha de novo?

Juliana pôz-se a contar longamente a \_scena\_ da vespera, o desmaio...

--Pois minha rica--disse a tia Victoria--o que está feito, está feito;

não ha tempo a perder; é mãos á obra! Tu vaes ao Brito, ao hótel, e

entendes-te com elle.

Juliana recusou-se logo: não se atrevia, tinha medo...

A tia Victoria reflectiu, coçando o ouvido; foi dentro, cochichou com o

tio Gouvêa, e voltando, fechando a porta do quarto:

--Arranja-se quem vá. Tens tu as cartas?

Juliana tirou da algibeira uma velha carteirinha de marroquim

escarlate. Mas hesitou um momento, olhou a tia Victoria com

desconfiança.

--Tens medo de largar os papeis, creatura?--exclamou offendida a

velha.--Arranja-te tu, então arranja-te tu...

Juliana deu-lh'as logo. Mas que as guardasse, que tivesse cautela!...

--A pessoa--disse a tia Victoria--vai ámanhã á noite fallar com o

Brito, e pede-lhe um conto de reis!

Juliana teve um deslumbramento. Um conto de reis! A tia Victoria estava

a brincar!

--Ora essa! Que pensas tu? Por uma carta, que quasi não tinha mal

nenhum, pagou uma pessoa que bate ahi o Chiado de carruagem--ainda

hontem a vi com uma pequerrucha que tem--pagou trezentos mil reis. E em

bellas notas. Pagou-os o janota, já se sabe, foi o janota que pagou. Se

fosse outro, não digo, mas o Brito! É rico, é um man-rôtas, cahe logo...

Juliana, muito branca, agarrou-lhe o braço, tremula:

--Oh tia Victoria, dava-lhe um córte de sêda.

--Azul! até já te digo a côr!

--Mas o Brito é homem muito teso, tia Victoria, se lhe tira as cartas,

se lhe faz alguma!

A tia Victoria fitou-a, com desdem:

--Sahes-me uma simploria! Imaginas que eu mando lá algum tolo? Nem as

cartas vão, o que vai é uma copia! Olha quem! O melro que lá ha-de ir!

E depois de reflectir um momento:

--Tu vai-te para casa...

--Não, lá isso não volto...

--Tambem tens razão. Até vêr em que param as modas, vem cá dormir.

Jantas cá hoje; tenho uma rica pescada...

--Mas não haverá perigo, tia Victoria, se o Brito vai á policia...

A tia Victoria encolheu os hombros, e impacientada:

--Olha, vai-te, que me estás a emphrenesiar! Policia! Qual policia!

Essas cousas levam-se lá á policia... Deixa a cousa commigo! Adeus--e

ás quatro para jantar, hein!

Juliana sahiu como levada pelo ar! Um conto de reis! \_Era o conto de

reis\_ que voltava, o que já um dia entrevira, que lhe fugira, que lhe

vinha agora cahir na mão, com um tlin-tlin de libras e um \_frou-frou\_

de notas! E o cerebro enchia-se-lhe confusamente de perspectivas

differentes, todas maravilhosas: um mostrador de capellista onda ella

venderia! um marido ao seu lado, ás horas da cêa! pares de botinas das

boas, das \_chics\_. Onde poria o dinheiro? No Banco? Não; no fundo da

arca--para estar mais seguro, mais á mão!

Para passar a sua manhã, comprou uma quarta de rebuçados, e foi-se

sentar no Passeio, com a sombrinha aberta, deliciando-se, ruminando

já a sua vida rica, julgando-se já senhora; mesmo fez olho a um

proprietario pacifico e rubicundo--que se afastou escandalisado!

Áquella hora Luiza acordava. E sentando-se bruscamente na cama:--É

hoje!--foi o seu primeiro pensamento. Um susto, uma tristeza horrivel

contrahiram-lhe o coração. Começou depois a vestir-se, muito nervosa

com a idéa de vêr Juliana! Estava mesmo imaginando fechar-se, não

almoçar, sahir pé ante pé ás onze horas, ir procurar Bazilio ao hotel,

quando a voz de Joanna disse á porta do quarto:

--A senhora faz favor?

Começou logo a contar, muito espantada, que a snr.^a Juliana tinha

sahido de manhã, ainda não voltára, estava tudo por arrumar...

--Bem, arranje-me o almoço, eu já vou...--Que allivio para ella!

Calculou logo que Juliana deixára a casa. Para que? Para lhe armar

alguma, de certo! O melhor era sahir immediatamente... Podia esperar

Bazilio no \_Paraiso\_.

Foi á sala de jantar, bebeu um gole de chá, de pé, á pressa.

--A snr.^a Juliana ter-lhe-ha dado alguma cousa?--veio dizer Joanna

assombrada.

Luiza encolheu os hombros, respondeu vagamente:

--Depois se saberá...

Era hora e meia, foi pôr o chapéo. O coração batia-lhe alto, e

apesar do terror de vêr entrar Juliana, não se decidia a sahir;

sentou-se mesmo, com o sacco de marroquim nos joelhos. Vamos! pensou

emfim.--Ergueu-se; mas parecia que alguma cousa de subtil e de forte

a prendia, a enleava... Entrou na alcova devagar: o seu roupão

estava cahido aos pés da cama, as suas chinellinhas sobre o tapete

felpudo...--Que desgraça! disse alto. Veio ao toucador, mexeu nos

pentes, abriu as gavetas; de repente entrou na sala, foi ao album,

tirou a photographia de Jorge, metteu-a toda tremula no sacco de

marroquim, olhou ainda em roda como desvairada, sahiu, atirou com a

porta, desceu a escada correndo.

Á Patriarchal passava um \_coupé de praça\_. Tomou-o, mandou-o ir ao

\_Hotel Central\_.

O snr. Brito sahira logo de manhã cedo, disse o porteiro muito

azafamado. De certo algum paquete chegára, porque entravam bagagens,

fortes malas cobertas d'oleado, caixas de madeira debruadas de ferro;

passageiros com ar espantado da chegada, ainda entontecidos do balouço

do mar, fallavam, chamavam. Aquelle movimento animou-a: veio-lhe um

desejo de viagens, do ruido nocturno das \_gares\_ á claridade do gaz, da

agitação alegre das partidas nas manhãs frescas, sobre o tombadilho dos

paquetes!

Deu ao cocheiro a adresse do \_Paraiso\_. E á maneira que o trem

trotava parecia-lhe que toda a sua vida passada, Juliana, a casa,

se esbatiam, se dissipavam n'um horisonte abandonado. Á porta d'um

livreiro julgou entrevêr Julião; debruçou-se pela portinhola,

precipitadamente; não o avistou, teve pena: ia-se sem vêr um amigo da

casa! Todos agora, Julião, Ernestinho, o Conselheiro, D. Felicidade lhe

pareciam adoraveis, com qualidades nobres, que nunca percebera, que

repentinamente tomavam um grande encanto. E o pobre Sebastião, tão bom!

Nunca mais lhe ouviria tocar a sua \_Malaguenha\_!

Ao fim da rua do Ouro o \_coupé\_ parou n'um embaraço de carroças,

e Luiza viu no passeio ao lado o Castro, o Castro dos oculos, o

banqueiro, o que Leopoldina lhe dizia que «tinha uma paixão por ella»:

um rapazito rôto offerecia-lhe cautelas; e o Castro nedio, com os dous

pollegares nas algibeiras do collete branco, dizia graças ao rapaz, com

um desdem ricaço, dardejando olhadellas sobre Luiza, através dos seus

oculos d'ouro. Ella, pelo canto do olho, observava-o: tinha uma paixão

por ella, aquelle homem, que horror! Achava-o medonho, com o seu ventre

pançudo, a perninha curta. A lembrança de Bazilio atravessou-a, a sua

linda figura!...--e bateu nos vidros impaciente, com pressa de o vêr.

O trem partiu emfim. O Rocio reluzia ao sol; do Americano, parado á

esquina, gente descia apressada, de calças brancas, vestidos leves,

vinda de Belem, de Pedrouços; pregões cantavam.--Todos alli ficavam nas

suas familias, nas suas felicidades, só ella partia!

Na rua Occidental, viu vir a D. Camilla--uma senhora casada com um

velho, illustre pelos seus amantes. Parecia gravida; e adiantava-se

devagar, com a face branca satisfeita, uma lassitude do corpo

arredondado, passeando um marmanjosinho de jaqueta côr de pinhão,

uma pequerrucha de sainhas tufadas, e adiante uma ama, vestida de

lavradeira, empurrava um carrinho de mão onde um bébé se babava. E

a Camilla, feliz, vinha tranquillamente pela rua expondo as suas

fecundidades adulteras! Era muito festejada, ninguem dizia mal d'ella;

era rica, dava \_soirées\_...--O que é o mundo!--pensava Luiza.

O trem parou á porta do \_Paraiso\_, era meio dia. A portinha em cima

estava fechada: e a patrôa appareceu logo, ciciando que «sentia

muitissimo, mas só o senhor é que tinha a chavesinha, se a senhora

quizesse descançar...» N'este momento outra carruagem chegou, e Bazilio

appareceu galgando os degraus.

--Até que emfim!--exclamou abrindo a porta.--Porque não vieste

hontem?...

--Ah! se tu soubesses...

E, agarrando-lhe os braços, cravando os olhos n'elle:

--Bazilio, sabes, estou perdida!

--Que ha?

Luiza atirára o sacco de marroquim para o canapé, e, d'um folego,

contou-lhe a historia da carta apanhada nos papeis, as d'elle roubadas,

a \_scena\_ no quarto...--O que me resta é fugir. Aqui estou. Leva-me. Tu

disseste que podias, tens-l'o dito muitas vezes. Estou prompta. Trouxe

aquelle sacco, com o necessario, lenços, luvas... hein?

Bazilio com as mãos nos bolsos, fazendo tilintar o dinheiro e as

chaves, seguia attonito os seus gestos, as suas palavras.

--Isso só a ti!--exclamou.--Que douda! Que mulher!--E muito

excitado:--Isso é lá questão de fugir? Que estás tu a fallar em fugir?

É uma questão de dinheiro. O que ella quer é dinheiro. É vêr quanto

quer, e pagar-se-lhe!

--Não, não!--fez Luiza--Não posso ficar!--Tinha uma afflicção na voz.

A mulher venderia a carta, mas conservava o segredo: a todo o tempo

podia fallar, Jorge saber: estava perdida, não tinha coragem de voltar

para casa!--Não sinto um momento de descanço, em quanto estiver em

Lisboa. Partimos hoje, sim? Se não pódes, ámanhã. Eu vou para algum

hotel, aonde ninguem saiba, escondo-me esta noite. Mas, ámanhã vamos.

Se elle sabe, mata-me, Bazilio! Sim, dize que sim!--Agarrára-se a elle,

procurava avidamente com os seus olhos o consentimento dos d'elle.

Bazilio desprendeu-se brandamente:

--Estás douda, Luiza, tu não estás em ti! Póde lá pensar-se em fugir!

Era um escandalo atroz, eramos apanhados de certo, com a policia, com

os telegraphos! É impossivel! Fugir é bom nos romances! E depois, minha

filha, não é um caso para isso! É uma simples questão de dinheiro...

Luiza fazia-se branca, ouvindo-o.

--E além d'isso--continuou Bazilio, muito agitado, pelo quarto--eu

não estou preparado, nem tu! Não se foge assim. Ficas desacreditada

para toda a vida, sem remedio, Luiza. Uma mulher que foge, deixa de

ser a snr.^a D. Fulana, é a Fulana, a que fugiu, a desavergonhada, uma

concubina! Eu tenho de certo de ir ao Brazil, onde has-de tu ficar?

Queres ir tambem, um mez n'um beliche, arriscar-te á febre amarella?

E se teu marido nos persegue se formos detidos na fronteira? Achas

bonito voltar entre dous policias, e ir passar um anno ao Limoeiro? O

teu caso é simplicissimo. Entendes-te com essa creatura, dá-se-lhe um

par de libras, que é o que ella quer, e ficas em tua casa, socegada,

respeitada como d'antes--sómente mais acautelada! Aqui está!

Aquellas palavras cahiam sobre os planos de Luiza, como machadadas que

derrubam arvores. Ás vezes a verdade que ellas continham atravessava-a

irresistivelmente, viva como um relampago, desagradavel como um gume

frio. Mas via n'aquella recusa uma ingratidão, um abandono. Depois

de se ter installado, pela imaginação, n'uma segurança feliz, longe,

em Paris--parecia-lhe intoleravel ter de voltar para casa, de cabeça

baixa, soffrer Juliana, esperar a morte; e os contentamentos que

entrevira n'aquelle outro destino, agora que lhe fugiam d'entre as

mãos, pareciam-lhe maravilhosos, quasi indispensaveis! E depois de que

servia resgatar a carta a dinheiro? A creatura saberia o seu segredo!

E a vida seria amarga, tendo sempre em volta de si aquelle perigo a

rondar!

Ficára calada, como perdida n'uma reflexão vaga; e de repente erguendo

a cabeça, com um olhar brilhante:

--Então, dize!...

--Mas estou-te a dizer, filha...

--Não queres?

--Não!--exclamou Bazilio com força.--Se tu estás douda, não estou eu!

--Oh! pobre de mim, pobre de mim!

Deixou-se cahir no sophá, tapou o rosto com as mãos. Soluços baixos

sacudiam-lhe o peito.

Bazilio sentou-se ao pé d'ella. Aquellas lagrimas mortificavam-no, e

impacientavam-no.

--Mas, santo nome de Deus, escuta-me!

Ella voltou para elle os olhos que reluziam sob o pranto:

--Para que dizias então, tantas vezes, que seriamos tão felizes, que se

eu quizesse...

Bazilio ergueu-se bruscamente:

--Pois tu pensaste em fugir, em te metter commigo n'um wagon, vir para

Paris, viver commigo, ser a minha amante?

--Sahi de casa p'ra sempre, ahi está o que eu fiz!

--Mas vaes voltar p'ra casa!--exclamou elle, quasi com colera.--Por que

havias de tu fugir? por amor? então deviamos ter partido ha um mez, não

ha razão agora para irmos. Para que, então? Para evitar um escandalo?

com um escandalo maior, não é verdade? um escandalo irreparavel,

medonho! Estou-te a fallar como um amigo, Luiza!--Tomou-lhe as mãos,

com muita ternura:--Tu imaginas que eu não seria feliz em ir viver

comtigo para Paris? Mas vejo os resultados, tenho outra experiencia. O

escandalo todo evita-se com umas poucas de libras. Tu imaginas que a

mulher vai-se pôr a fallar? O seu interesse é safar-se, desapparecer;

sabe perfeitamente o que fez, que te roubou, que usou de chaves falsas.

A questão é pagar-lhe.

Ella disse, com uma voz lenta:

--E o dinheiro, onde o tenho eu?

--Está claro que o dinheiro tenho-o eu!--E depois de uma pausa:--Não

muito, estou mesmo um pouco atrapalhado, mas emfim...--Hesitou,

disse:--se a creatura quizer duzentos mil reis, dão-se-lhe!

--E se não quizer?

--Que ha-de ella querer, então? Se roubou a carta é para a vender! Não

é para guardar um autographo teu!

Vinham-lhe palavras duras, passeava pelo quarto exasperado. Que

pretensão querer vir com elle para Paris, embaraçar-lhe para sempre

a sua vida! E que despeza tão tola, dar um 'rôr de libras a uma

ladra! Depois aquelle incidente, a carta de namoro roubada nos papeis

sujos, a criada, a chave falsa do gavetão dos vestidos--parecia-lhe

soberanamente burguez, um pouco pulha. E parando, para acabar:

--Emfim oferece-lhe trezentos mil reis, se quizeres. Mas pelo amor

de Deus, não faças outra; não estou para pagar as tuas distracções a

trezentos mil reis cada uma!

Luiza fez-se livida, como se elle lhe tivesse cuspido no rosto.

--Se é uma questão de dinheiro, eu o pagarei, Bazilio!

Não sabia como. Que lhe importava! Pediria, trabalharia, empenharia...

Não o aceitaria d'elle!

Bazilio encolheu os hombros:

--Estás-te a dar ares, onde o tens tu?

--Que te importa?--exclamou.

Bazilio coçou a cabeça, desesperado. E tomando-lhe as mãos, com uma

impaciencia reprimida:

--Estamos a dizer tolices, filha, estamos a irritar-nos... Tu não tens

dinheiro.

Ella interrompeu-o, agarrou-lhe violentamente o braço:

--Pois sim, mas falla tu a essa mulher, falla-lhe tu, arranja tudo. Eu

não a quero tornar a vêr. Se a vejo, morro, acredita. Falla-lhe tu!

Bazilio recuou vivamente, e batendo com o pé:

--Estás douda, mulher! Se eu lhe fallo, então pede tudo, então pede-me

a pelle! Isso é comtigo. Eu dou-te o dinheiro, tu arranja-te!

--Nem isso me fazes?

Bazilio não se conteve:

--Não! c'os diabos, não!

--Adeus!

--Tu estás fóra de ti, Luiza!

--Não. A culpa é minha--dizia, descendo o véo com as mãos tremulas--eu

é que devo arranjar tudo!

E abriu a porta. Bazilio correu a ella, prendeu-a por um braço.

--Luiza, Luiza! o que queres tu fazer? não podemos romper assim!

Escuta...

--Fujamos então, salva-me de todo!--gritou ella, abraçando-o

anciosamente.

--Caramba! Se te estou a dizer que não é possivel!

Ella atirou com a porta, desceu as escadas correndo. O coupé esperava-a.

--Para o Rocio--disse.

E deitando-se para o canto da carruagem, rompeu a chorar

convulsivamente.

Bazilio sahiu do \_Paraiso\_ muito agitado. As pretensões de Luiza, os

seus terrores burgueses, a trivialidade reles do caso, irritavam-no

tanto, que tinha quasi vontade de não voltar ao \_Paraiso\_, calar-se, e

\_deixar correr o marfim\_! Mas tinha pena d'ella, coitada! E depois, sem

a amar appetecia-a: era tão bem feita, tão amorosa, as revelações do

vicio davam-lhe um delirio tão adoravel! Um conchegosinho tão picante

em quanto estivesse em Lisboa... Maldita complicação! Ao entrar no

hotel, disse ao seu criado:

--Quando vier o snr. visconde Reynaldo, que vá ao meu quarto.

Estava alojado no segundo andar, com janellas para o rio. Bebeu um

calix de cognac, e estirou-se no sophá. Ao pé, na jardineira, tinha o

seu \_buvard\_ com um largo monogramma em prata sob a corôa de conde,

caixas de charutos, os seus livros--\_Mademoiselle Giraud ma femme\_,

\_La vierge de Mabille\_, \_Ces Frippones! Memoires secrètes d'une femme

de chambre\_, \_Le chien d'arrêt\_, \_Manuel du chasseur\_, numeros do

\_Figaro\_, a photographia de Luiza, e a photographia d'um cavallo.

E soprando o fumo do charuto, começou a considerar, com horror, a

«situação»! Não lhe faltava mais nada senão partir para Paris, com

aquelle trambolhosinho! Trazer uma pessoa, havia sete annos, a sua

vida tão arranjadinha, e patatrás! embrulhar tudo, porque á menina

lhe apanharam a carta de namoro e tem medo do esposo! Ora o descaro!

No fim, toda aquella aventura desde o começo fôra um erro! Tinha sido

uma idéa de burguez inflammado ir desinquietar a prima da Patriarchal.

Viera a Lisboa para os seus negocios, era tratal-os, aturar o calor

e o \_b[oe]uf à la mode\_ do Hotel Central, tomar o paquete, e mandar

a patria ao inferno!... Mas não idiota! Os seus negocios tinham-se

concluido,--e elle, burro, ficára alli a torrar em Lisboa, a gastar uma

fortuna em tipoias para o largo de Santa Barbara, para quê? Para uma

d'aquellas! Antes ter trazido a Alphonsine!

Que, verdade, verdade, em quanto estivesse em Lisboa o romance era

agradavel, muito excitante; porque era muito completo! Havia o

adulteriosinho, o incestosinho. Mas aquelle episodio agora estragava

tudo! Não, realmente, o mais razoavel era safar-se!

A sua fortuna tinha sido feita com negocio de borracha, no alto

Paraguay; a grandeza da especulação trouxera a formação d'uma

companhia, com capitaes brazileiros; mas Bazilio e alguns engenheiros

francezes queriam resgatar as acções brazileiras, «que eram um

\_empecilho\_», formar em Paris uma outra companhia, e dar ao negocio

um movimento mais ousado. Bazilio partira para Lisboa entender-se com

alguns brazileiros, e comprára as acções habilmente. A prolongação

d'aquelle incidente amoroso tornava-se uma perturbação na sua vida

pratica... E, agora que a aventura tomava um aspecto seccante, convinha

passar o pé!

A porta abriu-se e o visconde Reynaldo entrou--afogueado, de lunetas

azues, furioso.

Vinha de Bemfica! Morto, absolutamente morto com aquelle calor, d'um

paiz de negros. Tivera a estupida idéa de ir visitar uma tia--que o

fizera logo membro d'uma associação para não sei que diabo de que

creche, e que lhe prégára moral! Tambem que idéa de collegial--ir

visitar a tia! Porque realmente, se havia uma cousa que lhe causasse

repugnancia, eram as ternuras de familia!

--E tu, que queres tu? Eu vou-me metter n'um banho até ao jantar!

--Sabes o que me succede?--disse Bazilio, erguendo-se.

--O quê?

--Imagina. O caso mais estupido.

--O marido apanhou-te?

--Não, a criada!

--\_Shocking!\_--exclamou Reynaldo com nôjo.

Bazilio contou miudamente «o caso». E cruzando os braços diante d'elle:

--E agora?

--Agora é safar-te!

E levantou-se.

--Onde vaes tu?

--Vou ao banho.

Que esperasse, que diabo, queria fallar com elle...

--Não posso!--exclamou Reynaldo com um egoismo phrenetico.--Vem tu cá

abaixo! Posso perfeitamente conversar na agua!

Sahiu, berrando por William, o seu criado inglez.

Quando Bazilio desceu aos banhos, Reynaldo estirado com voluptuosidade

na tina, d'onde sahia um forte cheiro d'agua de Lubin, exclamou,

deleitando-se no seu conforto:

--Então cartinha apanhada nos papeis sujos!

--Não, Reynaldo, mas francamente estou embaraçado; que achas tu que eu

faça?

--As malas, menino!

E sentado na tina, ensaboando devagar o seu corpo magro:

--Ahi está o que é fazer amor ás primas da Patriarchal Queimada!

--Oh!--fez Bazilio, impaciente.

--Oh quê?--E, coberto de flocos d'espuma, com as mãos apoiadas ao

rebordo de marmore da tina:--Pois tu achas isso decente, uma mulher

que toma a cozinheira por confidente, que lhe está na mão, que perde a

carta nos papeis sujos, que chora, que pede duzentos mil reis, que se

quer safar--isso é lá amante, isso é lá nada! Uma mulher que, como tu

mesmo disseste, usa meias de tear!

--Meu rico, é uma mulher deliciosa!

O outro encolheu os hombros, descrente.

Bazilio deu logo provas: descreveu bellezas do corpo de Luiza; citou

episodios lascivos.

O tecto e os tabiques envernizados de branco reflectiam a luz, com tons

macios de leite; a exhalação da agua tepida augmentava o calor morno; e

um cheiro fresco de sabão e agua de Lubin adoçava o ar.

--Bem! estás pelo beiço--resumiu Reynaldo com tedio, estirando-se.

Bazilio teve um movimento d'hombros, que repellia aquella supposição

grotesca.

--Mas dize, então, queres ficar-lhe agarrado ás saias ou queres

desembaraçar-te d'ella? Mas a verdade, venha a verdade!

--Eu--disse logo Bazilio, chegando-se á tina, baixo--se me podesse

desembaraçar decentemente...

--Oh desgraçado! tens uma occasião divina! Ella sahiu como uma bicha,

dizes tu. Bem; escreve-lhe uma carta, «que vendo que ella deseja

romper, não a queres importunar, e partes». Os teus negocios estão

concluidos, não é verdade? Escusas de negar, o Lapierre disse-me que

sim. Bem, então sê decente: manda fazer as malas, e livra-te da sarna!

E tomando a esponja, deixava cahir grandes golpes d'agua pela cabeça,

pelos hombros, soprando, regalado na frescura aromatica.

--Mas tambem--disse Bazilio--deixal-a agora n'aquella atrapalhação com

a criada! No fim é minha prima...

Reynaldo agitou os braços, com hilaridade.

--Esse espirito de familia é optimo! Vai lá, idiota, dize-lhe que és

obrigado a partir, os teus negocios, etc., e mette-lhe umas poucas de

notas na mão.

--É brutal...

--É caro!

Bazilio disse então:

--Olha que tambem é uma dos diabos, a pobre rapariga apanhada pela

criada...

Reynaldo estirou-se mais, e disse com jubilo:

--Estão a estas horas a esgadanharem-se uma á outra!

Recostou-se, n'uma beatitude: quiz saber as horas; declarou que estava

confortavel, que se sentia feliz! Com tanto que o John se não tivesse

esquecido de \_frapper\_ o champagne!

Bazilio torcia o bigode, calado. Revia a sala de Luiza de reps verde,

a figura horrivel de Juliana com a sua enorme cuia... Estariam com

effeito a ralhar, a descompôr-se? Que \_pulhice\_ que era tudo aquillo!

Positivamente devia partir.

--Mas que pretexto lhe hei-de eu dar para sahir de Lisboa?

--Um telegramma! Não ha nada como um telegramma! Telegrapha já ao teu

homem em Paris, ao Labachardie, ou Labachardette, ou o que é, que te

mande logo este despacho: «Parta, negocios maus, etc.» É o melhor!

--Vou fazel-o--disse Bazilio erguendo-se, muito decidido.

--E partimos ámanhã?--gritou Reynaldo.

--Ámanhã.

--Por Madrid?

--Por Madrid.

--\_Salero!\_--Pôz-se de pé, na tina, enthusiasmado, a escorrer, e

com movimentos aduncos de magricella saltou para fóra, embrulhou-se

no roupão turco. O seu criado William entrou logo, subtilmente,

ajoelhou-se, tomou-lhe um pé entre as mãos, seccou-lh'o com precauções,

pôz-se respeitosamente a calçar-lhe a meia de sêda preta com

ferradurinhas bordadas.

Na manhã seguinte, um pouco antes do meio dia, Joanna veio bater

discretamente á porta do quarto de Luiza, e com a voz baixa--desde o

desmaio fallava-lhe sempre baixo, como a uma convalescente:

--Está alli o primo da senhora.

Luiza ficou surprehendida. Estava ainda de \_robe de chambre\_, e tinha

os olhos vermelhos de chorar; pôz n'um instante um pouco de pó d'arroz,

alisou o cabello, entrou na sala.

Bazilio, vestido de claro, sentára-se melancolicamente no môcho do

piano. Trazia um ar grave, e, sem transição, começou a dizer:--que

apesar d'ella se ter zangado na vespera, elle considerava ainda tudo

«como d'antes». Viera porque n'aquelle momento não se podiam separar

sem algumas explicações, sobretudo sem resolver definitivamente o caso

da carta... E com um gesto triste, como contendo lagrimas:

--Porque eu vejo-me forçado a sahir de Lisboa, minha querida!

Luiza, sem olhar para elle, fez um sorriso mudo, muito desdenhoso.

Bazilio acrescentou logo:

--Por pouco tempo, naturalmente, tres semanas ou um mez... Mas enfim

tenho de partir... Se fossem só os meus interesses!--Encolheu os

hombros com desdem.--Mas são interesses d'outros... E aqui está o que

eu recebi esta manhã.

Estendeu-lhe um telegramma. Ella conservou-o um momento, sem o abrir; a

sua mão fazia tremer o papel.

--Lê, peço-te que leias!

--Para que?--fez ella.

Mas leu baixo: «Venha, graves complicações. Presença absolutamente

necessaria. Parta já.»

Dobrou o papel, entregou-lh'o.

--E partes, hein?

--É forçoso.

--Quando?

--Esta noite.

Luiza ergueu-se bruscamente, e estendendo-lhe a mão:

--Bem, adeus.

Bazilio murmurou:

--És cruel, Luiza!... Não importa! Em todo o caso ha um negocio que é

necessario terminar. Fallaste á mulher?

--Está tudo arranjado--respondeu ella, franzindo a testa.

Bazilio tomou-lhe a mão, e quasi com solemnidade:

--Minha filha, eu sei que és muito orgulhosa, mas peço-te que digas a

verdade. Eu não te quero deixar em difficuldades. Fallaste-lhe?

Ella retirou a mão, e com uma impaciencia crescente:

--Arranjou-se tudo, arranjou-se tudo!...

Bazilio parecia muito embaraçado, estava mesmo um pouco pallido: emfim,

tirando uma carteira da algibeira, começou:

--Em todo o caso é possivel, é natural (nós não sabemos com quem

lidamos), é natural que haja outras exigencias...--Abriu a carteira,

tomou um sobrescripto pequenino e cheio.

Luiza seguia, fazendo-se vermelha, os movimentos de Bazilio.

--Por isso, para te poderes entender melhor com ella, sempre me parece

bom deixar-te algum dinheiro.

--Tu estás doudo?--exclamou ella.

--Mas...

--Tu queres-me dar dinheiro?--A sua voz tremia.

--Mas emfim...

--Adeus!--E ia sahir da sala, indignada.

--Luiza, pelo amor de Deus! Tu não me comprehendeste...

Ella parou, disse precipitadamente, como impaciente por acabar:

--Comprehendi, Bazilio, obrigada. Mas não, não é necessario. Estou

nervosa, é o que é... Não prolonguemos mais isto... Adeus...

--Mas sabes que volto, dentro de tres semanas...

--Bem, então nos veremos...

Elle attrahiu-a, deu-lhe um beijo na bocca, encontrou os seus labios

passivos e inertes.

Aquella frieza irritou-lhe a vaidade. Apertou-a contra o peito;

disse-lhe baixo, pondo muita paixão na voz:

--Nem um beijo me queres dar?

Nos olhos de Luiza passou um ligeiro clarão; beijou-o rapidamente, e

recuando:

--Adeus.

Bazilio esteve um momento a olhal-a, teve como um leve suspiro:

--Adeus!--E da porta, voltando-se, com melancolia:--Escreve-me ao

menos. Sabes a minha morada. Rue Saint Florentin, 22.

Luiza chegou-se á janella. Viu-o accender o charuto na rua, fallar ao

cocheiro, saltar para o coupé, fechar com força a portinhola, sem um

olhar para as janellas!

O trem rolou. Era o n.^o 10... Nunca mais o veria! Tinham palpitado

no mesmo amor, tinham commettido a mesma culpa.--Elle partia alegre,

levando as recordações romanescas da aventura: ella ficava, nas

amarguras permanentes do erro. E assim era o mundo!

Veio-lhe um sentimento pungente de solidão e de abandono. Estava só, e

a vida apparecia-lhe como uma vasta planicie desconhecida, coberta da

densa noite, erriçada de perigos!

Entrou no quarto devagar, foi-se deixar cahir no sophá: viu ao pé o

sacco de marroquim, que preparára na vespera para fugir: abriu-o,

pôz-se a tirar lentamente os lenços, uma camisinha bordada,--encontrou

a photographia de Jorge! Ficou com ella na mão, contemplando o seu

olhar leal, o seu sorriso bom.--Não, não estava no mundo só! Tinha-o

a elle! Amava-a aquelle, nunca a trahiria, nunca a abandonaria!--E

collando os beiços ao retrato, humedecendo-o de beijos convulsivos,

atirou-se de bruços, lavada em lagrimas, dizendo:--Perdôa-me, Jorge,

meu Jorge, meu querido Jorge, Jorge da minha alma!

Depois de jantar Joanna veio dizer-lhe timidamente:

--A senhora não lhe parece que seria bom ir saber da snr.^a Juliana?

--Mas onde quer vossê ir saber?--perguntou Luiza.

--Ella ás vezes vai a casa d'uma amiga, uma inculcadeira, para os

lados do Carmo. Talvez lhe tivesse dado alguma, esteja mal. Mas tambem

não mandar recado desde hontem pela manhã... Cousa assim! Eu podia ir

saber...

--Pois bem, vá, vá.

Aquella desapparição brusca inquietava tambem Luiza. Onde estava,

que fazia? Parecia-lhe que alguma cousa se tramava em segredo,

longe d'ella, que viria de repente estalar-lhe sobre a cabeça,

terrivelmente...

Anoiteceu. Accendeu as velas. Tinha um certo medo de estar assim só

em casa: e, passeando pelo quarto, pensava que áquella hora Bazilio

em Santa Apolonia comprava alegremente o seu bilhete, installava-se

no wagon, accendia o charuto, e d'ahi a pouco, a machina arquejando

leval-o-hia para sempre! Porque não acreditava «na demora de tres

semanas, um mez»! Ia para sempre, safava-se! E apesar de o detestar

sentia que alguma cousa dentro em si se partia com aquella separação, e

sangrava dolorosamente!

Eram quasi nove horas quando a campainha retiniu com pressa. Julgou

que seria Joanna de volta, foi abrir com um castiçal,--e recuou vendo

Juliana, amarella, muita alterada.

--A senhora faz favor de me dar uma palavra?

Entrou no quarto atraz de Luiza, e immediatamente rompeu, gritando,

furiosa:

--Então a senhora imagina que isto ha-de ficar assim? A senhora imagina

que por seu amante se safar, isto ha-de ficar assim?

--Que é, mulher?--fez Luiza, petrificada.

--Se a senhora pensa, que por o seu amante se safar, isto ha-de ficar

em nada?--berrou.

--Oh mulher, pelo amor de Deus!...

A sua voz tinha tanta angustia que Juliana calou-se.

Mas depois de um momento, mais baixo:

--A senhora bem sabe que se eu guardei as cartas, para alguma cousa

era! Queria pedir ao primo da senhora que me ajudasse! Estou cançada

de trabalhar, e quero o meu descanço. Não ia fazer escandalo, o que

desejava é que elle me ajudasse... Mandei ao hótel esta tarde... O

primo da senhora tinha desarvorado! Tinha ido para o lado dos Olivaes,

para o inferno! E o criado ia á noite com as malas. Mas a senhora

pensa que me logram?--E retomada pela sua colera, batendo com o punho

furiosamente na mesa:--Raios me partam, se não houver uma desgraça

n'esta casa, que ha-de ser fallada em Portugal!

--Quanto quer vossê pelas cartas, sua ladra?--disse Luiza, erguendo-se

direita, diante d'ella.

Juliana ficou um momento interdicta.

--A senhora ou me dá seiscentos mil reis, ou eu não largo os

papeis!--respondeu, empertigando-se.

--Seiscentos mil reis! Onde quer vossê que eu vá buscar seiscentos mil

reis?

--Ao inferno!--gritou Juliana.--Ou me dá seiscentos mil reis, ou tão

certo como eu estar aqui, o seu marido ha-de lêr as cartas!

Luiza deixou-se cahir n'uma cadeira, aniquilada.

--Que fiz eu para isto, meu Deus, que fiz para isto?

Juliana plantou-se-lhe diante, muito insolente.

--A senhora diz bem, sou uma ladra, é verdade, apanhei a carta no

cisco, tirei as outras do gavetão. É verdade! E foi para isto, para

m'as pagarem!--E traçando, destraçando o chale, n'uma excitação

phrenetica:--Não que a minha vez havia de chegar! Tenho soffrido muito,

estou farta! Vá buscar o dinheiro onde quizer. Nem cinco reis de menos!

Tenho passado annos e annos a ralar-me! P'ra ganhar meia moeda por mez,

estafo-me a trabalhar, de madrugada até á noite, em quanto a senhora

está de panria! É que eu levanto-me ás seis horas da manhã--e é logo

engraxar, varrer, arrumar, labutar, e a senhora está muito regalada em

valle de lençoes, sem cuidados, nem canceiras. Ha um mez que me ergo

com o dia, p'ra metter em gomma, passar, engommar! A senhora suja,

suja, quer ir vêr quem lhe parece, apparecer-lhe com tafularias por

baixo, e cá está a negra, com a pontada no coração, a matar-se, com o

ferro na mão! E a senhora, são passeios, tipoias, boas sêdas, tudo o

que lhe appetece--e a negra? A negra a esfalfar-se!

Luiza, quebrada, sem força de responder, encolhia-se sob aquella colera

como um passaro sob um chuveiro. Juliana ia-se exaltando com a mesma

violencia da sua voz. E as lembranças das fadigas, das humilhações,

vinham atear-lhe a raiva, como achas n'uma fogueira.

--Pois que lhe parece?--exclamava.--Não que eu cômo os restos e a

senhora os bons bocados! Depois de trabalhar todo o dia, se quero uma

gota de vinho, quem m'o dá? Tenho de o comprar! A senhora já foi ao

meu quarto? É uma enxovia! A persevejada é tanta que tenho de dormir

quasi vestida! E a senhora se sente uma mordedura, tem a negra de

desaparafusar a cama, e de a catar frincha por frincha. Uma criada!

A criada é o animal. Trabalha se pódes, senão rua, para o hospital.

Mas chegou-me a minha vez--e dava palmadas no peito, fulgurante de

vingança.--Quem manda agora, sou eu!

Luiza soluçava baixo.

--A senhora chora! tambem eu tenho chorado muita lagrima! Ai! eu não

lhe quero mal, minha senhora, certamente que não! Que se divirta, que

goze, que goze! O que eu quero é o meu dinheiro. O que eu quero é o meu

dinheiro aqui escarrado, ou o papel ha-de ser fallado! Ainda este tecto

me rache, se eu não fôr mostrar a carta ao seu homem, aos seus amigos,

á visinhança toda, que ha-de andar arrastada pelas ruas da amargura!

Calou-se, exhausta; e com a voz entrecortada de cansaços:

--Mas dê-me a senhora o meu dinheiro, o meu rico dinheiro, e aqui

tem os papeis, e o que lá vai, lá vai, e até lhe levo outras. Mas o

meu dinheiro p'ra aqui! E tambem lhe digo, que morta seja eu n'este

instante com um raio, se depois de eu receber o meu dinheiro esta bocca

se torna a abrir!--E deu uma palmada na bocca.

Luiza erguera-se devagar, muito branca:

--Pois bem--disse, quasi n'um murmurio--eu lhe arranjarei o dinheiro.

Espere uns dias.

Fez-se um silencio--que depois do ruido parecia muito profundo, e tudo

no quarto como que se tornára mais immovel. Apenas o relogio batia o

seu \_tic-tac\_, e duas velas sobre o toucador consumindo-se davam uma

luz avermelhada, e direita.

Juliana tomou a sombrinha, traçou o chale, e depois de fitar Luiza um

momento:

--Bem, minha senhora--disse, muito secca.

Voltou as costas, sahiu.

Luiza sentiu-a bater a cancella com força.

--Que expiação, Santo Deus!--exclamou, cahindo n'uma cadeira, banhada

de novo em lagrimas.

Eram quasi dez horas quando Joanna voltou.

--Não pude saber nada, minha senhora, na inculcadeira ninguem sabe

d'ella.

--Bem, traga a lamparina.

E Joanna ao despir-se no seu quarto, rosnava comsigo:

--A mulher tem arranjo, está mettida por ahi com algum sucio!

Que noite para Luiza! A cada momento acordava n'um sobresalto, abria

os olhos na penumbra do quarto, e cahia-lhe logo na alma, como uma

punhalada, aquelle cuidado pungente: Que havia de fazer? Como havia

d'arranjar dinheiro? Seiscentos mil reis! As suas joias valiam talvez

duzentos mil reis. Mas depois, que diria Jorge? Tinha as pratas... Mas

era o mesmo!

A noite estava quente, e na sua inquietação a roupa escorregára, apenas

lhe restava o lençol sobre o corpo. Ás vezes a fadiga readormecia-a

d'um somno superficial, cortado de sonhos muitos vivos. Via montões

de libras reluzirem vagamente, maços de notas agitarem-se brandamente

no ar. Erguia-se, saltava para as agarrar, mas as libras começavam a

rolar, a rolar como infinitas rodinhas sobre um chão liso, e as notas

desappareciam, voando muito leves com um fremito de azas ironicas. Ou

então era alguem que entrava na sala, curvava-se respeitosamente, e

começava a tirar do chapéo, a deixar-lhe cahir no regaço libras, moedas

de cinco mil reis, peças, muitas, muitas, profusamente: não conhecia o

homem: tinha um chinó vermelho e uma pera impudente. Seria o diabo? Que

lhe importava? Estava rica, estava salva! Punha-se a chamar, a gritar

por Juliana, a correr atraz d'ella, por um corredor que não findava, e

que começava a estreitar-se, a estreitar-se, até que era como uma fenda

por onde ella se arrastava de esguelha, respirando mal, e apertando

sempre contra si o montão de libras que lhe punha frialdades de metal

sobre a pelle núa do peito. Acordava assustada: e o contraste da sua

miseria real com aquellas riquezas do sonho era como um acrescimo de

amargura. Quem lhe poderia valer?--Sebastião! Sebastião era rico, era

bom. Mas mandal-o chamar, e dizer-lhe ella, ella Luiza, mulher de

Jorge:--Empreste-me seiscentos mil reis.--Para quê, minha senhora?

E podia lá responder: para resgatar umas cartas que escrevi ao meu

amante. Era lá possivel! Não, estava perdida. Restava-lhe ir para um

convento.

A cada momento voltava o travesseirinho que lhe escaldava o rosto:

atirou a touca, os seus longos cabellos soltaram-se, prendeu-os ao

acaso com um gancho; e de costas, com a cabeça sobre os braços nús,

pensava amargamente no romance de todo aquelle verão,--a chegada de

Bazilio, o passeio ao Campo Grande, a primeira visita ao \_Paraiso\_...

Onde iria elle, aquelle infame? Dormindo tranquillamente nas almofadas

do wagon!

E ella alli, na agonia!

Atirou o lençol, abafava. E descoberta, mal se distinguindo da alvura

da roupa, adormeceu quando a madrugada rompia.

Acordou tarde, succumbida. Mas logo na sala de jantar a belleza da

manhã gloriosa reanimou-a. O sol entrava abundante e radioso pela

janella aberta; os canarios faziam um concerto; da forja ao pé sahia um

martellar jovial; e o largo azul vigoroso levantava as almas.--Aquella

alegria das cousas deu-lhe como uma coragem inesperada. Não se havia de

abandonar a uma desesperança inerte... Que diabo! Devia luctar!

Vieram-lhe esperanças, então. Sebastião era bom, Leopoldina tinha

expedientes, havia outras possibilidades, o acaso mesmo: e tudo isto

podia, em definitiva, formar seiscentos mil reis, salval-a! Juliana

desappareceria, Jorge voltaria!--E, alvoraçada, via perspectivas de

felicidades possiveis reluzirem, no futuro, deliciosamente.

Ao meio dia veio o criadito de Sebastião: o senhor tinha chegado

d'Almada, desejava saber como a senhora estava.

Correu ella mesma á porta; que pedia ao snr. Sebastião, que viesse logo

que podesse!

Acabou-se! Sentia-se resoluta, ia fallar a Sebastião... No fim era o

que lhe restava: contar ella tudo a Sebastião, ou que a outra contasse

tudo a seu marido. Impossivel hesitar! E depois podia attenuar, dizer

que fôra só uma correspondencia platonica... A partida de Bazilio,

além d'isso, fazia d'aquelle erro um facto passado, quasi antigo... E

Sebastião era tão amigo d'ella!

Veio, era uma hora. Luiza que estava no quarto sentiu-o entrar, e só

o som dos seus passos grossos no tapete da sala deu-lhe uma timidez,

quasi um terror. Parecia-lhe agora muito difficil, terrivel de dizer...

Preparára phrases, explicações, uma historia de galanteio, de cartas

trocadas; e estava com a mão no fecho da porta, a tremer. Tinha medo

d'elle! Ouvia-o passear pela sala; e receando que a impaciencia lhe

désse mau humor, entrou.

Afigurou-se-lhe mais alto, mais digno: nunca o seu olhar lhe parecera

tão recto, e a sua barba tão séria!

--Então que é? precisa alguma cousa?--perguntou-lhe elle depois das

primeiras palavras sobre Almada, sobre o tempo.

Luiza teve uma cobardia indominavel, respondeu logo:

--É por causa de Jorge!

--Aposto que não lhe tem escripto?

--Não.

--Esteve muito tempo sem me escrever tambem.--E rindo:--Mas hoje recebi

duas cartas por atacado.

Procurou-as entre outros papeis que tirou da algibeira. Luiza fôra

sentar-se no sophá; olhava-o com o coração aos pulos, e as suas unhas

impacientes raspavam devagarinho o estôfo.

--É verdade--dizia Sebastião, revolvendo o maço de papeis.--Recebi

duas, falla em voltar, diz que está muito seccado...--E estendendo uma

carta a Luiza:--Póde vêr.

Luiza desdobrára-a, e começava a lêr; mas Sebastião, estendendo a mão

precipitadamente:

--Perdão, não é essa!

--Não, deixe vêr...

--Não diz nada, são negocios...

--Não, quero vêr!

Sebastião, sentado á beira da cadeira, coçava a barba, olhando-a, muito

contrariado. E Luiza de repente, franzindo a testa:

--O quê?--A leitura espalhava-lhe no rosto uma surpreza

irritada.--Realmente!...

--São tolices, são tolices!--murmurava Sebastião, muito vermelho.

Luiza pôz-se então a lêr alto, devagar:

«Saberás, amigo Sebastião, que fiz aqui uma conquista. Não é o que se

póde chamar uma princeza, porque é nem mais nem menos que a mulher

do estanqueiro. Parece estar abrazada no mais impuro fogo, por este

seu criado. Deus me perdôe, mas desconfio até que me leva apenas um

vintem pelos charutos de pataco, fazendo assim ao esposo, o digno

Carlos, a dupla partida de lhe arruinar a felicidade e a tenda!»--Que

graça!--murmurou Luiza, furiosa.--«Receio muito que se repita commigo

o caso biblico da mulher de Putiphar. Acredita que ha um certo merito

em lhe resistir, porque a mulher, estanqueira como é, é lindissima. E

tenho medo que succeda algum fracasso á minha pobre virtude...»

Luiza interrompeu-se, e olhou Sebastião com um olhar terrivel.

--São brincadeiras!--balbuciou elle.

Ella seguiu, lendo: «Olha se a Luiza soubesse d'esta aventura! De

resto, o meu successo não pára aqui: a mulher do delegado faz-me um

olho dos diabos! É de Lisboa, d'uma gente Gamacho, que parece que mora

para Belem, conheces? e dá-se ares de morrer de tedio, na tristeza

provinciana da localidade. Deu uma \_soirée\_ em minha honra, e em minha

honra, creio tambem, decotou-se. Muito bonito collo»--Luiza fez-se

escarlate--«e uma queda do diabo...»

--Está doudo!--exclamou ella.--«E aqui tens o teu amigo feito um D.

Juan do Alemtejo, e deixando um rasto de chammas sentimentaes por essa

provincia fóra! O Pimentel recommenda-se...»

Luiza ainda leu baixo algumas linhas, e erguendo-se bruscamente, dando

a carta a Sebastião:

--Muito bem, diverte-se!--disse com uma voz sibilante.

--São lá cousas que se tomem a serio! Não deve tomar a serio...

--Eu!--exclamou ella.--Acho muito natural até!

Sentou-se, começou, com volubilidade, a fallar d'outras cousas, de D.

Felicidade, de Julião...

--Trabalha muito agora para o concurso--disse Sebastião.--Quem não

tenho visto é o Conselheiro.

--Mas, quem é essa gente Gamacho, de Belem?

Sebastião encolheu os hombros--e com um ar quasi reprehensivo:

--Ora realmente tomou a serio...

Luiza interrompeu-o:

--Ah! sabe? Meu primo Bazilio partiu.

Sebastião teve um alvoroço d'alegria.

--Sim?

--Foi para Paris, não creio que volte.--E depois d'uma pausa, parecendo

ter esquecido Jorge, e a carta:--Só em Paris está bem... Estava no

ar p'ra partir.--Acrescentou com pancadinhas leves nas pregas do

vestido:--Precisava casar, aquelle rapaz.

--P'ra assentar--disse Sebastião.

Mas Luiza não acreditava que um homem que gostava tanto de viagens, de

cavallos, d'aventuras, podesse dar um bom marido.

Sebastião era d'opinião que ás vezes socegavam, e eram homens de

familia...

--Teem mais experiencia--disse.

--Mas um fundo leviano--observou ella.

E depois d'estas palavras vagas calaram-se com embaraço.

--Eu a fallar a verdade--disse então Luiza--estimei que meu primo

partisse... Como tinha havido essas tolices na visinhança...

Ultimamente mesmo quasi que o não vi. Esteve ahi hontem, veio

despedir-se, fiquei surprehendida...

Estava tornando impossivel a historia d'um galanteio platonico, cartas

trocadas--mas um sentimento mais forte que ella impellia-a a attenuar,

distanciar as suas relações com Bazilio. Acrescentou mesmo:

--Eu sou amiga d'elle, mas somos muito differentes... Bazilio é

egoista, pouco affeiçoado... De resto a nossa intimidade nunca foi

grande...

Calou-se bruscamente, sentiu que «se enterrava».

Sebastião lembráva-se ouvir-lhe dizer «que tinham sido creados ambos de

pequenos»; mas emfim aquella maneira de fallar do primo, parecia-lhe

a prova maior de que «não houvera nada». Quasi se queria mal pelas

duvidas, que tivera, tão injustas!...

--E volta?--perguntou.

--Não me disse, mas não creio. Em se pilhando em Paris!

E com a idéa da carta, de repente:

--Então o Sebastião é confidente de Jorge?

Elle riu:

--Oh minha senhora! pois acredita...

--E a mim quando me escreve, que se aborrece, que está só, que não

supporta o Alemtejo...--Mas vendo Sebastião olhar o relogio:--O que,

já? É cedo.

Tinha d'estar na baixa antes das tres, disse elle.

Luiza quiz retel-o. Não sabia para quê--porque a cada momento sentia

a sua resolução diminuir, desapparecer como a agua d'um rio que se

absorve no seu leito. Pôz-se a fallar-lhe das obras d'Almada.

Sebastião começára-as pensando que duzentos ou trezentos mil reis

fariam as restaurações necessarias: mas depois umas cousas tinham

trazido outras--e, dizia, está-se-me tornando um sorvedouro!

Luiza riu, forçadamente.

--Ora, quando se é proprietario e rico!...

--Isso sim! Parece que não é nada: mas uma pintura n'uma porta, uma

janella nova, uma sala forrada de papel, um soalho, e isto e aquillo, e

lá se vão oitocentos mil reis... Emfim!...

Levantou-se, e despedindo-se:

--Eu espero que aquelle vadio se não demore muito...

--Se a estanqueira der licença...

Ficou a passear na sala, nervosa, com aquella idéa. Deixar-se namorar

pela estanqueira, e a mulher do delegado, e as outras!... De certo,

tinha confiança n'elle, mas os homens!... De repente representou-se-lhe

a estanqueira prendendo-o nos braços detraz do balcão, ou Jorge

beijando, n'alguma entrevista, de noite, o collo bonito da mulher

do delegado!... E tumultuosamente appareceram-lhe todas as razões

que provavam irrecusavelmente a traição de Jorge: estava ha dous

mezes fóra! sentia-se cançado da sua viuvez! encontrava uma mulher

bonita! tomava aquillo como um prazer passageiro, sem importancia!...

Que infame! Resolveu escrever-lhe uma carta digna e offendida, «que

viesse immediatamente, ou que partia ella!»--Entrou no quarto, muito

excitada. A photographia de Jorge, que ella tirára na vespera do sacco

de marroquim, ficára no toucador. Pôz-se a olhal-a: não admirava que o

namorassem, era bonito, era amavel... Veio-lhe uma onda de ciume, que

lhe obscureceu o olhar: se elle a enganasse, se tivesse a certeza da

«mais pequena cousa»--separava-se, recolhia-se a um convento, morria de

certo, matava-o!...

--Minha senhora--veio dizer Joanna--é um gallego com esta carta. Está á

espera da resposta.

Que espanto! Era de Juliana!

Escripta em papel pautado, n'uma letra medonha, erriçada de erros

d'orthographia, dizia:

«Minha senhora.

«Bem sei que fui imprudente, o que a senhora deve attribuir tanto á

minha desgraça como á falta de saude, o que ás vezes faz que se tenham

genios repentinos. Mas se a senhora quer que eu volte e faça o serviço

como d'antes--ao qual creio que a senhora não póde oppôr-se, terei

muito gosto em ser agradavel na certeza que nunca mais se fallará em

tal até que a senhora queira, e cumpra o que prometteu. Prometto fazer

o meu serviço, e desejo que a senhora esteja por isto pois que é para

bem de todos. Pois que foi genio e naturalmente todos teem os seus

repentes, e com isto não canço mais e sou

«Serva muito obediente

«a criada

«\_Juliana Couceiro Tavira\_.»

Ficou com a carta na mão, sem resolução. A sua primeira vontade foi

dizer--não! Tornar a recebel-a, vêl-a, com a sua face horrivel, a cuia

enorme! Saber que ella tinha no bolso a sua carta, a sua deshonra,

e chamal-a, pedir-lhe agua, a lamparina, ser servida por ella! Não!

Mas veio-lhe um terror; se recusasse irritava a creatura, Deus sabe o

que faria! Estava nas mãos d'ella, devia passar por tudo. Era o seu

castigo... Hesitou ainda um momento:

--Que sim, que venha, é a resposta.

Juliana veio com effeito ás oito horas. Subiu pé ante pé para o

sotão, poz o fato de casa e as chinellas, e desceu para o quarto

dos engommados, onde Joanna sentada n'um tapete costurava, á luz do

petroleo.

Joanna, muito curiosa, acabrunhou-a logo de perguntas: Onde estivera?

o que tinha acontecido? porque não déra noticias?--Juliana contou que

fôra a uma visita a uma amiga, á calçada do Marquez d'Abrantes, e que

de repente lhe dera um flato, e a dôr... Não quiz mandar dizer, porque

imaginára que poderia vir. Mas qual! estivera dia e meio de cama...

Quiz saber então o que tinha feito a senhora, se sahira, quem

estivera...

--A senhora tem andado a modo incommodada--disse Joanna.

--É do tempo--observou Juliana.--Tinha trazido a sua costura, e ambas

caladas continuaram o serão.

Ás dez horas Luiza ouviu bater devagarinho á porta do quarto. Era

\_ella\_, de certo!

--Entre...

A voz de Juliana disse muito naturalmente:

--Está o chá na mesa.

Mas Luiza não se decidia a ir á sala, com medo, horror de a vêr! Deu

voltas no quarto, demorou-se; foi emfim, toda tremula. Juliana vinha

justamente no corredor; encolheu-se contra a parede, com respeito,

disse:

--Quer que vá pôr a lamparina, minha senhora?

Luiza fez que \_sim\_ com a cabeça, sem a olhar.

Quando voltou ao quarto Juliana enchia o jarro; e depois de ter aberto

a cama, cerrado as portas, quasi em pontas de pés:

--A senhora não precisa mais nada?--perguntou.

--Não.

--Muito boa noite, minha senhora.

E não houve outra palavra mais.

--Parece um sonho!--pensava Luiza, ao despir-se melancolicamente.--Esta

creatura, com as minhas cartas, installada em minha casa para me

torturar, para me roubar!--Como se achava ella, Luiza, n'aquella

situação? Nem sabia. As cousas tinham vindo tão bruscamente, com a

precipitação furiosa d'uma borrasca, que estala! Não tivera tempo de

raciocinar, de se defender: fôra embrulhada: e alli estava, quasi sem

«dar fé», na sua casa sob a dominação da sua criada! Ah! se tivesse

fallado a Sebastião! Tinha agora o dinheiro, de certo, notas, ouro...

Com que phrenesi lh'o arremessaria, a expulsaria, e a arca, e os

trapos, e a cuia!...--Jurou a si propria fallar a Sebastião, dizer

tudo! Iria mesmo a casa d'elle, para o impressionar mais!

D'ahi a pouco, quebrada da agitação do dia, adormecera--e sonhava que

um estranho passaro negro lhe entrára no quarto, fazendo uma ventania,

com as suas azas pretas de morcego: era Juliana! Corria aterrada ao

escriptorio, gritando: Jorge! Mas não via nem livros, nem estante,

nem mesa:--havia uma armação reles de loja de tabaco, e por traz do

balcão, Jorge acariciava sobre os joelhos uma bella mulher de fórmas

robustas, em camisa d'estopa, que perguntava com uma voz desfallecida

de voluptuosidade e os olhos afogados em paixão:--Brejeiros ou de

Xabregas?--Fugia então de casa indignada, e, através de successos

confusos, via-se ao lado de Bazilio, n'uma rua sem fim, onde os

palacios tinham fachadas de cathedraes, e as carruagens rolavam

ricamente com uma pompa de cortejo. Contava soluçando a Bazilio a

traição de Jorge. E Bazilio, saltitando em volta d'ella com requebros

de palhaço, repenicava uma viola, e cantava:

Escrevi uma carta a Cupido

A mandar-lhe perguntar

Se um coração offendido

Tem obrigação de amar!

--Não tem!--gania a voz d'Ernestinho, brandindo triumphante um rolo de

papel.--E tudo se obscurecia de repente nos largos vôos circulares que

fazia Juliana com as suas azas de morcego.

IX

Juliana voltára para casa de Luiza por conselhos da tia Victoria.

--Olha, minha rica, tinha-lhe ella dito, não ha que vêr, o passaro

fugiu-nos! Suspira, bem pódes suspirar que o dinheiro grosso foi-se!

Quem podia lá adivinhar que o homem desarvorava! Não, lá isso pódes

tirar d'ahi o sentido! Que d'ella escusas d'esperar nem cheta...

--Tambem me regalo de mandar as cartas ao marido, tia Victoria!

A velha encolheu os hombros:

--Não lucras nada com isso. Ou que elles se desquitem, ou que elle

lhe parta os ossos, ou que a mande para um convento--tu não ganhas

nada. E se se acommodarem, mais ficas a chuchar no dedo, porque nem

tens a consolação de fazeres a sizania. E isto é se as cousas correrem

pelo melhor, porque pódes muito bem ficar mas é em lençoes de vinagre

com alguma carga de pau que elles te mandem dar.--E vendo um gesto

espantado de Juliana:--Já não era o primeiro caso, minha rica, já não

era o primeiro. Olha que em Lisboa, passa-se muita cousa, e nem tudo

vem nos jornaes!

Positivamente o que ella tinha a fazer era voltar para a casa. Porque

emfim o que restava de tudo aquillo? O medo de D. Luiza: esse é que

lá estava sempre a dar-lhe por dentro a colica: d'esse é que era

necessario tirar partido...

--Tu voltas para lá--dizia--á espera que ella cumpra o que prometteu.

Se te dá o dinheiro, bem... Senão tem-l'a em todo o caso na mão, estás

de dentro da praça, sabes o que se passa, pódes-lhe apanhar muita

cousa...

Mas Juliana hesitava.--Era difficil viverem debaixo das mesmas telhas

sem haver uma questão por dá cá aquella palha.

--Não te diz uma palavra, tu verás...

--Mas tenho medo...

--De que?--exclamava a tia Victoria. Ella não era mulher para a

envenenar, não é verdade? Então? Quem a nada se arriscava nada

ganhava.--Isto é se queres--acrescentou--senão trata de te arranjar

n'outra parte, e deita as cartas para o fundo da arca. Que diabo! Tu

vaes vêr, se não te convém, safas-te...

Juliana decidiu ir, «a vêr».

E reconheceu logo, que «aquella finoria da tia Victoria tinha carradas

de razão».

Luiza, com effeito, parecia resignada. Sebastião tinha ido para Almada,

outra vez. Mas como estava decidida, apenas elle voltasse, a ir a casa

d'elle uma manhã, atirar-se-lhe ao pés, contar-lhe \_tudo\_, \_tudo\_,

supportava Juliana, reflectindo:--É apenas por dias!--Por isso não lhe

disse uma palavra. Para que? O que tinha a fazer era pagar-lhe e pôl-a

fóra, não é verdade? Em quanto o não podesse fazer, era aguentar e

calar. Até que Sebastião voltasse...

No entretanto evitava vêl-a. Nunca a chamava. Não sahia da alcova de

manhã, sem a ter sentido fóra no quarto encher o banho, sacudir os

vestidos. Ia para a sala de jantar com um livro, e nos intervallos não

levantava os olhos das paginas. E durante todo o dia conservava-se no

quarto com a porta fechada, lendo, costurando, pensando em Jorge--ás

vezes tambem em Bazilio com odio, desejando a volta de Sebastião, e

preparando a sua historia.

Juliana, uma manhã, encontrou Luiza no corredor trazendo para o quarto

o regador cheio d'agua.

--Oh minha senhora! porque não chamou?--exclamou, quasi escandalisada.

--Não tem duvida--disse Luiza.

Mas Juliana seguiu-a ao quarto, e cerrando a porta:

--Oh minha senhora!--disse muito offendida--isto assim não póde

continuar. A senhora parece que tem medo de me vêr, credo! Eu

voltei para fazer o meu serviço como d'antes... Verdade, verdade,

naturalmente, sempre espero que a senhora faça o que prometteu... E

lá largar as cartas não largo, sem ter seguro o pão da velhice. Mas

o que se passou foi um repente de genio, e já pedi perdão á senhora.

Quero fazer o meu serviço... Agora se a senhora não quer, então saio,

e--acrescentou com uma voz secca--talvez seja peor para todos!...

Luiza, muito perturbada, balbuciou:

--Mas...

--Não, minha senhora--cortou Juliana severamente--aqui a criada sou eu.

E sahiu, empertigada.

Tanta audacia aterrou Luiza. Aquella ladra era capaz de tudo!

Então, para a não irritar começou, d'ahi por diante, a chamal-a, a

dizer:--Traga isto, traga aquillo,--sem a olhar.

Mas Juliana fazia-se tão serviçal, era tão calada, que Luiza pouco a

pouco, dia a dia, com o seu caracter mobil, inconsistente, cheio \_de

deixar-se ir\_, principiou a perder o sentimento pungente d'aquella

difficuldade. E no fim de tres semanas «as cousas tinham entrado nos

seus eixos»--dizia Juliana.

Luiza já gritava por ella do quarto, já a mandava a recados fóra:

Juliana chegava a ter ás vezes migalhas de conversação:--Está um calor

de morrer... A lavadeira tarda...--Um dia arriscou esta phrase mais

intima:--Encontrei a criada da snr.^a D. Leopoldina.

Luiza perguntou:

--Ainda está para o Porto?

--Ainda se demora um mez, minha senhora...

De resto havia na casa um aspecto muito tranquillo, e Luiza, depois

de tantas agitações, abandonava-se com gozo á satisfação d'aquelle

descanço. Ia ás vezes vêr D. Felicidade á Encarnação, que já se

levantava. E esperava sempre Sebastião, mas sem impaciencia, quasi

contente por vêr adiado o momento terrivel de lhe dizer: escrevi a um

homem, Sebastião!

Assim iam passando os dias; estava-se no fim de setembro.

Uma tarde Luiza ficára mais tempo á janella da sala de jantar; deixára

cahir o livro no regaço, e olhava, sorrindo, um bando de pombas que

d'algum quintal visinho viera pousar sobre o tabique do terreno vago.

Pensava vagamente em Bazilio, no \_Paraiso\_... Sentiu passos, era

Juliana.

--Que é?

A mulher cerrára a porta, e vindo junto d'ella, baixo:

--Então a senhora ainda não decidiu nada?

Luiza sentiu como uma pancada no estomago.

--Ainda não pude arranjar nada...

Juliana esteve um momento a olhar para o chão:

--Bem--murmurou, por fim.

E Luiza ouviu-a, no corredor, dizer alto:

--Isto quando o senhor voltar é que são os ajustes de contas!

Quando Jorge voltasse! Immediatamente no seu espirito, que se tinha

pouco a pouco serenado, todos os sustos, as angustias estremeceram

de novo áquella ameaça--assim uma rajada subita põe em convulsão um

arvoredo. Devia, pois, fazer \_alguma cousa\_ antes que elle chegasse!

Justamente Jorge escrevera-lhe, que «não se demoraria, que a avisaria

pelo telegrapho...» Desejava, agora, que do ministerio o mandassem

fazer uma viagem mais longe, pela Hespanha ou pela Africa; que alguma

catastrophe, sem lhe fazer mal, o retardasse mezes!...

Que faria elle, se soubesse! Matal-a-hia? Lembravam-lhe as suas

palavras muito sérias, n'aquella noite, quando Ernestinho contára o

final do seu drama... Mettel-a-hia n'uma carruagem, leval-a-hia a um

convento? E via a grossa portaria fechar-se com um ruido funerario de

ferrolhos, olhos lugubres estudal-a curiosamente...

O seu terror irraciocinado fizera-lhe mesmo perder a idéa nitida do seu

marido; imaginava um \_outro\_ Jorge sanguinario e vingativo, esquecendo

o seu caracter bom, tão pouco melodramatico. Um dia foi ao escriptorio,

tomou a caixa das pistolas, fechou-a n'um bahú de roupa velha, e

escondeu a chave!...

Uma idéa amparava-a: era que apenas Sebastião viesse d'Almada, estava

salva; e apesar d'aquella agonia miuda de todos os momentos, quasi

receava saber \_que elle tivesse chegado\_,--tanto a confissão da verdade

lhe parecia uma agonia maior! Foi por esse tempo, então, que lhe veio

uma lembrança--escrever a Bazilio. O terror permanente amollecera-lhe

o orgulho, como a lenta infiltração da agua faz a uma parede; e todos

os dias começou a achar uma razão, \_mais uma\_, para se dirigir «áquelle

infame»: fôra seu amante, já sabia todo o caso das cartas, era o seu

unico parente... E não teria de «dizer» a Sebastião! Já ás vezes

pensára que não aceitar dinheiro de Bazilio fôra uma «fanfarronada

bem tola»! Um dia emfim escreveu-lhe. Era uma carta longa, um pouco

confusa, pedia-lhe \_seiscentos mil reis\_. Foi ella mesmo leval-a ao

correio, sobrecarregando-a de estampilhas.

N'essa tarde, por acaso, Sebastião, que chegára d'Almada, veio vêl-a.

Recebeu-o com alegria, feliz \_por não ter de lhe contar\_... Fallou da

volta de Jorge; alludiu mesmo ao primo Bazilio, á «pouca vergonha da

visinhança...»

--Não--disse--é a primeira cousa que hei-de contar ao Jorge.

Porque se considerava salva, agora! E todos os dias seguia a carta,

no seu caminho para França, como se a sua mesma vida fosse dentro

d'aquelle sobrescripto entregue ao acaso dos trens e á confusão das

viagens! Chegára a Madrid, depois a Bayonna, depois a Paris! Um

carteiro corria a entregal-a na rua Saint Florentin. Bazilio abria-a

tremendo, enchia um sobrescripto de notas, muitas, que cobria de

beijos, e o enveloppe, trazendo a sua salvação e o seu descanço,

começava a rolar para baixo, pela França e pela Navarra, soprando como

um monstro e apressando-se como um proprio.

No dia em que a resposta \_devia\_ chegar, levantou-se mais cedo,

agitada, com o ouvido pregado na porta, esperando o toque do carteiro.

Via-se já a expulsar Juliana, a soluçar de alegria!... Mas ás dez e

meia começou a estar nervosa: ás onze chamou Joanna, «que fosse saber

se o carteiro passára».

--Diz que sim, minha senhora, que já passou.

--Canalha!--murmurou, pensando em Bazilio.

Talvez, todavia, não tivesse respondido no mesmo dia! Esperou ainda,

mas desconsolada, já sem fé. Nada! Nem na outra manhã, nem nas

seguintes! O infame!

Veio-lhe então a idéa da loteria--porque insensivelmente a esperança

tornára-se-lhe necessaria. A primeira vez que sahiu comprou umas poucas

de cautelas. Apesar de não ser religiosa nem supersticiosa, metteu-as

debaixo da peanha d'um S. Vicente de Paula que tinha sobre a commoda,

na alcova. \_Não se perdia nada!\_ Examinava-as todos os dias, sommava os

algarismos a vêr se davam \_nove\_, \_noves fóra\_, \_nada\_, ou um numero

par--que é de bom agouro! E aquelle contacto diario com a imagem do

santo levando-a a pensar de certo na protecção inesperada do céo, fez

uma promessa de cincoenta missas se as cautelas fossem premiadas!...

Sahiram brancas--e então desesperou de tudo; abandonou-se a uma inacção

em que sentia quasi uma voluptuosidade, passando dias sem se importar,

quasi sem se vestir, desejando morrer, devorando nos jornaes todos os

casos de suicidios, de fallencias, de desgraças--consolando-se com a

idéa de que nem só ella soffria, e que a vida em redor, na cidade,

fervilhava de afflicções.

Ás vezes, de repente, vinha-lhe uma pontada de medo. Decidia-se então

de novo a «abrir-se» com Sebastião; depois pensava que seria melhor

escrever-lhe; mas não achava as palavras, não conseguia arranjar uma

historia racional; vinha-lhe uma cobardia; e recahia na sua inercia,

pensando: «ámanhã, ámanhã...»

Quando, só, no seu quarto, se chegava por acaso á janella, punha-se

a imaginar o que «diria a visinhança, quando se soubesse»!

Condemnal-a-hiam? Lamental-a-hiam? Diriam--«Que desavergonhada»?

Diriam--«Coitadinha»? E por dentro da vidraça seguia, com um olhar

quasi aterrado, as passeatas do Paula pela rua, o embasbacamento obeso

da carvoeira, as Azevedos por traz das bambinellas de cassa! Como elles

todos gritariam:--«Bem diziamos nós! Bem diziamos nós!» Que desgraça!

Ou então via de repente Jorge, terrivel, fóra de si, com as \_cartas\_ na

mão; e encolhia-se como se já estivesse sob a colera dos seus punhos

fechados.

Mas o que a torturava mais era a tranquillidade de

Juliana--espanejando, cantarolando, servindo-a ao jantar d'avental

branco. Que tencionava ella? Que preparava ella? Ás vezes vinha-lhe uma

onda de raiva; se fosse forte ou corajosa, de certo atirar-se-lhe-hia

ao pescoço, para a esganar, arrancar-lhe a carta! Mas pobre d'ella, era

«uma mosquinha»!

Justamente, n'uma d'essas manhãs, Juliana entrou no quarto--com o

vestido de sêda preto no braço. Estendeu-o na \_causeuse\_, e mostrou

a Luiza, na saia, ao pé do ultimo folho, um rasgão largo que parecia

feito com um prego; vinha saber se a senhora queria que o mandasse á

costureira.

Luiza lembrava-se bem, rasgára-o uma manhã no \_Paraiso\_ a brincar com

Bazilio!

--Isto é facil d'arranjar--dizia Juliana, passando de leve a mão

espalmada sobre a sêda, com a lentidão d'uma caricia.

Luiza examinava-o, hesitando:

--Elle tambem já não está novo... Olhe, guarde-o p'ra vossê!

Juliana estremeceu, fez-se vermelha:

--Oh minha senhora!--exclamou--Muito agradecida! É um rico

presente. Muito agradecida, minha senhora! Realmente...--E a voz

perturbava-se-lhe.

Tomou-o nos braços, com cuidado, correu logo á cozinha. E Luiza, que a

seguira pé ante pé, ouviu-a dizer toda excitada:

--É um rico presente, é o que ha de melhor. E novo! Uma rica

sêda!--Fazia arrastar a cauda pelo chão, com um \_frou-frou\_. Sempre o

invejára: e tinha-o agora, era o \_seu\_ vestido de sêda!--É de muito boa

senhora, snr.^a Joanna, é d'um anjo!

Luiza voltou ao quarto, toda alvoroçada; era como uma pessoa perdida de

noite, n'um descampado--que de repente, ao longe, vê reluzir um clarão

de vidraça! Estava salva! Era presenteal-a, era fartal-a! Começou logo

a pensar no que lhe podia dar mais, pouco a pouco: o vestido rôxo,

roupas brancas, o roupão velho, uma pulseira!

D'ahi a dous dias--era um domingo--recebeu um telegramma de Jorge:

«Parto ámanhã do Carregado. Chego pelo comboio do Porto ás 6.» Que

sobresalto! Voltava, emfim!

Era nova, era amorosa--e no primeiro momento todos os sustos, as

inquietações desappareceram sob uma sensação d'amor e de desejo, que a

inundou. Viria de madrugada, encontral-a-hia deitada,--e já pensava na

delicia do seu primeiro beijo!...

Foi-se vêr ao espelho: estava um pouco magra, talvez, com a physionomia

um pouco fatigada... E a imagem de Jorge apparecia-lhe então muito

nitidamente, mais queimado do sol, com os seus olhos ternos, o cabello

tão annelado! Que estranha cousa! Nunca lhe appetecêra tanto vêl-o. Foi

logo occupar-se d'elle: o escriptorio estaria bem arranjado? Quereria

um banho morno, seria necessario aquecer a agua na tina grande!... E ia

e vinha, cantarolando, com um brilho exaltado nos olhos.

Mas a voz de Juliana, de repente no corredor, fêl-a estremecer. Que

faria ella, a mulher? Ao menos que a deixasse n'aquelles primeiros

dias gozar a volta de Jorge, tranquillamente!... Veio-lhe uma audacia,

chamou-a.

Juliana entrou, com o vestido de sêda novo, movendo-se cuidadosamente:

--Quer alguma cousa, minha senhora?

--O snr. Jorge volta amanhã...--disse Luiza.

E suspendeu-se; o coração batia-lhe fortemente.

--Ah!--fez Juliana.--Bem, minha senhora.

E ia sahir.

--Juliana!--fez Luiza, com a voz alterada.

A outra voltou-se, surprehendida.

E Luiza batendo com as mãos, n'um movimento supplicante:

--Mas vossê ao menos n'estes primeiros dias... Eu hei-de arranjar,

esteja certa!...

Juliana acudiu logo:

--Oh minha senhora! Eu não quero dar desgostos a ninguem. O que eu

quero é um bocadinho de pão para a velhice. Da minha bocca não ha-de

vir mal a ninguem. O que peço á senhora é que se fôr da sua vontade e

me quizer ir ajudando...

--Lá isso, sim... O que vossê quizer...

--Pois póde estar certa que esta bocca...--E fechou os labios com os

dedos.

Que alegria para Luiza! Tinha uns dias, umas semanas, emfim, sem

tormentos, com o \_seu\_ Jorge! Abandonou-se então toda á deliciosa

impaciencia de o vêr. Era singular--mas parecia-lhe que o amava

mais!...--E depois pensaria, veria, daria outros presentes a Juliana,

poderia pouco a pouco preparar Sebastião... Quasi se sentia feliz.

De tarde Juliana veio dizer-lhe, muito risonha;

--A snr.^a Joanna sahiu, que era hoje o seu dia, mas eu tinha tanta

precisão de sahir, tambem! se a senhora lhe não custasse ficar só...

--Não! Fico, que tem? Vá, vá!

E, d'ahi a pouco, sentiu-a bater os tacões no corredor, fechar com

ruido a cancella.

Então de repente uma idéa deslumbrou-a, como a fulguração d'um

relampago:--ir ao quarto d'ella, rebuscar-lhe a arca, roubar-lhe as

cartas!

Viu-a da janella dobrar a esquina. Subiu logo ao sotão, devagar,

escutando, com o coração aos saltos. A porta do quarto de Juliana

estava aberta; vinha de lá um cheiro de mofo, de rato e de roupa

enxovalhada que a enjoou; pelo postigo entrava uma luz triste, de

tarde escura; e por baixo, encostada á parede, ficava a arca! Mas

estava fechada! De certo! Desceu correndo, veio buscar o seu mólho

de chaves... Sentia uma vergonha,--mas se achasse as cartas! Aquella

esperança dava-lhe todos os atrevimentos, como um vinho alcoolico.

Começou a experimentar as chaves; a mão tremia-lhe; de repente a

lingueta, com um estalinho secco, cedeu! Ergueu a tampa, estavam alli,

talvez! E então, com cautela, muito femininamente, poz-se a tirar as

cousas uma por uma, pondo-as em cima do colxão:--o vestido de merino;

um leque com figuras douradas, embrulhado em papel de sêda; velhas

fitas rôxas e azues, passadas a ferro; uma pregadeira de setim côr

de rosa, com um coração bordado a matiz: dous frasquinhos de cheiro,

intactos, tendo collados ao vidro raminhos de rosas de papel recortado;

tres pares de botinas embrulhadas em jornaes; a roupa branca, d'onde

se exhalava um cheiro de madeira e de folhas de maçã camoeza. Entre

duas camisas estava um maço de cartas atadas com um nastro... Nenhuma

era d'ella! Nem de Bazilio! Eram d'uma letra d'aldêa, inintelligivel e

amarellada! Que raiva! E ficou a olhar para a arca vazia, de pé, com os

braços tristemente cahidos.

Uma sombra de repente passou diante do postigo. Estremeceu, aterrada.

Era um gato, que com passos leves, vadiava pelo telhado.--Tornou a

repôr tudo com as mesmas dobras, fechou a arca, ia a sahir,--mas

lembrou-se de procurar na gaveta da mesa e debaixo do travesseiro.

Nada! Impacientou-se então; não se queria ir sem ter gasto toda a

esperança; desmanchou a roupa da cama, remexeu a palha amollentada do

enxergão, sacudiu as velhas botinas, esgaravatou os cantos... Nada!

Nada!

Subitamente, a campainha tocou. Desceu a correr. Que surpreza! Era D.

Felicidade.

--És tu! Como estás tu? Entra.

Estava melhor, veio logo contando pelo corredor. Sahira na vespera da

Encarnação: o pé ás vezes ainda lhe fazia mal: mas graças a Deus estava

escapa! E que lhe agradecesse, era a sua primeira visita!

Entraram no quarto. Escurecia, Luiza accendeu as velas.

--E como me achas tu, hein?--perguntou D. Felicidade, pondo-se diante

d'ella.

--Um bocadito mais pallida.

Ai! tinha soffrido muito! Ergueu a saia, mostrou o pé calçado n'um

sapato largo, obrigou Luiza a apalpal-o... Que uma consolação lhe

restava: é que toda a Lisboa a fôra vêr! Graças a Deus! Toda a Lisboa,

o que ha de melhor em Lisboa!

--E tu esta semana--acrescentou--nem appareceste! Pois olha que te

cortaram na pelle...

--Não pude, filha. O Jorge chega ámanhã, sabias?

--Ah sua brejeira! Viva! Está esse coraçãosinho aos pulos!--E disse-lhe

um segredinho.

Riram muito.

--Pois eu--continuou D. Felicidade sentando-se--arranjei-te hoje a

partida. Encontrei esta manhã o Conselheiro, que me disse que vinha.

Encontrei-o aos Martyres! Olha que foi sorte, logo no primeiro dia que

sahi! E um bocado adiante dou com o Julião: diz que tambem vinha!...--E

com uma voz desfallecida:

--Sabes? tomava uma colherinha de dôce...

Foi Luiza que abriu a porta ao Conselheiro e a Julião, que se tinham

encontrado na escada, dizendo-lhes a rir:

--Hoje sou eu o guarda-portão!

D. Felicidade, na sala, para disfarçar a perturbação que lhe deu o

espectaculo amado da pessoa d'Accacio, começou, fallando muito, a

censural-a «por deixar assim sahir no mesmo dia as duas criadas...»

--E se te achares incommodada, filha, se te dér alguma cousa?

Luiza riu. Não era affecta a fanicos...

Todavia achavam-na abatida. E o Conselheiro, com interesse:

--Tem continuado a soffrer dos dentes, D. Luiza?

Dos dentes? Era a primeira vez que tal ouvia!--exclamou logo D.

Felicidade. Julião declarou que raras vezes vira uma dentição tão

perfeita.

O Conselheiro apressou-se a citar:

Em labios de coral, perolas finas...

E acrescentou:

--É verdade, mas a ultima vez que tive a honra d'estar com D. Luiza,

viu-se tão repentinamente afflicta com um dente, que teve d'ir a correr

chumbal-o ao Vitry!

Luiza fez-se muito vermelha. Felizmente a campainha tocou. Devia ser a

Joanna, ia abrir...

--É verdade--continuou o Conselheiro--tinhamos feito um delicioso

passeio, quando de repente D. Luiza empallidece, e parece que a dôr era

tão urgente, que se precipitou para a escada do dentista, como louca...

A proposito de dôres, D. Felicidade, que estava anciosa por interessar,

commover o Conselheiro, começou a historia do seu pé: disse a queda,

o milagre de não ter morrido, as visitas assiduas de condessas e

viscondessas, o susto em toda a Encarnação, os cuidados do bom dr.

Caminha...

--Ai! soffri muito!--suspirou, com os olhos no Conselheiro, para

provocar uma palavra sympathica.

Accacio, então, disse com authoridade:

--É sempre um erro, ao descer uma escada ingreme, não procurar o apoio

do corrimão.

--Mas podia ter morrido!--exclamou ella. E voltando-se para

Julião:--Pois não é verdade?

--N'este mundo morre-se por qualquer cousa--disse elle enterrado n'uma

poltrona, fumando voluptuosamente. Elle mesmo estivera n'aquella tarde

para ser atropellado por um trem: destinára o domingo para se dar \_um

feriado\_, e fizera um grande passeio pela circumvallação...--Ha mais

d'um mez vivo no meu cubiculo, como um frade benedictino na livraria do

seu convento!--acrescentou, rindo, quebrando complacentemente a cinza

do cigarro sobre o tapete.

O Conselheiro quiz saber então o assumpto da these: de certo muito

momentoso!... E apenas Julião lhe disse: «Sobre physiologia, snr.

Conselheiro», Accacio observou logo, com uma voz profunda:

--Ah! physiologia! Deve ser então de grande magnitude! E presta-se mais

ao estylo ameno.

Queixou-se, tambem, de «vergar ao peso dos seus trabalhos

litterarios...»

--Esperemos todavia, snr. Zuzarte, que não sejam infructiferas as

nossas vigilias!

--As suas, snr. Conselheiro, as suas!--E com interesse:--Quando nos dá

o seu novo trabalho? Ha sofreguidão em o vêr!

--Ha alguma sofreguidão--concordou o Conselheiro com seriedade.--Ha

dias me dizia o snr. ministro da justiça (esse robustissimo talento),

ha dias me dizia, me fazia a honra de me dizer: Dê-nos depressa o seu

livro, Accacio, estamos precisados de luz, de muita luz! Foi assim que

elle disse. Eu inclinei-me, naturalmente, e respondi: Snr. ministro,

não serei eu que a negue ao meu paiz, quando o meu paiz a necessitar!

--Muito bem, muito bem, Conselheiro!

--E--acrescentou--dir-lhes-hei, aqui em familia, que o nosso ministro

do reino me deixou entrevêr n'um futuro não remoto, a commenda de S.

Thiago!

--Já lh'a deviam ter dado, Conselheiro!--exclamou Julião,

divertindo-se.--Mas n'este desgraçado paiz... Já a devia ter ao peito,

Conselheiro!

--Ha que tempos!--exclamou com força D. Felicidade.

--Obrigado, obrigado!--balbuciou o Conselheiro, rubro. E na expansão do

seu jubilo offereceu com uma familiaridade agradecida, a sua caixa de

rapé a Julião.

--Tomarei para espirrar--disse elle.

Sentia-se n'aquella tarde n'uma disposição benevola: o trabalho e as

altas esperanças que elle lhe dava tinham de certo dissipado o seu

azedume: parecia até ter esquecido a sua humilhação, quando encontrára

alli, n'aquella sala, o primo Bazilio, porque apenas Luiza entrou,

perguntou-lhe por elle.

--Partiu para Paris, não sabiam? ha que tempos!

D. Felicidade e o Conselheiro fizeram logo o elogio de Bazilio. Tinha

ido deixar bilhetes de visita a ambos--o que encantára D. Felicidade,

e ensoberbecera o Conselheiro. Era um verdadeiro fidalgo!--exclamava

ella. E Accacio affirmou com authoridade:

--E uma voz de barytono, digna de S. Carlos.

--E muito elegante!--disse D. Felicidade.

--Um \_gentleman\_!--resumiu o Conselheiro.

Julião, calado, bambaleava a perna. Agora, áquelles elogios, o seu

despeito renascia; lembrava a seccura cortante de Luiza, n'aquella

manhã, as \_poses\_ do outro. Não resistiu a dizer:

--Um pouco sobrecarregado nas joias e nos bordados das meias. De resto

é moda no Brazil, creio...

Luiza córou; teve-lhe odio. E, vagamente, veio-lhe uma saudade de

Bazilio.

D. Felicidade então, perguntou por Sebastião: não o via havia um

seculo; e lamentava, porque era uma pessoa que lhe dava saude, só vêl-a.

--É uma grande alma--disse com emphase o Conselheiro.--Todavia

censurava-o um pouco por não se occupar, não se tornar util ao seu

paiz.--Porque emfim--declarou--o piano é uma bonita habilidade, mas não

dá uma posição na sociedade.--Citou então Ernestinho, que, posto que

dando-se á arte dramatica, era todavia (e a sua voz tornou-se grave),

segundo todas as informações, um excellente empregado aduaneiro...

Que fazia elle, Ernestinho?--perguntaram.

Julião tinha-o encontrado. Dissera-lhe que a \_Honra e Paixão\_ ia d'ahi

a duas semanas, já se estavam a imprimir os cartazes, e na rua dos

Condes já lhe não chamavam senão o \_Dumas filho portuguez\_! E o pobre

rapaz crê-se realmente um \_Dumas filho\_!

--Não conheço esse author--disse com gravidade o Conselheiro--posto que

me pareça, pelo nome, ser filho do escriptor que se tornou famoso pelos

\_Tres Mosqueteiros\_ e outras obras de imaginação!... Mas, de resto,

o nosso Ledesma é um esmerado cultor da arte dos Corneilles! Não lhe

parece, D. Luiza?

--Sim--disse ella com um sorriso vago.

Parecia preoccupada. Fôra já duas vezes ao relogio do quarto vêr as

horas: quasi dez, e Juliana sem voltar! Quem havia de servir o chá?

Ella mesmo foi pôr as chavenas no taboleiro, armar o paliteiro. Quando

voltou á sala notou um silencio enfastiado...--Queriam que fosse

tocar?--perguntou.

Mas D. Felicidade que olhava, ao pé de Julião, as gravuras do Dante,

illustrado por G. Doré, que elle folheava, com o volume sobre os

joelhos, exclamou, de repente:

--Ai que bonito! que é? Muito bonito! Viste, Luiza?

Luiza aproximou-se.

--É um caso d'amor infeliz, snr.^a D. Felicidade--disse Julião.--É

a historia triste de Paulo e Francesca de Rimini.--E explicando o

desenho:--Aquella senhora sentada é Francesca: este moço de guedelha,

ajoelhado aos pés d'ella, e que a abraça, é seu cunhado, e, lamento ter

de o dizer, seu amante. E aquelle barbaças, que lá ao fundo levanta o

reposteiro e saca da espada, é o marido que vem, e zás!--E fez o gesto

de enterrar o ferro.

--Safa!--fez D. Felicidade, arripiada--E aquelle livro cahido o que é?

Estavam a lêr?...

Julião disse discretamente:

--Sim... Tinham começado por lêr, mas depois...

Quel giorno più no vi leggiomi avante,

o que quer dizer:--\_E nós não lemos mais em todo o dia!\_

--Pozeram-se a derriçar--disse D. Felicidade com um sorriso.

--Peor, minha rica senhora, peor! Porque segundo a mesma confissão de

Francesca, este moço, o da guedelha, o cunhado,

La bocca me bacciò tutto tremante,

o que significa:--\_A bocca me beijou tremendo todo\_...

--Ah!--fez D. Felicidade, com um olhar rapido para o Conselheiro.--É

uma novella?

--É o Dante, D. Felicidade--acudiu com severidade o Conselheiro--um

poema epico classificado entre os melhores. Inferior, porém, ao nosso

Camões! Mas rival do famoso Milton!

--Que n'essas historias estrangeiras os maridos matam sempre as

mulheres!--exclamou ella. E voltando-se para o Conselheiro:--Pois não é

verdade?

--Sim. D. Felicidade, repetem-se lá fóra com frequencia essas

tragedias domesticas. O desenfreamento das paixões é maior. Mas entre

nós, digamol-o com orgulho, o lar é muito respeitado. Assim eu, por

exemplo, em todas as minhas relações em Lisboa, que são numerosas,

graças a Deus, não conheço senão esposas modêlos.--E com um sorriso

cortezão:--De que é de certo a flôr a dona da casa!

D. Felicidade revirou os olhos para Luiza que estava encostada á

cadeira d'ella, e batendo-lhe no braço:

--Isto é uma joia!--disse com amor.

--E de resto--acudiu o Conselheiro--o nosso Jorge merece-o. Porque,

como diz o poeta:

Seu coração é nobre, e a fronte altiva

Revela-lhe da alma a pura essencia.

Aquella conversação impacientava Luiza. Ia sentar-se ao piano, quando

D. Felicidade exclamou:--Dize cá, então não se toma hoje chá n'esta

casa?

Luiza foi outra vez á cozinha. Disse a Joanna que viesse ella mesma

com o chá.--E d'ahi a pouco Joanna, d'avental branco, vermelha, muito

atarantada, entrou com o taboleiro.

--E a Juliana?--perguntou logo D. Felicidade.

--Sahiu, coitada--explicou Luiza--tem andado doente...

--E anda-te então por fóra até estas horas?... Boa! Até desacredita uma

casa...

O Conselheiro tambem achava imprudente:

--Porque emfim as tentações são grandes n'uma capital, minha senhora!

Julião exclamou, rindo:

--Não, se aquella é tentada, descreio para sempre e totalmente, dos

meus contemporaneos.

--Oh snr. Zuzarte!--acudiu o Conselheiro, quasi severamente--referia-me

a outras tentações: entrar, por exemplo, n'uma loja de bebidas,

appetecer-lhe ir ao Circo e desleixar os seus deveres...

Mas D. Felicidade não podia soffrer a Juliana: achava-lhe cara de

Judas, tinha ar de ser capaz de tudo...

Luiza defendeu-a: era muito serviçal, muito boa engommadeira, muito

honesta...

--E anda-te pela rua até ás onze da noite!... Credo! Fosse commigo!

--E creio--observou o Conselheiro--que tem uma doença mortal. Não é

verdade, snr. Zuzarte?

--Mortal. Um aneurisma--respondeu Julião, sem levantar os olhos do

Dante.

--Ainda para mais!--exclamou D. Felicidade. E abaixando a voz:--Tu

o que deves fazer é descartar-te d'ella! Uma criada com uma doença

d'essas! Que até lhe póde arrebentar a vir dar um copo d'agua á gente.

Cruzes!

O Conselheiro apoiava:

--E ás vezes, que embaraços com a authoridade!

Julião fechou o Dante, e disse:

--Eu tem-me esquecido d'avisar o Jorge; mas um dia a creatura cahe-lhes

redonda no chão.--E sorveu um gole de chá.

Luiza estava afflicta. Parecia-lhe que uma nova complicação se formava

para a torturar... Pôz-se a dizer que era tão difficil arranjar

criadas...

Lá isso era, concordaram.

Fallaram de criados, das suas exigencias. Estavam cada vez mais

atrevidos! E em se lhes dando confiança! E que immoralidade!...

--Muitas vezes é culpa das amas--disse D. Felicidade.--Fazem das

criadas confidentes, e isto, em ellas apanhando um segredo, tornam-se

as donas da casa...

As mãos tremulas de Luiza faziam-lhe tilintar a chavena. Disse, com uma

voz affectadamente risonha:

--E o Conselheiro, que tal de criados?

Accacio tossiu:

--Bem. Tenho uma pessoa respeitavel, com bom paladar, muito escrupulosa

em contas...

--E que não é feia--acudiu Julião.--Assim me pareceu uma vez que fui á

rua do Ferregial...

Uma vermelhidão espalhára-se pela calva do Conselheiro. D. Felicidade

fitava-o anciosamente, com a pupilla chammejante. Accacio, então, disse

com severidade:

--Nunca reparo para a physionomia dos subalternos, snr. Zuzarte.

Julião ergueu-se e enterrando as mãos nos bolsos, jovialmente:

--Foi um grande erro abolir a escravatura!...

--E o principio da liberdade?--acudiu logo o Conselheiro--E o principio

da liberdade? Que os pretos eram grandes cozinheiros, concordo... Mas a

liberdade é um bem maior.

Alargou-se então em considerações; fulminou os horrores do trafico,

lançou suspeitas sobre a philantropia dos inglezes, foi severo com os

plantadores da Nova-Orleans, contou o caso da \_Charles et Georges\_:

dirigia-se exclusivamente a Julião, que fumava, cabisbaixo.

D. Felicidade fôra-se sentar ao pé de Luiza, e muito inquieta,

fallando-lhe ao ouvido:

--Tu conheces a criada do Conselheiro?

--Não.

Será bonita?

Luiza encolheu os hombros.

--Não sei que me diz o coração, Luiza! Estou a abafar!

E em quanto Accacio, de pé, perorava para Julião, D. Felicidade ia

murmurando a Luiza as queixas da sua paixão.

Que allivio para Luiza quando elles sahiram! O que ella soffrera, lá

por dentro, toda aquella noite! Que massadores, que idiotas!--E a outra

sem vir! Oh que vida a sua!

Foi á cozinha dizer a Joanna:

--Espere pela Juliana, tenha paciencia. Que ella não póde tardar;

aquillo a mulher achou-se peor!

Mas já passava de meia noite, já Luiza estava deitada, quando a

campainha tocou de leve; depois mais forte; emfim, com impaciencia.

A rapariga adormeceu, pensou Luiza. Saltou da cama, subiu descalça

á cozinha. Joanna, estirada para cima da mesa, resonava ao pé do

candieiro de petroleo, que fumegava fetidamente. Sacudiu-a, fêl-a pôr

de pé, estremunhada; voltou, correndo, deitar-se; e sentiu d'ahi a

pouco, no corredor, a voz de Juliana dizer com satisfação:

--Já está tudo acommodado, hein? Pois eu estive no theatro. Muito

bonito! Do melhor, snr.^a Joanna, do melhor!

Luiza adormeceu tarde, e durante toda a noite um sonho inquieto

agitou-a.--Estava n'um theatro immenso, dourado como uma igreja.

Era uma gala: joias faiscavam sobre seios mimosos, condecorações

reluziam sobre fardas palacianas. Na tribuna, um rei triste e moço,

immovel n'uma attitude rigida e hieratica, sustentava na mão a esphera

armillar, e o seu manto de velludo escuro, constellado de pedrarias

como um firmamento, espalhava-se em redor em pregas d'esculptura,

fazendo tropeçar a multidão dos cortezãos vestidos como valetes de paus.

Ella estava no palco; era actriz; debutava no drama d'Ernestinho: e

toda nervosa via diante de si na vasta platéa susurrante, fileiras de

olhos negros e accesos, cravados n'ella com furor: no meio a calva

do Conselheiro, d'uma redondeza nevada e nobre, sobresahia, rodeada

como uma flôr d'um vôo amoroso d'abelhas. No palco oscillava a vasta

decoração d'uma floresta; ella notava sobretudo, á esquerda, um

carvalho secular, d'uma arrogancia heroica--cujo tronco tinha a vaga

configuração d'uma physionomia, e se parecia com Sebastião.

Mas o contra-regra bateu as palmas: era esguio, parecia-se com D.

Quixote, trazia oculos redondos com aros de lata, brandia \_o Jornal do

Commercio\_ torcido em saca-rolhas, e gania: salta a scenasinha de amor!

salta-me essa maravilha! Então a orchestra, onde os olhos dos musicos

reluziam como granadas e as suas cabelleiras se erriçavam como montões

d'estopa, tocou com uma lentidão melancolica o fado de Leopoldina; e

uma voz aspera e canalha cantava em falsete:

Vejo-o nas nuvens da tarde,

Nas ondas do mar sem fim,

E por mais longe que esteja

Sinto-o sempre ao pé de mim.

Luiza achava-se nos braços de Bazilio que a enlaçavam, a queimavam:

toda desfallecida, sentia-se perder, fundir-se n'um elemento quente

como o sol e dôce como o mel: gozava prodigiosamente: mas, por entre os

seus soluços, sentia-se envergonhada, porque Bazilio repetia no palco,

sem pudor, os delirios libertinos do \_Paraiso\_! Como consentia ella?

O theatro n'uma acclamação immensa bradava: Bravo! Bis! bis! Lenços aos

milhares esvoaçavam como borboletas brancas n'um campo de trevo: os

braços nús das mulheres lançavam com um gesto ondeado ramos de violetas

dobradas: o rei erguera-se espectralmente, e, triste, arremessou

como um \_bouquet\_ a sua esphera armillar: e o Conselheiro logo, n'um

phrenesi, para seguir os exemplos de Sua Magestade, desaparafusando

rapidamente a calva, atirou-lh'a, com um berro de dôr e de gloria! O

contraregra gania:--Agradeçam! Agradeçam! Ella curvava-se, os seus

cabellos de Magdalena rojavam pelo tablado: e Bazilio, a seu lado,

seguia com olhos vivos os charutos que lhe atiravam, apanhando-os com a

graça d'um toureiro e a destreza d'um \_clown\_!

Subitamente, porém, todo o theatro teve um \_ah\_! d'espanto.

Fez-se um silencio ancioso e tragico; e todos os olhos, milhares

d'olhos attonitos se fitavam no pano de fundo, onde um caramanchão

arqueava a sua estructura toda estrellada de rosinhas brancas.

Ella voltou-se tambem como magnetisada, e viu Jorge, Jorge que se

adiantava, vestido de luto, de luvas pretas, com um punhal na mão; e

a lamina reluzia--menos que os olhos d'elle! Aproximou-se da rampa e

curvando-se, disse com uma voz graciosa:

--Real magestade, senhor infante, snr. governador civil, minhas

senhoras, e meus senhores--agora é commigo! Reparem n'este trabalhinho!

Caminhou então para ella com passos marmoreos que faziam oscillar o

tablado; agarrou-lhe os cabellos, como um mólho d'herva que se quer

arrancar; curvou-lhe a cabeça para traz; ergueu d'um modo classico o

punhal; fez a pontaria ao seio esquerdo: e balançando o corpo, piscando

o olho, cravou-lhe o ferro!

--Muito bonito!--disse uma voz--Rico trabalho!

Era Bazilio que fizera entrar nobremente na platéa o seu phaeton!

Direito na almofada, com o chapéo ao lado, uma rosa na sobrecasaca,

continha com a mão negligente a inquietação soberba dos seus cavallos

inglezes; e ao seu lado, sentado como um trintanario coberto das

suas vestes sacerdotaes, vinha o patriarcha de Jerusalém!--Mas Jorge

arrancára o punhal todo escarlate; as gotas de sangue corriam até á

ponta, coalhavam; cahiam depois com um som crystallino, punham-se a

rolar pelo tablado como continhas de vidro vermelho. Ella deitára-se,

expirante, sob o carvalho que se parecia com Sebastião: então, como

a terra era dura, a arvore estendeu por baixo d'ella as suas raizes,

macias como coxins de pennas; como o sol a mordia, a arvore desdobrou

sobre ella as suas ramagens, como os panos d'uma tenda: e das folhas

deixava-lhe escorrer sobre os labios gotas de vinho da Madeira! Ella

via no entanto com terror o seu sangue sahir da ferida, vermelho e

forte, correr, alastrar-se, fazendo poças aqui, ribeirinhos tortuosos

além. E ouvia a platéa berrar:

--O author! Fóra o author!

Ernestinho, muito frisado, pallido, appareceu; agradecia soluçando; e,

ás cortezias, saltava aqui, acolá--para não sujar no sangue da prima

Luiza os seus sapatinhos de verniz...

Sentiu que ia morrer! Uma voz disse vagamente:--Ólá, como vai

isso?--Parecia-lhe de Jorge. D'onde vinha? Do céo? da platéa? do

corredor? Um ruido forte, como d'uma mala que se deixa cahir,

acordou-a. Sentou-se na cama.

--Bem, deixe ahi--disse a voz de Jorge.

Saltou em camisa. Elle entrava. E ficaram enlaçados, n'um longo abraço,

os beiços collados, sem uma palavra. O relogio do quarto dava sete

horas.

X

N'esse dia pela uma hora Jorge e Luiza acabavam d'almoçar, como na

vespera da partida d'elle. Mas agora não pesava a faiscante inclemencia

da calma, as janellas estavam abertas ao sol amavel d'outubro; já

passavam no ar certas frescuras outonaes; havia uma pallidez meiga

na luz; á tardinha já «sabiam bem» os paletots; e tons amarellados

começavam a envelhecer as verduras.

--Que bom achar-se a gente outra vez no seu ninho!--disse Jorge,

estirando-se na \_voltaire\_.

Estivera contando a Luiza a sua viagem. Tinha trabalhado como um mouro,

e tinha ganho dinheiro! Trazia os elementos d'um bello relatorio;

creára amigos n'aquella boa gente do Alemtejo; estavam acabadas as

soalheiras, as cavalgadas pelos montados, os quartos d'hospedaria; e

alli estava emfim na sua casinha. E como na vespera da sua partida,

soprava o fumo do cigarro, cofiando com delicias o bigode,--porque

tinha cortado a barba! Fôra a grande admiração de Luiza, quando o viu.

Elle explicára, com humilhação e melancolia, que tivera um furunculo no

queixo, com o calor...

--Mas que bem te fica!--tinha ella dito--que bem que te fica!

Jorge trouxera-lhe como presente seis pratos de louça da China, muito

antigos, com mandarins bojudos, de tunicas esmaltadas, suspensos

magestosamente no ar azulado; uma preciosidade que descobrira em

casa d'umas velhas miguelistas, em Mertola. Luiza dispunha-os muito

decorativamente nas prateleiras do guarda-louça: e em bicos de pés,

com a larga cauda do seu roupão estendida por traz, a massa loura do

cabello pesado, um pouco desmanchado sobre as costas--parecia a Jorge

mais esbelta, mais irresistivel, e nunca a sua cinta fina lhe attrahira

tanto os braços.

--A ultima vez que aqui almocei, antes de partir, foi um domingo,

lembras-te?

--Lembro--disse Luiza sem se voltar, collocando muito delicadamente um

prato.

--E é verdade--perguntou Jorge de repente--teu primo? Vistel-o? Veio

vêr-te?

O prato escorregou, houve um tlin-tlin de copos.

--Sim, veio--disse Luiza, depois d'um silencio--esteve ahi umas poucas

de vezes. Demorou-se pouco...

Abaixou-se, abriu o gavetão do guarda-louça, esteve a remexer nas

colheres de prata: ergueu-se, emfim, voltou-se com um sorriso,

vermelha, sacudindo as mãos:

--Prompto!

E foi sentar-se nos joelhos de Jorge.

--Como te fica bem!--dizia, torcendo-lhe o bigode. Admirava-o, d'um

modo ardente. Quando se atirára aos seus braços n'aquella madrugada,

sentira como abrir-se-lhe o coração, e um amor repentino revolver-lh'o

deliciosamente; viera-lhe um desejo de o adorar perpetuamente, de o

servir, de o apertar nos braços até lhe fazer mal, de lhe obedecer com

humildade; era uma sensação multipla, de uma doçura infinita, que a

traspassára até ás profundidades do seu sêr. E passando-lhe um braço

pelo pescoço, murmurava com um movimento d'uma adulação quasi lasciva:

--Estás contente? Sentes-te bom? Dize!

Nunca lhe parecera tão bonito, tão bom; a sua pessoa depois d'aquella

separação dava-lhe as admirações, os enlevos d'uma paixão nova.

--É o snr. Sebastião--veio dizer Juliana toda risonha para Jorge.

Jorge deu um pulo, afastou Luiza bruscamente, atirou-se pelo corredor

gritando:

--Aos meus braços! aos meus braços, scelerado!

D'ahi a dias, uma manhã que Jorge sahira para o ministerio, Juliana

entrou no quarto de Luiza, e fechando a porta devagarinho, com uma voz

muito amavel:

--Eu desejava fallar á senhora n'uma cousa.

E começou a dizer,--que o seu quarto em cima no sotão era peor que

uma enxovia; que não podia lá continuar; o calor, o mau cheiro, os

persevejos, a falta d'ar, e no inverno a humidade, matavam-na! Emfim,

desejava mudar p'ra baixo, p'ra o quarto dos bahus.

O \_quarto dos bahus\_ tinha uma janella nas trazeiras; era alto e

espaçoso; guardavam-se alli os oleados de Jorge, as suas malas, os

paletots velhos, e veneraveis bahus do tempo da avó, de couro vermelho

com pregos amarellos.

--Ficava alli como no céo, minha senhora!

E... aonde se haviam de pôr os bahus?

--No meu quarto, em cima.--E com um risinho:--Os bahus não são gente,

não soffrem...

Luiza disse um pouco embaraçada:

--Bem, eu verei, eu fallarei ao snr. Jorge.

--Conto com a senhora.

Mas apenas n'essa tarde Luiza explicou a Jorge «a ambição da pobre de

Christo», elle deu um salto:

--O quê? Mudar os bahus? Está douda!

Luiza então insistiu: era o sonho da pobre creatura desde que viera

para a casa! Enterneceu-o. Não, elle não imaginava, ninguem imaginava

o que era o quarto da pobre mulher! O cheiro empestava, os ratos

passeavam-lhe pelo corpo, o forro estava roto, chovia dentro; fôra lá

ha dias, e ia tombando para o lado...

--Santo Deus! Mas isso é o que minha avó contava das enxovias

d'Almeida! Muda-a, muda-a depressa, filha!... Porei os meus ricos bahus

no sotão.

Quando Juliana soube o \_favor\_:

--Ai, minha senhora, é a vida que me dá! Deus lh'o pague! Que eu não

tinha saude para viver n'um cacifro d'aquelles.

Ultimamente queixava-se mais: andava amarella, trazia os beiços

um pouco arroxeados; tinha dias d'uma tristeza negra, ou d'uma

irritabilidade morbida: os pés nunca lhe aqueciam. Ah! Precisava muitos

cuidados, muitos cuidados!...

Foi por isso que d'ahi a dous dias veio pedir a Luiza, «se fazia o

favor d'ir ao quarto dos bahus». E lá, mostrando-lhe o soalho velho e

carunchoso:

--Isto não póde ficar assim, minha senhora, isto precisa uma esteira

senão, não vale a pena mudar. Eu se tivesse dinheiro não importunava a

senhora, mas...

--Bem, bem, eu arranjarei--disse Luiza com uma voz paciente.

E pagou a esteira, sem dizer nada a Jorge. Mas na manhã em que os

esteireiros a pregavam Jorge veio perguntar attonito a Luiza o que era

aquillo, «rolos d'esteira no corredor»?

Ella pôz-se a rir, pousou-lhe as mãos sobre os hombros:

--Foi a pobre Juliana que pediu como uma esmola a esteira, que o

soalho estava podre. Até a queria pagar, e que eu lh'a descontasse

nas soldadas. Ora por uma ridicularia...--E com um gesto

compassivo:--Tambem são creaturas de Deus, não são escravas, filho!

--Magnifico! E que não tardem os espelhos e os bronzes! Mas que mudança

foi essa, tu que a não podias vêr?

--Coitada!--fez Luiza--reconheci que era boa mulher. E como estive

tão só, dei-me mais com ella. Não tinha com quem fallar, fez-me muita

companhia. Até quando estive doente...

--Estiveste doente?--exclamou Jorge espantado.

--Oh! tres dias, só--acudiu ella--uma constipação. Pois olha que dia e

noite não se tirou d'ao pé de mim.

Luiza ficou logo com receio que Jorge fallasse \_na doença\_, e Juliana

desprevenida negasse; por isso, n'essa tarde, ao escurecer, chamou-a ao

quarto:

--Eu disse ao snr. Jorge que vossê me tinha feito muito boa companhia

n'uma doença...--E o seu rosto abrazava-se de vergonha.

Juliana logo, risonha, contente da cumplicidade:

--Fico entendida, minha senhora! Póde estar socegada!

Com effeito Jorge, ao outro dia, depois do café, voltou-se para

Juliana, e com bondade:

--Parece que vossê fez boa companhia á snr.^a D. Luiza.

--Fiz o meu dever--exclamou, curvando-se com a mão no peito.

--Bem, bem--fez Jorge, remexendo no bolso. E ao sahir da sala meteu-lhe

na mão meia libra.

--Palerma!--rosnou ella.

Foi n'essa semana que começou a queixar-se a Luiza, «que a roupa e os

vestidos, na arca, se lhe amarfanhavam...» Estava-se-lhe a estragar

tudo! Se ella tivesse dinheiro, não vinha com aquelles pedidos á

senhora, mas... Emfim uma manhã declarou terminantemente que precisava

uma commoda.

Luiza sentiu uma raiva accender-lhe o sangue, e sem levantar os olhos

do bordado:

--Uma meia commoda?

--Se a senhora quer fazer o favor, então uma commoda inteira...

--Mas vossê tem pouca roupa--disse Luiza. Começava a installar-se na

humilhação e já regateava as condescendencias.

--Tenho, sim, minha senhora--replicou Juliana--mas vou agora

completar-me!

A commoda foi comprada em segredo, e introduzida occultamente. Que dia

de felicidade para Juliana! Não se fartava de lhe saborear o cheiro

da madeira nova! Passava a mão, com a tremura d'uma caricia, sobre

o polimento luzidio!... Forrou-lhe as gavetas de papel de sêda, \_e

começou a completar-se\_!

Foram semanas d'amargura para Luiza.

Juliana entrava no quarto todas as manhãs, muito comprimenteira,

começava a arrumar, e de repente com uma voz lamentosa:

--Ai! estou tão falta de camisas! se a senhora me podesse ajudar...

Luiza ia ás suas gavetas cheias, cheirosas, e começava melancolicamente

a pôr á parte as peças mais usadas. Adorava a sua roupa branca: tinha

tudo ás duzias, com lindas marcas, \_sachets\_ para perfumar; e aquellas

dadivas dilaceravam-n'a como mutilações! Juliana por fim já pedia com

seccura, com direito:

--Que bonita que é esta camisinha!--dizia simplesmente.--A senhora não

a quer; não?

--Leve, leve!--dizia Luiza sorrindo, por orgulho, para não se mostrar

violentada.

E todas as noites Juliana fechada no seu quarto, encruzada na esteira,

inchada d'alegria, com o candieiro sobre uma cadeira, desmarcava roupa,

desfazendo as duas letras de Luiza, marcando regaladamente as suas, a

linha vermelha, enormes--\_J. C. T.,\_--Juliana Couceiro Tavira!

Mas emfim cessou, porque, como ella dizia, «de roupa branca estava como

um ovo».

--Agora, se a senhora me quizer ajudar com alguma cousa para sahir...

E Luiza começou a \_vestil-a\_.

Deu-lhe um vestido roxo de sêda, um casaco de casimira preta,

com bordados a \_soutache\_. E receando que Jorge estranhasse as

generosidades, transformava-as para elle as não reconhecer: mandou

tingir de castanho o vestido, ella mesmo por sua mão pôz uma guarnição

de velludo no casaco. Trabalhava para ella, agora!--Como acabaria tudo

aquillo, Santo Deus?

Todavia Jorge um domingo disse ao jantar, rindo:

--Esta Juliana anda uma janota! Prospera a olhos vistos.

D. Felicidade, á noite, tambem notou:

--Que \_chic\_! Nem uma criada do paço!

--Coitada! cousas que ella aproveita...

Prosperava, com effeito! Não punha na cama senão lençoes de linho.

Reclamára colxões novos, um tapete para os pés da cama, felpudo! Os

\_sachets\_ que perfumavam a roupa de Luiza iam passando para a dobra

das suas calcinhas. Tinha cortinas de cassa na janella, apanhadas com

velhas fitas de sêda azul; e sobre a commoda dous vasos da Vista Alegre

dourados! Emfim um dia santo, em lugar da \_cuia\_ de retroz, appareceu

com um \_chignon\_ de cabello!

Joanna pasmava d'aquellas tafularias. Attribuia-as á bondade da

senhora, e resentia-se de ser «esquecida». Um dia mesmo, que Juliana

estreára uma sombrinha, disse diante de Luiza, com uma voz de despeito:

--Para umas tudo, para outras nada!...

Luiza riu, acudiu:

--Tolices! Eu sou a mesma p'ra todas.

Mas reflectiu: Joanna podia ter desconfianças tambem, ter ouvido

\_alguma cousa\_ a Juliana... E logo ao outro dia, para a conservar

contente e amiga, deu-lhe dous lenços de sêda, depois dous mil reis

para um vestido; e d'ahi por diante nunca lhe recusou licença para

sahir á noitinha \_a casa d'uma tia\_...

A Joanna ia por toda a parte fallando da «senhora, que era um anjo».

Na rua, de resto, tinha-se notado o luxo de Juliana. Sabia-se do

«quarto novo», dizia-se baixo que tinha alcatifa! O Paula decidira, com

indignação, «que alli positivamente havia marosca». Mas Juliana uma

tarde, diante do Paula e da estanqueira, explicou, acalmou as suspeitas.

--Ora! dizem que tenho isto e aquillo. Não é tanto! Tenho as minhas

commodidades. Mas tambem a maneira como eu lhes tratei a tia, de dia

e de noite, sem arredar pé... Por mais que façam não me pagam, que

arruinei a minha saude!

Assim se justificou a prosperidade de Juliana. Era a familia

agradecida, dizia-se; tratavam-na como parenta!

E, pouco a pouco, a casa do «Engenheiro» teve para os criados da

visinhança a vaga seducção d'um paraiso: dizia-se que as soldadas

eram enormes, havia vinho á discrição, recebiam-se presentes todas as

semanas, ceava-se todas as noites caldo do gallinha! Cada um invejava

aquella «pechincha». Pela inculcadeira, a fama da «casa do Engenheiro»

alargou-se. Creou-se uma legenda.

Jorge, attonito, recebia todos os dias cartas de pessoas offerecendo-se

para criados de quarto, criadas de dentro, cozinheiros, escudeiros,

governantas, cocheiros, guarda-portões, ajudantes de cozinha... Citavam

as casas titulares de que tinham sahido; pediam audiencia; suspeitando

certas cousas uma bonita criada de quarto juntou a sua photographia; um

cozinheiro trouxe uma carta d'empenho do director geral do ministerio.

--Estranho caso!--dizia Jorge, pasmado--disputam-se a honra de me

servir! Imaginarão que me sahiu a sorte grande?

Mas não dava muita attenção áquella singularidade. Vivia então muito

occupado: andava escrevendo o seu relatorio; e todos os dias sahia ao

meio dia, voltava ás seis, com rolos de papeis, mappas, brochuras,

fatigado, berrando pelo jantar, radiante.

Contou o \_caso\_, todavia, rindo, um domingo á noite. O Conselheiro

observou logo:

--Com o bom genio da D. Luiza, com o seu, Jorge, n'este bairro

saudavel, n'uma casa sem escandalos, sem questões de familia, toda

virtude, é natural que a criadagem menos favorecida aspire a uma

posição tão agradavel.

--Somos os amos ideaes!--disse Jorge, batendo muito alegre no hombro de

Luiza.

A casa, com effeito, tornava-se «agradavel». Juliana exigira que o

jantar fosse mais largo (para ter uma parte sua, sem sobejos), e como

era boa cozinheira vigiava os fogões, provava, ensinava pratos á Joanna.

--Esta Joanna é uma revelação--dizia Jorge--vê-se-lhe crescer o

talento!...

Juliana, bem alojada, bem alimentada, com roupa fina sobre a pelle,

colxões macios, saboreava a vida: o seu temperamento adoçára-se

n'aquellas abundancias; depois, bem aconselhada pela tia Victoria,

fazia o seu serviço com um zelo minucioso e habil. Os vestidos de Luiza

andavam cuidados como reliquias. Nunca os peitilhos de Jorge tinham

resplandecido tanto! O sol d'outubro alegrava a casa, muito aceada,

d'uma pacatez d'abbadia. Até o gato engordava.

E no meio d'aquella prosperidade--Luiza definhava-se. Até onde iria a

tyrannia de Juliana? era agora o seu terror. E como a odiava! Seguia-a

por vezes com um olhar tão intensamente rancoroso, que receava que ella

se voltasse subitamente, como ferida pelas costas. E via-a satisfeita,

cantarolando a \_Carta adorada\_, dormindo em colxões tão bons como os

seus, pavoneando-se na \_sua\_ roupa, reinando na \_sua\_ casa! Era justo,

justos céos?

Ás vezes vinha-lhe uma revolta, torcia os braços, blasphemava,

debatia-se na sua desgraça, como nas malhas d'uma rêde; mas, não

encontrando nenhuma solução, recahia n'uma melancolia aspera--em que o

seu genio se pervertia. Seguia com satisfação a amarellidão crescente

das feições de Juliana; tinha esperanças no aneurisma: não rebentaria

um dia, o demonio?

E diante de Jorge tinha de a elogiar!

A vida pesava-lhe. Apenas elle pela manhã sahia e fechava a cancella,

logo as suas tristezas, os seus receios lhe desciam sobre a alma,

devagar, como grandes véos espessos que se abatem lugubremente; não

se vestia então até ás quatro, cinco horas, e com o roupão solto, em

chinellas, despenteada, arrastava o seu aborrecimento pelo quarto.

Vinham-lhe, por momentos, de repente, desejos de fugir, ir metter-se

n'um convento! A sua sensibilidade muito exaltada impellil-a-hia de

certo a alguma resolução melodramatica,--se a não retivesse, com a

força d'uma seducção permanente, o seu amor por Jorge. Porque o amava

agora, immensamente! Amava-o com cuidados de mãi, com impetos de

concubina... Tinha ciumes de tudo, até do ministerio, até do relatorio!

Ia interrompêl-o a cada momento, tirar-lhe a penna da mão, reclamar

o seu olhar, a sua voz; e os passos d'elle no corredor davam-lhe o

alvoroço dos amores illegitimos...

De resto ella mesma se esforçava por desenvolver aquella paixão,

achando n'ella a compensação ineffavel das suas humilhações. Como

lhe viera \_aquillo\_? Porque sempre o amára, de certo, reconhecia-o

agora,--mas não tanto, não tão exclusivamente! Nem ella sabia.

Envergonhava-se mesmo, sentindo vagamente n'aquella violencia amorosa

pouca dignidade conjugal: suspeitava que o que tinha era apenas um

\_capricho\_. Um capricho por seu marido! Não lhe parecia rigorosamente

casto... Que lhe importava, de resto? Aquillo fazia-a feliz,

prodigiosamente. Fosse o que fosse era delicioso!

Ao principio a idéa do \_outro\_ pairava constantemente sobre este amor,

pondo um gosto infeliz em cada beijo, um remorso em cada noite. Mas

pouco a pouco esquecêra-o tanto, o \_outro\_--que a sua recordação,

quando por acaso voltava, não dava mais amargor á nova paixão, que um

torrão de sal póde dar ás aguas d'uma torrente. Que feliz que seria--se

não fosse a \_infame\_!

Era a \_infame\_ que se sentia feliz! Ás vezes só no seu quarto, punha-se

a olhar em redor com um riso d'avaro: desdobrava, batia os vestidos de

sêda: punha as botinas em fileira, contemplando-as de longe, extatica;

e debruçada sobre as gavetas abertas da commoda contava, recontava a

roupa branca, acariciando-a com o olhar de posse satisfeita. Como a da

\_Piorrinha\_!--murmurava, afogada em jubilo.

--Ai! estou muito bem!--dizia ella á tia Victoria.

--Que duvida que estás! A carta não te rendeu um conto de reis, mas

olha que te trouxe um par de regalos. E é que ha-de ser uma pingadeira:

ha-de ser a boa peça de linho, o bom adereço, boas moedas... E ainda

muito obrigada por cima. Carda-a, filha, carda-a!

Mas já havia pouco que \_cardar\_. E lentamente Juliana começou a pensar,

que agora o que devia era \_gozar\_. Se tinha bons colxões--para que se

havia de levantar cêdo? Se tinha bons vestidos--porque não havia d'ir

espairecer para a rua? Toca a tirar partido!

Uma manhã que estava mais frio deixou-se ficar na cama até ás nove

horas, com as janellas entreabertas, um bom raio de sol na esteira.

Depois explicou seccamente, que tinha estado com a dôr. D'ahi a dous

dias Joanna, ás dez horas, veio dizer baixo a Luiza:

--A snr.^a Juliana ainda está na cama, está tudo por arrumar.

Luiza ficou aterrada. O quê? Teria de soffrer os seus desmazelos, como

soffrera as suas exigencias?

Foi ao quarto d'ella:

--Então vossê levanta-se a estas horas?

--Foi o que me recommendou o medico--replicou muito insolente.

E d'ahi por diante Juliana poucas vezes se erguia antes da hora de

servir ao almoço. Luiza pediu logo a Joanna que fizesse «o serviço por

ella»: era por pouco tempo, a pobre creatura andava tão adoentada!

E para acommodar a cozinheira deu-lhe meia moeda, para a ajuda d'um

vestido.

Juliana depois, sem pedir licença, começou a sahir. Quando voltava

tarde, para o jantar, não se desculpava!

Um dia Luiza não se conteve, disse-lhe, vendo-a passar no corredor a

calçar as luvas pretas:

--Vossê vai sahir?

Ella respondeu, muito atrevidamente:

--É como vê. Fica tudo arrumado, tudo o que é minha obrigação.--E

abalou, batendo os tacões.

Ora, não lhe faltava mais senão estar a constranger-se por causa da

\_Piorrinha\_!

Joanna começava a resmungar: «passa a sua vida na rua a snr.^a Juliana,

e eu é que aguento...»

--Se vossê estivesse doente, tambem ninguem lhe ia á mão--acudia Luiza,

afflicta, quando percebia estas revoltas. E presenteava-a. Dava-lhe

mesmo vinho e sobremesa.

Havia agora um desperdicio na casa. Os roes cresciam. Luiza andava

succumbida.--Como acabaria tudo aquillo?

Os desleixos de Juliana iam-se tornando graves.

Para sahir mais cedo fazia apenas o «essencial». Era Luiza que acabava

d'encher os jarros, que levantava muitas vezes a mesa do almoço, que

levava para o sotão roupa suja que ficava pelos cantos...

Um dia Jorge que entrára ás quatro horas, viu por acaso a cama por

fazer. Luiza apressou-se a dizer que «Juliana sahira, mandára-a ella á

modista».

D'ahi a dias, eram seis horas, ainda não tinha voltado para servir ao

jantar. «Tinha ido á modista...» explicou Luiza.

--Mas se a Juliana é unicamente para ir á modista, então toma-se outra

criada para fazer o serviço da casa--disse elle.

Áquellas palavras seccas Luiza fez-se pallida, duas lagrimas

rolaram-lhe pela face.

Jorge ficou pasmado. Que era? Que tinha? Luiza não se dominou, rompeu

n'um choro nervoso, hysterico.

--Mas que é, minha filha, que tens? Zangaste-te?...

Ella não podia responder, suffocada. Jorge fez-lhe respirar vinagre de

\_toillette\_, beijou-a muito.

Só quando o choro acalmou é que ella pôde dizer, com uma voz soluçada:

--Fallaste-me tão seccamente, e eu estou tão nervosa...

Elle riu, chamou-lhe tontinha, limpou-lhe as lagrimas--mas ficou

inquieto.

Já então lhe notára certas tristezas, abatimentos inexplicaveis, uma

irritabilidade nervosa... Que seria?

Para que Jorge não tornasse a surprehender os desleixos, Luiza começou

a completar todas as manhãs os arranjos. Juliana percebeu logo; e

muito tranquillamente decidiu-se a «deixar-lhe de cada vez mais com

que se entreter». Ora não varria, depois não fazia a cama; emfim uma

manhã não vasou as aguas sujas. Luiza foi espreitar no corredor que

Joanna não descesse, não a visse, e fez ella mesma os despejos! Quando

veio ensaboar as mãos, as lagrimas corriam-lhe pelo rosto. Desejava

morrer!... A que tinha chegado!...

D. Felicidade, um dia, tendo entrado de repente, surprehendera-a a

varrer a sala.

--Que eu o faça--exclamou--que tenho só uma criada, mas tu!...

A Juliana tinha tanto que engommar...

--Ai! não lhe tires serviço do corpo, que não t'o agradece. E ainda se

ri por cima! Se a pões em maus costumes!... Que aguente, que aguente!

Luiza sorriu, disse:

--Ora, por uma vez na vida!

A sua tristeza augmentava cada dia.

Refugiava-se então no amor de Jorge como na sua unica consolação. A

noite trazia-lhe a sua desforra: Juliana a essa hora dormia; não via a

sua cara medonha; não a receava; não tinha de a elogiar; não trabalhava

por ella! Era \_ella mesma\_, era Luiza, como d'antes! Estava na sua

alcova com o seu marido, fechada por dentro, livre! Podia viver, rir,

conversar, ter até appetite! E trazia com effeito ás vezes marmelada e

pão para o quarto--para fazer uma cêasinha!

Jorge estranhava-a. «Tu de noite és outra», dizia. Chamava-lhe

\_ave nocturna\_. Ella ria em saia branca pelo quarto, com os braços

nús, o collo nú, o cabello n'um rolo; e passarinhava, cantarolava,

chalrava--até que Jorge lhe dizia:

--Passa da uma hora, filha!

Despia-se então rapidamente, cahia-lhe nos braços.

Mas que acordar! Por mais clara que estivesse a manhã, tudo lhe

parecia vagamente pardo. A vida sabia-lhe mal. Vestia-se devagar, com

repugnancia--entrando no seu dia como n'uma prisão.

Perdêra agora toda a esperança de se libertar! Ás vezes ainda lhe

vinha, como um relampago, a vontade «de contar tudo a Sebastião, tudo».

Mas quando o via, com o seu olhar honesto, abraçar Jorge, rirem ambos,

e irem fumar o seu cachimbo, e elle tão cheio sempre d'admiração por

ella, parecia-lhe mais facil sahir p'ra a rua, pedir dinheiro ao

primeiro homem que encontrasse--que ir a Sebastião, ao intimo de Jorge,

ao melhor amigo da casa, dizer-lhe: escrevi uma carta a um homem, a

criada roubou-m'a! Não, antes morrer n'aquella agonia de todos os dias,

e ter ella mesma, de rastos, de lavar as escadas! Ás vezes reflectia,

pensava:--Mas com que conto eu?--Não sabia. Com o acaso, com a morte

de Juliana... E deixava-se viver, gozando como um favor cada dia que

vinha, sentindo vagamente, a distancia, alguma cousa de indefinido e de

tenebroso onde se afundaria!

Por esse tempo Jorge começou a queixar-se que as suas camisas andavam

mal engommadas. A Juliana positivamente «perdia a mão». Um dia mesmo

zangou-se: chamou-a, e atirando-lhe uma camisa toda amarrotada:

--Isto não se póde vestir, está indecente!

Juliana fez-se amarella, cravou em Luiza um olhar chammejante; mas, com

os beiços tremulos, desculpou-se: «a gomma era má, fôra já trocal-a»,

etc.

Apenas, porém, Jorge sahiu, veio com uma rajada ao quarto, fechou a

porta e poz-se a gritar--que a senhora sujava \_um rôr\_ de roupa, o

senhor \_um rôr\_ de camisas, que se não tivesse alguem que a ajudasse

não podia dar aviamento!... Quem queria negras trazia-as do Brazil!

--E não estou para aturar o genio de seu marido, percebe a senhora? Se

quer é arranjar quem me ajude.

Luiza disse simplesmente:

--Eu a ajudarei.

Tinha agora uma resignação muda, sombria, aceitava tudo!

Logo no fim da semana houve uma grande trouxa de roupa: e Juliana veio

dizer--que se a senhora passasse, ella engommava. Senão, não!

Estava um dia adoravel, Luiza tencionava sahir... Pôz um roupão, e, sem

uma palavra, foi buscar o ferro.

Joanna ficou attonita.

--Então a senhora vai engommar?

--Ha uma carga, e a Juliana só não póde aviar tudo, coitada!

Installou-se no quarto dos engommados,--e estava laboriosamente

passando a roupa branca de Jorge, quando Juliana appareceu, de chapéo.

--Vossê vai sahir?--exclamou Luiza.

--É o que eu vinha dizer á senhora. Não posso deixar de sahir.--E

abotoava as luvas pretas.

--Mas as camisas, quem as engomma?

--Eu vou sahir--disse a outra seccamente.

--Mas, com os diabos, quem engomma as camisas?

--Engomme-as a senhora! Olha a sarna!

--Infame!--gritou Luiza. Atirou o ferro para o chão, sahiu

impetuosamente.

Juliana sentiu-a ir pelo corredor aos soluços. Pôz-se logo a tirar o

chapéo e as luvas, assustada. D'ahi a um momento ouviu a cancella da

rua bater com força. Veio ao quarto, viu o roupão de Luiza arremessado,

a chapelleira tombada. Onde teria ido? Queixar-se á policia? Procurar

o marido? C'os diabos! Fôra estupida, com o genio! Arrumou depressa

o quarto, foi-se pôr a engommar, com o ouvido á escuta, muito

arrependida. Onde diabo teria ido? Devia ter cuidado! Se a impellisse

a fazer algum desproposito, quem perdia? Ella, que teria de sahir da

casa, deixar o seu quarto, os seus regalos, a sua posição! Safa!

Luiza sahira, como louca. Na rua da Escóla um coupé passava, vazio:

atirou-se para dentro, deu ao cocheiro a morada de Leopoldina.

Leopoldina devia ter voltado do Porto, queria vêl-a, precisava d'ella,

sem saber para que... Para desabafar! Pedir-lhe uma idéa, um meio de se

vingar! Porque a vontade de se libertar d'aquella tyrannia--era agora

menor que o desejo de se vingar d'aquellas humilhações. Vinham-lhe

idéas insensatas! Se a envenenasse! Parecia-lhe que sentiria um

prazer delicioso em a vêr torcer-se com vomitos dilacerantes, uivando

d'agonia, largando a alma!

Galgou as escadas de Leopoldina; a campainha ficou a retinir muito

tempo do puxão da sua mão febril.

A Justina apenas a viu foi a gritar pelo corredor:

--É a snr.^a D. Luiza, minha senhora, é a snr.^a D. Luiza!

E Leopoldina despenteada, com um roupão escarlate de grande cauda,

correu estendendo os braços:

--És tu! Que milagre é este? Eu levantei-me agora! Entra cá p'ra o

quarto. Está tudo desarranjado, mas não importa. Mas que é isto, que é

isto?

Abriu as janellas que estavam ainda cerradas. Havia um forte cheiro de

vinagre de \_toilette\_; a Justina tirava á pressa uma bacia de latão,

com agua ensaboada; toalhas sujas arrastavam; sobre uma jardineira

tinham ficado da vespera os rolos de cabello, o collete, uma chavena

com um fundo de chá cheio de pontas de cigarros. E Leopoldina corria o

transparente, dizendo:

--Ora graças a Deus que honras esta casa, minha fidalga!...

Mas vendo o rosto perturbado de Luiza, os seus olhos vermelhos de

lagrimas:

--Que é? Que tens tu? Que succedeu?

--Um horror, Leopoldina!--exclamou, apertando as mãos.

A outra foi fechar a porta, rapidamente.

--Então?

Mas Luiza chorava sem responder. Leopoldina olhava-a, petrificada.

--A Juliana apanhou-me umas cartas!--disse emfim por entre

soluços.--Quer seiscentos mil reis! Estou perdida... Tem-me

martyrisado... Quero que me digas, vê se te lembras... Estou como

douda. Sou eu que faço tudo em casa... Morro, não posso!--E as lagrimas

redobravam.

--E as tuas joias?

--Valem duzentos mil reis. E Jorge, que lhe havia eu de dizer?

Leopoldina ficou um momento calada, e olhando em roda de si, abrindo os

braços:

--Tudo o que eu tenho, no prego, minha filha, dá vinte libras!...

Luiza murmurava, limpando os olhos:

--Que expiação esta, Santo Deus, que expiação!

--Que diz a carta?

--Horrores! Estava douda... É uma minha, duas d'elle.

--De teu primo?

Luiza disse «sim», com a cabeça, lentamente.

--E elle?

--Não sei! Está em França, nunca me respondeu.

--Pulha! Como t'as apanhou, a mulher?

Luiza contou rapidamente a historia do sarcophago, e do cofre.

--Mas tu tambem, Luiza, atirar uma carta d'essas! Oh mulher, isso é

medonho!

E Leopoldina pôz-se a passear pelo quarto, arrastando a longa cauda do

roupão escarlate: os seus grandes olhos negros, excitados, pareciam

procurar um meio, um expediente... Murmurava:

--A questão é de dinheiro...

Luiza, prostrada no sophá, repetia:

--A questão é de dinheiro!

Então Leopoldina, parando bruscamente diante d'ella:

--Eu sei quem te dava o dinheiro!...

--Quem?

--Um homem.

Luiza ergueu-se, espantada:

--Quem?

--O Castro.

--O d'oculos?

--O d'oculos.

Luiza fez-se muito córada:

--Oh Leopoldina!--murmurou. E depois d'um silencio, rapidamente:

--Quem t'o disse?

--Sei-o eu. Disse-o elle ao Mendonça. Sabes que eram unha e carne. Que

te dava tudo o que tu lhe pedisses! Disse-lh'o mais d'uma vez.

--Que horror!--exclamou Luiza subitamente indignada.--E tu propões-me

semelhante cousa?--O seu olhar, sob as sobrancelhas franzidas,

dardejava de colera. Ir com um homem por dinheiro!--Tirou o chapéo,

violentamente, com as mãos tremulas, arremessou-o para a jardineira, e

com passos rapidos pelo quarto:--Antes fugir, ir para um convento, ser

criada, apanhar a lama das ruas!

--Não te exaltes, creatura! Quem te diz isso? Talvez o homem te

emprestasse o dinheiro, desinteressadamente...

--Acreditas tu?

Leopoldina não respondeu: com a cabeça baixa, fazia girar os anneis nos

dedos.

--E quando fosse outra cousa?--exclamou de repente--Era um conto de

reis, eram dous, estavas salva, estavas feliz!

Luiza sacudia os hombros, indignada d'aquellas palavras--dos seus

proprios pensamentos, talvez!

--É indecente! É horrivel!--dizia.

Ficaram caladas.

--Ah! fosse eu!...--disse Leopoldina.

--Que fazias?

--Escrevia ao Castro, que viesse e com dinheiro!

--Isso és tu!--exclamou Luiza, arrebatadamente.

Leopoldina fez-se escarlate sob a camada de pó d'arroz.

Mas Luiza atirou-lhe os braços ao pescoço:

--Perdôa-me, perdôa-me! estou douda, não sei o que digo!...

Começaram ambas a chorar, muito nervosas.

--Tu zangaste-te!--dizia Leopoldina cortada de soluços.--Mas é p'ra

teu bem. É o que me parece melhor. Se eu podesse dava-te o dinheiro...

Fazia tudo. Acredita!

E abrindo os braços, indicando o seu corpo com um impudor sublime:

--Seiscentos mil reis! Se eu valesse tanto dinheiro, tinhal-o ámanhã!

Nós de dedos bateram á porta.

--Quem é?

--Eu--disse uma voz rouca.

--É meu marido. O animal ainda hoje não despegou de casa... Não posso

abrir. Logo.

Luiza limpava os olhos, á pressa, punha o chapéo.

--Quando voltas?--perguntou Leopoldina.

--Quando puder, senão escrevo-te.

--Bem. Eu vou pensar, vou esquadrinhar...

Luiza agarrou-lhe o braço:

--E d'isto, nem palavra.

--Douda!

Sahiu. Foi subindo devagar até ao largo de S. Roque. A porta da igreja

da Misericordia estava aberta, com o seu largo reposteiro vermelho

d'armas bordadas que o vento agitava brandamente. Veio-lhe um desejo

d'entrar. Não sabia para quê; mas parecia-lhe que depois da excitação

apaixonada em que vibrára, o fresco silencio da igreja a calmaria.

E depois sentia-se tão infeliz que se lembrou de Deus! necessitava

alguma cousa de superior, de forte a que se amparar. Foi-se ajoelhar

ao pé d'um altar, persignou-se, rezou o \_Padre-Nosso\_, depois a \_Salve

Rainha\_. Mas aquellas orações, que ella recitava em pequena, não a

consolavam; sentia que eram sons inertes que não iam mais alto no

caminho do céo que a sua mesma respiração; não as comprehendia bem,

nem se applicavam ao seu \_caso\_: Deus por ellas, nunca poderia saber o

que ella pedia, alli, prostrada na afflicção. Quereria fallar a Deus,

abrir-se toda a elle: mas com que linguagem? Com as palavras triviaes,

como se fallasse a Leopoldina? Iriam as suas confidencias tão longe,

que o alcançassem? Estaria elle tão perto, que a ouvisse? E ficou

ajoelhada, os braços molles, as mãos cruzadas no regaço, olhando as

velas de cera tristes, os bordados desbotados do frontal, a carinha

rosada e redonda d'um menino Jesus!

Lentamente perdeu-se n'um scismar que ella não dirigia, que se

formava e se movia no seu cerebro, como a fluctuação d'um fumo que se

eleva. Pensava no tempo tão distante, em que, por melancolia e por

sentimentalidade, frequentava mais as igrejas. Ainda a mamã vivia

então; e ella, com o coração quebrado--quando o \_outro\_, Bazilio, lhe

escrevera, rompendo--procurava dissipar a sua tristeza nas consolações

da devoção. Uma amiga sua, a Joanna Silveira, fôra por esse tempo

professar a França: e ella ás vezes lembrava-se de partir tambem,

ser irmã de caridade, levantar os feridos nos campos de batalha, ou

viver na paz d'uma cella mystica! Que differente a sua vida teria

sido--d'esta agora tão alvoroçada de cólera, e tão carregada de

peccado!... Onde estaria? Longe, n'algum mosteiro antigo, entre

arvoredos escuros, n'um valle solitario e contemplativo: na Escocia,

talvez, paiz que ella sempre amára desde as suas leituras de Walter

Scott. Podia ser nas verde-negras terras de Lamermoor ou de Glencoe,

n'alguma velha abbadia saxonia. Em redor os montes cobertos d'abetos,

esbatidos nas nevoas, isolam aquelles retiros n'uma paz funeraria: n'um

céo saudoso, as nuvens passam devagar, com recolhimento: nenhum som

festivo quebra a meiga taciturnidade das cousas: revoadas de corvos

cortam á tarde o ar n'um vôo triangular. Alli viveria entre as monjas

d'alta estatura e olhar celtico, filhas de duques normandos, ou de

lords de \_clans\_ convertidos a Roma: leria livros dôces e cheios das

cousas do céo: sentada na estreita janella da sua cella, veria passar

nas mattas baixas os altos paus dos veados, ou pelas tardes vaporosas

escutaria o som distante da \_bagpipe\_, que vai tristemente tocando o

pastor que vem dos valles de Callendar: e todo o ar estaria cheio do

murmurio choroso e gottejante dos fios d'agua, que por entre as relvas

escuras cahem de rocha em rocha!

Ou então seria outra existencia mais regalada, no convento pacato d'uma

boa provincia portugueza. Alli os tectos são baixos; as paredes caiadas

faiscam ao sol, com as suas gradesinhas devotas; os sinos repicam no

vivo ar azul; em roda, nos campos d'oliveiras que dão azeite para o

convento, raparigas varejam a azeitona cantando; no pateo lageado d'uma

pedra miudinha as mulas do almocreve, sacudindo a mosca, batem com a

ferradura: matronas cochicham ao pé da roda; um carro chia na estrada

empoeirada e branca; gallos cacarejam, brilhando ao sol; e freiras

gordinhas, d'olho negro, chalram nos frescos corredores.

Alli viveria, engordando, com uma quebrasinha de somno á hora do côro,

bebendo copinhos de licôr de rosa no quarto da madre-escrivã, copiando

receitas de dôces com uma letra garrafal; morreria velha, ouvindo as

andorinhas cantar á beira da sua grade; e o senhor bispo na sua visita,

com a pitada nos seus dedos brancos, ouviria sorrindo da bocca da madre

abbadessa a historia edificante da sua santa morte...

Um sacristão, que passava, escarrou fortemente; e, como um bando de

passaros que se cala a um ruido brusco, todos os seus sonhos fugiram.

Suspirou, ergueu-se devagar, foi indo para casa, triste.

Foi Juliana quem veio abrir, e logo no corredor, com a voz supplicante

e baixa:

--A senhora por quem é perdôe, que depois estava douda! Estava com

a cabeça perdida, não tinha dormido nada toda a noite. Fiquei mais

afflicta...

Luiza não respondeu, entrou na sala. Sebastião que vinha jantar, tocava

a serenata de D. Juan--e apenas ella appareceu:

--D'onde vem, tão pallida?

--Debilidade, Sebastião, venho da igreja...

Jorge entrava do escriptorio com uns papeis na mão:

--Da igreja!--exclamou--Que horror!

XII

Foi por esse tempo que, n'um sabbado, o Diario do Governo publicou a

nomeação do conselheiro Accacio ao \_grau de cavalleiro da ordem de S.

Thiago\_, attendendo aos seus grandes merecimentos litterarios, ás obras

publicadas de reconhecida utilidade, e mais partes...

Na noite seguinte, ao entrar em casa de Jorge, todos o cercaram,

felicitando-o com alarido; o Conselheiro, depois de os abraçar um por

um, n'uma pressão nervosa e commovida, cahiu no sophá, exhausto, e

murmurou:

--Não o esperava tão cedo da real munificencia! Não o esperava tão

cedo!--E acrescentou, pondo a mão espalmada sobre o peito:--Direi como

o philosopho: Esta condecoração é o melhor dia da minha vida!

E convidou logo Jorge, Sebastião e Julião para um jantar na

quinta-feira, «um modesto jantar de rapazes, no seu humilde tugurio,

para festejarem a regia graça».

--Ás cinco e meia, meus bons amigos!

Na quinta-feira, os tres, que se tinham encontrado na Casa Havaneza,

eram introduzidos por uma rapariguita vesga, suja como um esfregão, na

sala do Conselheiro. Um vasto canapé de damasco amarello occupava a

parede do fundo, tendo aos pés um tapete onde um chileno roxo caçava ao

laço um bufalo côr de chocolate; por cima uma pintura tratada a tons

côr de carne, e cheia de corpos nús cobertos de capacetes, representava

o valente Achilles arrastando Heitor em torno dos muros de Troya. Um

piano de cauda, mudo e triste sob a sua capa de baeta verde, enchia

o intervallo das duas janellas. Sobre uma mesa de jogo, entre dous

castiçaes de prata, uma galguinha de vidro transparente galopava; e o

objecto em que se sentia mais o calor do uso era uma caixa de musica de

18 peças!

O Conselheiro recebeu-os, com o \_habito\_ de S. Thiago sobre a lapella

do \_frac\_ preto. Havia outro sujeito na sala, o snr. Alves Coutinho.

Era picado das bexigas, tinha a cabeça muito enterrada nos hombros;

quando o seu olhar parvo se fixava nas pessoas, com pasmo, o seu bigode

pellado arreganhava-se logo por habito, n'um sorriso alvar que mostrava

uma bocca medonha cheia de dentes pôdres; fallava pouco, esfregava

sempre as mãos, concordava em tudo; havia n'elle o ar d'um deboche

banal, e d'um embrutecimento antigo. Era um empregado do ministerio do

reino, illustre pela sua boa letra.

D'ahi a pouco entrou a figura conhecida do Savedra, redactor do

\_Seculo\_. A sua face branca parecia mais balofa; o bigode muito preto

reluzia de brilhantina; as lunetas d'ouro accentuavam o seu tom

official: trazia ainda no queixo o pó d'arroz, que lhe pozera momentos

antes o barbeiro; e a mão, que escrevia tanta banalidade e tanta

mentira, vinha aperreada n'uma luva nova, côr de gema d'ovo!

--Estamos todos!--disse com jubilo o Conselheiro. E

curvando-se:--Bemvindos, meus amigos! Estamos talvez mais á vontade

no meu quarto de estudo! Por aqui. Ha um degrau, cuidado! Eis o meu

\_Sanctus Sanctorum\_!

N'uma saleta muito espanejada a que as cortinas de cassa, a luz de

duas janellas de peitoril, e o papel claro davam um aspecto alvadio,

estava a larga escrivaninha de trabalho, com um tinteiro de prata, os

lapis muito aparados, as regoas bem dispostas. Via-se o sinete d'armas

do Conselheiro, pousado sobre a \_Carta Constitucional\_ ricamente

encadernada. Encaixilhada, na parede, pendia a \_carta regia\_ que o

nomeára Conselheiro; defronte uma lithographia d'El-Rei; e sobre uma

mesa, era eminente o busto em gesso de Rodrigo da Fonseca Magalhães,

tendo no alto da cabeça uma corôa de perpetuas--que ao mesmo tempo o

glorificava e o chorava.

Julião pozera-se logo a examinar a livraria.

--Prezo-me de ter os authores mais illustres, amigo Zuzarte!--disse com

orgulho o Conselheiro.

Mostrou-lhe a \_Historia do consulado e do imperio\_, as obras de

Delille, o \_Diccionario da conversação\_, a ediçãosinha bojuda da

\_Encyclopedia Roret\_, o \_Parnaso lusitano\_. Fallou dos seus trabalhos;

e acrescentou que, vendo alli reunidas pessoas de tão subida

illustração, desejaria muito lêr-lhes algumas das provas que estava

revendo do seu novo livro--\_Descripção das principaes cidades do reino

e seus estabelecimentos\_, para ouvir a opinião d'elles, desassombrada e

severa!

--Se não acham massada...

--Prazer, Conselheiro! prazer!

Escolheu então «como mais propria para dar idéa da importancia do

trabalho» a pagina relativa a Coimbra. Assoou-se, collocou-se no meio

da saleta, de pé, com as folhas na mão, e, com uma voz cheia, gestos

pausados, leu:

«--...Reclinada mollemente na sua verdejante collina, como odalisca

em seus aposentos, está a sabia Coimbra, a Lusa Athenas. Beija-lhe os

pés, segredando-lhe d'amor, o saudoso Mondego. E em seus bosques, no

bem conhecido salgueiral, o rouxinol e outras aves canoras soltam seus

melancolicos trilos. Quando vos aproximaes pela estrada de Lisboa,

onde outr'ora uma bem organisada \_mala-posta\_ fazia o serviço que o

progresso hoje encarregou á fumegante locomotiva, vêdel-a branquejando,

coroada do edificio imponente da Universidade, asylo da sabedoria. Lá

campêa a torre com o sino, que em sua folgazã linguagem a mocidade

estudiosa chama \_a cabra\_. Para além logo uma copada arvore vos attrahe

as vistas: é a celebrada \_arvore dos Dorias\_, que dilata seus seculares

ramos no jardim d'um dos membros d'esta respeitavel familia. E avistaes

logo, sentados nos parapeitos da antiga ponte, em seus innocentes

recreios, os briosos moços, esperança da patria, ou requebrando

galanteios com as ternas camponezas que passam reflorindo de mocidade e

frescura, ou revolvendo em suas mentes os problemas mais arduos de seus

bem elaborados compendios...»

--Está a sôpa na mesa--veio dizer uma criada, de avental branco, muito

nutrida.

--Muito bem, Conselheiro, muito bem!--disse logo o Savedra do \_Seculo\_,

erguendo-se.--É admiravel!

Declarou para os lados com authoridade: «que o estylo era digno d'um

Rebello ou d'um Latino, e que realmente estava-se precisando muito em

Portugal d'uma obra daquelle quilate...» E pensava baixo: «Grandissima

cavalgadura!...» O que era a sua apreciação generica de todas as obras

contemporaneas--exceptuando os seus artigos no \_Seculo\_.

--Que lhe pareceu, meu bom amigo?--perguntou baixo o Conselheiro

a Julião, passando-lhe a mão sobre o hombro.--Mas uma opinião

desaffrontada, meu Zuzarte!

--Snr. Conselheiro--disse Julião com uma voz profunda--tenho-lhe

inveja!--E as suas lunetas escuras fixavam-se com uma preoccupação

crescente n'um chale-manta pardo, que a um canto cobria

cuidadosamente, a julgar pelas saliencias, altas pilhas de livros. Que

seria?--Tenho-lhe inveja!--repetiu--E outra cousa, Conselheiro, não se

me dava de lavar as mãos.

Accacio levou-o logo ao seu quarto, e retirou-se discretamente. Julião,

sempre curioso, observou, surprehendido, duas grandes lithographias

aos lados da cama--um \_Ecce Homo\_! e a \_Virgem das sete Dôres\_. O

quarto era esteirado, o leito baixo e largo. Abriu então a gavetinha

da mesa de cabeceira, e viu, espantado, uma touca e o volume brochado

das poesias obscenas de Bocage! Entreabriu os cortinados fechados; e

teve a consolação de verificar,--que havia sobre o travesseiro duas

fronhasinhas chegadas d'um modo conjugal e terno!

Apenas elle sahiu do quarto, limpando as unhas com o lenço, o

Conselheiro conduziu-os á sala de jantar, dizendo, jovialmente:

--Não esperem o festim de Lucullo: é apenas o modesto passadio d'um

humilde philosopho!

Mas o Alves Coutinho extasiou-se sobre a abundancia das travessas

de dôce; havia \_creme\_ crestado a ferro d'engomar, um prato \_d'ovos

queimados\_, aletria com as iniciaes do Conselheiro desenhadas a canella.

--É um grande dia para Sebastião!--disse Jorge.

O Alves Coutinho voltou-se logo para Sebastião, esfregando as mãos, com

um riso na face amarella:

--É cá dos meus, hein? Gosta do bello dôce! Tambem me péllo, tambem me

péllo!...

Houve então um silencio. As colheres de prata, remexendo devagar a sopa

muito quente, agitavam os longos canudos brancos e molles do macarrão.

O Conselheiro disse:

--Não sei se gostarão da sopa. Eu adoro o macarrão!

--Gosta do macarrão?--acudiu o Alves.

--Muito, meu Alves. Lembra-me a Italia!--E acrescentou:--Paiz que

sempre desejei vêr. Dizem-me que as suas ruinas são de primeira ordem.

Póde ir trazendo o cozido, snr.^a Philomena...--Mas detendo-a, com um

gesto grave:--Perdão, com franqueza, preferem o cozido ou o peixe? É um

pargo.

Houve uma hesitação, Jorge disse:

--O cozido talvez.

E o Conselheiro com affecto:

--O nosso Jorge opina pelo cozido.

--Tambem estou pela sua!--exclamou o Alves Coutinho, voltado para

Jorge, com o olho afogado em reconhecimento:--O cozidinho!

E o Conselheiro que julgava do seu dever dar á conversação nobreza e

interesse, disse, limpando devagar o bigode da gordura da sopa:

--Dizem-me que é muito liberal a constituição da Italia!

Liberal! Segundo Julião, se a Italia fosse liberal, devia ter ha muito

expulso a coronhadas o papa, o sacro collegio, e a sociedade de Jesus!

O Conselheiro pediu, com bondade, a benevolencia do amigo Zuzarte para

o «chefe da Igreja».

--Não--explicou--que eu seja um sectario do \_Syllabus\_. Não que eu

queira vêr os jesuitas enthronisados no seio da familia! Mas--e a sua

voz tornou-se profunda--o respeitavel prisioneiro do Vaticano é o

vigario de Christo! Meu Sebastião, sirva o arroz!

Não havia que estranhar aquellas opiniões catholicas do Conselheiro,

ia observando Julião, porque tinha duas imagens de santos pendentes á

cabeceira da cama...

A calva d'Accacio fez-se rubra. O Savedra do \_Seculo\_ exclamou com a

bocca cheia:

--Não o sabia carola, Conselheiro!

Accacio, afflicto, suspendeu o trinchador sobre o paio escarlate, e

acudiu:

--Eu peço ao meu Savedra que não tire d'esse facto illações erradas.

Os meus principios são bem conhecidos. Não sou ultramontano, nem faço

votos pelo restabelecimento da perseguição religiosa. Sou liberal.

Creio em Deus. Mas reconheço que a religião é um freio...

--Para os que o precisam--interrompeu Julião.

Riram; o Alves Coutinho torcia-se. O Conselheiro interdicto respondeu,

devagar, dispondo na travessa as rodelas do paio:

--Não o precisamos nós de certo, que somos as classes illustradas. Mas

precisa-o a massa do povo, snr. Zuzarte. Senão veriamos augmentar a

estatistica dos crimes.

E o Savedra do \_Seculo\_, erguendo as sobrancelhas, com a physionomia

muito séria:

--Pois olhe que diz uma grandissima verdade.--Repetiu a maxima,

modificando-a:--A religião é um bridão!--Fazia com o gesto o esforço de

conter uma mula. E pediu mais arroz. Devorava.

O Conselheiro continuava, explicando:

--Como dizia, sou liberal, mas entendo que algumas lithographias ou

gravuras, allusivas ao mysterio da Paixão, tem o seu lugar n'um quarto

de cama, e inspiram de certo modo sentimentos christãos. Não é verdade,

meu Jorge?

Mas o Savedra interrompeu ruidosamente, com a face accesa n'uma

jovialidade libertina:

--Eu, n'um quarto de dormir, as unicas pinturas que admitto são uma

bella nympha núa, ou uma bacchante desenfreada!

--Isso, isso!--bradou o Alves Coutinho. A bocca dilatava-se-lhe

n'uma admiração sensual.--Este Savedra! Este Savedra!--E baixo para

Sebastião:--Tem um talento! Tem um talento!

O Conselheiro voltou-se para Julião, e puxando o guardanapo para o

estomago:

--Espero que não sejam esses os paineis immoraes, que se vêem no seu

gabinete d'estudo.

Julião emendou:

--No meu cubiculo. Ah! não, Conselheiro! Tenho apenas duas

lithographias--uma é um homem sem pelle para representar o systema

arterial, o outro é o mesmo individuo igualmente sem pelle para se vêr

o systema nervoso.

O Conselheiro teve com a sua mão branca um vago gesto enojado, e

exprimiu a opinião--que na medicina, aliás uma grande sciencia! havia

cousas bastante asquerosas. Assim, ouvira dizer que nos theatros

anatomicos, os estudantes d'idéas mais avançadas levavam o seu desprezo

pela moral até atirarem uns aos outros, brincando, pedaços de membros

humanos, pés, coxas, narizes...

--Mas é como quem mexe em terra, Conselheiro!--disse Julião, enchendo o

copo--é materia inerte!

--E a alma, snr. Zuzarte?...--exclamou o Conselheiro. Fez um gesto

de vaga reticencia; e julgando tel-o aniquilado com aquella palavra

suprema, abriu para Sebastião um sorriso cortez e protector:

--E que diz o nosso bondoso Sebastião?

--Estou a ouvir, snr. Conselheiro.

--Não dê ouvidos a estas doutrinas!--Com o garfo mostrava a figura

biliosa de Julião.--Mantenha a sua alma pura. São perniciosas. Que o

nosso Jorge (o que é de lamentar n'um homem estabelecido e empregado do

Estado) tambem vai um pouco para estas exagerações materialistas!

Jorge riu; affirmou que \_sim\_, que tinha essa honra...

--Então o Conselheiro quer que eu, um engenheiro, um estudante de

mathematica, acredite que ha almas que vivem no céo, com azinhas

brancas, tunicas azues, e tocando instrumentos?

O Conselheiro acudiu:

--Não, instrumentos não!--E como appellando para todos:--Não creio que

tivesse fallado em instrumentos. Os instrumentos são uma exageração.

São, podemos dizel-o, tacticas do partido reaccionario...

Ia fulminar a doutrina ultramontana--mas a snr.^a Philomena

collocou-lhe diante a travessa com a perna de vitella assada.

Compenetrou-se logo do seu dever, afiou o trinchador com solemnidade,

foi cortando fatias finas, com a testa muito franzida como na

applicação d'uma funcção grave. Então Julião, pousando os cotovêlos

sobre a mesa, e escabichando os dentes com a unha, perguntou:

--E o ministerio, cahe ou não cahe?

Sebastião ouvira dizer no vapor d'Almada, de tarde, que «a situação

estava firme».

Mas o Savedra esvaziou o copo, limpou os beiços e declarou que em duas

semanas «estavam em terra». Nem aquelle escandalo podia continuar! Não

tinham a mais pequena idéa de governo. Nem a mais leve! Assim, por

exemplo, elle...--E metteu as mãos nos bolsos, firmando-se nas costas

da cadeira--Elle tinha-os apoiado, não é verdade? E com lealdade.

Porque era leal! Sempre o fôra em politica! Pois bem, não lhe tinham

despachado o primo recebedor d'Aljustrel, tendo-lh'o promettido! e nem

lhe tinham dado uma satisfação. Assim não era possivel fazer politica!

Era uma collecção de idiotas!

Jorge alegrava-se que viessem outros; talvez lhe dessem de novo a sua

commissão no ministerio; e elle o que queria era estar quieto ao seu

cantinho...

O Alves Coutinho calava-se, com prudencia, engulindo buchas de pão.

--Eu que caiam, ou que fiquem--disse Julião--que venham estes, ou que

venham aquelles... Obrigado, Conselheiro--e recebeu o seu prato de

vitella--...é-me inteiramente indifferente. É tudo a mesma podridão! O

paiz inspirava-lhe nojo; de cima a baixo era uma \_choldra\_: e esperava

breve que, pela logica das cousas, uma revolução varresse a porcaria...

--Uma revolução!--fez o Alves Coutinho, assustado, com olhares

inquietos para os lados, coçando nervosamente o queixo.

O Conselheiro sentára-se, e disse, então:

--Eu não quero entrar em discussões politicas, só servem para dividir

as familias mais unidas, mas só lhe lembrarei, snr. Zuzarte, uma cousa,

os excessos da Communa...

Julião recostou-se, e com uma voz muito tranquilla:

--Mas onde está o mal, snr. Conselheiro, se fuzilarmos alguns

banqueiros, alguns padres, alguns proprietarios obesos, e alguns

marquezes cacheticos! Era uma limpezasinha!...--E fazia o gesto d'afiar

a faca.

O Conselheiro sorriu, cortezmente; tomava como um gracejo aquella

sahida sanguinaria.

O Savedra porém interpoz-se, com authoridade:

--Eu no fundo sou republicano...

--E eu--disse Jorge.

--E eu--fez o Alves Coutinho, já inquieto.--Contem-me a mim tambem!

--Mas--continuou o Savedra--sou-o em principio. Porque o principio é

bello, o principio é ideal! Mas a pratica? Sim, a pratica?--E voltava

para todos os lados a sua face balofa.

--Sim, na pratica!--exclamava o Alves Coutinho, em echo admirativo.

--A pratica é impossivel!--declarou o Savedra. E encheu a bocca de

vitella.

O Conselheiro então resumiu:

--A verdade é esta: o paiz está sinceramente abraçado á familia real...

Não acha, meu bom Sebastião?--Dirigia-se a elle, como proprietario e

possuidor d'inscripções.

Sebastião, interpellado, córou, declarou que não entendia nada de

politica; havia todavia factos que o affligiam; parecia-lhe que os

operarios eram mal pagos; a miseria crescia; os cigarreiros, por

exemplo, tinham apenas de nove a onze vintens por dia, e, com familia,

era triste...

--É uma infamia--disse Julião, encolhendo os hombros.

--E ha poucas escólas...--observou timidamente Sebastião.

--É uma torpeza!--insistiu Julião.

O Savedra calava-se, occupado com o alimento; tinha desabotoado

a fivela do collete; espalhava-se-lhe no rosto gordo uma côr

d'enfartação, e sorria vagamente, inchado.

--E os idiotas de S. Bento?...--exclamou Julião.

Mas o Conselheiro interrompeu-o:

--Meus bons amigos, fallemos d'outra cousa. É mais digno de portuguezes

e de subditos fieis.

E voltando-se logo para Jorge, quiz saber como ficára a interessante D.

Luiza?

Estava um pouco adoentada havia dias--disse Jorge.--Mas não era nada,

mudança d'estação, um bocadito d'anemia...

O Savedra pousando o copo, e comprimentando:

--Tive o prazer de a vêr passar este verão quasi todas as manhãs por

minha casa--disse.--Ia para os lados d'Arroios. Ás vezes de trem, ás

vezes a pé...

Jorge pareceu um pouco surprehendido; mas o Conselheiro ia dizendo

quanto lhe pezava não ter o prazer de a vêr partilhar d'aquelle modesto

repasto; como celibatario porém... não tendo uma esposa para fazer as

honras...

--E é o que eu admiro, Conselheiro--observou Julião--é que tendo uma

casa tão confortavel, não se tenha casado, não se tenha dado o conchego

d'uma senhora...

Todos apoiaram. Era verdade! O Conselheiro devia-se ter casado.

--São graves, perante Deus e perante a sociedade, as responsabilidades

d'um chefe de familia--considerou elle.

Mas emfim--disseram--é o estado mais natural. E depois, que diabo, ás

vezes havia de se sentir só! E n'uma doença! Sem contar a alegria que

dão os filhos!...

O Conselheiro objectou: «os annos, as neves da fronte...»

Tambem ninguem lhe dizia que fosse casar com uma rapariga de quinze

annos! Não, era arriscado. Mas com uma pessoa de certa idade que

tivesse attractivos, cuidados de interior... Era mesmo moral.

--Porque emfim, Conselheiro, a natureza, é a natureza!--disse Julião

com malicia.

--Ha muito, meu amigo, que se apagou dentro em mim o fogo das paixões.

Ora qual! era um fogo que nunca se extinguia! Que diabo! era

impossivel que o Conselheiro, apesar dos seus cincoenta e cinco, fosse

indifferente a uns bellos olhos pretos, a umas fórmasinhas redondas!...

O Conselheiro córava. E o Savedra declarou, com um circumloquio

pudico--que nenhuma idade se eximia á influencia de Venus. Toda a

questão é nos gostos--disse:--aos quinze annos gosta-se d'uma matrona

cheia, aos cincoenta d'um fructosinho tenro... Pois não é verdade,

amigo Alves?

O Alves arregalou os olhos concupiscentes, e fez estalar a lingua.

E o Savedra continuou:

--Eu, a minha primeira paixão foi uma visinha, mulher d'um capitão de

navios, mãi de seis filhos, e que não cabia por aquella porta. Pois

senhores, fiz-lhe versos, e a excellente creatura ensinou-me um par de

cousas agradaveis... Deve-se começar cedo, não é verdade?--E voltou-se

para Sebastião.

Quizeram então saber as opiniões de Sebastião--que se fez escarlate.

Por fim, muito solicitado, disse com timidez:

--Eu acho que se deve casar com uma rapariga de bem, e estimal-a toda a

vida...

Aquellas palavras simples produziram um curto silencio. Mas o Savedra,

reclinando-se, classificou uma tal opinião de «burgueza»; o casamento

era um fardo; não havia nada como a variedade...

E Julião expôz dogmaticamente:

--O casamento é uma formula administrativa, que ha-de um dia

acabar...--De resto, segundo elle, a femea era um ente subalterno; o

homem deveria aproximar-se d'ella em certas épocas do anno (como fazem

os animaes, que comprehendem estas cousas melhor que nós), fecundal-a,

e afastar-se com tedio.

Aquella opinião escandalisou a todos, sobretudo o Conselheiro que a

achou «d'um materialismo repugnante».

--Essas femeas para quem é tão severo, snr. Zuzarte--exclamava

elle--essas femeas são nossas mães, nossas carinhosas irmãs, a esposa

do Chefe do Estado, as damas illustres da nobreza...

--São o melhor bocadinho d'este valle de lagrimas--interrompeu com

fatuidade o Savedra, dando palmadinhas sobre o estomago. Dissertou

então sobre as mulheres. O que sobretudo lhes exigia era um bonito pé;

não havia nada como um pésinho catita! E a todas preferia a mulher

hespanhola!

O Alves votava pelas francezas: citava algumas do Café Concerto,

creaturas de fazer perder a cabeça!...--E injectavam-se-lhe os olhos.

O Savedra disse com um trejeito hostil:

--Sim, para um bocado de can-can... Para o can-can não ha como as

francezas... Mas muito chupistas!

O Conselheiro affirmou ageitando as lunetas:

--Viajantes instruidos teem-me afiançado que as inglezas são notaveis

mães de familia...

--Mas frias como esta madeira--disse o Savedra, batendo no

mesa.--Mulheres de gêlo!--E reclamava hespanholas! Queria fogo! Queria

\_salero\_! Tinha o olho brilhante do vinho; a comida accendia-lhe o

sentimento!

--Uma bella \_gaditana\_, hein, amigo Alves?

Mas em presença dos dôces que a snr.^a Philomena dispôz sobre a mesa,

o Alves Coutinho esquecera as mulheres, e, voltado para Sebastião,

discutia gulodices. Indicava as especialidades: Para os folhados, o

Cócó! Para as natas, o Baltresqui! Para as gelatinas, o largo de S.

Domingos! Dava receitas; contava proezas de lambarice, revirando os

olhos:

--Porque--dizia--o docinho e a mulherzinha é o que me toca cá por

dentro a alma.

Era: todo o tempo que não dedicava ao serviço do Estado, dividia-o, com

solicitude, entre as confeitarias e os lupanares.

Savedra e Julião discutiam a imprensa. O redactor do \_Seculo\_ gabava a

profissão de jornalista--quando a gente, já sabe, tem alguma cousa de

seu; mais tarde ou mais cedo apanha-se um nicho, não é verdade? Depois

as entradas nos theatros, a influencia nas cantoras. Sempre se é um

bocado temido...

E o Conselheiro, cortando os ovos queimados, saboreando as alegrias da

convivencia, dizia a Jorge:

--Que maior prazer, meu Jorge, que passar assim as horas entre

amigos, todos de reconhecida illustração, discutir as questões mais

importantes, e vêr travada uma conversação erudita?... Parecem

excellentes os ovos.

A snr.^a Philomena, então, com solemnidade, veio collocar-lhe ao pé uma

garrafa de champagne.

O Savedra pediu logo para a abrir, porque o fazia com muito \_chic\_.

E apenas a rolha saltou, e, no silencio que creou a ceremonia, se

encheram os copos, o Savedra, que ficára de pé, disse:

--Conselheiro!

Accacio curvou-se, pallido.

--Conselheiro, é com o maior prazer que bebo, que todos bebemos, á

saude d'um homem, que--e arremessando o braço, deu um puxão ao punho

da camisa com eloquencia--pela sua respeitabilidade, a sua posição, os

seus vastos conhecimentos, é um dos vultos d'este paiz. Á sua saude,

Conselheiro!

--Conselheiro! Conselheiro! Amigo Conselheiro!

Beberam com ruido. Accacio, depois de limpar os beiços, passou a mão

tremula pela calva, levantou-se commovido, e começou:

--Meus bons amigos! Eu não me preparei para esta circumstancia. Se o

soubesse d'antemão, teria tomado algumas notas. Não tenho a verbosidade

dos Rodrigos ou dos Garretts. E sinto que as lagrimas me vão embargar a

voz...

Fallou então de si, com modestia: reconhecia, quando via na capital

tão illustres parlamentares, oradores tão sublimes, tão consummados

estylistas, reconhecia que era um Zero!--E com a mão erguida formava

no ar, pela junção do pollegar e do indicador, um 0: um \_zero\_!

Proclamou o seu amor á patria: que ámanhã as instituições ou a familia

real precisassem d'elle--e o seu corpo, a sua penna, o seu modesto

peculio, tudo offerecia de bom grado! Quereria derramar todo o seu

sangue pelo throno!--E, prolixo, citou o \_Eurico\_, as instituições da

Belgica, Bocage e passagens dos seus prologos. Honrou-se de pretencer á

Sociedade Primeiro de Dezembro...--N'esse dia memoravel--exclamou--eu

mesmo illumino as minhas janellas, sem o luxo dos grandes

estabelecimentos do Chiado, mas com uma alma sincera!

E terminou dizendo:--Não esqueçamos, meus amigos, como portuguezes, de

fazer votos pelo illustrado monarcha, que deu ás neves da minha fronte,

antes de descerem ao tumulo, a consolação de se poderem revestir com

o honroso habito de S. Thiago! Meus amigos, á familia real!--e ergueu

o copo--á familia modêlo, que sentada ao leme do Estado, dirige,

cercada dos grandes vultos da nossa politica, dirige...--Procurou

o fecho; havia um silencio ancioso--dirige...--Através das lunetas

negras, os seus olhos cravavam-se, á busca da inspiração, na

travessa d'aletria--dirige...--Coçou a calva, afflicto; mas um

sorriso clareou-lhe o aspecto, encontrára a phrase; e estendendo o

braço:--...dirige a barca da governação publica com inveja das nações

visinhas! Á familia real!

--Á familia real!--disseram com respeito.

O café foi servido na sala. As velas d'estearina punham uma luz

triste n'aquella habitação fria; o Conselheiro foi dar corda á caixa

de musica; e, ao som do côro nupcial da \_Lucia\_, offereceu em redor

charutos.

--E a snr.^a Adelaide póde trazer os licôres--disse á Philomena.

Viram então apparecer uma bella mulher de trinta annos, muito branca,

de olhos negros, e fórmas ricas, com um vestido de merino azul,

trazendo n'uma bandeja de prata, onde tremelicavam copinhos, a garrafa

de cognac e o frasco de curaçáo.

--Boa moça!--rosnou com o rosto acceso o Alves Coutinho.

Julião quasi lhe tapou a bocca com a mão. E fallando-lhe ao ouvido,

olhando o Conselheiro, recitou:

Não ouses, temerario, erguer teus olhos

Para a mulher de Cesar!

E em quanto se bebia o curaçáo, Julião pé ante pé dirigiu-se ao

escriptorio, e foi erguer a ponta do chale-manta pardo que tanto o

preoccupava; eram rumas de livros brochados, atadas com guitas,--as

obras do Conselheiro, intactas!

Quando Jorge entrou, ás onze horas, Luiza já deitada lia, esperando-o.

Quiz saber do jantar do Conselheiro.

Excellente, contou Jorge, começando a despir-se. Gabou muito os vinhos.

Tinha havido \_speechs\_... E de repente:

--É verdade, onde ias tu a Arroios?

Luiza passou devagar as mãos sobre o rosto para lhe cobrir a alteração.

Disse bocejando ligeiramente:

--A Arroios?

--Sim. O Savedra, um sujeito que estava em casa do Conselheiro, diz que

te via passar todos os dias para lá, de trem e a pé.

--Ah!--fez Luiza, depois de tossir--ia vêr a Guedes, uma rapariga que

andou commigo no collegio, que tinha chegado do Porto. A Silva Guedes!

--Silva Guedes!...--disse Jorge reflectindo--Imaginei que estava

secretario geral em Cabo-Verde!

--Não sei. Estiveram ahi um mez no verão. Moravam a Arroios. Ella

estava doente, coitada: eu ia lá ás vezes. Mandava-me pedir para ir lá.

Põe essa luz fóra, está-me a fazer impressão.

Queixou-se então que toda a tarde estivera exquisita. Sentia-se fraca,

e com uma pontinha de febre...

E nos dias seguintes não se achou melhor. Queixava-se ainda vagamente

de peso na cabeça, mal estar... Uma manhã mesmo ficou de cama. Jorge

não sahiu, inquieto, querendo já mandar chamar Julião. Mas Luiza

insistiu que «não era nada, um bocadito de fraqueza, talvez...»

Foi tambem a opinião de Juliana, em cima na cozinha.

--Que aquella senhora é fraca; alli ha cousa do peito--disse com

importancia.

Joanna que estava debruçada sobre o fogão, acudiu logo:

--O que ella é, é uma santa!...

Juliana cravou-lhe nas costas um olhar rancoroso. E com um risinho:

--A snr.^a Joanna diz isso como se as outras fossem uma peste.

--Que outras?

--Eu, vossemecê, a mais gente...

Joanna sempre remexendo nas panellas sem se voltar:

--Olhe, outra não encontra vossemessê, snr.^a Juliana! Uma senhora que

lhe deixa fazer tudo o que quer, e faz ella mesma o serviço! N'outra

dia andava a despejar as aguas. É uma santa!

Aquelle tom hostil de Joanna exasperou-a; mas conteve-se; apesar da

sua \_posição\_ na casa, dependia d'ella para os caldinhos, os bifes,

os petiscos; tinha diante d'ella a vaga timidez respeitosa das

constituições franzinas pelos corpos possantes; pôz-se a dizer com uma

voz tortuosa, ambigua:

--Ora!--são genios! Gosta d'arrumar. Ah, lá isso deve-se dizer, é

senhora de muita ordem. Mas gosta, gosta de trabalhar. Ás vezes

basta-lhe vêr um bocadinho de pó, agarra logo no espanador... É genio.

Tenho visto outras assim...--E punha a cabeça de lado, franzindo os

beiços.

--O que ella é, é uma santa--repetiu a Joanna.

--É genio! Está sempre n'uma labutação. Eu nunca sáio sem deixar tudo

n'um brinco. Pois senhores, nunca está satisfeita. Até n'outro dia, lá

em baixo a passar a roupa... Eu ia a sahir, pois tirei logo o chapéo,

e não consenti... Olhe, quer que lhe diga? falta de cuidados, não ter

filhos... Que ella não lhe falta nada...

Calou-se, remirou o pé, e com satisfação:

--Nem a mim--disse reclinando-se na cadeira.

A Joanna pôz-se a cantarolar. Não queria «questões». Mas ultimamente

achava «tudo aquillo muito fóra dos eixos», a Juliana sempre na rua, ou

mettida no quarto a trabalhar para si, sem se importar, deixando tudo

ao Deus dará, e a pobre senhora a varrer, a passar, a emmagrecer! Não,

alli havia cousa! Mas o seu Pedro que ella consultára, disse-lhe com

finura, retorcendo o buço:--Ellas lá se entendem! Trata tu de gozar,

e não te importes com a vida dos outros. A casa é boa, toca a tirar

partido!

Mas Joanna sentia «lá por dentro» a crescer-lhe uma embirração pela

snr.^a Juliana. Tinha-lhe asca pelas tafularias, pelos luxos do quarto,

pelas passeatas todo o dia, pelos modos de madama; não se recusava a

fazer-lhe o serviço, porque isso lhe rendia presentinhos da senhora;

mas, quê, tinha-lhe birra! O que a consolava era a idéa de que um

piparote desfazia aquella magricella! e ia tirando partido da casa,

tambem. O Pedro tinha razão...

Juliana com effeito, agora, não se constrangia. Depois da «scena da

roupa», assustára-se, porque, emfim, o escandalo podia-lhe fazer

perder a \_posição\_; durante alguns dias não sahiu, foi cuidadosa: mas

quando viu Luiza resignar-se, abandonou-se logo, quasi com fervor,

ás satisfações da preguiça e ás alegriasinhas da vingança. Passeava,

costurava fechada no seu quarto, e a \_Piorrinha\_ que se arranjasse!

Diante de Jorge ainda se continha: temia-o. Mas apenas elle sahia! Que

desforra! Ás vezes estava varrendo ou arrumando--e, mal o sentia fechar

a cancella, atirava o ferro, a vassoura, punha-se a «panriar». Lá

estava a \_Piorrinha\_, para acabar!

Luiza, no entanto, passava peor: tinha de repente, sem razão, febres

ephemeras; emmagrecia, e as suas melancolias torturavam Jorge.

Ella explicava tudo pelo \_nervoso\_.

--Que será, Sebastião?--era a pergunta incessante de Jorge. E

lembrava-se com terror que a mãi de Luiza morrera d'uma doença de

coração!

Na rua, pela cozinheira, pela tia Joanna, sabia-se que a do Engenheiro

«ia mal». A tia Joanna jurava que era a solitaria. Porque emfim,

uma pessoa a quem não faltava nada, com um marido que era um anjo,

uma boa casa, todos os seus commodos--e a esmorecer, a esmorecer...

Era a bicha! Não podia ser senão a bicha! E todos os dias lembrava

a Sebastião que se devia mandar chamar o homem de Villa Nova de

Famalicão, que tinha o remedio «para a bicha».

O Paula explicava d'outro modo.

--Alli anda cousa de cabeça--dizia, franzindo a testa, com o ar

profundo.--Sabe o que ella tem, snr.^a Helena? É muita dóse de novellas

n'aquella cachimonia. Eu vejo-o de pela manhã até á noite de livro na

mão. Põe-se a lêr romances e mais romances... Ahi teem o resultado:

arrazada!

Um dia Luiza de repente, sem razão, desmaiou; e quando voltou a si

ficou muito fraca, com o pulso sumido, os olhos cavados. Jorge foi logo

buscar Julião: encontrou-o muito agitado, porque o concurso era para o

dia seguinte, e «sentia cólicas».

Durante todo o caminho não deixou de fallar excitadamente da sua

these, do escandalo dos patrocinatos, do barulho que faria se fossem

injustos,--arrependido agora de não ter «mettido mais cunhas»!

Depois de ter examinado Luiza veio dizer, furioso, a Jorge:

--Não tem nada! E vaes-me buscar p'ra isto! Tem anemia, o que todos

temos. Que passeie, que se distráia. Distracções e ferro, muito

ferro... E agua fria, agua fria p'ra cima d'aquella espinha!

Como eram cinco horas, convidou-se para jantar, deblaterando toda a

tarde contra o paiz, amaldiçoando a carreira medica, injuriando o seu

concorrente, e fumando com desespero os charutos de Jorge.

Luiza tomava o ferro, mas recusava as distracções; fatigava-a

vestir-se, aborrecia-lhe ir ao theatro... Depois, logo que viu Jorge

preoccupar-se do seu estado, quiz affectar força, alegria, bom humor; e

aquelle esforço abatia-a, extraordinariamente.

--Vamos para o campo, queres tu?--dizia-lhe Jorge desolado, vendo-a

esmorecida.

Ella, receando complicações possiveis, não aceitava; não se sentia

bastante forte, dizia: onde estava mais confortavel que em casa? Depois

as despezas, os incommodos...

Uma manhã, que Jorge voltára a casa inesperadamente, encontrou-a

em \_robe-de-chambre\_, com um lenço amarrado na cabeça, varrendo,

lugubremente.

Ficou á porta attonito:

--Que andas tu a fazer? andas a varrer?

Ella córou muito, atirou logo a vassoura, veio abraçal-o.

--Não tinha que fazer... Deu-me a mania da limpeza... Estava

aborrecida, além d'isso faz-me bem, é um exercicio.

Jorge, á noite, contou a Sebastião aquella «tolice, de se andar a

esfalfar...»

--Uma pessoa que está tão fraca, minha senhora...--observou

reprehensivamente Sebastião.

Mas não! dizia ella, achava-se bem melhor! Até agora andava muito

melhor...

Todavia, quasi não fallou n'essa noite, curvada sobre o seu \_crochet\_,

um pouco pallida: e os seus olhos ás vezes erguiam-se com uma fadiga

triste, sorrindo silenciosamente, d'um modo desconsolado.

Pediu a Sebastião que tocasse algum cousa do \_Requiem\_ de Mozart.

Achava tão lindo! Gostava que lh'o cantassem na igreja quando ella

morresse...

Jorge zangou-se. Que mania de fallar em cousas ridiculas!

--Mas então, não é possivel que eu morra?...

--Pois bem, morre e deixa-nos em paz!--exclamou elle furioso.

--Que bom marido!--dizia ella sorrindo a Sebastião.--Deixou cahir

o \_crochet\_ no regaço, pediu-lhe então os \_Dezeseis compassos da

Africana\_. Escutava, com a cabeça apoiada á mão: aquelles sons

entravam-lhe na alma com a doçura de vozes mysticas que a chamavam;

parecia-lhe que ia levada por ellas, se desprendia de tudo o que era

terrestre e agitado, se achava n'uma praia deserta, junto ao mar

triste, sob um frio luar--e alli, puro espirito, livre das miserias

carnaes, rolava nas ondulações do ar, tremia nos raios luminosos,

passava sobre as urzes nos sopros salgados...

A melancolica attitude do seu corpo abatido enfureceu Jorge:

--Ó Sebastião, fazes-me favor de tocar o fandango, o Barba Azul,

o Pirolito, o diabo? Senão, se querem melancolia, eu começo com o

canto-chão!

E cantou, com um tom funebre:

\_Dies ir[ae], dies illa

Solvunt s[ae]cula in favilla!...\_

Luiza riu-se:

--Que doudo! Nem póde a gente estar triste...

--Póde!--exclamou Jorge.--Mas então venha a bella tristeza, venha a

tristeza completa.--E com uma voz medonha entoou o \_Bemdito\_!

--Os visinhos hão-de dizer que estamos doudos, Jorge--acudiu ella.

--É justamente o que nós estamos!--E entrou no escriptorio, atirando

com a porta.

Sebastião bateu alguns compassos, e voltando-se para ella, baixo:

--Então que idéas são essas? Que melancolia é essa?

Luiza ergueu os olhos para elle; viu a sua face boa e amiga, cheia de

sympathia; ia talvez dizer-lhe tudo n'uma explosão de dôr, mas Jorge

sahia do escriptorio. Sorriu, encolheu os hombros, retomou devagar o

seu \_crochet\_.

No domingo seguinte, á noite, conversava-se na sala. Julião contára o

seu concurso. Em resumo, estava contente: tinha fallado duas horas bem,

com precisão, com lucidez.

O dr. Figueiredo dissera-lhe que «devia ter amenisado um bocado mais...»

--Litteratos!--fazia Julião, encolhendo os hombros, com desprezo.--Não

podem fallar cinco minutos sobre o osso do tornozelo, sem trazerem as

«flôres da primavera» e «o facho da civilisação»!

--O portuguez tem a mania da rhetorica...--disse Jorge.

N'este momento Juliana entrou na sala, com uma carta.

--Oh! é do Conselheiro!

Ficaram inquietos. Mas Accacio apenas se desculpava de «não poder vir,

como promettera na vespera, partilhar do excellente chá de D. Luiza.

Um trabalho urgente retinha-o á banca do dever. Pedia lembranças aos

nossos Sebastião e Julião, e affectuosos respeitos á interessante D.

Felicidade».

Uma onda de sangue abrazou o rosto da excellente senhora. Ficou a

arfar, toda alterada; mudou duas vezes de cadeira, foi tocar no teclado

com um dedo a \_Perola d'Ophir\_; e emfim, não se dominando, pediu baixo

a Luiza «que fossem para o quarto, tinha um segredo...»

Apenas entraram, fechando a porta da sala:

--Que me dizes á carta d'elle?

--Os meus parabens--disse Luiza, rindo.

--É o milagre!--exclamou D. Felicidade--já é o milagre a fazer-se!--E

mais baixo:--Mandei o homem! O que eu te disse, o gallego!

Luiza não comprehendia.

--O homem a Tuy, á mulher de virtude! Levou o meu retrato e o d'elle.

Partiu ha uma semana: a mulher naturalmente já começou a enterrar-lhe

as agulhas no coração...

--Que agulhas?--perguntou Luiza attonita.

Estavam de pé, junto ao toucador. E D. Felicidade com uma voz

mysteriosa:

--A mulher faz um coração de cera, colla-o ao retrato do Conselheiro,

e durante uma semana á meia noite crava-lhe uma agulha benta com o

preparo que ella tem, e faz as orações...

--E déste o dinheiro ao homem?

--Oito moedas.

--Oh D. Felicidade!

--Ai! não me digas. Que já vês! Que mudança! D'aqui a uns dias,

baba-se! Ai! Nossa Senhora da Alegria o permitta. Nossa Senhora o

permitta! Que aquelle homem traz-me douda. De noite, é cada sonho! Até

ando em peccado mortal! e são suores! Mudo de camisa tres e quatro

vezes!

E ia-se olhando ao espelho: queria convencer-se que as bellezas da sua

pessoa ajudariam as agulhas da bruxa: alisou o cabello.

--Não me achas mais magra?

--Não.

--Ai estou, filha, estou!--E mostrou o corpete lasso.

Já fazia planos. Iria passar a \_lua de mel\_ a Cintra... Os olhos

afogavam-se-lhe n'um fluido lubrico.

--Nossa Senhora da Alegria o permitta. Tenho-lhe duas velas accesas, de

dia e de noite...

Mas de repente a voz afflicta de Joanna bradou da escada da cozinha:

--Minha senhora! Minha senhora, acuda!

Luiza correu, Jorge tambem, que ouvira na sala o grito. Juliana estava

estendida no soalho da cozinha, desmaiada!

--Deu-lhe de repente, deu-lhe de repente!--exclamava Joanna, muito

branca, a tremer.--Tombou p'ra o lado de repente...

Julião tranquillisou-os logo: era uma syncope, simples.

Transportaram-na para a cama. Julião fez-lhe esfregar violentamente

com uma flanella quente as extremidades,--e, mesmo antes que Joanna

atarantada, em cabello, corresse á botica por um antispasmodico,

Juliana voltava a si, muito fraca. Quando desceram á sala, Julião

disse, enrolando o cigarro:

--Não vale nada. São muito frequentes, estas syncopes, nas doenças

de coração. Esta é simples. Mas é o diabo, ás vezes tem um caracter

apopletico, e vem a paralysia; pouco duradoura, sim, porque a

effusão de sangue no cerebro é muito pequena, mas emfim, sempre

desagradavel.--E accendendo o cigarro:--Esta mulher um dia morre-lhes

em casa.

Jorge, preoccupado, passeava pela sala com as mãos nos bolsos.

--Sempre o tenho dito--acudiu D. Felicidade, baixando a voz,

assustada.--Sempre o tenho dito. É desfazerem-se d'ella.

--Além d'isso o tratamento é incompativel com o serviço--disse

Julião.--Emfim, mesmo a engommar roupa se póde tomar digitalis ou

quinino; mas é que o verdadeiro tratamento é o repouso, é a absoluta

exclusão da fadiga. Que ella um dia se zangue ou que tenha uma manhã de

canceira, e póde ir-se!

--E vai adiantada a doença?--perguntou Jorge.

--Pelo que ella diz já tem a difficuldade asthmatica, oppressões, uma

dôr aguda na região cardiaca, flatulencia, humidade nas extremidades--o

diabo!

--Olha que espiga!--murmurou Jorge, olhando em roda.

--É pôl-a na rua!--resumiu D. Felicidade.

Quando ficaram sós, ás onze horas, Jorge disse logo a Luiza:

--Que te parece esta, hein? É necessario descartarmo-nos da creatura.

Não quero que me morra em casa!

Ella, sem se voltar, diante do toucador, tirando os brincos, começou a

dizer, que não se podia mandar tambem a pobre creatura morrer p'ra a

rua... Lembrou vagamente o que ella tinha feito pela tia Virginia... Ia

collocando devagar as suas palavras com a cautela com que se pousa o pé

n'um terreno traiçoeiro.--Podia-se talvez dar-lhe algum dinheiro, que

ella fosse viver algures...

Jorge, depois d'um silencio, respondeu:

--Não tenho duvida em lhe dar dez ou doze libras, e que se vá, que se

arranje!

Dez ou doze libras!--pensou Luiza com um sorriso infeliz.--E á beira

do toucador olhava para o seu rosto, ao espelho, com uma indefinida

saudade, como se as suas faces devessem dentro em pouco estar cavadas

pela afflicção, e os seus olhos fatigados pelas lagrimas...

Porque, emfim, a \_crise\_ tinha chegado. Se Jorge insistisse em despedir

a creatura, ella não podia, sem provocar um espanto e uma explicação,

dizer a Jorge: não quero que ella sáia, quero que ella aqui morra! E

Juliana vendo-se expulsa, desesperada, doente, percebendo que Luiza não

a defendia, não a reclamava,--vingar-se-hia! Que havia de fazer?

Ergueu-se ao outro dia n'uma grande agitação. Juliana muito fatigada,

ainda estava na cama. E em quanto Joanna punha a mesa, Luiza sentada na

\_voltaire\_, á janella da sala de jantar, lia machinalmente o \_Diario

de Noticias\_, quasi sem comprehender, quando uma noticia, no alto da

pagina, lhe deu um sobresalto: «Parte além d'ámanhã para França o

nosso amigo e conhecido banqueiro Castro, da firma Castro Miranda &

C.^a S. exc.^a retira-se dos negocios da praça, e vai estabelecer-se

definitivamente em França, perto de Bordeus, onde comprou ultimamente

uma valiosa propriedade.»

O Castro! O homem que lhe dava dinheiro, o que ella quizesse! dizia

Leopoldina. Partia!... E apesar de ter achado, desde o primeiro

momento, aquelle recurso infame, vinha-lhe a seu pezar como uma

desconsolação de o vêr desapparecer! Porque nunca mais voltaria a

Portugal, o Castro!... E de repente uma idéa atravessou-a, que a fez

vibrar toda, erguer-se direita, muito pallida.--Se na vespera da

partida d'elle, Santo Deus! se na vespera ella consentisse!... Oh! era

horrivel! Nem pensar em tal!...

Mas pensou--e sentia-se toda fraca contra uma tentação crescente, que

se lhe enroscava na alma com caricias persuasivas. É que então estava

salva! Dava seiscentos mil reis a Juliana! E o demonio iria morrer para

longe!

E elle, o homem, tomaria o paquete! Não teria de córar diante d'elle;

o seu segredo ia para o estrangeiro, tão perdido como se fosse para o

tumulo!--E, além d'isso, se o Castro tinha uma paixão por ella, era bem

possivel que lhe emprestasse, sem condições!...

Bom Deus! No dia seguinte podia ter alli na algibeira do seu roupão as

notas, o ouro... Porque não?--Porque não? E vinha-lhe um desejo ancioso

de se libertar, de viver feliz, sem agonias, sem martyrios...

Voltou ao quarto. Pôz-se a remexer no toucador, olhando de lado Jorge

que se vestia... A presença d'elle deu-lhe logo um remorso; ir pedir

a um homem dinheiro, consentir nos seus olhares lascivos, nas suas

palavras intencionaes!... Que horror!--Mas já subtilisava. Era por

Jorge, era por elle! Era para lhe poupar o desgosto de \_saber\_! Era

para o poder amar livremente, toda a vida, sem receios, sem reservas...

Durante todo o almoço esteve calada. O rosto sympathico de Jorge

enternecia-a; o \_outro\_ parecia-lhe medonho, odiava-o já!...

Quando Jorge sahiu ficou muito nervosa. Ia á janella; o sol parecia-lhe

adoravel, a rua attrahia-a.--Porque não? Porque não?

A voz de Juliana, muito aspera, fallou então nas escadas da cozinha; e

aquelle cantado odioso decidiu-a bruscamente.

Vestiu-se com cuidado: era mulher, quiz parecer bonita.--E chegou toda

esbaforida a casa de Leopoldina, quando dava meio dia a S. Roque.

Encontrou-a vestida, esperando o almoço. E tirando immediamente o

chapéo, installando-se no sophá, explicou muito claramente a Leopoldina

a sua resolução. Queria o dinheiro do Castro. Emprestado ou dado,

queria o dinheiro!... Estava n'uma afflicção, devia valer-se de

tudo!... Jorge queria despedir a mulher... Tinha medo d'uma vingança

d'ella... Queria dinheiro, alli estava!

--Mas assim de repente, filha!--disse Leopoldina, pasmada do seu olhar

decidido.

--O Castro vai-se ámanhã. Vai para Bordeus, para o inferno! É

necessario fazer alguma cousa, já!

Leopoldina lembrou escrever-lhe.

--O que quizeres... Eu aqui estou!

A outra sentou-se devagar á mesa, escolheu uma folha de papel, e, com o

dedinho no ar, a cabeça de lado, começou a escrevinhar.

Luiza passeava pelo quarto, nervosa. Tinha agora uma resolução teimosa,

que a presença de Leopoldina fortificava! Divertia-se, aquella,

dançava, ia ao campo, gozava, vivia, sem ter como ella uma tortura a

minar-lhe, a estragar-lhe a vida! Ah! não voltaria para casa sem levar

na algibeira em boas libras o resgate, a salvação! Ainda que tivesse

de ser vil como as do Bairro Alto! Estava farta das humilhações, dos

sustos, das noites cortadas de pesadêlos!... Queria saborear a vida,

que diabo! o seu amor, o seu jantar, sem cuidados, com o coração

contente!

--Vê lá--disse Leopoldina, lendo:

«Meu caro amigo.

«Desejo absolutamente fallar-lhe. É um negocio grave. Venha logo que

possa. Talvez me agradeça. Espero-o até ás tres horas, o mais tardar.

«Com toda a estima

Sua amiga

\_Leopoldina\_».

--Que te parece?

--Horrivel! Mas está bem... Está muito bem! Risca-lhe o \_talvez me

agradeça\_. É melhor.

Leopoldina copiou o bilhete, mandou-o pela Justina, n'um trem.

--E agora vou almoçar, que me não tenho nas pernas.

A sala de jantar dava para um saguão estreito. As paredes estavam

cobertas d'uma pintura medonha, em que grandes manchas verdes

semelhavam collinas, e linhas azues ferretes representavam lagos. Um

armario, no angulo da parede, servia de guarda-louça. As cadeiras de

palhinha tinham almofadinhas de paninho vermelho; e na toalha havia

nodoas do café da vespera.

--D'uma cousa pódes tu ter a certeza--dizia Leopoldina, bebendo

grandes goles de chá--é que o Castro é um homem p'ra um segredo!...

Se te emprestar o dinheiro, que empresta, d'aquella bocca não sahe

uma palavra. Lá n'isso é perfeito... Olha que foi o amante da Videira

annos! e nem ao Mendonça, que é o seu intimo, disse uma palavra. Nem

uma allusão! É um poço.

--Que Videira?--perguntou Luiza.

--Uma alta, de nariz grande, que tem um \_landau\_.

--Mas passa por uma mulher tão séria...

--Já tu vês!--E com um risinho:--Ai ellas passam, passam. Lá passar,

passam. A questão é conhecer-lhes os pôdres, minha fidalga!

E barrando de manteiga grandes fatias de pão, pôz-se a fallar

complacentemente dos escandalos de Lisboa, a desdobrar o \_sudario\_:

citava nomes, especialidades, as que depois de terem «feito o diabo»,

gastam, n'uma devoção tardia, o resto d'uma velha sensibilidade; que

é por onde ellas acabam, algumas é pelas sacristias! As que, cançadas

de certo d'uma virtude monotona, preparam habilmente o seu «fracasso»

n'uma estação em Cintra ou em Cascaes. E as meninas solteiras! Muito

pequerrucho por essas amas, dos arredores tem o direito de lhes

chamar \_mamã\_! Outras mais prudentes, receando os resultados do amor,

refugiam-se nas precauções da libertinagem... Sem contar as senhoras

que em vista dos pequenos ordenados, completam o marido com um sujeito

supplementar!--Exagerava muito; mas odiava-as tanto! Porque todas

tinham, mais ou menos, sabido conservar a exterioridade decente que

ella perdera, e manobravam com habilidade, onde ella, a tola, tivera só

a sinceridade! E em quanto ellas conservavam as suas relações, convites

para \_soirées\_, a estima da côrte,--ella perdera tudo, era apenas a

Quebraes!...

Aquella conversação enervava Luiza; n'uma tal generalidade do vicio

parecia-lhe que o seu caso, como um edificio n'um nevoeiro, perdia o

seu relevo cruel, se esbatia; e sentindo-o tão pouco visivel quasi o

julgava já justificado.

Ficaram caladas, vagamente entorpecidas por aquelle sentimento d'uma

forte immoralidade geral, onde as resistencias, os orgulhos se

amollecem, se enlanguecem,--como os musculos n'uma estufa fortemente

saturada de exhalações mornas.

--Este mundo é uma historia--disse Leopoldina erguendo-se e

espreguiçando-se.

--E teu marido onde está?--perguntou Luiza no corredor.

Fôra p'ra o Porto. Estavam á vontade, podiam commetter crimes!

E Leopoldina, no quarto, estirando-se no canapé, com o cigarrinho

\_laferme\_ na bocca, começou tambem a queixar-se.

Andava aborrecida ha tempos; enfastiava-se, achava tudo seccante;

queria alguma cousa de novo, de desusado! Sentia-se bocejar por todos

os poros do seu corpo...

--E o Fernando, então?--disse distrahidamente Luiza, que a cada momento

se aproximava da janella.

--Um idiota!--respondeu Leopoldina com um movimento d'hombros, cheio de

saciedade e de desprezo.

Não, realmente tinha vontade d'outra cousa, não sabia bem de quê!

Ás vezes lembrava-se fazer-se freira! (E estirava os braços com um

tedio molle). Eram tão semsaborões todos os homens que conhecia! tão

corriqueiros todos os prazeres que encontrára! Queria uma outra vida,

forte, aventurosa, perigosa, que a fizesse palpitar--ser mulher d'um

salteador, andar no mar, n'um navio pirata... Em quanto ao Fernando,

o amado Fernando dava-lhe nauseas! E outro que viesse seria o mesmo.

Sentia-se farta dos homens! Estava capaz de tentar Deus!

E, depois d'escancarar a bocca, n'um bocejo de fera engaiolada:

--Aborreço-me! Aborreço-me!... Oh céos!

Ficaram um momento caladas.

--Mas, que se lhe ha-de dizer, a esse homem?--perguntou de repente

Luiza.

Leopoldina, soprando o fumo do cigarro, com a voz muito preguiçosa:

--Diz-se-lhe que se precisa um conto de reis, ou seiscentos mil reis...

Que se lhe ha-de então dizer? Que se lhe paga.

--Como?

Leopoldina disse, deitada, com os olhos no tecto:

--Em affecto.

--Oh! és horrivel!--exclamou Luiza, exasperada.--Vês-me aqui

desgraçada, meia douda, dizes que és minha amiga, e estás a rir, a

escarnecer...--A sua voz tremia, quasi chorava.

--Mas tambem que pergunta tão tola! Como se lhe ha-de pagar?... Tu não

sabes?

Olharam-se um momento.

--Não, eu vou-me embora, Leopoldina!--exclamou Luiza.

--Não sejas criança!

Um trem parou na rua. A Justina appareceu. Não encontrára o snr. Castro

em casa, estava no escriptorio. Fôra lá, disse que vinha immediatamente.

Mas Luiza, muito pallida, tinha o chapéo na mão.

--Não--disse Leopoldina, quasi escandalisada--tu agora não me deixas

aqui com o homem! Que lhe hei-de eu dizer?

--É horrivel!--murmurou Luiza com uma lagrima nas palpebras, deixando

cahir os braços, solicitada pelo interesse, enleada pela vergonha,

muito infeliz!

--É como quem toma oleo de ricino--disse a outra com um gesto cynico.

E acrescentou, vendo o horror de Luiza:--Que diabo! onde é que está a

deshonra, em pedir dinheiro emprestado? Todo o mundo pede...

N'aquelle momento outra carruagem, a largo trote, parou.

--Entra tu primeiro! falla-lhe tu primeiro!--supplicou Luiza, erguendo

as mãos para ella.

A campainha retiniu. Luiza muito tremula, muito branca, olhava para

todos os lados com um olhar muito aberto, de susto, d'ancia, como

procurando uma idéa, uma resolução ou um recanto para se esconder!

Botas d'homem rangeram na esteira da sala ao lado. Leopoldina então

disse-lhe baixo, devagar, como para lhe cravar as palavras na alma, uma

a uma:

--Lembra-te que d'aqui a uma hora pódes estar salva, com as tuas cartas

na algibeira, feliz, livre!

Luiza pôz-se de pé com uma decisão brusca. Foi pôr pós d'arroz, alisou

o cabello,--e entraram na

Ao vêr Luiza, o Castro teve um movimento surprehendido. Curvou-se, com

os pés pequeninos muito juntos, inclinando a cabeça grossa, onde os

cabellos muito finos alourados já rareavam.

Sobre o seu ventresinho redondo, que a perna curta fazia parecer quasi

pansudo, o medalhão do relogio pousava com opulencia. Trazia na mão

um chicote, cujo cabo de prata representava uma Venus retorcendo os

braços. A pelle tinha um rubor prospero; o bigode farto, terminava em

pontas agudas, empastadas em cera mostacha, d'um aspecto napoleonico.

E os seus oculos de ouro tinham um ar authoritario, bancario, amigo da

Ordem. Parecia contente da vida como um pardal muito farto.

Com que! Era necessario mandal-o chamar, para que se lhe pozesse a

vista em cima,--começou logo Leopoldina. E depois de o apresentar a

Luiza «sua intima, sua amiga de collegio»:

--Que tem feito, porque não tem apparecido?

O Castro repoltreou-se n'uma cadeira de braços, e batendo com o chicote

nas botas, desculpou-se com os preparativos da partida...

--Sempre é verdade? Deixa-nos?

O Castro curvou-se:

--Além d'amanhã. No \_Orenoque\_.

--Então d'esta vez os jornaes não mentiram. E com demora?

--\_Per omnia s[ae]cula s[ae]culorum.\_

Leopoldina pasmava. Deixar Lisboa! Um homem tão estimado, que se podia

divertir tanto!--Pois não é verdade?--disse voltando-se para Luiza,

para a tirar do seu silencio embaraçado.

--Com certeza--murmurou ella.

Estava sentada á beira da cadeira, como assustada, prompta a fugir. E

os olhares do Castro, insistentes por traz dos reflexos dos oculos,

incommodavam-na.

Leopoldina reclinára-se no sophá e ameaçando-o com o dedo erguido:

--Ah! Ahi n'essa ida p'ra França anda historia de saias!

Elle negou frouxamente, com um sorriso fatuo.

Mas Leopoldina não achava as francezas bonitas--o que era é que tinham

muito \_chic\_, muita animação...

O Castro declarou-as adoraveis. Sobretudo para a estroinice! Ah!

conhecia-as bem! Emfim, lá como mães de familia não dizia. Mas para uma

cêa, para um bocado de \_can-can\_ não havia outras...--Affirmava-o com

convicção, pois, como os burguezes «da sua roda», avaliava doze milhões

de francezas por seis prostitutas de Café Concerto,--que tinha pago

caro e enfastiado immenso!

Leopoldina, para o lisonjear, chamou-lhe \_estroina\_!

Elle sorria, deliciando-se, afiando as pontas do bigode:

--Calumnias, calumnias...--murmurava.

E Leopoldina voltando-se para Luiza:

--Comprou uma quinta magnifica em Bordeus, um palacio!...

--Uma choupana, uma choupana...

--E naturalmente vai dar festas magnificas!...

--Modestos chás, modestos chás...--dizia, repoltreando-se.

E riam ambos d'um modo muito affectado.

O Castro curvou-se então para Luiza:

--Tive o gosto de vêr v. exc.^a ha tempos, na rua do Ouro...

--Creio que tambem me lembro--respondeu ella.

E ficaram calados. Leopoldina tossiu, sentou-se mais á beira do sophá,

e depois de sorrir:

--Pois eu mandei-o chamar porque temos uma cousa a dizer-lhe.

Castro inclinou-se. O seu olhar não deixava Luiza, percorria-a com

atrevimento, palpava-a.

--Aqui está o que é. Eu vou direita ás cousas, sem preambulos.--E teve

outro risinho.--Aqui a minha amiga está n'um grande apuro, e precisa um

conto de reis.

Luiza acudiu com a voz quasi sumida:

--Seiscentos mil reis...

--Isso não importa--disse Leopoldina com uma indifferença

opulenta--estamos a fallar com um millionario! A questão é esta: quer o

meu amigo fazer o favor?

O Castro endireitou-se na cadeira, devagar, e com uma voz arrastada,

ambigua:

--Certamente, certamente...

Leopoldina ergueu-se logo:

--Bem. Eu tenho alli no quarto a costureira á espera. Deixo-os fallar

do negocio.

E á porta do quarto, voltando-se para o Castro, ameaçando-o com o dedo,

a voz muito alegre:

--Que o juro seja pequeno, hein?

E sahiu, rindo.

O Castro disse logo a Luiza, curvando-se:

--Pois minha senhora, eu...

--A Leopoldina contou-lhe a verdade, estou n'uma grande afflicção de

dinheiro. E dirijo-me a si... São seiscentos mil reis... Procurarei

pagar, o mais depressa...

--Oh minha senhora!--fez o Castro com um gesto generoso. Começou então

a dizer, que comprehendia perfeitamente, todo o mundo tinha os seus

embaraços... Lamentava que a não tivesse conhecido ha mais tempo...

Sempre tivera uma grande sympathia por ella... Uma grande sympathia!...

Luiza calava-se, com os olhos baixos. Elle foi pousar o chicote na

jardineira, veio sentar-se no sophá junto d'ella. Vendo o seu ar

embaraçado, pediu-lhe que não se affligisse. Valia lá a pena por

questões de dinheiro! Tinha o maior prazer em servir uma senhora

nova, tão interessante... Fizera perfeitamente em se dirigir a elle.

Conhecia casos em que senhoras se dirigiam a agiotas que as exploravam,

eram indiscretos...--E fallando tinha-lhe tomado a mão; o contacto

d'aquella pelle appetecida, exaltando-lhe o desejo brutalmente, fazia-o

respirar alto; Luiza, toda constrangida, nem retirára a mão; e Castro

abrazado--com uma verbosidade um pouco rouca, promettia \_tudo\_, \_tudo

o que ella quizesse\_!... Os seus olhinhos arregalados devoravam-lhe o

pescoço muito branco.

--Seiscentos mil reis..., o que quizer!...

--E quando?--disse Luiza muito perturbada.

Elle via-lhe o seio arfar--e sob a irrupção d'um desejo brutal:

--Já!

Agarrou-a pela cinta, atirou-lhe um beijo voraz, quasi lhe mordeu a

face.

Luiza ergueu-se com o salto d'uma mola d'aço.

Mas o Castro escorregára sobre o tapete, de joelhos; e, prendendo-lhe

sofregamente os vestidos:

--Dou-lhe o que quizer, mas sente-se! Ha annos que tenho uma paixão

por si. Escute!--Os seus braços tremulos subiam; envolviam-na, e o que

sentia das suas fórmas inflammava-o.

Luiza, sem ruido, repellia-lhe as mãos, recusava-se.

--O que quizer! Mas ouça!--balbuciava elle puxando-a violentamente para

si. A concupiscencia brutal dava-lhe uma respiração de touro.

Então, com um puxão desesperado ás saias, ella soltou-se, e recuando

afflicta:

--Deixe-me! Deixe-me!

O Castro ergueu-se, a bufar, e com os dentes cerrados, os braços

abertos, rompeu para ella.

Diante d'aquella luxuria bestial, Luiza, indignada, agarrou

instinctivamente de sobre a jardineira o chicote e deu-lhe uma forte

chicotada na mão.

A dôr, a raiva, o desejo enfureceram-no.

--Seu diabo!--rosnou, rangendo os dentes.

Ia-se arremessar. Mas Luiza então, erguendo o braço, revolvida por

uma cólera phrenetica, atirou-lhe chicotadas rapidamente pelos

braços, pelos hombros--muito pallida, muito séria, com uma crueldade

a reluzir-lhe nos olhos, gozando uma alegria de desforra em fustigar

aquella carne gorda.

O Castro, assombrado, defendia-se vagamente, com os braços diante da

cara, recuando; de repente, topou contra a jardineira; o candieiro de

porcelana oscillou, desequilibrou-se, rolou no chão, com estilhaços de

louça, e uma nodoa escura d'azeite alastrou-se na esteira.

--Ahi está! Vê?--disse Luiza toda a tremer, apertando ainda

convulsivamente o chicote.

Leopoldina ao barulho correu, do quarto.

--Que foi? Que foi?

--Nada, estavamos a brincar--disse Luiza.

Atirou o chicote para o chão, sahiu da sala.

O Castro, livido de raiva, tinha agarrado o chapéo; e fixando

terrivelmente Leopoldina:

--Agradecido! Conte commigo quando quizer!

--Mas que foi? Que foi?

--Até á vista!--rugiu o Castro.--E indo apanhar o chicote, sacudindo-o

ameaçadoramente para o quarto, onde Luiza entrára:

--Grande bebeda!--murmurou com rancor.

E sahiu, atirando com as portas.

Leopoldina, attonita, veio encontrar Luiza no quarto a pôr o chapéo,

com as mãos ainda tremulas, os olhos muito brilhantes, satisfeita.

--Chegou-me cá uma cousa, e enchi-lhe a cara de chicotadas--disse ella.

Leopoldina esteve um momento a olhal-a petrificada.

--Bateste-lhe?...--E de repente desatou a rir, convulsivamente.--O

Castro d'oculos, o Castro coberto de chicotadas! O Castro a levar

uma coça!--Atirou-se para cima da \_chaise-longue\_, rolou-se;

suffocava.--Até já tinha uma pontada, Jesus! O Castro!... Vir a uma

casa amiga, levar o tiro de seiscentos mil reis e ser corrido a

chicote!... Com o seu proprio chicote!... Oh! era para estourar!...

--O peor foi o candieiro--disse Luiza.

Leopoldina ergueu-se, de salto.

--E o azeite! Ai que agouro!--Correu á sala. Luiza veio encontral-a

diante da nodoa escura, com os braços cruzados, como se visse, toda

pallida, catastrophes avisinharem-se.--Que agouro, Santo Deus!

--Deita-lhe sal depressa.

--Faz bem?

--Quebra o agouro.

Leopoldina correu a buscar sal; e de joelhos, salgando a nodoa:

--Ai! Nossa Senhora permitta que não haja nada mau! Mas que caso este,

que caso este! E agora, filha?

Luiza encolheu os hombros.

--Eu sei cá! Soffrer!...

XIII

N'essa semana, uma manhã, Jorge, que se não recordava que era dia de

gala, encontrou a secretaria fechada, e voltou para casa ao meio dia.

Joanna á porta conversava com a velha que comprava os ossos; a cancella

em cima estava aberta; e Jorge, chegando despercebido ao quarto,

surprehendeu Juliana commodamente deitada na \_chaise-longue\_, lendo

tranquillamente o jornal.

Ergueu-se, muita vermelha, mal o viu, balbuciou:

--Peço desculpa, tinha-me dado uma palpitação tão forte...

--Que se pôz a lêr o jornal, hein?...--disse Jorge, apertando

instinctivamente o castão da bengala.--Onde está a senhora?

--Deve estar p'ra a sala de jantar--disse Juliana, que se pôz logo a

varrer, muito apressada.

Jorge não encontrou Luiza na sala de jantar; foi dar com ella no quarto

dos engommados, despenteada, em roupão de manhã, passando roupa, muito

applicada e muito desconsolada.

--Tu estás a engommar?--exclamou.

Luiza córou um pouco, pousou o ferro.--A Juliana estava adoentada,

juntára-se uma carga de roupa...

--Dize-me cá, quem é aqui a criada e quem é aqui a senhora?

A sua voz era tão aspera, que Luiza fez-se pallida, murmurou:

--Que queres tu dizer?

--Quero dizer que te venho encontrar a ti a engommar, e que a encontrei

a ella lá em baixo muito repimpada na tua cadeira, a lêr o jornal.

Luiza, atarantada, abaixou-se sobre o cesto da roupa lavada, começou a

remexer, a desdobrar, a sacudir com a mão tremula...

--Tu não pódes fazer idéa do que aqui vai por fazer--ia dizendo.--É

a limpeza, são os engommados, é um servição. A pobre de Christo tem

estado doente...

--Pois se está doente que vá p'ra o hospital!

--Não, tambem não tens razão!

Aquella insistencia em defender a outra, que se repoltreava em baixo na

sua \_chaise-longue\_, exasperou-o:

--Dize cá, tu dependes d'ella? Havia de dizer que tens medo d'ella!

--Ah! se estás com esse genio!--fez Luiza com os beiços tremulos, uma

lagrima já nas palpebras.

Mas Jorge continuava, muito zangado:

--Não, essas condescendencias hão-de acabar por uma vez! Vêr aquelle

estafermo, com os pés p'ra cova, a prosperar em minha casa, a deitar-se

nas minhas cadeiras, a passear, e tu a defendel-a, a fazer-lhe o

serviço, ah! não! É necessario acabar com isso. Sempre desculpas!

sempre desculpas! Se não póde que arreie. Que vá p'ra o hospital, que

vá p'ra o inferno!

Luiza lavada em lagrimas assoava-se, soluçando.

--Bem! Agora choras. Que tens tu? Por que choras?

Ella não respondia, n'um grande pranto.

--Porque choras, filha?--perguntou elle, com uma impaciencia commovida,

chegando-se a ella.

--Para que me fallas tu assim?--dizia, toda soluçante, limpando os

olhos.--Sabes que estou doente, nervosa, e tens mau genio p'ra mim! O

que me sabes dizer são cousas desagradaveis.

--Cousas desagradaveis! Minha filha, eu disse-te lá nada

desagradavel!--E abraçou-a, ternamente.

Mas ella desprendeu-se, e com a voz cortada de soluços:

--Então é algum crime estar a engommar? Por que trabalho, por que trato

das minhas cousas, zangas-te? Querias que eu fosse uma desarranjada? A

mulher tem estado doente! Em quanto se não arranja outra, é necessario

fazer as cousas... Mas tu fallas, fallas! P'ra me affligir!...

--Estás a dizer tolices, filha. Não estás em ti. Eu o que não quero é

que te cances!

--P'ra que dizes então que tenho medo d'ella?--E as lagrimas

recomeçavam.--Medo de quê? Porque hei-de eu ter medo d'ella? Que

desproposito!

--Pois bem, não digo. Não se falla mais na creatura. Mas não

chores... Vá, acabou-se!--Beijou-a. E tomando-a pela cinta, levando-a

dôcemente:--Vá, deixa o ferro agora. Vem! Que criança que tu és!

Por bondade, por consideração com os nervos de Luiza, Jorge durante

alguns dias não fallou «na creatura». Mas pensava n'ella; e aquelle

estafermo, com os pés para a cova, em sua casa, exasperava-o. Depois as

madracices que lhe percebera, os confortos do quarto que vira na noite

em que ella desmaiára, aquella bondade ridicula de Luiza!... Achava

aquillo estranho, irritante!... Como estava fóra de casa todo o dia, e

diante d'ella Juliana só tinha sorrisos para Luiza, muitas attitudes

de affecto, imaginava que ella se soubera insinuar, e, pelas pequenas

intimidades de ama a criada, se tornára necessaria e estimada. Isso

augmentava a sua antipathia. E não a disfarçava.

Luiza vendo-o ás vezes seguir Juliana com um olhar rancoroso, tremia!

Mas o que a torturava era a maneira que Jorge adoptára de fallar

d'ella com uma veneração ironica; chamava-lhe \_a illustre D. Juliana,

a minha ama e senhora\_! Se faltava um guardanapo ou um copo, fingia-se

espantado: «Como! a D. Juliana esqueceu-se! Uma pessoa tão perfeita!»

Tinha gracejos que gelavam Luiza.

--A que sabia o filtro que ella te deu? Era bom?

Luiza agora, diante d'elle, já nem se atrevia a fallar a Juliana com um

modo natural; temia os sorrisos malignos, os ápartes:--«Anda, atira-lhe

um beijo, conhece-se na cara que estás com a vontade de lh'o atirar!»

E, receando as suspeitas d'elle, querendo mostrar-se \_independente\_,

começou na sua presença, a fallar a Juliana com uma dureza brusca,

muito affectada. A pedir-lhe agua, uma faca, dava á voz inflexões d'um

rancor postiço.

Juliana, muito fina, tinha percebido \_tudo\_, e supportava, calada.

Queria evitar toda a questão que a perturbasse no seu conchego.

Sentia-se agora muito mal, e nas noites em que não podia dormir com

afflicções asthmaticas, punha-se a pensar com terror--se fosse expulsa

d'aquella casa, para onde iria? Para o hospital!

Tinha por isso medo de Jorge.

--Elle está morto por me pilhar em desleixo grosso, e descartar-se de

mim--dizia ella á tia Victoria--mas não lhe hei-de dar esse gosto, ao

boi manso!

E Luiza, pasmada, vira-a pouco a pouco recomeçar a fazer todo o

serviço, com zelo, apparentemente; e todavia ás vezes não podia,

vencida pela doença; tinha «flatos» que a faziam cahir n'uma cadeira,

arquejando, com as mãos no coração. Mas reagia. Uma occasião mesmo

vendo Luiza a passar um espanejador pelos \_consoles\_ da sala, zangou-se:

--A senhora faz favor de se não metter no meu serviço? Eu ainda posso!

Ainda não estou na cova!

Consolava-se então com regalos de gulodice. Durante todo o dia debicava

sopinhas, croquettes, pudinzinhos de batata. Tinha no quarto gelatina e

vinho do Porto. Em certos dias mesmo queria caldos de gallinha á noite.

--Com o meu corpo o pago--dizia ella a Joanna--que trabalho como uma

negra! Arrazo-me!

Um dia, porém, que Jorge se irritára mais com a figura amarellada de

Juliana, e que estava nervoso, ao achar á noite o jarro vazio e o

lavatorio sem toalha, enfureceu-se desproporcionadamente:

--Não estou para aturar estes desleixos! Irra!--gritou.

Luiza veio logo, inquieta, desculpar Juliana.

Jorge mordeu o beiço, curvou-se profundamente, e com a voz um pouco

tremula:

--Perdão! esquecia-me que a pessoa de Juliana é sagrada! eu mesmo vou

buscar agua!

Luiza então zangou-se: se havia de estar sempre com aquelles remoques,

era mandar a criada embora por uma vez! Imaginava talvez que ella amava

de paixão a Juliana? Se a conservava é porque era uma boa criada. Mas

se ella se tornava a causa de maus humores, de questões, se elle lhe

ganhára tamanho odio, bem, então que se fosse! Era uma sécca aquella

ironia constante...

Jorge não respondeu.

E durante a noite Luiza, sem dormir, pensava que aquillo não podia

durar! Estava farta! Aturar a mulher, a sua tyranna, e ouvir a todo

o momento ditinhos, allusões, ah, não! era de mais! Bastava! Elle

começava a desconfiar, a bomba ia estalar! Pois bem, ella mesma

chegaria o lume ao rastilho! Ia mandar a Juliana embora! E que

mostrasse as cartas, acabou-se! Se elle a mettesse n'um convento,

se separasse d'ella, bem! Soffreria, morreria! Tudo, menos aquelle

martyrio reles, ás picadinhas, medonho e grotesco!

--Que tens tu?--perguntou Jorge, meio a dormir, sentindo-a inquieta.

--Espertina.

--Coitada! Conta cento e cincoenta p'ra traz!--E voltou-se,

enrolando-se commodamente na roupa.

Ao outro dia Jorge levantára-se cedo. Devia encontrar-se com o Alonso,

o hespanhol das minas, e jantar com elle no Gibraltar. Depois de

vestido foi á sala de jantar--eram dez horas--e voltou a dizer a Luiza,

com uma cortezia profunda, espaçando as palavras:--que não estava a

mesa posta! que as chavenas do chá da vespera estavam ainda por lavar!

e que a snr.^a D. Juliana, a illustre snr.^a D. Juliana, tinha sahido,

a seu passeio!

--Eu disse-lhe hontem á noite que me fosse ao sapateiro...--começou

Luiza, que vestia o seu roupão.

--Ah, perdão!--interrompeu Jorge muito ceremoniosamente.--Esquecia-me

outra vez que se trata de Juliana, tua ama e senhora! Perdão!

Luiza acudiu logo:

--Não. Tens razão. Tu verás! É preciso pôr um côbro...

Subiu logo á cozinha, desesperada:

--Vossê porque não pôz a mesa, Joanna, se a outra sahiu?

Mas a rapariga não ouvira sahir a snr.^a Juliana! Imaginára que estava

p'ra baixo, p'ra a sala! Como ella agora é que queria fazer tudo!...

Quando Joanna trouxe o almoço d'ahi a pouco Jorge veio sentar-se á

mesa, torcendo muito nervosamente o bigode. Levantou-se duas vezes

com um sorriso mudo para ir buscar uma colhér, o assucareiro. Luiza

via-lhe os musculos da face contrahidos: mal podia comer, atarantada;

a chavena, quando a erguia, tremia-lhe na mão; com os olhos baixos

espreitava Jorge ás furtadellas, e o seu silencio torturava-a.

--Tu fallaste hontem que ias jantar fóra hoje...

--Vou--disse seccamente. E acrescentou:--Graças a Deus!

--Estás de bom humor!...--murmurou ella.

--Como vês!

Luiza fez-se pallida, pousou o talher: tomou o jornal para disfarçar

uma lagrimasinha que lhe tremia na palpebra; mas as letras

confundiam-se, sentia pular o coração. De repente a campainha tocou.

Era a outra, de certo!

Jorge, que se ia erguer, disse logo:

--Ha-de ser essa senhora. Ora, vou-lhe dizer duas palavras...

E ficou de pé, junto á mesa, aguçando devagar um palito.

Luiza, a tremer, levantou-se tambem:

--Eu vou-lhe fallar...

Jorge reteve-a pelo braço, e tranquillamente:

--Não, deixa-a vir. Deixa-me gozar!...

Luiza recahiu na cadeira, muito pallida.

Os tacões de Juliana soaram no corredor. Jorge aguçava tranquillamente

o seu palito.

Luiza então voltou-se para elle, e batendo as mãos, afflicta:

--Não lhe digas nada!...

Elle fixou-a, assombrado:

--Porque?

Juliana n'este momento abriu o reposteiro.

--Então que desaforo é este, sahir e deixar tudo por

arrumar?--disse-lhe Luiza logo, erguendo-se.

Juliana, que vinha sorrindo, estacou á porta, petrificada: apesar da

sua amarellidão, uma vaga côr de sangue espalhou-se-lhe nas feições.

--Não lhe torne a acontecer semelhante cousa, ouviu? A sua obrigação

é estar em casa pela manhã...--Mas o olhar de Juliana, que se cravava

n'ella terrivelmente, emmudeceu-a. Agarrou no bule com as mãos

tremulas.--Deite agua n'este bule, vá.

Juliana não se mexeu.

--Vossê não ouviu?--berrou de repente Jorge. E atirou uma punhada á

mesa, que fez saltar a louça.

--Jorge!--gritou Luiza, agarrando-lhe no braço.

Mas Juliana fugira da sala, correndo.

--E logo, na rua!--exclamou Jorge.--Faze-lhe as contas, e que se vá.

Ah! estou farto! Nem mais um dia! Se a torno a vêr, desfaço-a! Até que

emfim! Chegou-me a minha vez!

Foi buscar o paletot, muito excitado, e antes de sahir, voltando á sala:

--E que se vá hoje mesmo, ouviste? Nem uma hora mais! Ha quinze dias

que a trago aqui atravessada. P'ra a rua!

Luiza veio para o quarto quasi sem se poder suster. Estava perdida!

estava perdida! Uma multidão d'idéas, todas extremas e insensatas,

redemoinhava no seu cerebro como um montão de folhas seccas n'uma

ventania: queria fugir, atirar-se ao rio, de noite; arrependia-se de

não ter cedido ao Castro... De repente imaginou Jorge abrindo as cartas

que Juliana lhe entregava, lendo: \_Meu adorado Bazilio!\_ Então uma

cobardia immensa amolleceu-lhe a alma. Correu ao quarto de Juliana. Ia

supplicar-lhe que lhe perdoasse, que ficasse, que a martyrisasse!...

E Jorge depois? Diria que a Juliana chorára, se atirára de joelhos!

Mentiria, cobril-o-hia de beijos... Era nova, era bonita, era

ardente--convencel-o-hia!

Juliana não estava no quarto. Subiu á cozinha; estava lá, sentada,

com os olhos chammejantes, os braços nervosamente cruzados, n'uma

raiva muda. Apenas viu Luiza, deu um salto sobre os calcanhares, e

mostrando-lhe o punho, berrou:

--Olhe que a primeira vez que vossê me torna a fallar como hoje, vai

aqui tudo raso n'esta casa!

--Cale-se, sua infame!--gritou Luiza.

--Vossê manda-me calar, sua p...!--E Juliana disse a palavra.

Mas a Joanna correu, atirou-lhe pelo queixo uma bofetada que a fez

cahir, com um gemido, sobre os joelhos.

--Mulher!--bradou Luiza, arremessando-se sobre a Joanna, agarrando-a

pelos braços.

Juliana, assombrada, fugiu.

--Ó Joanna! ó mulher! que desgraça, que escandalo!--exclamava Luiza com

as mãos apertadas na cabeça.

--Racho-a!--dizia a rapariga com os dentes cerrados, os olhos como

brazas--racho-a!

Luiza andava em volta da mesa da cozinha, automaticamente, pallida como

a cal, repetindo, toda a tremer:

--O que vossê foi fazer, mulher! o que vossê foi fazer!

A Joanna ainda toda revolvida de sua colera, com o rosto manchado de

vermelho, remexia furiosamente as panellas.

--E se ella me diz uma palavra, acabo-a, aquella bebeda! Acabo-a!

Luiza desceu ao quarto. No corredor sahiu-lhe Juliana, com a cuia á

banda, as dedadas escarlates na face, medonha.

--Ou aquella desavergonhada vai já p'ra a rua--gritou ella--ou eu

vou-me pôr lá em baixo na escada, e quando o seu homem vier, mostro-lhe

tudo!...

--Pois mostre, faça o que quizer!--disse Luiza, passando, sem a olhar.

Fôra uma desesperação, um odio que a tinham decidido. Mais valia acabar

por uma vez!...

Sentia então como um allivio doloroso, em vêr o fim do seu longo

martyrio! Havia mezes que elle durava. E pensando em tudo o que

tinha feito e que tinha soffrido, as infamias em que chafurdára e as

humilhações a que descera, vinha-lhe um tedio de si mesma, um nojo

immenso da vida. Parecia-lhe que a tinham sujado e espesinhado; que

n'ella nem havia orgulho intacto, nem sentimento limpo; que tudo em

si, no seu corpo e na sua alma, estava enxovalhado, como um trapo

que foi pisado por uma multidão, sobre a lama. Não valia a pena

luctar por uma vida tão vil. O convento seria já uma purificação, a

morte uma purificação maior...--E onde estava elle, o homem que a

desgraçára? Em Paris, retorcendo a guia dos bigodes, chalaceando,

governando os seus cavallos, dormindo com outras! E ella morria alli,

estupidamente! E quando lhe escrevera a pedir-lhe que a salvasse,

nem uma palavra de resposta; nem a julgára digna do meio tostão da

estampilha! O que elle lhe dizia pelas terras da Polvora acima,

n'aquelle \_coupé\_:--Dar-lhe-hia toda a sua vida, viveria á sombra das

suas saias! O infame! Já tinha talvez no bolso o bilhete da passagem!

Em quanto ella fôra a mulher alegre, que vem, despe o corpete, mostra

um lindo collo--então bem, prompto! Mas teve uma difficuldade, chorou,

soffreu--ah! não, isso não! És um bello animal que me dás um grande

prazer--perfeitamente, tudo o que quizeres: mas tornas-te uma creatura

dolorida que precisa consolações, talvez uns poucos de centos de mil

reis--então boas noites, cá vou no paquete! Oh que estupida que é a

vida! Ainda bem que a deixava!

Foi-se encostar á janella. Estava um dia muito azul, muito dôce. O

sol punha grandes claridades de um dourado ligeiro sobre as paredes

brancas, sobre a calçada. E havia no ar uma suavidade avelludada.

O Paula, em chinellas de tapete, aquecia-se á porta do estanque.

Então, diante do lindo ar d'inverno, enterneceu-se. Todos eram

felizes n'aquella manhã de rosas, só ella soffria, pobre d'ella! E

ficou a olhar, como esquecida n'uma vaga saudade, com uma lagrima

na palpebra... De repente viu Juliana atravessar a rua, dobrar a

esquina,--e d'ahi a pouco voltar com um gallego, velho e pesado, que

trazia o seu sacco ao hombro.

Ia-se embora!--pensou Luiza.--Mandava pôr fóra os bahus! E depois?

Remettia as cartas a Jorge, ou entregava-lh'as ella mesma, no portal!

Santo Deus!--E parecia-lhe vêr Jorge apparecer no quarto, livido, com

as cartas na mão!...

Veio-lhe um terror allucinado: não queria perder o seu marido, o seu

Jorge, o seu amor, a sua casa, o seu homem! Apossou-se d'ella a revolta

da femea contra a viuvez: aos vinte e cinco annos ir murchar para um

convento! Não, c'os diabos!

Foi direita ao quarto de Juliana.

--Vem vêr se lhe levo alguma cousa?--gritou logo a outra furiosa.

Sobre a cama estava roupa branca espalhada, pelo chão botinas

embrulhadas em jornaes velhos.

--E ainda cá me ficam quatro camisas, dous pares de calcinhas, tres

pares de meias, seis punhos na lavadeira. Fica ahi o rol. E quero as

minhas contas!...

--Escute, Juliana, não se vá.--Mas a voz desappareceu-lhe, as lagrimas

saltaram-lhe dos olhos.

Juliana poz-se a olhar para ella d'alto, triumphando, com uma botina de

duraque em cada mão.

--É mandar aquella desavergonhada embora, e está tudo acabado!--E com

uma voz aguda, batendo as solas das botinas:--Fica tudo como d'antes,

na paz do Senhor!

Uma alegria extraordinaria accendia-lhe o olhar. Vingava-se! fazia-a

chorar! expulsava a \_outra\_! e não perdia os seus commodos!

--É pôr a bebeda na rua! É pôl-a na rua!

Luiza curvou os hombros, foi á cozinha devagar; os degraus da escada

pareciam-lhe immensos, infindaveis. Deixou-se cahir n'um banco, e

limpando os olhos:

--Joanna, venha cá, escute, vossê não póde continuar na casa...

A rapariga ficou a olhar para ella, espantada.

--O que a Juliana disse foi n'um repente... Tem estado a chorar, a

arrepender-se. É a criada mais antiga. O senhor estima-a muito...

--Então a senhora manda-me embora? Então a senhora manda-me embora?

Luiza insistiu, baixo, envergonhada:

--Foi um repente, tem estado a pedir perdão...

--Eu foi para defender a senhora!--exclamou a rapariga, abrindo os

braços, afflicta.

Luiza sentiu-se indigna; e impaciente, para acabar:

--Bem, Joanna, não estejamos com mais. Eu é que sou a dona da casa...

Vou-lhe fazer as contas.

--Olha que pago este!--gritou Joanna, então, desesperada. E com uma

resolução, batendo o pé:--Pois o senhor é que ha-de dizer! Eu vou dizer

tudo ao senhor! Hei-de-lhe contar tudo o que se passou! A senhora não

tem razão!...

Luiza olhava-a, estupida. Agora era aquella! Era d'aquella rapariga,

teimosa na sua justiça, que vinha o desastre! Era de mais! Veio-lhe um

terror sobrenatural, como um espanto da consciencia, e apertando as

fontes nas mãos abertas:

--Que expiação! Que expiação, Santo Deus!

De repente, como desvairada, agarrou Joanna pelos braços, e

fallando-lhe junto do rosto:

--Joanna, vá-se pelo amor de Deus, vá-se! Não diga nada. Despeça-se

vossê!--E perdendo inteiramente todo o respeito proprio, cahiu de

joelhos, diante da cozinheira, soluçando:--Pelas cinco chagas de

Christo, vá, Joanna, minha rica Joanna, vá. Peço-lhe eu, Joanna! Pelo

amor de Deus!

A rapariga, assombrada, rompeu n'um choro estridente.

--Vou, sim, minha senhora!... vou, sim, minha rica senhora!

--Sim, Joanna, sim. Eu dou-lhe alguma cousa. Vossê bem vê... Não

chore... Espere...

Desceu ao quarto correndo, tirou da gaveta duas libras das suas

economias, voltou, galgando os degraus, metteu-lh'as na mão,

dizendo-lhe baixo:

--Faça uma trouxa, eu ámanhã lhe mandarei o bahu.

--Sim, minha senhora--soluçava a rapariga, babada de dôr--sim, minha

rica senhora!

Luiza veio deixar-se cahir de bruços sobre a sua \_chaise-longue\_, n'um

choro convulsivo tambem, desejando a morte, pedindo, n'um terror,

piedade a Deus!

Mas a voz aspera de Juliana disse bruscamente á porta:

--Então em que ficamos?

--A Joanna vai-se. Que quer mais?

--Que sáia já!--disse a outra imperiosamente.--Que o jantar o faço eu.

Por hoje, já se vê!

As lagrimas de Luiza seccavam-se, de raiva.

--E a senhora agora ouça!

O tom de Juliana era tão insultante, que Luiza ergueu-se, como ferida.

E Juliana, ameaçando-a, d'alto, com o dedo erguido:

--E a senhora agora é andar-me direita, senão eu lh'as cantarei!...

E voltou as costas, batendo os tacões.

Luiza olhou em roda, como se um raio tivesse atravessado o quarto;

mas tudo estava immovel e correcto; nem uma prega das cortinas se

movera, e os dous pastorinhos de porcelana sobre o toucador sorriam

pretenciosamente.

Então tirou o roupão violentamente, passou um vestido sem apertar o

corpete, vestiu por cima um casaco largo d'inverno, atirou o chapéo

para a cabeça despenteada, sahiu, desceu a rua tropeçando nas saias,

quasi a correr.

O Paula saltou para o meio da rua para a seguir: viu-a parar á porta de

Sebastião, e veio dizer á estanqueira:

--Em casa do Engenheiro ha novidade!

E ficou plantado á porta com os olhos cravados para as janellas

abertas, onde as bambinellas de reps verde cahiam com as suas pregas

immoveis.

--O snr. Sebastião?--perguntava Luiza á rapariguita sardenta, que

correra a abrir a porta.

E ia entrando pelo corredor.

--Na sala--disse a pequena.

Luiza subiu; sentia sons de piano; abriu violentamente a porta, e

correndo para elle, apertando as mãos contra o peito, n'uma voz

angustiosa e sumida:

--Sebastião, escrevi uma carta a um homem, a Juliana apanhou-m'a. Estou

perdida!

Elle ergueu-se devagar, assombrado, muito branco; viu-lhe o rosto

manchado, o chapéo mal posto, a afflicção do olhar:

--Que é? Que é?

--Escrevi a meu primo--repetiu, com os olhos cravados n'elle,

anciosamente--a mulher apanhou-me a carta... Estou perdida!

Fez-se muito pallida, os olhos cerraram-se-lhe.

Sebastião amparou-a, levou-a meio desmaiada para o sophá de damasco

amarello. E ficou de pé, mais descórado que ella, com as mãos nos

bolsos do seu jaquetão azul, immovel, estupido.

De repente correu fóra, trouxe um copo d'agua, borrifou-lhe o rosto ao

acaso. Ella abriu os olhos, as suas mãos errantes apalparam em redor,

fitou-o espantada, e deixando-se cahir sobre o braço do canapé, com o

rosto escondido nas mãos, rompeu n'um choro hysterico.

O seu chapéo cahira. Sebastião apanhou-o, sacudiu-lhe delicadamente as

flôres, pôl-o sobre a jardineira com cuidado; e vindo nas pontas dos

pés debruçar-se junto d'ella:

--Então! então!--murmurava. E as suas mãos tocando-lhe de leve o braço,

tremiam como folhas.

Quiz dar-lhe agua para a socegar: ella recusou com a mão, endireitou-se

devagar no sophá, limpando os olhos, assoando-se com grandes soluços.

--Desculpe, Sebastião, desculpe--dizia.--Bebeu então um gole d'agua,

ficou com as mãos no regaço, quebrada; e, uma a uma, as suas lagrimas

silenciosas cahiam sem cessar.

Sebastião foi fechar a porta--e vindo ao pé d'ella, com muita doçura:

--Mas então? Que foi?

Ella ergueu para elle a sua face chorosa, onde os olhos brilhavam

febrilmente; olhou-o um momento, e deixando pender a cabeça, toda

humilhada:

--Uma desgraça, Sebastião, uma vergonha!--murmurou.

--Não se afflija! Não se afflija!

Sentou-se ao pé d'ella, e baixo, com solemnidade:

--Tudo o que eu puder, tudo o que fôr necessario, aqui me tem!

--Oh Sebastião!...--exclamou n'um impulso de reconhecimento humilde;

e acrescentou:--Acredite, tenho sido bem castigada! O que eu tenho

soffrido, Sebastião!

Esteve um momento com os olhos cravados no chão; e agarrando-lhe

o braço de repente, com força, as palavras romperam abundantes e

precipitadas, como os borbulhões d'uma agua comprimida que rebenta.

--Apanhou-me a carta, não sei como, por um descuido meu! Ao principio

pediu-me seiscentos mil reis. Depois começou a martyrisar-me... Tive

de lhe dar vestidos, roupa, tudo! Mudou de quarto, servia-se dos meus

lençoes, dos finos. Era a dona da casa. O serviço quem o faz sou

eu!... Ameaça-me todos os dias, é um monstro. Tudo tem sido baldado,

boas palavras, bons modos... E onde tenho eu dinheiro? Pois não é

verdade? Ella bem via... O que eu tenho soffrido! Dizem que estou mais

magra, até o Sebastião reparou. A minha vida é um inferno. Se Jorge

soubesse!... Aquella infame queria hoje dizer-lhe tudo!... E trabalho

como uma negra. Logo pela manhã a limpar e varrer. Ás vezes tenho de

lavar as chicaras do almoço. Tenha piedade de mim, Sebastião, por quem

é, Sebastião! coitada de mim, não tenho ninguem n'este mundo.

E chorava, com as mãos sobre o rosto.

Sebastião, calado, mordia o beiço; duas lagrimas rolavam-lhe tambem

pela face, sobre a barba. E levantando-se, devagar:

--Mas Santo nome de Deus, minha senhora! porque me não disse ha mais

tempo?

--Ó Sebastião, podia lá! Uma vez estive para lh'o dizer... Mas não

pude, não pude!

--Fez mal!...

--Esta manhã o Jorge quiz pôl-a fóra. Embirra com ella, percebe os

desmazelos. Mas não desconfia de nada, Sebastião!...--E desviou os

olhos, muito escarlate.--Escarnecia-me ás vezes por eu parecer tão

apaixonada por ella... Mas esta manhã zangou-se, mandou-a embora.

Apenas elle sahiu, veio como uma furia, insultou-me...

--Santo Deus!--murmurava Sebastião assombrado, com a mão sobre a testa.

--Talvez não acredite, Sebastião, sou eu que faço os despejos!...

--Mas merece a morte, essa infame!--exclamou batendo com o pé no chão.

Deu alguns passos pesados pela sala, devagar, as mãos nos bolsos,

os seus largos hombros curvados. Voltou sentar-se ao pé d'ella, e

tocando-lhe timidamente no braço, muito baixo:

--É necessario tirar-lhe as cartas...

--Mas como?

Sebastião coçava a barba, a testa.

--Ha-de-se arranjar--disse, por fim.

Ella agarrou-lhe a mão:

--Oh Sebastião, se fizesse isso!

--Ha-de-se arranjar.

Esteve um momento calculando--e com o seu tom grave:

--Eu vou-me entender com ella... É necessario que ella esteja só em

casa... Podiam ir ao theatro, esta noite.

Levantou-se lentamente, foi buscar o \_Jornal do Commercio\_, sobre a

mesa, olhou os annuncios:

--Podiam ir a S. Carlos, que acaba mais tarde... É o \_Fausto\_... Podiam

ir vêr o \_Fausto\_...

--Podiamos ir vêr o \_Fausto\_--repetiu Luiza, suspirando.

E então, muito chegados, ao canto do sophá, Sebastião foi-lhe dizendo

um plano, em palavras baixas, que ella devorava, anciosa.

Devia escrever a D. Felicidade, para a acompanhar ao theatro...

Mandar um recado a Jorge, prevenindo-o que o iriam buscar ao \_Hotel

Gibraltar\_... E a Joanna? A Joanna deixára a casa. Bem. Ás nove horas,

então, Juliana estaria só.

--Vê como tudo se arranja?--disse elle, sorrindo.

Era verdade... Mas daria a mulher as cartas?

Sebastião tornou a coçar a barba, a testa:

--Ha-de dar--disse.

Luiza olhava-o quasi com ternura: parecia-lhe vêr na sua face honesta,

uma alta belleza moral. E de pé diante d'elle, com uma melancolia na

voz:

--E vai fazer isso por mim, Sebastião, por mim, que fui tão má mulher...

Sebastião córou, respondeu encolhendo os hombros:

--Não ha más mulheres, minha rica senhora, ha maus homens, é o que ha!

E acrescentou logo:

--Eu vou buscar o camarote. Uma boa frisa, hein?... Uma frisasinha ao

pé do palco...

Sorria, para a tranquillisar. Ella punha o chapéo, descia o véo com

pequeninos soluços tristes, que voltavam a espaços.

No corredor encontraram a tia Joanna com os braços abertos; beijou

muito Luiza; aquella visita era um milagre! E que bonita que estava!

era a flôr do bairro!

--Está bom, tia Joanna, está bom--disse Sebastião, afastando-a

brandamente.

Ora que não fosse mettediço! Já lá a tinha tido mais de meia hora,

tambem ella agora a queria um bocadinho! Assim é que elle devia ter uma

mulherzinha! Uma rapariga de bem! Uma açucena!

Luiza corava, embaraçada.

E o snr. Jorge? que era feito d'elle? Ninguem o via. E a D. Felicidade?

--Está bom, basta, tia Joanna!--fez Sebastião impaciente.

--Olha o sofrego!... Ninguem lhe come a menina!... Cruzes!...

Luiza sorriu; lembrou-se então de repente que não tinha por quem mandar

os bilhetes a D. Felicidade e a Jorge, ao hotel.

Sebastião fel-a entrar logo em baixo no escriptorio: que escrevesse,

elle os mandaria: escolheu-lhe o papel, molhando-lhe a penna--mais

prompto, mais delicado desde que a sabia infeliz. Luiza fez o bilhete

para Jorge; e, como apesar das suas afflicções, se lembrou com terror

de certo vestido verde decotado de D. Felicidade, acrescentou n'um \_P.

S.\_, no bilhete para ella: «o melhor é vires de preto, e não fazeres

grande \_toilette\_. Nada de decotes nem de côres claras.»

Quando entrou em casa, viu um gallego sahindo com a trouxasita de

Joanna. E logo no corredor sentiu a voz grossa da rapariga, que das

escadas da cozinha dizia para cima, ameaçadoramente:

--Torne eu a apanhal-a, que não me sahe viva das mãos, sua bebeda!

--Bufa! bufa!--gritou de cima Juliana--mas vai-te indo para o olho da

rua!

Luiza escutava mordendo os beiços. Em que se convertera a sua casa! Uma

praça! Uma taberna!

--Se eu t'apanho!--rosnava a Joanna descendo.

--Rua! rua, sua porca!--gania a Juliana.

Luiza então chamou a rapariga:

--Joanna, não procure casa, venha por aqui além d'amanhã--disse-lhe

baixo.

Juliana em cima cantava a \_Carta adorada\_, com um jubilo estridente.

E d'ahi a pouco desceu, veio dizer, muito seccamente, «que estava o

jantar na mesa».

Luiza não respondeu. Esperou que ella subisse á cozinha, correu á sala

de jantar, trouxe pão, um prato de marmelada, uma faca, veio fechar-se

no quarto;--e alli \_jantou\_, a um canto da jardineira.

Ás seis horas um trem parou á porta. Devia ser Sebastião! Foi ella

mesma abrir, em bicos de pés. Era elle, animado, vermelho, com o chapéo

na mão: trazia-lhe a chave da frisa numero dezoito...

--E isto...

Era um ramo de camelias vermelhas, rodeadas de violetas dobradas.

--Oh Sebastião!--murmurou ella, com um reconhecimento commovido.

--E carruagem, tem?

--Não

--Eu cá mando. Ás oito, hein?

E desceu, todo feliz de a servir. Ella seguiu-o com o olhar que se

humedecia. Foi á janella do quarto vêl-o sahir.--Que homem! pensava. E

cheirava as violetas, voltava o ramo na mão, sentia tambem um prazer

dôce na protecção d'elle, nos seus cuidados.

Nós de dedos bateram á porta do quarto:

--Então a senhora não quer jantar?--disse a voz impaciente de Juliana,

de fóra.

--Não.

--Mais fica!

D. Felicidade veio um pouco antes das oito. Luiza ficou tranquilla,

vendo-a com vestido preto afogado, e o seu adereço d'esmeraldas.

--Então que é isto? Que estroinice é esta, vamos a saber?--disse logo,

muito alegre, a excellente senhora.

Um capricho!--O Jorge tinha jantado fóra, ella sentira-se tão só!...

Dera-lhe o appetite d'ir ao theatro. Não pudera resistir... Tinham de o

ir buscar pelo \_Hotel Gibraltar\_.

--Eu tinha acabado de jantar quando recebi o teu bilhete. Fiquei!...

E estive p'ra não vir--disse, sentando-se, com pancadinhas muito

satisfeitas nas pregas do vestido.--Apertar-me depois de jantar!

Felizmente, não tinha comido quasi nada!

Quiz então saber o que ia. O \_Fausto\_? Ainda bem! De que lado era a

frisa? dezoito. Perdiam a vista da familia real, era pena!... Pois

estava mais longe d'aquella noitada de theatro!...--E erguendo-se

passeava diante do toucador com olhares de lado, alisando os bandós,

ageitando as pulseiras, entalada nos espartilhos, a pupilla luzidia.

Uma carruagem parou á porta.

--O trem!--disse, toda risonha.

Luiza calçando as luvas, já com a capa, olhava em redor: o coração

batia-lhe alto; nos seus olhos havia uma febre. Não lhe faltava nada?

perguntou D. Felicidade. A chave da frisa? o lenço?

--Ai! o meu ramo!--exclamou Luiza.

Juliana ficou espantada quando a viu vestida \_p'ra theatro\_. Foi

alumiar, calada; e atirando a cancella com uma pancada insolente:

--Não tem mesmo vergonha n'aquella cara!--rosnou.

O trem já rodava, quando D. Felicidade rompeu a gritar, batendo nos

vidros:

--Espere, pare! Que ferro, esqueceu-me o leque! Não posso ir sem leque!

Pare, cocheiro!

--Faz-se tarde, filha, dou-te o meu. Toma!--fez Luiza impaciente.

Aquellas agitações abalavam a digestão comprimida de D. Felicidade;

felizmente, como ella dizia, arrotava! Graças a Deus, louvada seja

Nossa Senhora, que podia arrotar!

Mas a descida do Chiado alegrou-a muito. Grupos escuros, onde se

gesticulava, destacavam ás portas vivamente alumiadas da Casa Havaneza;

os trens passavam para o lado do Picadeiro, com um rapido reluzir

de lanternas ricas, que alumiavam as bandas brancas dos capotes dos

criados. D. Felicidade com a sua face jubilosa á portinhola, gozava a

claridade do gaz nas vitrines, o ar d'inverno; e foi com uma satisfação

que viu o guarda-portão do \_Gibraltar\_, de calções vermelhos, vir com o

boné na mão, á portinhola.

Perguntaram por Jorge.

E, caladas, olhavam a escada de lance decorativo onde globos foscos

derramavam uma luz dôce. D. Felicidade, muito curiosa da «vida

d'hotel», reparou na engommadeira que entrou com um cesto de roupa;

depois n'uma senhora que lhe pareceu «estabanada», e que descia,

vestida de \_soirée\_, mostrando o pé calçado n'um sapato redondo de

setim branco: e sorria de vêr sujeitos roçarem-se pelo trem, lançando

para dentro olhares gulosos.

--Estão a arder por saber quem somos.

Luiza calada apertava nas mãos o seu ramo. Emfim Jorge appareceu no

alto da escada, conversando muito interessadamente com um sujeito

magrissimo, de chapéo ao lado, as mãos nos bolsos d'umas calças muito

estreitas, e um enorme charuto enristado ao canto da bocca. Paravam,

gesticulavam, cochichavam. Por fim o sujeito apertou a mão de Jorge,

fallou-lhe ao ouvido, riu baixo, torcendo-se, bateu-lhe no hombro,

obrigou-o muito sériamente a aceitar outro charuto,--e pondo o chapéo

mais ao lado foi conversar com o guarda-portão.

Jorge correu á portinhola do trem, rindo:

--Então que extravagancia é esta? Theatro, tipoias!... Eu reclamo o

divorcio!

Parecia muito jovial. Sómente tinha pena de não estar vestido...

Ficaria atraz no camarote.--E para as não amarrotar subiu para a

almofada.

XV

Passava das oito horas quando o trem parou em S. Carlos. Um gaiato,

que tossia muito, com o casaco pregado sobre o peito por um alfinete,

precipitou-se a abrir a portinhola; e D. Felicidade sorria de

contentamento, sentindo a cauda do vestido de sêda arrastar sobre o

tapete esfiado do corredor das frisas.

O pano já estava levantado. Era á luz diminuida da rampa, a decoração

classica d'uma cella d'alchimista; embrulhado n'um roupão monastico,

com uma abundancia hirsuta de barbas grisalhas, tremuras senis, Fausto

cantava, desilludido das sciencias, pousando sobre o coração a mão

onde reluzia um brilhante. Um cheiro vago de gaz extravasado errava

subtilmente. Aqui e além tosses expectoravam. Havia ainda pouca gente.

Entrava-se.

Na frisa, para se collocarem, D. Felicidade e Luiza cochichavam, com

gestosinhos de recusa, olhares supplicantes:

--Oh D. Felicidade, por quem é!

--Se estou aqui muito bem...

--Não consinto...

Emfim D. Felicidade sentou-se no lugar superior alteando o peito. Luiza

ficára atraz calçando as luvas; em quanto Jorge arrumava os agasalhos,

furioso com o chapéo que já duas vezes rolára.

--Tem banquinho, D. Felicidade?

--Obrigada, cá o sinto.--E remexeu os pés.--Que pena não se vêr a

familia real!

Nos camarotes d'assignantes iam apparecendo os altos penteados

medonhos, enchumaçados de postiços; peitilhos de camisas branquejavam.

Sujeitos entravam para as cadeiras devagar, com um ar gasto e intimo,

compondo o cabello. Conversava-se baixo. Ao fundo da platéa havia um

rumor desinquieto entre moços de jaquetão; e á entrada, sob a tribuna,

viam-se, n'um apparato militar, correames polidos de municipaes, bonés

carregados de policias; e reluzindo á luz, punhos de sabres.

Mas na orchestra correram fortes estremecimentos metallicos, dando um

pavor sobrenatural; Fausto tremia como um arbusto ao vento; um ruido

de folhas de lata, fortemente sacudidas, estalou; e Mephistopheles

ergueu-se ao fundo, escarlate, lançando a perna com um ar charlatão,

as duas sobrancelhas arrebitadas, uma barbilha insolente, \_un bel

cavalier\_; e em quanto a sua voz poderosa saudava o Doutor, as duas

plumas vermelhas do gorro oscillavam sem cessar d'um modo fanfarrão.

Luiza chegára-se para a frente; ao ruido da cadeira, cabeças na platéa

voltaram-se, languidamente; pareceu de certo bonita, examinaram-na;

ella, embaraçada, pôz-se a olhar para o palco muito séria:--por traz

de véos sobrepostos que se levantavam, n'uma affectação de visão,

Margarida appareceu fiando o linho, toda vestida de branco; a luz

electrica, envolvendo-a n'um tom crú, fazia-a parecer de gesso muito

caiado; e D. Felicidade achou-a tão linda que a comparou a uma santa!

A visão desappareceu n'um tremulo de rebecas. E depois d'uma aria,

Fausto, que ficára immovel ao fundo do palco, debateu-se um momento

dentro da tunica e das barbas, e emergiu joven, gordinho, vestido de

côr de lilaz, coberto de pôs d'arroz, compondo o frisado do cabello. As

luzes da rampa subiram: uma instrumentação alegre e expansiva resoou:

Mephistopheles, apossando-se d'elle, arrastou-o sofrego através da

decoração. E o pano desceu rapidamente.

As platéas ergueram-se com um rumor grosso e lento. D. Felicidade um

pouco affrontada abanava-se. Examinaram então as familias, algumas

\_toilettes\_; e sorrindo concordaram que estava «do mais fino».

Nos camarotes conversava-se sobriamente; ás vezes uma joia brilhava,

ou a luz punha tons lustrosos d'aza de corvo nos cabellos pretos onde

alvejavam camelias ou reluzia o aro de metal d'um pente; os vidros

redondos dos binoculos moviam-se devagar, picados de pontos luminosos.

Na platéa, nas bancadas clareadas, sujeitos quasi deitados namoravam

com languidez; ou de pé, taciturnos, acariciavam as luvas; velhos

\_dilettanti\_, de lenço de sêda, tomavam rapé, caturravam; e D.

Felicidade interessava-se por duas hespanholas de verde, que na

superior immobilisavam, n'uma affectação casta, os seus corpos de

lupanar.

Um collega de Jorge magrinho e janota entrou então no camarote: parecia

animado, e perguntou logo se não sabiam o grande escandalo? Não. E o

engenheiro, com gestos vivos das suas mãosinhas calçadas n'umas luvas

esverdeadas, contou que a mulher do Palma, o deputado, sabiam, tinha

fugido!...

--P'ra o estrangeiro?

--Qual!--E a voz do engenheiro tinha agudos triumphantes.--Ahi é que

estava o bonito. P'ra casa d'um hespanhol que morava defronte!... Era

divino! De resto--e a sua voz tornou-se grave--estava enthusiasmado com

o baixo!

E depois de ter sorrido, olhado pelo binoculo, ficou calado, extenuado

do que dissera, batendo apenas de vez em quando no joelho de Jorge, com

um \_Sim, senhor!\_ familiar, ou um \_Então que é feito?\_ amigavel.

Mas a campainha retinia finamente. O engenheiro sahiu, em bicos de

pés. E o pano ergueu-se devagar na alegria da kermesse, cheia de uma

luz branca e dura. Casas acastelladas branquejavam no pano de fundo,

n'alguma collina do Rheno amiga das vinhas. Escarranchado sobre uma

pipa, o barrigudo e folgazão rei Cambrinus ria enormemente, erguendo,

na sua attitude de taboleta gothica, a vasta caneca emblematica da

cerveja germanica. E estudantes, judeus, reitres e donzellas, nas suas

côres vivas de paninho, moviam-se d'um modo automatico e somnambulo,

aos compassos largos da instrumentação festiva.

A walsa então desenrolou-se languidamente, como um fio de melodia,

em espiraes suaves que ondeavam e fugiam: Luiza seguia os pésinhos

das dançarinas, as pernas musculosas volteando no tablado; e as saias

tufadas e curtas faziam como o girar multiplicado e reproduzido de

vagos discos de cambraia.

--Que bonito!--murmurava ella, com uma felicidade no rosto.

--D'appetite--affirmava D. Felicidade, revirando os olhos.

Certas agudezas delicadas dos flautins enterneciam Luiza; e a casa,

Juliana, as suas miserias, tudo lhe parecia recuado, no fundo d'uma

noite esquecida.

Mas o jovial Diabo adiantava-se por entre os grupos, e logo, com gestos

aduncos e rapaces, cantou o \_Dio del oro\_. A sua voz arremessada

affirmava, n'um tom brutal, o poder do dinheiro; nas massas da

instrumentação passavam sonoridades claras e tilintantes d'um remexer

sofrego de thesouros; e as notas altas finaes cahiam, d'um modo curto e

secco, como martelladas triumphantes cunhando o divino ouro!

Luiza então viu D. Felicidade perturbar-se; e seguindo o seu olhar

negro, subitamente avivado, descobriu na geral a calva polida do

conselheiro Accacio,--que comprimentava, promettendo generosamente, com

a mão espalmada, a sua visita proxima.

Veio, apenas o pano desceu, e felicitou-as immediatamente por terem

escolhido aquella noite: a opera era das melhores e estava gente muito

fina. Lamentou ter perdido o primeiro acto;--ainda que não gostasse

extremamente da musica, apreciava-o por ser muito philosophico. E,

tomando da mão de Luiza o binoculo, explicou os camarotes, disse os

titulos, citou as herdeiras ricas, nomeou os deputados, apontou os

litteratos.--Ah! conhecia bem S. Carlos! Havia dezoito annos!

D. Felicidade, rubra, admirava-o. O Conselheiro sentia que não podessem

vêr o camarote real: a rainha, como sempre, estava adoravel.

Sim? Como estava?

--De velludo. Não sabia se rôxo, se azul escuro. Affirmar-se-hia, e

viria dizer...

Mas quando o pano subiu, ficou sentado por traz de Luiza começando

logo a explicar--que aquella (Siebel, colhendo flôres no jardim de

Margarida) posto que segunda dama, ganhava quinhentos mil reis por

mez...

--Mas apesar d'estes ordenadões morrem quasi sempre na miseria--disse

com reprovação.--Vicios, cêas, orgias, cavalgadas...

A portinha verde do jardim abriu-se, e Margarida entrou devagar,

desfolhando o malmequer da legenda, caracterisada de virgem, com

as duas longas tranças louras. Scismava, fallava só, amava: a dôce

creatura sente em volta de si o ar pesado, e quereria bem que sua mãi

voltasse!

Os olhos de Luiza encheram-se então de melancolia, com a saudosa

ballada do rei de Thule; aquella melodia dava-lhe a vaga sensação d'um

pallido paiz d'amores espirituaes, banhado de luares frios, longe,

no Norte, junto a um mar gemente--ou de tristezas aristocraticas,

scismadas n'um terraço, sob a sombra d'um parque...

Mas o Conselheiro preveniu-as, dizendo:

--Agora é que é! Reparem. Agora é o ponto capital.

De joelhos, diante do cofre das joias, a dama requebrava-se,

garganteando; apertava nas mãos o collar, extasiada; punha os brincos

com denguices delirantes; e da sua bocca muito aberta sahia um canto

trinado, d'uma crystallinidade aguda--entre o vago susurro da admiração

burgueza.

O Conselheiro disse discretamente:

--Bravo! Bravo!

E, excitado, dissertou: aquillo era o melhor da opera! Era alli que se

via a força das cantoras...

D. Felicidade quasi tinha medo que lhe estalasse alguma cousa na

garganta. Preoccupava-se tambem com as joias. Seriam falsas? Seriam

d'ella?

--É p'ra a tentar, não é verdade?

--É um drama allemão--disse-lhe baixo o Conselheiro.

Mas Mephistopheles ia arrastando a boa Martha; Fausto e Margarida

perdiam-se nas sombras cumplices do jardim aphrodisiaco,--e o

Conselheiro observou que todo aquelle acto era um pouco fresco.

D. Felicidade murmurou-lhe--entre reprehensiva e extatica:

--Quantas scenas não terá tido assim, maganão!

O Conselheiro fitou-a, indignado:

--O quê, minha senhora! levar a deshonra ao seio d'uma familia!

Luiza fez-lhe \_chut\_, sorrindo. Interessava-se agora. Tinha escurecido;

uma facha de luz electrica enchia o jardim d'um vago luar azulado, onde

os maciços arredondados se recortavam em pastas escuras; e Fausto e

Margarida enlaçados, quasi desfallecidos, soltavam d'um modo expirante

o seu duetto: uma sensualidade delicada e moderna, com elances

d'um requinte devoto, arrastava-se na orchestra gemente; o tenor

esforçava-se, agarrando o peito, com um geito morbido dos quadris, o

olhar anuviado: e desprendendo-se da languida arcada dos violoncellos,

o canto subia para as estrellas...

Al pallido chiarore

Dei astri d'oro.

Mas o coração de Luiza batia precipitadamente; vira-se de repente

sentada no divan, na sua sala, ainda tomada dos soluços do adulterio,

e Bazilio, com o charuto ao canto da bocca, batia distrahido no piano

aquella aria--\_Al pallido chiarore dei astri d'oro\_. D'essa noite tinha

vindo toda a sua miseria!--e subitamente, como longos véos funebres

que descem e abafam, as recordações de Juliana, da casa, de Sebastião,

vieram escurecer-lhe a alma.

Olhou o relogio. Eram dez horas. Que se passaria?

--Estás incommodada?--perguntou-lhe Jorge.

--Um pouco.

Margarida apoiava-se, expirante de voluptuosidade, ao rebordo da sua

janellinha. Fausto corre. Enlaçam-se. E entre as gargalhadas do Diabo e

o roncar dos rebecões--o pano desceu, pondo uma reticencia pudica...

D. Felicidade, abrazada, quiz agua. Jorge apressou-se: queria bolos?

neve? A excellente senhora hesitou; o \_chic\_ da neve attrahia-a, mas

cohibiu-se com terror da colica. Veio sentar-se ao fundo ao pé de

Luiza, e ficou a olhar, vagamente cançada; havia um susurro lento;

bocejava-se discretamente; e o fumo dos cigarros, entrando, de fóra,

fazia uma nevoa apenas perceptivel que enchia a sala, ia prender-se

ao lustre, embaciando ligeiramente as luzes. Quando Jorge sahiu o

Conselheiro acompanhou-o: ia acima tomar o seu copo de gelatina...

--É a minha cêa em dia de S. Carlos--disse.

Voltou d'ahi a pouco, limpando os beiços ao lenço de sêda, ter com

Jorge que fumava no pequeno patamar junto á entrada das cadeiras:

--Veja isto, Conselheiro--disse-lhe logo Jorge, indignado, mostrando a

parede--que escandalo!

Tinham desenhado, com o charuto apagado sobre a parede caiada, enormes

figuras obscenas: e alguem, prudente e amigo da clareza, ajuntára por

baixo as designações sexuaes com uma boa letra cursiva.

E Jorge, revoltado:

--E passam por aqui senhoras! Vêem, lêem! Isto só em Portugal!...

O Conselheiro disse:

--A autoridade devia intervir de certo...--Acrescentou com

bonhomia:--São rapazes, com o charuto. Apreciam muito esta

distracção...--E sorrindo, recordando-se:--Uma occasião mesmo, o conde

de Villa Rica, que tem graça, muita graça, insistiu commigo, dando-me o

charuto, para que eu fizesse um desenho...--E mais baixo:--Eu dei-lhe

uma lição severa. Tomei o charuto...

--E fumou-o?

--Escrevi.

--Uma obscenidade?

O Conselheiro, recuando, exclamou com severidade:

--Jorge, conhece o meu caracter! Pois suppõe...?--E acalmando-se:--Não,

tomei o charuto e escrevi com mão firme: HONRA AO MERITO!

Mas a campainha retiniu, entraram no camarote. Luiza incommodada

não quiz sentar-se á frente. E o Conselheiro, grave, tomou o seu

lugar--defronte de D. Felicidade. Foi para a nutrida senhora um momento

feliz, de um gozo requintado. Estavam \_ambos\_, alli, como noivos! O

seu peito abundante arfava: via-se a sahirem, mais tarde, de braço

dado, entrarem n'um \_coupé\_ estreito, pararem á porta da casa conjugal,

pisarem o tapete da alcova... Tinha um suor á raiz dos cabellos--e

vendo o Conselheiro sorrir-lhe, amavel, com a sua calva toda luzidia ao

gaz, sentia um reconhecimento apaixonado pela mulher de virtude que,

áquella hora, no fundo da Galliza, estava cravando agulhas n'um coração

de cera!...

Mas de repente o Conselheiro bateu na testa, arremessou-se sobre o

chapéo, sahiu impetuosamente. Olharam-se inquietos. D. Felicidade

empallideceu: seria alguma dôr? Santo Deus! Já murmurava baixo uma reza.

Mas viram-no entrar logo, e dizer com uma voz triumphante:

--D'azul escuro!

Abriram grandes olhos, sem comprehender.

--Sua magestade a rainha! Tinha promettido verifical-o, cumpri-o!

E sentou-se com solemnidade, dizendo a Luiza:

--Lamento que se esconda n'esse recanto, D. Luiza! Na sua idade! Na

flôr dos annos! Quando tudo na vida é côr de rosa!

Ella sorriu. Estava agora muito sobresaltada. A cada momento olhava

o relogio. Sentia-se doente: os pés arrefeciam-lhe, uma vaga febre

fazia-lhe a cabeça pesada. O seu pensamento estava na casa, em Juliana,

em Sebastião, cortado de palpites, de esperanças, de terrores... E via,

sem comprehender, a multidão de soldados vestidos de côres mipartidas,

com armas obsoletas, que marchavam, paravam n'uma cadencia affectada,

erguendo uma poeira subtil no tablado mal regado. Um côro vigoroso

resoava: era a marcha arrogante e festiva dos reitres allemães,

celebrando a alegria das excursões victoriosas pelos paizes do vinho,

e a posse das bolsas mercenarias cheias de sonoros rixdales! E os

seus olhos seguiam um barbaças corpulento, que, por cima dos gorros

quadrados dos bésteiros, balançava monotonamente um largo quadrado de

paninho--a bandeira do Santo Imperio, negra, vermelha e d'ouro!

Mas então ergueu-se um rumor no fundo da platéa. Vozes duras

altercavam. Ordem! ordem! dizia-se. Localistas na superior pozeram-se

rapidamente em bicos de pés na palhinha das cadeiras. Quatro policias

e dous municipaes appareceram á porta do fundo; e depois d'uma troça,

de risadas, foram levando um moço livido, que cambaleava,--e o lado

esquerdo do seu jaquetão de pellucia estava todo vomitado!

Mas fez-se logo silencio: o pano de fundo oscillava um pouco,

acotovellado pela sahida festiva dos reitres e dos populares; e no

palco deserto, tendo á direita um portico oscillante de cathedral e á

esquerda a portinha triste d'uma casa burgueza, Valentim, com uma longa

pera, á beira da rampa, beijava sofregamente uma medalha:--mas Luiza

não o escutava. Pensava com o coração confrangido: que fará a esta hora

Sebastião?

Sebastião, ás nove horas, por um nordeste agudo que torcia as luzes do

gaz dentro dos candieiros, dirigia-se devagar a casa d'um commissario

de policia, seu primo afastado, o Vicente Azurara. Uma velha servente,

engelhada como uma maçã raineta, levou-o ao quarto escolastico, «onde

o snr. commissario estava a cozer uma grande constipação»: encontrou-o

com um gabão pelos hombros, os pés embrulhados n'um cobertor, tomando

\_grogs\_ quentes, e lendo o \_Homem dos tres calções\_. Apenas Sebastião

entrou tirou do nariz adunco as grandes lunetas, e erguendo para elle

os olhos pequeninos, chorosos do defluxo, exclamou:

--Estou com um diabo d'uma constipação ha tres dias, que me não quer

largar...--E rosnou algumas pragas, passando a mão magra e nodosa sobre

uma face trigueira, de linhas duras, a que um espesso bigode grisalho

dava ferocidade.

Sebastião lamentou-o muito: não admirava com a estação que ia!...

Aconselhou-lhe agua sulfurica com leite fervido.

--Eu, se isto não despega--disse o commissario

rancorosamente--atiro-lhe ámanhã p'ra dentro com meia garrafa de

genebra; e se não fôr por bem, ha-de ir á força... E que ha de novo?

Sebastião tossiu, queixou-se d'andar tambem adoentado, e chegando a

cadeira para ao pé do primo Vicente, pondo-lhe a mão sobre o joelho:

--Ó Vicente, tu, se eu te pedisse um policia p'ra me acompanhar cá p'ra

uma cousa, só p'ra metter medo, só p'ra fazer que uma pessoa restitua o

que tirou, tu davas ordem, hein?

--Ordem p'ra quê?--perguntou lentamente o Vicente com a cabeça baixa,

os olhinhos avermelhados em Sebastião.

--Ordem p'ra me acompanhar, p'ra se mostrar. É só p'ra se mostrar. É um

caso exquisito... P'ra metter medo... Tu sabes que eu não sou capaz...

É p'ra que uma pessoa restitua o que tirou. Sem fazer escandalo...

--Roupas? Dinheiro?

E o commissario cofiava reflectidamente o bigode com os seus longos

dedos magros, muito queimados do cigarro.

Sebastião hesitou:

--Sim. Roupas, cousas... É p'ra não haver escandalo... Tu percebes...

O Vicente murmurou com um ar profundo, fixando-o:

--Um policia p'ra se mostrar...

Escarrou ruidosamente. E franzindo a testa:

--Não é cousa de politica?

--Não!--fez Sebastião.

O commissario embrulhou mais os pés no cobertor, rolou em redor os

olhos, ferozmente:

--Nem toca com gente grauda?

--Qual!

--Um policia p'ra se mostrar...--ruminava o Vicente.--Tu és um homem de

bem... Dá cá aquella pasta de cima da commoda.

Tirou um papel pautado, examinou-o, acavallando a luneta no nariz,

meditou com a mão em garra sobre a testa:

--O Mendes... Serve-te o Mendes?

Sebastião, que não conhecia o Mendes, acudiu logo:

--Sim, quem quizeres. É só p'ra se mostrar...

--O Mendes. É um homemzarrão. É serio, foi da Guarda.

Fez-lhe aproximar o tinteiro; escreveu devagar a ordem; releu-a duas

vezes; cortou os \_tt\_, seccou-a á chaminé do candieiro; e dobrando-a

com solemnidade:

--Á segunda divisão!

--Obrigado, Vicente. É um grande favor... Obrigado. E agasalha-te,

homem! E não te esqueça: agua sulfurica da pharmacia Azevedo na rua de

S. Roque: meia chavena de leite fervido... E obrigado. Não queres nada,

hein?

--Não. Dá uma placa ao Mendes. É serio, foi da Guarda!

E acavallando as lunetas retomou o \_Homem dos tres calções\_.

Sebastião d'ahi a meia hora, seguido do robusto Mendes, que marchava

militarmente, com os braços um pouco arqueados, encaminhava-se

para casa de Jorge. Não tinha ainda um plano definido. Calculava

naturalmente que Juliana vendo, áquella hora da noite, o policia com o

seu terçado, se aterraria, imaginaria logo a Boa Hora, o Limoeiro, a

costa d'Africa, entregaria as cartas, pediria misericordia! E depois?

Pensava vagamente em lhe pagar a passagem para o Brazil, ou dar-lhe

quinhentos mil reis para ella se estabelecer longe, na provincia...

Veria. O essencial era aterral-a!

Juliana, com effeito, depois d'abrir a porta, apenas viu subir, atraz

de Sebastião, o policia, fez-se muito amarella, exclamou:

--Credo! Que temos nós?

Estava embrulhada n'um chale preto, e o candieiro de petroleo, que ella

erguia, prolongava na parede a sombra disforme da cuia.

--Ó snr.^a Juliana, faça favor d'accender luz na sala--disse Sebastião,

tranquillamente.

Ella fixava no policia um olhar faiscante e inquieto.

--Ó senhor, que aconteceu? Credo! Os senhores não estão em casa. Eu se

soubesse nem tinha aberto... Ha alguma novidade? Olha o proposito!

--Não é nada--disse Sebastião, abrindo a porta da sala--tudo em paz!

Elle mesmo accendeu com um phosphoro uma vela na serpentina--que fez

sahir vagamente da sombra os dourados dos caixilhos das gravuras, a

pallida face do retrato da mãi de Jorge, um reflexo de espelho.

--Ó snr. Mendes, sente-se, sente-se!

O Mendes collocou-se á beira da cadeira com a mão na cinta, o terçado

entre os joelhos, muito soturno.

--Esta é que é a pessoa--disse Sebastião, indicando Juliana, que ficára

á porta da sala, attonita.

A mulher recuou, livida:

--Ó snr. Sebastião, que brincadeira é esta?

--Não é nada, não é nada...

Tomou-lhe o candieiro da mão, e tocando-lhe no braço:

--Vamos lá dentro á sala de jantar.

--Mas que é? É alguma cousa commigo? Credo! E esta! Olha que

desconchavo!

Sebastião fechou a porta da sala de jantar, pousou o candieiro sobre

a mesa, onde havia ainda um prato com codeas de queijo, e um fundo de

vinho n'um copo, deu alguns passos, fazendo estalar nervosamente os

dedos, e parando bruscamente diante de Juliana:

--Dê cá umas cartas que roubou á senhora...

Juliana teve um movimento para correr á janella, gritar.

Sebastião agarrou-lhe o braço, e fazendo-a sentar com força sobre uma

cadeira:

--Escusa d'ir á janella gritar, a policia já está dentro de casa. Dê cá

as cartas, ou p'ra a enxovia!

Juliana entreviu n'um relance um quarto tenebroso no Limoeiro, o caldo

do rancho, a enxerga nas lages frias...

--Mas que fiz eu?--balbuciava--que fiz eu?

--Roubou as cartas. Dê-as p'ra cá, avie-se.

Juliana sentada á beira da cadeira, apertando desesperadamente as mãos,

rosnava por entre os dentes cerrados:

--A bebeda! A bebeda!

Sebastião, impaciente, pôz a mão no fecho da porta.

--Espere, seu diabo!--gritou ella, erguendo-se com um salto. Fixou-o

rancorosamente, desabotoou o corpete, enterrou a mão no peito, tirou

uma carteirinha. Mas de repente batendo com o pé, n'um phrenesi:

--Não! não! não!

--Diabos me levem se vossê não fôr dormir á enxovia!--Entre-abriu a

porta.--Ó snr. Mendes!

--Ahi tem!--gritou ella atirando-lhe a carteira. E brandindo para elle

os punhos:--Raios te partam, malvado!

Sebastião apanhou a carteira. Havia tres cartas: uma muito dobrada era

de Luiza; leu a primeira linha: \_Meu adorado Bazilio\_; e muito pallido

guardou logo tudo na algibeira interior do casaco. Abriu então a porta:

a possante figura do Mendes estava na sombra.

--Está tudo arranjado, snr. Mendes,--a voz tremia-lhe um pouco--não lhe

quero tomar mais tempo.

O homem fez uma continencia, calado: quando Sebastião, no patamar, lhe

resvalou na mão uma libra, o Mendes curvou-se respeitosamente e disse,

com uma voz pegajosa:

--E para o que quizer, o sessenta e quatro, o Mendes, que foi da

Guarda. Não se incommode v. s.^a Ás ordens de v. s.^a Minha mulher

e filhos agradecem. Não se incommode v. s.^a O sessenta e quatro, o

Mendes, que foi da Guarda!

Sebastião fechou a cancella, voltou á sala de jantar. Juliana ficára

n'uma cadeira, aniquilada; mas apenas o viu, erguendo-se furiosamente:

--A bebeda foi-lhe contar tudo! Foi vossê que arranjou a armadilha!

Tambem vossê dormiu com ella!...

Sebastião, muito branco, dominava-se.

--Vá pôr o chapéo, mulher. O snr. Jorge despediu-a. Ámanhã mandará

buscar os bahus...

--Mas o homem ha-de saber tudo!--berrou ella.--Este tecto me rache

se eu não lhe disser tudo tim-tim por tim-tim. Tudo! As cartas que

recebia, onde ia vêr o homem. Deitava-se com ella na sala, até os

pentes lhe cahiam na balburdia. Até a cozinheira lhes sentia o alarido!

--Cale-se!--bradou Sebastião com uma punhada na mesa, que fez tremer

toda a louça no aparador, e esvoaçar os canarios. E com a voz toda

tremula, os beiços brancos:--A policia tem o seu nome, sua ladra! Á

menor palavra que vossê diga vai para o Limoeiro, e pela barra fóra.

Vossê não roubou só as cartas; roubou roupas, camisas, lençoes,

vestidos...--Juliana ia fallar, gritar.--Bem sei--continuou elle

violentamente--deu-lh'os ella, mas á força, porque vossê a ameaçava.

Vossê arrancou-lhe tudo. É roubo. É d'Africa!--E o que é dizer ao snr.

Jorge, póde ir dizer. Vá. Veja se elle a acredita. Diga! São algumas

bengaladas que leva por esses hombros, ladra!

Ella rangia os dentes. Estava apanhada! \_Elles\_ tinham tudo por si, a

policia, a Boa-Hora, a cadêa, a Africa!... E ella--nada!

Todo o seu odio contra a \_Piorrinha\_ fez explosão. Chamou-lhe os nomes

mais obscenos. Inventou infamias.

--É que nem as do Bairro-Alto! E eu--gritava--sou uma mulher de bem,

nunca um homem se pôde gabar de tocar n'este corpo. Nunca houve raio

nenhum que me visse a côr da pelle. E a bebeda!...--Tinha arremessado o

chale, alargou anciosamente o collar do vestido.--Era um desaforo por

essa casa! E o que eu passei com a bruxa da tia! É o pago que me dão!

Os diabos me levem se eu não fôr para os jornaes. Vi-a eu abraçada ao

janota, como uma cabra!

Sebastião a seu pezar escutava-a, com uma curiosidade dolorosa por

aquelles pormenores; sentia desejos agudos de a esganar, e os seus

olhos devoravam-lhe as palavras. Quando ella se calou arquejante:

--Vá, ponha o chapéo, e p'ra a rua!

Juliana então allucinada de raiva, com os olhos sahidos das orbitas,

veio para elle, e cuspiu-lhe na cara!

Mas de repente a bocca abriu-se-lhe desmedidamente, arqueou-se para

traz, levou com ancia as mãos ambas ao coração, e cahiu para o lado,

com um som molle, como um fardo de roupa.

Sebastião abaixou-se, sacudiu-a; estava hirta, uma escuma rôxa

apparecia-lhe aos cantos da bocca.

Agarrou no chapéo, desceu as escadas, correu até á Patriarchal. Um

\_coupé\_ vazio passava; atirou-se para dentro, mandou a «todo o que

dér», para casa de Julião; e obrigou-o a vir immediatamente, mesmo em

chinellas, sem collarinho.

--É caso de morte, é a Juliana--balbuciava muito pallido.

E pelo caminho, entre o ruido das rodas e o tilintar dos caixilhos,

contava confusamente que entrára em casa de Luiza, que achára Juliana

muito despeitada por ter sido despedida, e que a fallar, a esbracejar,

de repente, tombára p'ra o lado!

--Foi o coração. Estava p'ra dias--disse Julião, chupando a ponta do

cigarro.

Pararam. Mas Sebastião desorientado, ao sahir, fechára a porta! E

dentro só a morta! O cocheiro offereceu a sua gazua, que serviu.

--Então nem se vai a uma passeadinha ao Dáfundo, meus fidalgos?--disse

o homem, mettendo a gorgeta na algibeira.

Mas vendo-os atirar com a porta:

--Tambem não é gente d'isso--rosnou com desprezo, batendo a parelha.

Entraram.

No pequeno pateo o silencio da casa pareceu a Sebastião pavoroso.

Subia, aterrado, os degraus, que se afiguravam infindaveis; e, com

fortes pancadas do coração, esperava ainda que ella estivesse apenas

adormecida n'um desmaio simples, ou já de pé, pallida e respirando!

Não. Lá estava como a deixára, estendida na esteira, com os braços

abertos, os dedos retorcidos como garras. A convulsão das pernas

arregaçára-lhe as saias, viam-se as suas canellas magras com meias

de riscadinho côr de rosa e as chinellas de tapete; o candieiro de

petroleo, que Sebastião esquecera ao pé sobre uma cadeira, punha tons

lividos na testa, nas faces rigidas; a bocca torcida fazia um sombra;

e os olhos medonhamente abertos, immobilisados na agonia repentina,

tinham uma vaga nevoa, como cobertos d'uma têa d'aranha diaphana. Em

redor tudo parecia mais immovel, d'um hirto morto. Vagos reflexos

de prata reluziam no aparador; e o tic-tac do \_cuco\_ palpitava sem

descontinuar.

--Julião apalpou-a, ergueu-se sacudindo as mãos, disse:

--Está morta com todas as regras. É necessario tiral-a d'aqui. Onde é o

quarto?

Sebastião, pallido, fez signal com o dedo que era por cima.

--Bem. Arrasta-a tu, que eu levo o candieiro.--E como Sebastião não se

movia:--Tens medo?--perguntou rindo.

Escarneceu-o: que diabo, era materia inerte, era como quem agarrava uma

boneca! Sebastião, com um suor á raiz dos cabellos, levantou o cadaver

por debaixo dos braços, começou a arrastal-o, devagar. Julião adiante

erguia o candieiro; e por fanfarronada cantou os primeiros compassos da

marcha do \_Fausto\_. Mas Sebastião escandalisou-se, e com uma voz que

tremia:

--Largo tudo, e vou-me...

--Respeitarei os nervos da menina!--disse Julião curvando-se.

Continuaram calados. Aquelle corpo magro parecia a Sebastião d'um

peso de chumbo. Arquejava. Nas escadas uma das chinellas do cadaver

soltou-se, rolou. E Sebastião sentia aterrado alguma cousa que lhe

batia contra os joelhos; era a cuia cahida, suspensa por um atilho.

Estenderam-na na cama; Julião, dizendo que se deviam seguir as

tradições,--pôz-lhe os braços em cruz e fechou-lhe os olhos.

Esteve um momento a olhal-a:

--Feia besta!--murmurou, estendendo-lhe sobre o rosto uma toalha

enxovalhada.

Ao sahir examinou, admirado, o quarto:

--Estava mais bem alojada que eu, o estafermo!

Fechou a porta, deu volta á chave:

--\_Requiescat in pace\_--disse.

E desceram, calados.

Ao entrar na sala, Sebastião, muito pallido, pôz a mão no hombro de

Julião:

--Então achas que foi o aneurisma?

--Foi. Enfureceu-se, estourou. É dos livros...

--Se não se tivesse zangado hoje...

--Estourava ámanhã. Estava nas ultimas... Deixa em paz a creatura. Está

começando a esta hora a apodrecer, não a perturbemos.

Declarou então, esfregando as mãos com frio, que «comia alguma cousa».

Achou no armario um pedaço de vitella fria, uma garrafa meia de

Collares. Installou-se e, com a bocca cheia, deitando o vinho d'alto:

--Então sabes a novidade, Sebastião?

--Não.

--O meu concorrente foi despachado!

Sebastião murmurou:

--Que ferro!

--Era previsto--disse Julião com um grande gesto.--Eu ia fazer um

escandalo, mas...--e teve um risinho--amansaram-me! Estou n'um posto

medico, deram-me um posto medico! Atiraram-me um osso!

--Sim?--fez Sebastião.--Homem, ainda bem, parabens. E agora?

--Agora, roel-o!

De resto, tinham-lhe promettido a primeira vagatura. O posto medico não

era mau... Em definitiva, a situação melhorára...

--Mas mesquinha, mesquinha! Não sáio do atoleiro...

Estava farto de medicina, disse depois d'um silencio. Era um bêco

sem sahida. Devia-se ter feito advogado, politico, intrigante. Tinha

nascido p'ra isso!

Ergueu-se, e com grandes passadas pela sala, o cigarro na mão, a voz

cortante, expoz um plano de ambição:--O paiz está a preceito para um

intrigante com vontade! Esta gente toda está velha, cheia de doenças,

de catarrhos de bexiga, de antigas syphilis! tudo isto está pôdre

por dentro e por fóra! o velho mundo constitucional vai a cahir aos

pedaços... Necessitam-se homens!

E plantando-se diante de Sebastião:

--Este paiz, meu caro amigo, tem-se governado até aqui com

\_expedientes\_. Quando vier a revolução contra os \_expedientes\_, o paiz

ha-de procurar quem tenha os \_principios\_. Mas quem tem ahi principios?

Quem tem ahi quatro principios? Ninguem; teem dividas, vicios secretos,

dentes postiços; mas principios, nem meio! Por consequencia se houver

tres patuscos que se dêem ao trabalho de estabelecer meia duzia de

principios sérios, racionaes, modernos, positivos, o paiz tem se atirar

de joelhos, e supplicar-lhes: Senhores, fazei-me a honra insigne de

me pôr o freio nos dentes! Ora eu devia ser um d'estes. Nasci p'ra

isso! E secca-me a idéa de que em quanto outros idiotas, mais astutos

e mais previdentes, hão-de estar no poleiro a reluzir ao sol, \_al

hermoso sol português\_, como se diz nas zarzuelas, eu hei-de estar a

receitar cataplasmas a velhas devotas, ou a ligar as rupturas d'algum

desembargador caduco.

Sebastião calado pensava na outra, morta em cima.

--Estupido paiz, estupida vida!--rosnou Julião.

Mas uma carruagem entrou na rua, parou á porta.

--Chegam os principes!--disse Julião. Desceram logo.

Jorge ajudava Luiza a sahir do trem, quando Sebastião, abrindo a porta,

bruscamente:

--Houve cá grande novidade!

--Fogo?--gritou Jorge voltando-se aterrado.

--A Juliana, que lhe rebentou o aneurisma--disse a voz de Julião da

sombra da porta.

--Oh c'os diabos!--E Jorge atarantado procurava á pressa na algibeira

troco para o cocheiro.

--Ai, eu já não entro!--exclamou logo D. Felicidade, mostrando á

portinhola a sua larga face envolvida n'uma manta branca.--Eu já não

entro!

--Nem eu!--fez Luiza, toda tremula.

--Mas para onde queres que vamos, filha?--exclamou Jorge.

Sebastião lembrou que podiam ir para casa d'elle. Tinha o quarto da

mamã, era só pôr lençoes na cama.

--Vamos, sim! Vamos, Jorge! É o melhor!--supplicou Luiza.

Jorge hesitava. A patrulha que ia passando ao alto da rua, ao vêr

aquelle grupo junto á lanterna do trem, parou. E Jorge emfim, instado,

muito contrariado, consentiu.

--Diabo da mulher, morrer a semelhante hora! A carruagem vai-a levar,

D. Felicidade...

--E a mim, que estou em chinellas!--acudiu Julião.

D. Felicidade lembrou então, como christã, que era necessario alguem,

para velar a morta...

--Ora, pelo amor de Deus, D. Felicidade!--exclamou Julião, entrando

logo para a carruagem, batendo com a portinhola.

Mas D. Felicidade insistia: era uma falta de religião! ao menos pôr

duas velas, mandar chamar um padre!...

--Largue, cocheiro!--berrou Julião, impaciente.

A carruagem deu a volta. E D. Felicidade á portinhola, apesar de Julião

que a puxava pelos vestidos, gritava:

--É um peccado mortal! É uma irreverencia! Ao menos duas velas!

O trem partiu a trote.

Luiza agora tinha escrupulos: realmente podia-se mandar chamar alguem...

Mas Jorge enfureceu-se. Chamar quem, áquella hora? Que beatice! Estava

morta, acabou-se! Enterrava-se... Velar o estafermo! Fazer-lhe talvez

camara ardente tambem? Queria ella ir velal-a?...

--Então, Jorge, então!...--murmurava Sebastião.

--Não, é de mais! É vontade de crear embaraços, que diabo!

Luiza baixava a cabeça: e, em quanto Jorge, praguejando, ficou atraz a

fechar a porta da casa, ella foi descendo a rua pelo braço de Sebastião.

--Estourou de raiva--disse-lhe elle baixinho.

Toda a rua Jorge resmungou. Que idéa, irem dormir agora fóra de casa!

Realmente era levar muito longe as mariquices...!

Até que Luiza lhe disse, quasi chorando:

--Vê se me queres torturar mais, e fazer-me mais doente, Jorge!

Elle calou-se, mordendo furioso o charuto. E Sebastião, para a socegar,

propoz que viesse a tia Vicencia, a preta, velar a Juliana.

--Era talvez melhor--murmurou Luiza.

Chegaram á porta de Sebastião. O \_frou-frou\_ do vestido de sêda de

Luiza, áquella hora, na sua casa, dava uma commoção a Sebastião: a mão

tremia-lhe ao accender as velas da sala. Foi acordar a tia Vicencia

para fazer chá; tirou elle mesmo os lençoes dos bahús, apressado, feliz

d'aquella hospitalidade. Quando voltou á sala, Luiza estava só, muito

pallida, ao canto do sophá.

--Jorge?--perguntou elle.

--Foi ao seu escriptorio, Sebastião, escrever ao parocho para

o enterro...--E com os olhos brilhantes, n'uma voz sumida e

assustada:--Então?

Sebastião tirou da algibeira a carteirinha de Juliana. Ella agarrou-a

sofregamente--e com um movimento brusco, tomou-lhe a mão, e beijou-lh'a.

Mas Jorge entrava, sorrindo.

--Então agora está mais descançada, a menina?

--Inteiramente--disse ella, com um suspiro de allivio.

Foram tomar chá. Sebastião contou a Jorge, corando um pouco, a

maneira como entrára em casa, a Juliana lhe estivera a dizer que fôra

despedida, e fallando, exaltando-se, zás, de repente, cahira para o

lado morta...

E acrescentou:

--Coitada!

Luiza via-o mentir, olhando-o com adoração.

--E a Joanna?--perguntou Jorge, de repente.

Luiza, sem se perturbar, respondeu:

--Ah, esqueci-me dizer-te... Tinha pedido licença p'ra ir vêr uma tia

que está muito mal, p'ra os lados de Bellas... Diz que volta ámanhã...

Mais uma gota de chá, Sebastião...

Esqueceram-se depois de mandar a Vicencia--e ninguem velou a morta.

XVI

Luiza passou a noite ás voltas, com febre. Jorge de madrugada ficou

assustado da frequencia do seu pulso e do calor secco da pelle.

Elle mesmo, muito nervoso, não pudera dormir.

O quarto, onde se não accendera luz havia muito, tinha uma frialdade

deshabitada: na parede, junto ao tecto, havia manchas de humidade: e

a cama antiga de columnas torneadas sem cortinados, o velho tremó do

seculo passado com o seu espelho embaciado davam, á luz bruxuleante

da lamparina, um sentimento triste de convivencias extinctas. O

achar-se alli com sua mulher, n'uma cama alheia, trazia-lhe, sem saber

porque, uma vaga saudade; parecia-lhe que se dera na sua vida uma

alteração brusca--e que, semelhante a um rio a que se muda o leito, a

sua existencia, desde essa noite, começaria a correr entre aspectos

differentes. O nordeste fazia bater os caixilhos da vidraça, e uivava

encanado na rua.

Pela manhã, Luiza não se pôde levantar.

Julião, chamado á pressa, tranquillisou-os:

--É uma febresita nervosa. Quer socego, não vale nada. Foi o medosinho

d'hontem, hein?

--Sonhei toda a noite com ella--disse Luiza.--Que tinha resuscitado...

Que horror!

--Ah! póde estar socegada... E já a aviaram, a mulher?

--O Sebastião lá anda com a massada--disse Jorge.--E eu vou dar uma

vista d'olhos.

Na rua já se sabia a morte da \_tripa-velha\_.

A mulher que a veio amortalhar, uma matrona muito picada das bexigas,

com os olhos avermelhados da paixão da aguardente, era conhecida

da snr.^a Helena. Estiveram um momento a palrar ao sol, á porta do

estanque:

--Muito que fazer agora, snr.^a Margarida, hein?

--Bastante, bastante, snr.^a Helena--disse a amortalhadeira com a voz

um pouco rouca.--No inverno sempre ha mais obra. Mas tudo gente velha,

com os frios. Nem um corpinho bonito p'ra vestir...

A snr.^a Margarida tinha predilecções artisticas. Gostava d'um bonito

corpo de dezoito annos, uma mocinha fresca para lavar, escarolar,

enfeitar... Entrouxava á má cara a gente velha. Mas com as raparigas

novas esmerava-se: acatitava as pregas da mortalha; calculava o \_chic\_

d'uma flôr, d'um laço; trabalhava com os requintes ajanotados d'uma

modista do sepulchro.

A estanqueira contou-lhe muitas particularidades sobre a Juliana,

os favores dos patrões, as tafularias d'ella, os luxos do quarto

tapetado... A snr.^a Margarida dizia-se «banzada». E para quem iria

agora tudo aquillo?--perguntavam.--A \_tripa-velha\_ não tinha parentes...

--Era uma riqueza p'ra a minha Antoninha!--disse a amortalhadeira,

traçando o chale com tristeza.

--Como vai ella, a pequena?...

--Aquillo vai mal, snr.^a Helena. Aquella cabeça douda!--E exhalando

a sua dôr com loquacidade:--Deixar o brazileiro que a trazia nas

palminhas... E por quem? Por aquelle desalmado, que lhe come tudo,

que já lhe arranjou um filho, e que a derrêa com pau... Mas então, as

raparigas são assim... Vão atraz do palmo de cara... Que elle é bonito

rapaz! Mas um bebedo!... Coitada!... Pois vou vestir a boneca, snr.^a

Helena.--E entrou na casa compungidamente.

O padre já chegára tambem. Estava na sala com Sebastião, que conhecia

d'Almada, e fallava de lavoura, d'enxertos, das regas, n'uma voz

grossa--passando, com um gesto lento da sua mão cabelluda, o lenço

enrolado por debaixo do nariz. As janellas em toda a casa estavam

abertas ao sol muito dôce. Os canarios chilreavam.

--E estava ha muito tempo na casa, a defunta?--perguntou o padre, a

Jorge que passeava pela sala, fumando.

--Ha quasi um anno.

O padre desdobrou lentamente o lenço, e sacudindo-o, antes de se assoar:

--A sua senhora ha-de sentir muito... É um tributo universal!...

E assoou-se, com estrondo.

A Joanna, então, de chale e lenço, appareceu, em bicos de pés. Soubera

pelos visinhos que a Juliana «arrebentára», que os senhores estavam em

casa do snr. Sebastião. Vinha de lá. Luiz mandára-a entrar no quarto.

Quando a viu doente, a sua rica senhora, lagrimejou muito. Luiza

disse-lhe--«que agora estava tudo como d'antes, podia voltar...»

--E ouça, Joanna, se o snr. Jorge lhe perguntar... que esteve em

Bellas, com a tia...

A rapariga fôra logo buscar a trouxa e vinha installar-se--um pouco

assustada da morte em casa.

D'ahi a pouco o Paula bateu discretamente á porta.

Alli vinha offerecer-se para o que fosse necessario n'aquelle transe! E

tirando e pondo rapidamente o boné, raspando o pé, dizia com a sua voz

catarrhosa:

--Lamento a desgraça, lamento a desgraça! Todos somos mortaes...

--Bem, bem, snr. Paula, não é necessario nada--disse Jorge.--Obrigado!

E fechou bruscamente a cancella.

Estava impaciente por se desembaraçar «d'aquella estopada»: e mesmo

como o enfastiavam as martelladas espaçadas dos homens pregando o

caixão, em cima, chamou a Joanna:

--Diga a essa gente que se avie. Não vamos ficar aqui toda a vida!

A Joanna foi logo dizer que o senhor estava n'um phrenesi! Tinha-se

feito já intima da snr.^a Margarida. A amortalhadeira fôra mesmo com

ella á cozinha para tomar uma «sustanciasinha». Como o lume estava

apagado, contentou-se com sopas de pão em vinho.

--Sopinha de burro--dizia, fazendo estalar a lingua.

Mas estava enojada com a defunta! Nunca vira bicho mais feio. Um corpo

de sardinha secca! E pondo um olhar complacente nas bellas fórmas

de Joanna:--A menina, não. A menina tem-me o ar de ter muito bom

corpo...--E parecia calcular como talharia a mortalha para aquellas

linhas robustas.

Joanna disse escandalisada:

--Longe vá o agouro, cruzes!

A outra sorriu; faltavam-lhe dous dentes: e aflautando a voz:

--Tem-me passado pela mão muita gente fina, minha menina. Mais uma

gotinha de vinho, faz favor? É do Cartaxo, não? é muito avelludado!

rica gota!

Emfim, com grande satisfação de Jorge, ás quatro horas os homens

desceram o caixão. A visinhança estava pelas portas. O Paula mesmo, por

fanfarronada, disse com dous dedos adeus ao esquife, murmurando:

--Boa viagem!

Jorge em cima, ao sahir, perguntou a Joanna:

--E vossê não tem medo de ficar aqui só?

--Eu não, meu senhor. Quem vai não volta!

Tinha medo, com effeito; mas preparava-se a passar a noite com o Pedro,

e batia-lhe o coração de alegria de «terem a casa por sua» até de

manhã, e de se poderem rolar amorosamente, como fidalgos, por cima do

divan da sala.

Jorge voltou com Sebastião para casa, e apenas entrou no quarto, onde

Luiza estava deitada:

--Tudo prompto--disse, esfregando as mãos.--Lá vai para o Alto de S.

João, devidamente acondicionada. \_Per omnia s[ae]cula s[ae]culorum!\_

A tia Joanna, que estava á cabeceira de Luiza, acudiu:

--Ai, quem lá vai, lá vai... Mas boa mulher, não era ella!

--Era um bom estafermo--disse Jorge.--Esperemos que a esta hora esteja

a ferver na caldeira de Pero Botelho. Não é verdade, tia Joanna?

--Jorge!--fez Luiza reprehensivamente. E julgou dever rezar-lhe baixo

dous padre-nossos por alma.

Foi tudo o que a terra deu na sua morte áquella que ia rolando a essa

hora, ao trote de duas velhas eguas, para a valla dos pobres, e que

fôra na vida Juliana Couceiro Tavira!

No dia seguinte Luiza estava melhor: fallaram mesmo, com grande

desconsolação da tia Joanna, em voltar para casa. Sebastião não dizia

nada, mas quasi desejava secretamente que uma convalescença a retivesse

alli semanas indefinidas. Ella parecia tão agradecida! Tinha olhares

tão reconhecidos, que só elle comprehendia! E era tão feliz tendo-a

alli e a Jorge na sua casa! Conferenciava com a tia Vicencia sobre o

jantar; andava pelos corredores e pela sala, com respeito, quasi em

bicos de pés, como se a presença d'ella santificasse a casa; enchia

os vasos de camelias e de violetas; sorria beatamente ao vêr Jorge, á

sobremesa, saborear e gabar o seu velho cognac; sentia alguma cousa

de bom acalental-o como um manto acolchoado e macio; e já pensava que

quando ella partisse tudo lhe pareceria mais frio, e com uma tristeza

de ruina!

Mas d'ahi a dous dias voltaram para casa.

Luiza ficou muito agradada com a criada nova. Fôra Sebastião que a

arranjára. Era uma rapariguita aceadinha e branca, com grandes olhos

bonitos e pasmados, um ar amoravel: chamava-se Marianna; e foi logo

correndo dizer a Joanna «que morria pela senhora! tinha uma carinha

d'anjo! que linda que era!»

Jorge logo n'essa manhã mandou os dous bahus de Juliana á tia Victoria.

Luiza, quando elle sahiu á tardinha, fechou-se no quarto, com a

carteirinha de Juliana, correu os transparentes por precaução, accendeu

uma vela, e queimou as cartas. As mãos tremiam-lhe; e via, com os

olhos marejados de lagrimas, a sua vergonha, a sua escravidão irem-se,

dissiparem-se n'um fumo alvadio! Respirou completamente! Emfim! E fôra

Sebastião, aquelle querido Sebastião!

Foi então á sala, á cozinha, vêr a casa: tudo lhe pareceu novo, a sua

vida cheia de doçura: abriu todas as janellas; experimentou o piano;

rasgou mesmo em pedaços, por superstição, a musica da \_Médjé\_, que lhe

dera Bazilio; conversou muito com a Marianna; e saboreando o seu caldo

de gallinha de convalescente, com a face alumiada da felicidade:

--Que bem que vou passar agora!--pensava.

Quando sentiu no corredor os passos de Jorge que entrava, correu,

deitou-lhe os braços ao pescoço, e com a cabeça no hombro d'elle:

--Estou tão contente hoje! E se tu soubesses, é tão boa rapariga a

Marianna!

Mas n'essa noite a febre voltou. Julião, de manhã, achou-a peor.

--Crescimentos...--disse descontente.

Estava receitando, quando D. Felicidade entrou, muito excitada. Ficou

toda surprehendida de vêr Luiza doente; e debruçando-se sobre ella,

disse-lhe logo ao ouvido:

--Tenho que te contar!

Apenas Jorge e Julião sahiram, desabafou, sentada aos pés da cama,--com

uma voz ora baixa pela gravidade da confidencia, ora aguda pelo impeto

da indignação:

Tinha sido roubada! Indignamente roubada! O homem que mandára a

Tuy, o grande ladrão, tinha escripto á Gertrudes, á criada, que não

estava resolvido a voltar a Lisboa; que a mulher de virtude mudára de

povoação; que elle não queria saber mais d'esse negocio e que até o

achava exquisito; que offerecia o seu prestimo em Tuy,--tudo isto n'uma

boa letra d'escrevente publico, n'um portuguez horrivel,--e do dinheiro

nem palavra!

--Que te parece o mariola? Oito moedas! Eu se não fosse pela vergonha,

ia direita á policia... Ai! os gallegos p'ra mim acabaram! Por isso o

Conselheiro não se chegava ao rego! Pudera! A mulher nunca lançou a

sorte!...--Porque se já não acreditava na honestidade dos gallegos, não

perdera a fé no poder das bruxas.

Que ella não era pelas oito moedas! Era pelo ferro! E depois, quem sabe

onde estaria agora a mulher! Ai, era d'endoudecer!... Que te parece,

hein?

Luiza encolheu os hombros: muito abafada na roupa, as faces escarlates,

cerravam-se-lhe os olhos n'uma somnolencia pesada: D. Felicidade

aconselhou-lhe vagamente um «suadouro», suspirando; e como Luiza não

lhe podia dar consolações, sahiu para ir á Encarnação desabafar com a

Silveira.

N'essa madrugada Luiza peorou. A febre recrudecera. Jorge, inquieto,

vestiu-se á pressa, ás nove horas da manhã, foi buscar Julião. Descia a

escada rapidamente, abotoando ainda o paletot, quando o carteiro subia,

tossindo o seu catarrho.

--Cartas?--perguntou Jorge.

--Uma p'ra a senhora--disse o homem.--Ha-de ser p'ra a senhora...

Jorge olhou o enveloppe: tinha o nome de Luiza, vinha de França.

--De quem diabo é isto?--pensou. Metteu-a no bolso do paletot, e sahiu.

D'ahi a meia hora voltava com Julião, n'um trem.

Luiza dormitava, amodorrada.

--É preciso cautela... Vamos a vêr...--murmurou Julião, coçando devagar

a cabeça, em quanto do outro lado do leito Jorge o olhava anciosamente.

Receitou e ficou para almoçar com Jorge. Estava um dia frio e pardo.

A Marianna, abafada n'um casabeque, servia, com os dedos vermelhos,

inchados de frieiras. E Jorge sentia-se entristecer, como se toda a

nevoa do ar se lhe fosse lentamente depositando e condensando n'alma.

A que se podia attribuir semelhante febre? dizia, muito desconsolado.

Tão extraordinario! Havia seis dias, ora melhor, ora peor...

--Estas febres veem por tudo--replicou Julião, partindo tranquillamente

uma torrada.--Ás vezes por uma corrente d'ar ás vezes por um desgosto.

Tenho eu, por exemplo, um caso curioso: um sujeito, um Alves, que

esteve p'ra fallir, e que viveu, coitado, durante dous mezes em

torturas. Ha duas semanas, por um golpe de fortuna,--a velhaca ás vezes

tem d'estes caprichos,--arranjou todos os seus negocios, viu-se livre.

Pois senhor, desde então tem uma febre assim, tortuosa, complexa, com

symptomas disparatados... O que é? É que a excitação nervosa abateu, e

a felicidade trouxe-lhe uma revolução no sangue. Póde muito bem dar á

casca. Faz então a fallencia geral, a grande, aquella em que o crédor é

implacavel, saca á vista, e... \_per omnia s[ae]cula!\_

Ergueu-se, e accendendo o cigarro:

--Em todo o caso um repouso absoluto. É necessario ter-lhe o espirito

em algodão em rama. Nada de palestra, nada de phrases, e se tiver sêde,

limonada. Até logo!

E sahiu, calçando as luvas pretas que usava agora desde que pertencia

ao Posto Medico.

Jorge voltou á alcova: Luiza ainda dormitava. Marianna sentada ao pé

n'uma cadeirinha baixa, com o rostinho muito triste, não tirava de

Luiza os seus grandes olhos vagamente espantados.

--Tem estado muito inquieta--murmurou.

Jorge apalpou a mão de Luiza que ardia, conchegou-lhe a roupa. Beijou-a

devagarinho na testa, foi cerrar as portas da janella, defronte da

alcova.--E passeando no escriptorio, voltavam-lhe as palavras de

Julião: são febres que veem por um desgosto! Pensava na historia do

negociante, recordava aquelle estado de abatimento e de fraqueza de

Luiza que o preoccupára tanto, ultimamente, tão inexplicavel! Ora,

tolices! Desgosto de quê? Em casa de Sebastião estivera tão animada!

Nem a morte da outra lhe fizera abalo!--De resto acreditava pouco nas

\_febres de desgosto\_! Julião tinha uma medicina litteraria. Pensou

mesmo que seria mais prudente chamar o velho dr. Caminha...

Ao metter a mão no bolso, então, os seus dedos encontraram uma

carta; era a que o carteiro lhe dera, de manhã, para Luiza. Tornou a

examinal-a com curiosidade; o sobrescripto era banal, como os que ha

nos cafés ou nos restaurantes; não conhecia a letra; era d'homem, vinha

de França... Atravessou-o um desejo rapido de a abrir. Mas conteve-se,

atirou-a para cima da mesa, embrulhou devagar um cigarro.

Voltou á alcova. Luiza permanecia na sua modorra: a manga do chambre

arregaçada descobria o braço mimoso, com a sua pennugem loura; a

face escarlate reluzia; as pestanas longas pousavam pesadamente, no

adormecimento das palpebras finas; um annel do cabello cahira-lhe

sobre a testa, e pareceu a Jorge adoravel e tocante com aquella côr,

a expressão da febre. Pensou, sem saber porque, que outros a deveriam

achar linda, desejal-a, dizer-lh'o, se podessem... Para que lhe

escreviam de França, quem?

Voltou ao escriptorio, mas aquella carta sobre a mesa irritava-o: quiz

lêr um livro, atirou-o logo impaciente; e poz-se a passear, torcendo

muito nervoso o forro das algibeiras.

Agarrou então a carta, quiz vêr, através do papel delgado do enveloppe;

os seus dedos, mesmo irresistivelmente, começaram a rasgar um angulo do

sobrescripto. Ah! Não era delicado aquillo!... Mas a curiosidade, que

governava o seu cerebro, suggeriu-lhe toda a sorte de raciocinios, com

uma tentação persuasiva:--Ella estava doente, e podia ter alguma cousa

urgente; se fosse uma herança? depois ella não tinha segredos, e então

em França! Os seus escrupulos eram pueris! Dir-lhe-hia que a abrira

por engano. E se a carta contivesse o segredo d'aquelle desgosto, do

\_desgosto\_ das theorias de Julião!... Devia abril-a então para a curar

melhor!

Sem querer achou-se com a carta desdobrada na mão. N'um relanço

avido devorou-a. Mas não comprehendeu bem; as letras embrulhavam-se;

chegou-se á janella, releu devagar:

«Minha querida Luiza.

«Seria longo explicar-te, como só antes d'hontem em Nice--d'onde

cheguei esta madrugada a Paris--recebi a tua carta, que pelos carimbos

vejo que percorreu toda a Europa atraz de mim. Como já lá vão dous

mezes e meio que a escreveste, imagino que te arranjaste com a mulher,

e que não precisas do dinheiro. De resto se por acaso o queres, manda

um telegramma e tens-l'o ahi em dous dias. Vejo pela tua carta que não

acreditaste nunca que a minha partida fosse motivada por negocios. És

bem injusta. A minha partida não te devia ter tirado, como tu dizes,

\_todas as illusões sobre o amor\_, porque foi realmente quando sahi de

Lisboa que percebi quanto te amava, e não ha dia, acredita, em que me

não lembre do \_Paraiso\_. Que boas manhãs! Passaste por lá por acaso

alguma outra vez? Lembras-te do nosso \_lunch\_? Não tenho tempo para

mais. Talvez em breve volte a Lisboa. Espero vêr-te, porque sem ti

Lisboa é para mim um desterro.

«Um longo beijo do

«Teu do C.

«\_Bazilio\_».

Jorge dobrou o papel, lentamente, em duas, em quatro dobras, atirou-o

para cima da mesa, disse alto:

--Sim, senhor! bonito!

Encheu o cachimbo de tabaco machinalmente, com os olhos vagos, os

beiços a tremer: deu alguns passos incertos pelo escriptorio:--de

repente arremessou o cachimbo que despedaçou um vidro da janella, bateu

com as mãos desvairado, e atirando-se de bruços para cima da mesa,

rompeu a chorar, rolando a cabeça entre os braços, mordendo as mangas,

batendo com os pés, louco!

Ergueu-se subitamente, agarrou a carta, ia com ella á alcova de Luiza.

Mas a lembrança das palavras de Julião immobilisou-o: que esteja

socegada, nada de phrases, nenhuma excitação! Fechou a carta n'uma

gaveta, metteu a chave na algibeira. E de pé, a tremer, com os olhos

raiados de sangue, sentia idéas insensatas alumiarem-lhe bruscamente

o cerebro, como relampagos n'uma tormenta--matal-a, sahir de casa,

abandonal-a, fazer saltar os miolos...

A Marianna bateu ligeiramente á porta, disse-lhe que a senhora o

chamava.

Uma onda de sangue subiu-lhe á cabeça; fitava Marianna, estupido,

batendo as palpebras:

--Já vou--disse com a voz rouca.

Ao passar na sala, diante do espelho oval, ficou pasmado do seu rosto

manchado, envelhecido. Foi correr uma toalha molhada pela face, alisou

o cabello: e ao entrar na alcova, ao vêl-a, com os seus grandes olhos

dilatados onde a febre reluzia, teve de se agarrar á barra do leito,

porque sentiu, em redor, as paredes oscillarem como lonas ao vento.

Mas sorriu-lhe:

--Como estás?

--Mal--murmurou ella debilmente.

Chamou-o para ao pé de si com um gesto muito fatigado.

Elle veio, sentou-se sem a olhar.

--Que tens?--disse ella chegando o rosto para elle.--Não te

afflijas.--E tomou a mão que elle pousára á beira do leito.

Jorge, com um repellão secco, sacudiu a mão d'ella, ergueu-se

bruscamente com os dentes cerrados; sentia uma colera brutal;

ia-se, com medo de si, de um crime, quando ouviu a voz de Luiza,

arrastando-se, n'uma lamentação:

--Porque, Jorge? Que tens?...

Voltou-se; viu-a meia erguida com os olhos abertos para elle, uma

angustia no rosto; e duas lagrimas cahiam-lhe, silenciosamente.

Atirou-se de joelhos, agarrou-lhe as mãos, aos soluços.

--Que é isto?--exclamou a voz de Julião á porta da alcova.

Jorge, muito pallido, ergueu-se devagar.

Julião levou-o para a sala, e cruzando terrivelmente os braços diante

d'elle:

--Tu estás doudo? Pois tu sabes que ella está n'um estado d'aquelles, e

vaes-te pôr a fazer-lhe scenas de lagrimas?

--Não me pude conter...

--Estoura. Eu estou a cortar-lhe a febre por um lado, e tu a dar-lh'a

por outro? Estás doudo!

Estava realmente indignado. Interessava-se por Luiza como doente.

Desejava muito cural-a; e sentia uma satisfação em exercer o dominio

de pessoa necessaria n'aquella casa, onde as suas visitas tinham tido

sempre uma attitude dependente; mesmo agora ao sahir, não se esquecia

de offerecer negligentemente um charuto a Jorge.

Jorge foi heroico durante toda essa tarde. Não podia estar muito

tempo na alcova de Luiza, a desesperação trazia-o n'um movimento

contradictorio; mas ia lá a cada momento, sorria-lhe, conchegava-lhe

a roupa com as mãos tremulas; e como ella dormitava, ficava immovel a

olhal-a feição por feição, com uma curiosidade dolorosa e immoral, com

para lhe surprehender no rosto vestigios de beijos alheios, esperando

ouvir-lhe n'algum sonho da febre murmurar um nome ou uma data; e

amava-a mais desde que a suppunha infiel, mas d'um outro amor, carnal e

perverso. Depois ia-se fechar no escriptorio, e movia-se alli entre as

paredes estreitas, como um animal n'uma jaula. Releu a carta infinitas

vezes, e a mesma curiosidade roedora, baixa, vil, torturava-o sem

cessar: Como tinha sido? Onde era o \_Paraiso\_? Havia uma cama? Que

vestido levava ella? O que lhe dizia? Que beijos lhe dava?

Foi relêr todas as cartas que ella lhe escrevêra para o Alemtejo,

procurando descobrir nas palavras symptomas de frieza, a data

da traição! Tinha-lhe odio então, voltavam-lhe ao cerebro idéas

homicidas--esganal-a, dar-lhe chloroformio, fazer-lhe beber laudano!

E depois immovel, encostado á janella, ficava esquecido n'um scismar

espesso, revendo o passado, o dia do seu casamento, certos passeios que

déra com ella, palavras que ella dissera...

Ás vezes pensava--seria a carta uma \_mistificação\_? Algum inimigo

d'elle podia tel-a escripto, remettido para França. Ou talvez Bazilio

tivesse \_outra\_ Luiza em Lisboa, e por engano ao sobrescriptar o

enveloppe tivesse escripto o nome da prima; e a alegria momentanea

que lhe davam aquellas phantasias fazia-lhe parecer a realidade mais

cruel. Mas como fôra? como fôra? Se podesse saber a verdade! Tinha a

certeza que socegaria, então! Arrancaria de certo do seu peito aquelle

amor como um parasita immundo; apenas ella melhorasse, leval-a-hia a um

convento, e elle iria morrer longe, n'Africa, ou algures... Mas quem

saberia?... Juliana!

Era ella que sabia! De certo! E todas as condescendencias d'ella por

Juliana, os moveis, o quarto, as roupas, comprehendeu tudo! Era a pagar

a cumplicidade! Era a sua confidente! Levava as cartas, sabia tudo. E

estava na valla, morta, sem poder fallar, a maldita!

Sebastião, como costumava, veio á noitinha. Não havia ainda luzes, e,

apenas elle entrou, Jorge chamou-o ao escriptorio, calado, accendeu uma

vela, tirou a carta da gaveta.

--Lê isto.

Sebastião ficára assombrado ao vêr o rosto de Jorge. Olhava a carta

fechada, e tremia. Apenas viu a assignatura, uma pallidez d'agonia

cobriu-lhe o rosto. Parecia-lhe que o soalho tinha uma vibração onde

elle se firmava mal. Mas dominou-se, leu devagar, pousou a carta sobre

a mesa, sem uma palavra.

Jorge disse então:

--Sebastião, isto p'ra mim é a morte. Sebastião, tu sabes alguma cousa.

Tu vinhas aqui. Tu sabes. Dize-me a verdade!

Sebastião abriu devagar os braços e respondeu:

--Que te hei-de eu dizer? Não sei nada!

Jorge agarrou-lhe as mãos, sacudiu-lh'as, e procurando o seu olhar

anciosamente:

--Sebastião, pela nossa amizade, pela alma de tua mãi, por tantos annos

que temos passado juntos, Sebastião, dize-me a verdade!...

--Não sei nada. Que hei-de eu saber?

--Mentes!

Sebastião disse apenas:

--Podem-te ouvir, homem!

Houve um silencio: Jorge apertava as fontes nas mãos, com passadas pelo

escriptorio, que faziam vibrar o soalho; e de repente pondo-se diante

de Sebastião, quasi supplicante:

--Mas dize-me ao menos o que fazia ella! Sahia? Vinha aqui alguem?

Sebastião respondeu devagar, os olhos fixos na luz:

--Vinha o primo ás vezes, ao principio. Quando a D. Felicidade esteve

doente, ella ia vêl-a... O primo depois partiu... Não sei mais nada.

Jorge esteve um momento a olhar Sebastião, com uma fixidez abstracta.

--Mas que lhe fiz eu, Sebastião? Que lhe fiz eu? Adorava-a! Que lhe fiz

eu p'ra isto? Eu, que a adorava, áquella mulher!

Rompeu a chorar.

Sebastião ficára de pé junto á mesa, estupido, aniquilado.

--Foi talvez uma brincadeira, apenas...--murmurou.

--E o que diz a carta?--gritou Jorge, voltando-se n'uma colera,

sacudindo o papel.--Este \_Paraiso\_! \_As boas manhãs\_ lá passadas! É uma

infame!...

--Está doente, Jorge--disse apenas Sebastião.

Jorge não respondeu. Passeou calado algum tempo. Sebastião, immovel,

fatigava a vista contra a chamma da luz. Jorge então fechou a carta na

gaveta, e tomando o castiçal com um tom de lassidão lugubre e resignado:

--Queres vir tomar chá, Sebastião?

E não tornaram mais a fallar na carta.

N'essa noite Jorge dormiu profundamente. Ao outro dia o seu rosto

estava impassivel, d'uma serenidade livida.

Foi d'ahi por diante o enfermeiro de Luiza.

A doença, depois d'uma marcha incerta durante tres dias, definiu-se:

eram crescimentos; enfraquecia muito, mas Julião estava tranquillo.

Jorge passava os seus dias ao pé d'ella. D. Felicidade vinha

ordinariamente pelas manhãs: sentava-se aos pés da cama, e ficava

calada, com uma face envelhecida; aquella esperança na mulher de Tuy

tão subitamente destruida abalára-a como um velho edificio a que se

tira subitamente um pilar; ia-se tornando ruina; e só se animava quando

o Conselheiro apparecia pelas tres horas a saber da «nossa formosa

enferma». Trazia sempre alguma palavra grave que dizia com um tom

profundo, conservando o chapéo na mão, sem querer entrar na alcova, por

pudor:

--A saude é um bem que só apreciamos quando nos foge!

Ou:

--A doença serve para aquilatarmos os amigos.

E terminava sempre:

--Meu Jorge, as rosas da saude bem cedo reflorirão nas faces de sua

virtuosa esposa!...

De noite Jorge dormia vestido, n'um enxergão sobre o chão; mas apenas

cerrava os olhos uma ou duas horas. O resto da noite procurava lêr:

começava um romance, mas nunca ia além das primeiras linhas; esquecia

o livro, e com a cabeça entre as mãos punha-se a pensar: era sempre a

mesma idéa--\_como\_ tinha sido? Conseguira reconstruir aproximadamente,

com logica, certos factos; via bem Bazilio chegando, vindo visital-a,

desejando-a, mandando-lhe ramos, perseguindo-a, indo-a vêr aqui e

além, escrevendo-lhe; mas depois? Viera já a comprehender que o

dinheiro era para Juliana. A creatura tivera alguma exigencia: tinha-os

surprehendido? possuia cartas?... E encontrava, n'aquella reconstrucção

dolorosa, falhas, vazios, como buracos escuros, onde a sua alma se

arremessava sofregamente. Então começava a recordar os ultimos mezes

desde a sua volta do Alemtejo, e como ella se mostrára amante, e que

ardor punha nas suas caricias... Para que o enganára então?

Uma noite, com precauções de ladrão, rebuscou todas as gavetas d'ella,

esquadrinhou os vestidos, até as dobras da roupa branca, as caixas de

collares, de rendas; viu bem o cofre de sandalo; estava vazio; nem o

pó d'uma flôr secca! Ás vezes punha-se a fitar os moveis no quarto,

na sala, a sondal-os como se quizesse descobrir n'elles os vestigios

do adulterio. Ter-se-hiam sentado alli? Elle teria ajoelhado aos

pés d'ella, acolá, sobre o tapete? Sobretudo o divan tão largo, tão

commodo, desesperava-o; tomou-lhe odio. Veio a detestar mesmo a casa,

como se os tectos que os tinham coberto, os soalhos que os tinham

sustentado tivessem uma cumplicidade consciente. Mas o que o torturava

sobretudo eram aquellas palavras--o \_Paraiso\_, \_as boas manhãs\_...

Luiza então já dormia tranquillamente. Ao fim de uma semana os

crescimentos desappareceram. Mas estava muito fraca: no dia em que

pela primeira vez se levantou, desmaiou duas vezes: era necessario

vestil-a, trazel-a amparada para a \_chaise-longue\_: e não dispensava

Jorge, queria-o alli, ao pé, com exigencias de criança! Parecia receber

a vida dos seus olhos, a saude do contacto das suas mãos. Fazia-lhe

lêr o jornal pela manhã, e vir escrever para ao pé d'ella. Elle

obedecia, e mesmo aquellas instancias eram para a sua dôr como caricias

consoladoras. É porque o amava de certo!

Sentia então, machinalmente, abertas de felicidade. Surprehendia-se

a dizer-lhe ternuras, a rir com ella, esquecido, como d'antes!

E, estendida na \_chaise-longue\_, Luiza, contente, percorria

antigos volumes da \_Illustração franceza\_, que lhe mandára o

Conselheiro,--«onde», segundo elle lhe dissera, «podia, ao mesmo

tempo que se divertia com os desenhos, adquirir noções uteis sobre

importantes acontecimentos historicos»; ou, com a cabeça reclinada,

saboreava a felicidade de melhorar, de estar livre das tyrannias da

\_outra\_, das amarguras do \_passado\_.

Uma das suas alegrias era vêr entrar a Marianna com o seu jantarzinho

disposto n'um guardanapo sobre o taboleiro; tinha appetite, saboreava

muito o calix de vinho do Porto, que Julião recommendára; quando Jorge

não estava, fazia longas conversações com Marianna, palrando baixo,

consolada, e lambendo colherinhas de gelatina.

Ás vezes, calada, com os olhos no tecto, fazia planos. Dizia-os depois

a Jorge: iria estar duas semanas no campo, para ganhar forças; á volta

começaria a bordar tiras de casimira para cobrir as cadeiras da sala;

porque queria occupar-se muito da casa, viver recolhida; elle não

voltaria ao Alemtejo, não sahiria de Lisboa, não é verdade? E a sua

vida seria d'ahi por diante d'uma doçura continua e facil.

Mas Luiza ás vezes achava-o «macambusio». Que tinha? Elle explicava

pela fadiga, pelas noites mal dormidas... Se adoecesse, ao menos,

dizia ella, que fosse quando ella estivesse forte para o tratar, para

o velar!... Mas não adoeceria, não? E fazia-o sentar ao pé de si,

passava-lhe a mão pelos cabellos, com o olhar quebrado, porque com as

forças que renasciam vinham os impulsos do seu temperamento amoroso.

Jorge sentia que a adorava, e era mais desgraçado!

Luiza, só comsigo, tinha outras resoluções. Não tornaria a vêr

Leopoldina, e frequentaria as igrejas. Sahia da doença com uma vaga

sentimentalidade devota. Durante a febre, em certos pesadêlos de

que lhe ficára uma indistincta idéa aterrada, vira-se ás vezes n'um

lugar pavoroso, onde corpos se erguiam, torcendo os braços, do meio

de chammas escarlates: fórmas negras giravam com espetos em braza, um

rugido d'agonia subia para a mudez do céo: e já lhe tocavam o peito

linguas de fogueiras, quando alguma cousa de dôce e d'ineffavel de

repente a refrescava; eram as azas d'um anjo luminoso e sereno, que a

tomava nos braços; e ella sentia-se elevar, apoiando a cabeça contra

o seio divino, que a penetrava d'uma felicidade sobrenatural; via as

estrellas de perto, ouvia fremitos d'azas. Aquella sensação deixára-lhe

como uma recordação saudosa do céo. E aspirava a ella, nas debilidades

da convalescença, esperando ganhal-a pela pontualidade á missa, e pela

repetição de corôas á Virgem.

Emfim uma manhã veio á sala, e abriu pela primeira vez o piano; Jorge,

á janella, olhava para a rua--quando ella o chamou, e sorrindo:

--Estou a detestar, ha tempos, aquelle divan--disse.--Podia-se tirar,

não te parece?

Jorge sentiu uma pancada no coração: não pôde responder logo; disse,

emfim, com esforço:

--Sim, parece...

--Estou com vontade de o tirar--disse ella sahindo da sala, arrastando

tranquillamente a longa cauda do seu roupão.

Jorge não pôde destacar os olhos do divan. Veio mesmo sentar-se n'elle;

passava a mão sobre o estofo ás listras; e sentia um prazer doloroso em

verificar \_que fôra alli\_!

Principiára a vir-lhe agora uma especie de resignação sombria; quando

a ouvia gozar tanto as melhoras, fallar com felicidade de futuros

tranquillos, decidia-se a aniquilar a carta, esquecer tudo. Ella

tinha-se arrependido de certo, amava-o: para que havia de crear a

sangue frio uma infelicidade perpetua? Mas quando a via com os seus

movimentos languidos estender-se na \_chaise-longue\_, ou ao despir-se

mostrar a brancura do seu collo--e pensava que aquelles braços

tinham enlaçado outro homem, aquella bocca gemido de amor n'uma cama

alheia--vinha-lhe uma onda de cólera bruta, precisava sahir para a não

esganar!

Para explicar os seus maus humores, os seus silencios, começou a

queixar-se, a dizer-se doente. E as solicitudes d'ella, então, as

interrogações mudas do seu olhar inquieto faziam-o mais infeliz--por se

sentir amado, agora que se sabia trahido!

Um domingo emfim Julião deu licença a Luiza para se deitar mais tarde,

e fazer á noite as honras da casa. Foi uma alegria para todos vel-a na

sala, ainda um pouco pallida e fraca,--mas, como disse o Conselheiro,

restituida aos deveres domesticos e aos prazeres da sociedade!

Julião que veio ás nove horas achou-a \_como nova\_. E abrindo os braços,

no meio da sala:

--E que me dizem á novidade?--exclamou--A peça do Ernesto teve um

triumpho!...

Assim tinham lido nos jornaes. O \_Diario de Noticias\_ dizia mesmo que

o «author chamado ao proscenio, no meio do mais vivo enthusiasmo,

recebera uma formosa corôa de louros». Luiza declarou logo que queria

ir vêr!

--Mais tarde, D. Luiza, mais tarde--acudiu com prudencia o

Conselheiro.--Por ora é conveniente evitar toda a commoção forte. As

lagrimas que não deixaria de derramar, conheço o seu bom coração,

podiam produzir uma recahida. Não é verdade, amigo Julião?

--De certo, Conselheiro, de certo. Eu tambem quero ir. Quero

convencer-me por meus olhos...

Mas o ruido d'uma carruagem, lançada a trote largo, que parou á porta,

interrompeu-o. A campainha retiniu fortemente.

--Aposto que é o author!--exclamou elle.

E quasi immediatamente a figura radiante de Ernestinho, de casaca,

precipitou-se na sala: ergueram-se com ruido, abraçaram-no: mil

parabens! mil parabens! E a voz do Conselheiro, dominando as outras:

--Bem vindo o festejado author! Bem vindo!

Ernesto suffocava de jubilo. Tinha um sorriso immobilisado; as azas

do nariz dilatavam-se-lhe, como para respirar os incensos; trazia o

peito alto, enfunado d'orgulho; e movia a cabeça, sem cessar, como n'um

agradecimento instinctivo a multidões applaudidoras.

--Aqui estou! aqui estou!--disse.

Sentou-se offegante; e, com um modo amavel de Deus-bom-rapaz, declarou

que os ultimos ensaios de apuro não lhe tinham deixado um momento para

vir vêr a prima Luiza. Tinha tido n'aquella noite um instante de seu,

mas devia voltar ás dez horas para o theatro: até nem mandára a tipoia

embora...

Contou então largamente o triumpho. Ao principio tivera «grandes

colicas». Todos as tinham, os mais acostumados, os mais illustres! Mas

apenas o Campos disse o monologo do primeiro acto--e como o disse!

haviam de vêr, uma cousa sublime!--os applausos romperam. Tinha

agradado tudo. No fim era um barulho, gritos pelo author, salvas de

palmas... Elle viera ao palco, arrastado; não queria, mas obrigaram-no,

a Jesuina por um lado, a Maria Adelaide por outro! Um delirio! O

Savedra do \_Seculo\_ tinha-lhe dito: o amigo é o nosso Shakspeare! O

Bastos da \_Verdade\_ tinha affirmado: és o nosso Scribe! Houve uma cêa.

E tinham-lhe dado uma corôa.

--E serve-lhe?--acudiu Julião.

--Perfeitamente; um bocadinho larga...

O Conselheiro disse com authoridade:

--Os grandes authores, o famigerado Tasso, o nosso Camões são sempre

representados com as suas respectivas corôas.

--É o que eu lhe aconselho, snr. Ledesma--acudiu Julião, erguendo-se e

batendo-lhe no hombro--é que se faça retratar de corôa!...

Riram.

E Ernestinho, um pouco despeitado, desdobrando o seu lenço perfumado:

--O snr. Zuzarte não dispensa o seu epigrammasinho...

--É a prova da gloria, meu amigo. Nos triumphos dos generaes

victoriosos, em Roma, havia um bobo no prestito!

--Eu não sei!--disse Luiza muito risonha--É uma honra p'ra a familia!...

Jorge concordou. Passeava pela sala fumando; e disse que gozava tanto a

corôa, como se tivesse direito a usal-a...

E Ernestinho voltando-se logo para elle:

--Sabes que lhe perdoei, primo Jorge? Perdoei á esposa...

--Como Christo...

--Como Christo--confirmou Ernestinho, com satisfação.

D. Felicidade approvou logo:

--Fez muito bem! Até é mais moral!

--O Jorge é que queria que eu désse cabo d'ella--disse Ernestinho,

rindo tolamente.--Não se lembra, n'aquella noite...

--Sim, sim--fez Jorge, rindo tambem, nervosamente.

--O nosso Jorge--disse com solemnidade o Conselheiro--não podia

conservar idéas tão extremas. E de certo a reflexão, a experiencia da

vida...

--Mudei, Conselheiro, mudei--interrompeu Jorge.

E entrou bruscamente no escriptorio.

Sebastião, inquieto, foi devagar ter com elle. Estava ás escuras.

--Aquelles idiotas não se calarão? Não se irão?--disse elle

abafadamente, agarrando o braço de Sebastião.

--Socega!

--Oh Sebastião! Sebastião!--E sua voz tremia, com lagrimas.

Mas Luiza, da sala, gritou:

--Que conspiração é essa ahi dentro ás escuras?

Sebastião appareceu logo, dizendo:

--Nada, nada. Estavamos lá dentro...--E acrescentou baixo:--O Jorge

está fatigado. Está adoentado, coitado!

Notaram, quando elle voltou--que tinha com effeito o ar exquisito.

--Não, realmente não me sinto bom, estou incommodado!

--E a debil D. Luiza precisa o repouso do seu leito--disse o

Conselheiro erguendo-se.

Ernestinho que não se podia demorar, offereceu logo ao Conselheiro e a

Julião--«a sua carruagem, que era um caleche, se iam para a baixa...»

--Que honra--exclamou Julião olhando Accacio--irmos na tipoia do Grande

Homem!

E em quanto D. Felicidade se agasalhava, os tres desceram.

No meio da escada Julião parou, e cruzando os braços:

--Ora aqui vou eu entre os representantes dos dous grandes movimentos

de Portugal desde 1820. A Litteratura--e comprimentou Ernestinho--e o

Constitucionalismo!--e curvou-se para o Conselheiro.

Os dous riram, lisongeados.

--E o amigo Zuzarte?

--Eu?--E baixando a voz:--Até ha dias um revolucionario terrivel. Mas

agora...

--O quê?

--Um amigo da ordem--gritou com jubilo.

E desceram, contentes de si e do seu paiz, para se metterem na tipoia

do Grande Homem!

XVII

Ao outro dia Jorge foi ao ministerio, onde não tinha apparecido nos

ultimos tempos. Mas demorou-se pouco. A rua, a presença dos conhecidos

ou dos estranhos torturava-o; parecia-lhe que \_todo o mundo sabia\_; nos

olhares mais naturaes via uma intenção maligna, e nos apertos de mão

mais sinceros uma ironica pressão de pezames; as carruagens mesmo que

passavam davam-lhe a suspeita de a terem conduzido ao \_rendez-vous\_,

e todas as casas lhe pareciam a fachada infame do \_Paraiso\_. Voltou

mais sombrio, infeliz, sentindo a vida estragada. E logo do corredor ao

entrar ouviu Luiza cantarolando, como outr'ora, a \_Mandolinata\_!

Estava-se a vestir.

--Como estás tu?--perguntou, pondo a um canto a sua bengala.

--Estou boa. Hoje estou muito melhor. Um bocado fraca ainda...

Jorge deu alguns passos pelo quarto, taciturno.

--E tu?--perguntou-lhe ella.

--P'ra aqui ando--disse tão desconsoladamente que Luiza pousou o pente,

e com os cabellos soltos veio pôr-lhe as mãos nos hombros, muito

carinhosa:

--Que tens tu? Tu tens alguma cousa. Estranho-te tanto ha dias! Não és

o mesmo! Ás vezes estás com uma cara de réo... Que é? Dize.

E os seus olhos procuravam os d'elle, que se desviavam perturbados.

Abraçou-o. Insistia, queria que dissesse tudo á «sua mulherzinha».

--Dize. Que tens?

Elle olhou-a muito, e de repente, com uma resolução violenta:

--Pois bem, digo-te. Tu agora estás boa, pódes ouvir... Luiza! vivo

n'um inferno ha duas semanas. Não posso mais... Tu estás boa, não é

verdade? Pois bem, que quer dizer isto? Dize a verdade!

E estendeu-lhe a carta de Bazilio.

--O que é?--fez ella muito branca. E o papel dobrado tremia-lhe na mão.

Abriu-a devagar, viu a letra de Bazilio, n'um relance adivinhou-a.

Fixou Jorge um momento d'um modo desvairado, estendeu os braços sem

poder fallar, levou as mãos á cabeça com um gesto ancioso como se se

sentisse ferida, e oscillando, com um grito rouco, cahiu sobre os

joelhos, ficou estirada no tapete.

Jorge gritou. As criadas acudiram. Estenderam-na na cama. Elle quiz que

Joanna corresse a chamar Sebastião; e ficou, como petrificado, junto

ao leito, olhando-a, em quanto Marianna toda tremula desatacava os

espartilhos da senhora.

Sebastião veio logo. Felizmente havia ether, fizeram-lh'o respirar;

apenas abriu lentamente os olhos, Jorge precipitou-se sobre ella:

--Luiza, ouve, falla! Não, não tem duvida. Mas falla. Dize, que tens?

Ao ouvir a voz d'elle desmaiou outra vez. Movimentos convulsivos

sacudiam-lhe o corpo. Sebastião correu a buscar Julião.

Luiza parecia adormecida agora, immovel, branca como cera, as mãos

pousadas sobre a colcha; e duas lagrimas corriam-lhe devagar pelas

faces.

Um trem parou. Julião appareceu esbaforido.

--Achou-se mal de repente... Vê, Julião. Está muito mal!--disse Jorge.

Fizeram-lhe respirar mais ether; despertou outra vez. Julião

fallou-lhe, tomando-lhe o pulso.

--Não, não, ninguem!--murmurou ella, retirando a mão. Repetiu com

impaciencia:--Não, vão-se, não quero...--As suas lagrimas redobravam.

E como elles sahiam da alcova para a não excitar contrariando-a,

ouviram-na chamar:--Jorge!

Elle ajoelhou-se ao pé da cama, e fallando-lhe junto do rosto:

--Que tens tu? Não se falla mais em tal. Acabou-se. Não estejas doente.

Juro-te, amo-te... Fosse o que fosse, não me importa. Não quero saber,

não.

E como ella ia fallar, elle pousou-lhe a mão na bocca:

--Não, não quero ouvir. Quero que estejas boa, que não soffras! Dize

que estás boa! Que tens? Vamos ámanhã para o campo, e esquece-se tudo.

Foi uma cousa que passou...

Ella disse apenas com a voz sumida:

--Oh! Jorge! Jorge!

--Bem sei... Mas agora vaes ser feliz outra vez... Dize, que sentes?

--Aqui--disse ella, e levava as mãos á cabeça.--Dóe-me!

Elle ergueu-se para chamar Julião, mas ella reteve-o, attrahiu-o; e

devorando-o com olhos onde a febre se accendia, adiantando o rosto,

estendia-lhe os labios. Elle deu-lhe um beijo inteiro, sincero, cheio

de perdão.

--Oh! minha pobre cabeça!--gritou ella.

As fontes latejavam-lhe, e uma côr ardente, sêcca, esbrazeava-lhe o

rosto.

Como era habituada a enxaquecas, Julião traquillisou-os; recommendou um

socego immovel e sinapismos de mostarda aos pés,--até que elle voltasse.

Jorge ficou junto do leito, taciturno, cortado de presentimentos, de

sustos, suspirando ás vezes.

Eram então quatro horas; cahia uma chuva miudinha, ennevoada; a alcova

tinha uma luz lugubre.

--Não ha-de ser nada...--dizia Sebastião.

Luiza agitava-se no leito, apertando as mãos na cabeça, torturada pela

dôr crescente, cheia de sêde.

Marianna acabava d'arrumar em pontas de pés, vagamente assombrada

d'aquella casa, onde só vira desgosto e doença: mas só o pousar subtil

dos seus passos fazia soffrer Luiza, como se fossem martelladas sobre o

craneo.

Julião não tardou; logo da porta do quarto, o aspecto d'ella

inquietou-o. Accendeu um phosphoro, aproximou-lh'o do rosto; e aquella

luz fez-lhe dar um grito como se um ferro frio lhe trespassasse a

cabeça.

Os olhos dilatados tinham um reluzir metallico. Conservava-se muito

quieta, porque o gesto mais lento lhe dava na nuca dôres penetrantes

que a dilaceravam. Só de vez em quando sorria para Jorge com uma

expressão d'afflicção serena e muda.

Julião fez logo pôr tres travesseiros, para lhe conservar a cabeça

alta. Fóra cahia o crepusculo humido. Andavam em bicos de pés, com

cuidado; e mesmo tiraram o relogio da parede para afastar o \_tic-tac\_

monotono. Ella começava agora a murmurar sons cançados, e a voltar-se

com movimentos bruscos que lhe arrancavam gritos; ou immovel gemia d'um

modo continuo e angustioso. Tinham-lhe envolvido as pernas n'um longo

sinapismo; mas não o sentia. Pelas nove horas começou a delirar; a

lingua tornára-se-lhe branca e dura, como de gesso sujo.

Julião fez logo applicar na cabeça compressas d'agua fria. Mas o

delirio exacerbava-se.

Ora tinha um murmurio espesso, um vago rosnar modorrento--onde os nomes

de Leopoldina, de Jorge, de Bazilio voltavam incessantemente: depois

debatia-se, esgaçava a camisa com as mãos; e, arqueando-se, os seus

olhos rolavam, como largos bugalhos prateados onde a pupilla se sumia.

Socegava mais; dava risadinhas d'uma doçura idiota; tinha gestos

lentos sobre o lençol, que aconchegavam e acariciavam, como n'um

gozo tepido: depois começava a respirar anciosamente, vinham-lhe

expressões torturadas de terror, queria enterrar-se nos travesseiros e

nos colxões, fugindo a aspectos pavorosos: punha-se então a apertar a

cabeça phreneticamente, pedia que lh'a abrissem, que a tinha cheia de

pedras, que tivessem piedade d'ella!--e fios de lagrimas corriam-lhe

pelo rosto. Não sentia os sinapismos; expunham-lhe agora os pés nús

ao vapor d'agua a ferver, carregada de mostarda; um cheiro acre

adstringia o ar do quarto. Jorge fallava-lhe com toda a sorte de

palavras consoladoras e supplicantes: pedia-lhe que socegasse, que o

conhecesse; mas de repente ella desesperava-se, gritava pela carta,

maldizia Juliana--ou então dizia palavras d'amor, enumerava sommas de

dinheiro... Jorge temia que aquelle delirio revelasse tudo a Julião,

ás criadas: tinha um suor á raiz dos cabellos--e quando ella, um

momento, julgando-se no \_Paraiso\_ e nas exaltações do adulterio, chamou

Bazilio, pediu \_champagne\_, teve palavras libertinas, Jorge fugiu da

alcova allucinado, foi para a sala ás escuras, atirou-se para o divan a

soluçar, arrepellou-se, blasphemou.

--Está em perigo?--perguntou Sebastião.

--Está--disse Julião.--Se sentisse os sinapismos, ao menos! Mas estas

malditas febres cerebraes...

Calaram-se vendo Jorge entrar na alcova, com o rosto manchado,

esguedelhado.

E Julião tomando-o pelo braço, levando-o para fóra:

--Ouve lá, é necessario cortar-lhe o cabello, e rapar-lhe a cabeça.

Jorge olhou-o com um ar estupido:

--O cabello?--E agarrando-lhe os braços:--Não, Julião, não, hein?

Póde-se fazer outra cousa. Tu deves saber. O cabello não! Não! Isso

não, pelo amor de Deus! Ella não está em perigo. P'ra quê?

Mas aquella massa de cabello era o diabo, impedia a acção da agua!

--Ámanhã, se fôr necessario. Ámanhã! Espera até ámanhã... Obrigado,

Julião, obrigado!

Julião consentiu, contrariado. Fazia então humedecer constantemente

as compressas da cabeça, e como Marianna tremula, desgeitosa, molhava

muito o travesseiro, foi Sebastião que se collocou á cabeceira da cama,

toda a noite, espremendo sem cessar uma esponja, d'onde a agua gotejava

lentamente; tinham jarros fóra da varanda, na sala, para dar á agua uma

frialdade gelada. O delirio alta noite acalmára um pouco. Mas o seu

olhar injectado tinha um aspecto selvagem: as pupillas pareciam apenas

um ponto negro.

Jorge, sentado aos pés da cama, com a cabeça entre as mãos, olhava

para ella: lembravam-lhe vagamente outras noites de doença assim,

quando ella tivera a pneumonia: e melhorára! Até ficára mais linda,

com tons de pallidez que lhe adoçavam a expressão! Iriam para o campo

quando ella convalescesse: alugaria uma casinha: voltaria á noite no

omnibus, e vêl-a-hia de longe na estrada vindo ao seu encontro, com um

vestido claro, na tarde suave!... Mas ella gemia, elle erguia os olhos

sobresaltado: e não lhe parecia a mesma: afigurava-se-lhe que se ia

dissipando, desapparecendo n'aquelle ar de febre que enchia a alcova,

no silencio morbido da noite, e no cheiro da mostarda. Um soluço

sacudia-o, e recahia na sua immobilidade.

Joanna, em cima, rezava. As velas, com uma chamma alta e direita,

extinguiam-se.

Emfim uma vaga claridade desenhou nos transparentes brancos os

caixilhos da vidraça. Amanhecia. Jorge ergueu-se, foi olhar para a rua.

Não chovia; a calçada seccava. O ar tinha uma vaga côr d'aço. Tudo

dormia: e uma toalha, esquecida á janella das Azevedos, agitava-se ao

vento frio, silenciosamente.

Quando entrou na alcova Luiza fallava com uma voz extincta: sentia

muito vagamente os sinapismos, mas a dôr de cabeça não cessava.

Começou a agitar-se--e o delirio d'ahi a pouco voltou. Julião, então,

determinou que se lhe rapasse o cabello.

Sebastião foi acordar um barbeiro na rua da Escóla--que veio logo, com

um ar transido, a gola do casaco levantada; e batendo o queixo começou

a tirar immediatamente d'um sacco de couro as navalhas, as tesouras,

devagar, com as mãos molles da gordura das pomadas.

Jorge foi refugiar-se na sala: parecia-lhe que grandes pedaços

mutilados da sua felicidade cahiam com aquellas lindas tranças,

destruidas ás tesouradas; e com a cabeça nas mãos recordava certos

penteados que ella usava, noites em que os seus cabellos se tinham

desmanchado nas alegrias da paixão, tons com que brilhavam á luz...

Voltou ao quarto, attrahido irresistivelmente; sentiu na alcova o

ruido secco e metallico das tesouras; sobre a mesa, n'uma caixa de

sabão, estava um velho pincel de barba, entre flocos d'espuma... Chamou

Sebastião baixo:

--Dize-lhe que se avie! Estão-me a matar a fogo lento! É de mais. Que

ande depressa!

Foi á sala de jantar, errou pela casa: a manhã fria clareava;

erguera-se vento, que ia levando, aos pedaços, nuvens d'um tom alvadio.

Quando tornou a entrar no quarto, o barbeiro guardava as navalhas com a

mesma lentidão molle; e tomando o seu chapéo desabado, sahiu em bicos

de pés, murmurando n'um tom funerario:

--Estimo as melhoras. Deus ha-de permittir que não seja nada...

O delirio com effeito d'ahi a uma hora acalmou:--e Luiza cahiu n'uma

somnolencia prostrada com gemidos fracos, que sahiam de seus labios

como a lamentação interior da vida vencida.

Jorge tinha então dito a Sebastião que desejava chamar o doutor

Caminha. Era um medico velho que tratára sua mãi, e que curára Luiza da

pneumonia, no segundo anno de casada. Jorge conservára uma admiração

agradecida por aquella reputação antiquada; e agora a sua esperança

voltava-se sofregamente para elle, anciando pela sua presença como pela

apparição d'um santo.

Julião condescendeu logo. Até estimava! E Sebastião desceu correndo,

para ir a casa do dr. Caminha.

Luiza, que sahira um momento do seu torpôr, sentiu-os fallar baixo. A

sua voz extincta chamou Jorge:

--Cortaram-me o cabello...--murmurou tristemente.

--É para te fazer bem--disse-lhe Jorge, quasi tão agonisante como

ella.--Cresce logo. Até te vem melhor...

Ella não respondeu; duas lagrimas silenciosas correram-lhe pelos cantos

dos olhos.

Devia ser a sua ultima sensação: a prostração comatosa ia-a

immobilisando, apenas a sua cabeça rolava n'um movimento dôce e

vagaroso sobre o travesseiro, gemendo sempre com um cansaço triste;

a pelle empallidecia como um vidro de janella, por traz do qual

lentamente uma luz se apaga; e mesmo os ruidos da rua que começavam não

a impressionavam, como se fossem muito distantes e abafados em algodão.

Ao meio dia D. Felicidade appareceu. Ficou petrificada quando a viu

tão mal: e ella que a vinha buscar para irem á Encarnação, talvez ás

lojas! Tirou logo o chapéo, installou-se; fez arranjar a alcova, tirar

as bacias, os velhos sinapismos que arrastavam, compôr a cama--«porque

não havia peor p'ra um doente que desarranjo no quarto»: e muito

corajosamente animava Jorge.

Uma carruagem parou á porta. Era o doutor Caminha, emfim!... Entrou

atabafado no seu cachenez de quadrados verdes e pretos, queixando-se

muito do frio;--e tirando devagar as grossas luvas de casimira, que

pôz dentro do chapéo methodicamente, adiantou-se para a alcova com um

passo cadenciado, acamando com a mão as suas repas grisalhas já muito

colladas ao craneo pela escova.

Julião e elle ficaram sós na alcova.

No quarto os outros esperavam calados, ao pé de Jorge, pallido como

cêra, com os olhos vermelhos como carvões.

--Vai-se-lhe pôr um caustico na nuca--veio dizer Julião.

Jorge devorava com o olhar ancioso o doutor Caminha, que se pozera a

calçar tranquillamente as suas luvas de casimira, dizendo:

--Vamos a vêr com o caustico. Não está bem... Mas ha ainda peor. E eu

volto, meu amigo, eu volto.

O caustico foi inutil. Não o sentia, immovel e branca, com as feições

crispadas; e tremuras passaram-lhe de repente nos nervos da face como

vibrações fugitivas.

--Está perdida--disse Julião baixo a Sebastião.

D. Felicidade ficou muito aterrada, fallou logo nos sacramentos.

--P'ra quê?--resmungou Julião impaciente.

Mas D. Felicidade declarou que tinha escrupulos, que era um peccado

mortal; e chamando Jorge para o vão da janella, toda tremula:

--Jorge, não se assuste, mas seria bom pensar nos sacramentos...

Elle murmurava como assombrado:

--Os sacramentos!

Julião chegou-se bruscamente, e quasi zangado:

--Nada de tolices! Qual sacramentos! P'ra quê? Ella nem ouve, nem

comprehende, nem sente. É necessario deitar-lhe outro caustico, talvez

ventosas, e é o que é! Isso é que são os sacramentos!

Mas D. Felicidade escandalisada, muito abalada, começou a chorar.

Esqueciam Deus, e em Deus é que está o remedio!--dizia, assoando-se com

estrondo.

--Pelo que Deus faz por mim...--exclamou Jorge, sahindo do seu torpôr.

E batendo as mãos, como revoltado por uma injustiça:--Porque realmente,

que fiz eu p'ra isto? Que fiz eu!...

Julião ordenára outro caustico. Havia agora na casa um movimento

allucinado. Joanna entrava de repente com um caldo inutil que ninguem

pedira, os olhos muito vermelhos de chorar. Marianna soluçava pelos

cantos. D. Felicidade ia, vinha pelo quarto, refugiando-se na sala para

rezar, fazendo promessas, lembrando que se chamasse o doutor Barbosa, o

doutor Barral.

E Luiza no entanto estava immovel; uma côr macilenta ia-lhe dando ás

faces tons cavados e rigidos.

Julião extenuado pediu um calix de vinho, uma fatia de pão.

Lembraram-se então que desde a vespera não tinham comido, e foram á

sala de jantar onde Joanna, sempre lavada em lagrimas, serviu uma sopa,

e ovos. Mas não achava os colheres, nem os guardanapos; murmurava

rezas, pedia desculpa; em quanto Jorge, com os olhos inchados, fitos na

borda da mesa, a face contrahida, fazia dobras na toalha.

Depois d'um momento pousou devagarinho a colhér, desceu ao quarto.

Marianna estava sentada aos pés do leito: Jorge disse-lhe que fosse

servir os senhores: e apenas ella sahiu, deixou-se cahir de joelhos,

tomou uma das mãos de Luiza, chamou-a baixo; depois mais forte:

--Escuta-me. Ouve, pelo amor de Deus. Não estejas assim, faze por

melhorar. Não me deixes n'este mundo, não tenho mais ninguem!

Perdôa-me. Dize que sim. Faze signal que sim ao menos. Não me ouve, meu

Deus!

E olhava-a anciosamente. Ella não se movia.

Ergueu então os braços ao ar n'uma desesperação allucinada.

--Sabes que creio em ti, meu Deus. Salva-a! Salva-a!--E arremessava a

sua alma para as alturas:--Ouve, meu Deus! Escuta-me! Sê bom!

Olhava em roda, esperando um movimento, uma voz, um acaso, um milagre!

Mas tudo lhe pareceu mais immovel. A face livida cavava-se; o lenço que

lhe envolvia a cabeça desarranjára-se, via-se o craneo rapado, d'uma

côr ligeiramente amarellada. Pôz-lhe então a mão na testa, hesitando,

com medo; pareceu-lhe que estava fria! Abafou um grito, correu para

fóra do quarto, e deu com o doutor Caminha que entrava, tirando

pausadamente as luvas.

--Doutor! Está morta! Veja. Não falla, está fria...

--Então! Então!--disse elle--Nada de barulho, nada de barulho!

Tomou o pulso de Luiza, sentiu-o fugir sob os dedos, como a vibração

expirante d'uma corda.

Julião veio logo. E concordou com o doutor Caminha que as ventosas eram

inuteis.

--Já as não sente--disse o doutor, sacudindo o tabaco dos dedos.

--Se se lhe désse um copo de cognac?...--lembrou de repente Julião. E

vendo o olhar espantado do doutor:--Ás vezes estes symptomas de coma

não querem dizer que o cerebro esteja desorganisado: podem ser apenas

a inacção da força nervosa exhausta. Se a morte é irremediavel não

se perde nada; se é apenas uma depressão do systema nervoso, póde-se

salvar...

O doutor Caminha, com o beiço descahido, oscillava incredulamente a

cabeça:

--Theorias!--murmurou.

--Nos hospitaes inglezes...--começou Julião.

O doutor Caminha encolheu os hombros com desprezo.

--Mas se o doutor lêsse...--insistiu Julião.

--Não leio nada!--disse o doutor Caminha com força--tenho lido de mais!

Os livros são os doentes...--E curvando-se, com ironia:--Mas se o meu

talentoso collega quer fazer a experiencia...

--Um copo de cognac ou d'aguardente!--pediu Julião á porta.

E o doutor Caminha sentou-se commodamente «para gozar o fracasso do

talentoso collega».

Levantaram Luiza; Julião fez-lhe engulir o cognac; quando a deitaram

ficou na mesma immobilidade comatosa: o doutor Caminha tirou o

relogio, viu as horas, esperou: havia um silencio ancioso: emfim o

doutor ergueu-se, tomou-lhe o pulso, apalpou a frialdade crescente das

extremidades; e indo buscar silenciosamente o chapéo começou a calçar

as luvas.

Jorge foi com elle até á porta:

--Então, doutor?--disse, agarrando com uma força desvairada o braço.

--Fez-se o que se pôde--disse o velho, encolhendo os hombros.

Jorge ficou estupido no patamar, vendo-o descer. As suas passadas

vagarosas nos degraus cahiam-lhe com uma percussão medonha no coração.

Debruçou-se no corrimão, chamou-o baixo. O doutor parou, levantou os

olhos; Jorge pôz as mãos para elle, com uma anciedade humilde:

--Então não é possivel mais nada?

O doutor fez um gesto vago, indicou o céo.

Jorge voltou para o quarto, encostando-se ás paredes. Entrou na alcova,

atirou-se de joelhos aos pés da cama, e alli ficou com a cabeça entre

as mãos n'um soluçar baixo e continuo.

Luiza morria: os seus braços tão bonitos, que ella costumava acariciar

diante do espelho, estavam já paralysados; os seus olhos, a que a

paixão dera chammas e a voluptuosidade lagrimas, embaciavam-se como sob

a camada ligeira d'uma pulverisação muito fina.

D. Felicidade e Marianna tinham accendido uma lamparina a uma gravura

de Nossa Senhora das Dôres, e de joelhos rezavam.

O crepusculo triste descia, parecia trazer um silencio funerario.

A campainha, então, tocou discretamente; e d'ahi a momentos appareceu a

figura do Conselheiro Accacio. D. Felicidade ergueu-se logo; e vendo as

suas lagrimas, o Conselheiro disse lugubremente:

--Venho cumprir o meu dever, ajudar-lhes a passar este transe!

Explicou «que encontrára por acaso o bom doutor Caminha, que lhe

contára a fatal occorrencia»! Mas muito discretamente não quiz

entrar na alcova. Sentou-se n'uma cadeira, collocou melancolicamente

o cotovêlo sobre o joelho, a testa sobre a mão, dizendo baixo a D.

Felicidade:

--Continue as suas orações. Deus é imperscrutavel em seus decretos.

Na alcova, Julião estivera tomando o pulso de Luiza; olhou então

Sebastião, fez-lhe o gesto d'alguma cousa que vôa e desapparece...

Aproximaram-se de Jorge, que não se movia, de joelhos, com a face

enterrada no leito:

--Jorge--disse baixinho Sebastião.

Elle levantou o rosto desfigurado, envelhecido, os cabellos nos olhos,

as olheiras escuras.

--Vá, vem--disse Julião. E vendo o espanto do seu olhar:--Não, não está

morta, está n'aquella somnolencia... Mas vem.

Elle ergueu-se, dizendo com mansidão:

--Pois sim, eu vou. Estou bem... Obrigado.

Sahiu da alcova.

O Conselheiro levantou-se, foi abraçal-o com solemnidade:

--Aqui estou, meu Jorge!

--Obrigado, Conselheiro, obrigado.

Deu alguns passos pelo quarto; os seus olhos pareciam preoccupar-se

com um embrulho que estava sobre a mesa; foi apalpal-o; desapertou as

pontas, e viu os cabellos de Luiza. Ficou a olhal-os, erguendo-os,

passando-os d'uma das mãos para outra, e disse com os beiços a tremer:

--Fazia tanto gosto n'elles, coitadinha!

Tornou a entrar na alcova. Mas Julião tomou-lhe o braço, queria-o

afastar do leito. Elle debatia-se dôcemente; e, como uma vela ardia

sobre a mesinha ao pé da cabeceira, disse, mostrando-a:

--Talvez a incommode a luz...

Julião respondeu commovido:

--Já não a vê, Jorge!

Elle soltou-se da mão de Julião, foi debruçar-se sobre ella; tomou-lhe

a cabeça entre as mãos com cuidado para a não magoar, esteve a olhal-a

um momento; depois pousou-lhe sobre os labios frios um beijo, outro,

outro, e murmurava:

--Adeus! Adeus!

Endireitou-se, abriu os braços, cahiu no chão.

Todos correram. Levaram-no para a \_chaise-longue\_.

E em quanto D. Felicidade n'um pranto afflicto fechava os olhos de

Luiza, o Conselheiro, com o chapéo sempre na mão, cruzava os braços, e

oscillando a sua calva respeitavel, dizia a Sebastião:

--Que profundo desgosto de familia!

XVIII

Depois do enterro de Luiza, Jorge despediu as criadas, foi para casa de

Sebastião.

N'essa noite pelas nove horas o Conselheiro Accacio, muito abafado,

descia o Moinho de Vento, quando encontrou Julião, que vinha de vêr um

doente na rua da Rosa. Foram andando juntos, conversando de Luiza, do

enterro, da afflicção de Jorge.

--Pobre rapaz! Aquillo é que é soffrer!--disse Julião compadecido.

--Era uma esposa modêlo!...--murmurou o Conselheiro.

De resto, disse, vinha justamente de casa do bom Sebastião, mas não

podéra vêr o seu Jorge; tinha-se estirado sobre a cama, e dormia

profundamente.

E acrescentou:

--Ultimamente lia eu que aos grandes golpes succedem sempre somnos

prolongados. Assim, por exemplo, Napoleão depois de Waterloo, depois do

grande desastre de Waterloo!

E passado um momento, continuou:

--É verdade. Fui vêr o nosso Sebastião... Fui mostrar-lhe...--E

interrompendo-se, parando:--Porque eu entendi que era o meu dever

dedicar um tributo á memoria da infeliz senhora. Era o meu dever, e não

me eximi a elle! E estimo tel-o encontrado, porque quero saber a sua

opinião conscienciosa e desassombrada.

Julião tossiu, e perguntou:

--É um necrologio?

--É um necrologio.

E o Conselheiro, apesar de «não achar proprio, na sua posição, o entrar

em cafés publicos», lembrou a Julião que poderiam descançar um momento

no Tavares, se não estivesse muita gente, e elle poderia lêr-lhe «a

producção».

Espreitaram.

Estavam apenas, a uma mesa, dous velhos calados defronte dos seus

cafés, com os chapéos na cabeça, apoiados a bengalas de cana da India.

O moço dormitava ao fundo. Uma luz crua e intensa enchia a sala

estreita.

--Ha um silencio propicio--disse o Conselheiro.

Offereceu um café a Julião; e tirando então do bolso uma folha de papel

pautado, murmurou:--Infeliz senhora!--Inclinou-se para Julião, e leu:

NECROLOGIO

Á MEMORIA DA SNR.^a D. LUIZA MENDONÇA DE BRITO CARVALHO

Rosa d'amor, rosa purpurea e bella,

Quem entre os goivos te esfolhou na campa?

--É do immortal Garrett!--E continuou com uma voz lenta e lugubre:

«... Mais um anjo que subiu ao céo! Mais uma flôr pendida na tenra

haste que o vendaval da morte, em sua inclemente furia, arremessou mal

desabrochada para as trevas do tumulo...»

Olhou Julião para solicitar a sua admiração, e vendo-o curvado a

remexer o seu café, proseguiu com entonações mais funerarias:

--«Detende-vos, e olhai a terra fria! Alli jaz a casta esposa tão cedo

arrancada ás caricias do seu talentoso conjuge. Alli sossobrou, como

baixel no escarcéo da costa, a virtuosa senhora, que em sua folgazã

natureza era o encanto de quantos tinham a honra de se aproximar do seu

lar! Por que soluçaes?»

--Um café, ó Antonio!--bradou a voz rouca de um sujeito grosso, de

jaquetão, que se sentou ao pé, pondo com ruido a bengala sobre a mesa e

deitando o chapéo para o cachaço.

O Conselheiro olhou-o de lado, com rancor. E baixando a voz:

--«...Não soluceis! Que o anjo se não pertence á terra pertence ao

céo!...»

--O sô Guedes esteve já por ahi?--perguntou a voz rouca.

O criado disse de traz do balcão, limpando com uma rodilha as travessas

de metal:

--Ainda não, snr. D. José!

--«...Alli--continuou o Conselheiro--seu espirito, librando-se nas

candidas azas, entôa louvores ao Eterno! E não cessa de pedir ao

Omnipotente mercês e favores para derramar sobre a cabeça do dilecto

esposo, que um dia, não duvideis, a encontrará nas regiões celestes,

patria das almas de tão subido quilate...»--E a voz do Conselheiro

aflautava-se para indicar aquella ascensão paradisiaca.

--E hontem á noite esteve cá, o sô Guedes?--insistiu o sujeito de

jaquetão com os cotovêlos sobre a mesa, fumando como uma chaminé.

--Esteve tarde. Lá pelas duas horas.

O Conselheiro sacudiu o papel com um desespero mudo: por traz dos

vidros da luneta escura fusilavam-lhe nos olhos os despeitos homicidas

de author interrompido. Mas proseguiu:

--«...E vós, ó almas sensiveis, vertei as lagrimas, mas vertendo-as,

não percaes de vista que o homem deve curvar-se aos decretos da

Providencia...»

E interrompendo-se:

--Isto é para dar coragem ao nosso pobre Jorge!--Continuou:--«...da

Providencia. Deus conta mais um anjo, e a sua alma brilha pura...»

--Esteve com a pequena, o sô Guedes?--fez o sujeito, quebrando no

marmore da mesa a cinza do charuto.

O Conselheiro suspendeu-se pallido de raiva:

--Deve ser pessoa da mais baixa extracção--rosnou com odio.

E o criado erguendo a vozinha fina detraz do balcão:

--Nada, não; tem vindo agora com uma hespanhola d'ahi de cima da rua.

Uma magrinha, com o cabello riçado, uma capa vermelha...

--A Lola!--acudiu o outro com satisfação. E espreguiçou-se com

voluptuosidade á recordação da Lola.

O Conselheiro agora apressava-se:

«... E de resto, o que é a vida? Uma rapida passagem sobre o orbe, e um

vão sonho de que acordamos no seio do Deus dos Exercitos, de que todos

somos indignos vassallos».

E com esta phrase monarchica o Conselheiro terminou.

--Que lhe parece, com franqueza?

Julião sorveu o fundo da chavena, e collocando-a devagar no pires,

lambendo os beiços:

--É para imprimir?

--Na \_Voz Popular\_, com tarjeta preta.

Julião coçou convulsivamente a caspa, e erguendo-se:

--Está muito bom. Muito bom, Conselheiro!

E Accacio procurando o troco para o moço:

--Creio que está digno d'ella, e de mim!

E sahiram calados.

A noite estava muito escura: erguera-se um nordeste frio: gotas de

chuva tinham cahido. Ao Loreto, Julião parou subitamente; e exclamou:

--Ai esquecia-me! Sabe a novidade, Conselheiro? A D. Felicidade

recolhe-se á Encarnação.

--Ah!

--Disse-m'o agora. Eu fui justamente vêl-a antes de ir vêr um doente á

rua da Rosa. Estava com uma febresita. Cousa de nada... A commoção; o

susto! E deu-me parte: recolhe-se ámanhã á Encarnação.

O Conselheiro disse:

--Sempre conheci n'aquella senhora idéas retrogradas. É o resultado das

manobras jesuiticas, meu amigo!--E ajuntou com a melancolia do liberal

descontente:--A reacção levanta a cabeça!

Julião tomou familiarmente o braço do Conselheiro, e sorrindo:

--Qual reacção! É por sua causa, ingrato...

O Conselheiro estacou:

--Que quer o meu nobre amigo insinuar?

--Sim, homem! Não sei como diabo descobriu uma cousa grave...

--O que? Acredite...

--O que eu tambem descobri, seu maganão! Que o Conselheiro tem duas

travesseirinhas na cama, tendo só uma cabeça... Disse-m'o ella!--E

rindo muito, dizendo-lhe \_adeus\_! \_adeus!\_ desceu rapidamente a rua do

Alecrim. O Conselheiro ficou immovel, no largo, de braços cruzados,

como petrificado.--Que infeliz senhora! Que funesta paixão!--murmurou

emfim. E acariciou o bigode, com satisfação.

Como tinha de passar a limpo o \_Necrologio\_ apressou-se a entrar

em casa. Abancou com uma manta sobre os joelhos; bem depressa as

responsabilidades de prosador distrahiram-no das preoccupações

d'homem; e até às onze horas a sua bella letra cursiva e burocratica

desenrolou-se nobremente sobre uma larga folha de papel inglez, no

silencio do seu \_Sanctus Sanctorum\_. Terminava quando a porta rangeu,

e a Adelaide, com um chale forte pelos hombros, veio dizer, n'uma voz

constipada:

--Então hoje não se faz néné?

--Não tardo, minha Adelaide, não tardo!

E releu baixo, enlevado. Pareceu-lhe então que o final não era

commovente: queria terminar por uma exclamação dolorosa, prolongada

como um \_ai!\_ Meditou, com os cotovêlos sobre a mesa, a cabeça entre os

dedos muito abertos: Adelaide então, chegando-se devagar, passou-lhe a

mão pela calva: aquelle dôce roçar amoroso fez de certo saltar a idéa

como uma faisca, porque tomou rapidamente a penna, e acrescentou:

--«Chorai! Chorai! Em quanto a mim, a dôr suffoca-me!»

Esfregou as mãos com orgulho. Repetiu alto n'um tom plangente:

--«Chorai, Chorai, em quanto a mim, a dôr suffoca-me!»--E passando o

braço concupiscente pela cinta da Adelaide, exclamou:

--Está de fazer sensação, minha Adelaide!

Ergueu-se. Tinha terminado o seu dia. Fôra bem preenchido e digno: da

manhã certificára-se com regosijo no \_Diario do Governo\_, que a familia

real «passava sem novidade»; cumprira o dever d'amigo, acompanhando

Luiza aos Prazeres n'uma carruagem da Companhia; a alta das inscripções

assegurava-lhe a paz da sua patria; compozera uma prosa notavel;

a sua Adelaide amava-o! E de certo se deliciou na certeza d'estas

felicidades, que contrastavam tanto com as imagens sepulchraes que a

sua penna revolvera, porque Adelaide ouviu-o murmurar:

--A vida é um bem inestimavel!--E acrescentar como bom

cidadão:--Sobretudo n'esta era de grande prosperidade publica!

E entrou no quarto com a cabeça erecta, o peito cheio, os passos

firmes, erguendo alto o castiçal.

A sua Adelaide seguia-o, bocejando; estava cançada da constipação

e--de uma hora de ternuras, que tivera á tardinha, com o louro e meigo

Arnaldo, caixeiro da \_Loja da America\_.

Áquella hora dous homens desciam d'uma carruagem á porta do Hotel

Central: um trazia uma \_ulster\_ de xadrez, o outro uma longa pelliça.

Um omnibus quasi ao mesmo tempo parou, carregado de bagagens.

Um criado allemão, que conversava em baixo com o porteiro,

reconheceu-os logo, e tirando o côco:

--Oh snr. D. Bazilio! Oh snr. visconde!

O visconde Reynaldo, que batia os pés nas lages, rosnou de dentro da

sua pelliça:

--É verdade, aqui estamos outra vez na possilga!

Mas áquella hora?

--A que horas queria vossê que chegassemos? Ás horas da tabella,

talvez! Doze horas d'atrazo, essa bagatella! Em Portugal é quasi nada...

--Houve algum transtorno?--perguntava o criado com solicitude,

seguindo-os pela escada.

E Reynaldo, pisando com um pé nervoso o esparto do corredor:

--O transtorno nacional! Descarrilou tudo! Estamos aqui por milagre!

Abjecto paiz!...--E desabafava a sua cólera com o criado: tel-a-hia

desabafado com as pedras da rua, tanto era o excesso da bilis:--Ha

um anno que a minha oração é esta: Meu Deus, manda-lhe outra vez o

terromoto! Pois todos os dias leio os telegrammas a vêr se o terromoto

chegou... e nada! Algum ministro que cahe, ou algum barão que surge.

E de terremoto nada! O Omnipotente faz ouvidos de mercador ás minhas

preces... Protege o paiz! Tão bom é um como outro!--E sorria, vagamente

reconhecido a uma nação, cujos defeitos lhe forneciam tantas pilherias.

Mas quando o criado, muito consternado, lhe declarou--que não havia

senão um salão e uma alcova com duas camas, no terceiro andar--a cólera

de Reynaldo não conheceu restricções:

--Então havemos de dormir no mesmo quarto? Vossê pensa que o snr. D.

Bazilio é meu amante, seu devasso? Está tudo cheio? Mas quem diabo

se lembra de vir a Portugal? Estrangeiros? É justamente o que me

espanta!--E encolhendo os hombros com rancôr.--É o clima, é o clima

que os attrahe! O clima, este prodigioso engodo nacional! Um clima

pestifero. Não ha nada mais reles de que um bom clima!...

E não cessou d'invectivar o seu paiz, em quanto o criado á pressa,

sorrindo servilmente, punha sobre a jardineira pratos, fiambre, um

frango frio e Bourgogne.

Reynaldo vinha vender a ultima propriedade, e acompanhára Bazilio que

voltava a terminar «o seccante negocio da borracha». E não cessava de

rosnar soturnamente de dentro da pelliça:

--Aqui estamos! Aqui estamos no chiqueiro!

Bazilio não respondia. Desde que chegára a Santa Apolonia, recordações

do \_Paraiso\_, da casa de Luiza, de todo aquelle romance do verão

passado, começavam a voltar, a attrahil-o, com um encanto picante. Fôra

encostar-se á vidraça. Uma lua fria, livida, corria agora entre grossas

nuvens côr de chumbo: ás vezes uma grande malha luminosa cahia sobre a

agua, faiscava: depois tudo escurecia: vagas mastreações desenhavam-se

na obscuridade diffusa: e algum fanal de navio tremeluzia friamente.

--Que fará ella a esta hora?--pensava Bazilio.--Naturalmente,

deitava-se... Mal sabia que elle estava alli, n'um quarto do Hotel

Central...

Cearam.

Bazilio levou a garrafinha de cognac para a cabeceira da cama: e com a

cara coberta de pó d'arroz, os folhos da sua camisa de dormir abertos

sobre o peito, muito estendido, soprando o fumo do charuto, gozava uma

lassidão confortavel.

--E ámanhã estou-te d'aqui a vêr--disse Reynaldo.--Vaes-te logo metter

com a prima!

Bazilio sorriu, o seu olhar errou um pouco pelo tecto; certas

recordações das bellezas d'ella, do seu temperamento amoroso,

trouxeram-lhe uma vaga voluptuosidade: espreguiçou-se.--Que

diabo!--disse--é uma linda rapariga! Vale immenso a pena!--Bebeu mais

um calice de cognac, e d'ahi a pouco dormia profundamente. Era meia

noite.

Áquella hora Jorge acordava, e sentado n'uma cadeira, immovel, com

soluços cançados que ainda o sacudiam, pensava n'ella. Sebastião, no

seu quarto, chorava baixo. Julião, no Posto Medico, estendido n'um

sophá, lia a \_Revista dos Dous Mundos\_. Leopoldina dançava n'uma

\_soirée\_ da Cunha. Os outros dormiam. E o vento frio que varria as

nuvens e agitava o gaz dos candieiros ia fazer ramalhar tristemente uma

arvore sobre a sepultura de Luiza.

D'ahi a dous dias pela manhã Bazilio, no Rocio, procurava, com o olhar

em redor, um \_coupé\_ decente. Mas o Pintéos, avistando-o de longe,

lançou logo a parelha. Cá está o Pintéos, meu amo! Parecia encantado de

tornar a vêr o snr. D. Bazilinho, e apenas elle lhe disse:

--Lá acima, á Patriarchal, ó Pintéos!

--A casa da senhora? Prompto, meu amo.--E endireitando-se na almofada,

bateu.

Quando a tipoia parou á porta de Jorge--o Paula sahiu para a rua, a

estanqueira correu de dentro do balcão, a criada do doutor debruçou-se

logo na janella. E immoveis arregalavam os olhos.

Bazilio tocára a campainha, um pouco nervoso: esperou, arremessou o

charuto, tornou a puxar o cordão com força.

--As janellas estão trancadas, meu amo--disse o Pintéos.

Bazilio recuou ao meio da rua: as portadas verdes estavam fechadas, a

casa tinha um aspecto mudo.

Bazilio dirigiu-se ao Paula:

--Os senhores que alli moram, estão p'ra fóra?

--Já não moram--disse o Paula soturnamente, passando a mão sobre o

bigode.

Bazilio fixou-o, surprehendido d'aquella entonação funebre.

--Onde vivem agora então?

O Paula escarrou, e cravando em Bazilio um olhar desolado:

--V. s.^a é o parente?

Bazilio disse sorrindo:

--Sou o parente, sou.

--Então não sabe?

--O quê, homem de Deus?

O Paula esfregou o queixo, e bamboleando a cabeça:

--Pois sinto dizer-lh'o. A senhora morreu.

--Que senhora?--perguntou Bazilio. E fez-se muito branco.

--A senhora! A senhora D. Luiza, a mulher do snr. Carvalho, o

Engenheiro... E o snr. Jorge está em casa do snr. Sebastião. Alli ao

fim da rua. Se v. s.^a lá quer ir...

--Não!--fez Bazilio com um gesto rapido da mão. Os beiços tremiam-lhe

um pouco.--Mas que foi?

--Uma febre! Rapou-a em dous dias!

Bazilio dirigiu-se ao \_coupé\_ devagar, com a cabeça baixa. Olhou mais

uma vez para a casa; fechou com força a portinhola. O Pintéos \_bateu\_

p'ra a Baixa.

O Paula então aproximou-se do estanque:

--Não lhe fez muita móssa! Fidalgos! Canalha!--murmurou.

A estanqueira disse lamentosamente:

--Pois eu não sou parenta, e todas as noites lhe rezo dous padre-nossos

por alma...

--E eu!--suspirou a carvoeira.

--Ha-de-lhe isso servir de muito!--rosnou o Paula, afastando-se.

Estava ultimamente mais amargo. Vendia pouco. Aquellas mortes na rua

traziam-no desconfiado da vida. Cada dia detestava mais os padres!

e todas as noites lia a \_Nação\_ que lhe emprestava o Azevedo,

repastando-se com rancor d'artigos devotos, que o exasperavam, o

impelliam para o atheismo; e o descontentamento das cousas publicas

inclinava-o para a communa. Como elle dizia, achava tudo uma \_porcaria\_.

Foi de certo sob este sentimento que, voltando á porta do estanque,

disse ás visinhas com um ar lugubre:

--Sabem o que isto é? Sabem o que tudo isto é?--Fazia um gesto que

abrangia o universo. Fitou-as d'um modo irado, e rosnou esta palavra

suprema:

--Um monte d'estrume!

Ao descer a rua do Alecrim, Bazilio viu o visconde Reynaldo á porta do

hotel \_Street\_. Mandou parar o Pintéos, e saltando do \_coupé\_:

--Sabes?

--O quê?

--Minha prima morreu.

O visconde Reynaldo murmurou polidamente:

--Coitada!...

E foram descendo a rua, de braço dado, até ao Aterro. O dia estava

glorioso; um friosinho subtil errava; no ar luminoso, leve, trespassado

de sol, as casas, os galhos das arvores, os mastros das faluas, as

mastreações dos navios tinham uma nitidez muito desenhada; os sons

sobresahiam com uma tonalidade cantada e alegre; o rio reluzia como um

metal azul; o vapor de Cacilhas ia soltando rolos de fumo que tomavam a

côr do leite; e ao fundo as collinas faziam na pulverisação da luz uma

sombra azulada, onde as casarias caiadas rebrilhavam.

E os dous passeando devagar, iam fallando de Luiza.

O visconde Reynaldo, delicado, lamentava a pobre senhora, coitada, que

se tinha deixado morrer por um tempo tão lindo!--Mas em resumo, sempre

achára aquella ligação absurda...

Porque emfim fossem francos: que tinha ella? Não queria dizer mal «da

pobre senhora que estava n'aquelle horror dos Prazeres», mas a verdade

é que não era uma amante \_chic\_; andava em tipoias de praça; usava

meias de tear; casára com um reles individuo de secretaria; vivia numa

casinhola, não possuia relações decentes; jogava naturalmente o quino,

e andava por casa de sepatos d'ourello; não tinha espirito, não tinha

\_toilette\_... que diabo! Era um trambolho!

--Para um ou dous meses que eu estivesse em Lisboa...--resmungou

Bazilio com a cabeça baixa.

--Sim, p'ra isso talvez. Como hygiene!--disse Reynaldo com desdem.

E continuaram calados, devagar. Riram-se muito d'um sujeito que passava

governando atarantadamente dous cavallos pretos:--Que phaeton! Que

arreios! Que estylo! Só em Lisboa!...

Ao fundo do Aterro voltaram; e o visconde Reynaldo passando os dedos

pelas suiças:

--De modo que estás sem mulher...

Bazilio teve um sorriso resignado. E, depois d'um silencio, dando um

forte raspão no chão com a bengala:

--Que ferro! Podia ter trazido a Alphonsine!

E foram tomar Xerez á \_Taverna Ingleza\_.

Setembro 1876--Setembro 1877.

FIM

Lista de erros corrigidos

Aqui encontram-se listados todos os erros encontrados e corrigidos:

+----------+-------------------------+---------------------------+

| | Original | Correcção |

+----------+-------------------------+---------------------------+

|#pág. 84 | Luzia | Luiza |

|#pág. 130 | arrebitanto | arrebitando |

|#pág. 155 | com ha-de d'estar? | como ha-de d'estar? |

|#pág. 190 | pé dos portas | pé das portas |

|#pág. 194 | enternciam-no | enterneciam-no |

|#pág. 209 | Lepoldina | Leopoldina |

|#pág. 215 | lacas | lascas |

|#pág. 263 | concialibulo | conciliabulo |

|#pág. 267 | Luzinha | Luizinha |

|#pág. 316 | dsesperadamente | desesperadamente |

|#pág. 328 | eperança | esperança |

|#pág. 333 | batendo-lho | batendo-lhe |

|#pág. 337 | de de pé | de pé |

|#pág. 404 | Leolpodina | Leopoldina |

|#pág. 404 | prodigiosomente | prodigiosamente |

|#pág. 425 | Sabastião | Sebastião |

|#pág. 427 | engmomados | engommados |

|#pág. 430 | Leolpodina | Leopoldina |

|#pág. 456 | apparer | apparecer |

|#pág. 457 | Julão | Julião |

|#pág. 457 | ao ouvindo | ao ouvido |

|#pág. 472 | cousá | cousa |

|#pág. 477 | as palavra | as palavras |

|#pág. 482 | quizessse | quizesse |

|#pág. 494 | voltou dizer | voltou a dizer |

|#pág. 507 | apaixonado | apaixonada |

|#pág. 512 | d'aqulla | d'aquella |

|#pág. 521 | susurrro | susurro |

|#pág. 558 | illsuões | illusões |

+----------+-------------------------+---------------------------+

Não existem os capítulo XI e XIV nesta obra:

Não havendo interrupção na paginação respeitámos a ordem da obra original.

A página 525 surge no original como 425. Corrigimos para 525 para manter

a ordem (após verificação que não se tratava de uma página fora de sítio).

End of Project Gutenberg's O Primo Bazilio, by José Maria Eça de Queirós

\*\*\* END OF THIS PROJECT GUTENBERG EBOOK O PRIMO BAZILIO \*\*\*

\*\*\*\*\* This file should be named 42942-8.txt or 42942-8.zip \*\*\*\*\*

This and all associated files of various formats will be found in:

http://www.gutenberg.org/4/2/9/4/42942/

Produced by Rita Farinha, Alberto Manuel Brandão Simões

and the Online Distributed Proofreading Team at

http://www.pgdp.net (This file was produced from images

generously made available by National Library of Portugal

(Biblioteca Nacional de Portugal).)

Updated editions will replace the previous one--the old editions

will be renamed.

Creating the works from public domain print editions means that no

one owns a United States copyright in these works, so the Foundation

(and you!) can copy and distribute it in the United States without

permission and without paying copyright royalties. Special rules,

set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to

copying and distributing Project Gutenberg-tm electronic works to

protect the PROJECT GUTENBERG-tm concept and trademark. Project

Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you

charge for the eBooks, unless you receive specific permission. If you

do not charge anything for copies of this eBook, complying with the

rules is very easy. You may use this eBook for nearly any purpose

such as creation of derivative works, reports, performances and

research. They may be modified and printed and given away--you may do

practically ANYTHING with public domain eBooks. Redistribution is

subject to the trademark license, especially commercial

redistribution.

\*\*\* START: FULL LICENSE \*\*\*

THE FULL PROJECT GUTENBERG LICENSE

PLEASE READ THIS BEFORE YOU DISTRIBUTE OR USE THIS WORK

To protect the Project Gutenberg-tm mission of promoting the free

distribution of electronic works, by using or distributing this work

(or any other work associated in any way with the phrase "Project

Gutenberg"), you agree to comply with all the terms of the Full Project

Gutenberg-tm License available with this file or online at

www.gutenberg.org/license.

Section 1. General Terms of Use and Redistributing Project Gutenberg-tm

electronic works

1.A. By reading or using any part of this Project Gutenberg-tm

electronic work, you indicate that you have read, understand, agree to

and accept all the terms of this license and intellectual property

(trademark/copyright) agreement. If you do not agree to abide by all

the terms of this agreement, you must cease using and return or destroy

all copies of Project Gutenberg-tm electronic works in your possession.

If you paid a fee for obtaining a copy of or access to a Project

Gutenberg-tm electronic work and you do not agree to be bound by the

terms of this agreement, you may obtain a refund from the person or

entity to whom you paid the fee as set forth in paragraph 1.E.8.

1.B. "Project Gutenberg" is a registered trademark. It may only be

used on or associated in any way with an electronic work by people who

agree to be bound by the terms of this agreement. There are a few

things that you can do with most Project Gutenberg-tm electronic works

even without complying with the full terms of this agreement. See

paragraph 1.C below. There are a lot of things you can do with Project

Gutenberg-tm electronic works if you follow the terms of this agreement

and help preserve free future access to Project Gutenberg-tm electronic

works. See paragraph 1.E below.

1.C. The Project Gutenberg Literary Archive Foundation ("the Foundation"

or PGLAF), owns a compilation copyright in the collection of Project

Gutenberg-tm electronic works. Nearly all the individual works in the

collection are in the public domain in the United States. If an

individual work is in the public domain in the United States and you are

located in the United States, we do not claim a right to prevent you from

copying, distributing, performing, displaying or creating derivative

works based on the work as long as all references to Project Gutenberg

are removed. Of course, we hope that you will support the Project

Gutenberg-tm mission of promoting free access to electronic works by

freely sharing Project Gutenberg-tm works in compliance with the terms of

this agreement for keeping the Project Gutenberg-tm name associated with

the work. You can easily comply with the terms of this agreement by

keeping this work in the same format with its attached full Project

Gutenberg-tm License when you share it without charge with others.

1.D. The copyright laws of the place where you are located also govern

what you can do with this work. Copyright laws in most countries are in

a constant state of change. If you are outside the United States, check

the laws of your country in addition to the terms of this agreement

before downloading, copying, displaying, performing, distributing or

creating derivative works based on this work or any other Project

Gutenberg-tm work. The Foundation makes no representations concerning

the copyright status of any work in any country outside the United

States.

1.E. Unless you have removed all references to Project Gutenberg:

1.E.1. The following sentence, with active links to, or other immediate

access to, the full Project Gutenberg-tm License must appear prominently

whenever any copy of a Project Gutenberg-tm work (any work on which the

phrase "Project Gutenberg" appears, or with which the phrase "Project

Gutenberg" is associated) is accessed, displayed, performed, viewed,

copied or distributed:

This eBook is for the use of anyone anywhere at no cost and with

almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or

re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included

with this eBook or online at www.gutenberg.org

1.E.2. If an individual Project Gutenberg-tm electronic work is derived

from the public domain (does not contain a notice indicating that it is

posted with permission of the copyright holder), the work can be copied

and distributed to anyone in the United States without paying any fees

or charges. If you are redistributing or providing access to a work

with the phrase "Project Gutenberg" associated with or appearing on the

work, you must comply either with the requirements of paragraphs 1.E.1

through 1.E.7 or obtain permission for the use of the work and the

Project Gutenberg-tm trademark as set forth in paragraphs 1.E.8 or

1.E.9.

1.E.3. If an individual Project Gutenberg-tm electronic work is posted

with the permission of the copyright holder, your use and distribution

must comply with both paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 and any additional

terms imposed by the copyright holder. Additional terms will be linked

to the Project Gutenberg-tm License for all works posted with the

permission of the copyright holder found at the beginning of this work.

1.E.4. Do not unlink or detach or remove the full Project Gutenberg-tm

License terms from this work, or any files containing a part of this

work or any other work associated with Project Gutenberg-tm.

1.E.5. Do not copy, display, perform, distribute or redistribute this

electronic work, or any part of this electronic work, without

prominently displaying the sentence set forth in paragraph 1.E.1 with

active links or immediate access to the full terms of the Project

Gutenberg-tm License.

1.E.6. You may convert to and distribute this work in any binary,

compressed, marked up, nonproprietary or proprietary form, including any

word processing or hypertext form. However, if you provide access to or

distribute copies of a Project Gutenberg-tm work in a format other than

"Plain Vanilla ASCII" or other format used in the official version

posted on the official Project Gutenberg-tm web site (www.gutenberg.org),

you must, at no additional cost, fee or expense to the user, provide a

copy, a means of exporting a copy, or a means of obtaining a copy upon

request, of the work in its original "Plain Vanilla ASCII" or other

form. Any alternate format must include the full Project Gutenberg-tm

License as specified in paragraph 1.E.1.

1.E.7. Do not charge a fee for access to, viewing, displaying,

performing, copying or distributing any Project Gutenberg-tm works

unless you comply with paragraph 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.8. You may charge a reasonable fee for copies of or providing

access to or distributing Project Gutenberg-tm electronic works provided

that

- You pay a royalty fee of 20% of the gross profits you derive from

the use of Project Gutenberg-tm works calculated using the method

you already use to calculate your applicable taxes. The fee is

owed to the owner of the Project Gutenberg-tm trademark, but he

has agreed to donate royalties under this paragraph to the

Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Royalty payments

must be paid within 60 days following each date on which you

prepare (or are legally required to prepare) your periodic tax

returns. Royalty payments should be clearly marked as such and

sent to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation at the

address specified in Section 4, "Information about donations to

the Project Gutenberg Literary Archive Foundation."

- You provide a full refund of any money paid by a user who notifies

you in writing (or by e-mail) within 30 days of receipt that s/he

does not agree to the terms of the full Project Gutenberg-tm

License. You must require such a user to return or

destroy all copies of the works possessed in a physical medium

and discontinue all use of and all access to other copies of

Project Gutenberg-tm works.

- You provide, in accordance with paragraph 1.F.3, a full refund of any

money paid for a work or a replacement copy, if a defect in the

electronic work is discovered and reported to you within 90 days

of receipt of the work.

- You comply with all other terms of this agreement for free

distribution of Project Gutenberg-tm works.

1.E.9. If you wish to charge a fee or distribute a Project Gutenberg-tm

electronic work or group of works on different terms than are set

forth in this agreement, you must obtain permission in writing from

both the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and Michael

Hart, the owner of the Project Gutenberg-tm trademark. Contact the

Foundation as set forth in Section 3 below.

1.F.

1.F.1. Project Gutenberg volunteers and employees expend considerable

effort to identify, do copyright research on, transcribe and proofread

public domain works in creating the Project Gutenberg-tm

collection. Despite these efforts, Project Gutenberg-tm electronic

works, and the medium on which they may be stored, may contain

"Defects," such as, but not limited to, incomplete, inaccurate or

corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual

property infringement, a defective or damaged disk or other medium, a

computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by

your equipment.

1.F.2. LIMITED WARRANTY, DISCLAIMER OF DAMAGES - Except for the "Right

of Replacement or Refund" described in paragraph 1.F.3, the Project

Gutenberg Literary Archive Foundation, the owner of the Project

Gutenberg-tm trademark, and any other party distributing a Project

Gutenberg-tm electronic work under this agreement, disclaim all

liability to you for damages, costs and expenses, including legal

fees. YOU AGREE THAT YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE, STRICT

LIABILITY, BREACH OF WARRANTY OR BREACH OF CONTRACT EXCEPT THOSE

PROVIDED IN PARAGRAPH 1.F.3. YOU AGREE THAT THE FOUNDATION, THE

TRADEMARK OWNER, AND ANY DISTRIBUTOR UNDER THIS AGREEMENT WILL NOT BE

LIABLE TO YOU FOR ACTUAL, DIRECT, INDIRECT, CONSEQUENTIAL, PUNITIVE OR

INCIDENTAL DAMAGES EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH

DAMAGE.

1.F.3. LIMITED RIGHT OF REPLACEMENT OR REFUND - If you discover a

defect in this electronic work within 90 days of receiving it, you can

receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending a

written explanation to the person you received the work from. If you

received the work on a physical medium, you must return the medium with

your written explanation. The person or entity that provided you with

the defective work may elect to provide a replacement copy in lieu of a

refund. If you received the work electronically, the person or entity

providing it to you may choose to give you a second opportunity to

receive the work electronically in lieu of a refund. If the second copy

is also defective, you may demand a refund in writing without further

opportunities to fix the problem.

1.F.4. Except for the limited right of replacement or refund set forth

in paragraph 1.F.3, this work is provided to you 'AS-IS', WITH NO OTHER

WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO

WARRANTIES OF MERCHANTABILITY OR FITNESS FOR ANY PURPOSE.

1.F.5. Some states do not allow disclaimers of certain implied

warranties or the exclusion or limitation of certain types of damages.

If any disclaimer or limitation set forth in this agreement violates the

law of the state applicable to this agreement, the agreement shall be

interpreted to make the maximum disclaimer or limitation permitted by

the applicable state law. The invalidity or unenforceability of any

provision of this agreement shall not void the remaining provisions.

1.F.6. INDEMNITY - You agree to indemnify and hold the Foundation, the

trademark owner, any agent or employee of the Foundation, anyone

providing copies of Project Gutenberg-tm electronic works in accordance

with this agreement, and any volunteers associated with the production,

promotion and distribution of Project Gutenberg-tm electronic works,

harmless from all liability, costs and expenses, including legal fees,

that arise directly or indirectly from any of the following which you do

or cause to occur: (a) distribution of this or any Project Gutenberg-tm

work, (b) alteration, modification, or additions or deletions to any

Project Gutenberg-tm work, and (c) any Defect you cause.

Section 2. Information about the Mission of Project Gutenberg-tm

Project Gutenberg-tm is synonymous with the free distribution of

electronic works in formats readable by the widest variety of computers

including obsolete, old, middle-aged and new computers. It exists

because of the efforts of hundreds of volunteers and donations from

people in all walks of life.

Volunteers and financial support to provide volunteers with the

assistance they need are critical to reaching Project Gutenberg-tm's

goals and ensuring that the Project Gutenberg-tm collection will

remain freely available for generations to come. In 2001, the Project

Gutenberg Literary Archive Foundation was created to provide a secure

and permanent future for Project Gutenberg-tm and future generations.

To learn more about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

and how your efforts and donations can help, see Sections 3 and 4

and the Foundation information page at www.gutenberg.org

Section 3. Information about the Project Gutenberg Literary Archive

Foundation

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation is a non profit

501(c)(3) educational corporation organized under the laws of the

state of Mississippi and granted tax exempt status by the Internal

Revenue Service. The Foundation's EIN or federal tax identification

number is 64-6221541. Contributions to the Project Gutenberg

Literary Archive Foundation are tax deductible to the full extent

permitted by U.S. federal laws and your state's laws.

The Foundation's principal office is located at 4557 Melan Dr. S.

Fairbanks, AK, 99712., but its volunteers and employees are scattered

throughout numerous locations. Its business office is located at 809

North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887. Email

contact links and up to date contact information can be found at the

Foundation's web site and official page at www.gutenberg.org/contact

For additional contact information:

Dr. Gregory B. Newby

Chief Executive and Director

gbnewby@pglaf.org

Section 4. Information about Donations to the Project Gutenberg

Literary Archive Foundation

Project Gutenberg-tm depends upon and cannot survive without wide

spread public support and donations to carry out its mission of

increasing the number of public domain and licensed works that can be

freely distributed in machine readable form accessible by the widest

array of equipment including outdated equipment. Many small donations

($1 to $5,000) are particularly important to maintaining tax exempt

status with the IRS.

The Foundation is committed to complying with the laws regulating

charities and charitable donations in all 50 states of the United

States. Compliance requirements are not uniform and it takes a

considerable effort, much paperwork and many fees to meet and keep up

with these requirements. We do not solicit donations in locations

where we have not received written confirmation of compliance. To

SEND DONATIONS or determine the status of compliance for any

particular state visit www.gutenberg.org/donate

While we cannot and do not solicit contributions from states where we

have not met the solicitation requirements, we know of no prohibition

against accepting unsolicited donations from donors in such states who

approach us with offers to donate.

International donations are gratefully accepted, but we cannot make

any statements concerning tax treatment of donations received from

outside the United States. U.S. laws alone swamp our small staff.

Please check the Project Gutenberg Web pages for current donation

methods and addresses. Donations are accepted in a number of other

ways including checks, online payments and credit card donations.

To donate, please visit: www.gutenberg.org/donate

Section 5. General Information About Project Gutenberg-tm electronic

works.

Professor Michael S. Hart was the originator of the Project Gutenberg-tm

concept of a library of electronic works that could be freely shared

with anyone. For forty years, he produced and distributed Project

Gutenberg-tm eBooks with only a loose network of volunteer support.

Project Gutenberg-tm eBooks are often created from several printed

editions, all of which are confirmed as Public Domain in the U.S.

unless a copyright notice is included. Thus, we do not necessarily

keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

Most people start at our Web site which has the main PG search facility:

www.gutenberg.org

This Web site includes information about Project Gutenberg-tm,

including how to make donations to the Project Gutenberg Literary

Archive Foundation, how to help produce our new eBooks, and how to

subscribe to our email newsletter to hear about new eBooks.